



Will
& Will

GAROTO
encontre
GAROTO

DAVID
LEVITHAN
DOIS GAROTOS
SE BEIJANDO

autor de WILL & WILL, com JOHN GREEN



Will & Will

Um nome,
um destino

John
Green
David
Levithan



Galera

JOHN GREEN
DAVID LEVITHAN

WIL & M
**UM
NOME,
UM
DESTINO**

TRADUÇÃO DE
RAQUEL ZAMPIL

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G83w Green, John, 1977-

Will Grayson, Will Grayson [recurso eletrônico] / John Green e David Levithan. ; tradução de Raquel Zampil. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013. recurso digital

Tradução de: Will Grayson, Will Grayson

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40346-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Levithan, David. II. Zampil, Raquel. III. Título.

13-2055.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

will grayson, will grayson

Copyright © 2010 by John Green and David Levithan

Esta edição foi publicada mediante acordo com Dutton Children's Books, pertencente a Penguin Young Readers Group, que faz parte de Penguin Group (USA) Inc.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Composição de miolo da versão impressa: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40346-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para David Leventhal
(por estar tão próximo)

— DL

Para Tobias Huisman

— JG

Sumário

Reconhecimentos

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Reconhecimentos

Reconhecemos que Jodi Reamer é uma agente foda, e, mais ainda, reconhecemos que ela poderia derrotar nós dois, de uma só vez, numa queda de braço.

Reconhecemos que meter o dedo no nariz do amigo é uma escolha pessoal e que pode não ser adequado a todas as personalidades.

Reconhecemos que este livro provavelmente não existiria se Sarah Urist Green não tivesse gargalhado quando lemos pra ela em voz alta os dois primeiros capítulos, há muito tempo, em um apartamento muito, muito distante.

Reconhecemos que ficamos um pouco decepcionados ao saber que a confecção Penguin não tem nenhuma relação com a editora Penguin, pois esperávamos ter desconto em umas camisas polo deles.

Reconhecemos como Bill Ott, Steffie Zvirin e a fada-madrinha de John, Ilene Cooper, são puramente fabulosos.

Reconhecemos que, da mesma maneira que não se poderia ver a Lua não fosse pelo Sol, não haveria como vocês nos virem não fosse pelo brilho magnífico e contínuo de nossos amigos escritores.

Reconhecemos que um de nós colou nas provas no fim do ensino médio, mas que não era essa a intenção.

Reconhecemos que os nerdfighters são incríveis.

Reconhecemos que ser a pessoa que Deus criou não pode separá-lo do amor de Deus.

Reconhecemos que nós cronometramos a finalização deste livro a fim de convencer nossa magistral editora, Julie Strauss-Gabel, a dar ao seu bebê o nome de Will Grayson, mesmo que seja uma menina. O que é de certa forma enganoso, porque provavelmente nós é que devíamos batizar bebês em homenagem a ela. Mesmo que fossem meninos.

capítulo um

Quando eu era pequeno, meu pai costumava me dizer: “Will, você pode escolher a dedo seus amigos e pode meter o dedo no próprio nariz, mas não pode meter o dedo no nariz do seu amigo.” Essa observação me pareceu razoavelmente perspicaz aos 8 anos, mas acabou se mostrando incorreta em alguns aspectos. Pra começar, não é possível escolher a dedo os amigos, ou eu nunca teria acabado com Tiny Cooper.

Tiny Cooper não é a pessoa mais gay do mundo, tampouco é a maior pessoa do mundo, mas acredito que ele possa ser a maior pessoa do mundo que é muito, muito gay, e também a pessoa mais gay do mundo que é muito, muito grande. Tiny é meu melhor amigo desde o quinto ano do ensino fundamental, exceto pelo último semestre, quando ele ficou ocupado descobrindo todo o alcance de sua gayzice, e eu fiquei ocupado com um Grupo de Amigos de verdade pela primeira vez na vida, grupo esse que acabou se tornando um grupo de Nunca Mais Fale Comigo por causa de duas leves transgressões:

1. Depois que um membro do conselho escolar ficou todo irritado com a presença de gays no vestiário, defendi o direito de Tiny Cooper de tanto ser gigante (e, portanto, o melhor da linha ofensiva da bosta do nosso time de futebol americano) quanto gay em uma carta pro jornal da escola, a qual eu, estupidamente, assinei.
2. Esse cara do Grupo de Amigos, chamado Clint, estava falando sobre a carta na hora do almoço e, ao falar dela, me chamou de baitola, e eu não sabia o que era um baitola então perguntei: “Como assim?” E ele então me chamou de baitola de novo e, nessa hora, eu mandei ele se foder, peguei minha bandeja e saí da mesa.

O que acho que significa que tecnicamente fui *eu* quem deixou o Grupo de Amigos, embora parecesse o contrário. Sinceramente, nenhum deles jamais pareceu gostar muito de mim, mas eles estavam *por perto*, o que já é alguma coisa. E agora não estão mais, deixando-me totalmente desprovido de companhia social.

Isto é, a menos que se conte Tiny. O que suponho que eu deva fazer.

E/porém/portanto, algumas semanas depois de voltarmos das férias de Natal no terceiro ano, estou sentado em meu Lugar Marcado na aula de pré-cálculo quando Tiny entra em seu passo de valsa, vestido com a camisa do time enfiada para dentro da calça cáqui, embora a temporada de futebol já tenha acabado há muito tempo. Todos os dias, Tiny consegue, milagrosamente, se fazer caber na carteira ao lado da minha na sala de pré-cálculo e, todos os dias, fico espantado que ele consiga fazer isso.

Então, Tiny se espreme na cadeira, fico devidamente espantado, e ele se vira para mim e sussurra bem alto porque secretamente quer que as outras pessoas escutem: “Estou *apaixonado*.” Reviro os olhos, porque ele se apaixona de hora em hora por algum pobre garoto. Todos eles parecem iguais: magricelas, suarentos e bronzeados, sendo esse último aspecto uma abominação, porque todos os bronzeados de Chicago em fevereiro são falsos, e garotos que se bronzeiam artificialmente — não estou nem aí se são gays ou não — são ridículos.

— Você é tão cínico — diz Tiny, agitando a mão na minha direção.

— Não sou cínico, Tiny — respondo. — Sou prático.

— Você é um robô — continua ele. Tiny acha que sou incapaz do que os humanos chamam de emoção porque não choro desde meu aniversário de 7 anos, quando vi o filme *Todos os cães merecem o céu*. Suponho que eu devesse saber pelo título que o final não seria feliz, mas, em minha defesa, eu tinha 7 anos. De qualquer forma, desde então, não chorei nunca mais. Eu não entendo muito bem qual é o *sentido* de chorar. Além disso, acho que chorar é quase — assim, exceto em caso de morte de parentes ou coisa parecida — totalmente evitável, se você seguir duas regras muito simples: 1. Não se importar muito com nada. 2. Calar a boca. Todas as coisas ruins que já me aconteceram derivaram do não cumprimento de uma dessas regras.

— Sei que é amor de verdade porque *sinto* — diz Tiny.

Aparentemente a aula começou sem que percebêssemos, porque o Sr. Applebaum, que ostensivamente nos ensina pré-cálculo, mas que principalmente me ensina que a dor e o sofrimento devem ser suportados estoicamente, pergunta:

— Sente o quê, Tiny?

— Amor! — responde Tiny. — Eu sinto o amor.

E todos se viram e riem ou resmungam diante da resposta de Tiny, e como estou sentado ao lado dele, que é meu melhor e único amigo, estão rindo e resmungando para mim também, e essa é precisamente a razão por que eu não escolheria Tiny Cooper como meu amigo. Ele chama atenção demais. Além disso, tem uma incapacidade patológica de seguir minhas duas regras. E assim ele anda por aí com passos de valsa, dando importância demais às coisas e falando sem parar, e então ficando desorientado quando o mundo caga na cabeça dele. E, naturalmente, por causa da mera proximidade, isso significa que o mundo caga na minha cabeça também.

Depois da aula, estou olhando meu armário e me perguntando como consegui deixar *A letra escarlate* em casa, quando Tiny se aproxima com seus amigos da Aliança Gay-Hétero, Gary (que é gay) e Jane (que pode ou não ser — nunca perguntei), e me diz:

— Parece que todo mundo está pensando que me declarei pra você em pré-cálculo. Eu, apaixonado por Will Grayson. Não é a maior idiotice que você já ouviu?

— Maravilha — digo.

— As pessoas são tão idiotas — afirma Tiny. — Como se houvesse alguma coisa errada em estar apaixonado.

Então Gary solta um resmungo. Se a gente pudesse escolher os amigos, eu consideraria Gary. Tiny se tornou próximo de Gary, Jane e do namorado de Gary, Nick, quando se afiliou à AGH durante meu período como membro do Grupo de Amigos. Eu mal conheço Gary, já que só voltei a andar com Tiny há duas semanas mais ou menos, mas ele parece a pessoa mais normal com quem Tiny já fez amizade.

— Tem uma diferença — observa Gary —, entre estar apaixonado e anunciar isso no meio da aula de pré-cálculo.

Tiny começa a falar, mas Gary o corta.

— Quero dizer, não me entenda mal. Você tem todo o direito de estar apaixonado por Zach.

— Billy — corrige Tiny.

— Espere aí, o que aconteceu com Zach? — pergunto, porque podia jurar que Tiny estava apaixonado por Zach na aula de pré-cálculo. Mas 47 minutos haviam se passado desde sua declaração pública, então talvez ele já tenha andado com a fila. Tiny já teve uns 3.900 namorados — metade deles eram virtuais.

Gary, que parece tão desorientado pelo surgimento de Billy quanto eu, se encosta no armário e bate a cabeça devagar no aço.

— Tiny, o fato de você agir como um galinha não ajuda em nada a causa. Levanto a cabeça, olhando para Tiny, e digo:

— Podemos sufocar os rumores do nosso amor? Isso prejudica minhas chances com as damas.

— Chamá-las de “damas” também não ajuda — diz Jane para mim.

Tiny ri.

— Mas, sério — digo a ele —, eu sempre me dou mal com isso.

Tiny me olha, sério, e faz que sim com a cabeça rapidamente.

— Embora, só pra registrar — diz Gary —, você poderia ter escolhido alguém pior que Will Grayson.

— E ele escolheu — observo.

Tiny gira em uma pirueta de balé até o meio do corredor e, rindo, grita:

— Querido Mundo, eu não tenho tesão em Will Grayson. Mas, mundo, tem mais uma coisa que você deveria saber sobre Will Grayson. — E então ele começa a cantar, um barítono digno da Broadway tão grande quanto a cintura dele: — Eu não posso viver sem ele!

As pessoas riem, gritam e batem palmas à medida que Tiny continua a serenata e eu me afasto, indo pra aula de inglês. É uma longa caminhada, que fica ainda mais longa quando alguém te para e pergunta qual a sensação de ser sodomizado por Tiny Cooper, e como você consegue achar o “piruzinho gay dele” atrás daquela barriga. Respondo do mesmo modo de sempre: baixando os olhos e andando reto e rápido. Sei que estão só brincando. Sei que parte de conhecer alguém é ser mau com esse alguém ou coisa assim. Tiny tem sempre algo brilhante pra dizer, como: “Para alguém que teoricamente não me quer, você certamente passa muito tempo pensando e falando sobre o meu pênis.” Talvez isso funcione pra Tiny, mas nunca pra mim. Ficar calado funciona. Seguir as regras funciona. Assim, eu calo a boca, não dou a mínima, continuo andando, e logo já acabou.

A última vez que eu disse alguma coisa digna de nota foi quando escrevi a droga da carta ao editor sobre a droga do Tiny Cooper e a droga do seu direito de ser uma droga de estrela em nosso time de futebol horrível. Não me arrependo nem um pouco de ter escrito a carta, mas sim de ter assinado. Assiná-la foi uma clara violação da regra de ficar calado, e veja onde isso me levou: sozinho numa tarde de terça-feira, fitando meus tênis pretos de cano longo.

Naquela noite, não muito depois de eu pedir pizza para mim e meus pais, que ficaram — como sempre — até tarde no hospital, Tiny Cooper me liga e muito, muito discreta e rapidamente, deixa escapar:

— Parece que o Neutral Milk Hotel vai se reunir em um show no Hideout, que não foi nada divulgado, e ninguém sabe, e puta merda, Grayson, puta merda!

— Puta merda! — grito. Uma coisa pode-se dizer a favor de Tiny: sempre que algo incrível acontece, ele é o primeiro a saber.

Bem, geralmente não sou dado a arroubos de entusiasmo, mas o Neutral Milk Hotel meio que mudou minha vida. Eles lançaram esse álbum absolutamente fantástico chamado *In the Aeroplane Over the Sea* em 1998 e, desde então, ninguém ouviu mais falar deles, supostamente porque o líder da banda vive numa caverna na Nova Zelândia. Mas, de qualquer forma, ele é um gênio.

— Quando?

— Não sei. Só ouvi falar. Vou ligar pra Jane também. Ela gosta deles quase tanto quanto você. Ok, então. Vamos para o Hideout agora.

— Estou literalmente a caminho — respondo, abrindo a porta da garagem.

Ligo pra minha mãe do carro. Digo que o Neutral Milk Hotel está tocando no Hideout e ela diz: “Quem? O quê? Você está indo pra um hotel?” E então cantarolo alguns acordes de uma canção deles, e mamãe diz: “Ah, eu conheço essa música. Tá naquela playlist que você fez pra mim”, e eu digo: “Isso mesmo” e ela diz: “Bem, você tem que estar de volta às 11”, e eu digo: “Mãe, isto é um evento histórico. A história não funciona com toque de recolher”, e ela diz: “De volta às 11”, e eu digo: “Está bem. Meu Deus”, e então ela tem de ir extrair o câncer de alguém.

Tiny Cooper mora numa mansão com os pais mais ricos do mundo. Não creio que o pai ou a mãe dele tenham emprego, mas eles são tão revoltantemente ricos que Tiny Cooper nem mesmo mora *na* mansão; ele mora na *casa de hóspede* da mansão, sozinho. Ele tem três quartos naquela porra e uma geladeira que sempre tem cerveja, e os pais nunca o incomodam, então podemos ficar lá o dia todo e jogar futebol no videogame e beber Miller Lite, exceto pelo fato de que Tiny odeia videogame e eu odeio cerveja, então, praticamente tudo que fazemos é jogar dardos (ele tem um alvo), ouvir música e conversar e estudar. Acabo de começar a dizer o *T* de Tiny quando ele sai correndo do quarto, com um mocassim de couro preto num pé e o outro na mão, gritando:

— Vamos, Grayson, anda, anda.

E tudo corre perfeitamente bem no caminho até lá. O trânsito não está muito ruim na Sheridan, e eu faço a curva como se estivesse na Fórmula Indy 500, e estamos ouvindo a minha canção favorita do NMH, “Holland, 1945”, e então pegamos a Lake Shore Drive, com as ondas do lago Michigan batendo nas rochas perto da estrada, as janelas ligeiramente abertas para fazer o carro descongelar, o ar frio, sujo e estimulante entrando, e eu adoro os cheiros de Chicago — Chicago é água salobra do lago e fuligem e suor e graxa, e eu amo isso, e amo essa música, e Tiny está dizendo *Eu amo essa música*, e ele está com o para-sol abaixado pra arrumar o cabelo com um pouco mais de cuidado. Isso me faz pensar que o Neutral Milk Hotel vai *me ver* com quase tanta certeza quanto eu vou vê-los, então faço uma rápida inspeção em mim mesmo no retrovisor. Meu rosto parece quadrado demais e meus olhos grandes demais, como se eu estivesse eternamente surpreso, mas não tem nada errado em mim que eu possa consertar.

O Hideout é um bar feito de tábuas de madeira que fica aninhado entre uma fábrica e um prédio do Departamento de Transportes. Não há nada de chique nele, mas já tem uma fila na porta, embora sejam apenas sete horas. Assim, fico esperando com Tiny por um tempo até Gary e Jane Possivelmente Gay chegarem.

Debaixo do casaco aberto, Jane está usando uma camiseta com decote em V com “Neutral Milk Hotel” rabiscados à mão. Jane surgiu na vida de Tiny mais ou menos na mesma época em que saí, então, na verdade, não nos

conhecemos muito bem. Ainda assim, eu diria que atualmente ela é minha quarta melhor amiga, e parece que tem bom gosto musical.

Esperando do lado de fora do Hideout num frio de enrugação a cara, ela diz oi sem olhar pra mim, e eu digo oi de volta, e então ela diz:

— Essa banda é tããã maravilhosa.

E eu digo:

— Eu sei.

Essa é possivelmente a conversa mais longa que já tive com Jane. Chuto o cascalho por um tempo e observo uma mininuvem de poeira envolver meu pé, então digo à Jane o quanto gosto de “Holland, 1945”, e ela diz:

— Gosto das coisas menos acessíveis deles. As polifônicas, barulhentas.

Eu me limito a concordar com a cabeça, na esperança de que pareça que sei o que *polifônico* significa.

Uma coisa sobre Tiny Cooper é que não se pode cochichar no ouvido dele, mesmo que você seja razoavelmente alto como eu, porque o filho da puta tem 1,98 metro; então você tem de dar um tapinha no ombro gigante dele e aí fazer meio que um sinal com a cabeça, avisando que você quer falar no ouvido dele, aí ele se inclina e você pergunta: “Ei, a Jane faz parte do lado gay ou hétero da Aliança Gay-Hétero?”

Então Tiny se abaixa até meu ouvido e cochicha de volta:

— Não sei. Acho que no primeiro ano ela teve um namorado.

Lembro a ele que Tiny Cooper teve umas 11.542 namoradas no primeiro ano, e então Tiny soca o meu braço de um jeito que ele acha que é de brincadeira, mas que, na verdade, causa um dano permanente ao sistema nervoso.

Gary está esfregando os braços de Jane para mantê-la aquecida quando *finalmente* a fila começa a andar. Então, uns cinco segundos depois, vemos um garoto parecendo inconsolável, e ele é precisamente o tipo de cara pequeno-louro-bronzeado que agrada Tiny Cooper, e então Tiny pergunta:

— O que houve?

E o garoto responde:

— É só para maiores de 21 anos.

— Você — digo a Tiny, gaguejando. — Seu baitola — Ainda não sei o que isso significa, mas parece adequado.

Ele franze os lábios e a testa. Então se vira para Jane:

— Você tem identidade falsa?

Jane assente, e Gary logo acrescenta:

— Eu também.

E eu estou flexionando os punhos, com o maxilar travado e só quero gritar, mas, em vez disso, digo:

— Tudo bem. Estou indo pra casa. — Porque *eu* não tenho uma identidade falsa.

Mas Tiny diz muito rápido e muito baixo:

— Gary, me dê o soco mais forte que você puder quando eu estiver mostrando minha identidade, e então, Grayson, você simplesmente passa atrás de mim, como se fizesse parte do grupo. — Então ninguém diz nada por algum tempo até Gary dizer alto demais:

— Hã, eu não sei dar um *soco* de verdade.

Estamos nos aproximando do segurança, que tem uma tatuagem enorme na careca, e então Tiny apenas murmura:

— Sabe, sim. É só me bater com força.

Fico um pouco para trás, observando. Jane entrega a identidade dela para o segurança. Ele ilumina o documento com uma lanterna, levanta os olhos pra Jane e o devolve. Então chega a vez de Tiny. Inspiro uma série de vezes muito rapidamente, pois li certa vez que as pessoas com muito oxigênio no sangue parecem mais calmas, e então vejo Gary ficar na ponta dos pés, levar o braço pra trás e acertar Tiny no olho direito. A cabeça de Tiny vira pra trás, e Gary grita: “Ah, meu Deus, *ai ai*, que merda, a minha mão”, e o segurança dá um pulo pra agarrar Gary, e então Tiny Cooper vira o corpo pra bloquear a visão do segurança de mim, e, quando ele faz isso, entro no bar como se Tiny fosse minha porta giratória.

Uma vez lá dentro, olho pra trás e vejo o segurança agarrando Gary pelos ombros, que faz uma careta enquanto olha para a própria mão. Tiny então põe a mão no segurança e diz:

— Cara, a gente só estava de sacanagem. Mas essa foi boa, Dwight.

Levo um minuto pra deduzir que Gary é Dwight. Ou que Dwight é Gary.

O segurança diz:

— Ele te acertou na porra do olho.

E Tiny responde:

— Eu devia uma a ele. — E, em seguida, explica ao segurança que tanto ele quanto Gary/Dwight são membros do time de futebol da DePaul

University, e que mais cedo, na sala de musculação, Tiny tinha dado um furo ou algo assim. O segurança diz que ele jogava na linha ofensiva no ensino médio, e, de repente, eles estão no maior papo enquanto o segurança olha a identidade extraordinariamente falsa de Gary, e então estamos todos os quatro dentro do Hideout, sozinhos com o Neutral Milk Hotel e uma centena de estranhos.

O mar de gente cercando o bar se abre, e Tiny compra duas cervejas e me oferece uma. Recuso.

— Por que Dwight? — pergunto.

E Tiny responde:

— Na identidade, ele é Dwight David Eisenhower IV.

E eu digo:

— Aliás, onde todo mundo conseguiu uma porra de uma identidade falsa?

E Tiny responde:

— Tem lugares pra isso.

Decido que vou conseguir uma.

Então digo: “Na verdade, vou tomar uma cerveja”, principalmente porque quero ter alguma coisa na mão. Tiny me entrega a que ele já começara a beber, e eu me aproximo do palco sem Tiny, sem Gary e sem Jane Possivelmente Gay. Somos somente eu e o palco, erguido a apenas uns 60 centímetros, de modo que, se o líder do Neutral Milk Hotel for particularmente baixo — tipo, se tiver uns 1,20 metro —, logo estarei olhando direto nos olhos dele. Outras pessoas se aproximam do palco, e não demora pro lugar ficar lotado. Já estive aqui antes para shows de classificação livre, mas nunca foi assim — a cerveja na qual não dei nenhum gole e nem pretendo dar está suando na minha mão, há estranhos com muitos piercings e tatuagens à minha volta. Cada alma ali no Hideout agora é mais maneira que qualquer um do Grupo de Amigos. Essas pessoas não acham que tem alguma coisa errada comigo — elas nem mesmo me *notam*. Presumem que eu seja um deles, o que parece o verdadeiro ápice de minha carreira no ensino médio. Aqui estou eu, numa noite de maiores de 21, no melhor bar da segunda cidade dos Estados Unidos, me preparando para estar entre as duzentas pessoas que verão o show de retorno da maior banda desconhecida da última década.

Os tais quatro caras surgem no palco, e, embora eles não tenham a menor semelhança com os membros do Neutral Milk Hotel, digo a mim mesmo que, não importa, só vi mesmo fotos deles na internet. Mas então eles começam a tocar. Não sei bem como descrever a música dessa banda, a não ser dizendo que o som deles parece o de cem mil doninhas sendo jogadas em um oceano fervendo. E então o cara começa a cantar:

Ela me amava, yeah
Mas agora me detesta
Ela transava comigo, mermão
Mas agora namora
Outros caras
Outros caras

Exceto por uma lobotomia pré-frontal, não existe absolutamente a menor chance de que o líder do Neutral Milk Hotel *pensasse*, quanto mais *escrevesse*, quanto mais *cantasse* uma letra dessas. E então me dou conta: esperei lá fora, na rua fria e mal iluminada, no meio da fumaça dos carros, e causei uma possível fratura na mão de Gary pra ouvir uma banda que, evidentemente, *não* é o Neutral Milk Hotel. E, embora ele não esteja em lugar algum no meio da multidão de fãs calados e atordoados do NMH que me cerca, grito imediatamente: “Maldito Tiny Cooper!”

No fim da música, minhas suspeitas são confirmadas quando o líder da banda diz, sendo acolhido por um absoluto silêncio:

— Obrigado! Muito obrigado. O NMH não pôde vir, mas nós somos o Ashland Avenue, e estamos aqui pra fazer rock!

Não, penso. Vocês são o Ashland Avenue e estão aqui pra fazer merda! Alguém bate no meu ombro e eu me viro e dou de cara com uma garota de vinte e poucos anos indescritivelmente bonita com um piercing nos lábios, cabelos vermelho-fogo e botas até a panturrilha. Ela diz, em tom interrogativo:

— Pensamos que fosse o Neutral Milk Hotel tocando.

E eu baixo os olhos:

— Eu... — gaguejo um instante, e então completo: — também. Também estou aqui por causa deles.

A garota se inclina até o meu ouvido e grita acima da atonal e arrítmica afronta à decência que é o Ashland Avenue:

— O Ashland Avenue não é o Neutral Milk Hotel.

Alguma coisa na lotação do salão, ou a estranheza da estranha, me deixa falante, e eu grito de volta:

— O Ashland Avenue é o que eles tocam pros terroristas pra fazer os caras falarem.

A garota sorri, e só então percebo que ela tem consciência da diferença de idade. Ela me pergunta em que escola estudo, e eu respondo “Evanston”, e ela pergunta:

— Ensino *médio*?

E eu digo:

— Sim, mas não conta pro cara do bar.

E ela retruca:

— Agora eu me sinto uma pervertida de verdade.

E eu pergunto:

— Por quê?

E ela apenas dá uma risada. Sei que a garota não está a fim de mim, mas ainda assim me sinto ligeiramente como um pegador.

E então essa mão imensa pousa no meu ombro, eu olho e vejo o anel de formatura que ele usa no dedo mindinho desde o oitavo ano e sei imediatamente que é Tiny. E pensar que alguns idiotas afirmam que os gays têm bom gosto.

Eu me viro e vejo que Tiny Cooper está derramando lágrimas imensas. Uma delas poderia afogar um gatinho. E eu pergunto só com o movimento dos lábios O QUE ACONTECEU porque o Ashland Avenue está tocando aquela merda alto demais pra que ele me ouça, e Tiny Cooper simplesmente me entrega seu telefone e se afasta. A tela mostra o mural do Facebook de Tiny, exibindo uma atualização de status.

Zach qnto mais eu penso nisso mais penso q estraguei uma grande amizade? mas ainda acho q tiny é inkrível.

Abro caminho em meio às pessoas até Tiny, puxo seu ombro e grito em seu ouvido: “ISSO É MUITO RUIM, PORRA”, e Tiny grita de volta: “FUI DISPENSADO COM UMA ATUALIZAÇÃO DE STATUS”, e eu respondo:

“É, PERCEBI. SABE, ELE PODIA TER PELO MENOS MANDADO UMA MENSAGEM DE TEXTO. OU UM E-MAIL. OU ENVIADO UM POMBO.”

“O QUE VOU FAZER?”, berra Tiny no meu ouvido, e eu tenho vontade de dizer: “Espero que procurar um cara que saiba que *incrível* não se escreve com k”, mas apenas dou de ombros, bato de leve nas costas dele e o levo pra longe do Ashland Avenue na direção do bar.

O que acaba vindo a ser um erro. Quando já estamos quase no bar, vejo Jane Possivelmente Gay perto de uma mesa alta. Ela me diz que Gary foi embora, revoltado.

— Foi um golpe publicitário do Ashland Avenue, ao que parece — conta ela.

Eu digo: — Mas fã algum do NMH *jamaiz* ouviria essa porcaria.

Então Jane levanta a cabeça e me olha, arregalando os olhos e fazendo biquinho, e diz:

— Meu irmão é o guitarrista.

Me sentindo um completo babaca, respondo:

— Ah, foi mal, cara.

E ela completa:

— Meu Deus, tô brincando. Se fosse, eu deserdaria.

Em algum momento de nossa conversa de quatro segundos, consegui perder Tiny totalmente, o que não é uma tarefa nada fácil, então conto a Jane sobre o grande fora de Tiny no Facebook, e ela ainda está rindo quando ele aparece em nossa mesa com uma bandeja redonda contendo seis doses de um líquido esverdeado.

— Eu não bebo — lembro a Tiny, e ele faz que sim com a cabeça. Empurra uma dose pra Jane, que se limita a fazer que não com a cabeça.

Tiny toma uma dose, faz uma careta e solta o ar.

— Tem gosto do pau do demo — diz Tiny, e então empurra outra dose em minha direção.

— Parece delicioso — falo —, mas eu passo.

— Como ele pode simplesmente — berra Tiny, e então toma outra dose — me dar o fora — mais uma dose — no seu STATUS depois de eu dizer que o AMO — mais outra. — O que está acontecendo com esse mundo maldito? — Outra. — Eu o amo mesmo, Grayson. Sei que você acha que sou ridículo, mas soube que o amava no momento em que nos beijamos. Porra. O que eu vou *fazer*? — E então ele abafa um soluço com a última dose.

Jane puxa a manga da minha camisa e se inclina pra mim. Dá pra sentir seu hálito quente no meu pescoço quando ela diz:

— Vamos ter um grande problema quando ele começar a sentir o efeito dessas doses.

Concluo que Jane tem razão, e, seja como for, o Ashland Avenue é terrível, então precisamos ir embora do Hideout o mais rápido possível.

Eu me viro pra dizer a Tiny que é hora de ir, mas ele desapareceu. Olho de volta pra Jane, que está olhando na direção do bar com uma expressão de profunda preocupação. Logo depois, Tiny Cooper volta. Só duas doses dessa vez, graças a Deus.

— Bebe comigo — diz ele, e faço que não com a cabeça, mas então Jane me cutuca nas costas e percebo que preciso tomar uma no lugar de Tiny. Enfio a mão no bolso e entrego as chaves do carro a Jane. A única forma segura de evitar que ele tome o restante da bebida verde-plutônio é eu mesmo engolindo uma dose. Então pego o copo, e Tiny diz:

— Ah, foda-se ele, então, Grayson. Fodam-se todos.

E eu digo:

— Vou beber a isso. — E é o que faço; então aquilo encosta na minha língua e é como um coquetel Molotov em chamas; com copo e tudo. Involuntariamente cuspo a dose inteira na camisa de Tiny Cooper.

— Um Jackson Pollock monocromático — diz Jane; então, dirigindo-se a Tiny: — Temos que sumir daqui. Essa banda é como um tratamento de canal *sem* anestesia.

Jane e eu saímos juntos, imaginando (corretamente, como podemos perceber) que Tiny, vestindo minha dose de precipitação radioativa, vai nos seguir. Como fracasei ao ingerir as duas bebidas alcoólicas que Tiny me deu, Jane joga a chave de volta para mim em um arco bem alto. Eu a apanho e me sento ao volante depois que ela entra no banco de trás. Tiny tomba no banco do carona. Dou a partida no carro, e meu encontro com a imensa decepção auditiva chega ao fim. Mas eu mal penso sobre isso no caminho de casa, porque Tiny não para de falar sobre Zach. Tiny tem essa coisa: os problemas dele são tão enormes que os nossos podem se esconder atrás deles.

— Como uma pessoa pode estar *tão errada* em relação a uma coisa? — pergunta Tiny acima dos guinchos barulhentos da música do NMH favorita de Jane (e a minha menos favorita). Estou passando pela Lake Shore e dá pra

ouvir Jane cantando no banco traseiro, um pouco desafinada, mas melhor do que eu faria se cantasse na frente de outras pessoas, o que não faço em razão da Lei da Boca Fechada. E Tiny está dizendo:

— Se você não pode confiar nos próprios instintos, então vai confiar em quê?

E retruco:

— Você pode confiar na ideia de que gostar de alguém, como regra, acaba mal.

O que é verdade. Gostar não leva ao sofrimento de vez em quando. Leva sempre.

— Meu *coração* está partido — diz Tiny, como se isso nunca tivesse acontecido com ele, como se nunca tivesse acontecido com ninguém. E talvez seja esse o problema: talvez cada novo rompimento pareça a Tiny tão radicalmente novo que, de certa maneira, não tenha *mesmo* acontecido antes. — E cê num tá ajudando — acrescenta, e é quando percebo que está arrastando as palavras.

Dez minutos pra chegar à casa dele, se não pegarmos trânsito, e então direto pra cama.

Mas não consigo dirigir tão rápido quanto o estado de Tiny deteriora. Quando saio da Lake Shore — e ainda faltam seis minutos —, ele já está arrastando as palavras e berrando, falando sem parar sobre o Facebook e a morte da sociedade educada, e coisas assim. Jane, com as mãos cujas unhas estão pintadas de preto, massageia os ombros elefânticos de Tiny, mas parece que ele não consegue parar de chorar, e vou perdendo todos os sinais verdes à medida que a Sheridan lentamente se desenrola à nossa frente, e as lágrimas se misturam à meleca até que a camiseta de Tiny nada mais é que um pano de chão.

— Quanto falta? — pergunta Jane.

E eu respondo:

— Ele mora numa rua que sai da Central.

E ela retruca:

— Meu Deus. Fique calmo, Tiny. Você só precisa dormir, baby. Amanhã tudo vai parecer um pouco melhor.

Por fim, viro na passagem e desvio dos buracos até parar atrás da casa de Tiny. Salto do carro e empurro meu banco pra frente pra que Jane possa sair por trás de mim. Então damos a volta até o banco do carona. Jane abre a

porta, se debruça sobre Tiny, consegue, por um milagre de destreza, abrir o cinto de segurança dele, e então diz:

— Muito bem, Tiny. Hora de ir pra cama.

E Tiny responde:

— Eu sou um idiota. — E então dá um soluço que provavelmente é registrado na escala Richter, no Kansas. Mas ele se levanta e vai cambaleando até a porta dos fundos. Eu o sigo, só pra ter certeza de que ele vai pra cama sem problemas, o que acaba sendo uma boa ideia, porque ele não vai pra cama sem problemas.

Em vez disso, a uns três passos de chegar à sala, ele para subitamente. Dá meia-volta e me olha, estreitando os olhos, como se nunca tivesse me visto antes e não conseguisse deduzir o porquê de eu estar na casa dele. Então tira a camisa. Ainda está me olhando em dúvida quando, parecendo totalmente sóbrio, diz:

— Grayson, alguma coisa precisa acontecer.

— Hã?

E Tiny completa:

— Porque se não, como vai ser se acabarmos como todo mundo lá no Hideout?

E eu estou prestes a dizer *hã* de novo, porque todas aquelas pessoas eram muito mais legais que nossos colegas da escola e também muito mais legais que nós, mas aí percebo o que ele quer dizer. Ele quer dizer: e se nos tornarmos adultos à espera de uma banda que nunca vai voltar? Percebo Tiny me olhando sem expressão, oscilando pra frente e pra trás, como um arranha-céu ao vento. E então ele cai de cara no chão.

— Ai ai — diz Jane atrás de mim, e só então percebo que ela está ali.

Tiny, com o rosto enterrado no tapete, começa a chorar de novo. Fico olhando pra Jane por um bom tempo e lentamente um sorriso aparece no rosto dela. Seu rosto muda completamente quando ela sorri — o sorriso faz erguer as sobrancelhas, mostrando os dentes perfeitos e franzindo os olhos, que nunca vi ou nunca percebi. Ela fica bonita tão de repente que é quase como um passe de mágica — mas não que eu a deseje ou algo assim. Não quero parecer um babaca, mas Jane não faz o meu tipo. O cabelo dela é meio que desastrosamente enrolado e ela está quase sempre na companhia de garotos. Meu tipo é um pouco mais feminino. E, sinceramente, eu nem

gosto tanto assim do meu tipo de garota, quanto mais de outros tipos. Não que eu seja assexuado — só acho insuportável o gênero Drama Romântico.

— Vamos colocá-lo na cama — diz, por fim. — Não podemos deixar que os pais dele o encontrem assim de manhã.

Eu me ajoelho e falo para Tiny se levantar, mas ele continua chorando sem parar, então, finalmente, Jane e eu nos posicionamos do lado esquerdo dele e o viramos de costas. Pulo por cima dele, e então me abaixo, segurando-o com firmeza pela axila. Jane faz o mesmo do outro lado.

“Um”, diz Jane, e eu digo: “Dois”, e ela diz: “Três”, e geme. Mas nada acontece. Jane é pequena — dá pra ver como o braço dela afina quando ela flexiona os músculos. E eu tampouco consigo levantar minha metade de Tiny, então decidimos deixá-lo ali mesmo. Quando Jane coloca um cobertor em cima dele e um travesseiro debaixo da cabeça, Tiny já está roncando.

Estamos prestes a ir embora quando toda a produção de meleca de Tiny finalmente vai de encontro a ele e começam uns barulhos horríveis, que parecem roncos, só que mais sinistros, e também mais molhados. Eu me abaixo, me aproximando do rosto dele, e vejo que está inspirando e expirando uns fios borbulhantes e nojentos de meleca, dos últimos estertores de sua choradeira. Tem tamanha quantidade daquela coisa que fico com medo de que ele se engasgue.

— Tiny! — chamo. — Você precisa tirar essa meleca do nariz, cara. — Mas ele nem se mexe. Então me aproximo de seu ouvido e grito: — Tiny!

Nada. Jane dá um tapa na cara dele, com muita força. Niente. Só o horrível ronco do tipo se afogando em meleca.

E é aí que me dou conta de que Tiny Cooper não pode meter o dedo para limpar o próprio nariz, contrariando a segunda parte do teorema de meu pai. E, logo depois, sob o olhar atento de Jane, invalido inteiramente o teorema quando estendo a mão e lavo as vias aéreas de Tiny da meleca. Resumindo: eu não posso escolher a dedo meu amigo; ele não pode meter o dedo pra limpar o próprio nariz; e eu posso — não, eu *tenho* de — meter o dedo por ele.

capítulo dois

vivo constantemente dividido entre me matar e matar todos à minha volta.

essas parecem ser as duas opções. tudo o mais é só pra matar o tempo.

neste momento, estou atravessando a cozinha em direção à porta dos fundos.

mãe: toma o café da manhã.

não tomo café da manhã. nunca tomo café da manhã. não tomo café da manhã desde que pude sair pela porta dos fundos sem tomar o café antes.

mãe: aonde você vai?

à escola, mãe. você devia experimentar um dia.

mãe: não deixe o cabelo cair no seu rosto assim — não consigo ver seus olhos.

mas veja, mãe, é justamente essa *a porra do propósito*.

eu me sinto mal por ela — sinto, sim. é uma pena, mesmo, que eu tenha que ter mãe. não deve ser fácil ter um filho como eu. nada pode preparar uma pessoa pra esse tipo de decepção.

eu: tchau.

não digo “bom-dia”. acredito que essa seja uma das expressões mais imbecis já inventadas. afinal, você não tem a opção de dizer “mau-dia” ou “horrível dia” ou “não-dou-a-mínima-pro-seu-dia”. todas as manhãs, espera-

se que seja o início de um bom dia. bem, eu não acredito nisso. acredito *contra* isso.

mãe: tenha um bom d...

a porta meio que se fecha no meio da frase, mas não que eu não possa adivinhar como termina. ela costumava dizer “até mais tarde!” até que numa manhã eu estava tão cansado daquilo que disse a ela: “não, até nunca”.

ela tenta, e é isso que torna tudo tão patético. eu só queria dizer: “sinto muito por você, sinto mesmo.” mas isso pode dar início a uma conversa, e uma conversa pode dar início a uma briga, e então eu me sentiria tão culpado que talvez tivesse que me mudar pra portland ou algo assim.

preciso de café.

toda manhã, rezo pra que o ônibus escolar bata, e que todos morramos nos destroços pegando fogo. então minha mãe vai poder processar a empresa que fabrica ônibus escolares por não fazer ônibus escolares com cintos de segurança e conseguir mais dinheiro com minha trágica morte do que eu jamais conseguiria ganhar em minha trágica vida. a menos que os advogados da fábrica de ônibus possam provar para o júri que eu seria um fracasso garantido. então eles se livrariam do processo dando à minha mãe um ford fiesta usado e considerando a questão resolvida.

maura não está exatamente à minha espera antes da escola, mas eu sei, e ela sabe, que vou procurar por ela onde estiver. em geral recorremos a isso para que possamos dar algumas risadas ou algo assim antes de irmos embora. é como aquelas pessoas que se tornam amigas na prisão, embora nunca fossem nem mesmo se falar se não estivessem ali. é assim que eu e maura somos, acho.

eu: me dá um gole de café.

maura: compra uma porra de um café pra você.

então ela me entrega o cocôccino XXG do dunkin donuts e tomo tudo de um gole só. se pudesse pagar meu próprio café, juro que compraria, mas a maneira como vejo a coisa é: a bexiga dela não está pensando que sou um babaca, mesmo que o restante dos órgãos esteja. é assim comigo e maura,

desde que me lembro, o que dá mais ou menos um ano. acho que a conheço há um pouco mais de tempo que isso, mas talvez não. em algum momento do ano passado, a melancolia dela encontrou minha desgraça, e maura achou que a combinação era boa. não tenho tanta certeza assim, mas, pelo menos me rende um café.

derek e simon estão se aproximando agora, o que é bom, porque isso vai me poupar algum tempo no almoço.

eu: me dá seu dever de casa de matemática.

simon: claro. aqui.

que amigo.

o primeiro sinal toca. como todos os sinais em nossa excelente instituição de ensino inferior, o sinal é um longo bipe, como se você estivesse prestes a deixar uma mensagem de voz dizendo que está tendo o dia mais escroto do mundo. e ninguém jamais vai ouvi-la.

não tenho a menor ideia do motivo por que alguém iria querer ser professor. isto é, você tem de passar o dia com um grupo de garotos que ou o odeiam profundamente ou puxam seu saco pra conseguir uma nota boa. isso deve afetar a pessoa depois de algum tempo — viver cercado por gente que nunca vai gostar de você por uma razão sincera. eu teria pena dessas pessoas, se elas não fossem umas sádicas e fracassadas. no que diz respeito aos sádicos, é tudo uma questão de poder e controle. eles ensinam pra ter uma razão oficial pra dominar outras pessoas. e os fracassados consistem em praticamente todos os outros professores, dos que são incompetentes demais pra fazer qualquer outra coisa aos que querem ser os melhores amigos dos alunos porque nunca tiveram amigos quando estavam na escola. e tem aqueles que sinceramente acreditam que vamos lembrar de alguma coisa que nos dizem depois que as provas finais acabarem. tá bom.

de vez em quando, a gente tem uma professora como a sra. grover, que é uma sádica fracassada. mas também não deve ser fácil ser professora de francês, porque, na real, ninguém mais precisa saber falar francês. e, enquanto ela beija os *derrières* dos alunos nota dez, quando se trata dos alunos normais, ela se ressentida do fato de que estamos tomando seu tempo. então reage nos dando testes todos os dias e projetos gays como “desenhe

sua própria atração para a euro disney” e então fingindo-se de toda surpresa quando digo: “sim, minha atração para a euro disney é a minnie usando uma baguete como vibrador para se divertir com o mickey.” como não tenho a menor ideia de como dizer “vibrador” em francês (*vibrrrradorrrr?*), digo apenas “vibrador”, ela finge não ter a menor ideia do que estou falando e diz que a minnie e o mickey comendo baguete não são uma atração. sem dúvida, ela me desconta um ponto naquele dia. sei que devia me importar, mas é realmente difícil imaginar alguma coisa com que eu pudesse me importar menos do que minha nota em francês.

a única coisa que faço, e que vale a pena em todos os tempos — a manhã toda, na verdade — é escrever *isaac*, *isaac*, *isaac* no meu caderno e então desenho o homem aranha escrevendo-o em uma teia. o que é totalmente idiota, mas que seja. não estou fazendo isso pra ser legal.

eu me sento com derek e simon no almoço. do jeito que nos comportamos, é como se estivéssemos em uma sala de espera. de vez em quando, dizemos alguma coisa, mas na maior parte do tempo nos limitamos ao espaço da nossa cadeira. às vezes lemos revistas. se alguém se aproxima, levantamos os olhos. mas isso não acontece com frequência.

ignoramos a maioria das pessoas que passam, mesmo aquelas que supostamente deveríamos desejar. não que derek e simon sejam muito de garotas. basicamente, eles gostam de computadores.

derek: você acha que o software X18 vai ser lançado antes das férias?

simon: li no blog do trustmaster que deve ser lançado, sim. seria legal.

eu: toma aqui o seu dever de casa de volta.

quando olho os caras e as garotas nas outras mesas, me pergunto o que possivelmente eles têm pra dizer uns aos outros. são todos tão chatos e estão todos tentando compensar isso falando alto. prefiro me sentar aqui e comer.

tenho esse ritual, que é quando dá duas horas e me permito ficar animado com a hora de ir embora. é tipo: se eu chegar a esse ponto posso ter o resto do dia de folga.

acontece na aula de matemática, e maura está sentada ao meu lado. em outubro ela descobriu esse meu ritual e assim, todos os dias às duas agora ela

me passa um pedaço de papel com alguma coisa escrita. tipo “parabéns” ou “podemos ir agora?” ou “se essa aula não terminar logo, vou partir meu próprio crânio ao meio”. eu sei que devia escrever de volta, mas na maioria das vezes faço um gesto com a cabeça. acho que ela quer sair comigo ou algo assim, e não sei o que fazer em relação a isso.

todo mundo na nossa escola tem atividades extraclasse.

a minha é ir pra casa.

às vezes, paro e ando de skate por um tempo no parque, mas não em fevereiro, não neste subúrbio frio-de-congelar-o-cu de chicago (conhecido pelos moradores como naperville). se eu for pra lá agora, vou congelar até os ovos. não que eu esteja usando os ditos-cujos pra alguma coisa, nada perto disso, mas ainda assim gosto de tê-los, por via das dúvidas.

além disso, tenho coisas melhores pra fazer do que ficar ouvindo o pessoal que largou a faculdade me dizer quando posso usar a rampa (que, em geral, é... nunca) e ver os skatepunks da nossa escola me olharem com desprezo porque não sou descolado o bastante pra fumar e beber com eles, nem descolado o bastante pra ser straight edge. não o bastante pra coisa nenhuma no que diz respeito a eles. parei de tentar fazer parte desse grupo fechado que-não-admite-que-é-um-grupo-fechado quando terminei o nono ano. afinal, não é como se o skate fosse a minha vida nem nada.

gosto de ter a casa só pra mim depois da escola. não preciso ficar me sentindo culpado por ignorar minha mãe quando ela não está por perto.

primeiro, ligo o computador pra ver se isaac está on-line. não está, então preparo um sanduíche de queijo (sou muito preguiçoso pra fazer queijo-quente) e toco uma punheta. isso leva uns dez minutos, não que eu esteja cronometrando.

isaac ainda não está on-line quando volto. ele é a única pessoa na minha “buddy list”, que é a porra do nome mais idiota pra uma lista de amigos. significa “lista de amiguinhos” — o que somos, crianças de 3 anos?

eu: oi, isaac, quer ser meu amiguinho!?

isaac: claro, amiguinho! vamos *brincar*!

isaac sabe o quanto acho essas coisas idiotas, e ele também acha. como o termo lol. olha, se existe alguma coisa mais idiota que *buddy lists*, é lol. se

alguém usar lol comigo, eu arranco o computador da parede e o acerto na cabeça mais próxima. afinal, as pessoas não estão *laughing out loud*, ou seja, rindo alto das coisas para as quais elas põem lol. eu acho que deviam escrever loló, que é o que parece que essas pessoas andaram cheirando já que não conseguem mais pensar.

ou ttil [talk to you later — falo com você mais tarde]. você não está falando de verdade, sua vaca. pra isso, seria preciso fazer *contato vocal* de verdade. ou <3. você acha que isso parece um coração? se sim, é porque nunca viu um escroto.

(rofl [rolling on the floor laughing]! o quê? você está mesmo rolando no chão de tanto rir? bem, então por favor fique aí deitado um instante enquanto EU DOU UM PÉ NA TUA BUNDA.)

tive de dizer a maura que minha mãe me obrigou a cancelar meu instant messenger pra que ela parasse de entrar todas as vezes que eu estava tentando fazer alguma coisa.

sanguetico4567: coé?

finalwill: trabalhando.

sanguetico4567: em quê?

finalwill: meu bilhete de suicídio. não consigo decidir como terminar.

sangueticod4567: lol

assim, matei meu nome de usuário e ressuscitei com outro. isaac é a única pessoa que o conhece, e vai continuar assim.

verifico meu e-mail e é quase tudo spam. o que eu quero saber é o seguinte: existe mesmo alguém no mundo todo que recebe um e-mail de hlyywkrres@hothotmail.com, lê e diz pra si mesmo: “sabe, o que eu preciso mesmo é aumentar meu pênis em 33%, e a maneira de fazer isso é enviar \$ 69,99 àquela simpática senhora ilena da VIRILIDADE MÁXIMA CORP através deste conveniente link da internet!” se as pessoas caem mesmo nessa, não é com o pau que deviam estar preocupadas.

tenho uma solicitação de amizade de um estranho no facebook e a deito sem nem olhar o perfil, porque tal coisa não me parece natural. porque a amizade não deve ser tão fácil assim. é como se as pessoas acreditassem que tudo que você precisa para serem almas gêmeas é gostar das mesmas

bandas. ou livros. *omg... vc gosta de outsiders 2... é como se fôssemos a mesma pessoa!* não, não somos. é como se tivéssemos o mesmo professor de inglês. é diferente.

são quase quatro horas e isaac costuma estar on-line a essa hora. faço aquela coisa idiota da recompensa com meu dever de casa — é assim: *se eu procurar a data em que os maias inventaram o palito de dentes, posso verificar se isaac já está on-line.* depois, *se eu ler mais três parágrafos sobre a importância da cerâmica nas culturas indígenas, posso verificar minha conta do yahoo.* E, finalmente, *se eu terminar de responder essas três perguntas e isaac ainda não estiver on-line, então posso tocar outra punheta.*

estou ainda na metade da resposta da primeira pergunta, uma besteira sobre por que as pirâmides maias são *tão mais legais* que as egípcias, quando trapaceio, olho minha lista de amigos e vejo o nome de isaac ali. estou prestes a pensar *por que ele não me mandou uma mensagem?* quando a caixa aparece na tela. como se ele tivesse lido minha mente.

amarradopelopai: vc está aí?

grayscale: sim!

amarradopelopai: ☺

grayscale: ☺ x 100

amarradopelopai: pensei em você o dia todo

grayscale: ???

amarradopelopai: só coisas boas

grayscale: isso é muito mau ☺

amarradopelopai: depende do que você considera bom

☺☺

é assim desde o começo. ficando cada vez mais agradável. fiquei um pouco assustado no início com o nome de usuário dele, mas rapidamente ele me contou que era porque o nome dele era isaac, e *nofimmeupaisacrificouocordeiroenaoamim* era longo demais pra ser um bom nome de usuário. ele me perguntou sobre meu antigo nome, *finalwill* e contei que meu nome era will, e foi assim que começamos a nos conhecer. estávamos em uma daquelas salas de bate-papo entediadas onde se fica em completo silêncio a cada dez segundos até alguém escrever “alguém aí?” e outras pessoas respondem “sim” “ok” “aqui!”, sem dizer coisa nenhuma.

estávamos supostamente em um fórum sobre um cantor de quem eu gostava, mas não havia muito a dizer sobre ele, exceto quais músicas eram melhores que outras. era realmente chato, mas foi assim que isaac e eu nos conhecemos, então acho que vamos ter de contratar o cantor pra tocar em nosso casamento ou algo assim. (isso não tem nenhuma graça.)

logo estávamos trocando fotos e mp3s, e falando sobre como tudo é uma merda, mas é claro que a ironia estava no fato de que enquanto falávamos sobre isso o mundo não era assim tão merda. exceto, naturalmente, pela parte final, quando tínhamos de voltar ao mundo real.

é tão injusto ele morar em ohio, porque isso não devia ser assim tão longe, mas, como nenhum de nós dirige e nenhum de nós nem em um milhão de anos diria: “ei, mãe, não quer me levar até o outro lado de indiana pra eu encontrar um garoto?”, estamos num beco sem saída.

grayscale: estou lendo sobre os maias.

amarradopelopai: angelou?

grayscale: ???

amarradopelopai: deixa pra lá. pulamos os maias. agora só estudamos história “americana”.

grayscale: mas eles não viveram nas américas?

amarradopelopai: não, segundo a minha escola. **gemidos**

grayscale: então, quem você quase matou hoje?

grayscale: e com “matar” quero dizer “quis que desaparecesse”, no caso de essa conversa estar sendo monitorada por administradores...

amarradopelopai: contagem de corpos potencial em 11. doze, se você incluir o gato.

grayscale: ... ou pela segurança interna

grayscale: maldito gato!

amarradopelopai: maldito gato!

não contei a ninguém sobre isaac, porque ninguém tem nada com isso. adoro que ele saiba quem todo mundo é, mas que ninguém saiba quem ele é. se eu tivesse amigos de verdade com quem achasse que podia falar, isso poderia causar algum conflito. mas como agora bastaria um único carro pra levar as pessoas ao meu enterro, acho que está tudo bem.

algum tempo depois, isaac precisa sair, porque ele não pode usar o computador na loja de música onde trabalha. sorte minha que não parece ser uma loja muito movimentada, e que o chefe dele seja um traficante de drogas ou algo do gênero já que está sempre deixando isaac responsável pela loja enquanto sai pra “encontrar umas pessoas”.

eu me afasto do computador e termino o dever de casa rapidamente. então posso ir pra sala de tv e ligar em law & order, pois a única coisa certa mesmo nessa vida é que sempre que eu ligar a tv haverá um episódio de law & order. desta vez é o do cara que estrangula uma loura atrás da outra, e embora eu tenha certeza de já ter visto aquilo umas dez vezes, fico assistindo como se não soubesse que a repórter bonita com quem ele está falando está prestes a ter o cordão da cortina enrolado no pescoço. não assisto a essa parte, porque é muito idiota, mas assim que a polícia pega o cara e o julgamento começa, o negócio fica tipo:

promotor: cara, o cordão tirou esse pedacinho microscópico de pele da sua mão enquanto você a estrangulava, e nós o examinamos no microscópio e descobrimos que você está totalmente fodido.

você tem de saber que ele gostaria de ter usado luvas, embora elas provavelmente teriam deixado fibras, e ele estaria totalmente fodido de qualquer jeito. quando tudo isso acaba, vem outro episódio que eu não acho que tenha visto antes, até que uma celebridade atropela um bebê com sua Hummer, e eu penso: ah, é aquele em que a celebridade atropela o bebê com a Hummer. assisto de qualquer forma, porque não tenho nada melhor pra fazer. então mamãe chega em casa e me encontra lá, e é como se fôssemos uma reprise também.

mãe: como foi o seu dia?

eu: mãe, estou assistindo tv.

mãe: você vai estar pronto para o jantar em 15 minutos?

eu: *mãe*, estou assistindo tv!

mãe: bem, arrume a mesa no intervalo.

eu: TÁ BOM.

simplesmente não entendo isso — existe coisa mais chata e patética que pôr a mesa quando só tem duas pessoas? quero dizer, com jogo americano e garfos pra salada e tudo. quem ela está enganando? eu daria qualquer coisa pra não ter de passar os próximos vinte minutos sentado na frente dela, uma pessoa que não acredita em deixar o silêncio reinar. não, ela tem de preenchê-lo com conversa. tenho vontade de dizer a ela que é pra isso que servem as vozes na cabeça da gente, pra ajudar a passar por todas as partes silenciosas. mas ela não quer ficar com seus pensamentos, a menos que os diga em voz alta.

mãe: se eu tiver sorte esta noite, talvez a gente tenha mais uns dólares pra poupança do carro.

eu: você não precisa fazer isso.

mãe: não seja bobo. é um motivo pra eu ir à noite do pôquer das garotas.

queria mesmo que ela parasse com isso. ela se sente pior que eu com o fato de eu não ter um carro. quer dizer, não sou um daqueles imbecis que acredita que assim que se faz 17 anos é um direito dado por deus aos americanos ter um chevrolet novinho em folha na entrada da garagem. sei qual é a nossa situação, e sei que ela não gosta que eu tenha de trabalhar numa farmácia nos fins de semana para pagar as coisas que precisamos comprar na própria farmácia. vê-la constantemente triste com isso não faz com que eu me sinta melhor. e, é claro, há outra razão pra ela ir jogar pôquer além do dinheiro. ela precisa de mais amigos.

ela me pergunta se tomei meu remédio antes de sair correndo de manhã e digo, sim, caso contrário, eu não estaria me afogando na banheira? ela não gosta disso, então digo “brincadeirinha, brincadeirinha” e faço uma anotação mental de que as mães não são o melhor público pra piadas sobre remédios. decido não comprar pra ela o suéter de *melhor mãe do mundo de um bosta depressivo* no dia das mães como vinha planejando. (ok, na verdade não existe um suéter assim, mas, se existisse, teria gatinhos nele, colocando meias nas patas.)

a verdade é que pensar em depressão me deprime horrores, então volto pra sala de tv e assisto a mais law & order. isaac nunca volta ao computador antes das oito, então espero até lá. maura me liga, mas não tenho energia pra

dizer nada exceto o que está acontecendo em law & order, e ela odeia quando faço isso. então deixo o correio de voz atender.

eu: aqui é o will. qual é o motivo dessa porra de ligação? deixe uma mensagem e talvez eu te ligue de volta. [BIPE]

maura: ei, perdedor. estou tão entediada que estou te ligando. pensei que, se você não estivesse fazendo nada, eu poderia gerar seus filhos. bem... sendo assim, acho que vou ligar pra josé e pedir a ele que me coma na manjedoura e conceba outra criança santa.

quando me dou ao trabalho de ouvir são quase oito. e, mesmo assim, não me dou ao trabalho de ligar de volta pra ela. temos essa coisa em relação a ligar de volta pro outro; o que significa não fazer muito isso. em vez de ligar, sigo pro computador e é como se eu me transformasse em uma garotinha que vê seu primeiro arco-íris. fico todo animado e nervoso, cheio de esperança e desesperado, e digo a mim mesmo pra não ficar olhando obsessivamente a lista de amigos, mas parece que ela se projeta na parte interna das minhas pálpebras. às 20h05 o nome dele aparece e eu começo a contar. chego apenas ao 12 antes que a mensagem dele surja na tela.

amarradopelopai: meus cumprimentos!

grayscale: e saudações!

amarradopelopai: muito feliz por vc estar aqui.

grayscale: muito feliz por estar aqui

amarradopelopai: trabalho hoje = o dia! mais entediante! de todos os tempos! uma garota tentou furtar e não foi nem um pouco sutil. eu costumava ter alguma simpatia por ladrões de lojas

amarradopelopai: mas agora só quero vê-los atrás das grades. disse a ela para devolver o objeto e ela reagiu toda do tipo: “colocar o que de volta?” até eu meter a mão no bolso dela e pegar o disco. e o que ela disse então? “ah”

grayscale: nem mesmo “desculpa”?

amarradopelopai: nem isso.

grayscale: garotas são um saco.

amarradopelopai: e os garotos são uns anjos? ☺

seguimos assim por cerca de uma hora. queria que pudéssemos falar pelo telefone, mas os pais dele não deixam que ele tenha um celular, e sei que minha mãe às vezes checa as minhas chamadas quando estou no banho. mas isso é legal. é a única parte do meu dia em que o tempo parece valer.

passamos nossos costumeiros dez minutos nos despedindo.

amarradopelopai: preciso mesmo ir.

grayscale: eu também.

amarradopelopai: mas não quero.

grayscale: nem eu.

amarradopelopai: amanhã?

grayscale: amanhã!

amarradopelopai: eu quero você.

grayscale: quero você também.

isso é perigoso, pois como regra não me permito querer coisas. muitas vezes quando eu era criança, juntava as mãos ou fechava os olhos bem apertado e me dedicava a esperar por alguma coisa. eu até achava que havia alguns lugares no meu quarto que eram melhores pra pedir que outros — debaixo da cama era ok, mas na cama não era; o fundo do armário servia, desde que a caixa de sapatos com cartões de beisebol estivesse no meu colo. nunca, jamais na minha mesa, mas sempre com a gaveta de meias aberta. ninguém tinha me dito essas regras — eu as havia descoberto sozinho. podia passar horas nutrindo um desejo particular — e toda vez deparava com um gigantesco muro de total indiferença. fosse pra desejar um hamster de estimação ou pra que minha mãe parasse de chorar — a gaveta de meias estaria aberta, e eu estaria sentado atrás do meu baú de brinquedos com três bonecos em uma das mãos e uma miniatura de carro na outra. nunca esperava que tudo ficasse melhor — apenas que uma única coisa melhorasse. e nunca funcionou. assim, finalmente, desisti. eu desisto todo santo dia.

mas não com isaac. às vezes isso me assusta. desejar que dê certo.

mais tarde naquela noite recebo um e-mail dele.

tenho a sensação de que minha vida está muito dispersa neste momento. como se fosse um monte de pedacinhos de papel e alguém ligasse o ventilador. mas falar com você me faz sentir como se o ventilador tivesse sido desligado

por um tempo. como se as coisas pudessem de fato fazer algum sentido. você junta todos os meus pedacinhos, e sou muito grato por isso.

DEUS, ESTOU TÃO APAIXONADO.

capítulo três

Nada acontece por uma semana. Não digo isso no sentido figurado, como se houvesse uma escassez de eventos significativos. Quero dizer que não acontece absolutamente nada mesmo. Estagnação total. É um pouco como um paraíso, pra dizer a verdade.

Tem a coisa de levantar, tomar banho e ir pra escola, e o milagre de Tiny Cooper ao sentar na carteira, e o olhar melancólico pro meu relógio tipo Ônibus Escolar Mágico do Lanche Feliz do Burger King durante cada aula, e o alívio do sinal do oitavo tempo, e o ônibus pra casa, e o dever de casa, e o jantar, e os pais, e a porta trancada, e a música boa, e o Facebook, e a leitura das atualizações de status das pessoas sem atualizar o meu próprio status porque minha política de boca calada se estende à comunicação textual, e depois tem a cama e a coisa de levantar, o chuveiro e a escola outra vez. Isso não me incomoda. No que diz respeito à vida, prefiro o silenciosamente desesperado ao radicalmente bipolar.

E então na noite de quinta-feira vou pra casa, Tiny me liga e alguma coisa começa a acontecer. Eu digo alô e aí Tiny, a título de introdução, diz:

— Você devia ir ao encontro da Aliança Gay-Hétero de amanhã.

E eu respondo:

— Nada pessoal, Tiny, mas não sou muito de alianças. De qualquer forma, você conhece minha política sobre atividades extracurriculares.

— Não, não conheço — retruca Tiny.

— Bem, sou contra elas — digo. — Só as atividades curriculares já são suficientes. Ouça, Tiny, preciso desligar. Minha mãe está na outra linha. — Desligo. Minha mãe não está na outra linha, mas eu preciso desligar, porque não aguento ser persuadido a nada.

Mas Tiny liga de novo. E diz:

— Na verdade, eu *preciso* que você vá porque temos de aumentar nosso número de associados. O financiamento repassado pela escola é

parcialmente decidido pela quantidade de pessoas que frequentam as reuniões.

— Por que você precisa do dinheiro da escola? Você tem sua própria *casa*.

— Precisamos de dinheiro pra montar nossa produção de *Tiny Dancer*.

— Ai. Meu. Deus. Misericordioso — digo, porque *Tiny Dancer* é um musical escrito por Tiny.

É basicamente a história da vida de Tiny levemente dramatizada, só que cantada, e é — e eu não uso esse adjetivo levianamente — o musical mais gay de toda a história da humanidade. O que não quer dizer que ele seja ruim. Só estou dizendo que é gay. Na verdade — até onde é possível com musicais — é bastante bom. As músicas ficam na cabeça. Gosto particularmente de “Quem tá na linha de frente (gosta que ataquem por trás)”, que inclui os memoráveis versos: “No vestiário nem dá pra tirar casquinha / porque vocês têm a cara cheia de espinha.”

— *O quê?* — geme Tiny.

— Só estou preocupado que isso possa ser, hã... — O que foi que Gary disse no outro dia... — “Ruim para a causa” — afirmo.

— Esse é *exatamente* o tipo de coisa que você pode dizer amanhã! — responde Tiny, com um leve traço de decepção na voz.

— Eu vou — digo, e desligo.

Ele torna a ligar, mas não atendo, pois estou no Facebook, olhando o perfil de Tiny, correndo os olhos pelos seus 1.532 amigos, cada um mais bonito e estiloso que o outro. Estou tentando descobrir quem, precisamente, *faz parte* da Aliança Gay-Hétero, e se poderiam se tornar um Grupo de Amigos convenientemente não irritante. Até aqui, pelo que posso ver, porém, são apenas Gary, Nick e Jane. Estou examinando atentamente a minúscula foto do perfil de Jane, na qual ela parece segurar uma espécie de mascote em tamanho natural com patins de gelo.

E, nesse exato momento, recebo uma solicitação de amizade dela. Poucos segundos depois de eu aceitar, ela me manda uma mensagem.

Jane: Oi!

Eu: Oi.

Jane: Desculpe, esse deve ter sido um uso de exclamação inadequado.

Eu: Rá. Tudo bem.

Olho o perfil dela. A lista de músicas e livros favoritos é obscenamente longa, e eu só consigo percorrer a letra A da lista de músicas antes de desistir. Ela está bonita nas fotos, mas não tanto quanto na vida real — o sorriso nas fotos não é o dela.

Jane: Soube que Tiny está recrutando você para a AGH.

Eu: De fato.

Jane: Você devia ir. Precisamos de associados. É meio patético, na verdade.

Eu: É, acho que vou.

Jane: Legal. Não sabia que você tinha Facebook. Seu perfil é engraçado. Gostei de “ATIVIDADES: precisam envolver óculos de sol”.

Eu: Você tem mais bandas favoritas do que Tiny tem ex-namorados.

Jane: É, bem. Algumas pessoas têm vida; outras têm música.

Eu: E algumas não têm nenhuma das duas.

Jane: Anime-se, Will. Você está prestes a ser o hétero mais bonito na Aliança Gay-Hétero.

Tenho a nítida impressão de que está rolando um clima. Assim, não me entenda mal. Eu gosto de flertar como qualquer um, desde que seja qualquer um que tenha visto repetidamente seu melhor amigo ser dilacerado pelo amor. Mas nada viola as regras de calar a boca e não se importar o suficiente para flertar — exceto possivelmente aquele momento encantadoramente horrível em que você age depois do flerte, o momento em que você sela seu coração partido com um beijo. Deveria haver uma terceira regra, na verdade: 1. Cale a boca. 2. Não ligue muito pra nada. E 3. Nunca beije uma garota de quem você gosta.

Eu, depois de um tempo: Quantos caras héteros tem na AGH?

Jane: Você.

Eu escrevo lol, e me sinto um tolo de sequer pensar nela como flerte. Jane é só uma garota inteligente e crítica com cabelos enrolados demais.

E então fica assim: às 15h30 da tarde seguinte, o sinal do oitavo tempo toca e, por um nanossegundo, sinto fervilhando pelo meu corpo as

endorfinas que em geral indicam que sobrevivi com êxito a mais um dia de aula sem que nada acontecesse, mas aí eu lembro: o dia ainda não acabou.

Marcho para o andar de cima enquanto um mundo de gente desce a escada correndo, a caminho do fim de semana.

Chego à sala 204A. Abro a porta. Jane está de costas pra mim sentada numa carteira e com os pés na cadeira. Veste uma camiseta amarelo-clara e, do modo como está inclinada, posso ver um pouco da lombar dela.

Tiny Cooper está esparramado no carpete fino, usando a mochila como travesseiro. Está usando um jeans skinny, que mais parecem invólucros jeans para salsicha. Nesse momento, a Aliança Gay-Hétero consiste em nós três.

— Grayson! — exclama Tiny.

— Este é o Clube Homossexualidade É Uma Abominação, certo?

Tiny ri. Jane apenas continua sentada de costas pra mim, lendo. Meus olhos se dirigem às costas dela, já que têm de ir a algum lugar, e Tiny diz:

— Grayson, você está desistindo da sua assexualidade?

Jane se vira no momento em que lanço um olhar pra Tiny e murmuro:

— Não sou assexuado. Sou arrelacionamental.

E Tiny diz a Jane:

— É uma tragédia, não é? A única coisa que Grayson tem a seu favor é que é uma graça, e, no entanto, ele se recusa a namorar.

Tiny gosta de me arrumar garotas. Ele faz isso pelo simples e puro prazer de me irritar. E funciona.

— Cale a boca, Tiny.

— Eu simplesmente não consigo entender — continua ele. — Nada pessoal, Grayson, mas você não faz o meu tipo, porque: A. Você não presta muita atenção à *higiene*, e B. Tudo que você tem a seu favor é o que acho totalmente desinteressante. Quero dizer, Jane, acho que podemos concordar que Grayson tem belos braços.

Jane parece ligeiramente em pânico, e corro pra salvá-la de precisar falar.

— Você tem a maneira mais estranha de dar em cima de mim, Tiny.

— Eu jamais daria em cima de você, porque você não é gay. E, assim, garotos que gostam de garotas são, por natureza, sem graça. Por que gostar de alguém que não pode retribuir o seu amor?

A pergunta é retórica, mas, se eu não estivesse tentando ficar calado, responderia: Você gosta de alguém que não pode retribuir o seu amor

porque é possível sobreviver ao amor não correspondido de uma forma impossível no caso do amor uma vez correspondido.

Um momento depois, Tiny diz:

— As garotas héteros acham que ele é uma gracinha, é só isso que estou dizendo.

E então me dou conta de toda a extensão da insanidade. Tiny Cooper me trouxe para a Aliança Gay-Hétero para me arrumar uma namorada.

O que é naturalmente idiota naquele sentido profundo e múltiplo que somente um professor poderia elucidar completamente. Pelo menos Tiny acaba calando a boca, e imediatamente começo a olhar meu relógio e me perguntar se é isso que acontece em uma reunião da AGH — talvez nós três apenas fiquemos aqui sentados em silêncio por uma hora enquanto Tiny Cooper periodicamente torna o ambiente toxicamente desconfortável com seus comentários nada sutis, e então, no fim, daremos um abraço coletivo e gritaremos VIVAM OS GAYS! ou algo do gênero. Mas então Gary e Nick chegam com uns caras que reconheço vagamente, uma garota com um corte de cabelo joãozinho vestindo uma camiseta gigantesca do Rancid que chega quase aos joelhos dela, e um professor de inglês, o Sr. Fortson, que nunca me deu aula, o que talvez explique o porquê de ele estar sorrindo pra mim.

— Sr. Grayson — diz o Sr. Fortson —, é um prazer tê-lo aqui. Gostei da sua carta para o editor de algumas semanas atrás.

— O maior erro da minha vida — conto a ele.

— Mas por quê?

Tiny Cooper intervém.

— É uma longa história que diz respeito a calar a boca e não se importar com nada.

Eu apenas concordo com a cabeça.

— Ah, meu Deus, Grayson — sussurra Tiny em tom audível a todos. — Eu te contei o que Nick me disse?

Estou pensando *nick, nick, nick, quem diabos é nick?* E então olho pra Nick, que não está sentado perto de Gary, o que é a Pista A. Além disso, ele está com a cabeça enterrada nos braços, o que é a Pista B.

Tiny diz:

— Ele disse que consegue se imaginar comigo. Com essas palavras: consigo me imaginar com você. Isso não é a coisa mais fantástica que você já ouviu?

Pela inflexão de Tiny, não sei dizer se a coisa é fantasticamente hilária ou fantasticamente maravilhosa, então simplesmente dou de ombros.

Nick suspira, a cabeça apoiada na carteira, e murmura.

— Tiny, agora não.

Gary corre os dedos pelo cabelo e suspira.

— Toda essa sua libertinagem é ruim para a causa.

O Sr. Fortson põe ordem na reunião com um martelo. Um martelo de verdade. Pobre coitado. Imagino que lá na faculdade ou o que fosse, ele não sonhava que o uso do martelo seria necessário em sua carreira no magistério.

— Muito bem, então temos oito pessoas hoje. Isto é ótimo, rapazes. Creio que o primeiro ponto na pauta do dia seja o musical de Tiny, *Tiny Dancer*. Precisamos decidir se pedimos à administração que financie a peça ou se preferimos nos concentrar em outras coisas: educação, conscientização etc.

Tiny se apruma na cadeira e anuncia:

— *Tiny Dancer* é sobre educação e conscientização.

— Certo — diz Gary, sarcástico. — Educar e conscientizar a todos sobre Tiny Cooper.

Os dois caras sentados com Gary riem, e, sem pensar duas vezes, digo: “Ei, não seja idiota, Gary”, porque não posso evitar de ir em defesa de Tiny.

Jane diz:

— Olha, as pessoas vão sacanear a peça? Sem a menor sombra de dúvida. Mas ela é honesta. É engraçada, e justa, e não é cheia de bobagens. Mostra os gays como pessoas completas e complicadas; e não apenas como “ah, meu Deus, preciso dizer pro meu pai que eu gosto de meninos e ai-ai é tão difícil”.

Gary revira os olhos e solta o ar pelos lábios fechados como se estivesse fumando.

— Aham. Você sabe como é difícil — diz ele a Jane —, já que você é... Ei, peraí. Ah, sim. Você *não é gay*.

— Isso é irrelevante — responde Jane.

Olho pra Jane, que está fuzilando Gary com o olhar no momento em que o Sr. Fortson começa a falar sobre não se poder ter Alianças dentro da Aliança caso contrário não haverá uma Aliança abrangente. Estou me perguntando quantas vezes ele será capaz de usar a palavra *aliança* em uma frase quando Tiny Cooper interrompe o Sr. Fortson, dizendo:

— Ei, calma, Jane, você é hétero?

E ela faz que sim sem levantar a cabeça e murmura:

— Quero dizer, acho que sim.

— Você devia sair com o Grayson — diz Tiny. — Ele te acha supergata.

Se eu subisse em uma balança totalmente vestido, encharcado, segurando pesos de cinco quilos em cada mão e equilibrando uma pilha de livros de capa dura na cabeça, pesaria mais de 80 quilos, o que equivale aproximadamente ao peso do tríceps esquerdo de Tiny Cooper. Mas, nesse momento, eu seria capaz de espancá-lo até a morte. E é o que eu faria, juro por Deus, não fosse o fato de estar ocupado demais tentando desaparecer.

Estou aqui pensando: *Deus, juro que vou fazer um voto de silêncio e me mudar pra um mosteiro e venerar o senhor por todos os meus dias se, desta única vez, o senhor me proporcionar um manto de invisibilidade; vamos, vamos, por favor por favor, manto de invisibilidade agora, agora, agora.* É muito possível que Jane esteja pensando a mesma coisa, mas não faço a menor ideia, porque ela também não está falando nada e não consigo olhar pra ela por estar cego de vergonha.

A reunião dura mais trinta minutos, durante os quais não falo, nem me mexo, nem respondo a nenhum tipo de estímulo. Entendo que Nick faz com que Gary e Tiny meio que façam as pazes, e a aliança concorda em buscar dinheiro tanto pra *Tiny Dancer* quanto para uma série de folhetos com propósito educacional. Rola mais alguma conversa, mas não volto a ouvir a voz de Jane.

E então a coisa chega ao fim, e com minha visão periférica vejo todos saindo, mas eu fico ali parado. Na última meia hora, reuni numa lista mental aproximadamente 412 maneiras de matar Tiny Cooper, e não vou sair da sala até ter resolvido qual a melhor. Finalmente, decido que simplesmente vou apunhalá-lo mil vezes com uma caneta esferográfica. No estilo presídio. Me levanto com a postura perfeita e saio. Tiny Cooper está encostado em uma fileira de armários, à minha espera.

— Ouça, Grayson — diz, e eu vou até ele e o agarro pela camisa polo, e, na ponta dos pés, com meus olhos na altura do pomo de adão dele, digo:

— Essa foi a pior de todas as coisas miseráveis que você já fez, seu boqueteiro.

Tiny ri, o que só me deixa com mais raiva, e diz:

— Você não pode me chamar de boqueteiro, Grayson, porque: A. Isso não é um insulto, e B. Você sabe que não sou. Ainda. Infelizmente.

Solto a camisa dele. Não tem como intimidar Tiny fisicamente.

— Bem, que seja — respondo. — Seu merda. Babaca. Xoxoteiro.

— *Isso* sim é um insulto — diz ele. — Mas ouça, cara. Ela gosta de você. Quando saiu agora, veio até mim e perguntou: “Você estava falando sério ou estava só brincando?”, e eu falei: “Por que a pergunta?”, e ela respondeu: “Bem, ele é legal, só isso”, e então eu disse que não era brincadeira e ela riu toda boba.

— Sério?

— Sério.

Respiro fundo e devagar.

— Isso é *péssimo*. Eu não estou interessado nela, Tiny.

Ele revira os olhos.

— E você acha que *eu* sou maluco? Ela é adorável. Eu acabo de total fazer sua vida!

Percebo que isso não é, assim, coisa de garoto. Percebo que os caras propriamente ditos deviam pensar só em sexo e em como consegui-lo, e que deviam correr com a pélvis apontada na direção de toda garota que gosta deles etc. Mas: a parte que eu mais gosto não é fazer, e sim notar. Notar que ela cheira a café muito doce, e a diferença entre o sorriso dela e o sorriso das fotos, e a forma como ela morde o lábio inferior, e a pele pálida de suas costas. Eu só quero o prazer de notar essas coisas a uma distância segura — não quero ter de reconhecer que estou notando. Não quero ter de *falar* nisso ou *fazer alguma coisa* em relação a isso.

E eu, de fato, pensei nisso quando estávamos lá com Tiny inconsciente e se afogando em meleca aos nossos pés. Pensei em saltar sobre o gigante caído e beijá-la, e na minha mão em seu rosto e no seu hálito improvavelmente quente, e sobre ter uma namorada que se irritasse comigo por eu ser tão quieto e então eu ficando mais quieto ainda porque o que eu gostava era de um sorriso com um leviatã adormecido entre nós, e aí me sinto um lixo por um tempo até finalmente terminarmos, e nesse ponto reafirmo meu voto de viver segundo as regras.

Eu poderia fazer isso.

Ou poderia apenas viver segundo as regras.

— Acredite em mim — digo a ele. — Você não está melhorando minha vida. Pare de interferir, ok?

Ele responde dando de ombros, o que tomo como um gesto de concordância.

— Então, ouça — diz Tiny —, sobre Nick. O negócio é que ele e Gary ficaram juntos por muito tempo e, assim, eles terminaram só ontem, mas tem realmente alguma coisa entre nós.

— Ideia incrivelmente péssima — falo.

— Mas eles terminaram — insiste Tiny.

— Certo, mas o que aconteceria se alguém terminasse com você e então no dia seguinte flertasse com um amigo seu?

— Vou pensar nisso — diz Tiny, mas sei que ele não pode se conter para evitar mais um breve e fracassado romance. — Ah, ei. — Tiny se anima. — Você devia ir conosco para a Storage Room na sexta. Nick e eu vamos ver essa banda, a, hum... Maybe Dead Cats. Pop punk intelectual. Tipo a Dead Milkmen, só que menos engraçados rá-rá.

— Obrigado por me convidar antes — agradeço, dando uma cotovelada em Tiny.

Ele me empurra, brincando, e eu quase caio da escada. É como ser o melhor amigo de um gigante de conto de fadas: Tiny Cooper não consegue evitar te machucar.

— Só pensei que você não gostaria de ir depois do desastre da semana passada.

— Ah, espere, não posso. O Storage Room é para maiores de 21.

Tiny Cooper, andando na minha frente, alcança a porta. Empurra o quadril contra a barra de metal e a mesma se abre. O lado de fora. O fim de semana. A luz viva de Chicago. O ar frio me envolve, a luz está mudando rapidamente, e a silhueta de Tiny Cooper é destacada contra o sol poente, de modo que mal posso vê-lo quando ele se vira pra mim e pega o celular.

— Para quem você está ligando? — pergunto, mas Tiny não responde.

Simplesmente segura o aparelho na mão gigantesca e robusta, e diz: “Ei, Jane”, e meus olhos se arregalam, e faço o movimento de cortar a garganta para Tiny que sorri e diz: “Olhe, Grayson quer ir com a gente ao Maybe Dead Cats na sexta. Que tal um jantar primeiro?”

“ ... ”

“Bem, o único problema é que ele não tem identidade. Você não conhece um cara?”

“...”

“Você ainda não chegou em casa, não é? Então volte e venha tirar a bunda magra dele daqui.” Tiny desliga e me diz: “Ela está vindo pra cá”, e então fico parado na porta enquanto Tiny dispara escada abaixo e começa a saltitar — isso mesmo, saltitar — na direção do estacionamento do terceiro ano. “Tiny!”, grito, mas ele não se vira; continua saltitando. Eu não começo a saltitar atrás do rabo ensandecido dele ou coisa do tipo, mas meio que sorrio. Ele pode ser um feiticeiro malévolo, mas Tiny Cooper não está nem aí pros outros, e se ele quer ser um gigante saltitante, então é seu direito como americano enorme.

Suponho que não possa largar Jane lá, então estou sentado nos degraus da frente quando ela aparece dois minutos depois atrás do volante de um Volvo antigo, pintado à mão de laranja. Eu já vi o carro antes no estacionamento — não dá pra não notá-lo —, mas nunca associei o automóvel a Jane. Ela parece mais discreta do que o mesmo sugere. Desço os degraus, abro a porta do carona e entro, pisando numa pilha de embalagens de fast-food.

— Desculpe. Eu sei que é nojento.

— Não se preocupe — digo. Essa seria a hora certa pra fazer uma piada, mas fico pensando *cale a boca, cale a boca, cale a boca*. Após algum tempo o silêncio fica muito estranho, então pergunto:

— Você conhece essa banda, os hã... Maybe Dead Cats?

— Conheço. Eles não são ruins. São meio que uma versão pobre da Mr. T Experience nos primeiros tempos, mas têm uma música que gosto; ela tem uns 55 segundos de duração e se chama “Annus Miribalis”, e basicamente explica a teoria da relatividade de Einstein.

— Legal — digo. Ela sorri, engata a marcha, e partimos num solavanco pra cidade.

Um minuto depois mais ou menos, encontramos uma placa de pare, e Jane encosta num dos lados da estrada e me olha.

— Eu sou muito tímida — diz ela.

— Hein?

— Eu sou muito tímida, então entendo. Mas não se esconda atrás de Tiny.

— Não estou me escondendo — retruco.

E então ela passa por baixo do cinto de segurança e eu me pergunto por que ela está fazendo isso, e aí ela se debruça sobre o câmbio, e eu me dou conta do que está acontecendo, e ela fecha os olhos, inclina a cabeça, e eu me afasto, olhando pras sacolas de fast-food no chão do carro dela. Jane abre os olhos e volta pra trás com um solavanco. Então começo a falar pra preencher o silêncio.

— Eu não, hã, eu acho você incrível e bonita, mas eu não, assim, eu não, assim, eu acho que na verdade não, hã, não quero um relacionamento agora.

Após um instante, muito baixinho, ela diz:

— Acho que devo ter recebido informações não confiáveis.

— É possível — concordo.

— Sinto muito.

— Eu também. Quero dizer, você é mesmo...

— Não, não, não, pare, isso só piora as coisas. Ok. Ok. Olhe pra mim.

Olho para ela, que diz:

— Eu posso esquecer completamente que isto aconteceu se, e somente se, você puder esquecer completamente que isto aconteceu.

— Nada aconteceu — falo, e reafirmo: — Não aconteceu nada.

— Exatamente — diz ela, e então nossa parada de 32 segundos na placa de pare chega ao fim, e minha cabeça é lançada de encontro ao assento. Jane dirige do mesmo jeito que Tiny namora.

Estamos saindo da Lake Shore perto do centro da cidade, falando sobre o Neutral Milk Hotel, sobre a possibilidade de existir alguma gravação por aí que ninguém tenha ouvido, apenas demos, e como seria interessante ouvir como as músicas deles eram antes de se tornarem músicas, e, quem sabe, se poderíamos arrombar o estúdio de gravação deles e copiar cada momento gravado da existência da banda. O sistema de aquecimento antigo do Volvo deixa meus lábios secos e a coisa de ela ter se inclinado parece, de fato, literalmente esquecida — e me ocorre que estou estranhamente desapontado com o fato de Jane não parecer nem um pouco chateada, o que, por um lado, faz com que eu me sinta estranhamente rejeitado, e, por outro, me faz pensar

que talvez uma ala especial do Museu dos Loucos deva ser erguida em minha homenagem.

Encontramos uma vaga e estacionamos em uma rua a algumas quadras do lugar, e Jane me leva até uma porta de vidro sem identificação ao lado de uma lanchonete de cachorro-quente. Uma placa na porta diz Cópias e Impressões Gold Coast. Subimos a escada, o cheiro de deliciosos focinhos de porco flutuando no ar, e entramos em uma loja que parece um minúsculo escritório. O lugar é pouquíssimo mobiliado, o que equivale a dizer que são duas cadeiras dobráveis, um pôster de gatinho escrito Agente firme, uma planta morta num vaso, um computador e uma impressora sofisticada.

— Ei, Paulie — diz Jane a um cara coberto de tatuagens que parece ser o único empregado da loja. O cheiro de cachorro-quente se dissipou, mas só porque a Cópias e Impressões Gold Coast fede a maconha. O cara dá a volta no balcão e dá um abraço de um só braço em Jane, que então diz: “Este é meu amigo, Will”, e o cara estende a mão, e enquanto a aperto vejo que ele tem as letras H-O-P-E, tatuadas nos dedos.

— Paulie e meu irmão são amigos. Frequentaram a Evanston juntos.

— É, *frequentamos* juntos — diz Paulie. — Mas não nos formamos juntos, porque ainda não me formei. — Paulie ri.

— Pois é, Paulie. Will perdeu a identidade — explica Jane.

Paulie sorri para mim.

— Uma pena, garoto. — Ele me entrega uma folha de papel em branco e diz: — Preciso do seu nome completo, endereço, data de nascimento, seguro social, altura, peso e cor dos olhos. E cem pratas.

— Eu, hã... — digo, pois não costumo carregar notas de cem por aí comigo. Mas, antes que eu possa sequer formar as palavras, Jane põe cinco notas de vinte no balcão.

Sentamos nas cadeiras dobráveis, e juntos inventamos minha nova identidade: Meu nome é Ishmael J. Biafra, meu endereço, W. Addison Street, número 1.060, a localização do estádio Wrigley Field. Tenho cabelos castanhos, olhos azuis, 1,78 metro, 72 quilos; meu número do seguro social são nove números aleatoriamente escolhidos, e eu fiz 22 anos no mês passado. Entrego o papel a Paulie, e então ele aponta pra uma tira de fita adesiva na parede e me diz pra ficar ali parado. Leva uma câmera digital até os olhos e diz: “Sorria!” Eu não sorri pra minha carteira de motorista de verdade, e com toda certeza não ia sorrir pra essa.

— Só vai levar um minuto — diz Paulie, e então eu me recosto na parede, nervoso o suficiente por causa da identidade pra esquecer de ficar nervoso por causa de minha proximidade com Jane. Embora eu saiba que sou aproximadamente a milionésima terceira pessoa a obter uma identidade falsa, ainda assim estou muito consciente de que se trata de um crime, e em geral não sou a favor de cometê-los.

— Eu sequer bebo — falo em voz alta, em parte pra mim e em parte pra Jane.

— A minha é só pros shows — afirma ela.

— Posso ver? — pergunto. Ela pega a mochila, cujo tecido foi todo escrito com nomes de bandas e frases, e pesca a carteira lá de dentro.

— Eu guardo ela escondida aqui — diz ela, abrindo o fecho de um compartimento da carteira — porque se eu, tipo, morrer ou alguma coisa assim, não quero que o hospital fique tentando ligar pros pais de Zora Thurston Moore.

E, de fato, esse é o nome dela, e a carteira parece completamente autêntica pra mim. Sua foto é incrível: a boca parece prestes a sorrir, e era exatamente assim que ela estava na casa de Tiny, diferente de todas as fotos dela no Facebook.

— Essa foto ficou ótima. É exatamente assim que você parece — digo a ela. E é verdade. Esse é o problema: tantas coisas são verdade. É verdade que quero sufocá-la de elogios e verdade que quero manter a distância. Verdade que quero que ela goste de mim e verdade que não quero. A verdade estúpida e infinita falando pelos dois lados e saindo por minha boca imensa e estúpida. É o que me faz continuar falando, feito um idiota.

— Tipo, não pode saber como você parece, certo? Sempre que se vê no espelho, sabe que está olhando para você, portanto, não pode evitar fazer um pouco de pose. Assim, nunca sabe *de verdade*. Mas essa... É assim que você parece.

Jane encosta dois dedos na foto da carteira, que estou segurando apoiada na minha perna, de modo que os dedos dela estão na minha perna se a gente não contar a carteira, e olho pra eles por um momento e então olho pra ela, que diz:

— Paulie, apesar de toda sua criminalidade, na verdade é um bom fotógrafo.

Nesse momento, Paulie surge acenando no ar um pedaço de plástico que parece uma carteira de motorista.

— Sr. Biafra, sua identidade.

Ele a entrega pra mim. Os dedos dessa mão exibem as letras L-E-S-S.

Está perfeita. Todos os hologramas de uma carteira legítima do Illinois, as mesmas cores, o mesmo plástico grosso e laminado, a mesma informação sobre doação de órgãos. Eu até pareço razoavelmente bem na foto.

— Meu Deus — exclamo. — Está magnífica. É a *Mona Lisa* das identidades.

— Sem problema — fala Paulie. — Muito bem, garotos, preciso resolver umas coisas. — Paulie sorri e ergue um baseado. Estou perplexo como alguém tão doido de maconha poderia ser esse gênio no campo da falsificação. — Até mais, Jane. Diga ao Phil pra me ligar.

— Sim, sim, capitão — diz Jane, e então começamos a descer a escada, e eu posso sentir minha identidade falsa no bolso da frente, apertada contra minha coxa, e tenho a sensação de que tenho uma passagem pro mundo inteiro.

Chegamos à rua, e o frio é sempre uma surpresa. Jane dispara a correr na minha frente e não sei se devo segui-la ou não, mas então ela se vira e começa a saltitar de costas. Com o vento no rosto dela, mal posso ouvi-la gritar:

— Anda, Will! Corre! Afinal, agora você é um *homem*.

E maldito seja eu se não começar a correr atrás dela.

capítulo quatro

estou arrumando o metamucil nas prateleiras do corredor sete quando maura chega furtivamente. ela sabe que meu chefe é um babaca quando me pega conversando na hora do trabalho, então ela finge olhar as vitaminas enquanto conversa comigo. está me dizendo que tem alguma coisa muito perturbadora na palavra “mastigável” e então, de repente, o relógio marca 17h12 e ela deduz que está na hora de me fazer perguntas pessoais.

maura: você é gay?

eu: que porra é essa?

maura: tudo bem por mim, se você for.

eu: ah, ótimo, porque o que mais me preocupa é se está tudo bem pra você.

maura: só estou dizendo.

eu: anotado. agora, por favor, dá pra calar a boca e me deixar trabalhar? ou você quer que eu use meu desconto de empregado pra comprar alguma coisa pra sua cólica?

acho que deveria mesmo haver um regulamento contra questionar a sexualidade de um cara quando ele está trabalhando. e, de qualquer forma, não quero falar sobre isso com maura, independentemente de onde estivermos. porque, eis a questão — nós não somos tão íntimos assim. maura é o tipo de amiga com quem gosto de trocar ideias de cenários apocalípticos. no entanto, não é alguém que me faz querer evitar que o apocalipse aconteça. durante o ano ou quase isso em que somos amigos, esse sempre foi um problema. sei que se contasse a ela que gosto de garotos, ela provavelmente pararia de querer ficar comigo, o que seria uma imensa vantagem. mas também sei que imediatamente me tornaria seu bichinho de

estimação gay, e esse é o último tipo de coleira que quero. e não é como se eu fosse assim *tão* gay. eu odeio a porra da madonna.

eu: devia haver um cereal pra quem tem prisão de ventre chamado metamüslx.

maura: estou falando sério.

eu: estou seriamente mandando você se foder. não devia me chamar de gay só porque não quero dormir com você. um monte de caras héteros também não quer dormir com você.

maura: vai se foder.

eu: ah, mas a questão é: não vai ser com você.

ela se aproxima e bagunça todos os frascos que eu vinha arrumando em fileiras. quase pego um deles e jogo na cabeça dela quando ela vai embora, mas a verdade é que se eu acertasse, o gerente me faria limpar tudo, e isso seria um saco. a última coisa que preciso é de massa encefálica nos meus sapatos novos. você sabe como é difícil fazer aquela merda sair? de qualquer forma, preciso muito deste emprego, o que significa que não posso fazer coisas como gritar ou prender meu crachá idiota de cabeça pra baixo ou usar jeans rasgado ou sacrificar cachorrinhos no corredor dos brinquedos. não me importo, de verdade, exceto quando o gerente está por perto ou quando pessoas que conheço vêm aqui e agem todas estranhas só porque eu estou trabalhando, e elas não.

penso que maura vai voltar, mas ela não volta, e eu sei que vou ter de ser legal com ela (pelo menos não ser cruel) pelos próximos três dias. faço uma anotação mental pra comprar um café ou alguma coisa pra ela, mas meu bloco de notas mental é uma piada, porque assim que coloco alguma coisa ali, ela desaparece. e a verdade é que da próxima vez que nos falarmos, maura vai pôr em prática todo seu modo de mágoa, e isso só vai me irritar ainda mais. afinal, foi ela quem abriu a boca. não é culpa minha se ela não aguenta a resposta.

a farmácia fecha às oito nos sábados, o que significa que saio às nove. eric, mary e greta estão todos falando de festas às quais estão indo, e até roger, o gerente certinho, nos diz que ele e a mulher vão “ter aquela noite em casa” — pisca-pisca, cutuca-cutuca, trepa-trepa, vomita-vomita. prefiro

imaginar uma ferida purulenta com larvas rastejando em cima. roger é gordo e careca e a mulher provavelmente também é gorda e careca, e a última coisa que quero ouvir é sobre eles fazendo sexo gordo e careca. principalmente porque a gente sabe que ele está fazendo a coisa parecer todo esse pisca-cutuca quando a verdade é que provavelmente ele vai chegar em casa, os dois vão assistir a um filme do tom hanks e então um deles vai ficar deitado na cama ouvindo o outro mijar, aí vão trocar de lugar e, quando o segundo terminar no banheiro, as luzes vão se apagar e eles vão dormir.

greta me pergunta se quero ir junto, mas ela tem uns 23 anos ou quase isso e o namorado dela, vince, age como se fosse me estripar se eu uso alguma palavra um pouco mais difícil na presença dele. assim, eu só pego uma carona até em casa. minha mãe está lá, isaac não está on-line, e odeio que ela nunca tenha programa pra sábado à noite e isaac sempre tenha programas pra noite de sábado. isto é, não quero que ele fique em casa esperando que eu volte e mande uma mensagem, porque uma das coisas legais nele é que isaac tem uma vida. tem um e-mail dele dizendo que vai ao cinema porque é aniversário da kara, e digo a ele que deseje feliz aniversário a ela por mim, mas naturalmente, quando ele receber a mensagem, o aniversário dela já vai ter acabado e, de qualquer forma, não sei se ele falou de mim pra ela.

mamãe está em nosso sofá verde-limão, assistindo à minissérie *orgulho & preconceito* pela sétima zilionésima vez, e sei que vou acabar ficando histérico se me sentar lá e assistir com ela. o estranho é que ela também gosta mesmo da saga *kill bill* e eu nunca pude perceber uma diferença em seu humor quando assiste uma coisa ou outra. é como se ela fosse sempre a mesma pessoa, independentemente do que acontece. o que não pode estar certo.

acabo assistindo a *orgulho & preconceito* porque dura umas 15 horas, então sei que, quando acabar, isaac provavelmente já vai estar em casa. meu telefone continua tocando e continuo não respondendo. essa é uma coisa boa de saber que ele não pode me ligar — nunca preciso me preocupar se é ele ou não.

a campanha toca exatamente quando o cara está prestes a dizer à garota toda a merda que ele precisa dizer, e a princípio eu ignoro o toque da mesma forma que ignoro o celular. o único problema é que as pessoas na porta não caem na caixa postal, então a campanha soa outra vez e mamãe está prestes

a se levantar, então digo que vou atender, imaginando que deve ser o equivalente à porta de um engano ao telefone. só que quando chego lá é maura quem está do outro lado e ela ouviu meus passos, portanto, sabe que estou aqui.

maura: preciso falar com você.

eu: não é meia-noite ou perto disso?

maura: só abra a porta.

eu: você vai ficar bufando?

maura: vamos lá, will. só abra.

é sempre um pouco assustador quando ela fala toda objetiva comigo. assim, enquanto estou abrindo a porta, já tento imaginar como me livrar dela. é como se algum instinto entrasse em ação.

mãe: quem é?

eu: é só a maura.

e, ah merda, maura vai levar o “só” pro lado pessoal. eu só quero que ela recolha a lágrima debaixo do olho e passe por cima disso. ela usa delineador preto suficiente para delinear um cadáver, e a pele dela é tão pálida que parece que acabou de virar vampira. só que sem os dois pontos de sangue no pescoço.

ficamos ali parados no vão da porta porque eu sinceramente não sei aonde deveríamos ir. não creio que maura já tenha entrado na minha casa, exceto talvez na cozinha. definitivamente ela nunca esteve no meu quarto, porque é lá que fica o computador, e maura é o tipo de garota que, no momento em que você a deixa sozinha, vai direto para o diário ou o computador. além disso, você sabe, chamar alguém pro seu quarto pode ser interpretado como outra coisa e certamente não quero que maura pense que vou falar algo do tipo “ei-por-que-a-gente-não-senta-na-minha-cama-e-ei-já-que-estamos-sentados-na-minha-cama-que-tal-se-eu-colocar-meu-pau-dentro-de-você?”. no entanto, a cozinha e a sala agora são zonas proibidas por causa da minha mãe, e o quarto dela é zona proibida porque é o quarto

dela. e é por isso que me vejo perguntando a maura se ela quer ir até a garagem.

maura: a garagem?

eu: olha, não vou te pedir que entre por um cano de descarga, ok? se eu quisesse fazer um pacto suicida com você, optaria pela eletrocussão numa banheira. você sabe, com um secador de cabelo. como os poetas fazem.

maura: está bem.

a maxissérie da minha mãe ainda não chegou ao auge da baboseira romântica, então sei que maura e eu poderemos conversar sem sermos perturbados. ou, pelo menos, seremos os únicos perturbados na garagem. parece muito idiota sentarmos no carro, então abro espaço pra nós perto das coisas do meu pai que mamãe nunca foi capaz de jogar fora.

eu: então, o que foi?

maura: você é um imbecil.

eu: esta é a notícia urgente?

maura: cale a boca por um segundo.

eu: só se você calar a boca também.

maura: pare com isso.

eu: foi você quem começou.

maura: pare, por favor.

eu decido, ok, vou calar a boca. e o que é que ganho? quinze malditos segundos de silêncio. e isso é tudo.

maura: sempre digo pra mim mesma que você não tem a intenção de me machucar, o que faz com que seja menos doloroso, sabe? mas hoje — estou tão de saco cheio disso. de você. só pra você saber, eu também não quero dormir com você. eu jamais dormiria com alguém de quem não posso nem ser amiga.

eu: espera um segundo — agora não somos mais amigos?

maura: não sei o que somos. você sequer me conta que é gay.

essa é uma clássica manobra de maura. se ela não obtém uma resposta que quer, vai criar um beco sem saída pra encurralar você. como daquela vez

em que vasculhou minha mochila quando eu estava no banheiro e encontrou meu remédio — eu não o havia tomado de manhã, e por isso o levava pra escola. ela esperou uns bons dez minutos antes de me perguntar se eu estava tomando algum medicamento. isso me pareceu um pouco despropositado, e eu não queria falar sobre o assunto, assim disse a ela que não. e o que ela faz então? enfia a mão na minha mochila, tira o frasco de comprimidos e me pergunta para que eles servem. ela teve sua resposta, mas aquilo não inspirou exatamente confiança. ficou me dizendo que eu não precisava sentir vergonha da minha “condição mental”, e fiquei dizendo a ela que não sentia vergonha — só não queria falar sobre o assunto com ela. maura não conseguia entender a diferença.

então aqui estamos nós de volta a outro beco sem saída, e, desta vez, é a coisa de ser gay.

eu: opa, calma aí, mesmo que eu fosse gay, não seria uma decisão minha? a de te contar?

maura: quem é isaac?

eu: porra.

maura: você acha que não consigo ver o que você desenha no caderno?

eu: você está brincando comigo. então o problema é *isaac*?

maura: só me diga quem é ele.

essencialmente não quero dizer a ela. ele é meu, não dela. se eu lhe der um pedacinho que seja da história, ela vai querer tudo. de alguma maneira distorcida eu sei que ela está fazendo isso porque acha que é o que eu quero — falar de tudo, deixá-la saber de tudo sobre mim. mas não é isso que quero. não é o que ela pode ter.

eu: maura, maura, maura... isaac é um personagem. ele não existe de verdade. porra! é só uma coisa em que estou trabalhando. esta — eu não sei — *ideia*. tenho essas ideias todas na cabeça. estreladas por esse personagem, isaac.

não sei de onde veio essa merda. é como se tivesse sido me dada por alguma força divina de criação.

maura parece querer acreditar, mas não acredita de fato.

eu: como o pogo dog. só que não é um cachorro, e não está em um espeto.

maura: meu deus, tinha esquecido totalmente do pogo dog.

eu: você está brincando? ele ia deixar a gente rico!

e ela está caindo na história. está se encostando em mim e, juro por deus, se fosse um cara daria pra ver o pau duro na calça dela.

maura: eu sei que é horrível, mas estou meio aliviada que você não esteja escondendo algo tão importante de mim.

imaginei que este seria um mau momento pra observar que, na verdade, eu nunca disse que não era gay. só mandei ela se foder.

não sei se existe nada mais horrível que uma garota gótica ficando toda dengosa. maura não está só se encostando; agora está examinando minha mão como se alguém houvesse carimbado ali o significado da vida. em braille.

eu: é melhor eu voltar para ficar com minha mãe. maura: diz pra ela que estamos conversando.

eu: prometi que assistiria a esse programa com ela.

o importante aqui é dispensar maura sem que ela perceba que eu a estou dispensando. porque realmente não quero magoá-la, não quando acabei de trazê-la de volta da beira da última mágoa que supostamente lhe infligi. sei que assim que maura chegar em casa ela vai mergulhar em seu caderno de poesia macabra, e estou fazendo o possível pra não obter uma avaliação ruim. uma vez maura me mostrou um de seus poemas.

*me pendure
como uma rosa morta
me conserve
e minhas pétalas não vão cair
até você tocá-las
e eu dissolver*

e eu escrevi um poema de volta pra ela

*eu sou como
uma begônia morta
pendurada de cabeça pra baixo
porque
como uma begônia morta
eu estou cagando*

ao qual ela retrucou

*nem todas as flores
dependem da luz
pra crescer*

então talvez esta noite eu inspire

*pensei que seu solo fosse gay
mas talvez haja uma chance
pra eu me divertir, não sei
e tirar dele algum romance*

tomara que eu nunca tenha de lê-lo ou saber dele, ou mesmo voltar a pensar nele.

eu me levanto e abro a porta da garagem pra que maura possa sair. digo a ela que nos vemos na segunda, na escola, e ela responde “não se eu o vir primeiro” e eu solto um rá rá rá até que ela esteja a uma distância segura e eu possa tornar a fechar a porta.

o grotesco nisso tudo é que tenho certeza de que um dia isso vai voltar pra me assombrar. que um dia ela vai dizer que dei corda pra ela, quando a verdade é que eu estava apenas mantendo-a a distância. preciso encontrar um namorado pra ela. logo. não sou eu que ela quer — ela só quer alguém pra quem ela seja tudo. e eu não posso ser esse cara.

quando volto pra sala, *orgulho & preconceito* já está quase chegando ao fim, o que significa que todo mundo sabe bem em que pé está sua relação com todos os outros. em geral, a essa altura, minha mãe se encontra mergulhada em lenços de papel amassados, mas dessa vez não há sequer um olho úmido. ela praticamente confirma isso quando desliga o dvd.

mãe: eu realmente preciso parar com isso. preciso trocar de vida.

penso que ela está falando com ela mesma, ou com o universo, e não especificamente comigo. no entanto, não posso deixar de pensar que “trocar de vida” é algo em que somente um completo idiota pode acreditar. como se você pudesse pegar o carro, ir até uma loja e comprar uma vida nova. vê-la em sua caixa brilhante, olhar pela tampa de plástico, vislumbrar a si mesmo em uma nova vida e dizer: “uau, pareço muito mais feliz — acho que esta é a vida de que preciso!”, levá-la até o caixa, pagar no cartão de crédito. se trocar de vida fosse fácil assim, seríamos uma raça em êxtase. mas não somos. então, mãe, sua vida não está lá fora à sua espera, portanto, não pense que tudo que você precisa fazer é encontrá-la e trocar pela atual. não, sua vida é essa mesma. e, sim, ela é uma merda. a vida costuma ser assim. portanto, se quer que as coisas mudem, não precisa trocar de vida. você precisa tirar a bunda da cadeira.

é claro que não digo nada disso. as mães não precisam ouvir esse tipo de merda dos filhos, a menos que estejam fazendo algo muito errado, como fumar na cama, ou usar heroína, ou usar heroína enquanto fumam na cama. se minha mãe fosse uma garota da minha escola, todos os amigos dela diriam: “cara, você só precisa ser comida.” mas, sinto muito, gênios, não existe essa coisa de trepada terapêutica. a trepada terapêutica é a versão adulta do papai noel.

é meio doentio que minha mente tenha ido da minha mãe pra uma trepada, então fico feliz quando ela se queixa um pouco mais sobre si mesma.

mãe: isto está virando rotina, não é? sua mãe em casa num sábado à noite, esperando que darcy apareça.

eu: não existe uma resposta pra essa pergunta, não é?

mãe: não. provavelmente não.

eu: você já chamou esse tal darcy pra sair?

mãe: não. na verdade, ainda não o encontrei.

eu: bem, ele não vai aparecer até você o convidar.

eu dando conselho romântico à minha mãe é meio como um peixinho de aquário dando conselho a uma lesma sobre como voar. eu poderia lembrar a

ela que nem todos os caras são canalhas como meu pai, mas ela contraditoriamente odeia quando falo mal dele. ela provavelmente só está preocupada com o dia em que vou acordar e perceber que metade dos meus genes são tão orientados pra ser um filho da puta que vou desejar ser um filho da puta. bem, mãe, adivinhe só? esse dia aconteceu há muito tempo. e eu gostaria de dizer que é aí que entram os comprimidos, embora eles lidem apenas com os efeitos colaterais.

deus abençoe os estabilizadores de humor. *e todos os humores serão criados iguais.* eu sou a porra do movimento dos direitos civis do humor.

já está tarde o bastante pra que isaac esteja em casa, então digo a minha mãe que estou indo pra cama e, pra ser agradável, digo a ela que, se vir algum cara bonito, assim, de cueca e cavalgando sensualmente a caminho do shopping, vou passar o número do telefone dela. ela me agradece por isso, e diz que é uma ideia melhor que qualquer uma das que suas amigas do pôquer já tiveram. me pergunto se logo ela estará pedindo a opinião do carteiro.

tem uma mensagem pendente à minha espera quando tiro o protetor de tela.

amarradopelopai: vc está aí?

amarradopelopai: estou torcendo

amarradopelopai: e esperando

amarradopelopai: e rezando

todos os tipos de comemoração inundam meu cérebro. o amor é muito uma droga.

grayscale: por favor, seja a voz da sanidade que resta no mundo.

amarradopelopai: vc está aí!

grayscale: exato.

amarradopelopai: se vc está contando comigo pra sanidade, a coisa deve estar feia.

grayscale: é, bem, maura foi até a farmácia fazer uma audição pro papel de bruxa, e quando eu disse a ela que os testes estavam cancelados, ela resolveu que aceitava

grayscale: uma trepadinha no lugar. e então minha mãe começou a dizer que não tinha vida. ah, e ainda tenho dever de casa pra fazer. ou não.

amarradopelopai: é difícil ser você, hein?

grayscale: sem dúvida.

amarradopelopai: você acha que maura sabe a verdade?

grayscale: tenho certeza de que ela pensa que sabe.

amarradopelopai: que vaca intrometida.

grayscale: na verdade, não. não é culpa dela eu não querer falar disso. prefiro dividir com você.

amarradopelopai: e você está. enquanto isso, nenhum programa no sábado à noite? passando mais tempo agradável com sua mãe?

grayscale: você, querido, é meu programa de sábado à noite.

amarradopelopai: sinto-me honrado.

grayscale: deveria mesmo. como foi o aniversário?

amarradopelopai: simples. kara só queria ver um filme comigo e janine. boa companhia, filme fraco. aquele do cara que descobre que a garota com quem ele casa é um sucubo.

amarradopelopai: súcubo?

amarradopelopai: súcobo?

grayscale: súcubo

amarradopelopai: é, isso. começou muito idiota. depois ficou muito chato. depois ficou barulhento e idiota. depois teve uns dois minutos em que, de tão idiota, ficou engraçado. então voltou a ser idiota, e finalmente terminou sem pé nem cabeça.

amarradopelopai: muito bacana, muito bacana

grayscale: como está kara?

amarradopelopai: se recuperando.

grayscale: como assim?

amarradopelopai: ela fala muito dos problemas do passado, é uma forma de nos convencer de que estão no passado. e talvez estejam mesmo.

grayscale: você falou pra ela que mandei um oi?

amarradopelopai: sim. acho que o que eu disse foi: “will diz que quer você dentro dele”, mas o efeito foi o mesmo. ela disse oi de volta.

grayscale: **suspiro triste** queria estar lá.

amarradopelopai: eu queria estar aí com você agora.

grayscale: mesmo?☺

amarradopelopai: sinsenhora.
grayscale: e se estivesse aqui...
amarradopelopai: o que eu faria?
grayscale: ☺
amarradopelopai: deixa eu te dizer o que eu faria.

essa é uma brincadeira nossa. na maior parte do tempo não falamos a sério. assim, são vários os caminhos que podemos seguir. o primeiro consiste basicamente em zombarmos das pessoas que fazem sexo pela internet inventando nosso próprio e ridículo diálogo desdenhográfico.

grayscale: quero que você lamba minha clavícula.
amarradopelopai: estou lambendo sua clavícula.
grayscale: aah, como isso é gostoso.
amarradopelopai: clavícula safadinha.
grayscale: hummmmm
amarradopelopai: wwwwwwwww
grayscale: rrrrrrrrrrrrrrrr
amarradopelopai: tttttttttttttttt

outras vezes optamos pela abordagem ficção romântica. pornô piegas.

amarradopelopai: empurre seu mastro feroz e trêmulo em mim, garanhão
grayscale: seu apêndice ignóbil me enche com o fogo do inferno
amarradopelopai: minha equipe de busca está rastejando em direção à sua terra de ninguém
grayscale: me regue como um peru de natal!!!

e então há noites, como a de hoje, quando o que se segue é a verdade, porque é o que mais precisamos. ou talvez apenas um de nós dois mais precise dela, mas o outro sabe a hora certa de dá-la.

como agora, quando o que mais desejo no universo é tê-lo ao meu lado. ele sabe disso, e diz

amarradopelopai: se eu estivesse aí, pararia atrás da sua cadeira e colocaria minhas mãos em seus ombros, de leve, e os massagearia

delicadamente até que você terminasse sua última frase

amarradopelopai: então eu me inclinaria pra frente e deslizaria as mãos pelos seus braços e encaixaria meu pescoço no seu e deixaria você se virar para mim e descansar ali por algum tempo

amarradopelopai: descanso

amarradopelopai: e quando você estivesse pronto, eu o beijaria uma vez e me afastaria, então me sentaria em sua cama e esperaria por você ali, só pra ficarmos deitados, e você poderia me abraçar, e eu poderia abraçá-lo de volta

amarradopelopai: e sentiríamos tanta paz. ficaríamos completamente em paz. como a sensação de ter sono, só que com nós dois acordados juntos.

grayscale: isso seria tão maravilhoso.

amarradopelopai: eu sei. eu adoraria também.

não consigo imaginar nós dois dizendo essas coisas em voz alta um pro outro, mas mesmo que eu não consiga imaginar essas palavras, posso imaginar vivê-las. nem sequer visualizo a cena. em vez disso, estou nela. como me sentiria com ele aqui. aquela paz. seria tamanha felicidade que fico triste por ela só existir em palavras.

logo no início, isaac deixou claro pra mim que ele acha as pausas incômodas — se passasse muito tempo sem que eu respondesse, ele pensaria que eu estava digitando outra coisa em outra janela, ou que havia saído do computador, ou que estava mandando mensagens pra outros 12 garotos além dele. e tenho de admitir que eu sentia os mesmos medos. assim, agora fazemos essa coisa sempre que estamos numa pausa. simplesmente digitamos

grayscale: estou aqui

amarradopelopai: estou aqui

grayscale: estou aqui

amarradopelopai: estou aqui

até que venha a próxima frase.

grayscale: estou aqui

amarradopelopai: estou aqui

grayscale: estou aqui
amarradopelopai: o que estamos fazendo?
grayscale: ???
amarradopelopai: acho que já está na hora
amarradopelopai: de a gente se encontrar
grayscale: !!!
grayscale: é sério?
amarradopelopai: delirantemente
grayscale: está dizendo que eu teria uma chance de ver você
amarradopelopai: abraçar de verdade
grayscale: de verdade
amarradopelopai: sim
grayscale: sim?
amarradopelopai: sim.
grayscale: sim!
amarradopelopai: estou maluco?
grayscale: sim! ☺
amarradopelopai: vou ficar maluco, se não fizermos isso.
grayscale: devíamos.
amarradopelopai: devíamos.
grayscale: ahmeudeusuau
amarradopelopai: vai acontecer, não é?
grayscale: agora não podemos mais voltar atrás.
amarradopelopai: estou tão animado...
grayscale: e apavorado
amarradopelopai: ... e apavorado
grayscale: ... mas principalmente animado?
amarradopelopai: principalmente animado.

vai acontecer. sei que vai acontecer.
tontos e assustados, escolhemos uma data.
sexta-feira. daqui a seis dias
apenas seis dias.
em seis dias, talvez minha vida comece de fato.
isso é tão louco.

e a coisa mais louca de todas é que estou tão animado que quero imediatamente contar tudo a isaac, embora ele seja a pessoa que já sabe disso. nem maura, nem simon, nem derek, nem minha mãe — ninguém neste mundo inteirinho, com exceção de isaac. ele é, ao mesmo tempo, a fonte da minha felicidade e a pessoa com quem quero partilhá-la.

tenho de acreditar que isso é um sinal.

capítulo cinco

Esse é um daqueles fins de semana em que não saio de casa pra nada — literalmente — exceto uma ida rápida com minha mãe até a loja de conveniência White Hen. Esses fins de semana em geral não me aborrecem, mas fico meio que torcendo pra que Tiny Cooper e/ou Jane liguem e me deem uma desculpa pra usar a identidade que escondi nas páginas de *Persuasão* na minha estante. Mas ninguém liga; tampouco Tiny ou Jane aparecem on-line; e está mais frio que o peito de uma bruxa em um sutiã de aço, então fico em casa e ponho o dever de casa em dia. Faço o trabalho de pré-cálculo, e, quando termino, fico sentado com o livro por umas três horas, tentando entender o que acabei de fazer. É um fim de semana desses — do tipo em que você tem tanto tempo que vai além das respostas e começa a olhar as ideias.

Então, na noite de domingo, quando estou no computador vendo se alguém está on-line, meu pai coloca a cabeça na porta do quarto. “Will”, diz ele, “você tem um segundo pra conversar na sala?” Giro na cadeira e me levanto. Meu estômago se contrai um pouco porque a sala é o lugar menos agradável de se ficar; o lugar onde a não existência do Papai Noel é revelada, onde as avós morrem, onde testas franzidas olham as notas nos boletins e onde se aprende que a caminhonete do homem entra na garagem da mulher, e então sai, e então volta a entrar, e assim por diante, até um óvulo ser fertilizado etc. etc.

Meu pai é muito alto, muito magro e muito careca, e tem dedos longos e finos, que ele tamborila no braço de um sofá de estampa floral. Eu me sento de frente pra ele em uma poltrona superacolchoada e superverde. O dedo que tamborila prossegue por uns 34 anos, mas ele não diz nada, e então eu finalmente digo:

— Ei, pai.

Ele tem uma maneira de falar intensa e muito formal, o meu pai. Sempre fala como se estivesse informando que você tem câncer em estágio terminal — o que, na verdade, corresponde a uma boa parte do trabalho dele, então faz sentido. Ele me olha com aqueles olhos tristes e intensos de você-tem-câncer, e diz:

— Sua mãe e eu estamos querendo saber sobre seus planos.

E respondo:

— Hã, bem. Pensei em ir, hã, pra cama daqui a pouco. E depois ir pra escola. Vou a um show na sexta. Já avisei a mamãe.

Ele faz que sim com a cabeça.

— OK, mas depois disso.

— Hã, depois disso? Você se refere a, tipo, ir pra faculdade e arrumar um emprego e me casar e dar netos a vocês e ficar longe das drogas e viver feliz pra sempre?

Ele quase sorri. É algo excessivamente difícil, fazer meu pai sorrir.

— Tem um aspecto desse processo no qual sua mãe e eu estamos particularmente interessados neste momento particular da sua vida.

— Faculdade?

— Faculdade — diz ele.

— Não preciso me preocupar com isso até o ano que vem — observo.

— Nunca é cedo demais pra planejar — insiste ele.

E aí ele começa a falar sobre esse programa na Northwestern em que você pode fazer o curso de medicina completo, tipo, os seis anos, de maneira que, aos 25 anos, você já é residente, e pode ficar perto de casa, mas, é claro, morar no campus e blá-blá-blá. Depois de uns 11 segundos, me dou conta de que ele e mamãe decidiram que eu deveria ir pra esse programa e que estão me apresentando cedo à ideia, e periodicamente vão tocar nesse assunto ao longo do próximo ano, pressionando, pressionando e pressionando. Me dou conta também de que, se eu conseguir entrar, provavelmente irei. Há maneiras piores de se ganhar a vida.

Sabe como as pessoas costumam dizer com frequência que seus pais estão sempre certos? “Siga o conselho dos seus pais; eles sabem o que é bom pra você.” E você sabe como ninguém jamais ouve esse conselho, porque, mesmo que seja verdade, é tão irritante e condescendente que só te faz querer sair por aí e, tipo, desenvolver uma dependência de metanfetamina e fazer sexo sem proteção com 87 mil parceiros anônimos? Bem, eu ouço os

meus pais. Eles sabem o que é bom pra mim. Honestamente, eu dou ouvidos a qualquer um. Quase todo mundo sabe mais que eu.

E/porém/portanto meu pai não faz ideia, mas toda a sua explicação sobre esse futuro é inútil; já está tudo certo por mim. Não, estou pensando no quanto me sinto pequeno nessa cadeira absurdamente grande, e na identidade falsa aquecendo as páginas de Jane Austen, e se estou mais furioso ou espantado com Tiny, e pensando na sexta, em me manter longe de Tiny na roda punk enquanto ele tenta dançar como todo mundo, e no aquecimento ligado forte demais no clube e todo mundo com a roupa molhada de suor, a música num ritmo tão vigoroso e uma sensação de arrepio que nem ligo sobre o que estão cantando.

E digo:

— É, parece mesmo legal, pai.

E ele fica falando que conhece gente lá, e eu fico balançando a cabeça só dizendo uhum, uhum, uhum.

Na segunda de manhã, chego à escola vinte minutos adiantado porque minha mãe tem de estar no hospital às 7h — imagino que alguém tem um tumor extragrande ou coisa parecida. Então me encosto no mastro da bandeira no gramado da frente da escola, esperando Tiny Cooper e tremendo de frio apesar das luvas e do chapéu, e do casaco e do capuz. O vento sopra, cortante, pelo gramado, e posso ouvi-lo fustigando a bandeira acima de mim, mas de maneira nenhuma vou entrar naquele edifício um nanossegundo antes de o sinal da primeira aula soar.

Os ônibus descarregam os alunos, e o gramado começa a se encher de calouros, nenhum dos quais parecendo particularmente impressionado comigo. Então vejo Clint, membro titular do meu ex-Grupo de Amigos, andando em minha direção, vindo do estacionamento do terceiro ano. Consigo me convencer de que de fato ele não está vindo em *minha* direção até que um hálito visível sopra sobre mim como uma pequena e malcheirosa nuvem. E não vou mentir: eu meio que espero que ele esteja prestes a se desculpar pela pequenez mental de certos amigos dele.

“Ei, seu puto”, diz ele. Clint chama todo mundo de *seu puto*. Será um elogio? Um xingamento? Ou talvez sejam as duas coisas de uma só vez, o que precisamente torna o adjetivo tão útil.

Eu me encolho um pouco por causa do azedume do hálito dele e simplesmente digo: “Ei.” Igualmente evasivo. Todas as conversas que tive

com Clint ou com qualquer outro do Grupo de Amigos são idênticas: todas as palavras que usamos são despojadas, para que ninguém nunca saiba o que o outro está dizendo, de modo que toda gentileza seja crueldade, todo egoísmo seja generoso, todo cuidado seja insensível.

E ele diz:

— Tiny me ligou esse fim de semana pra falar do musical dele. Quer que o conselho estudantil o financie.

Clint é o vice-presidente do conselho estudantil.

— Ele me contou a porra toda sobre o musical. A história de um grande filho da puta gay e de seu melhor amigo que usa pinça pra tocar punheta porque o pau dele é muito pequeno. — Ele diz isso tudo com um sorriso. Não está sendo perverso. Não exatamente.

E eu quero dizer: *Isso é incrivelmente original. De onde você tira essas pérolas, Clint? Tem alguma fábrica de piadas na Indonésia, onde crianças de 8 anos trabalham 90 horas por semana pra te entregar esse tipo de comentário espirituoso de alta qualidade? Existem boy bands com material mais original.* Mas não digo nada.

— Pois é — continua Clint. — Acho que talvez ajude Tiny na reunião de amanhã. Porque a peça parece uma ideia fantástica. Só tenho uma pergunta: você vai cantar suas próprias músicas? Porque eu pagaria pra ver isso.

Rio um pouco, mas não muito.

— Não sou muito de drama — respondo, finalmente. Nesse momento, sinto uma presença enorme atrás de mim. Clint levanta muito o queixo pra olhar pra Tiny e então o cumprimenta com um gesto de cabeça. Ele diz:

— E aí, Tiny? — E se afasta.

— Ele tá tentando te roubar de volta? — pergunta Tiny.

Faço meia-volta e *agora* posso falar.

— Você passa o fim de semana todo off-line e sem me ligar, no entanto encontra tempo pra ligar pra *ele* em suas contínuas tentativas de arruinar minha vida social através da magia da música?

— Em primeiro lugar, *Tiny Dancer* não vai arruinar sua vida social, porque você não tem uma. Em segundo, você também não me ligou. Em terceiro, eu estava muito ocupado! Nick e eu passamos quase todo o fim de semana juntos.

— Pensei que tivesse te explicado por que você não pode ficar com o Nick — digo, e Tiny está começando a falar outra vez quando vejo Jane,

encurvada, avançando contra o vento. Ela está usando um casaco de capuz que não é grosso o bastante, e vem em nossa direção.

Eu digo oi, ela diz oi, então caminha e para do meu lado como se eu fosse um aquecedor ou algo assim. Jane estreita os olhos, tentando se proteger do vento, e eu digo: “Ei, toma aqui meu casaco.” Eu o tiro e ela se enterra nele. Ainda estou pensando em uma pergunta pra fazer a Jane quando o sinal dispara e todos entramos apressados.

Não vejo Jane durante todo o dia na escola, o que é um pouco frustrante, porque mesmo nos corredores está congelando, e eu fico o tempo todo preocupado com o fato de que depois das aulas vou congelar até a morte no caminho até o carro de Tiny. Depois do último tempo, desço correndo e destranco meu armário. O casaco está embolado lá dentro.

Bem, é possível passar um bilhete por um armário trancado, através das aberturas de ventilação. Forçando um pouco, até mesmo um lápis. Uma vez, Tiny Cooper enfiou um livro do Happy Bunny em meu armário. Mas acho extraordinariamente difícil imaginar como Jane, que, afinal, não é a pessoa mais forte do mundo, conseguiu enfiar um casaco inteiro pelas pequenas fendas.

Mas não estou aqui pra fazer perguntas, então visto o casaco e saio, a caminho do estacionamento onde Tiny Cooper está partilhando um daqueles apertos-de-mão-seguidos-por-um-abraço com ninguém menos que Clint. Abro a porta do passageiro e entro no Acura de Tiny. Ele entra logo em seguida, e, embora eu esteja puto com ele, até sou capaz de apreciar a fascinante e complexa geometria envolvida no ato de Tiny Cooper entrar em um carro minúsculo.

— Tenho uma proposta — digo enquanto ele se dedica a outro milagre da engenharia: o de prender o cinto de segurança.

— Estou lisonjeado, mas não vou dormir com você — responde Tiny.

— Não tem graça nenhuma. Ouça, minha proposta é que, se você desistir dessa coisa de *Tiny Dancer*, eu vou... bem, o que você quer que eu faça? Porque eu faço qualquer coisa.

— Bem, eu quero que você fique com a Jane. Ou, pelo menos, ligue pra ela. Depois de eu tão habilmente arranjar pra deixar vocês sozinhos, ela parece ter ficado com a impressão de que você não quer ficar com ela.

— E não quero — digo. O que é inteiramente verdade e inteiramente mentira. A verdade estúpida e totalmente abrangente.

— Em que ano acha que estamos, 1832? Quando você gosta de alguém e essa pessoa gosta de você, põe a porra da boca na boca da outra, abre a boca um pouco e então põe só um pedacinho da língua pra fora pra esquentar as coisas. Pelo amor de *Deus*, Grayson. Todo mundo sempre critica que a juventude da América é devassa, que são maníacos por sexo, distribuindo punhetas como se fossem pirulitos, e você não consegue nem beijar uma garota que *decididamente* gosta de você?

— Eu não gosto dela, Tiny. Não assim.

— Ela é *maravilhosa*.

— Como você pode saber?

— Eu sou gay, não cego. O cabelo dela é todo fofo e ela tem o nariz perfeito. Isso, *perfeito*. E o quê? O que vocês gostam? Peitos? Ela parece ter peitos. Eles parecem ser aproximadamente do tamanho normal de peitos. O que mais você quer?

— Não quero falar disso.

Então ele liga o carro e começa a bater a cabeça na buzina ritmicamente. *Peeeeeeem. Peeeeeeem. Peeeeeeem.*

— Você está envergonhando a gente — grito acima da buzina.

— Vou ficar fazendo isso até ter uma lesão cerebral ou você dizer que vai ligar pra ela.

Enfio os dedos nos ouvidos, mas Tiny continua a bater a cabeça na buzina. As pessoas estão nos olhando. Finalmente, digo:

— Está bem. Está bem! **ESTÁ BEM!**

E a buzina cessa.

— Vou ligar pra Jane. Vou ser legal com ela. Mas ainda assim não quero ficar com ela.

— Isso é escolha sua. Uma escolha idiota.

— Então — continuo, esperançoso —, nada de *Tiny Dancer*?

Tiny dá a partida no carro.

— Desculpe, Grayson, mas não posso fazer isso. *Tiny Dancer* é maior que você ou eu, ou qualquer um de nós.

— Tiny, você tem uma compreensão bem distorcida de compromisso.

Ele ri.

— Compromisso é quando você faz o que eu digo pra você fazer e eu faço o que eu quero. O que me lembra: vou precisar de você na peça.

Eu reprimo uma risada, porque essa merda vai deixar de ser engraçada se for apresentada em nosso maldito auditório.

— Nem pensar. Não. NÃO. Além disso, insisto que você não me inclua no texto.

Tiny suspira.

— Você não entende, não é? Gil Wrayson não é *você*; é um personagem fictício. Não posso simplesmente mudar minha arte porque você se sente incomodado com ela.

Tento uma abordagem diferente.

— Você vai se humilhar lá em cima, Tiny.

— Vai acontecer, Grayson. Tenho o apoio financeiro do conselho estudantil. Portanto, cale a boca e lide com o fato.

Eu calo a boca e lido com o fato, mas não telefono pra Jane naquela noite. Não sou o garoto de recados de Tiny.

Na tarde seguinte, volto de ônibus pra casa, porque Tiny está ocupado na reunião do conselho estudantil. Ele me liga assim que acaba.

— Ótimas notícias, Grayson! — grita.

— Ótimas notícias pra alguém são sempre más notícias pra outra pessoa — respondo.

E, de fato, o conselho estudantil aprovou o financiamento de mil dólares pra montagem e produção do musical *Tiny Dancer*.

Nessa noite, estou esperando meus pais chegarem em casa para jantarmos e tentando trabalhar num ensaio sobre Emily Dickinson, mas, principalmente, estou fazendo o download de tudo que os Maybe Dead Cats já gravaram. Eu meio que os amo incondicionalmente. E, enquanto fico ouvindo o som deles, fico querendo dizer a alguém o quanto eles são bons, e aí ligo pra Tiny, mas ele não atende, e então faço exatamente o que Tiny quer — como sempre. Ligo pra Jane.

— Ei, Will — diz ela.

— Eu meio que amo incondicionalmente os Maybe Dead Cats — digo.

— É, eles não são maus. Um pouco pseudointelectuais, mas, afinal, não somos todos?

— Acho que o nome da banda é, tipo, uma referência a um físico — observo. Na verdade, eu *sei* disso. Acabei de pesquisar a banda na

Wikipédia.

— É — concorda ela. — Schrödinger. Só que o nome da banda é um fracasso total, porque Schrödinger é famoso por apontar esse paradoxo na física quântica em que, em certas circunstâncias, um gato não visível pode estar *tanto* vivo *quanto* morto. E não *maybe*, talvez, morto.

— Ah — respondo, pois não posso nem fingir que sabia disso. Eu me sinto um completo imbecil, então mudo de assunto. — Ouvi dizer que Tiny Cooper usou sua Tiny Magia e o musical foi aprovado.

— Sim. Mas, falando nisso, qual é o seu problema com *Tiny Dancer*?

— Você já *leu*?

— Sim. É incrível, se ele conseguir realizá-la.

— Bem, eu sou, assim, o coastro. Gil Wrayson. Esse sou eu, é óbvio. E é... é constrangedor.

— Você não acha que é meio incrível ser, assim, o coastro na vida de Tiny?

— Na verdade, não quero ser o coastro na vida de *ninguém* — afirmo.

Ela não diz nada como resposta.

— Então, como você está? — pergunto após um segundo.

— Normal.

— Só normal?

— Você encontrou o bilhete no bolso do seu casaco?

— O quê... não. Tinha um bilhete?

— Tinha.

— Ah. Espere aí. — Ponho o telefone na mesa e vasculho os bolsos. O problema com os bolsos do meu casaco é que, se eu tiver um lixo pequeno, tipo assim, uma embalagem de Snickers, mas não tiver nenhuma lixeira por perto, meus bolsos acabam se tornando a lixeira. E não sou muito bom em esvaziar os bolsos-lixeiros. Assim, levo alguns segundos pra encontrar um pedaço de folha de caderno dobrado. Do lado de fora diz:

Para: Will Grayson

De: A Houdini do Armário

Pego o telefone e digo:

— Ei, encontrei. — Eu me sinto um pouquinho enjoado, de uma forma que é, ao mesmo tempo, boa e ruim.

— Então, você leu?

— Não — respondo, e me pergunto se não seria melhor não ler o bilhete. Eu não devia ter ligado pra ela, pra começar. — Espere. — Desdobro o papel:

Sr. Grayson,

O senhor deve sempre se certificar de que não há ninguém olhando quando destrancar seu armário. Nunca se sabe (18) quando alguém (26) irá gravar (4) a sua combinação. Obrigada pelo casaco. Creio que o cavalheirismo ainda não morreu.

Sinceramente,

Jane

P.S.: Gosto do fato de que você trata seus bolsos do jeito que eu trato meu carro.

Depois de terminar o bilhete, leio outra vez. Ele torna as duas verdades mais verdadeiras. Eu quero ela. E não quero. Talvez eu seja mesmo um robô. Não tenho a menor ideia do que dizer, então digo a pior coisa possível.

— Muito fofo.

É por isso que tenho de aderir à Regra 2.

No silêncio que se seguiu, tenho tempo de contemplar a palavra fofo — o quanto é depreciativa, como equivale a chamar alguém de pequeno, como transforma a pessoa em um bebê, como a palavra é um letreiro de néon cintilando na escuridão a mensagem: “Sinta-se mal em relação a si mesmo.”

E então finalmente ela diz:

— Não é meu adjetivo preferido.

— Desculpe. Quero dizer, é...

— Sei o que você quer dizer, Will. — Ela me corta. — Me desculpe. Eu, hã, não sei. Acabei de sair de um relacionamento, e acho que estou, assim, só procurando alguém para preencher a vaga, e você é o candidato mais óbvio pra tanto e, ah, meu Deus, isso soa péssimo. Ah, Deus. Vou desligar.

— Me desculpe o fofo. Não era fofo. Era...

— Esqueça. Esqueça o bilhete, de verdade. Eu nem mesmo... Não se preocupe com isso, Grayson.

Depois de pôr um fim desajeitado à ligação, me dou conta do fim que ela pretendia dar à frase “Eu nem mesmo...”. “Eu nem mesmo... gosto de você, Grayson, porque você é meio... Como posso dizer isso de forma educada...

Não muito inteligente. Tipo, você teve de procurar aquele físico na Wikipédia. Eu simplesmente sinto falta do meu namorado, e você não me beijou, então eu meio que quero só porque você não quis, e, de verdade, não é nada de mais, mas eu não consigo encontrar uma forma de te dizer isso sem ferir seus sentimentos, e como sou muito mais piedosa e atenciosa do que você com seus *fofos*, vou simplesmente interromper a frase em *eu nem mesmo*.”

Ligo outra vez pra Tiny, dessa vez não pra falar dos Maybe Dead Cats, e ele atende na metade do primeiro toque e diz:

— Boa noite, Grayson.

Pergunto se ele concorda comigo sobre o provável fim da frase dela, e então pergunto o que teria causado o curto-circuito em meu cérebro pra chamar o bilhete de fofo, e como é possível estar ao mesmo tempo atraído e não atraído por alguém, e se, por acaso, eu não seria um robô incapaz de ter sentimentos verdadeiros, e se você acha que, na verdade, tentar seguir as regras sobre ficar de boca fechada e não me importar fez de mim um tipo de monstro hediondo que ninguém vai amar nem querer casar. Eu falo tudo isso, e Tiny não diz nada, o que é basicamente uma virada sem precedentes nos acontecimentos, e então, quando finalmente me calo, Tiny diz *hummm* daquele seu jeitinho e então continua — e aqui eu o cito em discurso direto: “Grayson, às vezes você é *igual. a. uma. garota*.” E desliga na minha cara.

A frase inacabada fica na minha cabeça a noite toda. E então meu coração de robô decide fazer alguma coisa — o tipo de coisa que seria apreciada por uma hipotética garota-de-quem-eu-gostaria.

Na escola, sexta, almoço super-rápido, o que é muito fácil de fazer, pois Tiny e eu estamos em uma mesa cheia de Gente do Teatro, e eles estão discutindo *Tiny Dancer*, todos falando mais palavras por minuto do que eu falo em um dia inteiro. A curva conversacional segue um padrão distinto — as vozes vão ficando mais altas e mais rápidas, num crescendo, até que Tiny, falando acima de todos, faz uma piada, e a mesa explode numa gargalhada, e as coisas se acalmam brevemente, então as vozes recomeçam, crescendo e crescendo até a iminente erupção de Tiny. Assim que percebo esse padrão, fica difícil não prestar atenção nele, mas tento me concentrar em engolir minhas enchiladas. Despejo uma Coca goela abaixo e me levanto.

Tiny ergue a mão pra silenciar o vozerio.

— Aonde você vai, Grayson?

— Preciso ir ver uma coisa — digo.

Sei a localização *aproximada* do armário dela. Fica aproximadamente na frente do mural do corredor, no qual uma versão mal pintada do mascote da nossa escola, Willie, o Wildkit, diz num balão de fala: “Wildkits Respeitam a TODOS”, o que é hilário em, pelo menos, 14 níveis diferentes, o décimo quarto sendo que *não existe essa coisa de wildkit*. Willie, o Wildkit, parece um leão da montanha, embora, apesar de eu admitir não ser nenhum expert em zoologia, eu esteja razoavelmente seguro de que leões da montanha, na verdade, não respeitam a todos.

Assim, estou recostado no mural do Willie, o Wildkit, numa posição que parece que sou eu que estou dizendo que Wildkits Respeitam a TODOS, e tenho de esperar assim por uns dez minutos, tentando fazer parecer que estou fazendo alguma coisa e pensando que deveria ter levado um livro ou qualquer coisa pra não ficar tão na cara que estou à espreita, e então finalmente o sinal para o início da aula soa e o corredor se enche de gente.

Jane vai até o armário, dou um passo pro meio do corredor, as pessoas abrem caminho pra mim e dou outro passo para a esquerda pra ficar no ângulo certo. Posso ver a mão dela indo até o armário, estreito os olhos e 25-2-11. Me misturo ao fluxo de alunos e vou pra aula de história.

Sétimo tempo, tenho essa aula de criação de videogames. Acaba que criar videogames é incrivelmente difícil e nem de perto tão divertido quanto jogá-los, mas a vantagem da aula é que tenho acesso à internet e meu monitor fica de costas pro professor quase o tempo todo.

Então mando um e-mail para os Maybe Dead Cats.

De: williamgrayson@eths.il.us

Para: thiscatmaybedead@gmail.com

Assunto: Salvem a Minha Vida

Caros Maybe Dead Cats,

Se, por acaso, vocês tocarem “Annus Miribalis” hoje à noite, será que poderiam dedicá-la a 25-2-11 (o segredo do armário de uma tal garota)? Isso seria incrível.

Desculpe o pedido tão em cima da hora,

Will Grayson

A resposta veio antes mesmo do fim da aula.

Will,

Tudo pelo amor.

MDC

Assim, depois da aula, Jane, Tiny e eu vamos ao Frank's Franks, uma lanchonete de cachorro-quente a algumas quadras do clube. Sento-me em uma mesa perto de Jane, o quadril dela encostado no meu. Os casacos estão todos amontoados à nossa frente, ao lado de Tiny. O cabelo dela cai em grandes cachos sobre os ombros, e ela está usando uma blusa de alças finas nada apropriada ao clima, além de muita maquiagem nos olhos.

Porque este é um lugar de cachorro-quente muito chique, um garçom anota nossos pedidos. Jane e eu pedimos um cachorro-quente e um refrigerante cada um. Tiny pede quatro cachorros-quentes com pão, três sem, uma tigela de chilli e uma Coca diet.

— Uma Coca *diet*? — pergunta o garçom. — Você quer quatro cachorros-quentes com pão, três sem pão, uma tigela de chilli e uma Coca *diet*?

— Isso mesmo — diz Tiny, e então explica: — Açúcares simples não me ajudam a ganhar massa muscular.

E o garçom se limita a sacudir a cabeça e falar:

— Aham.

— Pobre do seu sistema digestivo — comento. — Um dia, ele vai se revoltar, subir e estrangular você.

— Sabe que o Treinador diz que idealmente eu deveria ganhar 15 quilos para o começo da próxima temporada, se eu quiser ganhar uma bolsa da Primeira Divisão? É preciso ser *grande*. E ganhar peso é muito difícil pra mim. Eu tento e tento, mas é uma batalha constante.

— Você tem mesmo uma vida muito dura, Tiny — diz Jane.

Eu rio, e nós trocamos olhares, e então Tiny fala:

— Ah, meu Deus, andem *logo* com isso.

O que leva a um silêncio desconfortável que dura até Jane perguntar:

— Então, cadê Gary e Nick?

— Provavelmente fazendo as pazes — diz Tiny. — Terminei com Nick ontem à noite.

— Fez a coisa certa. Estava condenado desde o início.

— Eu sei, está bem? Acho que quero ficar solteiro por um tempo.

Eu me viro para Jane e digo:

— Aposto cinco dólares como ele vai estar apaixonado em quatro horas.

Ela ri.

— Três horas. Fechado.

— Feito.

Trocamos um aperto de mão.

Depois de comer, andamos um pouco pela vizinhança pra matar o tempo e então entramos na fila diante do Storage Room. Faz frio do lado de fora, mas junto ao prédio, pelo menos, estamos protegidos do vento. Na fila, pego minha carteira, passo a identidade falsa pra frente e escondo a carteira de motorista verdadeira entre um cartão do seguro saúde e o cartão de visitas do meu pai.

— Deixe-me ver — pede Tiny, e entrego minha carteira a ele, que diz: — Puxa, Grayson, pela primeira vez na vida você não parece um baitola numa foto.

Pouco antes de chegarmos ao começo da fila, Tiny me empurra pra frente dele; acho que para ter o prazer de me ver usar a identidade pela primeira vez. O segurança usa uma camiseta que não chega a cobrir sua barriga.

— Identidade — diz ele pra mim.

Puxo a carteira do bolso de trás, tiro a identidade e a entrego. Ele dirige o feixe da lanterna pra ela, em seguida, o aponta pra mim, então de volta à identidade, e diz:

— O quê? Você acha que não sei fazer conta?

E eu resmungo:

— Hein?

E o segurança diz:

— Garoto, você tem 20 anos.

E eu digo:

— Não, tenho 22.

E ele me entrega a identidade e diz:

— Bem, sua maldita carteira de motorista diz que você tem 20.

Eu olho pra ela e faço o cálculo. Ela diz que faço 21 no próximo janeiro.

— Hã — murmuro. — É, sim. Desculpe.

Aquele maconheiro idiota e h-o-p-e-l-e-s-s pôs a porra do ano errado na minha identidade. Eu me afasto da entrada do clube, e Tiny me segue, morrendo de rir. Jane está dando risadinhas também. Tiny bate com muita força no meu ombro e diz:

— Só Grayson pra conseguir uma identidade falsa que diz que ele tem 20 anos. Totalmente inútil!

E eu reclamo com Jane:

— Seu amigo colocou o ano errado.

E ela diz:

— Sinto muito, Will. — Mas ela não pode sentir tanto assim, senão pararia de rir.

— Podemos tentar fazer você entrar — sugere Jane, mas eu simplesmente balanço a cabeça.

— Vão vocês — digo. — Me liguem quando acabar. Vou fazer hora no Frank's Franks ou em outro lugar. E, ah, me liguem se tocarem "Annus Miribalis".

E o que acontece é: eles vão. Eles simplesmente voltam para a fila, e eu os vejo entrar no clube, e nenhum deles nem sequer tenta dizer *não, não, não queremos ver o show sem você*.

Não me entendam mal. A banda é ótima. Mas ser preterido por causa dela é uma merda mesmo assim. Na fila, eu não tinha sentido frio, mas agora estou congelando. Está terrivelmente gelado do lado de fora, o tipo de frio em que respirar pelo nariz faz congelar o cérebro. E aqui estou eu sozinho com a porra da minha identidade inútil de cem dólares.

Volto andando até o Frank's Franks, peço um cachorro-quente e como lentamente. Mas sei que não posso ficar comendo esse cachorro-quente pelas duas ou três horas que eles ficarão por lá — não se pode degustar um cachorro-quente. Meu telefone está em cima da mesa, e fico olhando pra ele, torcendo estupidamente pra que Jane ou Tiny liguem. E, sentado aqui, vou ficando cada vez mais e mais puto. Essa é uma maneira horrível de se deixar alguém — sentado sozinho num restaurante — só olhando pro nada, sem nem mesmo um livro como companhia. Não só com Tiny e Jane; estou puto comigo mesmo, por deixá-los ir, por não verificar a data na identidade idiota, por ficar aqui sentado esperando que o telefone toque embora

pudesse estar no carro, indo pra casa. E pensando bem, percebo que esse é o problema em ir pra onde você é empurrado: às vezes, você é empurrado até aqui.

Estou cansado de ir pra onde sou empurrado. Uma coisa é ser empurrado de um lado para o outro pelos meus pais. Mas Tiny Cooper me empurrar pra cima de Jane, e depois me empurrar pra uma identidade falsa, e depois rir do fracasso que resultou disso, e então me deixar aqui sozinho com um maldito cachorro-quente de segunda categoria quando eu nem sou muito fã de cachorros-quentes de primeira — isso é estupidez.

Posso vê-lo em minha mente, a cabeça gorda dele rindo. *Totalmente inútil. Totalmente inútil.* Nem tanto! Posso comprar cigarros, embora eu não fume. Posso até me registrar ilegalmente pra votar. Eu posso... Ah, ei. Hã. Bem, até que é uma ideia.

Na frente do Storage Room, tem esse lugar. Do tipo anúncio de néon e sem vitrines. Bem, eu não gosto particularmente de pornô — ou dos “Livros Adultos” prometidos pela placa do lado de fora da porta —, mas de jeito nenhum vou passar a noite toda no Frank’s Franks *sem* usar minha identidade falsa. Não. Eu vou até a sex shop. Tiny Cooper não tem colhões pra entrar num lugar assim. De jeito nenhum. Estou pensando na história que vou ter quando Tiny e Jane saírem do show. Ponho uma nota de cinco em cima da mesa — uma gorjeta de cinquenta por cento — e ando as quatro quadras. À medida que me aproximo da porta, começo a me sentir ansioso — mas digo a mim mesmo que ficar do lado de fora no auge do inverno no centro de Chicago é muito mais perigoso do que qualquer estabelecimento pode ser.

Abro a porta e entro em uma sala muito iluminada com luz fluorescente. À minha esquerda, um cara com mais piercings que uma almofada de alfinetes está atrás de um balcão, me olhando.

— Você está dando uma olhada ou quer fichas? — pergunta.

Não tenho a menor ideia de que fichas são essas, então digo:

— Dando uma olhada?

— Ok. Em frente — responde ele.

— O quê?

— Vá em frente.

— Você não vai me pedir a identidade?

O sujeito ri.

— Por quê? Você tem 16 anos ou algo assim?

Ele acertou na mosca, mas digo:

— Não, tenho 20.

— Bem, então. Foi o que imaginei. Vá em frente.

E fico pensando: *Ah, meu Deus. Que dificuldade pode haver em conseguir usar uma identidade falsa nesta cidade?* Isso é ridículo! Não vou tolerar isso.

— Não — insisto. — Peça minha identidade.

— Está certo, cara. Se é isso que faz vibrar suas maracas. — E então, de forma dramática, ele pede: — Posso ver sua identidade, por favor?

— Sim — respondo, e a entrego a ele, que olha o documento, me devolve e diz:

— Obrigado, Ishmael.

— De nada — digo, exasperado. E então estou em uma sex shop.

É meio chato, na verdade. Parece uma loja comum — prateleiras de DVDs e antigas fitas de VHS e um rack de revistas, tudo sob esse ofuscante brilho fluorescente. Quero dizer, tem, sim, algumas diferenças de uma locadora comum, eu acho, como: A. Na locadora comum, muito poucos DVDs têm as palavras *comer* ou *vadia*, enquanto aqui o oposto parece ser o caso, e também: B. Tenho certeza de que a locadora comum não tem nenhum acessório para espancamento, enquanto nesse lugar existem vários. Além disso, C. Na locadora comum tem muito poucos itens à venda que fazem você pensar: “Não faço a menor ideia do que isso supostamente faz ou onde supostamente faz.”

Afora o *Señor con Muchos Piercings*, o lugar se encontra vazio, e eu quero muito sair daqui porque essa é possivelmente a parte mais constrangedora e desagradável do que foi até aqui um dia bastante constrangedor e desagradável. Mas a incursão será completamente inútil se eu não comprar algo pra provar que estive aqui. Meu objetivo é encontrar o item que seja a prova mais engraçada, aquele que fará Tiny e Jane sentirem que eu tive uma noite divertida que eles podem apenas vislumbrar, e é como eu finalmente venho a me decidir por uma revista em espanhol chamada *Mano a Mano*.

capítulo seis

nesse momento, quero dar um salto à frente no tempo. ou, se isso não funcionar, fico com voltar no tempo.

quero saltar no tempo porque em vinte horas estarei com isaac em chicago, e estou disposto a pular tudo nesse meio-tempo pra chegar a ele mais rápido. não ligo se em dez horas eu ganhasse na loteria, ou se em 12 horas tivesse a chance de terminar mais cedo o ensino médio. não me importo se em 14 horas eu pudesse tocar uma punheta e ter o orgasmo mais revelador de toda a história não registrada. avançaria à frente de tudo isso pra estar com Isaac em vez de ter de me resignar a pensar nele.

quanto a voltar no tempo, é muito simples — quero voltar e matar o cara que inventou a matemática. por quê? porque neste exato momento estou na mesa do almoço e derek está dizendo

derek: você não está empolgado com as olimpíadas de matemática amanhã?

essas simples palavras — *olimpíadas de matemática* — fazem com que cada grama de anestesia que já coletei em meu corpo se esvaia imediatamente.

eu: puta que o p...

há quatro atletas de matemática em nossa escola. eu sou o número quatro. derek e simon são os números um e dois, e para participar das competições são necessários pelo menos quatro membros. (o número três é um calouro cujo nome eu deliberadamente esqueço. o lápis dele tem mais personalidade que ele.)

simon: você lembrava, não é?

ambos puseram os burgers de carne no prato (é assim que o cardápio da cantina chama os hambúrgueres — burgers de carne), e estão me olhando com expressões tão vazias que juro que posso ver as telas dos computadores refletidas em seus óculos.

eu: não sei. não estou me sentindo muito inclinado à matemática. talvez vocês devessem me subtrair...

derek: isso não tem graça.

eu: rá-rá! não era para ter!

simon: eu já disse — não precisa fazer nada. numa olimpíada de matemática, você entra como uma equipe, mas é julgado individualmente.

eu: vocês sabem que sou o maior apoiador de vocês nas olimpíadas de matemática. mas eu, hã, meio que fiz outros planos pra amanhã.

derek: não pode fazer isso.

simon: você disse que iria.

derek: prometo que vai ser divertido.

simon: ninguém mais vai querer ir.

derek: *vamos nos divertir.*

posso ver que derek está chateado pois parece que está considerando ter uma breve resposta emocional aos estímulos informacionais que lhe estão sendo apresentados. talvez seja demais, porque ele larga o burger de carne, pega a bandeja, murmura algo sobre multas na biblioteca e deixa a mesa.

não há a menor dúvida na minha cabeça de que vou dar um bolo nesses caras. a única questão é se posso ou não fazer isso sem me sentir um merda. acho que é um sinal de desespero, mas resolvo contar a simon algo remotamente próximo à verdade.

eu: olhe, você sabe que normalmente eu estaria vibrando com a olimpíada. mas isso é tipo uma emergência. marquei um... acho que você pode chamar de encontro. e preciso muito, muito ver essa pessoa, que está vindo de muito longe pra me ver. e se houvesse alguma maneira de fazer isso e ir à competição de matemática com vocês, eu iria. mas não posso. é tipo... se um trem está viajando a 150 quilômetros por hora e ele precisa partir da competição de matemática e chegar ao meio de chicago em, assim, dois minutos para um encontro, nunca vai chegar a tempo. então, tenho de pular

no expresso, porque os trilhos que levam ao encontro só estão sendo assentados dessa vez, e, se eu pegar o trem errado, vou ficar mais infeliz do que qualquer equação poderia explicar.

é uma sensação tão estranha contar isso a alguém, principalmente a simon.

simon: não importa. você disse que iria e precisa ir. esse é um caso em que quatro menos um é igual a zero.

eu: mas, simon...

simon: pare de se lamentar e encontre outro corpo quente pra colocar no carro do sr. nadler com a gente. ou até mesmo um corpo frio, se ele puder ser mantido na posição vertical por uma hora. seria bom pra variar ter alguém que saiba de fato somar, mas juro que não serei exigente, *seu traste*.

é incrível como em geral consigo chegar ao fim do dia sem perceber que não tenho muitos amigos. isto é, uma vez que você saia dos top cinco vai encontrar muito mais a equipe de manutenção do que membros do corpo de estudantes. e, embora o zelador jim não se importe se eu roubar um rolo de papel higiênico de vez em quando pra “projetos de arte”, tenho a sensação de que ele não estaria disposto a perder a noite de sexta-feira numa viagem com os calculidiotas e suas tietes do corpo docente.

sei que só tenho uma chance, e essa não é das mais fáceis. maura esteve o dia todo de bom humor — bem, uma versão bem-humorada de maura, o que significa que a previsão anuncia chuvisco em vez de tempestade. ela não mencionara a história de ser ou não gay, e deus sabe que eu também não.

espero até a última aula, sabendo que, sob pressão, é mais provável que ela diga sim. embora estejamos sentados perto um do outro, pego o telefone e, debaixo da carteira, mando uma mensagem de texto pra ela.

eu: o q vc vai fazer amanhã à noite?

maura: nada. quer fazer alguma coisa?

eu: quem dera. tenho de ir a chicago com minha mãe.

maura: diversão?

eu: preciso que vc me substitua nas olimpíadas de matemática. senão s&d estão fodidos.

maura: vc está brincando, não é?
eu: não, eles vão estar fodidos mesmo.
maura: e pq eu iria?
eu: pq eu vou te dever 1. e vou te dar 20 pratas.
maura: me deve 3 e me paga 50.
eu: feito.
maura: estou salvando estas mensagens.

a verdade? provavelmente acabei de livrar maura de uma tarde passeando no shopping com a mãe, ou fazendo dever de casa, ou espetando uma caneta nas veias pra conseguir algum material pra poesia. depois das aulas, digo a ela que sem dúvida conhecerá um quarto elemento da equipe de alunos, um malandro de alguma cidade da qual nunca ouvimos falar, e os dois vão dar uma escapada pra fumar um cigarro de cravo e falar como todos os outros são estúpidos, enquanto derek e simon e aquele calouro idiota são esmagados em teoremas e rombazoides. na realidade, estou fazendo maravilhas pela vida social dela.

maura: não abusa.
eu: juro, vai ser legal.
maura: quero 20 pratas adiantadas.

fico feliz por não ter precisado mentir e dizer que ia visitar minha avó doente ou alguma coisa assim. esse tipo de mentira é perigoso, porque você sabe que, no minuto que disser que sua avó está doente, o telefone vai tocar, e sua mãe vai entrar no quarto com notícias muito ruins sobre o pâncreas da sua avó, e embora você saiba que mentirinhas brancas não causam câncer, ainda assim vai se sentir culpado pelo resto da vida. maura me faz mais perguntas sobre a viagem a chicago com minha mãe, e faço parecer que é pra passarmos mais tempo juntos, e como maura tem pai e mãe felizes, e eu tenho só uma mãe deprimida, ganho seu voto de simpatia. estou pensando tanto em isaac que fico completamente apavorado de deixar escapar o nome dele, mas felizmente o interesse de maura me mantém alerta.

quando chega a hora de ela seguir seu caminho e eu, o meu, ela faz mais uma tentativa pela verdade.

maura: tem alguma coisa que você queira me dizer?

eu: sim. quero te dizer que meu terceiro mamilo está produzindo leite e que as bandas da minha bunda estão ameaçando se sindicalizar. o que acha que devo fazer?

maura: tenho a sensação de que você não está me contando alguma coisa.

eis o problema com maura: tudo gira em torno dela. sempre. normalmente não me importo com isso, porque se tudo gira em torno dela, então nada precisa me dizer respeito. mas, às vezes, o apego dela aos holofotes me envolve e é isso que eu detesto.

ela está fazendo beicinho pra mim agora, e, a seu favor, trata-se de um beicinho genuíno. não que ela esteja tentando me manipular, fingindo estar aborrecida. maura não faz esse tipo de bobagem e é por isso que eu a tolero. posso dizer tudo na cara dela, e isso é valioso em um amigo.

eu: vou te contar quando tiver alguma coisa pra contar, ok? agora vá pra casa e estude matemática. aqui... fiz alguns fichamentos pra você memorizar.

procuro na mochila os fichamentos que fiz na sétima aula, meio que sabendo que maura diria sim. não são exatamente fichas, já que não ando por aí com um punhado de papéis de fichário na mochila pra fichar emergências. mas eu fiz umas linhas pontilhadas no papel de modo que ela vai saber onde cortar. cada um deles tem sua própria equação.

$$2 + 2 = 4$$

$$50 \times 40 = 2000$$

$$834620 \times 375002 = \textit{quem se importa com esta porra?}$$

$$x + y = z$$

$$\textit{pau} + \textit{xoxota} = \textit{um casal homem-mulher feliz}$$

$$\textit{azul} + \textit{vermelho} = \textit{roxo}$$

$$\textit{eu - olimpíadas de matemática} = \textit{eu} + \textit{gratidão a você}$$

maura olha pra eles por um segundo, então dobra o pedaço de papel seguindo as linhas pontilhadas, fazendo várias dobras, como um mapa. ela não sorri nem nada parecido, mas parece não puta comigo por um segundo.

eu: não deixe derek e simon ficarem muito animadinhos, ok? leve sempre uma proteção no bolso.

maura: acho que vou conseguir manter minha virgindade numa competição de matemática.

eu: você diz isso agora, mas vamos ver daqui a nove meses. se for uma menina, você deve chamá-la *logorreia*. se for um menino, escolha *trigo*.

e de fato me ocorre que, do jeito que a vida é, maura provavelmente *vai* conseguir algum cara gato incapacitado para a matemática pra colocar o mais dele no menos dela, enquanto dá tudo errado pra mim com isaac e eu volto pra casa, pro consolo da minha própria mão.

decido não dizer nada disso a maura, afinal, pra que agourar nós dois?

maura me dá um “bom-dia” de verdade antes de ir e parece ter mais alguma coisa a dizer, mas decidiu não fazê-lo. outra razão pra me deixar grato.

agradeço a ela outra vez. e outra vez. e outra vez.

com isso resolvido, sigo pra casa e troco e-mails com isaac assim que ele chega da escola — hoje ele não tem trabalho. repassamos nosso plano umas duas mil vezes. ele diz que um amigo sugeriu que nos encontrássemos em um lugar chamado frenchy’s, e como não conheço chicago tanto assim, tirando os lugares aonde se vai nas excursões escolares, digo a ele que tudo bem por mim, e imprimo as instruções que ele me manda.

quando acabamos, vou ao facebook e olho seu perfil pela milésima milionésima vez. ele não o atualiza com muita frequência, mas é um lembrete suficientemente bom pra mim de que ele é real. quero dizer, nós trocamos fotos e conversamos o bastante pra que eu saiba que ele é real — não se trata de alguém de 46 anos que já preparou um lugar pra mim na traseira de sua van sem identificação. não sou tão idiota assim. vamos nos encontrar em um local público e vou estar com meu celular. mesmo que isaac tenha um surto psicótico, estarei preparado.

antes de ir dormir, olho todas as fotos que tenho dele, como se já não tivesse memorizado todas elas. tenho certeza de que vou reconhecê-lo no momento em que o vir. e tenho certeza de que será um dos melhores momentos da minha vida.

a tarde de sexta-feira após a escola é cruel. quero cometer um assassinato de umas mil maneiras diferentes, e é o meu armário a vítima. não tenho a

menor ideia do que vestir — e eu *não* sou absolutamente o tipo de cara o-que-vou-usar, então é como se eu sequer compreendesse a tarefa diante de mim. cada maldita peça de roupa que tenho parece ter escolhido este exato momento pra revelar seus defeitos. visto essa camisa que sempre pensei que ficasse bem em mim, e de fato ela faz meu peito parecer ter alguma definição. mas então percebo que está tão pequena que, se eu levantar os braços um centímetro sequer, os pelos púbicos na minha barriga ficarão totalmente expostos. então experimento essa camisa preta que faz parecer que estou me esforçando muito para impressionar, e então essa camisa branca que está legal até eu encontrar uma mancha perto da bainha, que espero que seja suco de laranja, mas que é provavelmente de quando eu enfiei a camisa na calça sem balançar antes. camisetas de bandas são óbvias demais — se eu usar a camisa de uma das bandas favoritas dele, vou parecer puxa-saco, e se usar a de uma que ele não gosta, ele vai pensar que tenho mau gosto. minha camisa cinza de capuz está blergh demais, e essa camisa azul é praticamente da mesma cor do jeans, e usar azul da cabeça aos pés é algo que somente o come-come da Vila Sésamo pode fazer.

pela primeira vez na vida percebo uma outra utilidade para os cabides, quando, depois de 15 minutos experimentando coisas e jogando-as de lado, tudo que tenho vontade de fazer é pendurar um deles no alto da porta do armário, pôr meu pescoço no buraco e deixar meu peso cair. minha mãe vai chegar e pensar que se trata de uma prática de asfixia autoerótica em que nem mesmo tive tempo de pôr o pau pra fora, e não vou estar vivo pra dizer a ela que acho que a asfixia autoerótica é uma das coisas mais idiotas em todo o universo, lá no topo da lista, ao lado de republicanos gays. mas, sim, estarei morto. e vai ser como um episódio de *CSI*, e os investigadores virão e passarão 43 minutos mais comerciais vasculhando minha vida e no fim vão levar minha mãe até a delegacia e fazê-la sentar-se e lhe dizer a verdade.

policial: senhora, seu filho não foi assassinado. ele só estava se arrumando pra um primeiro encontro.

estou meio que sorrindo, imaginando como a cena seria filmada, e então me lembro de que estou sem camisa no meio do quarto, e que tenho um trem pra pegar. finalmente escolho essa camisa que tem uma figurinha de um robô feito com silver tape ou coisa parecida, com as palavras *garoto robô*

em letras pequenas e minúsculas embaixo dela. não sei por que gosto dessa blusa, mas gosto. e não sei por que acho que isaac vai gostar, mas acho.

sei que devo estar nervoso, porque na verdade estou pensando *como está meu cabelo*, mas quando olho no espelho do banheiro, decido que ele vai ficar do jeito que quiser, e, como em geral ele fica melhor quando está ventando, vou simplesmente pôr a cabeça pra fora da janela do trem durante o percurso ou algo do gênero. eu poderia usar os produtos de cabelo da minha mãe, mas não tenho a menor vontade de cheirar como borboletas no campo. então, por fim, estou pronto.

disse à mamãe que a competição de matemática é em chicago — achei que, se era pra mentir, então ela poderia pensar que chegamos às finais estaduais. disse a ela que a escola havia fretado um ônibus, mas em vez disso sigo para a estação de trem, sem problemas. Meus nervos estão completamente em frangalhos a essa altura. tento ler *o sol é para todos* para a aula de inglês, mas é como se as letras fossem um belo desenho na página e não significassem mais para mim do que os padrões nos assentos do trem. poderia ser um filme de ação chamado *corra que o sol vai derreter!* e ainda assim eu não estaria prestando atenção. assim, fechei os olhos e fiquei ouvindo meu ipod, mas é como se ele tivesse sido programado por um cupido cruel, porque todas as músicas me fazem pensar em isaac. ele se tornou a pessoa de quem as canções falam. e embora parte de mim saiba que ele provavelmente vale a pena, outra parte está gritando pra mim: *mais devagar com essa porra*. embora vá ser emocionante ver isaac, também vai ser constrangedor. o importante será não deixar esse constrangimento tomar conta da gente.

levo cerca de cinco minutos pra pensar em meu histórico de encontros — cinco minutos é, de fato, todo o tempo que posso preencher — e sou levado de volta à traumática experiência de, bêbado, me pegar com carissa nye na festa de sloan mitchell alguns meses atrás. a parte dos beijos, na verdade, foi excitante, mas, quando ficou mais sério, o rosto dela exibindo aquela expressão estupidamente ardente, eu quase caí na gargalhada. tivemos alguns problemas sérios com o sutiã cortando a circulação do sangue para o cérebro, e quando eu finalmente tive os peitos dela nas minhas mãos (não que eu tivesse pedido isso), eu não sabia o que fazer com eles, exceto acariciá-los, como se fossem cachorrinhos. os cachorrinhos gostaram, e carissa resolveu me dar uma esfregada ou duas também, e eu gostei, porque

quando se trata disso, mãos são mãos, e toque é toque, e seu corpo reage da maneira que seu corpo reage. ele não dá a mínima para a conversa que se vai ter depois — não só com carissa, que queria ser minha namorada e de quem tentei me desvencilhar suavemente, mas acabei magoando de qualquer maneira. não, também precisei lidar com maura, porque no momento em que ela soube o que aconteceu (não pela minha boca), ficou puta (exclusivamente comigo). disse que achava que carissa estava me usando, e agia como se pensasse que eu estava usando carissa, quando na verdade o negócio todo foi qualquer coisa, e independentemente de quantas vezes eu dissesse isso a maura, ela se recusava a me deixar em paz. durante semanas precisei aturar ela gritando “bem, por que você não liga pra carissa, então?” todas as vezes que discordávamos. só por isso, a pegação já não valeu a pena.

isaac, é claro, é completamente diferente. não só no aspecto do amasso. embora ele certamente exista. não estou indo pra capital só pra me pegar com ele. essa pode não ser a última coisa em minha mente, mas também não é nem de perto a primeira.

pensei que fosse chegar cedo, mas naturalmente, quando me aproximo do local aonde vamos nos encontrar, estou mais atrasado que a menstruação de uma grávida. caminho pela michigan avenue com as garotas e os garotos turistas a poucos minutos da hora de ir pra casa, e todos eles parecem que acabaram de sair de um treino de basquete ou de assistir a um jogo de basquete na tv. definitivamente dou uma olhada em alguns espécimes, mas é puramente pesquisa científica. pelos próximos, hã, dez minutos, posso me guardar pra isaac.

me pergunto se ele já está lá. se está tão nervoso quanto eu. se passou tanto tempo quanto eu escolhendo uma camisa. se por alguma aberração da natureza estaremos usando a mesma coisa. como se estivéssemos assim tão predestinados que deus decidisse tornar isso *totalmente* óbvio.

mãos suadas. *confere*. ossos trêmulos. *confere*. a sensação de que todo o oxigênio do ar foi substituído por gás hélio. *sim*. olho o mapa 15 vezes por segundo. faltam cinco quadras. faltam quatro quadras. faltam três quadras. faltam duas quadras. state street. a esquina. à procura da frenchy's. pensando que vai ser uma lanchonete fashion. ou um café. ou uma loja de discos independentes. ou mesmo um restaurante decadente.

então chegando lá e descobrindo... é uma sex shop.

pensando que talvez a sex shop tenha recebido o nome de algum estabelecimento próximo. talvez esse seja o bairro frenchy's, e tudo tenha o nome frenchy's, como quando se vai ao centro da cidade e se encontra a lanchonete do centro e a lavanderia do centro e o instituto de ioga do centro. mas não. dou a volta no quarteirão. tento o outro lado. verifico o endereço várias vezes.

e lá estou eu. de volta àquela porta.

lembro que foi o amigo de isaac que sugeriu o lugar. ou pelo menos foi o que ele disse. se isso é verdade, talvez seja uma piada e o pobre isaac chegou aqui primeiro e está à minha espera lá dentro, mortificado. ou talvez seja algum tipo de teste cósmico. tenho de atravessar o rio de extremo constrangimento a fim de alcançar o paraíso do outro lado.

que se foda, concluo.

com o vento frio soprando à minha volta, eu entro.

capítulo sete

Ouço o *bing* eletrônico, me viro e vejo um garoto entrando. Naturalmente, não lhe pedem a identidade, e, embora ele esteja no lado peludo da puberdade, não existe a menor chance de ele ter 18 anos. Pequeno, de olhos arregalados, muito louro e absolutamente apavorado — tão assustado quanto eu provavelmente estaria se já não tivesse sido levado ao limite pela conspiração anti-Will Grayson envolvendo A. Jane, B. Tiny, C. O espécime cheio de piercings atrás do balcão e D. O Sr. McCópia chapadão.

Mas, de qualquer forma, o garoto está me olhando com um nível de intensidade que acho muito perturbador, sobretudo levando-se em conta o fato de eu estar segurando um exemplar da *Mano a Mano*. Tenho certeza de que existem várias maneiras fantásticas de indicar ao estranho menor de idade de pé ao lado da Grande Muralha de Vibradores que eu, na verdade, não sou fã da *Mano a Mano*, mas a estratégia particular que escolho é murmurar: “É, hã, para um amigo.” O que é verdade, mas A. Não é uma desculpa muito convincente, e B. Ela sugere que sou o tipo de cara que é amigo do tipo de cara que gosta da *Mano a Mano*, e sugere ainda que C. Sou o tipo de cara que compra revistas pornô para os amigos. Logo depois de dizer “É para um amigo”, me dou conta de que deveria ter dito: “Estou tentando aprender espanhol.”

O garoto continua a me olhar, e, após alguns instantes, estreita os olhos, forçando a visão. Sustento o olhar dele por alguns segundos, mas em seguida desvio. Por fim, ele passa por mim e entra no corredor dos vídeos. Parece que está procurando por alguma coisa específica, e que essa coisa específica não está relacionada a sexo, e, nesse caso, suspeito que não vai encontrá-la aqui. Ele serpenteia na direção dos fundos da loja, onde se vê uma porta aberta, a qual acredito que deva estar de alguma forma ligada às “fichas”. Tudo que quero é dar o fora daqui com meu exemplar de *Mano a Mano*, então vou até o cara dos piercings e digo:

— É só isso, por favor.

Ele registra na caixa.

— Nove e oitenta e três — diz.

— Nove DÓLARES? — pergunto, incrédulo.

— E oitenta e três centavos — acrescenta ele.

Balanço a cabeça. Essa brincadeira está ficando extraordinariamente cara, mas não vou voltar para o bizarro rack de revistas e procurar uma pechincha. Vasculho os bolsos e reúno algo perto de quatro dólares. Suspiro, e então levo a mão ao bolso traseiro e entrego ao cara meu cartão de débito. Meus pais olham o extrato, mas não vão distinguir *Frenchy's* de *Denny's*.

O sujeito olha o cartão. Olha pra mim. Olha o cartão. Olha pra mim. E um segundo antes de ele falar, eu me dou conta: meu cartão diz William Grayson. Minha identidade diz Ishmael J. Biafra.

Bem alto, o cara diz:

— William. Grayson. William. Grayson. Onde *foi* que eu vi esse nome antes? Ah, certo. NÃO foi na sua carteira de motorista.

Pondero minhas opções por um instante e então digo, bem baixinho:

— O cartão é meu. Eu sei a senha. Apenas... registre.

Ele passa o cartão pela máquina e diz:

— Não tô nem aí, garoto. O dinheiro é o mesmo.

E, nesse exato momento, sinto o garoto logo atrás de mim, me olhando outra vez, e então eu faço meia-volta, e ele diz:

— O que você disse?

Só que não está falando comigo, está falando com o Piercings.

— Eu disse que não tô nem aí pra identidade dele.

— Você não me chamou?

— De que porra você tá falando, garoto?

— William Grayson. Você falou William Grayson? Alguém aqui me chamou?

— Hã? Não, garoto. William Grayson é esse cara aqui — diz ele, me apontando com a cabeça. — Bem, há duas correntes de pensamento, creio, mas é o que diz *neste* cartão.

E o garoto me olha confuso por um instante e por fim pergunta:

— Qual é o seu nome?

Isso está me apavorando. A *Frenchy's* não é um lugar para *conversas*. Assim, digo simplesmente para o Piercings:

— Você pode me dar a revista? — E Piercings a entrega a mim em uma sacola plástica de um preto completamente opaco e sem identificação, pela qual me sinto muito grato, e em seguida me dá o cartão e a nota fiscal. Saio pela porta, corro meia quadra pela Clark e então me sento no meio-fio e espero meu pulso desacelerar.

O que está começando a acontecer quando meu companheiro menor de idade e peregrino na Frenchy's vem correndo até mim e pergunta:

— Quem é você?

Eu me levanto e respondo:

— Hã, eu sou Will Grayson.

— W-I-L-L G-R-A-Y-S-O-N? — pergunta, soletrando impossivelmente rápido.

— Hã, sim — digo. — Por que a pergunta?

O garoto me olha por um segundo, a cabeça inclinada, como se pensasse que eu poderia estar passando um trote nele. Então finalmente diz:

— Porque eu também sou Will Grayson.

— Tá de sacanagem? — pergunto.

— Não — diz o cara.

Não consigo decidir se ele é paranoico ou esquizofrênico, ou ambos, mas nesse momento ele puxa uma carteira emendada com silver tape do bolso traseiro e me mostra uma carteira de motorista do Illinois. Nossos nomes do meio, pelo menos, são diferentes, mas... sim.

— Bem — digo —, foi bom te conhecer. — E começo a me afastar, porque, nada contra o cara, mas não quero puxar assunto com alguém que frequenta lojas pornôs, mesmo que, tecnicamente falando, eu mesmo seja um cara que frequenta lojas pornôs. Mas ele toca o meu braço, e parece pequeno demais pra ser *perigoso*, então torno a me virar e ele pergunta:

— Você conhece Isaac?

— Quem?

— Isaac?

— Não conheço nenhum Isaac, cara — digo.

— Era para eu encontrá-lo naquele lugar, mas ele não está lá. Você não se parece com ele, mas pensei... Eu não sei o que pensei. Como é que... Que diabos está acontecendo? — O garoto gira em um círculo rápido, como se estivesse procurando um cameraman ou coisa parecida. — Foi Isaac quem mandou você fazer isso?

— Acabei de dizer, cara: não conheço nenhum Isaac.

Ele se vira outra vez, mas não tem ninguém atrás dele. Ele ergue os braços para o ar e diz:

— Eu não sei nem *sobre o que* surtar agora.

— Esse está sendo um dia maluco pra Will Graysons por toda parte — observo.

Ele balança a cabeça e então se senta no meio-fio, e eu o acompanho, pois não há mais nada a fazer. Ele me examina com atenção, então desvia os olhos, e depois me olha de novo. E aí dá um beliscão de verdade no próprio braço.

— É claro que não. Meus sonhos não são tão estranhos assim.

— É — digo. Não consigo descobrir se ele quer que eu fale com ele, e também não consigo descobrir se quero falar com ele, mas, passado um minuto, digo: — Então, hã, como você conheceu o Isaac me-encontre-na-sex-shop?

— Ele é só... um amigo. Nos conhecemos na internet faz muito tempo.

— Na internet?

Se é que é possível, Will Grayson consegue encolher-se ainda mais. Com os ombros curvados, fita com intensidade a sarjeta da rua. Eu sei, naturalmente, que existem outros Will Graysons. Já joguei meu nome no Google suficientes vezes pra saber disso. Mas nunca pensei que fosse ver um. Por fim, ele diz:

— É.

— Você nunca viu esse cara pessoalmente? — insisto.

— Não — confirma ele —, mas já o vi, assim, numas mil fotos.

— Ele é um homem de 50 anos — digo assertivamente. — Um pervertido. De um Will pra outro: não tem a menor chance de Isaac ser quem você pensa que ele é.

— Ele provavelmente só... Eu não sei, talvez tenha encontrado outra droga de Isaac no ônibus e esteja preso no Mundo Bizarro.

— Por que diabos ele te pediria que fosse para a Frenchy's?

— Boa pergunta. Por que alguém iria a uma sex shop? — Ele me dirige um sorriso um pouco presunçoso.

— Boa pergunta — observo. — Sim, é verdade. Mas tem uma história por trás disso.

Espero um segundo para que Will Grayson me pergunte sobre a minha história, mas ele não pergunta. Então começo a contar assim mesmo. Conto a ele sobre Jane, Tiny Cooper e os Maybe Dead Cats e “Annus Miribalis”, e o segredo do armário de Jane e o atendente da loja copiadora que não sabia contar, e arranco dele algumas risadas ao longo da história, mas na maior parte do tempo ele fica lançando olhares para a Frenchy’s, à espera de Isaac. O rosto dele parece alternar entre esperança e raiva. Na verdade, ele presta muito pouca atenção em mim, o que eu acho ok, de verdade, porque só estou contando minha história para ele por contar, falando com um estranho porque essa é a única maneira segura de falar, e o tempo inteiro mantenho a mão no bolso, segurando o celular, porque quero ter certeza de que vou senti-lo vibrando se alguém ligar.

E então ele me conta sobre Isaac, que são amigos há um ano, e que ele sempre quis encontrá-lo porque não existe ninguém igual a Isaac no subúrbio onde ele mora, e logo me ocorre que Will Grayson gosta de Isaac de uma maneira não-completamente-platônica.

— Então eu pergunto: que pervertido de 50 anos faria isso? — diz Will.
— Que pervertido passaria um ano de sua vida conversando comigo, me contando tudo sobre seu eu falso, enquanto conto a ele tudo sobre meu eu real? E se um pervertido de 50 anos fez isso, por que não apareceu na Frenchy’s pra me estuprar e matar? Mesmo numa noite totalmente impossível, isso é *totalmente impossível*.

Reflico sobre isso por um segundo.

— Não sei — respondo, por fim. — As pessoas são estranhas pra cacete, caso você não tenha percebido.

— É. — Ele não está mais olhando a todo instante para a entrada da Frenchy’s, apenas pra frente. Posso vê-lo com o canto do olho, e tenho certeza de que ele pode me ver com o canto do seu, mas na maior parte do tempo não estamos olhando um para o outro, e sim para o mesmo ponto na rua, onde os carros passam, barulhentos, meu cérebro tentando dar um sentido a todas as impossibilidades, todas as coincidências que me trouxeram aqui, todas as coisas falsas-e-verdadeiras. E ficamos em silêncio por um tempo tão longo que tiro o celular do bolso, olho pra ele e confirmo que ninguém ligou, então torno a guardá-lo, e aí finalmente sinto Will desviando o olhar do tal ponto na rua e voltando-o pra mim, até dizer:

— O que você acha que isso significa?

— O quê? — pergunto.

— Não existem tantos Will Graysons assim — diz. — Tem de significar alguma coisa, um Will Grayson encontrar outro Will Grayson em uma sex shop aleatória que nenhum dos dois Will Graysons frequenta.

— Você está sugerindo que Deus levou dois Will Graysons de Chicagoland, menores de idade, até a Frenchy's ao mesmo tempo?

— Não, babaca — continua ele —, mas quero dizer que isso deve significar *alguma coisa*.

— Sim — retruco. — É difícil acreditar em coincidências, porém é ainda mais difícil acreditar em outra coisa. — Nesse exato momento, o celular ganha vida na minha mão, e, quando o estou tirando do bolso, o telefone de Will Grayson começa a tocar.

E, até mesmo pra mim, isso é coincidência demais. Ele murmura: “Meu Deus, é Maura” como se eu fosse saber quem é Maura, e fica olhando o aparelho, parecendo não ter certeza se deve ou não atender. Minha ligação é de Tiny. Antes de abrir o telefone, digo a Will:

— É meu amigo Tiny. — E estou olhando pra Will; para o fofo e perdido Will.

Abro o telefone.

— Grayson! — berra Tiny acima do barulho da música. — Estou apaixonado por esta banda! Vamos ficar mais umas duas músicas e então vou aí pegar você. Onde você está, baby? Onde está meu lindo bebezinho Grayson?

— Estou do outro lado da rua — grito de volta. — E é melhor você se ajoelhar e agradecer ao doce Senhor, porque, Tiny, eu tenho um cara pra você.

capítulo oito

estou surtando tanto que se tirassem um palhaço do meu rabo eu não ficaria nada surpreso.

talvez tudo fizesse um pouco de sentido se esse OUTRO WILL GRAYSON que se encontra bem ao meu lado não fosse absolutamente um will grayson, mas em vez disso o campeão medalha de ouro das olimpíadas da loucura. não que ao vê-lo pela primeira vez eu tivesse pensado comigo mesmo: *ei, o nome daquele garoto deve ser will grayson também*. não, a única coisa que pensei foi: *ei, esse não é isaac*. a idade certa, mas o rosto completamente errado. então o ignorei. voltei-me para o dvd que fingia examinar, de um filme pornô intitulado *o som e a fera*. era sobre “sexo animal”, com umas pessoas na capa usando fantasias de vaca (um úbere). fiquei feliz que nenhuma vaca de verdade houvesse sido machucada (ou saciada) durante as filmagens. ainda assim. não é a minha praia. ao lado dele estava um dvd intitulado *transando no leito de morte*, que tinha uma cena de hospital na capa. era como *grey's anatomy*, só que com menos grey e mais anatomy. pensei por um instante: *mal posso esperar pra contar isso a isaac*, esquecendo, é claro, que ele deveria estar aqui comigo.

não que eu pudesse não tê-lo visto entrar; o lugar estava vazio, exceto por mim, o.w.g., e o atendente, que parecia o pillsbury doughboy, o bonequinho de massa da pillsbury company, se a massa tivesse ficado fora da geladeira por uma semana inteira. creio que todas as outras pessoas usavam a internet para obter seus produtos pornôs. e a frenchy's não era exatamente convidativa — tinha a iluminação de uma loja de conveniências, que fazia todo o plástico parecer muito mais plástico e o metal parecer muito mais metálico, e as pessoas nuas nas capas dos dvds parecerem ainda menos sensuais e mais com pornografia barata. passando por *boquete em moisés e deleite vespertino em agosto*, eu me vi nessa bizarra seção de itens em formato de pênis. como minha mente é, no fundo, cheia de merda, comecei

imediatamente a imaginar uma sequência de *toy story* intitulada *sex toy story*, na qual todos esses consolos e vibradores subitamente ganham vida e têm de fazer coisas como atravessar a rua a fim de voltar pra casa.

mais uma vez, enquanto todos esses pensamentos me ocorriam, eu também pensava em dividi-los com isaac. esse era o meu ponto fraco.

minha atenção só foi desviada quando ouvi meu nome ser dito pelo cara atrás do balcão. que foi como encontrei o.w.g.

portanto, é isso: vou a uma sex shop para encontrar isaac e, em vez disso, o que consigo é outro will grayson.

deus, você é uma porra de um babaca.

naturalmente, nesse momento isaac está galgando os degraus da babaquice também. minha esperança é de que, na verdade, ele seja um filho da puta dominado pelo nervosismo — tipo, quem sabe ele apareceu e descobriu que o lugar que seu amigo recomendou era uma sex shop e ficou tão mortificado que fugiu dali, chorando. isso é possível. ou talvez ele esteja apenas atrasado. tenho de dar a ele pelo menos uma hora. o trem pode ter ficado preso em um túnel ou alguma coisa assim. não seria a primeira vez. ele está vindo de ohio, afinal. as pessoas de ohio se atrasam o tempo todo.

meu telefone toca praticamente ao mesmo tempo que o de o.w.g... embora seja pateticamente improvável que vá ser isaac, minhas esperanças ainda se elevam.

então vejo que é maura.

eu: meu deus, é maura.

a princípio, decido não atender, mas então o.w.g. atende o dele.

o.w.g.: é meu amigo tiny.

se o.w.g. vai atender o dele, concluo que é melhor eu atender o meu também. além disso, lembro que maura me fez um favor hoje. se mais tarde eu souber que a competição das olimpíadas de matemática foi atacada por um esquadrão de nerds de humanas frustrados brandindo uzis, vou me sentir culpado por não ter atendido o telefone e dado a chance de maura dizer adeus.

eu: rápido — qual a raiz quadrada da minha cueca?

maura: oi, will.

eu: essa resposta lhe concede zero ponto.

maura: como está chicago?

eu: absolutamente sem vento!

maura: o que você está fazendo?

eu: ah, estou de papo com will grayson.

maura: foi o que pensei.

eu: como assim?

maura: cadê a sua mãe?

uh-oh. isso cheira a armadilha. será que maura ligou pra minha casa?
será que falou com minha mãe? movimento do pedal, marcha ré!

eu: por acaso sou babá da minha mãe? (rá rá)

maura: pare de mentir, will.

eu: ok, ok. eu meio que precisava dar uma escapada sozinho. pra ir a um
show mais tarde.

maura: que show?

porra! não consigo lembrar a que show o.w.g. disse que ia. e ele ainda está
ao telefone, então não posso perguntar.

eu: uma banda da qual você nunca ouviu falar.

maura: experimenta me dizer.

eu: hã, é esse o nome deles. “uma banda da qual você nunca ouviu falar”.

maura: ah, eu já ouvi falar deles.

eu: aham.

maura: acabei de ler uma resenha do álbum deles na *spin*.

eu: legal.

maura: é, o nome do álbum é “isaac não vem, seu filho da puta
mentiroso”.

isso não é bom.

eu: esse é um nome bem idiota pra um disco.

como? como como como?

maura: desista, will.

eu: minha senha.

maura: o quê?

eu: você hackeou a minha senha. você vem lendo meus e-mails, não é?

maura: do que você está falando?

eu: de isaac. como você sabe do meu encontro com isaac?

ela devia ter espiado enquanto eu verificava meu e-mail na escola. devia ter visto as teclas que digitei. ela roubou a droga da minha senha.

maura: eu *sou* isaac, will.

eu: não seja idiota. ele é um cara.

maura: não é não. ele é um perfil. eu o criei.

eu: tá, sei.

maura: fui eu quem o criou.

não. não não não não não não não não não não não não não.

eu: o quê?

não por favor nada de o quê não não por favor não porra não NÃO.

maura: isaac não existe. nunca existiu.

eu: você não pode...

maura: você cai tão fácil.

EU CAIO tão fácil?!?

PUTA QUE PARIU.

eu: diga que você está brincando.

maura: ...

eu: isto não está acontecendo.

o outro will grayson encerrou a ligação e está me olhando.

o.w.g.: você está bem?

está chegando. aquele momento de “uma bigorna acabou mesmo de cair na minha cabeça?” passou e estou sentindo. ah senhor estou sentindo a bigorna.

eu: sua. puta. desprezível.

sim, as sinapses estão transmitindo a informação agora. atualizações: isaac nunca existiu. era só sua amiga se fazendo passar por ele. era tudo uma mentira.

tudo uma mentira.

eu: sua. piranha. horrorosa.

maura: por que garotas nunca são chamadas de bundões?

eu: não vou insultar as bundas assim. elas pelo menos servem a um propósito.

maura: olhe, eu sabia que você ia ficar com raiva...

eu: você *SABIA* que eu ia ficar com *RAIVA*!?!

maura: eu ia te contar.

eu: nossa, obrigado.

maura: mas você não me contou.

o.w.g. está parecendo muito preocupado agora. então cubro o telefone com a mão por um segundo e falo com ele.

eu: na verdade, eu não estou nada bem. provavelmente estou vivendo o pior minuto da minha vida. não vá embora.

o.w.g. faz que sim com a cabeça.

maura: will? olhe, desculpe.

eu: ...

maura: você não achou de fato que ele ia te encontrar em uma sex shop, achou?

eu: ...

maura: foi uma piada.

eu: ...

maura: will?

eu: é só meu respeito pelos seus pais que vai me impedir de te assassinar imediatamente. mas por favor entenda uma coisa: eu nunca, jamais vou falar com você, passar bilhetinhos, mandar mensagem ou falar por nenhuma porra de linguagem de sinais outra vez. prefiro comer merda de cachorro cheia de gilete do que ter alguma coisa a ver com você.

termino a ligação antes que ela possa dizer mais alguma coisa. desligo o telefone. me sento no meio-fio. fecho os olhos. e grito. se todo o meu mundo vai despencar à minha volta, então vou fazer o barulho correspondente. quero gritar até todos os meus ossos se partirem.

uma vez. duas. mais outra.

então paro. sinto as lágrimas, e torço para que, se eu mantiver os olhos fechados, possa contê-las dentro de mim. estou tão além do patético que quero abrir os olhos e ver isaac ali, ouvi-lo dizer que maura está maluca. ou ouvir o outro will grayson me dizer que isso, também, pode ser descartado como coincidência. é *ele* de fato o will grayson para quem maura vem enviando e-mails. ela confundiu os will graysons.

mas a realidade. bem, a realidade é a bigorna.

respiro fundo e, pelo som, pareço entupido.

o tempo todo.

o tempo todo era maura.

não isaac.

não isaac.

nunca.

tem mágoa. tem dor. e tem mágoa-e-dor-ao-mesmo-tempo.

estou sentindo mágoa-e-dor-ao-mesmo-tempo.

o.w.g.: hã... will?

pela cara dele, a mágoa-e-dor-ao-mesmo-tempo pode ser vista muito claramente em meu rosto.

eu: sabe aquele cara que eu ia encontrar?

o.w.g.: isaac.

eu: pois é, isaac. bem, acabou que ele não era um cara de 50 anos. era minha amiga maura, fazendo uma brincadeira.

o.w.g.: uma puta de uma piada maldosa.

eu: sim. estou sentindo isso.

não tenho a menor ideia se estou falando com ele porque ele também se chama will grayson ou se porque me contou um pouco do que está acontecendo com ele ou se porque ele é a única pessoa no mundo disposta a me ouvir neste momento. todos os meus instintos estão me dizendo para me enrolar numa bola bem pequena e rolar para o esgoto mais próximo — mas não quero fazer isso com o.w.g... sinto que ele merece mais do que ser uma testemunha ocular de minha autodestruição.

eu: alguma coisa assim já aconteceu com você?

o.w.g. faz que não com a cabeça.

o.w.g.: receio que estejamos em terreno novo aqui. meu melhor amigo, tiny, uma vez ia me inscrever no concurso garoto do mês da revista *seventeen* sem me contar, mas não creio que seja a mesma coisa.

eu: como você descobriu?

o.w.g.: ele achou que o texto precisava ser revisado, então me pediu pra fazer isso.

eu: você ganhou?

o.w.g.: eu disse a ele que enviaria para a revista e então guardei. ele ficou arrasado por eu não ter ganhado... mas acho que teria sido pior se isso tivesse acontecido.

eu: você poderia ter conhecido a miley cyrus. jane teria morrido de ciúme.

o.w.g.: acho que antes jane teria morrido de rir.

não posso evitar — imagino isaac rindo também.

e então tenho que matar essa imagem.

porque isaac não existe.

tenho a sensação de que vou perder o controle outra vez.

eu: por quê?

o.w.g.: por que jane morreria de rir?

eu: não, por que maura faria isso?

o.w.g.: sinceramente, não sei.

maura. isaac.

isaac. maura.

bigorna.

bigorna.

bigorna.

eu: sabe o que é uma merda no amor?

o.w.g.: o quê?

eu: o fato de estar tão ligado à verdade.

as lágrimas estão começando a voltar. porque essa dor — sei que estou desistindo de tudo. isaac. esperança. o futuro. aqueles sentimentos. aquela palavra. estou desistindo de tudo, e isso dói.

o.w.g.: will?

eu: acho que tenho de fechar os olhos por um minuto e sentir o que preciso sentir.

fecho os olhos, fecho meu corpo, tento excluir tudo mais. percebo o.w.g. se levantando. queria que ele fosse isaac, embora saiba que ele não é. queria que maura não fosse isaac, embora saiba que ela é. queria ser outra pessoa, embora saiba que nunca, jamais vou conseguir escapar do que fiz e do que foi feito comigo.

senhor, me mande amnésia. me faça esquecer cada momento que na verdade eu jamais tive com isaac. me faça esquecer que maura existe. deve ter sido isso que minha mãe sentiu quando meu pai disse que estava tudo acabado. agora eu entendo. eu entendo. as coisas que você mais quer são aquelas que te destroem no fim.

ouço o.w.g. falando com alguém. uma recapitulação sussurrada de tudo que acabou de acontecer.

ouço passos se aproximando. tento me acalmar um pouco, então abro os olhos... e vejo esse cara *gigantesco* de pé na minha frente. quando ele vê que

o estou vendo, dá um sorriso enorme. ele tem covinhas do tamanho da cabeça de um bebê, eu juro.

cara gigantesco: olá. eu sou o tiny.

ele estende a mão. não estou exatamente no estado de espírito para apertos de mão, mas vai ser desagradável se eu simplesmente deixá-lo ali, então estendo a minha mão também. no entanto, em vez de apertá-la, ele me puxa e me faz ficar de pé.

tiny: alguém morreu?

eu: sim, eu.

ele sorri outra vez.

tiny: bem, então... bem-vindo à vida após a morte.

capítulo nove

Pode-se falar muitas coisas ruins sobre Tiny Cooper. Eu sei, porque já falei. Mas, pra um cara que não sabe absolutamente nada sobre como conduzir os próprios relacionamentos, Tiny Cooper é quase brilhante quando se trata de lidar com o coração partido das outras pessoas. Tiny é como uma esponja gigante sugando a dor do amor perdido aonde quer que vá. E é assim com Will Grayson. O outro Will Grayson, eu quero dizer.

Jane está uma loja adiante, num vão de porta, falando ao telefone. Olho pra ela, mas ela não está olhando pra mim, e me pergunto se eles tocaram a música. Uma coisa que Will — o outro Will — falou pouco antes de Tiny e Jane chegarem fica dando voltas na minha cabeça: o amor está ligado à verdade. Penso neles como gêmeos tristemente unidos.

— Obviamente — diz Tiny — ela não passa de uma pilha quente e fumegante de merda, mas, mesmo assim, dou a ela todo o crédito pelo nome. *Isaac. Isaac*. Eu quase poderia me apaixonar por uma garota, se o nome dela fosse *Isaac*.

O outro Will Grayson não ri, mas Tiny não se abala.

— Você deve ter ficado apavorado quando percebeu que era uma sex shop, certo? Tipo, quem quer encontrar alguém *ali*.

— E justamente quando seu xará está comprando uma revista — completo, erguendo a sacola preta e pensando que Tiny irá puxá-la e checar minha compra.

Mas ele não faz isso. Ele simplesmente diz:

— Isso é ainda pior que o que aconteceu comigo e Tommy.

— O que aconteceu com você e Tommy? — pergunta Will.

— Ele disse que era louro natural, mas a tintura dele era tão ruim que parecia um cabelo de boneca; como o da Barbie. Além disso, Tommy não era apelido de *Tomás*, como ele me contou. Era do velho e banal Thomas.

Will diz:

— É, isso é pior. Muito pior.

Obviamente não tenho muito com que contribuir para a conversa, e, de qualquer forma, Tiny está agindo como se eu não existisse, então sorrio e digo:

— Vou deixar vocês dois sozinhos agora. — E então olho para o outro Will Grayson, que está meio que oscilando, como se pudesse cair se o vento aumentasse. Tenho vontade de dizer alguma coisa, pois sinto muito por ele, de verdade, mas nunca sei o que dizer. Assim, digo apenas o que estou pensando. — Sei que é uma merda, mas, num certo sentido, é bom.

Ele me olha como se eu tivesse acabado de dizer alguma coisa absolutamente idiota, o que é claro que fiz.

— O amor e a verdade ligados um ao outro, quero dizer. Eles tornam um ao outro possível, sabe?

O garoto me dirige mais ou menos um oitavo de um sorriso e então se volta pra Tiny, que — para ser justo — é obviamente o melhor terapeuta. A sacola preta com a *Mano a Mano* não parece mais engraçada, então eu simplesmente largo ela no chão perto de Tiny e de Will. Eles sequer percebem.

Jane agora está no meio-fio, na ponta dos pés, quase inclinada para a rua entulhada de táxis. Um grupo de universitários passa e olha pra ela, um erguendo as sobrancelhas para o outro. Ainda estou pensando na ligação entre o amor e a verdade — o que me faz ter vontade de contar a verdade pra ela (a verdade completa, contraditória) porque, caso contrário, num certo nível, não sou igual àquela garota? Não sou igual à garota fingindo ser Isaac?

Vou até ela e tento tocar em seu cotovelo, mas meu toque é leve demais e só atinjo o casaco. Ela se volta pra mim e vejo que ainda está no celular. Faço um gesto que tem a intenção de dizer: “Ei, não tem pressa, fale o quanto quiser”, mas que provavelmente significa: “Ei, olha pra mim! Minhas mãos estão tendo espasmos.” Jane ergue um dedo. Faço que sim com a cabeça. Ela fala suave, docemente no telefone: “Sim, eu sei. Eu também.”

Dou um passo atrás, cruzando a calçada, e me recosto na parede de tijolos entre a Frenchy’s e um restaurante japonês fechado. À minha direita, Will e Tiny conversam. À minha esquerda, Jane conversa. Pego o telefone, como se fosse mandar uma mensagem de texto, mas simplesmente percorro minha lista de contatos. Clint. Jane. Mamãe. Papai. Pessoas de quem já fui

amigo. Pessoas que são simples conhecidas. Tiny. Nada depois do T. Não é muito para um telefone que tenho há três anos.

— Oi — diz Jane. Levanto os olhos, fecho o telefone e sorrio pra ela. — Desculpe pelo show.

— Ah, tudo bem — respondo, porque está tudo bem mesmo.

— Quem é o cara? — pergunta ela, apontando.

— Will Grayson — digo.

Ela me olha, estreitando os olhos, confusa.

— Conheci um cara chamado Will Grayson naquela sex shop — conto.

— Fui lá pra usar minha identidade falsa, e ele foi lá encontrar o namorado falso.

— Meu Deus, se eu soubesse que isso ia acontecer, teria desistido do show.

— É — digo, tentando não parecer chateado. — Vamos dar uma volta.

Ela concorda. Caminhamos na direção da Michigan Avenue, a Magnificent Mile, endereço de todas as maiores lojas de Chicago. A essa hora, está tudo fechado e os turistas que inundam as amplas calçadas durante o dia já voltaram para seus hotéis, cinquenta andares acima de nós. Os sem-teto que mendigam junto aos turistas também se foram, e somos praticamente apenas Jane e eu. Não se pode dizer a verdade sem falar, então estou contando a ela toda a história, tentando fazê-la parecer engraçada, tentando fazê-la mais grandiosa que qualquer show dos MDC poderia ser. E, quando termino, faz-se uma pausa e ela diz:

— Posso te fazer uma pergunta aleatória?

— Claro.

Estamos passando pela Tiffany, e eu paro por um segundo. As luzes pálidas da rua iluminam a frente da loja apenas o suficiente para que, através do vidro triplo e de uma grade de segurança, eu possa ver uma vitrine vazia — a silhueta de um pescoço de veludo cinza, sem nenhuma joia.

— Você acredita em revelações? — pergunta. Recomeçamos a andar.

— Hã, pode traduzir a pergunta?

— Tipo, você acredita que a atitude das pessoas possa mudar? Um dia você acorda e percebe alguma coisa de uma forma como nunca viu antes, e bum, uma revelação. Alguma coisa está diferente para sempre. Você acredita nisso?

— Não — digo. — Não acredito que nada aconteça de repente. Tiny, por exemplo? Você acha que Tiny se apaixona todos os dias? De jeito nenhum. Ele *acha* que sim, mas, na verdade, não se apaixona. Quero dizer, qualquer coisa que aconteça de repente provavelmente vai *desacontecer* de repente, sabe?

Ela não diz nada por algum tempo. Apenas anda. Minha mão está para baixo, perto da dela, e elas se esbarram, mas nada acontece entre nós.

— É. Talvez você tenha razão — diz ela, por fim.

— Por que está perguntando isso? — indago.

— Não sei. Não há nenhum motivo, de fato.

Nossa língua tem uma longa e celebrada história. E, em todo esse tempo, ninguém jamais fez uma “pergunta aleatória” sobre “revelações” por “nenhum motivo”. “Perguntas aleatórias” são as menos aleatórias de todas as perguntas.

— Quem teve a revelação? — pergunto.

— Hã, acho que, na verdade, você é, assim, a pior pessoa possível para eu falar sobre isso — diz ela.

— Como assim?

— Sei que foi bastante idiota da minha parte ter ido ao show — continua ela aleatoriamente. Chegamos a um banco de plástico e ela se senta.

— Está tudo bem — respondo, me sentando ao lado dela.

— Na verdade, não está nada bem, assim, na maior escala possível. Acho que a questão é que estou um pouco confusa.

Confusa. O telefone. A voz doce, feminina. Revelações. Finalmente, percebo a verdade.

— O ex-namorado — digo. Sinto meu estômago afundar, como se estivesse nadando nas profundezas do mar, e compreendo a verdade: eu gosto dela. Ela é bonita, e inteligente precisamente da maneira correta (um pouco pretensiosa), e tem uma suavidade em seu rosto que aguça tudo que diz, e eu gosto dela, e não se trata apenas de eu *dever* ser sincero com ela; eu quero isso. É assim que essas coisas estão ligadas, acho. — Tenho uma ideia — completo.

Posso senti-la me olhando, e ajusto o capuz do meu casaco. Minhas orelhas queimam, geladas.

Ela pergunta:

— Que ideia?

— A ideia é que, por dez minutos, a gente esqueça que tem sentimentos. E esqueça de proteger a si ou a outras pessoas, e simplesmente diga a verdade. Por dez minutos. E então podemos voltar a ser idiotas.

— Gostei — concorda ela. — Mas você começa.

Puxo a manga do casaco pra cima e olho o relógio. 10h42.

— Pronta? — pergunto. Ela faz que sim com a cabeça. Olho o relógio novamente. — Ok... Já. Eu gosto de você. E eu não sabia que gostava até pensar em você naquele show com outro cara, mas agora eu sei, e percebo que isso faz de mim um baitola mas, sim, gosto de você. Acho que você é sensacional, e muito gata (e, por gata, quero dizer linda, mas não quero dizer linda porque é clichê, mas você é) e nem me importo que você seja esnobe quando se trata de música.

— Não é esnobismo; é bom gosto. Já que eu namorava esse garoto e sabia que ele estaria no show e eu queria ir com você em parte porque sabia que Randall estaria lá, mas também queria ir mesmo sem você porque sabia que ele estaria lá, e então ele me viu quando os MDC tocavam “A Brief Overview of Time Travel Paradoxes”, e ele estava gritando no meu ouvido que teve uma revelação e que agora sabe que devemos ficar juntos e eu dizia, tipo, acho que não, e ele citou um poema de e. e. cummings que diz que beijos são um destino melhor que a sabedoria e então acaba que ele pede que os MDC dediquem uma música pra mim, o que era o tipo de coisa que ele nunca teria feito antes, e sinto que mereço alguém que goste de mim de forma consistente, o que você parece não fazer... E eu não sei.

— Qual música?

— “Annus Miribalis”. Hã, ele é a única pessoa que conhece o segredo do meu armário da escola, e pediu que dedicassem ao segredo do meu armário, o que é simplesmente... Quero dizer, não sei. É isso. É.

Embora esses sejam os minutos da verdade, não conto a ela sobre a música. Não posso. É constrangedor demais. A questão é que, vindo do seu ex-namorado, é meigo. E vindo do cara que não quis te beijar no seu Volvo laranja, é simplesmente estranho e talvez até cruel. Ela tem razão ao dizer que merece alguém consistente, e talvez eu não possa ser isso. Assim mesmo, eu esculacho o cara.

— Detesto muito caras que ficam citando poemas pras garotas, já que estamos sendo sinceros. Além disso, a sabedoria é um destino melhor que a

maioria dos beijos. É certamente melhor que beijar idiotas que só leem poesia pra poder usá-la com as garotas.

— Meu Deus — diz ela. — O Will Sincero e o Will Normal são tão fascinantemente diferentes!

— Pra dizer a verdade, prefiro o sujeito comum, medíocre, ordinário com sua despreocupação de olhos vidrados e queixo caído aos caras que tentam acabar com minha compostura lendo poesia e ouvindo música de qualidade duvidável. Eu dei duro pra conseguir esse controle. Comi o pão que o diabo amassou na escola por causa disso. Conquistei essa merda honestamente.

— Bem, você nem conhece ele — retruca ela.

— E nem preciso — respondo. — Olhe, você está certa. Talvez eu não goste de você da maneira como alguém deveria gostar de você. Não gosto de você da maneira te-liga-e-lê-um-poema-pra-você-toda-noite-antes-de-dormir. Eu sou maluco, ok? Às vezes eu penso, tipo, meu Deus, ela é supergata e inteligente e meio pretensiosa, mas é uma pretensão que só me faz *querer* ela, e então outras vezes acho que é uma ideia incrivelmente ruim, que namorar você seria como uma série de tratamentos de canal desnecessários intercalados com ocasionais sessões de beijos e abraços.

— Meu Deus, isso é uma ofensa.

— Na verdade não é, porque eu penso as duas coisas! E não tem importância, porque sou seu Plano B. Talvez eu seja seu Plano B porque me sinto dessa maneira, e talvez eu me sinta dessa maneira porque sou seu Plano B, mas, independentemente disso, significa que você deveria estar com Randall e eu deveria estar em meu estado natural de exílio de relacionamentos autoimposto.

— Tão diferente! — repete ela. — Você pode ser sempre assim?

— Provavelmente não — respondo.

— Quantos minutos ainda temos?

— Quatro — digo.

E então estamos nos beijando.

Dessa vez sou eu quem me inclino, e ela não se afasta. Está frio, e nossos lábios estão secos, os narizes um pouco molhados, as testas suadas debaixo dos chapéus de lã. Não posso tocar o rosto dela, embora eu queira, porque estou de luvas. Mas, meu Deus, quando os lábios dela se abrem, tudo fica quente e seu hálito açucarado está na minha boca, que provavelmente tem gosto de cachorro-quente, mas eu não ligo. Ela beija como quem devora

docemente alguma coisa, e não sei onde tocá-la porque eu quero ela inteira. Quero tocar seus joelhos e seus lábios e a barriga e as costas e tudo dela, mas estamos envoltos nessas roupas todas, então parecemos dois marshmallows batendo um contra o outro, e ela sorri pra mim enquanto ainda nos beijamos porque também sabe o quanto isso é ridículo.

— Melhor que a sabedoria? — pergunta ela.

— Páreo duro — digo, e retribuo o sorriso enquanto a puxo mais pra perto de mim.

Nunca soube como era *querer* alguém — não querer namorar essa pessoa ou o que seja, mas *querer* ela, *querer ela*. E agora eu sei. Então talvez eu acredite em revelações.

Ela se afasta de mim apenas o bastante pra dizer:

— Qual é o meu sobrenome?

— Não tenho a menor ideia — respondo imediatamente.

— Turner. É Turner.

Eu lhe dou um último e suave beijo, e então ela volta a se sentar direito, embora sua mão enluvada permaneça na minha cintura, sobre a jaqueta.

— Está vendo, nós nem mesmo nos conhecemos. Eu tenho de descobrir se acredito em revelações, Will.

— Não posso acreditar que o nome dele seja Randall. Ele não estuda na Evanston, estuda?

— Não, ele estuda na Latina. A gente se conheceu em um recital de poesia.

— É claro que sim. Meu Deus, posso até ver o filho da puta: ele é alto e despenteado, e pratica algum esporte, futebol, provavelmente, mas finge nem gostar porque tudo de que gosta é poesia, música e você, e ele acha que você é um poema e é o que ele te diz, e ele é banhado em confiança e provavelmente em spray para o corpo.

Ela ri, sacudindo a cabeça.

— O que foi? — pergunto.

— Polo aquático — responde. — Não é futebol.

— Ah, meu Deus. *É claro*. Polo aquático. É, nada soa mais punk rock que polo aquático.

Ela pega o meu braço e olha meu relógio.

— Um minuto — diz ela.

— Você fica mais bonita com o cabelo pra trás — digo a ela, apressado.

— Mesmo?

— Sim, de outro jeito você fica parecendo um pouco com um cachorrinho.

— Você fica mais bonito quando fica em pé reto — diz ela.

— Tempo! — exclamo.

— Ok — diz. — Pena que não podemos fazer isso com mais frequência.

— Qual parte? — pergunto, sorrindo. Ela se levanta.

— Preciso ir pra casa. Limite idiota de meia-noite pra chegar em casa no fim de semana.

— É — concordo. Pego o celular. — Vou ligar pra Tiny e dizer a ele que estamos indo embora.

— Eu vou pegar um táxi.

— Só vou ligar...

Mas ela já está na beira da calçada, os dedos dos pés de seu tênis de cano alto fora do meio-fio, a mão erguida. Um táxi para. Ela me abraça rapidamente — um abraço todo ponta dos dedos e omoplatas — e vai embora sem dizer outra palavra.

Nunca estive sozinho na cidade assim tão tarde, e está tudo deserto. Ligo pra Tiny. Ele não atende. A ligação cai no correio de voz. “Você ligou para o correio de voz de Tiny Cooper, escritor, produtor e estrela do novo musical *Tiny Dancer: A História de Tiny Cooper*. Lamento, mas parece que alguma coisa mais fabulosa que sua ligação está acontecendo neste momento. Quando os níveis de fabuloso caírem um pouco, ligo pra você. BIPE.”

— Tiny, da próxima vez que você tentar me arrumar com uma garota com um namorado secreto, pode pelo menos me *avisar* que ela tem um namorado secreto? Além disso, se não me ligar de volta em cinco minutos, vou supor que você encontrou um caminho de volta pra Evanston. Além disso, você é um babaca. Isso é tudo.

Há táxis na Michigan Avenue e um fluxo constante de trânsito, mas assim que entro em uma rua lateral, Huron, tudo é silêncio. Passo por uma igreja e então subo a State Street em direção à Frenchy’s. Três quadras antes posso ver que Tiny e Will não estão mais lá, e ainda assim ando até a frente da loja. Olho para um lado e para o outro da rua, mas não vejo ninguém, e, além do mais, Tiny jamais cala a boca, portanto eu o ouviria se ele estivesse por perto.

Reviro os detritos no bolso do meu casaco à procura das chaves, e então as pego. Elas estão envoltas no bilhete que Jane me escreveu, o bilhete da Houdini do Armário.

Estou andando na rua em direção ao carro quando vejo uma sacola plástica preta na calçada, tremulando no vento. *Mano a Mano*. Eu deixo a sacola ali, pensando que provavelmente acabei de fazer o dia de alguém amanhã.

Pela primeira vez em muito tempo, dirijo sem música. Não estou feliz — não estou feliz por Jane e o Sr. Randall Polo Aquático Cara de Babaca IV, não estou feliz por Tiny me abandonar sem nem mesmo um telefonema, não estou feliz por minha carteira falsa insuficientemente falsa — mas, no escuro da Lake Shore, com o carro devorando todos os sons, tem alguma coisa no entorpecimento dos meus lábios depois de tê-la beijado que quero reter comigo, alguma coisa que parece *pura*, que parece a verdade singular.

Chego em casa quatro minutos antes do toque de recolher e encontro meus pais no sofá, os pés da minha mãe no colo do meu pai. Ele tira o som da TV e pergunta:

— Como foi?

— Bem legal — respondo.

— Eles tocaram “Annus Miribalis”? — pergunta minha mãe, porque eu gostei tanto dessa música que botei pra ela ouvir. Imagino que ela esteja perguntando em parte pra parecer moderninha e em parte pra se certificar de que fui mesmo ao show. Provavelmente vai verificar a relação das músicas tocadas mais tarde. Eu *não* fui ao show, é claro, mas sei que eles tocaram essa.

— Sim — digo. — Sim. Foi bom.

Fico olhando pra eles por um segundo, e então completo:

— Ok, vou dormir.

— Por que não assiste a um pouco de TV conosco? — convida meu pai.

— Estou cansado — respondo simplesmente, e me viro pra sair.

Mas não vou pra cama. Vou para o meu quarto, fico on-line e começo a ler sobre e. e. cummings.

Na segunda-feira, pego uma carona cedo pra escola com minha mãe. Nos corredores, passo por pôster após pôster de *Tiny Dancer*.

TESTES HOJE NO NONO TEMPO NO TEATRO. PREPARE-SE PARA CANTAR. PREPARE-SE PARA DANÇAR. PREPARE-SE PARA SER FABULOSO.

PARA O CASO DE NÃO TER VISTO O PÔSTER ANTERIOR, OS TESTES PARA O MUSICAL SERÃO REALIZADOS HOJE.

CANTE & DANCE & CELEBRE A TOLERÂNCIA NO MAIS IMPORTANTE MUSICAL DE NOSSOS TEMPOS.

Acelero pelos corredores e então subo a escada até o armário de Jane e coloco através das frestas da ventilação o bilhete que escrevi ontem à noite:

Para: A Houdini do Armário

De: Will Grayson

Ref: Um Expert na Esfera dos Bons Namorados?

Querida Jane,

Só para você saber: e. e. cummings traiu as duas esposas. Com prostitutas.

Atenciosamente,

Will Grayson

capítulo dez

tiny cooper.

tiny cooper.

tiny cooper.

fico dizendo o nome dele sem parar na minha cabeça.

tiny cooper.

tiny cooper.

é um nome ridículo, e a coisa toda é ridícula, e eu não conseguiria parar se tentasse.

tiny cooper.

se eu o disser vezes suficientes, talvez aceite o fato de isaac não existir.

começa naquela noite. diante da frenchy's. ainda estou em choque. não sei dizer se é estresse pós-traumático ou trauma pós-estresse. o que quer que seja, uma boa parte da minha vida acabou de ser apagada, e não tenho a menor vontade de preencher o novo espaço. deixe-o vazio, digo. apenas me deixe morrer.

tiny, porém, não me deixa. ele está fazendo o jogo do já-passei-por-coisa-pior, que nunca funciona, porque ou a pessoa passou por algo que absolutamente não é pior ("ele não era louro natural") ou diz alguma coisa que é tão pior que você tem a sensação de que seus sentimentos estão sendo completamente negados. ("bem, uma vez um cara me deu um bolo num encontro... e acabou que ele tinha sido comido por um leão! a última palavra que ele disse foi o meu nome!")

ainda assim, ele está tentando ajudar. e acho que devia aceitar, já que estou precisando.

de sua parte, o.w.g. também está tentando ajudar. tem uma garota rondando no fundo, e não tenho a menor dúvida de que se trata da (in)fame jane. a princípio, a tentativa de o.w.g. de ajudar é ainda pior que a de tiny.

o.w.g.: sei que é uma merda, mas num certo sentido é bom.

isso é tão inspirador quanto um filme de hitler transando com a namorada e se divertindo horrores. vai ao encontro do que eu chamo de a regra da bosta de passarinho. sabe, quando as pessoas te dizem que é sinal de boa sorte quando um pássaro caga em você? e acreditam nisso! eu tenho vontade de sacudi-las e dizer: “cara, você não percebe que toda essa superstição foi criada porque ninguém pôde pensar em nada melhor pra dizer a alguém que tinha acabado de ser cagado?” e que as pessoas fazem isso o tempo todo — e não só com algo tão temporário quanto bosta de passarinho. perdeu o emprego? é uma grande oportunidade! fracassou na vida? só tem uma direção a seguir: pra cima! abandonado por um namorado que nunca existiu? sei que é uma merda, mas num certo sentido é bom!

estou prestes a destituir o.w.g. de seu direito de ser um will grayson, mas então ele continua.

o.w.g.: o amor e a verdade ligados um ao outro, quero dizer. eles tornam um ao outro possível, sabe?

não sei o que me espanta mais — o fato de um estranho me dar ouvidos, ou o fato de ele, na técnica, estar absolutamente correto.

o outro will grayson se afasta, me deixando com minha nova companhia que tem o tamanho de uma geladeira e que me olha com tamanha sinceridade que tenho vontade de bater nele.

eu: você não precisa ficar. sério.

tiny: o quê? e deixar você aqui no desalento?

eu: isso está tão mais além de desalento. isso é desespero completo.

tiny: *awwwww*.

e então ele me abraça. imagine ser abraçado por um sofá. é essa a sensação.

eu (sufocando): estou sufocando.

tiny (acariciando meu cabelo): pronto, pronto.

eu: cara, você não está ajudando.

eu o empurro, afastando-o. ele parece magoado.

tiny: você me chamou de cara!

eu: desculpe. é só que, eu...

tiny: só estou tentando ajudar!

é por isso que eu devia carregar comprimidos extras. acho que nesse momento nós dois podíamos fazer uso de uma dose dupla.

eu (de novo): desculpe.

então ele olha pra mim. e é estranho, porque o que quero dizer é que ele está me olhando *de verdade*. o que me deixa completamente desconfortável.

eu: o que foi?

tiny: quer ouvir uma música de *tiny dancer: a história de tiny cooper*?

eu: como?

tiny: é um musical que estou produzindo. é baseado na minha vida. acho que uma das canções pode ajudar neste momento.

estamos numa esquina, diante de uma sex shop. há pessoas passando. moradores de chicago — não se pode ser menos musical que as pessoas de chicago. eu me encontro em um estado completamente destruído. minha mente está infartando. a última coisa que preciso é que a “prima-dona” cante. no entanto, eu faço algum protesto? decido viver o resto da vida dentro do sistema do metrô, me alimentando de ratos? não. apenas faço que sim com a cabeça, mudo, porque ele quer tanto cantar a tal canção que eu me sentiria desprezível se dissesse não.

com uma inclinação da cabeça, tiny começa a cantarolar um pouco pra si mesmo. assim que encontra o tom, ele fecha os olhos, abre os braços e canta:

*pensei que você dos meus sonhos realidade iria fazer
mas não era você, não era você*

*pensei que dessa vez em tudo novo iria crer
mas não era você, não era você*

*imaginei todas as coisas que a gente iria viver
mas não era você, não era você*

*e agora sinto em meu coração a calamidade
não é verdade, não é verdade*

*posso ser grandalhão e medroso parecer
mas a minha fé no amor não irei perder!*

*do curso com frequência eu resvalo
mas não vou desmontar de meu fiel cavalo!*

*não era você, agora eu sei
mas há mais na vida do que eu imaginei*

*pensei que você fosse um garoto com visão,
seu convencido, egoísta, megera aberração*

*você me chutou até que roxo me vi
mas com essa experiência eu cresci*

*é verdade, e eu quero mais é que vá se foder
existem caras melhores pra conhecer*

*não vai ser você, compreende vous?
nunca, jamais será tu.*

tiny não se limita a cantar esses versos — ele os interpreta. é como um desfile saindo de sua boca. não tenho a menor dúvida de que as palavras atravessam o lago michigan e se espalham por quase todo o Canadá, seguindo pro polo norte. os fazendeiros de saskatchewan estão chorando. papai noel está se virando pra sra. noel e dizendo: “que porra é essa?” estou completamente mortificado, mas aí tiny abre os olhos e me olha com um carinho tão óbvio que não tenho ideia do que fazer. ninguém tenta me oferecer algo assim há séculos. exceto isaac, e ele não existe. não importa o que se possa dizer de tiny, ele decididamente existe.

ele me pergunta se quero dar uma volta. mais uma vez, faço que sim com a cabeça, mudo. não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

eu: quem é você?

tiny: tiny cooper!

eu: você não pode se chamar tiny de verdade.

tiny: não. isso é ironia.

eu: ah.

tiny (fazendo tsc): não precisa ficar fazendo “ah” pra mim. não tenho problemas com isso. tenho ossos largos.

eu: cara, não são só os seus ossos.

tiny: isso só significa que tem mais de mim pra amar!

eu: mas isso requer muito mais esforço.

tiny: querido, eu valho a pena.

o bizarro é que preciso admitir que tem alguma coisa um pouco atraente nele. não consigo entender. é como, sabe quando às vezes você vê um bebê sexy? espere, isso soa péssimo. não é isso que quero dizer. mas é, assim, embora seja grande como uma casa (e também não estou falando de uma casa pobre), ele tem a pele superlisa e olhos muito verdes e tudo está em, assim, proporção. por isso, não sinto a repulsa que esperaria sentir em relação a alguém com três vezes o meu tamanho. quero dizer a ele que eu deveria estar por aí matando pessoas agora, não dando uma volta com ele. mas tiny tira um pouco do homicídio da minha cabeça, o que não quer dizer que isso não vai estar lá mais tarde.

enquanto andamos até o millennium park, tiny me conta tudo sobre *tiny dancer* e como ele batalhou para escrever, atuar, dirigir, produzir, coreografar, desenhar o figurino, projetar a iluminação, o cenário e buscar patrocínio. ele parece fora de si e como estou me esforçando para sair de mim também, tento segui-lo. como era no caso com maura (porra de bruxa anta vadia mussolini al-qaeda darth vader não entidade), eu não preciso dizer nada, o que pra mim está bom.

quando chegamos ao parque, tiny segue em linha reta pro feijão. por alguma razão, não me surpreendo.

o feijão é essa escultura verdadeiramente idiota que fizeram pro millennium park — creio que na virada do milênio —, e que originalmente

tinha outro nome, mas todo mundo começou a chamá-la de feijão e o nome pegou. ela é basicamente um grande feijão de metal reflexivo sob o qual você pode andar e ver sua imagem distorcida. já estive aqui antes em excursões da escola, mas nunca com alguém tão imenso quanto tiny. em geral, é difícil a princípio localizar-se no reflexo, mas dessa vez sei que sou o graveto ondulante de pé perto da imensa bolha de humanidade. tiny dá uma risadinha enquanto se vê dessa forma. uma genuína risada hi-hi-hi. odeio quando as garotas fazem essa babaquice, porque é sempre tão falso. mas com tiny não é falso, nem um pouco. é como se a vida estivesse lhe fazendo cócegas.

depois de tiny tentar uma pose de bailarina, de batedor de baseball, de vou-incendiar-a-pista-de-dança e de noviça-rebelde no reflexo do feijão, ele me leva a um banco que dá pra lake shore drive. penso que ele vá estar todo suado porque, vamos combinar, a maioria dos gordos fica suada só de levantar o dedo mindinho até a boca. tiny, porém, é fabuloso demais pra suar.

tiny: então, conte seus problemas pro tiny.

não consigo responder, porque da maneira como ele fala, é como se você pudesse substituir a palavra “tiny” pela palavra “mamãe” e a frase ainda soaria a mesma.

eu: o tiny pode falar normalmente?

tiny (em sua melhor voz de anderson cooper): sim, ele pode. mas não é nem de perto tão divertido quando ele fala assim.

eu: é que você soa tão gay.

tiny: hum... tem um motivo pra isso?

eu: sim, mas... não sei. não gosto de gente gay.

tiny: mas certamente você deve gostar de si mesmo?

puta que o pariu, quero ser do planeta desse garoto. ele está falando sério? olho pra ele e vejo que, sim, está.

eu: por que eu deveria gostar de mim? ninguém mais gosta.

tiny: eu gosto.

eu: você não me conhece.
tiny: mas quero conhecer.

é tudo tão idiota, porque de repente eu estou gritando

eu: cale a boca! só cale a boca!

e ele parece tão magoado que eu tenho de dizer

eu: não, ah, não é você. ok? você é legal. eu não sou. eu não sou legal, entendeu? pare com isso!

porque agora ele não parece magoado; parece triste. triste por mim. ele me vê. cristo.

eu: isso é tão idiota.

é como se ele soubesse que, se me tocar, eu provavelmente vou me descontrolar e começar a bater nele e começar a chorar e nunca mais vou querer vê-lo. assim, em vez disso, ele simplesmente fica ali sentado enquanto eu apoio a cabeça entre as mãos, como se estivesse literalmente querendo pôr a cabeça no lugar. e a questão é que ele não precisa me tocar, porque quando alguém como tiny cooper está perto de você, você tem consciência disso. tudo que ele precisa fazer é ficar, e você sabe que ele está ali.

eu: merda merda merda merda merda merda merda

e aqui está a coisa doentia, deturpada: parte de mim acha que eu *mereço* isso. que talvez, se eu não fosse tão babaca, isaac teria sido real. se eu não fosse uma pessoa tão imperfeita, alguma coisa certa poderia me acontecer. não é justo, porque eu não pedi que meu pai fosse embora, e não pedi pra ser deprimido, e não pedi que não tivéssemos dinheiro, e não pedi pra querer trepar com garotos, e não pedi pra ser tão idiota, e não pedi pra não ter amigos de verdade, e não pedi pra que metade da merda que sai da minha boca saísse da minha boca. tudo que eu queria era uma porra de uma folga, uma droga de uma coisa boa, e obviamente era demais pedir isso, era demais querer isso.

não entendo por que esse garoto que escreve musicais sobre si mesmo está sentado comigo. sou assim tão patético? por acaso ele ganha uma medalha de honra ao mérito por catar os pedaços de um ser humano destruído?

afasto a cabeça das mãos. isso não está ajudando. quando volto à tona, olho pra tiny e acho tudo estranho de novo. ele não só está me observando — ele está me *vendo*. os olhos dele estão praticamente reluzindo.

tiny: eu nunca beijo no primeiro encontro.

olho pra ele sem entender nada, e então ele acrescenta:

tiny: ... mas às vezes abro exceções.

e, agora meu choque de antes está se transformando em um tipo diferente de choque, porque naquele momento, embora seja enorme, e embora não me conheça absolutamente, e embora esteja ocupando aproximadamente três vezes mais espaço no banco que eu, tiny cooper é surpreendente e inegavelmente atraente. sim, a pele dele é suave, o sorriso gentil, e principalmente os olhos — os olhos têm essa louca esperança e louco anseio e ridícula vertigem, e embora eu ache completamente idiota e embora eu nunca vá sentir as coisas que ele sente, no mínimo não me importo com a ideia de beijá-lo e ver o que acontece. ele está começando a ficar vermelho por causa do que disse, e na verdade ele é tímido demais pra se inclinar pra mim, então eu me pego ficando de pé pra beijá-lo, mantendo os olhos abertos porque quero ver a surpresa dele e ver sua felicidade porque não tem como eu ver nem mesmo sentir a minha própria.

não é como beijar um sofá. é como beijar um garoto. finalmente, um garoto.

ele fecha os olhos. sorri quando paramos.

tiny: não foi assim que imaginei que a noite fosse terminar.

eu: eu que o diga.

tenho vontade de fugir. não com ele. só não quero voltar pra escola ou pra vida. se minha mãe não estivesse esperando por mim, eu provavelmente faria isso. tenho vontade de fugir porque perdi tudo. tenho certeza de que, se

disse isso pra tiny cooper, ele ressaltaria que perdi tanto as coisas boas quanto as ruins. me diria que o sol vai nascer amanhã, ou alguma merda do gênero. mas eu não acreditaria nele. não acredito em nada disso.

tiny: ei — eu nem sei o seu nome.

eu: will grayson.

com isso, tiny dá um pulo do banco, quase me jogando na grama.

tiny: não!

eu: hã... sim?

tiny: bem, isso não é a cereja do bolo?

com isso, ele começa a rir e a gritar

tiny: eu beijei will grayson! eu beijei will grayson!

quando ele vê que isso me apavora mais que tubarões, volta a sentar e diz

tiny: fico feliz que tenha sido você.

penso no outro will grayson. me pergunto como ele está se saindo com jane.

eu: não é como se eu fosse material pra *seventeen*, né?

os olhos de tiny se iluminam.

tiny: ele te falou sobre isso?

eu: sim.

tiny: ele foi roubado. fiquei tão furioso que escrevi uma carta pro editor. mas eles nunca a publicaram.

sinto essa profunda pontada de ciúme que o.w.g. tenha um amigo como tiny. não consigo imaginar alguém escrevendo uma carta pro editor por minha causa. não posso imaginar alguém sequer dando uma declaração pro meu obituário.

penso em tudo que aconteceu, e como, quando eu chegar em casa, não vou ter ninguém pra quem contar. então olho pra tiny e, surpreendendo a mim mesmo, dou outro beijo nele. porque, afinal, que se foda. totalmente que se foda.

isso continua por algum tempo. estou ficando totalmente gigante por beijar alguém gigante. e no meio dos beijos ele me pergunta onde moro, o que aconteceu esta noite, o que quero fazer da minha vida, qual meu sorvete preferido. respondo às perguntas que posso (basicamente, onde moro e o sabor do sorvete) e digo a ele que não tenho a menor ideia em relação ao resto.

não há ninguém observando a gente, mas estou começando a achar que tem. então paramos e não posso deixar de pensar em isaac, e em como, embora toda essa coisa do tiny seja um desenrolar interessante, no geral as coisas ainda são horríveis, do tipo um furacão-destruiu-a-minha-casa. tiny é tipo o único cômodo que restou de pé. sinto que lhe devo alguma coisa por isso, então digo

eu: estou feliz que você exista.

tiny: estou feliz por existir neste momento.

eu: você não tem ideia do quanto está enganado a meu respeito.

tiny: você não tem ideia do quanto está enganado a respeito de si mesmo.

eu: pare com isso.

tiny: só se você parar.

eu: estou avisando você.

não tenho a menor ideia do que a verdade tem a ver com o amor, e vice-versa. não estou nem pensando em termos de amor aqui. é muito, muito, muito cedo pra isso. mas acho que estou pensando em termos da verdade. quero que isso seja verdadeiro. e mesmo enquanto protesto com tiny e protesto comigo mesmo, a verdade está se tornando cada vez mais clara.

é hora de descobrirmos como isso tudo vai funcionar.

capítulo onze

Estou apoiado no meu armário, dez minutos antes de tocar o primeiro sinal, quando Tiny chega em disparada pelo corredor, em seus braços um monte de cartazes anunciando a audição pra *Tiny Dancer*.

— Grayson! — grita.

— Oi — respondo. Eu me levanto, pego um pôster dele e o seguro contra a parede. Ele larga os outros no chão e começa a prender com fita adesiva, rasgando a mesma com os dentes. Ele cola o pôster, então pegamos os que ele largou no chão, damos alguns passos e repetimos o processo. E o tempo todo ele fala. O coração dele bate, e as pálpebras piscam, e ele respira, e os rins produzem toxinas, e ele fala, e tudo isso de modo totalmente involuntário.

— Me desculpe por não voltar pra Frenchy's pra encontrar você, mas imaginei que você deduziria que peguei um táxi, o que, de fato, fiz, e de qualquer forma, Will e eu tínhamos andado até o Feijão e, assim, Grayson, eu sei que já disse isso antes, mas eu *gosto dele de verdade*. Afinal, é preciso gostar *mesmo* de alguém pra andar até o Feijão com essa pessoa e ouvi-la falar do namorado, que nem era homem, e eu ainda cantei pra ele. E Grayson, estou falando sério: dá pra acreditar que beijei Will Grayson? Eu. Beijei. Will. Grayson. Porra. E nada pessoal, porque, como já te disse um zilhão de vezes, acho você um cara muito gente boa, mas teria apostado meu colhão esquerdo que nunca ficaria com Will Grayson, sabe?

— Aham... — digo, mas ele não espera nem eu chegar ao fim do *ham* para recomçar.

— E ele me manda mensagens, assim, a cada 42 segundos, e as mensagens dele são brilhantes, o que é bacana porque é só uma vibraçãozinha agradável na perna, um simples lembrete-na-coxa de que ele... Olha, chegou uma.

Eu continuo segurando o pôster enquanto ele tira o telefone do bolso do jeans.

— Aww.

— O que diz? — pergunto.

— É confidencial. Acho que ele meio que confia em mim pra não comentar as mensagens, sabe?

Eu podia ressaltar o quão ridículo era alguém confiar em Tiny pra não falar sobre alguma coisa, mas não faço isso. Ele cola o pôster e começa a andar pelo corredor. Eu o sigo.

— Bem, fico feliz que sua noite tenha sido tão incrível. Enquanto isso, eu estava sendo surpreendido por um garoto que joga polo aquático, ex-namorado de Ja...

— Bem, em primeiro lugar — diz, me cortando —, que importância isso tem para você? Você *não está interessado* em Jane. Em segundo, eu não o chamaria de garoto. Ele é um *homem*. Um ex-namorado esculpido, imaculadamente concebido e sarado.

— Você não está ajudando.

— Só estou dizendo; ele não faz o meu tipo, mas é uma verdadeira maravilha pra se admirar. E que olhos! Como safiras queimando nos cantos escuros do seu coração. Mas, seja como for, eu não sabia que eles tinham sido namorados. Eu nem tinha ouvido falar do cara. Só pensei que fosse um cara bonito dando em cima dela. Jane nunca fala comigo sobre homens. Não sei por quê; sou totalmente confiável em relação a esse tipo de coisa.

Tem sarcasmo na voz — só o suficiente — pra me fazer rir. Ele fala por cima da risada.

— É impressionante quanta coisa não sabemos sobre as pessoas, sabe? Fiquei pensando nisso o fim de semana todo falando com Will. Ele se apaixonou por Isaac, que acabou sendo alguém inventado. Isso parece algo que só acontece na internet, mas na verdade acontece o tempo todo na vida real também.

— Bem, Isaac não foi inventado. Ele era apenas uma garota. Quero dizer, aquela tal Maura é Isaac.

— Não, ela não é — diz ele simplesmente.

Estou segurando o último dos pôsteres enquanto ele o prega na porta de um banheiro masculino. O cartaz diz: VOCÊ É FABULOSO? SE FOR, APAREÇA HOJE NO NONO TEMPO NO AUDITÓRIO. Ele termina de

colar e então nos dirigimos para a aula de pré-cálculo, os corredores começando a se encher.

A confusão de nomes Isaac/Maura me faz lembrar de uma coisa.

— Tiny — digo.

— Grayson — responde ele.

— Você pode, por favor, dar outro nome àquele personagem em sua peça, o coadjuvante?

— Gil Wrayson?

Faço que sim com a cabeça. Tiny levanta as mãos e anuncia:

— Não posso mudar o nome de Gil Wrayson! É tematicamente *vital* pra toda a produção.

— Sinceramente, não estou com humor para as suas palhaçadas — afirmo.

— Não estou de palhaçada com você. O nome dele tem de ser Wrayson. Pronuncie o nome devagar, atento ao som. Ray-sin. Rays-in. Tem duplo sentido: Gil Wrayson está passando por uma transformação. E precisa deixar os *raios* de sol *entrarem*, aqueles raios vindo sob a forma das canções de Tiny, a fim de se transformar em seu verdadeiro eu. Não mais ser uma ameixa, mas uma uva-passa banhada de sol. Você não vê?

— Ah, vamos lá, Tiny. Se isso é verdade, então por que diabos o nome dele é *Gil*?

Isso o detém por um momento.

— Humm — diz, olhando o corredor ainda quieto. — O nome simplesmente sempre me pareceu certo. Mas suponho que eu *possa* mudar. Vou pensar a respeito, ok?

— Obrigado — respondo.

— Por nada. Agora deixe de frescura.

— O quê?

Chegamos aos armários, e, embora outras pessoas possam ouvi-lo, ele fala alto como sempre.

— Blá-blá, Jane não gosta de mim, embora eu também não goste dela. Blá-blá, Tiny deu o meu nome a um personagem na peça dele. Tipo, há pessoas no mundo com problemas de verdade, sabe? É preciso manter a perspectiva.

— Cara, VOCÊ está ME dizendo pra manter a perspectiva? Jesus Cristo, Tiny! Eu só queria saber se Jane tinha namorado.

Tiny fecha os olhos e respira fundo, como se fosse eu que o estivesse irritando.

— Como eu disse, eu nem sabia que ele *existia*, ok? Mas então eu o vi conversando com ela, e dava pra ver só pela postura dele que o cara estava interessado nela. E, quando ele se afastou, tive de ir até ela e perguntar quem ele era, e ela disse: “Meu ex-namorado”, e eu disse: “*Ex?! Você precisa resgatar aquele gato de volta imediatamente!*”

Estou olhando pra lateral larga do rosto de Tiny Cooper. Ele está olhando pro outro lado, pro armário. Ele parece meio entediado, mas nesse momento suas sobrancelhas se erguem, e por um segundo eu penso que ele percebeu o quanto estou puto com o que acabou de dizer, mas ele leva a mão ao bolso do jeans e pega o telefone.

— Você não fez isso — digo.

— Desculpe, sei que não devia ler mensagens enquanto estamos conversando, mas estou apaixonado no momento.

— Não estou falando de *mensagens*, Tiny. Você não falou pra Jane voltar com aquele cara.

— Mas é claro que falei, Grayson — responde ele, ainda olhando pro telefone. Agora ele está escrevendo, respondendo a Will enquanto conversamos. — Ele era *lindo*, e você me disse que não gostava dela. Então agora gosta? *Garoto* típico; está interessado desde que ela não esteja.

Tenho vontade de socá-lo no rim por estar errado e por estar certo. Mas isso só me machucaria. Não sou nada além de um pequeno personagem na história de Tiny Cooper, e não tem nada que eu possa fazer exceto ser empurrado de um lado pro outro até que o ensino médio acabe, e eu possa finalmente escapar de sua órbita, finalmente deixando de ser uma lua girando em torno de seu gordo planeta.

E então percebo o que posso fazer. A arma de que disponho. Regra 2: Calar a boca. Passo por ele e me dirijo à aula.

— Grayson — chama ele.

Não respondo.

Não digo nada na aula de pré-cálculo quando ele milagrosamente se coloca em sua carteira. E não digo nada quando ele me diz que nesse momento não sou sequer seu Will Grayson favorito. Não digo nada quando ele me diz que enviou 45 mensagens ao outro Will Grayson nas últimas 24

horas, e sinceramente acho que isso é demais. Não digo nada quando ele segura o telefone debaixo do meu nariz, me mostrando algum texto de Will Grayson que supostamente vou adorar. Não digo nada quando ele me pergunta por que diabos não estou falando com ele. Não digo nada quando ele diz: “Grayson, você simplesmente estava me dando nos nervos e eu só disse aquilo tudo pra fazer você calar a boca. Mas não era minha intenção te calar tanto assim.” Não digo nada quando ele diz: “Não, sério, fala comigo”, e nada quando ele fala baixinho, mas ainda assim alto o suficiente pra que as pessoas ouçam: “De verdade, Grayson, me desculpe, ok? Me desculpe.”

E então, felizmente, a aula começa.

Cinquenta minutos depois, o sinal toca, e Tiny me segue, saindo pro corredor como uma sombra inchada, dizendo: “Sério, vai, isso é ridículo.” Não se trata nem mais de querer torturá-lo. Só estou me deleitando na glória de não precisar ouvir a carência e a impotência da minha própria voz.

No almoço, me sento sozinho na extremidade de uma mesa comprida onde estão vários membros do meu antigo Grupo de Amigos. Um cara chamado Alton diz: “E aí, viado?” e eu respondo: “Tudo bem”, e então esse outro cara, Cole, pergunta: “Você vai na festa de Clint? Vai ser irado”, o que me faz pensar que esses caras, na verdade, não me rejeitam, embora um deles tenha acabado de me chamar de viado. Aparentemente, ter Tiny Cooper como seu melhor-e-único amigo não o prepara bem para as complexidades da socialização masculina.

Eu digo:

— É, vou tentar dar uma passada lá — embora eu não saiba quando vai ser a festa.

Então um garoto careca chamado Ethan diz:

— Ei, você vai fazer teste pra peça gay de Tiny?

— Meu Deus, não — respondo.

— Acho que eu vou — diz ele, e eu levo um segundo tentando entender se ele está brincando ou não. Todos começam a rir e falar ao mesmo tempo, querendo fazer com que seu insulto seja o primeiro, mas ele simplesmente ri e diz:

— As garotas adoram homens sensíveis. — Ele gira na cadeira e grita pra mesa de trás, onde a namorada dele, Anita, está sentada. — Baby, eu não fico

sexy cantando?

— E como — responde ela.

Então ele olha, satisfeito, pra todos nós. Ainda assim, os garotos zombam dele. Eu me mantenho praticamente calado, mas, no fim do meu sanduíche de queijo e presunto, estou rindo das piadas deles nos momentos apropriados, o que, acho eu, significa que estou almoçando com eles.

Tiny me encontra quando estou colocando a bandeja na esteira. Jane está com ele, e ambos me acompanham. A princípio, ninguém fala. Jane está usando um suéter com capuz verde militar, o capuz cobrindo sua cabeça. Ela parece quase injustamente linda, como se o tivesse escolhido com o propósito expresso de me provocar. E diz:

— Hilária essa, Grayson. Tiny me disse que você fez voto de silêncio.

Faço que sim com a cabeça.

— Por quê? — pergunta.

— Hoje só estou falando com garotas bonitas — respondo, e sorrio.

Tiny tem razão — a existência do cara do polo aquático torna mais fácil flertar.

Jane sorri.

— Acho que Tiny é uma garota bastante bonita.

— Mas *por quê?* — implora Tiny quando dobro em um corredor. O labirinto de corredores idênticos, diferenciados apenas por diferentes murais do Wildkit, que costumava me apavorar. Deus, pensar que naquela época meu maior medo era um corredor. — Grayson, por favor. Você está me MATANDO.

Tenho consciência de que até onde me lembro, pela primeira vez, Tiny e Jane estão me seguindo.

Tiny decide me ignorar, e diz a Jane que espera um dia ter mensagens suficientes de Will Grayson pra fazer um livro, porque as mensagens dele são como poesia.

Antes que eu possa me conter, digo:

— “Devo igualar-te a um dia de verão?” passa a ser “vc é quente q nem agosto”.

— Ele fala! — grita Tiny e passa o braço em volta do meu ombro. — Eu sabia que você ia se recuperar! Ele agora será conhecido como Phil Wrayson! Phil Wrayson, que deve Phil-trar os raios de sol de Tiny, a fim de se tornar seu verdadeiro eu. É perfeito. — Faço que sim com a cabeça. As

pessoas ainda concluirão que sou eu, mas ele... Bem, ele está fingindo tentar.

— Ah, mensagem! — Tiny pega o telefone, lê a mensagem, deixa escapar um sonoro suspiro e começa a tentar digitar uma resposta com as mãos enormes. Enquanto ele digita com os polegares, eu digo:

— Eu escolho quem vai fazer esse papel.

Tiny faz que sim com a cabeça, distraído.

— Tiny — repito —, eu escolho quem vai fazer esse papel.

Ele levanta os olhos.

— O quê? Não, não, não. Eu sou o diretor. Sou o autor, o produtor, o diretor, o assistente de figurino e o diretor de elenco.

E Jane intervém:

— Vi você fazer que sim com a cabeça, Tiny. Você já concordou.

Ele apenas ri com desdém, então chegamos ao meu armário, e Jane meio que me puxa pelo cotovelo, me afastando de Tiny, e diz baixinho:

— Sabe, você não pode dizer coisas assim.

— Eu erro falando, erro ficando calado — explico, sorrindo.

— Eu só... Grayson, eu só... Você não pode dizer essas coisas.

— Que coisas?

— Sobre garotas bonitas.

— Por que não? — pergunto.

— Porque ainda estou pesquisando sobre a relação entre polo aquático e revelações. — Ela tenta um sorriso breve, de lábios apertados.

— Quer ir aos testes de *Tiny Dancer* comigo? — pergunto. Os polegares de Tiny ainda estão digitando sem parar.

— Grayson, não posso... Quero dizer, estou meio comprometida, sabe?

— Não estou te convidando pra um *encontro*. Estou chamando você pra uma atividade extracurricular. Vamos sentar no fundo do auditório e rir dos garotos fazendo o teste pro meu papel.

Não leio a peça de Tiny desde o verão passado, mas, pelo que me lembro, são uns nove papéis importantes: Tiny, a mãe dele (que faz um dueto com Tiny), Phil Wrayson, os alvos amorosos de Tiny: Kaleb e Barry e um casal hétero fictício que faz o personagem de Tiny acreditar em si mesmo ou algo do gênero. E há também um coro. No total, Tiny precisa de trinta pessoas no elenco. Calculo que devam aparecer umas 12 pessoas na audição.

Mas, quando chego ao auditório depois da aula de química, já tem pelo menos cinquenta pessoas em torno do palco e nas primeiras fileiras de cadeira, esperando que os testes comecem. Gary corre de um lado pro outro entregando a todos alfinetes de fralda e pedaços de papel com números escritos à mão, os quais os candidatos prendem em suas roupas. E, como se trata de gente de teatro, estão todos falando. Todos eles. Ao mesmo tempo. Não precisam ser ouvidos; só precisam falar.

Eu me sento na última fileira, uma cadeira antes do corredor, para que Jane possa ficar com o corredor. Ela chega logo depois e se senta ao meu lado, avalia a situação por um instante e então diz:

— Em algum lugar ali na frente, Grayson, tem alguém que terá de olhar dentro da sua alma a fim de incorporar você corretamente.

Estou prestes a responder quando a sombra de Tiny passa sobre nós. Ele se ajoelha ao nosso lado, entregando a cada um de nós uma prancheta.

— Por favor, escrevam um breve comentário sobre cada pessoa que vocês considerariam para o papel de Phil. Além disso, estou pensando em escrever um pequeno papel pra um personagem chamado Janey.

Então ele segue marchando confiantemente pelo corredor.

— Pessoal! — grita. — Pessoal, por favor, sentem-se.

As pessoas correm para as primeiras fileiras enquanto Tiny corre para o palco.

— Não temos muito tempo — diz ele, com a voz estranhamente afetada. Está falando como pensa que o pessoal de teatro fala, acho. — Primeiro, preciso saber se vocês sabem cantar. Um minuto de uma música pra cada um; se forem chamados de volta, então vão para a leitura de um personagem. Podem escolher sua música, mas saibam de uma coisa: Tiny Cooper. Odeia. “Over”. “The”. “Rainbow”.

Ele desce do palco com um pulo dramático, e então grita:

— Número 1, me faça amar você.

Número 1, uma loura tímida que se identifica como Marie F, sobe a escada ao lado do palco e se curva para um microfone. Ela olha por trás da franja na direção dos fundos do auditório, onde se lê em letras maiúsculas grandes e roxas WILDKITS SÃO IRADOS. Então prossegue, provando o contrário com uma interpretação incrivelmente ruim de uma baladinha da Kelly Clarkson.

— Ah, meu Deus — diz Jane baixinho. — Ah, Deus. Faça com que isso termine logo.

— Não sei do que você está falando — murmuro. — Essa garota é perfeita pro papel de Janey. Ela canta desafinado, adora pop comercial e namora baitolas. — Ela me dá uma cotovelada.

Número 2 é homem, um garoto robusto com cabelo comprido demais pra ser considerado normal, porém curto demais pra ser considerado comprido. Ele canta uma música de uma banda aparentemente chamada Damn Yankees — Jane sabe quem são, naturalmente. Não sei como é a versão original, mas a interpretação macaco gritador a cappella desse cara deixa muito a desejar.

— Parece que alguém acabou de dar um chute no saco dele — diz Jane.

E eu respondo:

— Se ele não parar logo, é isso que alguém vai fazer.

No Número 5, já estou *torcendo* por uma interpretação medíocre de algo inofensivo como “Over the Rainbow”, e suspeito que Tiny também, a julgar pelo modo como seu animado “Isso foi ótimo! Vamos entrar em contato com você” transformou-se em um “Obrigado. Próximo?”

As músicas variam de clássicos de jazz a covers de boy bands, mas todos os candidatos têm uma coisa em comum: são meio que péssimos. Quero dizer, claro que ninguém é ruim da mesma maneira, e nem todos são ruins o tempo todo, mas todo mundo é ruim, pelo menos um pouco. Fico pasmo quando meu companheiro do almoço, Ethan, Número 19, demonstra ser o melhor até então, cantando uma canção de um musical chamado *Despertar da Primavera*. O cara sabe cantar.

— Ele podia representar você — diz Jane. — Se deixasse o cabelo crescer e desenvolvesse uma marra.

— Eu não sou marrento...

— ... é o tipo de coisa que pessoas marrentas dizem. — Jane sorri.

Vejo duas potenciais Janes na próxima hora. Número 24 canta uma versão melosa estranhamente boa de uma canção de *Eles e Elas*. A outra garota, Número 43, tem cabelo liso oxigenado com mechas azuis e canta “Mary tinha um Carneirinho”. Alguma coisa na distância entre canções infantis e cabelos azuis me parecem bem típicos de Jane.

— Eu voto nela — declara Jane assim que a garota chega à segunda estrofe.

A última candidata é uma criatura diminuta, de olhos grandes, chamada Hazel, que canta uma canção de *Rent*. Quando ela termina, Tiny sobe correndo no palco pra agradecer a todos, dizer o quanto foram brilhantes, o quanto impossivelmente difícil será a decisão e que a chamada para a segunda fase dos testes será publicada depois de amanhã. Todos saem em fila, passando por nós, e então finalmente Tiny se arrasta pelo corredor.

— Você tem muito trabalho pela frente — digo a ele.

Ele faz um gesto dramático de futilidade.

— Não vimos muitos futuros astros da Broadway aqui — reconhece.

Gary se aproxima e diz:

— Gostei dos números 6, 19, 31 e 42. Os outros, bem... — E então Gary leva a mão ao peito e começa a cantar. — Somewhere over the rainbow, way up high / The sound of singing wildkits, makes me wanna die.

— Meu Deus — digo. — Você parece um *cantor de verdade*. Como Pavarotti.

— Bem, exceto pelo fato de ele ser um barítono — comenta Jane, sua presunção musical aparentemente estendendo-se inclusive ao mundo da ópera.

Tiny estala os dedos de uma das mãos, animado, enquanto aponta para Gary.

— Você! Você! Você! Para o papel de Kaleb. Parabéns.

— Você quer que eu represente uma versão ficcional do meu ex-namorado? — pergunta Gary. — Acho que não.

— Então Phil Wrayson! Não me importo. Escolha o seu papel. Meu Deus, você canta melhor que todos eles.

— Isso! — digo. — Eu escolho você.

— Mas eu teria de beijar uma garota — diz ele. — Argh.

Não me lembro de meu personagem beijando nenhuma garota, e começo a perguntar a Tiny sobre isso, mas ele me corta, dizendo: “Andei reescrevendo.” Tiny bajula Gary um pouco mais e ele então concorda em me representar, e, honestamente, aceito. Enquanto seguimos pelo corredor, saindo da cantina, Gary se vira pra mim, inclinando a cabeça e estreitando os olhos.

— Como é ser Will Grayson? Preciso saber como é isso por dentro.

Ele ri, mas também parece aguardar uma resposta. Eu sempre pensei que ser Will Grayson significasse ser eu, mas aparentemente não é isso. O outro Will Grayson também é Will Grayson, e agora Gary também vai ser.

— Eu só tento calar a boca e não me importar com nada — digo.

— Palavras tão comoventes. — Gary sorri. — Irei basear seu personagem nos atributos dos rochedos na margem do lago: silenciosos, apáticos e, considerando-se o pouco que se exercitam, surpreendentemente esculpidos.

Todos riem, exceto Tiny, que está enviando uma mensagem pelo telefone. Quando saímos do corredor, vejo Ethan encostado no pedestal do troféu Wildkit, a mochila nas costas. Vou até ele e digo:

— Nada mau hoje.

Ele sorri e diz:

— Só espero não ser bonito demais pra representar você. — E sorri novamente.

Retribuo o sorriso, embora ele pareça um tanto sério.

— Vejo você sexta na festa na casa do Clint? — pergunta ele.

— Sim, talvez — respondo. Ele ajusta a mochila em um ombro e se afasta, com um aceno da cabeça. Atrás de mim, ouço Tiny implorar dramaticamente:

— Alguém me diga que vai dar tudo certo!

— Vai dar tudo certo — diz Jane. — Atores medíocres acabam crescendo e prestando.

Tiny respira fundo, espanta algum pensamento da mente e conclui:

— Você tem razão. Juntos serão melhores que a simples soma de suas partes. Cinquenta e cinco pessoas fizeram teste pra minha peça! Meu cabelo está incrível hoje! Tirei B num trabalho de inglês!

O celular dele faz um zumbido.

— E acabei de receber uma mensagem do meu novo Will Grayson favorito. Você está totalmente certa, Jane: tudo vai dar Tiny.

capítulo doze

tudo começa quando chego em casa, vindo de chicago. já tenho 27 mensagens de tiny em meu celular. e ele tem 27 minhas. isso consumiu a maior parte da viagem de trem. no restante do tempo, eu calculava o que precisava fazer no momento em que passasse pela porta. porque, se a inexistência de isaac vai pesar sobre mim, preciso me livrar de algumas outras coisas a fim de não desabar direto no chão. eu já estou pouco me fodendo. isto é, não que eu pensasse que dava a mínima antes. mas aquilo era um pouco-me-fodendo amador. agora é a liberdade do tipo pouco-me-fodendo.

mamãe está à minha espera na cozinha, bebericando um chá, folheando uma daquelas revistas idiotas em que celebridades ricas exibem suas casas. ela levanta os olhos quando entro.

mãe: como foi em chicago?

eu: olhe, mãe, eu sou totalmente gay, e agradeceria se você pudesse deixar de lado o surto agora, porque, sim, temos o resto de nossas vidas pra lidar com isso, porém quanto mais cedo atravessarmos a parte da agonia, melhor.

mãe: a parte da agonia?

eu: você sabe, você rezando pela minha alma, me xingando por não te dar netinhos com uma esposa e dizendo o quanto está decepcionada.

mãe: você acha mesmo que eu faria isso?

eu: é seu direito, acho. mas se quiser pular essa etapa, está bom pra mim.

mãe: acho que quero pular essa etapa.

eu: mesmo?

mãe: mesmo.

eu: uau. quero dizer, isso é legal.

mãe: você me dá pelo menos um ou dois segundos pra ficar surpresa?

eu: claro. afinal, essa não devia ser a resposta que você esperava quando me perguntou como foi em chicago.

mãe: acho que é seguro dizer que não era a resposta que eu estava esperando.

estou olhando o rosto dela para ver se está reprimindo tudo, mas parece que é isso mesmo. o que é espetacular, levando-se toda a situação em consideração.

eu: você vai me dizer que sempre soube?

mãe: não. mas eu andava me perguntando quem era isaac.

ah, merda.

eu: isaac? você também estava me espionando?

mãe: não. é só que...

eu: o quê?

mãe: você dizia o nome dele dormindo. eu não estava espiando. mas dava pra ouvir.

eu: uau.

mãe: não fique bravo.

eu: como eu poderia ficar bravo?

sei que essa é uma pergunta boba. já provei que posso ficar bravo com muitas coisas. uma vez acordei no meio da noite e jurei que minha mãe havia instalado um alarme de fumaça no teto enquanto eu dormia. então irrompi no quarto dela e comecei a gritar como ela podia pôr uma coisa no meu quarto sem me dizer nada, e ela acordou e com toda a calma disse que o alarme contra fumaça ficava no corredor, e eu a arrastei pra fora da cama pra mostrar, e naturalmente não havia nada no teto do meu quarto — eu só havia sonhado. e ela não gritou comigo nem nada assim. apenas me disse que voltasse a dormir. e o dia seguinte foi péssimo pra ela, mas nem uma só vez minha mãe disse que tinha relação com o fato de eu tê-la acordado no meio da noite.

mãe: você viu isaac em chicago?

como explicar isso a ela? quero dizer, se disser que fui até a cidade pra ir a uma sex shop encontrar um cara que no final não existia, os ganhos da noite de pôquer das próximas semanas vão ser gastos numa consulta com o dr. keebler. mas, quando está atenta, ela sabe quando estou mentindo. não quero mentir neste momento. assim, distorço a verdade.

eu: sim, vi. o apelido dele é tiny. é assim que o chamo, embora ele seja enorme. na verdade, sabe, ele é muito legal.

aqui estamos em território mãe-filho completamente desconhecido. não só nesta casa — talvez em toda a américa.

eu: não fique preocupada. fomos só até o millennium park e conversamos um pouco. alguns amigos dele estavam lá também. não vou ficar grávido.

minha mãe ri.

mãe: bem, *isso* é um alívio.

ela se levanta da mesa da cozinha e, antes que eu me dê conta, está me dando um abraço. e, por um momento, não sei o que fazer com meus braços, e então digo a mim mesmo: *seu idiota, abrace ela também*. então faço isso, e espero que ela comece a chorar, porque um de nós dois deveria estar chorando. no entanto, ela tem os olhos secos quando se afasta de mim — um pouco turvos, talvez, mas eu já a vi quando as coisas não vão bem, quando tudo está totalmente uma merda, e assim sei o suficiente pra reconhecer que essa não é uma dessas ocasiões. estamos bem.

mãe: maura ligou algumas vezes. parecia aborrecida.

eu: bem, ela que vá pro inferno.

mãe: will!

eu: desculpe. não era minha intenção dizer isso em voz alta.

mãe: o que aconteceu?

eu: não quero entrar em detalhes. só vou te dizer que ela me magoou muito, muito mesmo, e preciso que isso pare por aqui. se ela ligar pra cá, quero que você diga a ela que nunca mais quero falar com ela. não diga que

não estou em casa. não minta quando eu estiver no quarto. diga a ela a verdade — que acabou e que nunca mais estará desacabado. por favor.

seja porque concorda ou porque sabe que não tem sentido discordar quando estou assim, mamãe faz que sim com a cabeça. tenho uma mãe muito inteligente, no fim das contas.

já é hora de ela ir — achei que isso fosse acontecer depois do abraço —, mas, como ainda está por ali, tomo a iniciativa.

eu: vou pra cama. vejo você amanhã.

mãe: will...

eu: sério, foi um dia muito longo. obrigado por ser tão, você sabe, compreensiva. te devo uma. uma das grandes.

mãe: não se trata de dever nada...

eu: eu sei. mas você sabe o que quero dizer.

não quero sair enquanto não estiver claro que está tudo bem em eu sair. afinal, isso é o mínimo que posso fazer.

ela se inclina e beija a minha testa.

mãe: boa noite.

eu: boa noite.

então vou pro meu quarto, ligo o computador e crio um novo nome de usuário.

willupleasebequiet: tiny?

bluejeansbaby: aqui!

willupleasebequiet: você está pronto?

bluejeansbaby: pra quê?

willupleasebequiet: pro futuro

willupleasebequiet: porque acho que ele acaba de começar

*

tiny me manda um arquivo com uma das canções de *tiny dancer*. diz que espera que vá me inspirar. eu a passo pro meu ipod e ouço no caminho pra

escola na manhã seguinte.

*Houve um tempo de neblina
Em que pensei gostar de vagina
Mas eis que veio um verão
E algo melhor captou meu coração*

*Eu soube no momento em que ele ocupou o beliche de cima
O quanto desesperadamente eu queria criar um clima
Joseph Templeton Oglethorpe Terceiro
Fez meu coração cantar feito um pássaro brejeiro*

*Verão de alegria!
Tão adorável! Tão gay!
Verão de alegria!
Definiu o ano inteiro, eu sei!*

*Mamãe e Papai não sabiam que estavam me deixando de quatro
No momento em que me mandaram pro acampamento de teatro*

*Tantos Hamlets entre os quais escolher
Alguns atormentados, alguns gatinhos
Eu estava pronto para a esgrima
Ou para seguir de Ofélia o caminho*

*Havia garotos que me chamavam de irmã
E irmãs que me ensinaram sobre garotos
Joseph me sussurrava doces bobagens
E eu o alimentava com biscoitos*

*Verão de alegria!
Tão cheio de frutas! Tão completo!
Verão de alegria!
Percebi que Anjo era meu papel predileto!*

*Mamãe e Papai não sabiam que eu dava a seu dinheiro tão bom proveito
Quando em nossa produção de Rent aprendi sobre o amor perfeito*

*Tantos beijos nas passarelas
Tanta competição pelos papéis
Nos apaixonávamos tão completamente
Entre tantas raças, sexualidades e fiéis...*

*Verão de alegria!
Chegou tão rápido ao fim!
Verão de alegria!
Meu coração ainda ouve seu clarim!*

*Joseph e eu não chegamos a setembro
Mas não se pode apagar a brasa colorida
Nunca mais hei de voltar
À estrada heterossexual nesta vida*

*Pois agora todo dia
(Sim, todos os dias)
É verão de
alegria!*

como nunca prestei atenção a musicais, não sei se todos soam assim tão gays ou se é apenas o de tiny. desconfio que eu acharia todos gays assim. não estou inteiramente certo de como isso pode me inspirar a fazer qualquer coisa que não seja me inscrever num curso de teatro, o que nesse momento é tão provável quanto eu convidar maura pra sair. no entanto, tiny me disse que eu era a primeira pessoa a ouvir a música, além da mãe dele, então isso conta alguma coisa. mesmo que seja bobo, é um tipo doce de bobeira.

até consegue desviar minha cabeça da escola e de maura por alguns minutos. mas, assim que chego lá, ela está bem diante de mim, e lembro que a montanha se trata de um vulcão, e não posso evitar o desejo de querer lançar lava pra todos os lados. passo direto pelo lugar em que costumamos nos encontrar, mas isso não a detém. ela vem atrás de mim, dizendo todas as coisas que estariam em um cartão da hallmark, se a hallmark fizesse cartões pra pessoas que inventam namorados virtuais pra outras pessoas e então são pegadas na mentira.

maura: me desculpe, will. não era minha intenção te magoar nem nada. eu só estava brincando. não percebi o quanto você estava levando a sério. e sou uma vaca total por isso, eu sei. mas só fiz porque era a única maneira de me aproximar de você. não me ignora, will. fala comigo!

vou apenas fingir que ela não existe. porque todas as outras opções acarretariam minha expulsão e/ou prisão.

maura: por favor, will. estou muito, muito arrependida.

agora ela está chorando, e eu não ligo. as lágrimas são pro seu próprio benefício, não pro meu. ela que sinta a dor que sua poesia deseja. isso não tem nada a ver comigo. não mais.

ela tenta me passar bilhetinhos durante a aula. derrubo-os da minha mesa e os largo no chão. ela me manda mensagens de texto, e eu as deleteo sem ler. ela tenta se aproximar de mim no começo do almoço, e ergo um muro de silêncio que nenhuma melancolia gótica pode escalar.

maura: muito bem. entendo que esteja com raiva. mas ainda vou estar aqui quando você não estiver mais com tanta.

quando as coisas se quebram, não é o ato de quebrar em si que impede que elas se refaçam. é porque um pedacinho se perde — as duas bordas que restam não se encaixam, mesmo que queiram. a forma inteira mudou.

eu nunca, jamais voltarei a ser amigo de maura. e quanto mais cedo ela perceber isso, menos irritante vai ser.

quando falo com simon e derek, descubro que eles derrotaram os desafiantes da trigonometria ontem, assim pelo menos sei que não estão mais furiosos comigo por abandoná-los. meu lugar na mesa do almoço continua seguro. nos sentamos e comemos em silêncio durante pelo menos cinco minutos, até que simon fala.

simon: então, como foi seu grande encontro em chicago?

eu: você quer mesmo saber?

simon: sim — se foi grande o bastante pra você se retirar de nossa competição, quero saber como foi.

eu: bem, a princípio ele não existiu, mas em seguida existiu e aí foi tudo bem. antes, quando falei com você a respeito, tomei muito cuidado pra não usar nenhum pronome, mas agora não dou mais a mínima.

simon: espere um segundo... você é gay?

eu: é. suponho que seja essa a conclusão correta pra você tirar.

simon: isso é nojento!

essa não é exatamente a reação que eu esperava de simon. apostava em algo um pouco mais próximo da indiferença.

eu: o que é nojento?

simon: você sabe. colocar seu negócio no lugar por onde ele, hã, defeca.

eu: em primeiro lugar, não coloquei meu negócio em lugar algum. e você se dá conta, não é?, de que quando um cara e uma garota transam, ele põe o negócio dele onde ela urina e menstrua?

simon: ah. eu não havia pensado nisso.

eu: exatamente.

simon: ainda assim, é estranho.

eu: não mais do que tocar punheta para personagens de videogames.

simon: quem te contou isso?

ele bate na cabeça de derek com o garfo de plástico.

simon: você contou isso a ele?

derek: não contei nada!

eu: deduzi sozinho. de verdade.

simon: são só os personagens femininos.

derek: e alguns feiticeiros!

simon: CALA A BOCA!

não era assim, tenho de admitir, que imaginei que seria assumir ser gay.

felizmente, tiny me manda mensagens a cada cinco minutos mais ou menos. não sei como ele faz isso na aula sem ser pego. talvez esconda o telefone nas dobras da barriga ou algo no gênero. qualquer que seja o caso, eu me sinto grato. porque é difícil odiar demais a vida quando você tem alguém interrompendo o seu dia com coisas como

ESTOU TENDO PENSAMENTOS GAYS FELIZES A SEU RESPEITO
e
QUERO TRICOTAR UM SUÉTER PRA VC. QUE COR?
e
ACHO QUE ACABEI DE ME DAR MAL NUM TESTE DE
MATEMÁTICA PORQUE ESTAVA PENSANDO DEMAIS EM VC
e
O QUE RIMA COM JULGAMENTO POR SODOMIA?
depois
VIL LOBOTOMIA?
depois
MEU ROBÔ TITIA?
depois
MEU ROBÔ SE DELICIA!
Depois
MEU ROBÔ É UMA VADIA?
depois
ALIÁS — É PRA CENA EM Q O FANTASMA DE OSCAR WILDE ME
APARECE EM SONHO

entendo apenas metade do que ele está falando, e em geral isso me irrita profundamente. mas, com tiny, isso não importa tanto. talvez um dia eu entenda. e, se não entender, viver absorto também pode ser divertido. o gorducho está me transformando em um molenga. é doentio, de verdade.

ele também me envia pelo celular todas essas perguntas sobre como vão as coisas, o que estou fazendo, como me sinto e quando ele vai me ver de novo. não posso evitar — acho que é meio parecido com o que vivi com isaac. só que sem a distância. dessa vez, sinto que conheço a pessoa com quem estou falando. porque tenho a sensação de que, com tiny, o que você vê é o que ele é. ele não esconde nada. eu quero ser assim. só que sem ter de ganhar, digamos, 150 quilos para isso.

depois da escola, maura me alcança no armário.

maura: simon me disse que agora você é oficialmente gay. que “encontrou alguém” em chicago.

não te devo coisa nenhuma, maura. muito menos uma explicação.

maura: o que você está fazendo, will? por que falou isso pra ele?

porque de fato conheci alguém, maura.

maura: fale comigo.

nunca. vou deixar que o ato de fechar meu armário fale por mim. vou deixar que o som dos meus passos fale por mim. vou deixar que o fato de não olhar pra trás fale por mim.

está vendo, maura, não dou a mínima.

naquela noite, tiny e eu falamos pelo computador durante quatro horas. minha mãe me deixa em paz e até permite que eu fique acordado até tarde.

alguém com um perfil falso deixa um comentário em minha página do myspace me chamando de viado. não creio que seja maura; alguém mais da escola deve ter ouvido.

quando olho em minha caixa de correio todas as mensagens que guardei ali, vejo que o rosto de isaac foi substituído por um quadrado cinza cortado por um X vermelho.

“este perfil não existe mais”, diz.

assim, as mensagens dele permanecem, mas ele se foi.

vejo algumas pessoas me lançando olhares estranhos na escola no dia seguinte e me pergunto se seria possível refazer o caminho que a fofoca percorreu partindo de derek ou de simon até o garoto alto e arrogante que me fuzila com os olhos. naturalmente, é possível que o garoto alto e arrogante tenha sempre me fuzilado com os olhos, e eu só esteja notando agora. tento não dar a mínima.

maura está quieta, mas presumo que seja porque está planejando o próximo ataque. queria dizer a ela que não vale a pena. talvez nossa amizade não estivesse mesmo destinada a durar mais que um ano. talvez as coisas que nos aproximaram — melancolia, desgraça, sarcasmo — não foram concebidas para nos manter unidos. a merda é que sinto falta de isaac, mas não sinto dela. mesmo sabendo que isaac era ela. nenhuma daquelas

conversas tem mais importância. lamento sinceramente que maura tenha chegado a esse nível de insanidade pra me fazer contar a verdade — teria sido melhor para os dois se não tivéssemos sido amigos em primeiro lugar. não vou tentar puni-la — não vou sair contando pra todos o que fez, nem pôr uma bomba em seu armário, nem gritar com ela na frente de todo mundo. só quero que ela vá embora. só isso. the end.

pouco antes do almoço, um garoto chamado gideon me aborda diante do meu armário. na verdade, não nos falamos desde o sétimo ano, quando fazíamos dupla no laboratório de ciências da terra. então ele se destacou nos estudos, e eu não. sempre gostei dele e mantivemos um relacionamento do tipo oi-no-corredor. ele costuma ser o dj nas festas, principalmente aquelas a que não vou.

gideon: oi, will.

eu: oi.

tenho certeza de que ele não está aqui pra me criticar. a camiseta dele do lcd soundsystem meio que revela isso.

gideon: então, é... ouvi dizer que você talvez seja, você sabe...

eu: ambidestro? filatelista? homossexual?

ele sorri.

gideon: é. e, eu não sei, mas, quando me dei conta de que eu era gay, foi muito ruim que ninguém dissesse algo como “muito bem”. então eu só quis vir aqui dizer...

eu: muito bem?

ele fica vermelho.

gideon: bem, parece idiota assim. mas essa é a essência. bem-vindo ao clube. é um clube muito pequeno nesta escola.

eu: espero que não haja taxas...

ele fita os próprios sapatos.

gideon: hã, não. não é um clube *de fato*.

se tiny fosse da nossa escola, imagino que seria mesmo um clube. e ele seria o presidente.

sorrio. gideon levanta os olhos e vê.

gideon: talvez, se você quiser, não sei, a gente pode tomar um café ou alguma coisa depois da escola...?

demoro um segundo.

eu: você está me chamando pra sair?

gideon: hum, talvez?

bem aqui no corredor. com toda essa gente à nossa volta. impressionante.

eu: o negócio é o seguinte: eu adoraria sair com você. mas... tenho um namorado.

essas palavras estão de fato saindo da minha boca.
im-pressionante.

gideon: ah.

pego meu celular e mostro a ele a caixa de entrada cheia de mensagens de tiny.

eu: juro que não estou inventando isso só pra fugir de um encontro com você. o nome dele é tiny. estuda na evanston.

gideon: você tem muita sorte.

essa não é uma palavra que costuma ser aplicada a mim.

eu: por que você não senta comigo, simon e derek no almoço?

gideon: eles também são gays?

eu: só se você for um feiticeiro.

um minuto depois mando uma mensagem pra tiny.

FIZ UM NOVO AMIGO GAY.

e ele responde

PROGRESSO!!!

então

VOCÊ DEVIA FORMAR UMA AGH!

ao que respondo

UM PASSO DE CADA VEZ, BIG BOY

e ele retruca

BIG BOY — ADOREI!

as mensagens prosseguem pelo resto do dia e noite adentro. é incrível, de verdade, com que frequência se pode escrever pra alguém com um limite baixo de caracteres. é tão idiota, porque a sensação que tenho é de que tiny está passando o dia comigo. como se estivesse presente quando ignoro maura, converso com gideon ou descubro que ninguém vai me assassinar com um machado na aula de educação física porque estou transmitindo uma vibe homossexual.

ainda assim, não é o bastante. porque me sentia assim às vezes com isaac. e não vou deixar esse relacionamento acontecer todo na minha cabeça.

assim, nessa noite, ligo pra tiny e falo com ele. digo que quero que ele venha me visitar. e ele não inventa desculpas. não diz que é impossível. em vez disso, pergunta

tiny: quando?

admito que existe um certo grau de se importar em não se importar. ao dizer que você não se importa se o mundo desmorona, está dizendo que quer que ele se mantenha de pé, nas suas condições.

quando encerro minha conversa com tiny e desligo, minha mãe entra no meu quarto.

mãe: como está indo?

eu: bem.

e é verdade, pela primeira vez.

capítulo treze

Acordo com o som do meu despertador berrando ritmicamente, e parece alto como uma sirene de ambulância, gritando comigo com tamanha ferocidade que quase chega a ferir meus sentimentos. Rolo na cama e estreito os olhos na escuridão: 5h43 da manhã. Meu alarme não toca antes das 6h37.

E só então percebo: o barulho não vem do meu despertador. É de uma buzina, estridente, soando uma espécie de terrível canção de sereias pelas ruas de Evanston, um anúncio uivante de desgraça. Buzinas não tocam assim tão cedo, não com tamanha insistência. Deve ser uma emergência.

Levanto correndo da cama, visto um jeans e corro na direção da porta da frente. Sinto alívio ao ver tanto minha mãe quanto meu pai vivos, correndo para a entrada. Digo: “Meu Deus, o que está acontecendo?” e minha mãe se limita a dar de ombros e meu pai pergunta: “Isso é uma buzina de carro?” Chego à porta primeiro e espio pelo vidro lateral.

Tiny Cooper está estacionado diante da minha casa, buzinando metodicamente.

Corro pra fora e só quando me vê ele para de buzinar. A janela do passageiro se abre.

— Meu Deus, Tiny. Você vai acordar toda a vizinhança.

Vejo uma lata de Red Bull dançando em sua mão imensa e trêmula. A outra mão permanece na buzina, pronta pra apertá-la a qualquer momento.

— Precisamos ir — diz ele, a voz apressada. — Ande, vamos vamos vamos vamos vamos.

— Qual é o problema com você?

— Temos de ir pra escola. Explico depois. Entre no carro. — Ele soa tão freneticamente sério, e eu estou tão cansado, que nem penso em questioná-lo. Então simplesmente entro em casa correndo, calço meias e sapatos,

escovo os dentes, digo aos meus pais que vou pra escola mais cedo e entro apressado no carro de Tiny.

— Cinco coisas, Grayson — começa ele ao engatar o carro e acelerar, sem que a mão trêmula jamais abandone a lata de Red Bull.

— O que foi? Tiny, qual é o problema?

— Não há nenhum problema. Está tudo certo. As coisas não podiam estar mais certas. Podiam ser menos cansativas. Menos agitadas. Menos cafeinadas. Mas não podiam ser mais certas.

— Cara, você tomou metanfetamina?

— Não, tomei Red Bull. — Ele me entrega a latinha, e eu a cheiro, tentando descobrir se o Red Bull está misturado com alguma coisa. — E café — acrescenta. — Então ouça, Grayson. Cinco coisas.

— Não posso acreditar que você acordou todos os meus vizinhos às 5h43 sem nenhum motivo.

— Na verdade — diz ele, a voz mais alta do que parece necessário tão cedo —, eu te acordei por *cinco* razões, que é o que estou tentando te dizer, só que você fica me interrompendo, o que é uma coisa muito, assim, Tiny Cooper de se fazer.

Conheço Tiny Cooper desde que ele era um aluno muito grande e muito gay do quinto ano. Já o vi bêbado e sóbrio, faminto e saciado, barulhento e mais barulhento ainda, apaixonado e com saudade. Já o vi em bons e maus momentos, na saúde e na doença. E em todos esses anos, ele nunca antes fez uma piada autodepreciativa. Não posso deixar de pensar: talvez Tiny Cooper devesse fritar os miolos com cafeína mais vezes.

— Ok, quais são as cinco coisas? — pergunto.

— Um: terminei de selecionar o elenco da peça ontem à noite, por volta das 23h, enquanto estava no skype com Will Grayson. Ele me ajudou. Eu imitei todos os candidatos em potencial e ele me ajudou a decidir quem era o menos horrível.

— O outro Will Grayson — corriji.

— Dois — continua ele, como se não tivesse me ouvido. — Logo depois, Will foi dormir. E eu pensei comigo mesmo: sabe, faz oito dias que o conheci, e tecnicamente não gostei de alguém que também gostasse de mim por oito dias em toda a minha vida, a menos que você conte meu relacionamento com Bethany Keene no terceiro ano, o que obviamente não se pode fazer, já que ela é uma garota.

“Três, e então eu estava pensando nisso, deitado na cama, olhando pro teto e pude ver as estrelas que colamos lá no sexto ano ou sei lá. Você lembra? As estrelas que brilham no escuro, o cometa e tudo mais?”

Faço que sim com a cabeça, mas ele não olha pra mim, embora estejamos parados em um sinal.

— Bem — continua ele —, eu estava olhando praquelas estrelas e elas estavam se apagando porque fazia alguns minutos que eu havia desligado a luz, e então vivenciei um despertar espiritual ofuscante. Do que trata *Tiny Dancer*? Quero dizer, qual é o tema, Grayson? Você leu.

Presumo que, como sempre, ele esteja fazendo uma pergunta retórica, então não digo nada pra que ele prossiga reclamando, porque, por mais doloroso que seja admitir isso, tem algo de maravilhoso no palavrório de Tiny, principalmente em uma rua silenciosa quando ainda estou semiadormecido. Tem alguma coisa no simples ato de ele falar que é vagamente prazeroso, embora eu preferisse que não fosse. É alguma coisa em sua voz, não no tom ou na dicção cafeinada e veloz, mas na voz propriamente dita — sua familiaridade, acho, porém também em seu aspecto inesgotável.

Mas ele não diz nada por um tempo e então percebo que ele espera, sim, que eu responda. Não sei o que ele quer ouvir, então no fim digo simplesmente a verdade.

— *Tiny Dancer* é sobre Tiny Cooper — respondo.

— *Exatamente!* — grita ele, socando o volante. — E nenhum grande musical é sobre uma pessoa, não mesmo. E é esse o problema. Esse é todo o problema com a peça. Ela não fala de tolerância ou compreensão ou amor ou qualquer outra coisa. Fala de *mim*. E, assim, nada contra mim. Quero dizer, sou mesmo fabuloso. Não sou?

— Você é um pilar do que é mais fabuloso na comunidade — digo a ele.

— Sim, exato — retruca ele. Está sorrindo, mas é difícil dizer até que ponto está brincando. Estamos chegando à escola agora, o lugar inteiramente morto, nem um único carro no estacionamento dos professores. Ele entra no lugar de costume, pega a mochila no banco traseiro, salta e começa a atravessar o lugar deserto. Eu o sigo.

— Quatro — diz ele. — Então percebi que, apesar de meu grande e incrível caráter fabuloso, a peça não pode ser sobre mim. Precisa ser sobre algo ainda mais fabuloso: o amor. O muito esplendoroso manto de mil cores

do amor em toda a sua miríade de glórias. E, assim, tinha de ser revisada. E rebatizada. E então tive de ficar acordado a noite toda. E escrevi feito louco, escrevi um musical intitulado *Me abrace mais forte*. Vamos precisar de mais cenários do que pensei. E mais! E mais! Mais vozes no coro. O coro deve ser como uma porra de um *muro* de canções, sabe?

— Claro, sim. Qual é a quinta coisa?

— Ah, tá. — Ele contorce o ombro, livrando-o da mochila, e a desliza para o peito. Abre o zíper da divisória da frente, vasculha o conteúdo por um momento e então tira uma rosa feita inteiramente de fita adesiva verde. E a entrega a mim. — Quando fico estressado — explica — fico habilidoso. Ok. Ok. Vou para o auditório começar a esboçar algumas cenas, ver como o material novo fica no palco.

Eu paro de andar.

— Hã, você precisa que eu ajude ou algo assim?

Ele balança a cabeça negativamente.

— Sem ofensa, Grayson, mas quais são exatamente suas qualidades para o teatro?

Ele já está se afastando, e tento ficar na minha, firme, mas finalmente corro atrás dele até os degraus da escola, porque tenho uma pergunta urgente.

— Então por que diabos você me acordou às 5h43 da madrugada?

Ele se volta para mim. É impossível não sentir a imensidão de Tiny quando ele se agiganta sobre os ombros pra trás, sua largura quase bloqueando inteiramente a visão da escola atrás de si, seu corpo como um feixe de minúsculos tremores. Seus olhos estão arregalados de maneira pouco natural, como os de um zumbi.

— Bem, eu precisava contar pra *alguém* — diz.

Fico pensando nisso por um minuto, e então o sigo até o auditório. Pela próxima hora, observo Tiny correr de um lado pro outro do teatro como um lunático alvoroçado, murmurando para si mesmo. Ele coloca fita adesiva no chão pra marcar seus cenários imaginários, faz piruetas pelo palco enquanto sussurra letras de músicas em ritmo acelerado, e, de vez em quando, grita:

— Não é sobre Tiny! É sobre o amor!

Então as pessoas começam a entrar para a aula de teatro no primeiro tempo, e Tiny e eu vamos para a aula de pré-cálculo, onde Tiny executa o milagre do Homem-Grande-na-Carteira-Pequena e eu sinto o assombro

costumeiro. As aulas são um tédio e então, na hora do almoço, estou sentado com Gary, Nick e Tiny; Tiny falando sobre seu despertar espiritual ofuscante de uma maneira que — nada contra Tiny — meio que deixa implícito que talvez ele não tenha internalizado completamente a ideia de que a terra não gira em torno do eixo Tiny Cooper, e então pergunto a Gary:

— Ei, cadê a Jane?

E Gary responde:

— Tá doente.

Ao que Nick acrescenta:

— Com a doença vou-passar-o-dia-no-jardim-botânico-com-meu-namorado.

Gary lança a Nick um olhar de desaprovação.

Tiny rapidamente muda o assunto, e eu tento rir em todos os momentos apropriados pelo restante do almoço, mas não estou mais ouvindo.

Sei que ela está namorando o Sr. Bobalhão McPolo Aquático, e sei que, às vezes, quando namora, você pratica atividades idiotas, como ir ao jardim botânico, mas, apesar de todo esse conhecimento que deveria me proteger, ainda me sinto um merda pelo resto do dia. *Um dia desses*, fico me dizendo, *você vai aprender a calar a boca de verdade e não se importar*. E até lá... Bem, até lá vou ficar respirando fundo porque a sensação que tenho é de que o ar me foi tirado. Apesar de não chorar, certamente eu me sinto muito pior do que no fim de *Todos os cães merecem o céu*.

Ligo pra Tiny depois da escola, mas cai no correio de voz, então mando uma mensagem de texto pra ele: “O Will Grayson original solicita o prazer de um telefonema quando possível.” Ele só liga às 21h30. Estou no sofá, assistindo a uma estúpida comédia romântica com meus pais. Os pratos de nosso jantar chinês-pra-viagem-colocado-em-pratos-de-verdade-pra-que-você-tenha-a-sensação-de-que-é-feito-em-casa ocupam a mesa de centro. Meu pai está cochilando, como sempre acontece quando não está trabalhando. Minha mãe se senta mais perto de mim do que parece necessário.

Assistindo ao filme, não consigo parar de pensar em querer estar no ridículo jardim botânico com Jane. Só caminhando, ela vestindo agasalho de capuz e eu fazendo piadas com os nomes das plantas em latim, e ela dizendo que *Ficaria verna* seria um bom nome pra um grupo de hip hop nerdcore

que só faz rap em latim, e assim por diante. Na verdade, posso visualizar a maldita cena por completo, o que faz com que meu desespero chegue quase a ponto de me queixar com minha mãe sobre a situação, mas isso só vai significar perguntas sobre Jane pelos próximos sete a dez anos. Meus pais têm tão poucos detalhes sobre minha vida particular que sempre que esbarram em alguma migalha, agarram-se a ela por éons. Gostaria que fossem mais hábeis em esconder seu desejo de que eu tivesse toneladas de amigos e namoradas.

Portanto/mas/e Tiny liga, e eu digo: “Oi”, e então me levanto e vou pro meu quarto e fecho a porta, e nesse tempo todo Tiny não diz nada. Então digo:

— Alô?

E ele fala distraído:

— Sim, oi.

Eu o ouço digitar.

— Tiny, você está digitando?

Após um momento, ele diz:

— Espere um segundo. Deixe eu terminar esta frase.

— Tiny, *você* ligou pra *mim*.

Silêncio. Digitação. E então:

— Sim, eu sei. Mas, hã, tenho de mudar a última música. Não pode falar de mim. Precisa falar de amor.

— Queria não ter dado aquele beijo nela. Essa história toda do namorado meio que está roendo o meu cérebro.

E então fico em silêncio e, instantes depois, ele finalmente diz:

— Desculpe, Will acaba de me mandar uma mensagem. Está me contando sobre o almoço com esse novo amigo gay que fez. Sei que não é um encontro, já que é na cantina, mas ainda assim... Gideon. Ele *parece* gostoso. É incrível que Will esteja se abrindo tanto. Ele tipo saiu do armário pro mundo inteiro. Juro por Deus que acho que ele escreveu pro presidente dos Estados Unidos, dizendo: “Caro Sr. Presidente, eu sou gay. Atenciosamente, Will Grayson.” Isso é de uma beleza fodida, Grayson.

— Você ouviu o que eu disse?

— Jane e o namorado comeram seu cérebro — responde, sem interesse.

— Eu juro, Tiny, que às vezes... — Então me contenho, evitando dizer algo patético, e recomeço: — Quer fazer alguma coisa depois da escola

amanhã? Jogar dardos ou alguma coisa na sua casa?

— Ensaio, depois reescrever alguns trechos, depois Will ao telefone, depois cama. Você pode assistir ao ensaio, se quiser.

— Não — respondo. — Tudo bem.

Depois que desligo, tento ler *Hamlet* um pouco, mas não entendo o texto muito bem e tenho de ficar olhando a margem à direita, onde eles definem as palavras, e isso me faz me sentir um idiota.

Não muito inteligente. Não muito bonito. Não muito legal. Não muito engraçado. Esse sou eu: não muito.

Estou deitado por cima da colcha, ainda de roupa, o livro no peito, os olhos fechados, a mente em disparada. Estou pensando em Tiny. A coisa patética que queria dizer a ele ao telefone — mas não disse — era o seguinte: quando você é pequeno, você tem uma coisa. Pode ser um cobertorzinho, um animal de pelúcia ou qualquer outra coisa. Pra mim, era um cãozinho da pradaria de pelúcia que ganhei de Natal quando tinha 3 anos. Nem sei onde encontraram um cão da pradaria de pelúcia, mas, seja como for, ele se sentava nas patas traseiras e eu o chamava de Marvin, e o arrastava de um lado pro outro, puxando-o pelas orelhas, até ter uns 10 anos.

E então, a certa altura, não era nada pessoal contra Marvin, mas ele começou a passar mais tempo no armário com meus outros brinquedos, e depois mais tempo ainda, até que finalmente Marvin se tornou residente fixo do armário.

Mas, por muitos anos ainda, às vezes, eu tirava Marvin do armário e ficava com ele um pouco — não por mim, mas por Marvin. Sabia que era loucura, mas ainda assim fazia.

E o que eu queria dizer a Tiny é que, às vezes, me sinto como se eu fosse o Marvin dele.

Lembro da gente juntos: de Tiny e eu na educação física na escola, e de como as fábricas de trajes esportivos não faziam shorts grandes o bastante e ele parecia sempre estar usando uma sunga bem justa. Tiny dominando no queimado apesar de sua largura, e sempre me deixando terminar em segundo pelo simples fato de me colocar em sua sombra e não me queimar até o fim. Tiny e eu na Parada do Orgulho Gay em Boys Town, em nosso nono ano, ele dizendo: “Grayson, eu sou gay”, e eu retrucando: “Ah, é mesmo? E o céu é azul? O sol nasce no leste? O Papa é católico?”, e ele

continuando: “E Tiny Cooper é fabuloso? Os pássaros choram de emoção quando ouvem Tiny Cooper cantar?”

Penso em quanta coisa depende de um melhor amigo. Quando você acorda de manhã, senta, põe os pés no chão e se levanta. Você não escorrega até a borda da cama e olha pra baixo pra se certificar de que o chão está lá. O chão está sempre lá. Até o dia em que não está.

É idiotice culpar o outro Will Grayson por algo que estava acontecendo antes que o outro Will Grayson existisse. E, no entanto...

No entanto continuo pensando nele, e pensando em seu olhar fixo na Frenchy's, esperando alguém que não existia. Em minha lembrança, seus olhos ficam cada vez maiores, quase como se ele fosse um personagem de mangá. E então penso no cara, Isaac, que era uma garota. Mas as coisas que foram ditas e que fizeram Will ir até a Frenchy's encontrar aquele cara — essas coisas *foram* ditas. Elas eram reais.

De repente, pego meu celular na mesinha de cabeceira e ligo pra Jane. Caixa postal. Olho pro relógio no telefone: são 21h42. Ligo pra Gary. Ele atende no quinto toque.

— Will?

— Oi, Gary. Você sabe onde a Jane mora?

— Hã, sim?

— Pode me dar o endereço?

Ele faz uma pausa.

— Você está stalkeando ela, Will?

— Não, eu juro. Tenho uma pergunta de ciências — digo.

— Você tem uma pergunta de ciências numa noite de terça-feira às 21h42?

— Exatamente.

— Wesley, 1.712.

— E onde fica o quarto dela?

— Eu preciso dizer, cara, que meu radar de stalker está entrando na zona vermelha neste momento.

Não digo nada, à espera.

E então ele finalmente completa:

— Se estiver diante da casa, fica de frente, à esquerda.

— Maravilha, obrigado.

No caminho pra porta pego as chaves no balcão da cozinha, e meu pai pergunta onde estou indo, e tento me safar com: “sair”, mas isso só resulta numa pausa na TV. Ele se aproxima, como se para me lembrar de que é apenas um pouquinho mais alto que eu, e diz com ar severo:

— Sair com *quem* e para *onde*?

— Tiny quer minha ajuda com a peça idiota dele.

— De volta às 23h — diz minha mãe do sofá.

— Ok — respondo.

Ando pela rua até o carro. Posso ver minha respiração, mas não sinto frio, exceto nas mãos sem luvas, e fico parado ao lado do carro por um segundo, olhando o céu, a luz laranja vindo da cidade ao sul, as árvores que margeiam a rua, desfolhadas, imóveis na brisa. Abro a porta, o que quebra o silêncio, e dirijo um quilômetro até a casa de Jane. Encontro uma vaga meia quadra depois da casa e volto caminhando até a construção antiga, de dois andares, com uma varanda grande. Essas casas não são baratas. Tem uma luz acesa no quarto da frente à esquerda, mas, assim que chego lá, desisto de me aproximar. E se ela estiver trocando de roupa? E se estiver deitada na cama e vir um assustador rosto de homem pressionado contra a vidraça? E se ela estiver se pegando com Randall McBaitola? Assim, mando uma mensagem de texto pra ela: “Entenda isso da forma menos stalker possível: estou diante da sua casa.” São 21h47. Decido que vou esperar até 21h50 e então vou embora. Enfio uma das mãos no bolso do jeans e seguro o telefone com a outra, pressionando o botão do volume todas as vezes que a tela apaga. Ela mostra 21h49 há pelo menos dez segundos quando a porta da frente se abre e Jane espia do lado de fora.

Aceno muito discretamente, a mão chegando sequer a se elevar acima da cabeça. Jane leva um dedo aos lábios e então, teatralmente, sai da casa na ponta dos pés e fecha a porta muito devagar. Desce os degraus da varanda, e à luz da varanda posso ver que está usando o mesmo agasalho de capuz verde, só que agora com calça de pijama de flanela vermelha e meias. Sem sapatos.

Ela vem até mim e sussurra:

— É um prazer ligeiramente assustador vê-lo aqui.

E eu digo:

— Tenho uma pergunta científica.

Ela sorri e faz que sim com a cabeça.

— É claro que tem. Você está se perguntando como é cientificamente possível que esteja prestando oh-tão-mais atenção em mim agora que tenho um namorado, sendo que estava totalmente desinteressado antes. Infelizmente, a ciência se sente perplexa diante dos mistérios da psicologia masculina.

Mas eu tenho de fato uma pergunta de ciências — sobre Tiny e mim, e sobre ela, e sobre gatos.

— Você pode me explicar sobre o gato de Schrödinger?

— Venha — diz ela, segurando o meu casaco e me puxando pela calçada. Caminho ao lado dela, sem dizer nada, enquanto ela murmura:

— Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, Deus.

E eu digo:

— Qual é o problema?

E ela diz:

— Você. Você, Grayson. Você é o problema.

E eu pergunto:

— O quê?

E ela responde:

— Você sabe.

E eu digo:

— Não sei.

E ela, ainda andando e sem me olhar, diz:

— Provavelmente existem garotas que não querem garotos aparecendo na casa delas aleatoriamente numa noite de terça com perguntas sobre Edwin Schrödinger. Tenho certeza de que existem garotas assim. Mas elas não moram na minha casa.

Paramos umas cinco ou seis casas depois da de Jane, perto de onde meu carro está estacionado, e então ela se vira na direção de uma propriedade com uma placa de à venda e sobe os degraus até um balanço na varanda. Ela se senta e bate a mão no lugar ao seu lado.

— Ninguém mora aqui? — pergunto.

— Não. Está à venda há mais ou menos um ano.

— Você provavelmente beijou o Bobalhão neste balanço.

— É provável — responde. — Schrödinger estava fazendo um experimento mental. Muito bem, um estudo havia acabado de ser publicado, argumentando que se um elétron pode estar em um dentre quatro lugares

diferentes, está tipo em todos os quatro lugares ao mesmo tempo até o momento em que alguém determina em qual dos quatro lugares ele está. Isso faz sentido?

— Não — respondo. Ela está usando meias curtas brancas, e posso ver seu tornozelo quando ela ergue os pés no ar pra manter o balanço em movimento.

— Certo, não faz o menor sentido. É alucinantemente estranho. Então Schrödinger tenta destacar isso. Ele diz: ponha um gato dentro de uma caixa lacrada com um pouquinho de material radioativo que possa ou não, dependendo da localização de suas partículas subatômicas, fazer com que um detector de radiação acione um martelo que libera veneno na caixa e mata o gato. Entendeu?

— Acho que sim — respondo.

— Assim, de acordo com a teoria de que elétrons estão em todas-as-posições-possíveis até que sejam determinados, o gato está tanto vivo quanto morto até abrirmos a caixa e descobrirmos se ele está vivo ou morto. Schrödinger não estava promovendo a matança de gatos nem nada. Só estava dizendo que parecia um pouco improvável que um gato pudesse estar simultaneamente vivo e morto.

Mas isso não me parece assim tão improvável. Para mim, parece que todas as coisas que mantemos em caixas lacradas *estão*, ao mesmo tempo, vivas e mortas até abrirmos a caixa, que o não visto está tanto lá como não está. Talvez seja por isso que não consigo parar de pensar nos olhos imensos do outro Will Grayson na Frenchy's: porque ele tinha acabado de dar o gato vivo-e-morto como morto. Percebo que é por isso que nunca me coloco em uma situação em que eu realmente *precise* de Tiny, e por que segui as regras em vez de beijá-la quando ela estava disponível: escolhi a caixa fechada.

— Ok — digo. Sem olhar pra ela. — Acho que entendi.

— Bem, isso não é tudo, na verdade. É um pouco mais complicado.

— Não creio que eu seja inteligente o suficiente para compreender algo mais complicado — afirmo.

— Não se subestime — diz ela.

O balanço da varanda range enquanto tento repensar tudo. Olho pra ela.

— Por fim, eles concluíram que manter a caixa fechada na verdade não mantém o gato vivo-e-morto. Mesmo que *você* não veja o gato no estado em

que ele se encontra, qualquer que seja, o ar observa. Portanto, manter a caixa fechada apenas mantém *você* no escuro, não o universo.

— Entendi — respondo. — Mas deixar de abrir a caixa não mata o gato.

Não estamos mais falando de física.

— Não — diz ela. — O gato já estava morto, ou vivo, conforme o caso.

— Bem, o gato tem um namorado — falo.

— Talvez o físico goste do fato de o gato ter um namorado.

— É possível — concordo.

— Amigos — diz ela.

— Amigos — repito. Selamos o acordo com um aperto de mãos.

capítulo quatorze

minha mãe insiste que, antes de eu ir a qualquer lugar com tiny, ele tem de vir jantar aqui em casa. tenho certeza de que ela consulta todos os websites de predadores sexuais antes. não acredita que eu o tenha conhecido na internet. e, dadas as circunstâncias, não posso mesmo culpá-la. ela fica um pouco surpresa quando eu concordo com o plano, mesmo que eu diga

eu: só não pergunte sobre os 43 ex-namorados dele, está bem? ou por que anda por aí carregando um machado.

mãe: ...

eu: estou brincando em relação ao machado.

mas, na verdade, nada do que eu possa falar consegue acalmar a mulher. é insano. ela coloca aquelas luvas de borracha amarelas e começa a esfregar com a intensidade que você em geral reserva para quando alguém vomita em cima da mobília. digo que não precisa fazer aquilo, porque afinal tiny não vai comer no chão. mas ela apenas faz um gesto com a mão me dispensando e me manda limpar o quarto.

eu tenho a intenção de limpar o quarto. tenho, de verdade, mas tudo que consigo fazer é limpar o histórico do meu navegador da web, e então me sinto totalmente exausto. não pense que não limpo a meleca da minha cama de manhã. sou um cara bastante limpo. todas as roupas sujas estão enfiadas no fundo do armário. ele não vai vê-las.

por fim, é a hora de ele chegar. na escola, gideon me pergunta se estou nervoso com a visita de tiny, e digo a ele que não. mas, claro, isso é mentira. estou nervoso principalmente por causa da minha mãe e de como ela vai agir.

estou esperando por ele na cozinha, e ela corre de um lado para o outro feito louca.

mãe: eu devia arrumar a salada.

eu: por que você devia arrumar a salada?

mãe: tiny não gosta de salada?

eu: eu disse pra você que acho que tiny comeria bebês focas se a gente servisse isso. mas o que estou perguntando é: por que você precisa arrumar a salada? quem a desarrumou? eu nem cheguei perto. foi você quem bagunçou a salada, mãe? se foi você, É MELHOR ARRUMAR!

estou fazendo piada, mas ela não acha a menor graça. e eu penso: *não era eu quem devia estar surtando aqui?* tiny vai ser o primeiro n-n-n- (não consigo) namor-r-r- (vamos lá, will) namora-namora (aqui vamos nós) namorado meu que ela conhece. embora, se ela continuar falando de salada, talvez eu tenha de trancá-la no quarto antes de ele chegar.

mãe: tem certeza de que ele não é alérgico a nada?

eu: fique. calma.

como se de repente eu tivesse habilidades supercaninas, ouço um carro parando na entrada de casa. antes que minha mãe possa me mandar pentear o cabelo e calçar sapatos, já estou saindo pela porta e vendo tiny desligar a ignição.

eu: corra! corra!

mas o rádio está tão alto que tiny não consegue me ouvir. ele apenas sorri. quando abre a porta, dou uma olhada no carro dele.

eu: mas que...?!?

é um mercedes prata — o tipo de carro que você esperaria ver dirigido por um cirurgião plástico — e não o tipo de cirurgião plástico que conserta os rostos estragados de bebês africanos famintos, mas o tipo de cirurgião plástico que convence as mulheres de que a vida delas acabará se aparentarem mais de 12 anos.

tiny: saudações, terráqueo! venho em paz. leve-me ao seu líder!

devia ser estranho tê-lo à minha frente em nosso segundo encontro apenas, e devia ser muito excitante estar prestes a ser arrebatado naqueles grandes braços, mas, na realidade, ainda estou embasbacado com o carro.

eu: por favor, me diga que você roubou isso.

ele parece um pouco confuso, e ergue a bolsa de compras que está segurando.

tiny: isto?

eu: não. o carro.

tiny: ah. bem, *de fato* eu roubei.

eu: você roubou?

tiny: sim, da minha mãe. meu carro estava quase sem gasolina.

que bizarro. todas as vezes em que nos falamos, trocamos mensagens ou sei lá o quê, sempre imaginei tiny numa casa como a minha, ou uma escola como a minha, ou num carro como o que eu talvez ganhe um dia — um carro quase da minha idade, provavelmente comprado de uma velha que não tenha mais permissão para dirigir. agora percebo que não é nada disso.

eu: você mora num casarão, né?

tiny: grande o bastante pra me caber!

eu: não é disso que estou falando.

não tenho a menor ideia do que estou fazendo. porque mudei totalmente nosso ritmo, e embora ele esteja bem diante de mim agora, não é como deveria ser.

tiny: vem cá, vem.

e, com isso, ele põe a sacola no chão e abre os braços pra mim, e seu sorriso é tão largo que eu seria um babaca de fazer qualquer coisa que não fosse seguir direto para suas boas-vindas. uma vez ali, ele se inclina e me beija de leve.

tiny: olá.

eu o beijo de volta.

eu: olá.

ok, então essa é a realidade: ele está aqui. ele é real. nós somos reais. eu não deveria me importar com o carro dele.

minha mãe já tirou o avental quando entramos em casa. embora eu tenha avisado a ela que ele tem o formato de utah, ainda há um breve momento de perplexidade quando ela vê tiny pessoalmente pela primeira vez. ele deve estar acostumado a isso, ou talvez não se importe, porque segue direto até ela e começa a dizer todas as coisas certas, sobre o quanto está entusiasmado em conhecê-la, o quão incrível é ela preparar o jantar e o quanto a casa é maravilhosa.

mamãe indica a ele o sofá e pergunta se quer beber alguma coisa.

mãe: temos coca, coca diet, limonada, suco de laranja...

tiny: aah, eu adoro limonada.

eu: não é limonada de verdade. é só refresco sabor limão.

tanto minha mãe quanto tiny me olham como se eu fosse a porra do grinch.

eu: não queria que você ficasse todo animado na expectativa de limonada de verdade!

não posso evitar — estou vendo nosso apartamento através dos olhos dele, nossa vida toda pelos olhos dele — e tudo parece tão... pobre. as manchas de infiltração no teto e o tapete de cor entediante e a tv de décadas. a casa inteira cheira a dívida.

mãe: por que você não se senta com tiny e eu pego uma coca pra você?

eu tomei meu remédio de manhã, juro. mas é como se ele tivesse ido parar na minha perna e não no meu cérebro, porque simplesmente não consigo me sentir feliz. eu me sento no sofá e assim que minha mãe sai da sala, a mão de tiny está na minha mão, seus dedos acariciando os meus.

tiny: está tudo bem, will. estou adorando estar aqui.

sei que ele está tendo uma semana ruim. sei que as coisas não têm saído do jeito dele e que ele está preocupado que o show vá ser um fracasso. ele o está reescrevendo diariamente. (“quem diria que seria tão complicado introduzir o amor em 14 músicas?”) sei que ele estava esperando esse encontro — e sei que *eu* estava esperando esse encontro. mas agora tenho que parar de olhar adiante e começar a olhar para o lugar em que estou. é difícil.

recosto-me no ombro carnudo de tiny.

não posso acreditar que eu fique excitado com alguma coisa a qual me refiro como “carnudo”.

eu: esta é a parte ruim, ok? então foque na parte boa. prometo que virá logo.

quando minha mãe retorna, ainda estou recostado ali. ela não hesita, não para, não parece se importar. pousa nossas bebidas e então volta correndo pra cozinha. ouço o fogão abrir e fechar, em seguida o ruído de uma espátula raspando em um tabuleiro. um minuto depois, ela está de volta com uma travessa de minicachorros-quentes e minirrolinhos primavera. tem até duas tigelinhas, uma com ketchup e a outra com mostarda.

tiny: hummm!

caímos dentro. tiny começa a contar à mamãe sobre a semana que teve e dar tantos detalhes sobre *me abraça mais forte* que eu vejo que ela está totalmente perdida. enquanto ele fala, ela permanece acima de nós, até que finalmente digo que deveria se juntar a nós e se sentar. assim, ela puxa uma cadeira e se põe a ouvir, até mesmo comendo um ou dois rolinhos primavera.

a situação começa a parecer mais normal. tiny aqui. minha mãe vendo nós dois. eu sentado de modo que pelo menos uma parte do meu corpo está sempre em contato com o dele. é quase como se eu estivesse de volta ao millennium park com ele, continuando nossa primeira conversa, como se

manipulasse o tempo, e isso é o que se espera que aconteça. como sempre, a única pergunta é se vou estragar tudo.

quando não tem mais comida pra beliscar, minha mãe recolhe os pratos e avisa que o jantar vai estar pronto em alguns minutos. assim que ela deixa a sala, tiny se vira pra mim.

tiny: amei sua mãe.

sim, penso, ele é o tipo de pessoa que pode amar alguém assim facilmente.

eu: ela não é má.

quando ela volta pra nos dizer que o jantar está pronto, tiny se levanta de um salto do sofá.

tiny: aah! eu quase esqueci.

ele pega a sacola de compras que trouxe e a entrega à minha mãe.

tiny: um presente pra dona da casa!

mamãe parece surpresa de verdade. tira uma caixa da sacola — tem um laço e tudo mais. tiny volta a se sentar pra que ela não se sinta constrangida de se sentar pra abri-la. com muito cuidado, ela desfaz o laço. então levanta a tampa da caixa delicadamente, abrindo-a. vê-se um forro de espuma preta, e alguma coisa envolta em plástico bolha. com mais cuidado ainda, ela retira o papel e ergue uma tigela simples de vidro.

a princípio, não entendo. quero dizer, é uma tigela de vidro. mas mamãe prende o fôlego. ela pisca pra impedir as lágrimas. porque não se trata apenas de uma simples tigela de vidro. é perfeita. é tão lisa e perfeita que nós todos nos sentamos ali e a fitamos por um momento, enquanto minha mãe gira o objeto lentamente nas mãos. mesmo em nossa sala pobre, ela captura a luz.

ninguém lhe dá nada parecido há séculos. talvez nunca tenha dado. ninguém jamais lhe dá nada bonito assim.

tiny: eu mesmo escolhi!

ele não tem a menor ideia. não tem a menor pista do que acaba de fazer.

mãe: ah, tiny...

ela está sem palavras. mas eu posso ver. é a maneira como ela segura a tigela. é a maneira como olha pra ela.

eu sei o que o cérebro a está mandando fazer — dizer que é demais, que ela não poderia aceitar tal coisa. mesmo que ela a queira muito. mesmo que a ame muito.

por isso, sou eu quem diz

eu: é linda. muito obrigado, tiny.

eu o abraço, transmitindo-lhe meu obrigado dessa maneira também. então minha mãe põe a tigela na mesinha de centro que ela limpou até brilhar. ela está se levantando, e está abrindo os braços, e então ele a abraça também.

isso é o que eu nunca me permito precisar.

e, é claro, venho precisando disso o tempo todo.

pra falar a verdade, tiny come a maior parte do frango à parmegiana no jantar, e conduz a maior parte da conversa também. falamos principalmente sobre coisas idiotas — por que minicachorros-quentes são mais saborosos que cachorros quentes de tamanho normal, por que cachorros são melhores que gatos, por que o musical *cats* teve tanto sucesso nos anos 1980 quando sondheim superou lloyd webber (na verdade, nem minha mãe nem eu contribuimos muito pra esse tema). em determinado momento, tiny vê o postal de da vinci que mamãe tem na geladeira e pergunta a ela se já foi à itália. assim ela conta a ele da viagem que fez com três amigas de faculdade no terceiro ano, e parece uma história interessante, pela primeira vez. ele diz a ela que gosta de nápoles ainda mais que de roma porque as pessoas em nápoles são intensamente de onde são. ele conta que escreveu uma música sobre viagens em seu musical, mas acabou não incluindo a canção. e canta alguns versos para a gente:

*Uma vez tendo ido a Nápoles,
é difícil fazer compras em Staples.
E uma vez tendo ido a Milão,
difícil fazer no Au Bon Pain a refeição.*

*Uma vez tendo ido a Veneza,
você busca os prazeres da mesa.
E foge da culinária enfadonha,
Quando experimenta rigatoni em Bolonha.*

*Ser um gay transatlântico
acaba não sendo tão romântico.
Porque quando você a Roma viaja,
é difícil voltar para casa.*

pela primeira vez que me lembro, minha mãe parece estar se divertindo totalmente. ela até cantarola um pouco, acompanhando. quando tiny termina, os aplausos dela são genuínos. calculo que seja hora de pôr um fim na confraternização deles, antes que tiny e minha mãe fujam juntos para formar uma banda.

eu me ofereço pra lavar a louça, e mamãe age como se estivesse totalmente chocada com isso.

eu: eu lavo a louça o tempo todo.

ela olha séria para tiny.

mãe: é verdade, ele lava.

então cai na gargalhada.

não estou gostando muito disso, embora esteja ciente de que essa história poderia ter rolado de muitas maneiras piores.

tiny: quero ver o seu quarto!

não se trata de um pedido do tipo eil-meu-zíper-está-comichando!
quando tiny diz que quer ver o seu quarto, isso significa que ele quer ver... o

seu quarto.

mãe: vão lá. eu cuido da louça.

tiny: obrigado, sra. grayson.

mãe: anne. me chame de anne.

tiny: obrigado, anne!

eu: é, obrigado, anne.

tiny bate em meu ombro. creio que sua intenção é fazer isso de leve, mas tenho a sensação de que alguém acabou de passar com um volkswagen em cima do meu braço.

eu o levo pro meu quarto, e até consigo fazer um tchantchantchan! ao abrir a porta. ele vai até o centro do quarto e observa tudo, sorrindo o tempo todo.

tiny: peixinhos dourados!

ele vai direto ao aquário. explico a ele que, se os peixinhos dourados um dia dominarem o mundo e decidirem realizar um julgamento por crimes de guerra, estou condenado, porque a taxa de mortalidade do meu pequeno aquário é muito, muito mais alta do que se eles vivessem no fosso de um restaurante chinês.

tiny: qual o nome deles?

oh, deus.

eu: sansão e dalila.

tiny: mesmo?

eu: ela é uma vadia.

ele se inclina pra olhar mais de perto a comida dos peixes.

tiny: você dá remédio tarja preta pra eles?

eu: ah, não. esses são meus.

é a única maneira de eu lembrar de alimentar os peixes e tomar meus remédios: deixá-los juntos. mas me ocorre que eu devia ter arrumado o quarto melhor. porque é claro que agora tiny está ficando vermelho e não vai perguntar mais nada, e embora eu não queira entrar em detalhes, também não quero que ele pense que estou em tratamento contra sarna nem nada no gênero.

eu: é pra depressão.

tiny: ah, eu também me sinto deprimido. às vezes.

estamos chegando perigosamente perto das conversas que tive com maura, quando ela dizia que sabia exatamente o que eu estava passando, e eu tinha de explicar que, não, ela não sabia, porque a tristeza dela nunca tinha sido tão profunda quanto a minha. não tinha a menor dúvida de que tiny *pensava* que ficava deprimido, mas isso provavelmente era porque ele não tinha nada com que comparar. no entanto, o que eu poderia dizer? que eu não só me *sentia* deprimido — era como se a depressão fosse meu núcleo, de cada pedaço meu, da mente aos ossos? que se às vezes o céu dele não parecia azul, o meu estava sempre negro? que eu odiava tanto aqueles comprimidos porque eu sabia o quanto dependia deles pra viver?

não, eu não podia dizer nada disso. porque, no fim das contas, ninguém quer ouvir isso. não importa o quanto a pessoa goste de você ou te ame, ninguém quer ouvir isso.

tiny: qual deles é sansão e qual é dalila?

eu: sinceramente? esqueci.

tiny examina minha estante de livros, corre a mão pelo meu teclado, gira o globo que ganhei quando terminei o quinto ano.

tiny: olhe! uma cama!

por um segundo, penso que ele vai pular em cima dela, o que certamente acabaria com o estrado. mas, com um sorriso quase tímido, ele se senta com cuidado na borda.

tiny: confortável!

como foi que acabei namorando esse donut polvilhado que é essa pessoa? com um suspiro não hostil, eu me sento perto dele. o colchão decididamente está afundando na direção dele.

mas, antes do inevitável passo seguinte, meu telefone vibra na mesa. decido ignorá-lo, mas ele toca de novo e tiny me diz pra checar.

abro o aparelho e leio o que diz a tela.

tiny: de quem é?

eu: é só gideon. ele quer saber como tudo está indo.

tiny: gideon, é?

há um tom inconfundível de suspeita na voz de tiny. fecho o aparelho e volto pra cama.

eu: você não está com ciúme de gideon, está?

tiny: ora, porque ele é bonito, jovem e gay, e encontra você todos os dias? que razão há pra eu ter ciúmes?

dou um beijo nele.

eu: você não tem motivo nenhum pra ter ciúme. somos só amigos.

uma coisa me ocorre então, e eu começo a rir.

tiny: o que foi?

eu: tem um garoto na minha cama!

trata-se de um pensamento tão gay e tão idiota. tenho vontade de gravar “EU ODEIO O MUNDO” no meu braço umas cem vezes pra me redimir.

a cama de fato não é grande o bastante pra nós dois. vou parar no chão duas vezes. continuamos com as roupas — mas é quase como se isso não tivesse importância. porque estamos nos beijando loucamente. ele é grande e forte, mas eu o igualo no empurra-e-puxa. não demora para que estejamos completamente desarrumados e com calor.

quando estamos exaustos, ficamos simplesmente ali, deitados. o batimento cardíaco dele é muito forte.

ouvimos minha mãe ligar a tv. os detetives começam a conversar. tiny corre a mão por baixo da minha camisa.

tiny: cadê seu pai?

estou totalmente despreparado para a pergunta. fico tenso.

eu: não sei.

o toque de tiny tenta me tranquilizar. sua voz tenta me acalmar.

tiny: está tudo bem.

mas não consigo lidar com isso. então me sento, arrancando-nos de nosso ritmo de respiração sonhador, fazendo-o afastar-se um pouco pra poder me ver claramente. o impulso em mim é alto e claro: não posso fazer isso. não por causa do meu pai — não me importo tanto assim com meu pai, de verdade —, mas por causa de todo esse processo de saber tudo.

brigo comigo mesmo.

pare.

fique aqui.

fale.

tiny está esperando. tiny está olhando pra mim. tiny está sendo gentil, porque ainda não sabe quem sou, o que sou. nunca retribuirei a gentileza. o melhor que posso fazer é dar a ele razões pra desistir.

tiny: me diga. o que você quer falar?

não me pergunte, tenho vontade de adverti-lo. mas já estou falando.

eu: olha, tiny, estou tentando me comportar da melhor forma possível, mas você precisa entender, estou sempre à beira de alguma coisa ruim. e às vezes alguém como você pode me fazer olhar pro outro lado, de modo que eu não saiba o quanto estou perto de cair. mas eu sempre acabo virando a cabeça. sempre. sempre caminho pela borda desse precipício. e é uma merda o que enfrento todos os dias, e essa merda não vai desaparecer tão cedo. é muito legal ter você aqui, mas quer saber? quer mesmo que eu seja sincero?

ele devia ver isso como o aviso que é. mas não. ele faz que sim com a cabeça.

eu: parecem umas férias. não creio que você saiba como é isso. o que é bom — você não ia querer. você não tem a menor ideia do quanto odeio isso. odeio o fato de que estou arruinando a noite neste momento, arruinando tudo...

tiny: você não está.

eu: estou.

tiny: quem disse?

eu: eu digo.

tiny: eu não tenho voz?

eu: não. acabei de arruinar tudo. você não tem voz.

tiny toca minha orelha de leve.

tiny: sabe, você fica todo sexy quando está destrutivo.

os dedos dele descem pelo meu pescoço, sob a gola.

tiny: eu sei que não posso mudar seu pai, sua mãe ou seu passado. mas sabe o que posso fazer?

sua outra mão sobe pela minha perna.

eu: o quê?

tiny: outra coisa. é isso que posso lhe dar. *outra coisa*.

estou tão acostumado a fazer aflorar a dor nas pessoas. mas tiny se recusa a entrar nesse jogo. enquanto trocamos mensagens o dia todo, e mesmo aqui pessoalmente, ele está sempre tentando chegar ao coração das coisas. e isso significa que ele sempre supõe que haja um coração aonde chegar. acho isso ridículo e admirável ao mesmo tempo. quero a outra coisa que ele tem pra me dar, ainda que eu saiba que nunca vai ser algo que eu possa de fato pegar e tomar posse.

sei que não é tão fácil quanto tiny diz. mas ele está se esforçando tanto. então eu me rendo. eu me rendo à outra coisa.

mesmo que meu coração não acredite totalmente.

capítulo quinze

No dia seguinte, Tiny não está na aula de pré-cálculo. Deduzo que esteja debruçado em algum lugar, escrevendo canções em um caderno comicamente pequeno. Isso não me incomoda muito. Eu o vejo entre o segundo e o terceiro tempo de aula quando passo por seu armário; o cabelo parece sujo e os olhos arregalados.

— Overdose de Red Bull? — pergunto ao me aproximar dele.

Tiny responde em um rompante furioso.

— A peça estreia em nove dias, Will Grayson é uma graça, está tudo bem. Olha, Grayson, tenho de ir pro auditório. Até o almoço.

— O *outro* Will Grayson — digo.

— O quê, hein? — pergunta Tiny, fechando ruidosamente a porta do armário.

— O outro Will Grayson é uma graça.

— Isso, isso mesmo — responde ele.

Ele não está em nossa mesa de almoço, nem Gary, Nick ou Jane, nem ninguém, e eu não quero a mesa inteira pra mim, então levo a bandeja pro auditório, imaginando que vou encontrar todo mundo por lá. Tiny encontra-se de pé no meio do palco, um caderno numa das mãos e o celular na outra, gesticulando enlouquecido. Nick está sentado na primeira fileira. Tiny está falando com Gary no palco, e como a acústica é fantástica em nosso auditório, posso ouvir exatamente o que ele está dizendo, mesmo lá de trás.

— O que você precisa lembrar em relação a Phil Wrayson é que ele é totalmente apavorado. Em relação a tudo. Ele age como se não ligasse pra nada, porém está mais perto de desmoronar do que qualquer outro na peça inteira. Quero ouvir o tremor na voz dele quando cantar, a *carência* que ele espera que ninguém possa ouvir. Porque tem de ser isso que o torna tão irritante, sabe? As coisas que ele diz não são irritantes; é a *maneira* como ele

as diz. Assim, quando Tiny está colando aqueles pôsteres sobre Orgulho, e Phil não para de falar sobre os estúpidos problemas com garotas que arranjou pra si mesmo, temos de *ouvir* o que é irritante. Mas você também não pode exagerar. É uma coisa bem sutil, cara. É a pedrinha no sapato.

Fico ali parado por um minuto, esperando que ele me veja, e então ele finalmente me vê.

— Ele é um PERSONAGEM, Grayson — grita. — É um PERSONAGEM DE FICÇÃO.

Ainda segurando a bandeja, dou meia-volta e saio. Me sento do lado de fora do auditório no piso de cerâmica do corredor, encosto na vitrine de um troféu e como um pouco.

Fico esperando por ele. Que ele venha e peça desculpas. Ou então que venha e grite comigo por ser tão fresco. Fico esperando que aquelas portas duplas de madeira escura se abram, e Tiny saia intempestivamente e comece a falar.

Sei que é imaturo da minha parte, mas não me importo. Às vezes, você precisa que seu melhor amigo atravesse as portas. Mas ele não vem. Por fim, sentindo-me pequeno e idiota, sou eu quem se levanta e entreabre a porta. Tiny está cantando, feliz, sobre Oscar Wilde. Fico ali parado por um momento, ainda esperando que ele me veja, e nem percebo que estou chorando até que esse som distorcido escapa de mim quando inspiro. Fecho a porta. Se Tiny me vê, ele não faz sequer uma pausa que acuse minha presença.

Atravesso o corredor, a cabeça tão baixa que a água salgada pinga da ponta do meu nariz. Saio pela porta principal — o ar frio, o sol cálido — e desço os degraus. Sigo pela calçada até chegar ao portão de segurança, então mergulho nas moitas. Alguma coisa em minha garganta dá a impressão de que vai me sufocar. Atravesso os arbustos exatamente como Tiny e eu fizemos no primeiro ano, quando fugimos para ir a Boys Town ver a Parada do Orgulho Gay, onde ele saiu do armário pra mim.

Sigo até um campo da Liga Júnior que fica a meio caminho entre minha casa e a escola. Fica bem perto de outra escola, e, quando eu era pequeno, costumava ir lá muitas vezes sozinho, depois das aulas por exemplo, só pra pensar. Às vezes, eu levava um bloco ou algo assim e tentava desenhar, mas gostava principalmente de ir lá. Dou a volta pela cerca atrás da última base,

me sento no banco de reservas, minhas costas apoiadas na parede de alumínio aquecida pelo sol, e choro.

Eis o que eu gosto no banco de reservas: estou ao lado da terceira base, e posso ver o diamante de terra à minha frente e as quatro fileiras de arquibancadas de madeira a um dos lados; e, do outro lado, o campo externo e o diamante seguinte mais além; e então um grande parque e, mais adiante, a rua. Posso ver as pessoas caminhando com seus cães e um casal andando contra o vento. Mas com as costas contra a parede, com esse teto de alumínio sobre minha cabeça, ninguém pode me ver, a menos que eu possa vê-los.

A raridade da situação é o tipo de coisa que te faz chorar.

Tiny e eu de fato jogamos na Liga Júnior juntos — não neste campo, mas em um que ficava mais perto de nossas casas, a partir do terceiro ano fundamental. Foi assim que ficamos amigos, eu acho. Tiny era forte pra caramba, é claro, mas não muito bom com o taco. No entanto, ele liderava a liga quando se tratava de ser acertado por arremessos. Havia muito o que acertar.

Eu fazia uma respeitável primeira base e não liderava a liga em nada.

Apoiei os cotovelos nos joelhos como fazia quando estava assistindo a algum jogo de um banco como esse. Tiny sempre se sentava ao meu lado, e embora só jogasse porque o treinador tinha de colocar todo mundo pra jogar, ele era superentusiasmado. Ficava gritando: “Ei, rebatedor, rebatedor. Ei, rebatedor rebatedor, BALANCE, rebatedor”, e então por fim ele mudava para: “Queremos um arremessador, não um banana!”

Depois veio o sexto ano: Tiny jogava na terceira base, e eu estava na primeira. Estávamos no começo do jogo, e estávamos ou ganhando de pouco ou perdendo de pouco — não me lembro. Sinceramente, eu nem olhava pro placar quando estava jogando. O beisebol, pra mim, era apenas uma daquelas coisas estranhas e terríveis que os pais fazem por razões que não se pode compreender, como vacinas contra gripe e a igreja. Então o rebatedor acertou a bola, que seguiu pra Tiny. Tiny aparou e atirou a bola para a primeira com seu braço de canhão, e eu me estiquei para apanhá-la, tomando o cuidado de manter um pé na base. A bola acertou minha luva e imediatamente caiu, porque me esqueci de fechar a mão. O corredor estava em segurança, e o erro nos custou um *run* ou algo assim. Depois que o *inning* terminou, voltei pro banco de reservas. O treinador — acho que o

nome era Sr. Frye — inclinou-se em minha direção. Tive consciência do tamanho de sua cabeça, o boné erguendo-se alto acima do rosto gordo, e ele disse: “CONCENTRE-SE em PEGAR a BOLA. PEGUE a BOLA, entendeu? Meu Deus!” Senti meu rosto quente, e, com aquele tremor na voz que Tiny indicou pra Gary, eu disse: “Sinto muito, treinador”, e o Sr. Frye respondeu: “Eu também, Will. Eu também.”

E então Tiny recuou e deu um soco no nariz do Sr. Frye. Simples assim. E dessa forma nossas carreiras na Liga Júnior chegaram ao fim.

Não doeria se ele não estivesse certo — se eu, lá no fundo, não soubesse que minha fraqueza o exaspera. E talvez ele pense como eu, que a gente não escolhe os amigos, e ele está preso a esse baitola irritante que não consegue lidar consigo mesmo, que não consegue segurar a bola na mão enluvada, que não consegue levar um esporro do treinador, que se arrepende de escrever cartas ao editor em defesa de seu melhor amigo. Essa é a verdadeira história da nossa amizade: Não sou eu quem está preso a Tiny. É ele quem está preso a mim.

Se não posso fazer mais nada, posso aliviá-lo desse peso.

Levo muito tempo pra parar de chorar. Uso a luva como lenço enquanto observo a sombra do telhado do banco de reservas deslizar pelas minhas pernas esticadas enquanto o sol sobe para o topo do céu. Por fim, sinto as orelhas congeladas à sombra do banco, então me levanto, atravesso o parque e sigo pra casa. No caminho, examino minha lista de contatos no celular por um tempo e então ligo pra Jane. Não sei por quê. Sinto que preciso ligar para alguém. Sinto, estranhamente, como se ainda quisesse que *alguém* abrisse as portas duplas do auditório. Cai na caixa postal.

“Desculpe, Tarzan, Jane não se encontra disponível. Deixe uma mensagem.”

“Oi, Jane, é o Will. Só queria falar com você. Eu... sinceridade radical? Acabei de passar uns cinco minutos correndo a lista de todo mundo pra quem eu podia ligar e você foi a única pessoa pra quem eu quis ligar, porque eu gosto de você. Gosto muito. Acho que você é incrível. Você é simplesmente... *mais*. *Mais* inteligente e *mais* engraçada e *mais* bonita e simplesmente... *mais*. Sim. Isso é tudo. Tchau.”

Quando chego em casa, telefono pro meu pai. Ele atende no último toque.

— Você pode ligar pra escola e dizer que estou doente? Precisei vir pra casa — digo.

— Você está bem, companheiro?

— Sim, estou bem — respondo, mas o tremor está na minha voz, e sinto como se fosse recomeçar com os soluços por alguma razão, e ele diz:

— Ok. Ok. Vou ligar.

Quinze minutos depois, estou afundado no sofá da sala, os pés na mesa de centro. Olho pra TV, só que ela não está ligada. Estou com o controle remoto na mão esquerda, mas não tenho energia nem pra pressionar o maldito botão de ligar.

Ouçõ a porta da garagem se abrir. Meu pai entra pela cozinha e se senta ao meu lado, bem perto.

— Quinhentos canais — diz ele após um momento —, e não está passando nada.

— Você tirou o dia de folga?

— Eu sempre posso conseguir alguém pra me cobrir — responde ele. — Sempre.

— Estou bem — digo.

— Sei que está. Eu só queria estar em casa com você, só isso.

Pisco, afugentando algumas lágrimas, mas meu pai tem a decência de não falar nada a respeito. Então ligo a TV e encontramos um programa chamado *Os Iates Mais Impressionantes do Mundo*, sobre iates que têm, tipo, campos de golfe ou o que seja, e toda vez que mostram algum recurso sofisticado, ele diz: “É IM-PRES-SIO-NAN-TE!” com sarcasmo, embora seja mesmo meio impressionante. É e não é, suponho.

E então meu pai tira o som da TV e diz:

— Sabe o Dr. Porter?

Faço que sim com a cabeça. É o cara que trabalha com a mamãe.

— Eles não têm filhos, por isso, são ricos.

Eu rio.

— Mas eles têm esse barco que mantêm em Belmont Harbor, um desses gigantes com armários de madeira de cerejeira importada da Indonésia e uma cama king-size giratória acolchoada com penas de águias ameaçadas de extinção e tudo mais. Sua mãe e eu fomos a um jantar no barco com os Porter há alguns anos, e no período de uma única refeição, naquelas duas

horas, o barco passou de a experiência mais extraordinariamente luxuosa para um simples barco.

— Imagino que haja uma moral nessa história.

Ele ri.

— Você é o nosso iate, companheiro. Sabe todo aquele dinheiro que teria ido pra um iate, todo o tempo que nós teríamos passado viajando pelo mundo? Em vez disso, tivemos você. O iate acabou sendo um simples barco. Mas você... você não pode ser comprado a crédito, e não pode ser abatido do imposto de renda. — Ele vira o rosto na direção da TV e, após um momento, diz: — Tenho tanto orgulho de você que acabo tendo orgulho de mim. Espero que você saiba disso.

Faço que sim com a cabeça, a garganta apertada, olhando agora pra um comercial sem som de sabão em pó. Um segundo depois, ele murmura pra si mesmo:

— Crédito, pessoas, consumismo... Tem um trocadilho aí em algum lugar.

Eu pergunto:

— E se eu não quisesse ir praquele programa na Northwestern? Ou e se eu não for aceito?

— Bem, então eu deixaria de amar você — diz ele, mantendo a expressão séria por um segundo, então ri e liga o som da TV.

...

Mais tarde, resolvemos fazer uma surpresa pra minha mãe com chilli de peru pro jantar. Estou picando cebola quando a campainha toca. Imediatamente sei que é Tiny, e sinto esse estranho alívio irradiar do meu plexo solar.

— Eu atendo — digo. Passo espremido por meu pai na cozinha e vou correndo até a porta.

Não é Tiny, mas Jane. Ela me olha, os lábios apertados.

— Qual o segredo do meu armário?

— Vinte-cinco-dois-onze — digo.

Ela me bate de brincadeira no peito.

— *Eu sabia!* Por que você não me falou?

— Eu não conseguia chegar à conclusão de qual de várias verdades era a mais verdadeira — respondo.

— Temos de abrir a caixa — continua ela.

— Hã — digo. Dou um passo à frente pra poder fechar a porta atrás de mim, mas ela não recua, então agora estamos quase nos encostando. — O gato tem namorado — ressalto.

— Na verdade, eu não sou o gato. O gato somos nós. Eu sou uma física. Você é um físico. O gato somos nós.

— Hã, ok — retruco. — A física tem namorado.

— A física não tem namorado. A física deu o fora no namorado no jardim botânico porque ele não parava de falar que ia pras Olimpíadas de 2016, e havia essa vozinha na cabeça da física chamada Will Grayson, dizendo: “E nas Olimpíadas você vai representar os Estados Unidos ou o Reino da Babacolândia?” Então a física rompeu com o namorado e insiste que a caixa seja aberta, porque ela, tipo, não consegue parar de pensar no gato. A física não se importa se o gato estiver morto; ela só precisa saber.

Nos beijamos. As mãos dela estão geladas no meu rosto, ela tem gosto de café, o cheiro da cebola ainda está no meu nariz, e meus lábios estão ressecados por causa do interminável inverno. E é incrível.

— Sua opinião profissional como física? — pergunto.

Ela sorri.

— Acredito que o gato esteja vivo. E o que diz meu estimado colega?

— Vivo — respondo. E está mesmo. O que faz com que seja ainda mais estranho que, enquanto falo com ela, uma pequena ferida dentro de mim ainda esteja aberta. Pensei que seria Tiny na porta, cheio de pedidos de desculpas, as quais eu lentamente aceitaria. Mas assim é a vida. Nós crescemos. Planetas como Tiny ganham novas luas. Luas como eu ganham novos planetas. Jane se afasta de mim por um instante e diz:

— Alguma coisa cheira bem. Quero dizer, alguma coisa além de você.

Sorrio.

— Estamos fazendo chilli — conto. — Você quer... Você quer entrar e conhecer meu pai?

— Não quero ser intrometido...

— Não — retruco. — Ele é legal. Um pouco estranho. Mas legal. Você pode ficar pro jantar.

— Hã, ok. Deixa eu ligar pra casa. — Fico ali fora tremendo por uns instantes enquanto ela fala com a mãe:

— Vou jantar na casa de Will Grayson... Sim, o pai dele está aqui... Eles são médicos... Aham... Ok, te amo.

Entro em casa.

— Pai — digo —, esta é minha amiga Jane.

Ele surge da cozinha usando o avental que diz *Cirurgiões têm pegada firme* sobre a camisa e a gravata.

— Dou crédito às pessoas que não resistem ao consumismo! — diz ele, animado, tendo encontrado seu trocadilho. Eu rio.

Jane estende a mão, a própria imagem da elegância, dizendo:

— Olá, Dr. Grayson, sou Jane Turner.

— Srta. Turner, é um prazer.

— Tudo bem se Jane ficar pro jantar?

— Claro, claro. Jane, você nos dá licença um instante?

Papai me leva pra cozinha, onde se inclina e diz baixinho:

— Era essa a causa dos seus problemas?

— Curiosamente, não — respondo. — Mas nós estamos meio que sim.

— Vocês estão meio que sim — murmura ele pra si mesmo. — Vocês estão meio que sim. — E então, bem alto, diz: — Jane?

— Sim, senhor?

— Qual é o seu coeficiente de rendimento?

— Hã, 9,25, senhor.

Ele olha pra mim, os lábios franzidos, e assente lentamente.

— Aceitável — diz, e então sorri.

— Pai, não preciso da sua aprovação — retruco baixinho.

— Eu sei — responde ele. — Mas pensei que você pudesse gostar assim mesmo.

capítulo dezesseis

quatro dias antes da apresentação da peça, tiny me liga e diz que precisa tirar um dia pra sua saúde mental. não é só porque o espetáculo está um caos. o outro will grayson não está falando com ele. isto é, está falando com ele, mas não diz nada. parte de tiny está puto por o.w.g. estar “fazendo essa merda tão perto da hora da estreia” e parte dele parece estar com muito, muito medo de que alguma coisa esteja muito, muito errada.

eu: o que eu posso fazer? sou o will grayson errado.

tiny: só preciso de uma dose de will grayson. estarei em sua escola daqui a uma hora. já estou na estrada.

eu: você o quê?

tiny: você só precisa me dizer onde fica sua escola. já coloquei no google maps, mas aqueles itinerários são uma merda. e a última coisa que meu dia de saúde mental precisa é que eu vá parar no iowa às 10h por causa do google maps.

penso que a ideia de um “dia de saúde mental” é algo completamente inventado pelas pessoas que não têm a menor ideia do que é não ter saúde mental. a ideia de que sua mente pode ser arejada em 24 horas é meio como dizer que uma doença cardíaca pode ser curada se você comer o cereal matinal correto. dias de saúde mental só existem para as pessoas que podem se dar ao luxo de dizer “não quero ter de enfrentar nada hoje” e então podem tirar o dia todo de folga enquanto o restante de nós se vê forçado a travar as batalhas que sempre travamos, sem que ninguém se importe com isso, a menos que a gente decida trazer uma arma pra escola ou arruinar os comerciais da manhã com um suicídio.

não digo nada disso a tiny. finjo que quero que ele venha aqui. não o deixo saber o quanto me apavora deixá-lo ver mais da minha vida. me

parece que ele confundiu seus will graysons. não tenho certeza de ser o que pode ajudá-lo.

ficou tão intenso — mais do que com isaac. e não só porque tiny é real. não sei o que me apavora mais — que ele se importe comigo ou que eu me importe com ele.

conto a gideon imediatamente sobre a vinda de tiny, principalmente porque ele é a única pessoa na escola com quem falei de fato sobre tiny.

gideon: uau, que fofo que ele queira ver você.

eu: eu não tinha nem pensado nisso.

gideon: a maior parte dos caras é capaz de dirigir mais de uma hora por sexo. mas poucos fazem isso só pra ver você.

eu: como você sabe disso?

é meio estranho que gideon tenha se tornado meu conselheiro para assuntos gays, posto que ele me contou que o máximo de experiência que já teve foi no acampamento de escoteiros no verão antes do nono ano. mas acho que ele já visitou um número suficiente de blogs, salas de bate-papo e coisas assim. ah, e ele assiste ao hbo-on-demand o tempo todo. vivo dizendo a ele que não sei se as leis de *sex and the city* se aplicam quando não há nenhum sexo e nenhuma cidade, mas então ele me olha como se eu estivesse atirando dardos pontiagudos nos balões em formato de coração que flutuam em sua mente, então deixo pra lá.

o engraçado é que a maior parte da escola — bem, a parte que se importa, que não é assim tão grande — pensa que gideon e eu formamos um casal. porque, sabe, eles veem o eu-gay andando pelos corredores com o ele-gay e imediatamente tiram suas conclusões.

vou dizer uma coisa, porém — eu meio que não me importo. porque gideon é muito gato, e muito legal, e as pessoas que não o desprezam parecem gostar muito dele. assim, se vou ter um namorado hipotético nessa escola, poderia ser muito pior.

no entanto, é estranho pensar em gideon e tiny finalmente se conhecendo. é estranho pensar em tiny andando pelos corredores comigo. é como convidar o godzilla pro baile de formatura.

não consigo visualizar... mas então recebo uma mensagem de texto dizendo que ele está a dois minutos daqui e preciso encarar os fatos.

eu basicamente saio do laboratório no meio da aula de física do sr. jones — ele nunca nota minha presença mesmo, portanto, contanto que minha parceira de laboratório, lizzie, me dê cobertura, está tudo bem. digo a verdade a lizzie — que meu namorado está entrando furtivamente na escola pra me encontrar — e ela se torna minha cúmplice, porque mesmo que ela normalmente não fosse fazer isso por mim, definitivamente faria por AMOR. (bem, AMOR e direitos dos gays — três vivas pras garotas héteros que fazem o máximo para ajudar garotos gays.)

a única pessoa que me dá tristeza é maura, que bufa uma nuvem negra enquanto explico minha história a lizzie. ela vem tentando arruinar meu tratamento de silêncio me espionando sempre que pode. não sei se a nuvem negra é porque ela acha que estou inventando tudo ou porque está revoltada que eu esteja desprezando a aula de física no laboratório. ou talvez ela apenas esteja com ciúme de lizzie, o que é engraçado, porque lizzie tem um problema de acne tão grave que parecem picadas de abelha. mas que seja. maura pode bufar até que todo o muco de seu cérebro escorra da cabeça e forme uma poça aos seus pés. eu não vou responder.

encontro tiny com facilidade diante da escola; ele fica mudando o peso do corpo de um pé pro outro. não vou começar a beijá-lo em território escolar, então lhe dou um abraço masculino (dois pontos de contato! dois apenas!) e digo a ele que se alguém perguntar, ele deve dizer que vai mudar pra cidade no outono e está visitando a escola com antecedência.

ele parece um pouco diferente desde a última vez que o vi — cansado, acho. fora isso, porém, sua saúde mental parece perfeita.

tiny: então é aqui que a magia acontece?

eu: só se você considerar a cega escravidão aos testes padronizados e aos formulários de inscrição de faculdades como uma forma de magia.

tiny: vamos ver.

eu: como está a peça?

tiny: o que falta ao coro em voz, ele compensa em energia.

eu: mal posso esperar pra ver.

tiny: mal posso esperar pra que você veja.

o sinal pro almoço toca quando estamos a meio caminho da cantina. de repente, tem gente em toda a nossa volta, e notam a presença de tiny da mesma maneira que notariam alguém que resolvesse ir de sala em sala a cavalo. no outro dia eu estava rindo com gideon, dizendo que a razão de a escola fazer todos os nossos armários cinza era pra que gente como eu pudesse se misturar e passar pelos corredores com segurança. mas com tiny essa não é uma opção. as cabeças se viram.

eu: você sempre chama tanta atenção assim?

tiny: nem tanto. acho que as pessoas percebem mais meu tamanho extraordinário aqui. você se importa se eu segurar sua mão?

a verdade é que me importo. mas sei que, como ele é meu namorado, a resposta deveria ser que não me importo nem um pouco. ele provavelmente me carregaria pra aula no colo se eu lhe pedisse com carinho.

pego a mão dele, grande e escorregadia. mas acho que não consigo esconder a preocupação no meu rosto, porque ele me olha uma vez e solta minha mão.

tiny: deixa pra lá.

eu: não é com você. eu só não sou do tipo de cara que anda de mãos dadas pelos corredores. nem mesmo se você fosse uma garota. nem se fosse uma líder de torcida peituda.

tiny: mas eu *fui* uma líder de torcida peituda.

eu paro e olho pra ele.

eu: você está brincando.

tiny: foi só por uns dias. eu arruinei totalmente a pirâmide.

andamos um pouco mais.

tiny: suponho que pôr minha mão no seu bolso traseiro esteja fora de questão...

eu: *tosse*

tiny: foi só uma piada.

eu: posso pelo menos pagar seu almoço? talvez tenha até ensopado!

tenho de ficar me lembrando que era isso o que eu queria — isso é o que se supõe que todo mundo queira. aqui está um garoto que é carinhoso comigo. um garoto que pega o carro e vem me ver. um garoto que não tem medo do que os outros vão pensar quando nos virem juntos. um garoto que acredita que eu possa melhorar sua saúde mental.

uma das mulheres que servem o almoço até ri quando tiny fica todo animado por causa das empanadas que estão servindo em celebração à semana da herança latina (ou talvez seja o mês da herança latina). ela o chama de querido quando a entrega a ele, o que é muito engraçado, pois venho tentando durante os últimos três anos conquistá-la o suficiente pra não mais ganhar a menor fatia de pizza do tabuleiro.

quando chegamos à mesa, derek e simon já estão lá — gideon é o único que falta. como não os avisei sobre nosso convidado especial, eles parecem surpresos e petrificados quando nos aproximamos.

eu: derek e simon, este é tiny. tiny, estes são derek e simon.

tiny: prazer em conhecê-los!

simon: humm...

derek: muito prazer também. quem é você?

tiny: sou o namorado de will. da evanston.

ok, agora todos olham pra ele como se ele fosse uma besta mágica do *world of warcraft*. derek está com um ar divertido, de uma forma amigável. simon olha pra tiny, depois pra mim, depois pra tiny, de uma forma que só pode significar que está se perguntando como alguém tão grande e alguém tão franzino podem fazer sexo.

sinto uma mão em meu ombro.

gideon: aí estão vocês!

gideon parece ser a única pessoa na escola que não se mostra chocado com a aparência de tiny. sem hesitar, estende a outra mão pro cumprimento.

gideon: você deve ser tiny.

tiny olha pra mão que gideon mantém em meu ombro antes de apertar a que ele oferece. não parece muito feliz ao dizer

tiny: ... e você deve ser gideon.

seu aperto de mão deve ser um pouco mais firme que o de hábito, pois gideon estremece antes que o aperto chegue ao fim. então vai buscar uma cadeira extra para a mesa, oferecendo a tiny o lugar em que normalmente se senta.

tiny: ah, isso não é acolhedor?

bem, não. o cheiro da empanada de carne dele me faz sentir como se estivesse preso em um quarto pequeno e quente, cheio de comida de cachorro. simon, receio, encontra-se em vias de dizer alguma coisa errada, e derek parece pensar em como vai escrever sobre tudo isso em um blog. gideon começa a fazer perguntas amistosas a tiny, e as respostas de tiny são todas monossilábicas.

gideon: como estava o trânsito até aqui?

tiny: bom.

gideon: aqui é muito parecido com a sua escola?

tiny: nah.

gideon: soube que você está produzindo um musical.

tiny: sim.

por fim, gideon se levanta pra comprar um cookie, o que me permite me inclinar pra tiny e perguntar

eu: por que você está tratando ele como alguém que te deu um fora?

tiny: não estou!

eu: você nem o conhece.

tiny: conheço o tipo dele.

eu: que tipo?

tiny: o tipo pequeno e bonito. eles são *encrenca*.

acho que ele sabe que foi um pouco longe demais, porque imediatamente acrescenta

tiny: mas ele parece muito legal.

então corre os olhos pela cantina.

tiny: quem é maورا?

eu: duas mesas à esquerda da porta. sentada sozinha, pobre cordeiro abatido. rabiscando no caderno.

como se pressentisse nosso olhar, ela ergue os olhos em nossa direção, então abaixa a cabeça e volta a rabiscar mais furiosamente.

derek: que tal a empanada de carne? em todos os meus anos aqui, você é a primeira pessoa que já vi terminar uma dessas.

tiny: não estava mal se você não liga pro fato de estar salgado. é como se alguém tivesse feito uma tortinha de carne-seca.

simon: e há quanto tempo vocês dois estão, assim, juntos?

tiny: não sei... quatro semanas, dois dias e 18 horas, eu acho.

simon: então você é o cara.

tiny: que cara?

simon: o cara que quase nos fez perder as olimpíadas de matemática.

tiny: se isso é verdade, então eu sinto muito mesmo.

simon: bem, você sabe o que dizem.

derek: simon?

simon: os gays sempre põem o pau na frente da matemática.

eu: em toda a história do mundo, ninguém jamais disse isso.

derek: você só está emburrado porque a garota de naperville...

simon: nem pense!

derek: ... não quis sentar no seu colo quando você pediu.

simon: o ônibus estava cheio!

gideon volta com cookies pra todos nós.

gideon: é uma ocasião especial. o que eu perdi?

eu: paus na frente da matemática.

gideon: isso não faz o menor sentido.

eu: exatamente.

tiny está começando a parecer inquieto e não está nem tocando no cookie. é um cookie macio. com gotas de chocolate. devia estar em seu

sistema digestivo a essa altura.

se tiny está perdendo o apetite, não tem a menor possibilidade de chegarmos ao fim do dia na escola. afinal, se eu não tenho a menor vontade de ir pra aula... por que tiny teria? se ele quer ficar comigo, eu devo ficar com ele. e essa escola nunca vai permitir isso.

eu: vamos embora.

tiny: mas acabei de chegar.

eu: você já conheceu as únicas pessoas com quem interajo. já provou nossa excelente cozinha. se quiser, posso te mostrar a vitrine de troféus na saída para você se deleitar com as conquistas de alunos que agora já têm idade pra sofrer de disfunção erétil, perda de memória e morte. eu nunca, jamais, vou ser capaz de demonstrar afeto por você aqui, mas se ficar sozinho comigo, vai ser bem diferente.

tiny: paus na frente da matemática.

eu: sim. paus na frente da matemática. embora eu já tenha tido aula de matemática hoje. vou matar aula retroativamente pra ficar com você.

derek: vão! vão!

tiny parece bem satisfeito com essa mudança de planos.

tiny: vou ter você todo pra mim?

está no limite do constrangedor admitir isso na frente de outras pessoas, então eu apenas faço que sim com a cabeça.

pegamos nossas bandejas e nos despedimos. gideon parece um pouco desapontado, mas soa sincero quando diz a tiny que espera que tenhamos a chance de sair todos juntos mais tarde. tiny diz que também espera, mas não é como se esperasse mesmo.

quando estamos prestes a sair da cantina, tiny diz que precisa dar mais uma parada.

tiny: tem uma coisa que preciso fazer.

eu: o banheiro fica no corredor, à esquerda.

mas não é esse o seu destino.

ele está seguindo direto pra mesa de maura.

eu: o que você está fazendo? nós não falamos com ela.

tiny: vocês podem não falar — mas tem uma ou duas coisinhas que eu gostaria de dizer.

ela agora está olhando pra gente.

eu: pare.

tiny: fique de fora, grayson. sei o que estou fazendo.

com gestos muitíssimo elaborados, ela põe de lado a caneta e fecha o caderno.

eu: não, tiny.

mas ele avança e paira acima dela. a montanha veio até maura, e tem algo para dizer.

um lampejo de nervosismo passa pelo rosto de tiny antes de começar. ele respira fundo. ela olha para ele com uma estudada expressão vazia.

tiny: só queria vir até aqui e te agradecer. eu sou tiny cooper, e estou namorando will grayson há quatro semanas, dois dias e 18 horas agora. se você não tivesse sido uma inimiga tão má, egoísta, enganadora e vingativa, nós nunca teríamos nos conhecido. isso só serve para mostrar que, se você tenta arruinar a vida de alguém, ela só fica melhor. você só acaba não fazendo mais parte dela.

eu: tiny, chega.

tiny: acho que ela precisa saber o que está perdendo, will. acho que ela precisa saber a felicidade...

eu: CHEGA!

muita gente ouve isso. tiny certamente sim, porque ele para. e maura também, porque ela deixa de olhar sem expressão pra ele e começa a olhar sem expressão pra mim, que estou muito furioso com ambos neste momento. pego tiny pela mão, mas desta vez é pra puxá-lo dali. maura sorri com deboche, em seguida abre o caderno e recomeça a escrever. sigo pra porta, então solto a mão de tiny, volto pra mesa de maura, pego o caderno e arranco a folha em que ela está escrevendo. nem mesmo leio o que está

escrito. só a arranco e amasso e então jogo o caderno de volta na mesa, derrubando a coca diet dela. não digo uma só palavra. simplesmente vou embora.

estou com tanta raiva que não consigo falar. tiny está atrás de mim, dizendo

tiny: o que foi? o que eu fiz?

espero até estarmos fora do prédio. espero até chegarmos ao estacionamento. espero até ele me levar ao carro dele. espero até estarmos dentro do carro. espero até sentir que posso abrir a boca sem gritar. e então digo:

eu: você não devia ter feito aquilo.

tiny: por quê?

eu: POR QUÊ? porque não estou falando com ela. porque consegui evitá-la por um mês, e agora você simplesmente me arrastou até ela e a fez pensar que ela é importante na minha vida.

tiny: ela precisava aprender uma lição.

eu: que lição? que se ela tentar arruinar a vida de alguém, *ela só fica melhor?* é uma ótima lição, tiny. agora ela pode tentar arruinar a vida de mais pessoas, porque pelo menos vai ter a satisfação de saber que está lhes fazendo um favor. talvez ela possa até começar um serviço de encontros. evidentemente, funcionou para nós.

tiny: pare com isso.

eu: parar com o quê?

tiny: pare de falar comigo como se eu fosse um idiota. não sou idiota.

eu: sei que você não é idiota. mas, sem a menor dúvida, você fez uma coisa idiota.

ele ainda nem ligou o carro. ainda estamos sentados no estacionamento.

tiny: não foi assim que planejei o dia.

eu: bem, sabe de uma coisa? muitas vezes não se tem controle de como vai ser o seu dia.

tiny: pare. por favor. quero que este seja um dia bom.

ele dá a partida no carro. é minha vez de respirar fundo. quem quer ser a pessoa a dizer a uma criança que papai noel não existe? é a verdade, não é? mas ainda assim você é um babaca se disser.

tiny: vamos a algum lugar que você goste de ir. aonde podemos ir? me leve a algum lugar que seja importante para você.

eu: como o quê?

tiny: como... não sei. eu, se preciso me sentir melhor, vou sozinho pro super target. não sei por quê, mas ver aquelas coisas todas me deixa feliz. provavelmente é o design. eu nem preciso comprar nada. só de ver todas as pessoas juntas, ver todas as coisas que eu poderia comprar — todas as cores, corredor após corredor... às vezes, preciso disso. no caso de jane, é essa loja indie de discos à qual vamos pra que ela possa olhar vinis antigos enquanto olho todos os cds de boy bands na banca de dois dólares e tento decidir qual deles acho o mais bonito. ou pro outro will grayson — tem um parque na nossa cidade, onde todos os times da liga júnior jogam. e ele adora o banco de reservas, porque, quando não tem mais ninguém por perto, é muito silencioso lá. quando não tem jogo, você pode sentar lá, e então só as coisas que aconteceram no passado existem. acho que todo mundo tem um lugar assim. você deve ter um lugar assim.

penso intensamente no assunto por um segundo, mas concluo que, se tivesse um lugar assim, eu saberia na hora. mas nenhum lugar tem importância de verdade pra mim. nunca nem mesmo me ocorreu que eu devia ter um lugar que fosse importante pra mim.

respondo que não com a cabeça.

eu: nada.

tiny: vamos, anda. tem de haver algum lugar.

eu: não tem, está bem? só minha casa. meu quarto. é isso.

tiny: ok — então onde fica o balanço mais próximo?

eu: você está brincando, não é?

tiny: não. tem que haver um balanço por aqui.

eu: na escola primária, acho. mas as aulas ainda não acabaram. se nos pegarem lá, vão pensar que somos sequestradores. vai ficar tudo bem comigo, mas aposto que você seria julgado como adulto.

tiny: ok, fora a escola primária.

eu: acho que meus vizinhos têm um.

tiny: os pais trabalham?

eu: acho que sim.

tiny: e os filhos ainda estão na escola. perfeito! você me guia.

foi assim que terminamos estacionando na frente da minha casa e invadindo o quintal dos vizinhos do lado. o balanço é bastante triste, tanto quanto os balanços podem ser, mas, pelo menos, é feito para crianças mais velhas.

eu: você não vai sentar aí, vai?

mas ele senta, e juro que a estrutura de metal se curva um pouco. ele aponta o balanço perto do dele.

tiny: junte-se a mim.

faz provavelmente uns dez anos que não me sento em um balanço. só faço isso agora pra calar tiny por um segundo. nenhum dos dois balança de fato — não creio que a estrutura pudesse resistir a isso. ficamos simplesmente ali sentados, pendendo acima do chão. tiny se vira, ficando de frente pra mim. eu também me viro, pondo os pés no chão para evitar que a corrente me desvire.

tiny: agora, assim não está melhor?

e eu não me contenho. digo

eu: melhor que o quê?

tiny ri e sacode a cabeça.

eu: o que foi? por que está balançando a cabeça?

tiny: não é nada.

eu: me fale.

tiny: é só engraçado.

eu: O QUE é engraçado?

tiny: você. e eu.

eu: que bom que você acha isso engraçado.

tiny: queria que você achasse mais engraçado.

eu nem sei mais sobre o que estamos falando.

tiny: sabe uma ótima metáfora pro amor?

eu: tenho a sensação de que você está prestes a me falar.

ele se vira e faz uma tentativa de balançar mais alto. o balanço geme tanto que ele para e se vira novamente pra mim.

tiny: a bela adormecida.

eu: a bela adormecida?

tiny: sim, porque você precisa abrir caminho através desse incrível matagal cheio de espinhos a fim de chegar até a bela, e mesmo assim, quando chega lá, ainda tem de acordá-la.

eu: então eu sou um matagal?

tiny: e a bela que ainda não está totalmente desperta.

não ressalto que tiny também não é exatamente o que as garotinhas pensam quando ouvem as palavras *príncipe encantado*.

eu: é natural que você pense dessa forma.

tiny: por quê?

eu: bem, a sua vida é um musical. literalmente.

tiny: você está me vendo cantar agora?

quase. eu adoraria viver em seu mundo de desenho animado musical, onde bruxas como maura são derrotadas com uma palavra heroica, e todas as criaturas da floresta ficam felizes quando dois caras gays caminham de mãos dadas pela campina, e gideon é o pretendente bonito e burro com quem você sabe que a princesa não pode se casar, porque o coração dela pertence à fera. tenho certeza de que se trata de um mundo adorável, onde essas coisas acontecem. um mundo rico, mimado, colorido. talvez um dia eu

faça uma visita, mas duvido. mundos assim não tendem a emitir vistos para caras fodidos como eu.

eu: me intriga que alguém como você possa percorrer toda essa distância pra ficar com alguém como eu.

tiny: isso de novo, não!

eu: como?

tiny: estamos sempre tendo essa conversa. mas, se você continuar se concentrando no porquê de tudo ser tão difícil pra você, nunca vai perceber como poderia ter sido fácil.

eu: fácil pra você falar!

tiny: o que você quer dizer com isso?

eu: exatamente isso. vou decompor pra você. *fácil* — sem absolutamente nenhuma dificuldade. *pra você* — o oposto de “pra mim”. *falar* — vocalizar, às vezes, *ad nauseam*. você tem tudo tão fácil que não percebe que, quando é difícil, não é uma escolha que está fazendo.

tiny: eu sei disso. não estava dizendo...

eu: sim?

tiny: eu entendo.

eu: você NÃO entende. porque é tudo fácil pra você.

agora eu o irritei. ele desce do balanço e para bem na minha frente. tem uma veia em seu pescoço que chega a pulsar. ele não consegue parecer furioso sem também parecer triste.

tiny: PARE DE ME DIZER QUE É TUDO MUITO FÁCIL PRA MIM! você tem alguma ideia do que está falando? porque eu sou uma pessoa também. e também tenho problemas. e embora eles possam não ser os seus problemas, ainda assim são problemas.

eu: como o quê?

tiny: você pode não ter notado, mas eu não sou o que se chamaria convencionalmente de bonito. na verdade, pode-se até falar que sou o oposto disso. *falar*, sabe... vocalizar, às vezes, *ad nauseam*? você acha que se passa um só minuto, de qualquer dia, em que eu não tenha consciência do meu tamanho? acha que um só minuto se passa sem que eu esteja pensando em como as outras pessoas me veem? embora eu não tenha nenhum

controle sobre isso? não me entenda mal, eu amo meu corpo. mas não sou tão idiota assim pra achar que todo mundo ama. o que realmente me aborrece, o que me chateia *de verdade*, é que ele é tudo que as pessoas veem. desde quando eu era uma criança não-tão-pequena. *ei, tiny, quer jogar futebol? ei, tiny, quantos hambúrgueres você comeu hoje? ei, tiny, já perdeu o pinto aí embaixo? ei, tiny, você vai entrar pro time de basquete quer queira quer não. só não tente olhar pra gente no vestiário!* isso parece fácil pra você?

estou prestes a dizer alguma coisa, mas ele ergue a mão.

tiny: sabe de uma coisa? estou totalmente em paz com o fato de ser grande. e eu já era gay muito antes de saber o que era sexo. é assim que eu sou, e isso é ótimo. não quero ser magro nem convencionalmente bonito nem heterossexual nem brilhante. não, o que eu quero de verdade, e jamais consigo, é ser *apreciado*. você sabe o que é se esforçar ao máximo pra se certificar de que todos estejam felizes e não ter uma só pessoa que reconheça isso? posso me matar pra juntar o outro will grayson e jane... nenhum reconhecimento, só mágoa. escrevo um musical inteiro que fala basicamente de amor, e o principal personagem nele, depois de mim, é claro, é phil wrayson, que precisa entender algumas coisas, mas no geral é um cara maravilhoso. e will compreende isso? não. ele surta. faço tudo que posso pra ser um bom namorado pra você... nenhum reconhecimento, só mágoa. tento fazer esse musical pra que ele possa criar alguma coisa, pra mostrar que todos nós temos alguma coisa pra cantar... nenhum reconhecimento, só mágoa. esse musical é um presente, will. meu presente pro mundo. ele não é sobre mim. é sobre o que tenho pra compartilhar. tem uma diferença; eu vejo, mas receio que seja o único. você acha que é fácil pra mim, will? está mesmo morrendo de vontade de experimentar esses tamanhos GG? porque toda manhã quando acordo, tenho de me convencer que, sim, no fim do dia, serei capaz de fazer algo de bom. isso é tudo que peço: ser capaz de fazer algo de bom. não por mim, seu bebê chorão estúpido, de quem, por acaso, eu gosto muito, muito. mas pelos meus amigos. por outras pessoas.

eu: mas por que eu? quero dizer, o que você vê em mim?

tiny: você tem um coração, will. você até deixa ele aparecer de vez em quando. eu vejo isso em você. e vejo que precisa de mim.

balanço a cabeça.

eu: você não entende? eu não preciso de ninguém.

tiny: isso só significa que precisa ainda mais de mim.

está tão claro pra mim.

eu: você não está apaixonado por mim. está apaixonado pela minha carência.

tiny: quem disse que estou apaixonado por alguma coisa? eu disse “gosto muito, muito”.

ele para. faz uma pausa.

tiny: isso sempre acontece. uma variação disso sempre acontece.

eu: eu sinto muito.

tiny: eles também sempre dizem “eu sinto muito”.

eu: não posso fazer isso, tiny.

tiny: você pode, mas não vai. simplesmente não vai.

é como se eu não tivesse que terminar com ele, porque ele já teve essa conversa na própria cabeça. eu devia me sentir aliviado por não precisar dizer nada. mas, em vez disso, só me sinto pior.

eu: não é culpa sua. eu simplesmente não consigo sentir nada.

tiny: mesmo? você não está sentindo nada neste momento? absolutamente nada?

quero dizer a ele: ninguém nunca me disse como lidar com coisas assim. abrir mão não devia ser indolor se você nunca aprendeu a segurar?

tiny: vou embora agora.

e eu vou ficar. vou ficar neste balanço enquanto ele se afasta. vou ficar em silêncio enquanto ele entra no carro. vou ficar imóvel enquanto ouço o carro dar a partida, depois se afastar. vou continuar errado, porque não sei como atravessar o matagal da minha própria cabeça a fim de alcançar o que quer

que eu deva fazer. vou continuar o mesmo, e o mesmo, e o mesmo, até morrer disso.

minutos se passam antes que eu possa admitir que, sim, embora diga a mim mesmo que não estou sentindo nada, isso é mentira. quero dizer que estou sentindo remorso ou arrependimento ou até mesmo culpa. mas nenhuma dessas palavras parece suficiente. o que estou sentindo é vergonha. vergonha pura, repugnante. não quero ser a pessoa que sou. não quero ser a pessoa que acabou de fazer o que fiz.

o problema não é nem mesmo tiny.

eu sou horrível.

sou insensível.

tenho medo de que essas coisas sejam mesmo verdade.

volto correndo pra casa. estou começando a soluçar — não estou nem mesmo pensando, mas meu corpo está se despedaçando. minha mão está tão trêmula que deixo o chaveiro cair antes de finalmente conseguir enfiar a chave na porta. a casa está vazia. eu estou vazio. tento comer. tento ir pra cama. nada funciona. eu sinto as coisas, sim. sinto tudo. e preciso saber que não estou sozinho. assim, pego o telefone. sem nem mesmo pensar. digito o número e ouço o toque e assim que atendem, grito no aparelho:

eu: EU TE AMO. ESTÁ ME OUVINDO? EU TE AMO!

estou gritando, e meu grito parece tão furioso e tão assustado e tão patético e tão desesperado. do outro lado da linha, minha mãe me pergunta o que há de errado, onde estou, o que está acontecendo, e eu digo a ela que estou em casa e que tudo está confuso, e ela diz que em dez minutos estará em casa, eu vou ficar bem por dez minutos?, e quero dizer a ela que vou ficar bem, porque é isso que ela quer ouvir, mas então me dou conta de que talvez o que ela queira ouvir seja a verdade, então digo a ela que sinto as coisas, sinto de verdade, e ela me diz que é claro que sinto, sempre tive esses sentimentos, e é isso que faz com que às vezes a vida seja difícil pra mim.

só ouvir a voz dela já me faz sentir um pouco melhor, e percebo que, sim, aprecio o que ela está dizendo, aprecio o que ela está fazendo, e preciso que ela saiba disso. embora eu não diga imediatamente, pois acho que isso só vai deixá-la mais preocupada, mas quando ela chega em casa digo a ela, e ela diz que sabe disso.

conto a ela um pouco sobre tiny, e ela diz que parece que estávamos pondo pressão demais um no outro e que não precisa ser amor imediatamente, ou nem mesmo no fim. quero perguntar o que foi com meu pai e quando foi que tudo se transformou em ódio e tristeza. mas talvez eu não queira de fato saber. não agora.

mãe: a carência nunca é uma boa base para um relacionamento. tem de ser muito mais que isso.

é bom conversar com ela, mas ao mesmo tempo é estranho, porque ela é minha mãe, e não quero ser um daqueles garotos que acha que a mãe é sua melhor amiga. quando me recupero o suficiente, as aulas já terminaram faz tempo, e concluo que posso ficar on-line e ver se gideon também está. então percebo que, em vez disso, posso mandar uma mensagem de texto pra ele. aí percebo que, na verdade, posso ligar pra ele. por fim, percebo que, na verdade, posso ligar pra ele e ver se ele quer fazer alguma coisa. porque ele é meu amigo, e é isso que os amigos fazem.

eu ligo, ele atende. preciso dele, ele responde. vou até a casa dele e conto o que aconteceu, e ele responde. não é como com maura, que sempre queria tomar o caminho das trevas. não é como foi com tiny, porque com ele eu estava com todas essas expectativas de ser um bom namorado, o que quer que isso signifique. não, gideon está pronto pra acreditar tanto no melhor quanto no pior de mim. em outras palavras: pra acreditar na verdade.

quando nossa conversa chega ao fim, ele me pergunta se vou telefonar pra tiny. digo a ele que não sei.

só mais tarde decido. estou on-line e vejo que ele também está.

não creio que eu possa nos salvar como namorados, mas pelo menos quero dizer a ele que, mesmo que ele estivesse errado em relação a mim, não estava errado em relação a si mesmo. quer dizer, alguém devia estar tentando fazer o bem no mundo.

então eu tento.

20h15

willupleasebequiet: bluejeansbaby?

willupleasebequiet: tiny?

20h18

willupleasebequiet: você está aí?

21h33

willupleasebequiet: você está aí?

22h10

willupleasebequiet: por favor?

23h45

willupleasebequiet: você está aí?

1h03

willupleasebequiet: você está aí?

willupleasebequiet: você está aí?

willupleasebequiet: você está aí?

willupleasebequiet: você está aí?

willupleasebequiet: você está aí?

capítulo dezessete

Três dias antes da peça, Tiny e eu estamos conversando novamente enquanto esperamos o início da aula de pré-cálculo, mas não há nada dentro de nossas palavras. Ele se senta ao meu lado e diz: “Oi, Grayson”, e eu digo: “Oi”, e ele diz: “O que conta de novo?”, e eu digo: “Não muito. E você?”, e ele diz: “Não muito. A peça está acabando comigo, cara”, e eu digo: “Posso apostar que sim”, e ele diz: “Você tá namorando Jane, hein?” e eu digo: “Meio que sim”, e ele diz: “Isso é incrível”, e eu digo: “É. Como vai o outro Will Grayson?”, e ele diz: “Bem”, e isso é tudo. Sinceramente, falar com ele é pior que não falar. Falar com ele me dá a sensação de que estou me afogando em água morna.

Jane está parada diante do meu armário com as mãos atrás das costas quando chego lá depois do primeiro tempo, e ao me aproximar dela, acontece esse estranho, mas não necessariamente desagradável momento devemos-nos-beijar, ou pelo menos eu penso que é isso que o momento é, mas então ela diz:

— Uma merda essa história do Tiny, hein?

— O quê? — pergunto.

— Ele e o outro Will Grayson. Já era.

Inclino a cabeça pra ela, confuso.

— Não, ele acabou de dizer que estão bem. Perguntei a ele na aula de pré-cálculo.

— Foi ontem, pelo menos segundo Gary e Nick e as 23 outras pessoas que me contaram isso. Num balanço, ao que parece. Ah, a ressonância metafórica.

— Então por que ele não me contou? — Ouço minha voz travada quando pergunto.

Jane pega minha mão e se estica pra dizer em meu ouvido:

— Oi.

Então olho pra ela, tentando agir como se isso não tivesse importância.

— Oi — repete ela.

— Oi — respondo.

— Volte ao normal com ele, OK? Só isso. *Fale* com ele, Will. Não sei se você percebeu, mas tudo fica melhor pra você quando fala com as pessoas.

— Quer ir lá em casa depois da escola? — pergunto.

— Com certeza. — Ela sorri, então gira num semicírculo e se vai. Dá alguns passos antes de se virar outra vez e dizer: — Fale. Com. Tiny.

Por algum tempo, simplesmente fico parado diante do meu armário. Mesmo depois de todos os sinais soarem. Sei por que ele não me contou: não é porque ele se sinta estranho que, pela primeira vez na história da humanidade, esteja solteiro e eu (meio que) comprometido. Ele disse que o outro Will Grayson ia bem porque eu não tenho importância.

Tiny pode ignorá-lo quando está apaixonado. Mas, quando Tiny Cooper mente pra você sobre seu coração partido, o contador Geiger disparou o martelo. A radiação escapou. A amizade está morta.

Naquele dia, depois da escola, Jane está na minha casa, sentada diante de um tabuleiro de Scrabble e de mim. Escrevo *caolho*, que é uma ótima palavra, mas também abre espaço para uma palavra tripla pra ela. “Ah, meu Deus, eu te amo”, diz ela, e deve estar bem perto da verdade, porque, se tivesse falado isso uma semana antes, eu não teria nem dado atenção, e agora as palavras pairam no ar eternamente até que, por fim, ela quebra o constrangimento dizendo:

— Isso é uma coisa estranha pra se dizer pra alguém que você começou a namorar! Ah, uau, que esquisito! — Após um momento de silêncio, ela prossegue: — Ei, para aumentar o constrangimento, a gente tá namorando?

A palavra revira meu estômago um pouco e eu digo:

— Podemos estar não não-namorando?

Ela sorri e escreve *relho*, de 36 pontos. É absolutamente impressionante, a coisa toda. Suas omoplatas são impressionantes. Seu amor apaixonadamente irônico pelas novelas dos anos 1980 é impressionante. A maneira como ri das minhas piadas muito, muito alto é impressionante — e tudo isso só faz

com que seja ainda mais impressionante que ela não preencha o vazio que Tiny deixou com sua ausência.

Para ser perfeitamente honesto, eu o senti no último semestre, quando ele foi se tornar presidente da AGH e entrei para o Grupo de Amigos. Provavelmente foi por isso que escrevi a carta ao editor e assinei. Não porque quisesse que a escola soubesse que eu a havia escrito, mas porque queria que Tiny soubesse.

No dia seguinte, minha mãe me deixa cedo na escola. Entro e deslizo um bilhete para dentro do armário de Jane, o que se tornou um hábito pra mim. Sempre um ou dois versos de algum poema na gigantesca antologia de poesia que minha professora de inglês do segundo ano usava pra dar aula. Eu disse que não seria o tipo de namorado que lê poemas pra ela, e não sou, mas acho que sou o tipo de idiota brega que escorrega trechos de poesia pra suas manhãs.

O de hoje: “Vejo-te melhor no escuro/Não preciso de uma luz.” — Emily Dickinson.

E então me acomodo em meu lugar na aula de pré-cálculo vinte minutos adiantado. Tento estudar um pouco para a prova de química, mas desisto em vinte segundos. Pego o celular e verifico meu e-mail. Nada. Fico olhando pra sua carteira vazia, a carteira que ele preenche com uma plenitude inimaginável para o restante de nós.

Resolvo escrever um e-mail pra ele, digitando com os polegares em meu minúsculo teclado. Só estou passando o tempo, na realidade. Fico usando palavras longas e desnecessárias porque elas fazem a escrita absorver os minutos.

não que eu sinta um desejo urgente de sermos amigos, mas queria que pudéssemos ser uma coisa ou outra. embora eu racionalmente saiba que sua saída de minha vida é uma bênção generosa, que na maioria dos dias você não passa de um fardo de 130 quilos acorrentado a mim, e que você claramente nunca gostou da minha pessoa. sempre reclamei de você e de sua imensidão generalizada, e agora sinto falta dela. garoto típico, você diria. não sabe o que tinha até perder. e talvez esteja certo, tiny. sinto muito por will grayson. por nós dois.

O primeiro sinal por fim toca. Salvo o e-mail como rascunho.

Tiny se senta perto de mim e diz: “Oi, Grayson”, e eu digo: “Oi, como está tudo?” e ele diz: “Bem. Hoje tem um ensaio geral”, e eu digo: “Incrível”, e ele diz: “O que está acontecendo com você?”, e eu digo: “Este trabalho de inglês está me matando”, e ele diz: “É, as minhas notas estão impraticáveis”, e eu digo: “É”, e o segundo sinal toca e nós voltamos nossa atenção para o Sr. Applebaum.

Quatro horas depois: estou no meio da fila de pessoas que saem apressadas da sala de aula de física no quinto tempo quando, pela janela, vejo Tiny passando. Ele para, gira dramaticamente na direção da porta e espera por mim.

— Nós terminamos — conta ele com naturalidade.

— Foi o que ouvi falar. Obrigado por me contar... depois de contar pra todo mundo.

— É, bem — diz ele. As pessoas dão a volta em torno de nós como se fôssemos um coágulo sanguíneo na artéria do corredor. — O ensaio vai até tarde (vamos repassar tudo depois do ensaio geral), mas que tal uma ceia? Hot Dog Palace ou algo no gênero?

Penso por um minuto, lembrando do e-mail não enviado na minha pasta de rascunhos, e no outro Will Grayson, e em Tiny no palco me falando a verdade pelas costas, e então digo:

— Acho que não. Estou cansado de ser seu Plano B, Tiny.

Isso não o perturba, naturalmente.

— Bem, acho que te vejo na peça então.

— Não sei se vou conseguir ir, mas vou tentar.

Por alguma razão, é difícil ler a expressão de Tiny, mas acho que tenho um palpite. Não sei exatamente por que quero fazê-lo se sentir um lixo, mas é o que quero.

Estou indo para o armário de Jane quando ela surge por trás de mim e pergunta:

— Posso falar com você um minuto?

— Pode falar comigo bilhões de minutos — sorrio.

Entramos em uma sala de espanhol vazia. Ela gira uma cadeira e se senta, e o encosto da cadeira parece um escudo. Ela está usando uma camiseta

justa debaixo de um casaco de abotoamento duplo, que acaba de tirar. Está extremamente bonita, tão bonita que me pergunto em voz alta se não podemos conversar na minha casa.

— Eu acabo ficando distraída na sua casa. — Ela levanta as sobrancelhas e sorri, mas vejo que isso é forçado. — Você disse ontem que estávamos não não-namorando, como se isso não fosse nada demais, e eu sei que faz uma semana e somente uma semana, mas eu, na verdade, não quero não não-namorar você; eu quero ser sua namorada ou não, e acho que a essa altura já está qualificado para tomar pelo menos uma decisão temporária sobre o assunto, porque eu sei que estou.

Ela abaixa os olhos por um segundo, e percebo que seu cabelo dividido ao meio forma um zigue-zague accidental no alto da cabeça, e tomo fôlego pra falar, mas ela continua:

— Além disso, não vou ficar *arrasada* nem nada do tipo. Não sou assim. Só acho que, se você não *diz* a coisa mais sincera, às vezes, essa coisa nunca se torna realidade, sabe, e eu...

Nesse momento eu levanto o dedo, porque preciso ouvir o que ela acabou de dizer e ela fala rápido demais pra que eu possa acompanhar. Continuo com a mão levantada, pensando que *se você não diz a coisa mais sincera, ela nunca se torna realidade*.

Ponho as mãos nos ombros dela.

— Acabo de me dar conta de uma coisa. Eu gosto muito, muito de você. Você é incrível, e eu quero muito ser seu namorado, por causa do que acabou de dizer, e também porque essa blusa me faz querer te levar pra casa agora e fazer coisas inqualificáveis enquanto assistimos a filmes da Sailor Moon. Mas-mas-mas você está totalmente certa em relação a dizer a coisa mais sincera. Acho que, se você mantém a caixa fechada por muito tempo, você mata, de fato, o gato. E, Deus, espero que você não tome isso como algo pessoal, mas amo meu melhor amigo mais que qualquer um no mundo.

Agora ela me olha, estreitando os olhos, confusa.

— É isso. Eu amo Tiny Cooper, porra.

Jane diz:

— Hã, ok. Você está me pedindo pra ser sua namorada ou está me dizendo que é gay?

— Primeira opção. A da namorada. Agora tenho de ir procurar Tiny.

Eu me levanto, dou um beijo no zigue-zague dela e então saio em disparada.

Ligo pra ele enquanto atravesso correndo o campo de futebol, pressionando a tecla do número 1 para discagem rápida. Ele não atende, mas acho que sei aonde ele pensa que estou indo, então vou para lá.

Assim que vejo o parque à minha esquerda, desacelero para uma caminhada rápida e ofegante, os ombros queimando sob as alças da mochila. Tudo depende de ele estar no banco de reservas, e é tão improvável que ele vá até lá a três dias da estreia da peça, e enquanto caminho começo a me sentir um idiota: o telefone dele está desligado porque ele está no ensaio, e corri até aqui em vez de correr até o auditório, o que significa que agora vou ter de correr *de volta* para o auditório, e meus pulmões não foram projetados para um uso assim tão rigoroso.

Desacelero ainda mais quando alcanço o parque, em parte porque estou sem fôlego e em parte porque, enquanto não posso ver o interior do abrigo do banco de reservas, ele está lá e não está. Observo um casal andando no gramado, sabendo que eles podem ver o banco, tentando saber pelos olhos deles se veem um gigante sentado no banco de reservas deste campo da Liga Júnior. Mas os olhos deles não revelam nada e eu simplesmente fico olhando enquanto eles andam de mãos dadas.

Finalmente, o banco fica à vista. E, porra, ali está ele, sentado bem no meio daquele banco de madeira.

Vou até ele.

— Você não tem ensaio geral?

Ele não diz nada até eu me sentar ao lado dele no gelado banco de madeira.

— Eles precisam de um ensaio sem mim. Ou vão acabar se amotinando. Vamos fazer o ensaio final um pouco mais tarde hoje.

— Então, o que o traz ao banco de reservas?

— Lembra que, logo depois que saí do armário, em vez de algo como “Tiny joga no outro time”, você costumava dizer: “Tiny joga no White Sox”?

— Sim. Isso é homofóbico? — pergunto.

— Não — diz ele. — Bem, provavelmente é, mas não me incomodou. De qualquer forma, quero pedir desculpas.

— Por quê?

Aparentemente, pronunciei as palavras mágicas, pois Tiny respira fundo antes de começar a falar, como se, imagine só, tivesse muito a dizer.

— Por não dizer na sua cara o que disse a Gary. Não vou pedir desculpas por ter dito aquilo, porque é a verdade. Você e suas malditas regras. E, às vezes, fica obsessivo, e tem algo de melodramático em sua atitude antimelodrama, e eu sei que sou difícil, mas você também é, e essa sua mania de bancar a vítima está muito velha, e além do mais você é muito egocêntrico.

— O sujo falando do mal-lavado — digo, tentando não ficar puto. Tiny tem um talento incrível pra furar a bolha de amor que sinto por ele. Talvez, penso, essa seja a razão de ele levar tanto pé na bunda.

— Rá! Verdade. Verdade. Não estou dizendo que sou inocente. Estou dizendo que você é culpado também.

O casal caminhando sai do meu campo de visão. E então finalmente me sinto pronto para banir o tremor que Tiny aparentemente pensa que é fraqueza. Eu me levanto, de modo que ele tenha de olhar pra mim e eu também tenha de olhar pra ele, e pela primeira vez, fico mais alto.

— Eu amo você — digo.

Ele inclina a cabeça gorda e adorável, como um cachorrinho confuso.

— Você é um péssimo melhor amigo — continuo. — Péssimo! Você me abandona totalmente todas as vezes em que arranja um namorado, e depois volta rastejando quando leva um fora. Você não me escuta. Parece nem *gostar* de mim. Está obcecado pela peça e me ignora totalmente, exceto para me insultar pra um amigo nosso pelas minhas costas. E você explora sua vida e as pessoas de quem diz gostar para que sua pecinha possa fazer as pessoas te amarem e pensarem o quanto você é incrível, liberal e espetacularmente gay. Mas sabe de uma coisa? Ser gay não é desculpa pra ser filho da puta.

“Mas você é o número um na minha discagem direta e quero que continue sendo, e peço desculpas por ser também um péssimo melhor amigo, e eu te amo.”

Ele insiste em manter a cabeça virada.

— Grayson, você está se declarando pra mim? Porque eu, quero dizer, não é nada pessoal, mas eu prefiro me tornar hétero a ter um caso com você.

— NÃO. Não, não, não. Eu não quero *foder* com você. Eu só te *amo*. Quando foi que quem você quer foder se tornou o mais importante? Desde

quando a pessoa que você quer foder é a única pessoa que você ama? Isso é tão estúpido, Tiny! Quero dizer, meu Deus, quem se importa com a porra do sexo?! As pessoas agem como se essa fosse a coisa mais importante que os seres humanos fazem, mas vamos combinar. Como pode a porra das nossas vidas evoluídas girar em torno de algo que as *lesmas* podem fazer? Quero dizer, tudo gira em torno de quem você quer foder e se você fode com essa pessoa? Essas perguntas são importantes, eu acho. Mas não *tão* importantes assim. Sabe o que é importante? Por quem você morreria? Por quem acorda às 5h45 sem nem saber pra que ele precisa de você? De que bêbado você limparia o nariz?!

Estou gritando, girando os braços, e até minhas perguntas importantes se esgotarem, nem percebo que Tiny está chorando. E então suavemente, o mais suave que já ouvi Tiny dizer qualquer coisa, ele diz:

— Se você pudesse escrever uma peça sobre alguém... — E então sua voz falha.

Eu me sento ao lado dele e o abraço.

— Você está bem?

De alguma forma, Tiny Cooper consegue se contorcer de modo que sua cabeça imensa chore em meu ombro estreito. E depois de um tempo, ele diz:

— Longa semana. Longo mês. Longa vida.

Ele se recupera rapidamente, enxugando os olhos com a gola levantada da camisa polo que está usando por baixo do suéter listrado.

— Quando você namora alguém, tem os indicadores pelo caminho, certo? Vocês se beijam, têm A Conversa, dizem as Três Palavrinhas, vocês se sentam em um balanço e terminam. Pode-se assinalar os pontos em um gráfico. E vocês checam essas coisas um com o outro pelo caminho: Posso fazer isso? Se eu disser isso, você dirá também?

“Mas com amigos, não tem nada assim. Estar em um relacionamento, isso é algo que você escolhe. Ser amigo, isso é simplesmente algo que você é.”

Fico apenas olhando pro campo de futebol por um minuto. Tiny funga.

— Eu escolheria você — digo. — Porra, eu escolheria você, *sim*. Quero que daqui a vinte anos você vá à minha casa com seu cara ou seus filhos adotivos e quero que a porra dos nossos filhos sejam amigos e quero, tipo, beber vinho e falar sobre o Oriente Médio, ou sei lá que porra vamos querer fazer quando formos velhos. Somos amigos há tempo demais pra escolher, mas, se pudéssemos escolher, eu escolheria você.

— Tá, ok. Você está ficando um tanto sentimentalóide, Grayson — diz ele. — Isso está meio que me assustando.

— Entendi.

— Tipo, nunca mais diga que me ama.

— Mas eu te amo. Não tenho vergonha disso.

— É sério, Grayson, pare com isso. Você está me dando vontade de vomitar.

Eu rio.

— Posso te ajudar com a peça?

Tiny leva a mão ao bolso, tira um pedaço de folha de caderno e o entrega a mim.

— Pensei que você nunca fosse pedir — diz ele, sorrindo de forma maliciosa.

Will (e, em menor grau, Jane),

Obrigado por seu interesse em me ajudar nos ajustes finais de *Me abrace mais forte*. Eu me sentiria imensamente grato se vocês dois ficassem nos bastidores na noite de estreia pra ajudar nas trocas de figurino e pra acalmar os membros do elenco em geral (ok, digamos apenas: eu). Dali vocês terão uma visão excelente da peça.

Além disso, o figurino de Phil Wrayson está excelente, mas ficaria ainda melhor se tivéssemos algumas roupas típicas de Will Grayson para Gary usar.

E mais: pensei que teria tempo de gravar uma playlist pré-show no qual as faixas ímpares fossem punk rock e as pares temas de musicais. Mas, na verdade, não terei tempo pra fazer isso; se vocês fizessem, seria verdadeiramente fabuloso.

Vocês formam um lindo casal, foi um imenso prazer reuni-los e de modo algum me ressinto pelo fato de ambos deixarem de me agradecer por tornar seu amor possível.

Eu continuo...

Seu fiel cupido e criado...

Labutando sozinho e recém-solteiro em um mar de dor pra levar um pouco de luz a suas vidas...

Tiny Cooper

Rio enquanto leio, e Tiny também, concordando com acenos da cabeça, apreciando a própria genialidade.

— Sinto muito pelo outro Will Grayson — digo.

O sorriso dele se fecha. Sua resposta parece dirigida mais ao meu xará do que a mim.

— Nunca houve alguém como ele.

Não acredito nas palavras dele, mas então ele solta o ar com os lábios fechados, os olhos tristes estreitados olhando para a distância, e passo a acreditar.

— É melhor eu começar com isso, hein? Obrigado pelo convite para os bastidores.

Ele se levanta e começa a balançar positivamente a cabeça como às vezes faz, o gesto repetitivo que me diz que está se convencendo de alguma coisa.

— Sim, eu tenho de voltar pra enfurecer o elenco e a equipe técnica com minha direção tirânica.

— Vejo você amanhã, então — digo.

— E todos os outros dias — retruca ele, me dando um tapinha forte demais entre as omoplatas.

capítulo dezoito

começo a prender a respiração. não como se faz ao passar por um cemitério ou algo assim. não. estou tentando ver quanto tempo aguento antes de desmaiar ou morrer. é um passatempo muito conveniente — você pode praticar em qualquer lugar. aula. almoço. no mictório. no desconforto do próprio quarto.

a parte ruim é que sempre chega o momento em que volto a inspirar. só consigo me forçar até ali.

desisti de ter notícias de tiny. eu o magoei, ele me odeia — é simples assim. e agora que ele não me manda mais mensagens de texto, percebo que ninguém mais manda. nem mensagens de voz. ninguém mais se importa.

agora que ele não se interessa mais por mim, me dou conta de que ninguém mais tem tanto interesse assim em mim.

ok, mas tem o gideon. ele não é muito bom com mensagens de texto ou de voz, mas, quando estamos na escola, está sempre me perguntando como as coisas estão indo. e sempre paro de não respirar pra responder a ele. às vezes até falo a verdade.

eu: sério, é assim que vai ser o resto da minha vida? não creio que eu tenha pedido isso.

sei que parece idiotice de adolescente — as farpas! no coração! e nos olhos! —, mas o padrão parece inevitável. nunca vou conseguir ser uma pessoa boa. sempre vou ser o sangue e a merda das coisas.

gideon: apenas respire.

e eu me pergunto como ele sabe dizer essas coisas.

a única hora que finjo ter tudo sob controle é quando maura está por perto. não quero que ela me veja desmoronando. pior cenário: ela pisa em todos os pedaços. cenário ainda pior: ela tenta colá-los outra vez. percebo: estou agora onde ela estava comigo. no outro lado do silêncio. seria de esperar que o silêncio traria paz. mas, na verdade, ele é doloroso.

em casa, minha mãe vigia de perto. o que me faz sentir pior, porque agora estou fazendo ela passar por isso.

naquela noite — do dia em que estraguei tudo com tiny — ela escondeu a jarra de vidro que ele lhe deu. enquanto eu dormia, guardou a jarra. e o mais idiota foi que, quando vi que havia desaparecido, a primeira coisa que pensei foi que minha mãe tinha medo de eu quebrá-la. depois percebi que ela só estava tentando me proteger de vê-la, de ficar chateado.

na escola, pergunto a gideon

eu: por que perturbado em inglês é *upset*? não devia ser *downset*?

gideon: a primeira coisa que vou fazer é entrar com um processo contra os dicionários de inglês. vamos rasgar um novo cu no merriam e atirar o webster dentro dele.

eu: você é tão idiota.

gideon: só se você me pegar num bom dia.

não digo a gideon que me sinto culpado de estar com ele. porque e se a ameaça que tiny sentiu vier a ser verdade? e se eu o estava enganando sem saber?

eu: é possível enganar uma pessoa sem saber?

não é a gideon que faço essa pergunta. é à minha mãe.

ela tem tido tanto cuidado comigo. tem pisado em ovos com meus humores, agindo como se tudo estivesse bem. mas agora ela se imobiliza.

mãe: por que você está me perguntando isso? você traiu tiny?

e eu estou pensando: ah, merda, não devia ter perguntado isso.

eu: não. não traí. por que você ficou tão brava?

mãe: nada.

eu: não, por quê? meu pai traiu você?

ela balança a cabeça.

eu: você traiu meu pai?

ela suspira.

mãe: não. não é isso. é que... eu não quero que você jamais seja um traidor. não com as pessoas. tudo bem mentir às vezes em relação a coisas — mas nunca em relação a pessoas. porque uma vez que você começa, é muito difícil parar. você acaba descobrindo como é fácil fazer isso.

eu: mãe?

mãe: isso é tudo. por que você está perguntando?

eu: por nada. só pensando.

venho pensando muito ultimamente. às vezes, quando estou passando a marca do minuto prendendo a respiração, além de me imaginar morto, também penso no que tiny está fazendo. às vezes imagino o outro will grayson lá. na maioria das vezes, eles estão no palco. mas nunca consigo entender o que estão cantando.

e o estranho é que voltei a pensar em isaac. e em maura. e em como é estranho que tenha sido uma mentira aquilo que me fez mais feliz.

tiny não responde a nenhuma das mensagens que mando pela internet. então, na noite da véspera do musical, decido digitar o nome do outro will grayson. e lá está ele. não que eu pense que ele vai compreender totalmente. sim, temos o mesmo nome, mas isso não quer dizer que somos gêmeos psíquicos. ele não vai se encolher de dor se eu me queimar, nem nada desse tipo. mas naquela noite em chicago, senti que ele compreendia um pouco. e, sim, também quero saber se tiny está bem.

willupleasebequiet: oi

willupleasebequiet: é o will grayson.

willupleasebequiet: o outro.

WGrayson7: opa. olá.

willupleasebequiet: tudo bem eu falar com você?

WGrayson7: sim. o que você está fazendo acordado à 1h33min48s?

willupleasebequiet: esperando pra ver se 1h33min49s é um pouco melhor. e você?

WGrayson7: se não estou enganado, acabei de ver, via webcam, um número musical revisto que inclui o fantasma de oscar wilde, ao vivo do quarto do

WGrayson7: diretor-autor-astro-etc.-etc.-etc.

willupleasebequiet: como foi?

willupleasebequiet: não.

willupleasebequiet: quero dizer, como ele está?

WGrayson7: a verdade?

willupleasebequiet: sim.

WGrayson7: não creio que já o tenha visto mais nervoso. e não porque ele é o diretor-autor-astro-etc.-etc., mas porque significa muito pra ele, sabe? ele acredita de verdade que pode mudar o mundo.

willupleasebequiet: posso imaginar.

WGrayson7: desculpe, está tarde. e eu nem tenho certeza se devia estar falando sobre tiny com você.

willupleasebequiet: acabei de consultar os estatutos da sociedade internacional de will graysons e não encontrei nada sobre isso. estamos em território amplamente não documentado.

WGrayson7: exatamente. pode haver dragões por aqui.

willupleasebequiet: will?

WGrayson7: sim, will.

willupleasebequiet: ele sabe que lamento muito?

WGrayson7: não sei. segundo minha recente experiência, eu diria que a mágoa tende a abafar as desculpas.

willupleasebequiet: eu simplesmente não podia ser aquela pessoa pra ele.

WGrayson7: aquela pessoa?

willupleasebequiet: a que ele quer de verdade.

willupleasebequiet: só queria que tudo não fosse tentativa e erro.

willupleasebequiet: porque é isso que é, não é mesmo?

willupleasebequiet: tentativa e erro.

willupleasebequiet: acho que existe uma razão para que não chamem o processo de “tentativa e acerto”

willupleasebequiet: é tentativa-erro

willupleasebequiet: tentativa-erro

willupleasebequiet: tentativa-erro

willupleasebequiet: desculpe. você ainda está aí?

WGrayson7: sim.

WGrayson7: se isso fosse há duas semanas, eu teria concordado com você de coração.

WGrayson7: agora não tenho tanta certeza.

willupleasebequiet: por quê?

WGrayson7: bem, concordo que “tentativa e erro” seja um nome bastante pessimista para o processo. e talvez seja isso mesmo na maior parte das vezes.

WGrayson7: mas acho que o ponto é que não se trata apenas de tentativa-erro.

WGrayson7: quase sempre é tentativa-erro-tentativa

WGrayson7: tentativa-erro-tentativa

WGrayson7: tentativa-erro-tentativa

WGrayson7: e é assim que você encontra a coisa certa.

willupleasebequiet: a coisa certa?

WGrayson7: você sabe. *a coisa certa*.

willupleasebequiet: é, *a coisa certa*.

willupleasebequiet: tentativa-erro-tentativa-*a coisa certa*

WGrayson7: bem... ainda não fiquei *tão* otimista assim.

WGrayson7: é mais como tentativa-erro-tentativa-erro-tentativa-erro-tentativa-erro-tentativa-erro-tentativa... pelo menos mais umas 15 rodadas... depois tentativa-erro-tentativa-*a coisa certa*

willupleasebequiet: sinto saudades dele. mas não da maneira como ele iria querer que eu sentisse.

WGrayson7: você vem amanhã?

willupleasebequiet: não acho que seria uma boa ideia. você acha?

WGrayson7: você quem sabe. poderia ser outro erro. ou poderia ser *a coisa certa*. só me faça um favor e me ligue antes pra que eu possa avisá-lo.

isso parece justo. ele me dá o número do telefone dele e eu dou o meu. gravo em meu celular antes que eu esqueça. na hora de atribuir o nome ao número, digito apenas *will grayson*.

willupleasebequiet: qual é o segredo da sua sabedoria, will grayson?

WGrayson7: acho que é andar com as pessoas certas, will grayson.

willupleasebequiet: bem, obrigado pela ajuda.

WGrayson7: gosto de estar à disposição de todos os ex-namorados do meu melhor amigo.

willupleasebequiet: é necessário uma aldeia inteira pra namorar tiny cooper.

WGrayson7: exatamente.

willupleasebequiet: boa noite, will grayson.

WGrayson7: boa noite, will grayson.

queria dizer que isso me acalma. queria dizer que caio no sono imediatamente. mas a noite inteira minha mente fica

tentativa-erro-?

tentativa-erro-?

tentativa-erro-?

de manhã, estou um lixo. acordo e penso: *hoje é o dia*. e então penso: *isso não tem nada a ver comigo*. eu nem mesmo o ajudei com a peça. é só que agora não vou vê-la. eu sei que é justo, mas não me parece justo. a sensação que tenho é de que estraguei tudo.

no café da manhã, minha mãe percebe meu ódio sem paralelo a mim mesmo. provavelmente é a maneira como afundo as colheradas de chocolate em pó até o leite derramar que sugere a ela.

mãe: will, qual é o problema?

eu: qual não é?

mãe: will...

eu: está tudo bem.

mãe: não, não está.

eu: como você pode me dizer que não está? essa escolha não é minha?

ela se senta na minha frente e cobre a minha mão com a dela, embora agora haja uma poça de leite cor de chocolate debaixo do seu pulso.

mãe: você sabe o quanto eu costumava gritar?

não tenho a menor ideia do que ela está falando.

eu: você não grita. você fica em silêncio.

mãe (balançando a cabeça): mesmo quando você era pequeno, mas principalmente quando seu pai e eu estávamos passando pelo que passamos; havia ocasiões em que eu tinha de sair de casa, entrar no carro, dobrar a esquina e gritar até não poder mais. eu gritava, gritava e gritava. às vezes era só barulho. e às vezes palavrões; todo palavrão que você puder imaginar.

eu: posso pensar em muitos deles. você já gritou “merdelhéu!”?

mãe: não, mas...

eu: e “foder o cu do palhaço!”?

mãe: ...

eu: você devia tentar “foder o cu do palhaço”. é bastante eficaz.

mãe: o que estou querendo dizer é que tem horas que você precisa botar tudo pra fora. toda a raiva. toda a dor.

eu: você já pensou em falar com alguém sobre isso? quero dizer, eu tenho uns comprimidos que podem te interessar, mas acho que precisa de uma receita. não é nada de mais — só leva uma hora do seu tempo para que deem o diagnóstico.

mãe: will.

eu: desculpe. é só que não é de fato raiva ou dor que estou sentindo. só raiva de mim mesmo.

mãe: ainda assim é raiva.

eu: mas você não acha que isso não devia contar? quero dizer, não é o mesmo que ter raiva de outra pessoa.

mãe: por que nesta manhã?

eu: como assim?

mãe: por que você está com raiva de si mesmo justamente hoje?

não é que eu tenha planejado anunciar o fato de que estou com raiva. ela meio que me prepara uma armadilha pra eu falar. eu, entre todas as pessoas, posso respeitar isso. então digo a ela que hoje é o dia da apresentação do musical de tiny.

mãe: você devia ir.

agora é a minha vez de balançar a cabeça.

eu: sem chance.

mãe: com chance. e will?

eu: sim?

mãe: você também devia falar com maura.

afundo as colheradas de chocolate em pó antes que haja um meio de ela me persuadir. quando chego à escola, passo por maura em seu posto de observação e tento usar o dia como uma distração. tento prestar atenção às aulas, mas elas são tão entediantes que é como se os professores estivessem tentando me levar de volta aos meus pensamentos. tenho medo do que gideon me dirá se eu confidenciar a ele, então tento fingir que é um dia normal e que não estou catalogando todas as coisas que fiz de errado nas últimas semanas. dei mesmo uma chance a tiny? dei uma chance a maura? eu não devia tê-lo deixado me acalmar? não devia tê-la deixado explicar por que fez o que fez?

finalmente, quando o dia acaba, não posso mais lidar com aquilo sozinho, e é a gideon que quero recorrer. parte de mim tem esperança de que ele me diga que não tenho nada do que me envergonhar, que não fiz nada de errado. eu o encontro em seu armário e digo

eu: dá pra acreditar? minha mãe disse que eu devia ir ver a peça de tiny e falar com maura.

gideon: devia mesmo.

eu: sua irmã usou sua boca como cachimbo de crack ontem à noite? você pirou?

gideon: não tenho irmã.

eu: que seja. você entendeu o que eu quis dizer.

gideon: eu vou com você.

eu: o quê?

gideon: vou pegar o carro da minha mãe emprestado. você sabe onde fica a escola de tiny?

eu: você tá brincando.

e é então que acontece. é quase espantoso, de verdade. gideon se torna um pouco — só um pouquinho — mais como eu.

gideon: podemos apenas dizer “foda-se” pra parte do “você tá brincando”? tudo bem? não estou dizendo que você e tiny deviam ficar juntos pra sempre e ter bebês imensos e depressivos que têm períodos de magreza maníaca, mas acho, de verdade, que a maneira como vocês dois se separaram é bastante desfavorável, e eu apostaria vinte dólares, se eu tivesse vinte dólares, que ele está sofrendo o mesmo que você. ou talvez tenha encontrado outro namorado. talvez também chamado will grayson. qualquer que seja o caso, você vai ficar sendo esse *pé no saco* ambulante e falante a menos que alguém leve essa sua bunda aonde quer que ele esteja, e neste caso em particular, e em qualquer outro caso em particular em que você precise de mim, eu sou esse alguém. sou o cavaleiro com a armadura reluzente. sou seu maldito corcel.

eu: gideon, eu não fazia a menor ideia...

gideon: cale a porra da boca.

eu: diz de novo!

gideon (rindo): cale a porra da boca!

eu: mas por quê?

gideon: por que você deveria calar a porra da boca?

eu: não — por que você é o meu *maldito corcel*?

gideon: porque você é meu amigo, seu desorientado. porque debaixo de toda essa negação, você é uma pessoa muito, muito legal. e porque desde que o mencionou pela primeira vez, estou morrendo de vontade de ver esse musical.

eu: ok, ok, ok.

gideon: e a segunda parte?

eu: que segunda parte?

gideon: falar com maura.

eu: você tá de brincadeira.

gideon: nem um pouco. você tem 15 minutos enquanto vou buscar o carro.

eu: não quero.

gideon me lança um olhar severo.

gideon: quantos anos você tem? três?

eu: mas por que eu deveria fazer isso?

gideon: aposto que pode responder isso sozinho.

digo que ele está totalmente louco. ele me manda embora e repete que preciso fazer isso, e que ele vai buzinar quando voltar pra me pegar.

o pior é que sei que ele tem razão. esse tempo todo, pensei que o tratamento do silêncio estivesse funcionando. porque, afinal, não sinto falta dela. então percebo que sentir ou não a falta dela não é a questão. a questão é que ainda estou carregando comigo o que aconteceu, tanto quanto ela. e preciso me livrar disso. porque nós dois derramamos as toxinas em nossa amizade tóxica. e, embora eu não tenha exatamente criado uma armadilha com um namorado imaginário, certamente contribuí com erros o bastante pras nossas tentativas. não tem como encontrarmos um estado ideal, *a coisa*. mas acho que estou vendo que temos de pelo menos chegar a *uma coisa* que possamos tolerar.

saio do prédio e, no fim do dia, lá está ela, no mesmo lugar em que fica no início. empoleirada em um muro, com o caderno na mão. olhando os outros alunos passando, sem dúvida desdenhando cada um deles, inclusive eu.

tenho a sensação de que devia ter preparado um discurso. mas, para isso, teria de saber o que vou dizer. e não tenho a menor ideia, sério. o melhor que consigo elaborar é

eu: oi

a que ela responde

maura: oi

ela me lança aquele olhar sem expressão. olho pros meus sapatos.

maura: a que devo esse prazer?

era assim que falávamos um com o outro. sempre. e eu não tenho mais energia pra isso. não é assim que quero falar com meus amigos. não sempre.

eu: maura, pare.

maura: parar? você tá brincando, né? você não fala comigo por um mês, e, quando fala, é pra me dizer pra parar?

eu: não foi pra isso que vim até aqui...

maura: então por que você veio até aqui?

eu: não sei, ok?

maura: o que isso quer dizer? é claro que você sabe.

eu: olhe. só quero que você saiba que, embora ainda ache que o que fez foi uma grande sacanagem, reconheço que fui sacana com você também. não com a sacanagem elaborada que você fez comigo, mas ainda assim uma sacanagem. eu deveria simplesmente ter sido sincero com você e dito que não queria falar com você nem ser seu namorado nem ser seu melhor amigo nem nada desse tipo. eu tentei — juro que tentei. mas você não queria ouvir o que eu estava dizendo, e usei isso como desculpa pra ir levando.

maura: você não se importava quando eu era isaac. quando conversávamos toda noite.

eu: mas aquilo era uma mentira! uma completa mentira!

agora maura me olhou dentro do olho.

maura: ah, por favor, will — você sabe que não existe essa coisa de completa mentira. há sempre uma verdade nela.

não sei como reagir a isso. então digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

eu: não era de você que eu gostava. era de isaac. eu gostava de isaac.

a expressão vazia agora desapareceu. há tristeza em seu lugar.

maura: ... e isaac gostava de você.

tenho vontade de dizer: eu só quero ser eu mesmo. e quero estar com alguém que é apenas ele mesmo. só isso. quero ver através de toda encenação e de todo o fingimento, e ir direto à verdade. e talvez essa seja a maior verdade que maura e eu encontraremos — um reconhecimento da mentira, e dos sentimentos que ficaram para trás.

eu: me desculpe, maura.

maura: me desculpe também.

é por isso que chamamos as pessoas de ex, acho — porque os caminhos que se cruzam no meio acabam se separando no fim. é muito fácil ver esse *x* como uma anulação. mas não é, porque não tem como anular uma coisa assim. o *x* é um diagrama de dois caminhos.

ouço uma buzina e me viro pra ver gideon chegando no carro da mãe.

eu: preciso ir.

maura: então vai.

eu me afasto e entro no carro com gideon e conto a ele tudo que acabou de acontecer. ele diz que está orgulhoso de mim, e eu não sei o que fazer com isso.

eu: por quê?

e ele diz

gideon: por pedir desculpas. eu não tinha certeza se você conseguiria.

digo a ele que também não tinha. mas era o que eu estava sentindo. e eu queria ser sincero.

de repente — é tipo a próxima coisa de que me dou conta — estamos na estrada. não tenho nem certeza se vamos chegar a tempo pra peça de tiny. não tenho nem certeza se devia ir. não tenho nem certeza se quero ver tiny. só quero ver como ficou a peça.

gideon está assobiando, acompanhando a música do rádio, ao meu lado. normalmente esse tipo de coisa me irrita, mas dessa vez não.

eu: queria poder mostrar a verdade pra ele.

gideon: pra tiny?

eu: sim. você não precisa namorar alguém pra achar que ele é maravilhoso, certo?

prossequimos um pouco mais. gideon recomeça a assobiar. imagino tiny correndo de um lado pro outro nos bastidores. então gideon para de assobiar. ele sorri e bate no volante.

gideon: por júpiter, acho que já sei!

eu: você disse mesmo isso?

gideon: admita. você adora.

eu: estranhamente, adoro mesmo.

gideon: acho que tenho uma ideia.

então ele me conta. e não posso acreditar que eu tenha um indivíduo com a mente tão doentia, distorcida e brilhante sentado ao meu lado.

mais do que isso, porém, não posso acreditar que eu esteja prestes a fazer o que ele está sugerindo.

capítulo dezenove

Jane e eu passamos as horas antes da Noite de Estreia criando a playlist pré-show perfeita, composta — como solicitado — de canções pop punk para as ímpares e temas de musicais para as pares. “Annus Miribalis” faz uma aparição; até incluímos a música mais punk do decididamente não punk Neutral Milk Hotel. Quanto às canções de musicais, escolhemos nove diferentes versões de “Over the Rainbow”, incluindo uma em ritmo de reggae.

Assim que terminamos a seleção e o download, Jane vai pra casa se arrumar. Estou ansioso para chegar ao auditório, mas parece injusto com Tiny usar um simples jeans e uma camiseta de Willy, o Wildkit, no evento mais importante da vida dele. Assim, ponho um dos casacos esportivos do meu pai sobre a camiseta do Wildkit, ajeito o cabelo e me sinto pronto.

Espero até minha mãe chegar em casa, pego as chaves com ela antes mesmo que possa abrir totalmente a porta, e sigo pra escola.

Entro no auditório quase vazio — falta ainda mais de uma hora para as cortinas subirem — e sou recebido por Gary, cujo cabelo está pintado mais claro, cortado bem curto e bagunçado como o meu. Além disso, ele está usando minhas roupas, que entreguei a ele ontem: calça cáqui, a camisa xadrez de mangas curtas e botões que eu adoro, e meu tênis de cano alto preto. O efeito todo seria surreal, exceto pelo fato de as roupas estarem ridiculamente amarrotadas.

— Puxa, Tiny não conseguiu um ferro de passar? — pergunto.

— Grayson — diz Gary —, olhe pra sua calça, cara.

Eu olho. Hã. Eu nem sabia que jeans *podia* amarrotar. Ele passa o braço ao redor do meu ombro e diz:

— Sempre pensei que isso fizesse parte do seu look.

— Agora faz — observo. — Como estão as coisas? Você está nervoso?

— Estou um pouco, mas não tanto quanto Tiny. Na verdade, você pode ir lá atrás e, hã, tentar ajudar? Isto — diz ele, apontando a roupa —, era pro ensaio geral. Tenho de colocar meu traje do White Sox.

— Feito — concordo. — Onde ele está?

— Banheiro dos bastidores — responde Gary.

Entrego a ele o CD do pré-show, saio em disparada pelo corredor e passo por trás da pesada cortina vermelha. Sou recebido por um bando de atores e técnicos em vários estágios da caracterização e, pelo menos dessa vez, eles estão quietos, ocupados em maquiar uns aos outros. Todos os caras do elenco usam uniformes do White Sox, complementados por tênis e meias altas puxadas sobre as calças justas. Digo oi para Ethan, o único que conheço de fato, e então estou prestes a procurar o banheiro quando noto o cenário. É o banco de reservas de um campo de beisebol, muito realista, o que me surpreende.

— Este é o cenário da peça inteira? — pergunto a Ethan.

— Meu Deus, não — diz ele. — Tem um diferente pra cada ato.

Ouçó a distância um rugido seguido por uma série apavorante de golfadas, e meu primeiro pensamento é: *Tiny incluiu um elefante na peça, e o dito cujo acabou de vomitar*, mas então percebo que o elefante é Tiny.

Contra todo e qualquer bom-senso, sigo o som até o banheiro, o que prontamente se repete. Posso ver os pés dele aparecendo pela base do boxe.

— Tiny — chamo.

— BLLLLAAARRRRRGGGGH — responde ele, e então puxa o ar com desespero antes de dar outra golfada. O cheiro é sufocante, mas dou um passo à frente e entreabro a porta. Tiny, usando o maior uniforme do Sox do mundo, está abraçado ao vaso sanitário.

— Nervoso ou passando mal?

— BLLLLLAAAAAUUUU.

Não posso deixar de ficar surpreso pelo simples volume do que jorra pela boca aberta de Tiny. Identifico uns pedaços de alface, mas gostaria de não ter identificado, porque aí começo a me perguntar: Tacos? Sanduíche de peru? E me vem a sensação de que talvez vá imitá-lo.

— Ok, companheiro, ponha tudo pra fora e você vai ficar bem.

Nick entra intempestivamente no banheiro, gemendo:

— Que cheiro, que cheiro... — E então diz: — Não estraga a porra do cabelo, Cooper! Mantenha a cabeça fora do vaso. Levamos horas com esse

cabelo!

Tiny cospe e tosse um pouco e então emite um grasnido:

— Minha garganta. Em carne viva.

Ele e eu percebemos ao mesmo tempo: a voz central do show está arruinada.

Eu o pego por uma axila e Nick pela outra, nós o levantamos e o afastamos dali. Dou a descarga, tentando não olhar o indizível horror dentro do vaso.

— O que foi que você *comeu*?

— Um burrito de frango e um de carne do Burrito Palace — responde ele. Sua voz está toda estranha, o que ele percebe e então tenta cantar. — O que é a segunda base pra um... merda, merda, merda, merda, merda, estraguei a minha voz. Merda.

Com Nick ainda debaixo de um braço de Tiny e eu embaixo do outro, voltamos até onde está a equipe, e grito:

— Preciso de um chá quente com muito mel e um pouco de Pepto-Bismol imediatamente, pessoal!

Jane se aproxima correndo, usando uma camiseta branca masculina de gola V com as palavras *Estou com Phil Wrayson* escritas à mão.

— Deixe comigo — diz. — Tiny, precisa de mais alguma coisa?

Ele levanta uma das mãos pra nos silenciar, e então geme:

— O que é isso?

— O que é o quê? — pergunto.

— Esse barulho. Distante. Isso é... isso é... porra, Grayson, você colocou “Over the Rainbow” no CD do pré-show?

— Ah, sim — digo. — Repetidamente.

— TINY COOPER ODEIA “OVER THE RAINBOW”! — Sua voz soa aguda e dissonante quando ele grita. — Merda, minha voz já era. Merda.

— Fique quieto — recomendo. — Vamos dar um jeito nisso, cara. Só não vomite mais.

— Não tenho mais burrito pra vomitar — responde ele.

— FIQUE QUIETO — insisto.

Ele faz que sim com a cabeça. E, por alguns minutos, enquanto todos correm de um lado pro outro abanando o rosto supermaquiado e sussurrando uns para os outros o quanto estarão maravilhosos, fico sozinho com um Tiny Cooper calado.

— Eu não sabia que você podia ficar nervoso. Fica nervoso antes de um jogo de futebol? — Ele balança a cabeça, dizendo que não. — Ok, só faça que sim com a cabeça, se eu estiver certo. Você está com medo de que a peça não esteja boa de fato. — Ele assente. — Preocupado com sua voz. — Assente. — O que mais? Isso é tudo? — Ele sacode a cabeça, dizendo que não. — Hã, está preocupado que ela não vá mudar mentes homofóbicas. — Não. — Está com medo de vomitar no palco. — Não. — Não sei, Tiny, mas o que quer que esteja te preocupando, você é maior que essas preocupações. Você vai *arrasar* lá no palco. Os aplausos vão durar *horas*. Mais que a própria peça.

— *Will* — sussurra ele.

— Cara, poupe sua voz.

— Will — repete.

— Sim?

— Não. *Will*.

— Você está falando do outro Will — digo, e ele se limita a erguer as sobrancelhas e sorrir tolamente.

— Vou dar uma olhada — digo. Faltam vinte minutos para as cortinas subirem, e o auditório está quase cheio. Paro na beirada do palco, olhando para a frente por um segundo, me sentindo um pouco famoso. Então desço correndo os degraus e lentamente ando pelo corredor à direita do palco. Eu também quero Will aqui. Quero que seja possível que pessoas como Will e Tiny sejam amigas, não apenas erros resultados de tentativas.

Embora sinta que conheço Will, mal me lembro de sua aparência. Tento passar por cada rosto em cada fileira. Mil pessoas enviando mensagens em seus celulares, rindo e se remexendo em seus assentos. Mil pessoas lendo o programa no qual, fico sabendo mais tarde, Jane e eu recebemos agradecimentos especiais por “serem incríveis”. Mil pessoas esperando pra ver Gary fingindo que sou eu por algumas horas, sem a menor ideia do que estão prestes a ver. Assim como eu também não sei, claro — só sei que a peça mudou desde que a li há alguns meses.

Tanta gente, e tento olhar para cada uma delas. Vejo o Sr. Fortson, o orientador da AGH, sentado com seu companheiro. Vejo dois de nossos diretores assistentes. E então, quando chego ao meio, meus olhos examinando os rostos à procura de algum que pareça o de um Will Grayson, vejo dois rostos mais velhos me olhando do corredor. Meus pais.

— O que vocês estão fazendo aqui?

Meu pai dá de ombros.

— Você vai ficar surpreso de saber que não foi ideia minha.

Mamãe o cutuca.

— Tiny me escreveu uma mensagem muito simpática no Facebook nos convidando *pessoalmente*, e achei que foi muito doce da parte dele.

— Você é amiga do Tiny no Facebook?

— Sim. Ele solicitou minha amizade — diz minha mãe, falhando epicamente em linguagem Facebook.

— Bem, obrigado por virem. Eu vou estar nos bastidores, mas, hã, vejo vocês depois.

— Diga oi a Jane por nós — fala minha mãe, toda sorridente e com ar de conspiração.

— Farei isso.

Termino de percorrer o corredor e então volto pelo lado esquerdo. Nenhum Will Grayson. Quando volto aos bastidores, vejo Jane segurando um frasco gigante de Pepto-Bismol.

Ela o vira de cabeça pra baixo e diz:

— Ele bebeu tudo.

Tiny salta de trás do cenário e canta:

— E agora eu me sinto PErrrrrFEITO! — Sua voz parece boa.

— Rock 'n' roll — digo a Tiny. Ele vem até mim e me olha, inquiridor. — Tem umas mil e duzentas pessoas na plateia, Tiny — observo.

— Você não o viu — fala ele, concordando de leve com um aceno. — Ok. Sim. Ok. Está ok. Obrigado por me fazer calar a boca.

— E dar descarga em seus dez mil litros de vômito.

— Claro, por isso também. — Ele respira fundo e infla as bochechas, seu rosto se tornando quase perfeitamente circular. — Acho que está na hora.

Tiny reúne o elenco e a equipe técnica à sua volta. Ele se ajoelha no centro de uma compacta massa de gente, todos se tocando, afinal uma das leis da natureza é que gente de teatro ama se tocar. O elenco está no primeiro círculo em torno de Tiny, todos — homens e mulheres — vestidos como jogadores do White Sox. Em seguida o coro, vestido todo de preto no momento. Jane e eu nos inclinamos também. Tiny diz:

— Eu só quero dizer obrigado a todos vocês e que são todos incríveis, e que tudo é uma questão de saber cair. E também que lamento ter vomitado.

E que vomitei de envenenamento por estar cercado por tanta gente incrível.

Isso provoca alguns risos nervosos.

— Sei que vocês estão apavorados, mas acreditem em mim: vocês são fabulosos. E, seja como for, não são vocês que estão na berlinda. Vamos lá tornar alguns sonhos realidade.

Todos meio que gritam e fazem essa coisa em que erguemos uma das mãos na direção do teto e a agitamos no ar. A luz sob as cortinas é apagada. Três jogadores de futebol empurram o cenário até o lugar correto. Saio do caminho, ficando parado no breu ao lado de Jane, cujos dedos se entrelaçam com os meus. Meu coração bate violentamente e só posso imaginar o que é ser Tiny nesse momento, rezando para que um litro de Pepto-Bismol crie um revestimento em suas cordas vocais, que ele não esqueça nenhum verso nem caia, nem desmaie, nem vomite. Já é difícil nos bastidores, e me dou conta da coragem que é preciso pra subir no palco e dizer a verdade. Pior, pra *cantar* a verdade.

Uma voz incorpórea diz:

— Para evitar interrupções ao fabuloso, por favor, desliguem seus celulares.

Levo a mão livre ao bolso e passo o meu para o modo vibratório. Sussurro para Jane: “Acho que *eu* estou com vontade de vomitar”, e ela diz: “Shh”, e eu sussurro: “Ei, as minhas roupas estão sempre superamarrotadas?”, e ela sussurra: “Sim. *Shh*”, e aperta minha mão. A cortina se abre. Aplausos educados.

Todos no elenco se sentam no banco de reservas, exceto Tiny, que anda, nervoso, de um lado para o outro na frente dos jogadores.

— Vamos, Billy. Tenha paciência, Billy. Espere a sua vez de arremessar. — Percebo que Tiny não está representando Tiny, e sim o treinador.

Um calouro gorducho representa Tiny. Ele não consegue parar de agitar as pernas; não sei dizer se está atuando ou nervoso. Ele diz, exageradamente afeminado:

— Ei, rebatedor, rebatedor, BALANCE, rebatedor.

Parece que ele está flertando com o rebatedor.

— Idiota — diz alguém no banco. — *Nosso jogador* está rebatendo.

Gary diz:

— Tiny é feito de borracha. Você, de cola. O que você diz quica nele e volta pra sua cachola.

Posso ver pelos ombros caídos e o olhar submisso que Gary sou eu.
— Tiny é gay — diz alguém.
O treinador gira na direção do banco e grita.
— Ei! Ei! Nada de insultar os companheiros.
— Isso não é insulto — diz Gary.
Mas ele não é mais Gary. Não é Gary falando. Sou eu.
— É só uma coisa, tipo, algumas pessoas são gays, assim como outras têm olhos azuis.
— Cale a boca, Wrayson — diz o treinador.
O garoto representando Tiny olha agradecido pro garoto me representando, e então um dos valentões finge sussurrar:
— Vocês são tão gays um com o outro.
E eu digo:
— Não somos *gays*. Temos *oito* anos.
Isso aconteceu mesmo. Eu tinha esquecido, mas, vendo o momento ressuscitado, lembro.
E o garoto diz:
— Você quer ir pra segunda base... COM TINY.
O eu no palco apenas revira os olhos. Então o garoto gorducho representando Tiny se levanta, dá um passo à frente, parando diante do treinador, e canta:
— O que é a segunda base pra um gay?
E então Tiny dá um passo à frente e se junta a ele, em harmonia, e eles se lançam na melhor canção de musical que já ouvi. O coro canta:

*O que é a segunda base pra um gay?
Seria brincar com peitinhos?
Não posso ver como isso possa ser bom
Tem mesmo que ser esse o caminho?*

Atrás dos dois Tinys cantando de braços dados, os caras do coro — inclusive Ethan — apresentam uma dança coreografada com passos altos, antiquada e hilariantemente elaborada, seus tacos usados como bengalas e os bonés de beisebol como cartolas. No meio da performance, metade dos caras brande os tacos na direção da cabeça dos outros, e, embora de minha visão lateral, dê pra ver que é pura representação, quando os outros garotos

caem dramaticamente pra trás e a música é interrompida, solto uma exclamação com a plateia. Momentos mais tarde, todos eles se põem de pé com um salto em um movimento único, e a música recomeça. Quando chega ao fim, Tiny e o garoto saem dançando do palco sob gritos estrondosos da multidão, e, quando as luzes se apagam, Tiny quase aterrissa em meus braços, banhado em suor.

— Nada mau — diz ele.

Eu simplesmente balanço a cabeça, estupefato. Jane o ajuda a tirar o sapato e diz:

— Tiny, você é uma espécie de *gênio*. — Ele arranca o uniforme de beisebol, revelando uma camisa polo roxa, típica de Tiny, e shorts cáqui.

— Eu sei, né? — responde. — Ok, hora de sair do armário pro povo — diz, e volta correndo pro palco. Jane agarra minha mão e me dá um beijo no pescoço.

É uma cena tranquila, Tiny contando aos pais que é “provavelmente meio gay”. O pai fica sentado em silêncio, enquanto a mãe canta sobre o amor incondicional. A canção só é engraçada porque Tiny fica interrompendo com outras revelações a cada vez que a mãe canta “Nós vamos sempre amar nosso Tiny”, tipo: “Além disso, colei na prova de álgebra” e “Tem uma razão pra sua vodca parecer aguada” e “Eu dou as ervilhas do meu prato pro cachorro”.

Quando a canção termina, as luzes voltam a se apagar, mas Tiny não deixa o palco. Quando as luzes se acendem novamente, não há nenhum cenário, mas, a julgar pelas fantasias elaboradas do elenco, deduzo que estamos em uma Parada do Orgulho Gay. Tiny e Phil Wrayson encontram-se no centro do palco enquanto as pessoas passam por eles, entoando seus cantos e acenando exageradamente. Gary está tão parecido comigo que é esquisito. Ele parece mais com o eu calouro do que Tiny parece o Tiny calouro.

Eles conversam por um minuto, e então Tiny diz:

— Phil, eu sou gay.

Aturdido, respondo:

— Não!

E ele diz:

— É verdade.

Balanço a cabeça.

— Você quer dizer, tipo, que está se sentindo gay, tipo, alegre?

— Não, quero dizer gay do tipo, aquele cara — aponta pra Ethan, que está usando uma camiseta amarela colada ao corpo — é um gato e, se eu conversasse com ele por um tempo e ele fosse legal e me respeitasse como pessoa, eu o deixaria me beijar na boca.

— Você é gay? — pergunto, aparentemente incapaz de compreender.

— Sim. Eu sei. Sei que é um choque. Mas eu queria que você fosse o primeiro a saber. Depois dos meus pais, quero dizer.

E então Phil Wrayson começa a cantar, mais ou menos exatamente o que eu disse quando isso aconteceu de fato:

— Agora você vai me dizer que o céu é azul, que você usa shampoo de mulher, que os críticos não gostam de Blink 182. Ah, em seguida, vai me dizer que o papa é católico, que prostitutas fazem sexo por dinheiro, que Elton John é brega.

E então a canção se transforma em um dueto, com Tiny cantando sua surpresa com o fato de eu saber que ele é gay e eu cantando que era óbvio.

— Mas eu jogo futebol.

— Cara, você não podia ser mais gay.

— Pensei que minha atuação como hétero merecesse um Tony.

— Mas, Tiny, e a sua coleção de mil *My Little Ponies*?

E assim por diante. Não consigo parar de rir, porém, mais que isso, não consigo acreditar que ele lembre de tudo tão bem, o quanto sempre fomos bons — apesar dos maus momentos — um pro outro. E eu canto:

— Você não me quer, não é?

E ele responde:

— Preferiria um canguru, poisé.

E atrás da gente o coro jogando as pernas pro alto como dançarinas de cancan.

Jane põe a mão no meu ombro, me fazendo inclinar, e sussurra:

— Está vendo? Ele te ama também.

E eu me viro pra ela e a beijo no rápido momento sem luz entre o fim da canção e o começo dos aplausos.

Quando a cortina se fecha para uma troca de cenário, não posso ver a ovação de pé, mas posso ouvi-la.

Tiny deixa correndo o palco, gritando:

— UUUUUUUHUL!

— Vocês podiam mesmo ir pra Broadway — digo a ele.

— Ficou muito melhor quando mudei o tema pra amor. — Ele me olha, com seu meio sorriso, e eu sei que é o mais perto que ele vai chegar. Tiny é o gay, mas eu sou o sentimental. Faço que sim com a cabeça e sussurro *obrigado*.

— Desculpe se você se mostra um pouco irritante na próxima parte.

Tiny leva a mão ao cabelo e Nick surge do nada, mergulhando por cima de um amplificador para agarrar o braço de Tiny e gritando: “NÃO TOQUE EM SEU CABELO PERFEITO.” A cortina se ergue e o cenário é um corredor em nossa escola. Tiny está colando cartazes. Eu o estou irritando, aquele tremor em minha voz. Não me incomodo, ou pelo menos não me incomodo muito — o amor está ligado à verdade, afinal. Logo após essa cena, vem uma de Tiny bêbado em uma festa, na qual o personagem Janey faz sua única aparição no palco — um dueto com Phil Wrayson, cantado de lados opostos de um Tiny desmaiado, a canção culminando com a voz de Gary repentinamente ganhando confiança e então Janey e eu debruçando sobre o balbuciante corpo semiconsciente de Tiny e nos beijando. Eu só consigo ver parcialmente a cena, porque fico querendo ver o sorriso de Jane enquanto ela assiste.

As músicas ficam cada vez melhores a partir dali, até que, na última canção antes do intervalo, a plateia inteira canta junto enquanto Oscar Wilde entoia acima de um Tiny adormecido:

A verdade pura e simples.

Raramente é pura e nunca simples de fato.

O que um garoto pode fazer

Quando mentira e verdade são ambas pecado?

Quando essa termina, a cortina se fecha e as luzes da casa se acendem para o intervalo. Tiny corre até nós, coloca uma mão gigante no ombro de cada um e solta um grito de alegria.

— É hilário — digo a ele. — De verdade. É simplesmente... incrível.

— Uhuul! Mas o segundo ato é bem mais triste. É a parte romântica. Ok, ok, ok, vejo vocês depois — avisa ele, e então corre pra felicitar, e provavelmente criticar, seu elenco. Jane me leva pra um canto isolado atrás do cenário, nos bastidores, e pergunta:

— Você fez mesmo tudo aquilo? Você cuidava dele na Liga Júnior?

— Ah, ele cuidava de mim também — respondo.

— A compaixão é excitante — diz ela, e nos beijamos. Minutos depois, vejo as luzes diminuírem e então reacenderem. Jane e eu seguimos pro nosso ponto de observação ao lado do palco. As luzes se apagam novamente, sinalizando o fim do intervalo. E, depois de um instante, uma voz vinda do alto diz: “O amor é o milagre mais comum.”

A princípio penso que Deus está, tipo, falando com a gente, mas rapidamente percebo que é a voz de Tiny soando pelos alto-falantes. O segundo ato está começando.

Tiny se senta na beira do palco, no escuro, falando: “O amor é sempre um milagre, em todo lugar, sempre. Mas, para nós, é um pouco diferente. Não quero dizer que seja mais milagroso”, diz ele, e as pessoas riem um pouco. “No entanto, é.” As luzes se acendem lentamente, e só agora vejo que atrás de Tiny há um balanço de verdade que parece ter sido literalmente arrancado de um playground e transportado pro palco. “Nosso milagre é diferente porque as pessoas afirmam que é impossível. Como está dito em Levítico: ‘Homem não se deitará com homem.’” Ele olha para baixo, e em seguida para a plateia, e posso ver que procura o outro Will Grayson e não o encontra. Então ele se levanta.

“Mas ali não diz que homem não deve se apaixonar por homem, porque isso é simplesmente impossível, certo? Os gays são animais, satisfazendo seus desejos animais. É impossível para os animais se apaixonarem. E no entanto...”

De repente, os joelhos de Tiny fraquejam e ele desaba no chão. Eu me assusto e começo a correr para levantá-lo, mas Jane agarra minha camisa enquanto Tiny ergue a cabeça na direção da plateia e diz: “Eu me apaixono e me apaixono e me apaixono e me apaixono e me apaixono.”

E, nesse mesmo momento, meu telefone vibra em meu bolso. Eu o pego. Na tela, a identificação da chamada diz: *Will Grayson*.

capítulo vinte

o que está diante de mim é a coisa mais louca que já vi. de longe.

sinceramente, não pensei que gideon e eu fôssemos chegar a tempo. pra começar, o trânsito de chicago é cruel, mas nesse caso estava seguindo mais lento que os pensamentos de um drogado. gideon e eu tivemos de fazer um concurso de xingamentos pra nos acalmar.

agora que chegamos, estou pensando que não tem como nosso plano funcionar. é ao mesmo tempo insano e genial, que é exatamente o que tiny merece. e exigia que eu fizesse várias coisas que em geral não faço, incluindo:

- falar com estranhos
- pedir favores a estranhos
- estar disposto a bancar o completo idiota
- deixar que outra pessoa (gideon) me ajudasse

também depende de um número de coisas além do meu controle, entre as quais:

- a gentileza de estranhos
- a habilidade de estranhos em serem espontâneos
- a habilidade de estranhos em dirigirem com rapidez
- o musical de tiny ter mais de um ato

tenho certeza de que vai ser um desastre total. mas creio que a questão é que vou fazer de qualquer jeito.

sei que foi por um triz, porque quando gideon e eu entramos no auditório, um balanço está sendo colocado no palco. e não é qualquer

balanço. eu o reconheço. exatamente *aquele mesmo* balanço. e é aí que a loucura entra em ação, total.

gideon: puta merda.

a essa altura, gideon sabe tudo que aconteceu. não só comigo e com tiny, mas comigo e com maura, e comigo e minha mãe, e basicamente comigo e o mundo inteiro. e nem uma só vez ele me disse que eu era idiota, ou mau, ou horrível, ou que estivesse além de qualquer ajuda. em outras palavras, ele não disse nenhuma das coisas que eu venho dizendo a mim mesmo. em vez disso, no carro, ele disse

gideon: tudo faz sentido.

eu: faz?

gideon: completamente. eu teria feito as mesmas coisas que você fez.

eu: mentiroso.

gideon: não é mentira.

então, totalmente do nada, ele estende o dedo mindinho.

gideon: juro, sem mentiras.

e engancho meu mindinho no dele. seguimos adiante por algum tempo assim, com meu dedinho enroscado no dele.

eu: o próximo passo agora é a gente virar irmãos com um pacto de sangue.

gideon: e vamos dormir um na casa do outro.

eu: no quintal.

gideon: e não vamos convidar as garotas.

eu: que garotas?

gideon: as garotas hipotéticas que não vamos convidar.

eu: vai ter biscoito com marshmallow?

gideon: o que você acha?

eu sei que haveria biscoito com marshmallow.

gideon: você sabe que é maluco, certo?

eu: isso é novidade?

gideon: por fazer o que você está prestes a fazer.

eu: foi ideia sua.

gideon: mas foi você quem fez, não eu. quero dizer, você é quem vai fazer.

eu: vamos ver.

e era estranho, porque enquanto seguíamos pra lá, não era em gideon nem em tiny que eu estava pensando, mas em maura. ali naquele carro com gideon, tão completamente à vontade comigo mesmo, eu não podia deixar de pensar que era isso que ela queria de mim. era isso que ela sempre quis de mim. e nunca seria assim. mas acho que pela primeira vez entendi por que ela se esforçou tanto. e por que tiny tentava tanto também.

agora gideon e eu estamos parados no fundo do teatro. olho à minha volta pra ver quem mais está aqui, mas não consigo ver no escuro.

o balanço continua no fundo do palco enquanto um coro de garotos vestidos de garotos e garotas também vestidas de garotos se enfileira diante dele. dá pra saber que a cena pretende ser um desfile dos ex-namorados de tiny porque, enquanto se enfileiram, cantam:

coro: somos a parada dos ex-namorados!

não tenho dúvida de que o garoto no fim da fila supostamente sou eu. (ele está todo vestido de preto e parece muito mal-humorado.)

todos começam a cantar seus versos de rompimento:

ex-namorado 1: você é grudento demais.

ex-namorado 2: quando canta não para mais.

ex-namorado 3: você é tão maciço.

ex-namorado 4: eu sou muito passivo.

ex-namorado 5: sejamos amigos doravante.

ex-namorado 6: não namoro atacantes.

ex-namorado 7: encontrei outro alguém.

ex-namorado 8: não vou me justificar pra ninguém.

ex-namorado 9: eu não sinto mais a chama.

ex-namorado 10: pra mim, foi só um programa.

ex-namorado 11: quer dizer que não tá a fim?
ex-namorado 12: não consigo tirar a dúvida de mim.
ex-namorado 13: tenho outras coisas a fazer.
ex-namorado 14: tenho outros caras pra satisfazer.
ex-namorado 15: nosso amor só existiu em sua mente.
ex-namorado 16: tenho medo de que minha cama não te aguento.
ex-namorado 17: vou ficar em casa lendo livros em sequência.
ex-namorado 18: acho que está apaixonado é pela minha carência.

é isso — centenas de mensagens de texto e conversas, milhares e mais milhares de palavras ditas e escritas, todas resumidas em um único verso. é nisso que se transformam os relacionamentos? uma versão reduzida da mágoa, nada mais. foi mais que isso. eu sei que foi mais que isso.

e talvez tiny saiba também. porque todos os namorados deixam o palco, exceto o nº 1, e percebo que vamos ver todos eles, e talvez cada um tenha uma nova lição para tiny e a plateia.

como vai demorar um pouco até chegarmos ao ex-namorado nº 18, concluo que esse é um bom momento pra ligar pro outro will grayson. receio que ele tenha desligado o telefone, mas quando vou pro saguão pra ligar (deixando gideon guardando um lugar pra mim), ele atende e diz que vai me encontrar em um minuto.

eu o reconheço de imediato, embora haja alguma coisa diferente nele também.

eu: oi

o.w.g.: oi

eu: um tremendo espetáculo que está rolando aí dentro.

o.w.g.: é mesmo. que bom que você veio.

eu: é. porque, sabe, tive uma ideia. bem, na verdade, foi ideia do meu amigo. mas ouça o que vamos fazer...

explico a ele.

o.w.g.: isso é loucura.

eu: eu sei.

o.w.g.: você acha que estão mesmo aqui?

eu: disseram que viriam. mas, mesmo que não tenham vindo, pelo menos tem eu e você.

o outro will grayson parece apavorado.

o.w.g.: você vai ter de ser o primeiro. eu te acompanho, mas não creio que consiga ser o primeiro.

eu: combinado.

o.w.g.: isso é totalmente doido.

eu: mas tiny vale a pena.

o.w.g.: é, tiny vale a pena.

sei que devíamos voltar pra peça, mas tem uma coisa que quero perguntar agora que ele está na minha frente.

eu: posso te fazer uma pergunta pessoal, de will grayson pra will grayson?

o.w.g.: hã... claro.

eu: você acha que as coisas estão diferentes? isto é, desde que nos conhecemos?

o.w.g. pensa por um instante, em seguida faz que sim com a cabeça.

o.w.g.: sim. acho que não sou mais o will grayson que eu era.

eu: nem eu.

abro a porta do auditório e espio lá dentro novamente. já estão no ex-namorado nº 5.

o.w.g.: é melhor eu voltar pros bastidores. jane deve estar se perguntando aonde eu fui.

eu: jane, é?

o.w.g.: é, jane.

é tão fofo: umas duzentas emoções diferentes cruzam o rosto dele quando diz o nome dela — de ansiedade extrema a felicidade absoluta.

eu: bem, vamos pros nossos lugares.

o.w.g.: boa sorte, will grayson.
eu: boa sorte pra todos nós.

volto lá pra dentro com cuidado e encontro gideon, que me põe a par do que está acontecendo.

gideon (sussurrando): o ex-namorado nº 6 só falou de suportes atléticos. chegando a ponto do fetiche, eu diria.

quase todos os ex-namorados são assim — nunca tridimensionais de fato, mas logo fica evidente que isso é proposital, que tiny está mostrando que jamais conseguiu conhecê-los em toda sua dimensão, que estava tão absorto pela própria paixão que não parou pra pensar pelo que estava apaixonado. é de uma verdade de dar agonia, pelo menos para os ex como eu. (vejo alguns outros garotos se remexendo na cadeira, então provavelmente não sou o único ex na plateia.) passamos pelos primeiros 17 ex, e então o palco escurece e o balanço é deslocado para o centro. de repente, tiny está sob o foco das luzes, no balanço, e é como se minha vida tivesse sido rebobinada e estivesse sendo passada novamente pra mim, só que musicada. a cena é exatamente como recordo... até que não é mais, e tiny está inventando esse novo diálogo entre nós.

eu-no-palco: eu sinto muito mesmo.

tiny: não sinta. eu fiquei de quatro por você. e sei o que acontece no fim quando a gente cai — vamos parar no chão.

eu-no-palco: eu só fico muito chateado comigo. sou a pior coisa no mundo pra você. sou sua granada de mão sem pino.

tiny: eu gosto da minha granada de mão sem pino.

é engraçado — me pergunto se eu tivesse dito isso, e se ele tivesse dito aquilo, se então as coisas teriam sido diferentes. porque eu saberia que ele compreendia, pelo menos um pouco. mas acho que ele precisava escrever essa história como um musical pra poder ver. ou dizer.

eu-no-palco: bem, eu não gosto de ser sua granada de mão sem pino. nem a de ninguém.

mas o estranho é que, pela primeira vez, sinto que o pino está no lugar.

tiny está olhando pra plateia nesse momento. não tem como ele saber que estou aqui. mas talvez esteja me procurando mesmo assim.

tiny: eu só quero que você fique feliz. comigo, com outra pessoa ou com ninguém. só quero que você fique feliz. quero que fique de bem com a vida. com a vida como ela é. e eu também. é tão difícil aceitar que a vida é ser arrebatado. é ser arrebatado e aterrissar. ser arrebatado e aterrissar. concordo que não é o ideal. concordo.

ele está falando comigo. está falando consigo mesmo. talvez não haja diferença.

eu entendo. eu compreendo.

e então ele me perde.

tiny: mas existe uma palavra, essa palavra que phil wrayson me ensinou uma vez: *weltschmerz*. é a depressão que você sente quando o mundo como é não se alinha com o mundo como você acha que devia ser. eu vivo em um grande e maldito oceano de *weltschmerz*, sabe? e o mesmo acontece com você. e com todo mundo. porque todo mundo acredita que deveria ser possível só continuar sendo arrebatado e arrebatado pra sempre, sentir o fluxo de ar no rosto enquanto se é carregado, esse ar puxando seu rosto e formando um sorriso radiante. e isso *deveria* ser possível. a gente *deveria* poder ser arrebatado pra sempre.

e eu penso: não.

sério. não.

porque eu passei a vida sendo carregado. não o tipo de arrebatamento de que tiny está falando. ele está falando sobre amor. eu estou falando de vida. no meu tipo de voo, não tem aterrissagem. só tem o choque contra o chão. duro. morto, ou querendo estar morto. assim o tempo todo em que você está sendo carregado, a sensação que experimenta é a pior do mundo. porque você sente que não tem nenhum controle. você sabe como termina.

eu não quero ser carregado. tudo que eu quero é me manter em chão sólido.

e o mais estranho é que tenho a sensação de que estou fazendo isso agora. porque estou tentando fazer alguma coisa de bom. da mesma maneira que tiny está tentando fazer alguma coisa de bom.

tiny: você ainda é uma granada sem pino quando sente que o mundo não é perfeito.

não, sou uma granada sem pino quando o mundo é cruel. mas todas as vezes em que alguém prova que estou errado, o pino entra um pouquinho mais.

tiny: e eu ainda... toda vez que isso acontece comigo, toda vez que caio no chão, ainda me dói como se nunca tivesse acontecido antes.

ele agora está balançando mais alto, tomando impulso forte com as pernas, o balanço gemendo. dá a impressão de que a engenhoca toda virá abaixo, mas ele continua a impulsionar as pernas e fazer força com os braços contra a corrente e falar.

tiny: porque não podemos parar o *weltschmerz*. não podemos parar de imaginar o mundo como deveria ser. o que é incrível! é a minha coisa favorita sobre nós!

quando ele chega ao topo do movimento agora, está acima do alcance das luzes, gritando da escuridão para a plateia. em seguida ele volta ao campo de visão, suas costas e sua bunda vindo velozes em nossa direção.

tiny: e se você quer ter isso, vai ter a queda. na expressão não se diz *subindo* de amores. é por isso que amo a gente!

no alto do arco, acima das luzes, ele se solta do balanço. ele é tão incrivelmente ágil e rápido ao fazê-lo que mal posso ver, mas ele se ergue pelos braços e leva as pernas ao alto e então larga o balanço e agarra uma viga. o balanço cai antes dele, e todos — a plateia, o coro — arquejam.

tiny: porque sabemos o que vai acontecer quando cairmos!

a resposta a isso é, naturalmente, que vamos cair de bunda. que é exatamente o que tiny faz. ele solta as vigas, despenca bem diante do balanço e desmorona no chão. eu me encolho, e gideon segura a minha mão.

não sei dizer se o garoto que me representa está atuando ou não quando pergunta a tiny se ele está bem. qualquer que seja o caso, tiny gesticula, dispensando minha imitação, então sinaliza para o regente e, um instante depois, começa uma canção suave, as notas de piano bem espaçadas. tiny recobra o fôlego durante a introdução e recomeça a cantar.

tiny:

é só uma questão de cair

você aterrissa e se levanta pra poder cair de novo

é só uma questão de cair

não vou ter medo de bater naquele muro outra vez

o caos se instala lá no palco. o coro agarra-se desesperadamente ao refrão. eles continuam cantando sobre como é a queda, e então tiny dá um passo à frente e diz sua fala acima das vozes.

tiny: talvez esta noite vocês tenham medo de cair, e talvez haja alguém aqui ou em algum outro lugar em quem vocês estejam pensando, com quem estejam preocupados, se afligindo, tentando decidir se querem cair, ou como e quando vão alcançar o solo. e preciso dizer a vocês, amigos, que parem de pensar na aterrissagem, porque o importante é a queda.

é incrível. é como se ele estivesse se erguendo acima do palco, tão forte é sua convicção nessas palavras. e eu me dou conta do que tenho de fazer. tenho de ajudá-lo a perceber que é a convicção, não as palavras, que significam tudo. tenho de fazê-lo perceber que a questão não é cair. é flutuar.

tiny pede que aumentem as luzes. ele olha à volta, mas não me vê.

engulo em seco.

gideon: pronto?

a resposta a essa pergunta sempre vai ser não. mas tenho de fazer assim mesmo.

tiny: talvez haja alguma coisa que vocês tenham medo de dizer, ou alguém que vocês temam amar, ou algum lugar aonde têm medo de ir. vai doer. vai doer porque é importante.

não, eu penso. NÃO.

não precisa doer.

eu me ponho de pé. e então quase volto a me sentar. tenho de usar toda minha força pra ficar de pé.

olho pra gideon.

tiny: mas acabei de cair e ir ao chão, e ainda estou aqui de pé para lhes dizer que é preciso aprender a amar a queda, porque o que importa é a queda.

estendo meu dedo mindinho. gideon o segura com o seu.

tiny: se deixe arrebatado pelo menos uma vez. deixe-se arrebatado!

o elenco inteiro está no palco nesse momento. vejo que o outro will grayson se infiltrou também, e está usando um jeans amassado e uma camisa xadrez. ao lado dele, uma garota que deve ser jane, vestida com uma camiseta que diz *Estou com Phil Wrayson*.

tiny faz um gesto, e de repente todos no palco estão cantando.

coro: me abraça mais forte, me abraça mais forte

e eu ainda estou de pé. estou fazendo contato visual com o outro will grayson, que parece nervoso mas assim mesmo sorri. e estou vendo algumas pessoas fazendo que sim com a cabeça em minha direção. deus, espero que eles sejam quem espero que sejam.

de repente, com um grandioso gesto, tiny para a música. ele avança até a frente do palco e o restante do cenário fica escuro. é só ele sob um refletor, olhando para a plateia. ele fica ali parado por um instante, absorvendo tudo. e então encerra o espetáculo dizendo:

tiny: meu nome é tiny cooper. e esta é a minha história.

faz-se silêncio então. as pessoas esperam que a cortina desça pra que o espetáculo encerre definitivamente, para que os aplausos comecem. tenho menos de um segundo. aperto com força o mindinho de gideon, então o solto. levanto a mão.

tiny me vê.

outras pessoas na plateia me veem.

eu grito

eu: TINY COOPER!

e é isso.

espero de verdade que funcione.

eu: meu nome é will grayson. e eu te aprecio, tiny cooper!

agora estão todos olhando pra mim, e muitos parecem confusos. não têm a menor ideia se isso ainda faz parte do espetáculo.

o que eu posso dizer? estou dando a ele um novo fim.

agora um homem de uns vinte e poucos anos vestindo um colete hipster se levanta. ele me olha por um segundo, sorri, então se volta para tiny e diz

homem: meu nome também é will grayson. eu moro em wilmette. e também te aprecio, tiny cooper.

é a deixa pro homem de 79 anos na última fileira.

senhor: meu nome é william t. grayson, mas pode me chamar de will. e com toda certeza eu te aprecio, tiny cooper.

obrigado, google. obrigado, listas telefônicas on-line. obrigado, detentores do nome.

mulher de quarenta e poucos: oi! eu sou wilma grayson, de hyde park. e eu te aprecio, tiny cooper.

garoto de dez anos: oi. eu sou will grayson. o quarto. meu pai não pôde vir, mas nós dois te apreciamos, tiny cooper.

devia haver um outro. um aluno do segundo ano na northwestern.
faz-se uma pausa dramática. todos estão olhando ao redor.

e então ELE se levanta. se a frenchy's pudesse engarrafá-lo e vendê-lo como produto pornô, provavelmente seriam donos de metade de chicago em um ano. ele é o que aconteceria depois de nove meses se abercrombie trepasse com fitch. parece um astro do cinema, um nadador olímpico e o próximo top model masculino da américa, tudo de uma só vez. está usando uma camisa prateada e calça cor-de-rosa. tudo nele brilha.

não é absolutamente o meu tipo, mas...

Deus Gay: meu nome é will grayson. e eu te *amo*, tiny cooper.

finalmente, tiny, que esteve atipicamente mudo o tempo todo, diz algumas palavras.

tiny: 847-555-3982

Deus Gay: 847-555-7363

tiny: ALGUÉM, POR FAVOR, PODE ANOTAR ISSO PRA MIM?

metade da plateia faz que sim com a cabeça.

e então faz-se silêncio outra vez. na verdade, é um pouco constrangedor. não sei se me sento ou não.

então ouve-se um ruído vindo da parte escura do palco. o outro will grayson dá um passo, destacando-se do coro. ele vai até onde tiny está e o olha nos olhos.

o.w.g.: você sabe o meu nome. e eu te amo, tiny cooper. embora não da mesma maneira que o cara de calça rosa possa te amar.

e então a garota que deve ser jane se pronuncia.

garota: meu nome não é will grayson, e eu te aprecio de montão, tiny cooper.

é a coisa mais estranha que já vi. um a um, todos no palco dizem a tiny cooper que o apreciam. (até o cara chamado phil wrayson — quem diria?); e

a plateia entra em cena. fileira a fileira. alguns o dizem. outros cantam. tiny está chorando. eu estou chorando. todo mundo está chorando.

perco a noção do tempo. então, quando acaba, os aplausos começam. os aplausos mais altos que já ouvi.

tiny dá um passo à frente no palco. as pessoas jogam flores.
ele nos uniu a todos. todos sentimos isso.

gideon: você se saiu muito bem.

torno a ligar nossos mindinhos.

eu: é, nós nos saímos bem.

faço um sinal de cabeça pro outro will grayson, lá em cima no palco. ele devolve o gesto. há uma conexão entre nós, entre mim e ele.

a verdade, porém?

todo mundo tem uma.

essa é nossa maldição e nossa bênção. essa é nossa tentativa e nosso erro e nossa *coisa certa*.

os aplausos continuam. olho para tiny cooper.

ele pode ser pesado, mas neste momento está flutuando.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Will Grayson Will Grayson

Página do livro na Wikipédia

http://en.wikipedia.org/wiki/Will_Grayson,_Will_Grayson

Perfil do livro no Goodreads

<http://www.goodreads.com/book/show/6567017-will-grayson-will-grayson>

Página do livro no Skoob

<http://www.skoob.com.br/livro/115612-will-grayson-will-grayson>

Resenha do livro

<http://poressaspaginas.wordpress.com/2011/04/25/resenha-will-grayson-will-grayson/>

Site do autor John Green

<http://johngreenbooks.com/>

Site do autor David Levithan

<http://www.davidlevithan.com/>

DAVID LEVITHAN

autor de
TODO DIA & WILL & WILL

GAROTO encontra GAROTO



Galera

Outras obras do autor publicadas pela Galera Record

Nick e Norah: uma noite de amor e música, com Rachel Cohn

Todo dia

Will & Will: um nome, um destino, com John Green

Invisível, com Andrea Cremer

Garoto encontra garoto

DAVID
LEVITHAN
GAROTO
encontre
GAROTO

Tradução de
Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —

Rio de Janeiro
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L647g

Levithan, David, 1972-

Garoto encontra garoto [recurso eletrônico] / David Levithan; ; tradução Regiane Winarski.

- 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2014.

recurso digital

Tradução de: Boy meets boy

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

agradecimento,

ISBN 978-85-01-06296-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

14-14936

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

Boy meets boy

Copyright © 2003, 2013 by David Levithan

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06296-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos

e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Tony
(mesmo ele só existindo em uma música)

Sumário

Agradecimentos
E agora, lá vamos nós
Paul é gay
O dilema da rainha do baile
Orgulho e alegria
Tráfego de corredor (resulta em complicações)
Encontrando línguas perdidas
Conversas pendentes
Pintando música
Abanando o rabo para Chuck
Uma caminhada no parque
Rebobine antes de devolver
Coisas não ditas
Pinball
Indo para a montanha
Todo mundo surta
Outro lugar
Garoto perde garoto
Lidando com os viciados em clubes
Mais que, igual a, menos que

Para te dar meu amor
Uma conversa no meio da madrugada com Ted
Encontro no portão
Tony
Possivelmente talvez
Instinto e prova
Centelhas
Um pequeno passo
O que sempre vou lembrar
A quarterback e o líder de torcida

Agradecimentos

Este livro nasceu como uma história que escrevi para meus amigos no Dia dos Namorados. Antes de tudo, ela ainda pertence a eles. Vocês todos devem saber quem são e tudo que representam para mim.

Quero agradecer às seguintes pessoas, que me inspiraram e encorajaram (sabendo ou não) enquanto eu escrevia esta história: Mike Rothman, Nancy Mercado, Eliza Sporn, Shira Epstein, Christopher Olenzak, Bethany Buck, Janet Vultee, Ann Martin, John Heginbotham, Edric Mesmer e Rodney Bender. Também devo muito a todos os escritores, editores e editores de produção com quem trabalhei, da BSC à PUSH. A fonte da dedicatória deste livro é a música “Tony”, de Patty Griffin; sempre que precisei de motivação, eu só precisava apertar o botão *play* e ali estava ela.

Devo a Shana Corey, Brian Selznick e David Serlin pelo momento essencial que levou esta história a se tornar um livro. Também estou muito feliz por Chris Krovatin ter entrado na minha vida quando eu o estava terminando.

Muitos agradecimentos a Melissa Nelson pelo design incrível.

Todos os guarda-chuvas de Londres não poderiam me impedir de fazer chover elogios à minha editora, Nancy Hinkel.

Billy Merrell me dá alegria.

Meu mais profundo agradecimento vai para minha família e para meus amigos que são uma família. Cary Retlin, David Leventhal e Jennifer Bodner são o mundo para mim. E tenho orgulho de ser a interseção entre meu irmão Adam, minha sobrinha Paige e todos os Levithan, Golber, Streiter e Allen que conheço e amo. Meus pais são simplesmente os melhores.

Obrigado a todos.

E agora, lá vamos nós

São nove da noite de um sábado de novembro. Joni, Tony e eu estamos na cidade. Tony é da cidade vizinha e precisa sair. Os pais dele são extremamente religiosos. Nem importa qual é a religião; são todas iguais em determinado ponto, e poucas querem um garoto gay passeando com os amigos em um sábado à noite. Assim, todas as semanas, Tony nos conta histórias da Bíblia, depois aparecemos na porta da casa dele no sábado, bem versados em parábolas e sinceridade, e deslumbramos os pais dele com nossa pureza cegante. Eles dão uma nota de vinte para ele e dizem para aproveitar nosso grupo de estudos. Saímos para gastar o dinheiro em comédias românticas, brinquedos baratos e *jukeboxes* de lanchonete. Nossa felicidade é o mais próximo que vamos chegar de um Deus generoso, então concluimos que os pais de Tony entenderiam se não estivessem determinados a ver tantas coisas errado.

Tony tem que estar em casa à meia-noite, então estamos em uma missão Cinderela. Com isso em mente, ficamos de olho no baile.

Não há exatamente uma noite gay ou uma noite hétero em nossa cidade. Tudo se misturou um tempo atrás, o que eu acho melhor. Quando eu estava no segundo ano, os garotos gays mais velhos que não fugiam até a cidade grande para se divertir tinham que criar a própria distração. Agora, está

tudo ótimo. A maior parte dos caras hétero tenta entrar discretamente no bar Queer Beer. Garotos que amam garotos flertam com garotas que amam garotas. E, independentemente de você curtir dança de salão ou punk sertanejo, as pistas de dança estão abertas para o que quer que você tenha a oferecer.

Essa é minha cidade. Morei aqui a vida toda.

Esta noite, nosso amigo gaystafari Zeke vai fazer um show em uma livraria de rede. Joni tem carteira de habilitação do estado onde a avó mora, então nos leva por aí no sedã da família. Abrimos as janelas e aumentamos o rádio; gostamos da ideia de nossa música se espalhando por todo o bairro, se tornando parte do ar. Tony está com uma cara de desesperado esta noite, então deixamos que controle o rádio. Ele coloca em uma estação de música folk deprê, e nós perguntamos o que está acontecendo.

— Não sei o que é — conta ele, e sabemos o que ele quer dizer. O vazio sem nome.

Tentamos alegrá-lo comprando para ele um Slurp-Slurp azul na loja de conveniência 24 horas da cidade. Cada um de nós toma um gole, para ver quem fica com a língua mais azul. Quando Tony começa a mostrar a língua junto de todo mundo, sabemos que ele vai ficar bem.

Zeke já está tocando quando chegamos à livraria na estrada. Ele montou o palco na seção de história europeia e, de tempos em tempos, cita nomes como Adriano e Copérnico no meio do rap mágico. O lugar está lotado. Uma garotinha na seção infantil coloca o Coelho Veludinho nos ombros para ele ver melhor. As mães dela estão bem atrás, de mãos dadas e balançando a cabeça com a melodia de Zeke. O grupo gaystafari se posicionou na seção de jardinagem, enquanto os três integrantes hétero do time masculino de lacrosse estão de olho em uma funcionária da livraria na

seção de literatura. Ela não parece se importar. Seus óculos são da cor de alcaçuz.

Ando entre as pessoas com facilidade, cumprimentando algumas com a cabeça e dizendo ois sorridentes para outras. Adoro a situação, essa realidade flutuante. Sou um piloto solitário observando a terra de Namorados e Namoradas. Sou três notas no meio de uma música.

Joni segura a mim e Tony e nos puxa para a parte de autoajuda. Já tem umas pessoas com aspecto de monges ali, algumas tentando ignorar a música e aprender as Treze Maneiras de Ser uma Pessoa Eficiente. Sei que Joni nos trouxe aqui porque às vezes você precisa dançar como doido na seção de autoajuda de sua livraria local. Portanto, nós dançamos. Tony hesita, ele não é nenhum grande dançarino. Mas, como já falei um milhão de vezes para ele, quando se trata de dançar de verdade, não importa como você fica aos olhos dos outros, e sim a alegria que sente.

A música de Zeke é contagiante. As pessoas cantarolam e dançam umas com as outras. Dá para ver livros nas prateleiras em forma de caleidoscópio; fileiras rodopiantes de cores, palavras borradas passando.

Eu balanço. Eu canto. Eu me exalto. Meus amigos estão do meu lado, e Zeke está colocando os Huguenotes em sua melodia. Eu giro e derrubo alguns livros das prateleiras. Quando a música acaba, eu me inclino e os recolho.

Pego os livros no chão e fico cara a cara com um par de tênis bem legal.

— Isso é seu? — pergunta uma voz acima dos tênis.

Eu levanto o olhar. E ali está ele.

O cabelo aponta em dez direções diferentes. Os olhos são um pouco juntos demais, mas cara, são tão verdes. Tem uma marquinha de nascença no pescoço, no formato de uma vírgula.

Eu o acho maravilhoso.

Ele está me entregando um livro. *Enxaqueca é coisa da sua cabeça.*

Fico ciente da minha respiração. Fico ciente dos meus batimentos cardíacos. Fico ciente de que minha camisa está parcialmente para fora da calça. Pego o livro da mão dele e agradeço. Coloco de volta na prateleira. Não tem como a autoajuda me ajudar agora.

— Você conhece Zeke? — pergunto, indicando o palco.

— Não — responde o garoto. — Só vim procurar um livro.

— Sou Paul.

— Sou Noah.

Ele aperta minha mão. Estou tocando na mão dele.

Consigo sentir Joni e Tony mantendo distância, curiosos.

— *Você conhece Zeke?* — pergunta Noah. — As músicas dele são magníficas.

Repito a palavra em pensamento: *magníficas*. É como um presente para meus ouvidos.

— Conheço, nós estudamos juntos — digo casualmente.

— Na escola de ensino médio?

— Essa mesma.

Estou olhando para baixo. Ele tem mãos perfeitas.

— Eu também estudo lá.

— Estuda?

Não consigo acreditar que nunca o vi. Se eu o tivesse visto antes, teria registrado muito bem.

— Faz duas semanas. Você é formando?

Olho para os meus tênis Keds.

— Sou do primeiro ano.

— Legal.

Agora fico com medo de ele estar tentando me agradar. Não tem nada de legal em ser do primeiro ano. Até um garoto novo saberia disso.

— Noah? — interrompe outra voz, insistente e cheia de expectativa.

Uma garota aparece atrás dele. Está vestida com uma mistura letal de cores pastel. É nova, mas parece que poderia ser anfitriã da Rede de Travesseiros e Sofás.

— Minha irmã — explica ele, para meu alívio.

Ela sai andando. Está claro que é para ele segui-la.

Ele fica ali por um segundo. Nosso epílogo de arrependimento momentâneo. Em seguida, ele diz:

— Te vejo por aí.

Tenho vontade de dizer *espero que sim*, mas fico com medo de ser avançado *demais*. Sou capaz de flertar com os melhores, mas só quando não importa.

Isso de repente importa.

— A gente se vê — ecoo.

Ele vai embora quando Zeke começa outra música. Ao chegar à porta, se vira para olhar para mim e sorri. Sinto-me corar e florescer.

Agora, não consigo dançar. É difícil ter ritmo quando se tem coisas na cabeça. Às vezes, dá para usar a dança para lutar contra elas.

Mas não quero lutar contra isso.

Quero guardar comigo.

— E aí, você acha que ele é convidado do lado da noiva ou do noivo? — pergunta Joni depois do show.

— Acho que hoje as pessoas podem sentar onde quiserem — respondo.

Zeke está arrumando o equipamento. Ficamos encostados na frente da Kombi dele, apertando os olhos para transformarmos as luzes dos postes em estrelas.

— Acho que ele gostou de você — diz Joni.

— Joni — protesto —, você achava que *Wes Travers* gostava de mim, mas ele só queria copiar meu dever de casa.

— Isso é diferente. Ele ficou na seção de arte e arquitetura durante todo o tempo em que Zeke estava tocando. Mas você chamou a atenção dele, e ele se aproximou. Ele não estava atrás de autoajuda.

Olho para o relógio.

— Está quase na hora de virar abóbora. Onde está Tony?

Nós o encontramos ali perto, deitado no meio da rua, em uma ilha divisória adotada pelo clube Kiwanis da cidade.

Os olhos dele estão fechados. Ele está ouvindo a música do trânsito que passa.

Ando até a divisória e conto para ele que o grupo de estudos está quase no final.

— Eu sei — diz ele para o céu. E então, quando está se levantando, acrescenta: — Eu gosto daqui.

Tenho vontade de perguntar a ele *Onde é aqui?* É na ilha divisória, nesta cidade, neste mundo? Mais que qualquer coisa nessa vida estranha, quero que Tony seja feliz. Descobrimos muito tempo atrás que não era para nos apaixonarmos um pelo outro. Mas uma parte de mim ainda se esperançou com ele. Quero um mundo justo. E, em um mundo justo, Tony brilharia.

Eu poderia dizer isso para ele, mas ele não aceitaria. Deixaria na ilha em vez de dobrar e guardar com ele, só para saber que estava lá.

Todos nós precisamos de um lugar. Eu tenho o meu, essa coleção maluca de amigos, músicas, atividades pós-escolares e sonhos. Quero que ele também tenha um lugar. Quando ele diz “Eu gosto daqui”, não quero que seja com tom triste. Quero poder dizer: *Então fique.*

Mas fico em silêncio porque a noite está silenciosa e Tony já está voltando para o estacionamento.

— O que é um Kiwanis? — grita ele por cima do ombro.

Digo para ele que parece um pássaro. Um pássaro de um lugar muito, muito distante.

— Oi, garoto gay. Oi, Tony. Oi, garota folk.

Nem preciso erguer os olhos da calçada.

— Oi, Ted — digo.

Ele andou até nós justo quando estamos prestes a ir embora. Consigo ouvir os pais de Tony a quilômetros, concluindo as orações noturnas. Eles estarão nos esperando em breve. O carro de Ted está bloqueando nossa passagem. Não por implicância. Por pura falta de atenção. Ele é o mestre da falta de atenção.

— Você está trancando nosso caminho — observa Joni do banco do motorista. A irritação dela não tem muito entusiasmo.

— Você está bonita hoje — responde ele.

Ted e Joni terminaram 12 vezes nos últimos anos. O que quer dizer que voltaram 11 vezes. Sempre sinto que estamos nos balançando no precipício da Volta Número 12.

Ted é inteligente e bonito, mas não usa isso de uma boa forma. É como uma pessoa rica que nunca dá dinheiro para caridade. O mundo dele raramente se expande além do espelho mais próximo. Mesmo no primeiro ano, ele gosta de pensar em si mesmo como o rei de nossa escola. Ele não parou para reparar que é uma democracia.

O problema com Ted é que ele não é perda total. Às vezes, das profundezas de seu egocentrismo, ele faz um comentário claríssimo e tão inteligente que você deseja ter sido um comentário feito por você. Um detalhe, mas que tem um efeito enorme. Principalmente com Joni.

— É sério — diz ela, com voz mais relaxada —, precisamos ir.

— Vocês ficaram sem capítulos e versículos pro grupo de estudos? “Senhor, enquanto caminho pelo vale da sombra da dúvida, me deixe ao menos usar um Walkman...”

— O Senhor é meu DJ — diz Tony solenemente. — E nada me faltará.

— Um dia, Tony, juro que vamos libertar você. — Ted bate no capô do carro para dar ênfase, e Tony faz uma reverência. Ted move o carro, e logo partimos.

O relógio de Joni diz que são 12h48, mas está tudo bem, pois estamos com uma hora a menos desde que o Horário de Verão acabou. Dirigimos na escuridão azul-negra, com o rádio suave agora e a hora passando lentamente de noite para sono.

Noah é uma lembrança enevoada na minha mente. Estou perdendo a forma como ele afetou meus nervos; a tontura agora se dissipando no ar lânguido, tornando-se um borrão misterioso de sentimentos bons.

— Como eu nunca o vi antes? — pergunto.

— Talvez você só estivesse esperando a hora certa para reparar — diz Tony.

Pode ser que ele esteja certo.

Paul é gay

Eu sempre soube que era gay, mas isso só se confirmou quando estava no jardim de infância.

Foi minha professora que falou. Estava lá, bem claro no meu boletim: PAUL É GAY SEM A MENOR SOMBRA DE DÚVIDA E TEM UMA BOA NOÇÃO DE SI MESMO.

Vi na mesa dela um dia, antes da hora da soneca. E preciso admitir: eu poderia não ter percebido que era diferente se a Sra. Benchly não tivesse comentado. Afinal, eu tinha 5 anos. Simplesmente *supus* que garotos se sentiam atraídos por outros garotos. Por que outro motivo passariam todo o tempo juntos, jogando em times e rindo das garotas? Eu achava que era porque todos nós gostávamos uns dos outros. Ainda não sabia direito onde as garotas se encaixavam na história, mas achava que sabia que a coisa entre meninos era normal.

Imagine minha surpresa ao descobrir que eu não estava completamente certo. Imagine minha surpresa quando olhei todos os outros boletins e descobri que nenhum dos outros garotos foi rotulado de GAY SEM A MENOR SOMBRA DE DÚVIDA. (verdade seja dita, nenhum dos outros tinha UMA BOA NOÇÃO DE SI MESMO também). A Sra. Benchly me

pegou na mesa dela e pareceu alarmada. Como eu estava mais do que um pouco confuso, pedi um esclarecimento.

— Eu sou gay sem sombra de dúvida? — perguntei.

A Sra. Benchly olhou para mim e assentiu.

— O que é gay? — indaguei.

— É quando um garoto gosta de outros garotos — explicou ela.

Apontei para o canto da pintura, onde Greg Easton lutava no chão com Ted Halpern.

— Greg é gay? — Quis saber.

— Não — respondeu a Sra. Benchly. — Pelo menos, ainda não.

Interessante. Eu achei tudo muito interessante.

A Sra. Benchly me explicou um pouco mais a questão toda dos garotos gostarem de garotas. Não posso dizer que entendi. A Sra. Benchly me perguntou se eu havia reparado que os casamentos são em sua maior parte compostos de homens com mulheres. Eu nunca tinha pensado em casamento com uma coisa que envolve gostar. Tinha simplesmente concluído que esse acordo homem-mulher era outra peculiaridade adulta, como usar fio dental. Agora, a Sra. Benchly estava me contando uma coisa bem maior. Uma espécie de conspiração global idiota.

— Mas não é isso que eu sinto — protestei. Minha atenção foi um pouco distraída porque Ted agora estava puxando a camisa de Greg Easton, e isso era bem legal. — O certo é o que sinto... certo?

— Pra você, sim — disse a Sra. Benchly. — O que sente é completamente normal pra você. Lembre-se sempre disso.

E eu lembro. Mais ou menos.

Naquela noite, segurei a grande notícia até meu bloco favorito da Nickelodeon acabar. Meu pai estava lavando a louça na cozinha. Minha mãe estava na sala comigo, lendo no sofá. Andei silenciosamente até ela.

— ADIVINHA! — pedi.

Ela deu um pulo, mas tentou fingir não ter sido surpreendida. Como ela não fechou o livro, só marcou a página com o dedo, eu soube que não tinha muito tempo.

— O quê? — perguntou ela.

— Eu sou gay!

Os pais nunca reagem da forma como você quer. Pensei que no mínimo minha mãe tiraria o dedo do livro. Mas não. O que ela fez foi se virar na direção da cozinha e gritar para o meu pai.

— Querido... Paul aprendeu uma palavra nova.

Meus pais demoraram alguns anos. Mas acabaram se acostumando.

Fora meus pais, Joni foi a primeira pessoa para quem contei.

Isso foi no segundo ano.

Estávamos debaixo da minha cama na hora. Estávamos lá porque Joni tinha ido brincar e debaixo da minha cama era o lugar mais legal da casa toda. Levamos lanternas e estávamos contando histórias de terror enquanto um cortador de grama zumbia lá fora. Fingimos que era o Anjo da Morte. Estávamos brincando de nosso jogo favorito: Evitar a Morte.

— Uma cobra venenosa acabou de morder seu braço esquerdo. O que você faz? — perguntou Joni.

— Eu tento sugar o veneno.

— Mas isso não dá certo. Ele está se espalhando pelo seu braço...

— Pego meu machado e corto o braço fora.

— Mas, quando você corta o braço fora, começa a sangrar até a morte.

— Eu tiro a camisa e amarro no cotoco pra estancar o sangramento.

— Mas um abutre sente cheiro de sangue e mergulha pra cima de você.

— Uso o braço direito pra pegar o braço esquerdo que cortei e com ele afasto o abutre!

— Mas...

Joni parou de falar. No começo, achei que a havia deixado sem reação. Mas ela se inclinou e fechou os olhos. Tinha cheiro de chiclete e graxa de bicicleta. Antes que eu percebesse, os lábios dela estavam se aproximando dos meus. Fiquei tão apavorado que me levantei. Como ainda estávamos debaixo da cama, bati com a cabeça no estrado.

Ela abriu os olhos rapidamente depois disso.

— Por que você fez isso? — Nós dois gritamos ao mesmo tempo.

— Você não gosta de mim? — perguntou Joni, claramente magoada.

— Gosto — respondi. — Mas, você sabe, eu sou gay.

— Ah. Legal. Desculpa.

— Tudo bem.

Houve uma pausa, e Joni prosseguiu.

— Mas o abutre puxa seu braço esquerdo da sua mão e começa a bater em você com ele...

Naquele momento, eu soube que Joni e eu seríamos amigos por muito tempo.

Foi com a ajuda de Joni que me tornei o primeiro representante de turma abertamente gay na história da classe de terceiro ano da Sra. Farquar.

Joni era gerente de campanha. Foi ela que criou o slogan: VOTE EM MIM... EU SOU GAY!

Achei que simplificava demais minha posição em relação aos problemas (a favor do recreio, contra a educação física), mas Joni disse que era garantia de conseguir atenção da mídia. No começo, ela queria que o slogan fosse VOTE EM MIM... EU SOU UM GAY, mas observei que isso poderia ser confundido com VOTE EM MIM... EU SOU UM GURI, o que certamente

me faria perder votos. Assim, tiramos o UM, e a concorrência começou de verdade.

Meu maior oponente era (lamento dizer) Ted Halpern. O primeiro slogan dele foi VOTE EM MIM... EU NÃO SOU GAY, o que só o fez parecer sem graça. Depois, ele experimentou VOCÊ NÃO PODE VOTAR NELE... ELE É GAY, o que foi bem idiota, porque ninguém gosta de ouvir em quem pode (ou não pode) votar. Por fim, nos dias próximos à eleição, ele recorreu a NÃO VOTE NA BICHA. Alô? Joni ameaçou dar uma surra nele, mas eu sabia que ele tinha colocado a eleição nas nossas mãos. Quando chegou o dia, ele só ficou com os poucos votos dos caretinhas, enquanto eu fiquei com os votos das garotas, dos caras de mente aberta, dos alunos do terceiro ano que ainda estavam no armário e dos que odiavam Ted. Foi uma lavada, e, quando acabou, Joni bateu em Ted de qualquer jeito.

No dia seguinte, no almoço, Cody O'Brien trocou comigo dois bolinhos por uma caixa de uvas-passas, uma troca evidentemente injusta. No outro dia, dei para ele três Yodels em troca de um Fig Newton.

Foi meu primeiro flerte.

Cody foi meu par no baile semiformal do quinto ano. Ou pelo menos era para ter sido meu par. Dois dias antes do grande evento, brigamos por causa de uma fita de Nintendo que ele me pediu emprestado e perdeu. Sei que é uma coisa pequena demais para ser motivo de rompimento, mas a forma como ele lidou com a situação (mentindo! enganando!) foi sintomática de problemas maiores. Por sorte, nos separamos em termos amigáveis. Joni deveria ser meu par alternativo, mas me surpreendeu ao dizer que ia com Ted. Ela jurou para mim que ele tinha mudado.

Isso também foi sintomático de problemas maiores. Mas não havia como saber disso naquela hora.

No sexto ano, Cody, Joni, uma garota lésbica do quarto ano chamada Laura e eu formamos a primeira aliança gay-hétero de nossa escola de ensino fundamental. Para ser sincero, demos uma olhada ao redor e percebemos que as crianças hétero precisavam de nossa ajuda. Primeiro, elas estavam todas usando as mesmas roupas. Além do mais (e isso era crítico), não conseguiam dançar nem se fosse questão de vida ou morte. A pista de dança do baile poderia facilmente ser confundida com um aviário cheio de perus pré-Dia de Ação de Graças. Isso não era aceitável.

Por sorte, nosso diretor era cooperativo e nos permitia tocar um minuto ou dois de “I Will Survive” e “Bizarre Love Triangle” depois que o juramento à bandeira era lido todas as manhãs. A quantidade de integrantes da aliança gay-hétero em pouco tempo superou a do time de futebol americano (o que não quer dizer que não tenha havido integrantes em comum). Ted se recusou a entrar, mas não conseguiu impedir Joni de inscrevê-los em aulas de dança no recreio duas vezes por semana.

Como eu estava sozinho na época, e como estava começando a sentir que tinha conhecido todo mundo que havia para conhecer na nossa escola de ensino fundamental, eu costumava ir escondido com Laura para a sala de vídeo, onde víamos filmes de Audrey Hepburn até o sino do recreio tocar e a realidade nos chamar mais uma vez.

No oitavo ano, fui atacado por dois lutadores do ensino médio depois de uma exibição tardia de *Priscilla, a Rainha do Deserto* no cinema da cidade. No começo, achei que fosse um jeito estranho de preliminar, mas logo percebi que os grunhidos deles eram, na verdade, insultos: bicha, veado, o de sempre. Eu não aceitaria esse tipo de abuso verbal de estranhos; só Joni podia falar comigo daquele jeito. Por sorte, eu tinha ido ao cinema com um grupo de amigos da equipe de esgrima, e eles pegaram seus floretes e desarmaram os imbecis. (Depois disso, ouvi que um deles agora é drag

queen em Columbus, Ohio. Gosto de pensar que tive alguma coisa a ver com isso.)

Eu estava aprendendo que a notoriedade vinha com uma certa reação oposta. Eu precisava tomar cuidado. Tinha uma coluna de comida gay no jornal local, “Jantando FORA”, que estava fazendo sucesso moderado. Havia recusado vários pedidos para concorrer a representante do corpo estudantil, porque sabia que interferiria com minha direção do musical da escola (não vou entediar você com detalhes, mas só quero dizer que Cody O’Brien foi Auntie Mame por uma eternidade).

Em suma, a existência no segundo segmento do fundamental foi divertida. Eu não tinha uma vida tão fora do comum. A série costumeira de paixões, confusões e intensidades.

Mas então conheci Noah e as coisas ficaram complicadas. Percebo imediatamente, ao dirigir para casa depois do show de Zeke. De repente, me sinto mais complicado.

Não complicado ruim.

Só complicado.

O dilema da rainha do baile

Eu o procuro nos corredores na segunda-feira. Espero que ele também esteja me procurando.

Joni me promete que vai ser minha espiã na busca. Tenho medo de ela se deixar levar demais pelo trabalho e acabar arrastando Noah até mim pela orelha se o encontrar.

No entanto a ligação não acontece. Por mais que eu me afaste das conversas de corredor, nunca me afasto e esbarro nele. Os corredores estão tomados de pôsteres de Orgulho de Volta às Aulas e fofoca pós-fim de semana. Todos estão agitados; procuro meu Noah como procuraria um santuário de calma.

Mas acabo dando de cara com Infinite Darlene. Ou, mais precisamente, ela corre até mim. Há poucas visões mais esplendorosas às oito da manhã que um jogador de futebol americano de 1,90m andando pelos corredores de salto alto, uma peruca vermelha berrante e maquiagem mais do que exagerada. Se eu já não estivesse tão acostumado, poderia levar um susto.

— Tô tão feliz que encontrei você — exclama Infinite Darlene, falando como Scarlet O'Hara interpretada por Clark Gable. — As coisas estão uma confusão!

Não sei quando Infinite Darlene e eu ficamos amigos. Talvez tenha sido quando ela ainda era Daryl Heisenberg, mas isso não é muito provável; poucos de nós conseguem lembrar como Daryl Heisenberg era antes de Infinite Darlene consumi-lo tão completamente. Ele era um bom jogador de futebol americano, mas não chegava nem perto do talento de quando começou a usar cílios postiços.

As coisas não são fáceis para Infinite Darlene. Ser o *quarterback* principal e a rainha do baile tem seus conflitos. E às vezes ela tem dificuldade de se encaixar. As outras drag queens da nossa escola raramente se sentam com ela no almoço; dizem que ela não cuida bem das unhas, que fica musculosa demais de camiseta regata. Os jogadores de futebol americano são um pouco mais tolerantes, embora tenha havido um pouco de problema um ano atrás, quando Chuck, outro jogador do time, se apaixonou por Darlene e ficou deprimido quando ela disse que ele não era seu tipo.

Não fico alarmado quando Infinite Darlene diz que as coisas estão *uma confusão*. Para Infinite Darlene, as coisas estão sempre *uma confusão*; se não estivessem, ela não teria quase nada sobre o que falar.

Mas, desta vez, o dilema é verdadeiro.

— O técnico Ginsburg vai complicar minha vida — declara ela. — É a porcaria da apresentação de Orgulho de Volta às Aulas de hoje à tarde. Ele quer que eu entre com o resto do time. Mas, como rainha do baile, também tenho que *apresentar* o time. Se eu não fizer as apresentações devidas, minha tiara pode sofrer as consequências. Trilby Pope tomaria meu lugar, o que seria terrível, terrível, terrível. Os peitos dela são mais falsos que os meus.

— Você acha que Trilby Pope se rebaixaria assim? — pergunto.

— E por acaso o Papa é perverso? *É claro* que ela se rebaixaria assim. E teria problemas de gravidade pra se levantar.

Normalmente, Infinite Darlene age como se estivesse em um concurso perpétuo de simpatia. Mas Trilby Pope é seu ponto fraco. Elas eram boas amigas, capazes de recontar uma hora de atividades em três horas de conversa. Mas Trilby começou a andar com a galera do hóquei na grama. Tentou convencer Infinite Darlene a juntar-se a ela, mas a temporada do futebol americano era na mesma época. Elas se afastaram e seguiram para esportes diferentes, com grupos diferentes de amigos. Trilby começou a usar muita estampa xadrez, coisa que Infinite Darlene desprezava. Começou a andar com garotos de rúgbi. Tudo ficou muito tenso. Por fim, elas tiveram um rompimento de amizade: uma troca de bilhetes de sala de aula acalorados, dobrados em formato de armamento. Desviavam o olhar dramaticamente quando se cruzavam nos corredores. Trilby ainda está com alguns dos acessórios de Infinite Darlene, que elas costumavam emprestar uma para a outra. Infinite Darlene diz para todo mundo (exceto Trilby) que quer tudo de volta.

Minha atenção começa a se desviar da conversa. Ainda estou observando os corredores em busca de Noah, sabendo perfeitamente bem que, se eu o vir, provavelmente vou me esconder na entrada mais próxima, corando furiosamente.

— Preciso manifestar — exclama Infinite Darlene —, *o que* está te deixando tão distraído?

É aí que sinto o limite de nossa amizade. Porque enquanto Infinite Darlene se sente à vontade me contando tudo, tenho medo de que, se eu contar uma coisa para ela, essa coisa deixará de ser minha. Vai pertencer a toda a escola.

— Só estou procurando uma pessoa — digo, desviando do assunto.

— Não estamos todos? — murmura Infinite Darlene, com tristeza. Quando penso que me livrei das perguntas, ela acrescenta: — É alguém

especial?

— Não é nada — respondo, cruzando os dedos.

Rezo para que seja alguma coisa. Sim, rezo para minha Grande Deusa Lésbica Que Não Existe de Verdade. Eu digo para ela: *Não estou pedindo muito. Juro. Mas eu realmente adoraria que Noah fosse tudo que eu espero que seja. Permita que ele seja alguém com quem eu possa me sintonizar e que queira se sintonizar comigo.*

Minha negação jogou Infinite Darlene de volta ao dilema. Eu digo que ela deveria marchar com o time de futebol americano usando os trajes de rainha do baile. Parece uma boa solução.

Infinite Darlene começa a assentir. Mas seus olhos veem alguma coisa por cima do meu ombro e brilham de raiva.

— Não olhe agora — sussurra ela.

É claro que me viro e olho. E ali está Kyle Kimball passando. Afastando-se de mim como se pudesse pegar peste de um único olhar bubônico.

Kyle é o único garoto hétero que beijei. (Ele não sabia que era hétero na época.) Saímos durante algumas semanas no ano passado, no nono ano. Ele é o único ex com quem não falo. Às vezes, até sinto que me odeia. É uma sensação muito estranha. Não estou acostumado a ser odiado.

— Ele vai aprender — afirma Infinite Darlene, quando Kyle entra em uma sala de aula. Ela está dizendo isso há um ano agora, sem nunca me falar com quem Kyle vai aprender. Ainda me pergunto se é para ser comigo.

Com alguns rompimentos, tudo em que você consegue pensar depois é o quanto acabou mal e o quanto a outra pessoa magoou você. Com outros, você fica sentimental quanto aos bons momentos e esquece o que deu errado. Quando penso em Kyle, os começos e os finais estão todos misturados. Vejo o rosto embevecido dele refletido na luz de uma tela de cinema; quando passei um bilhete para ele e ele o rasgou em pedacinhos

sem nem ler; sua mão segurando a minha pela primeira vez, a caminho da aula de matemática; ele me chamando de mentiroso e fracassado; a primeira vez em que eu soube que ele gostava de mim, quando o peguei enrolando perto do meu armário antes de eu chegar lá; a primeira vez que percebi que ele não gostava mais de mim, quando fui devolver um livro que tinha pegado emprestado e ele se afastou instintivamente.

Ele disse que eu o enganei. Dizia isso para todo mundo.

Só algumas pessoas acreditaram nele. Mas não era o que elas pensavam que importava para mim. Era o que ele pensava. E se ele realmente acreditava.

— Ele é terrível — diz Infinite Darlene. Mas até ela sabe que não é verdade. Ele não é nada terrível.

Ver Kyle sempre tira um pouco do volume da minha trilha sonora. Agora, não estou mais flutuando em uma onda de Noah.

Infinite Darlene tenta me alegrar.

— Tenho chocolate — diz ela, enfiando a mão enorme na bolsa para pegar um mini Milky Way.

Estou sugando caramelo e nougat quando Joni chega até nós com o Relatório Noah do momento. Infelizmente, é igual aos últimos cinco.

— Não consegui encontrá-lo — diz ela. — Encontrei pessoas que sabem quem ele é, mas ninguém parece saber *onde* está. Chuck estava me ajudando antes, e Chuck disse que ele é desses tipos artísticos. Agora, vindo de Chuck, isso não foi um grande elogio, mas pelo menos me colocou na direção certa. Olhei no mural do lado de fora da sala de artes e encontrei uma foto que ele tirou. Chuck me ajudou a pegar.

Não fico alarmado pelo roubo de Joni; pegamos coisas das paredes e colocamos de volta o tempo todo. Mas meu dispositivo interno de segurança repara na quantidade de vezes que Joni citou Chuck. No passado, já

consegui perceber que as coisas com Ted estavam ficando melhores quando Joni começava a citá-lo. O fato de ser Chuck agora me deixou com o pé atrás.

Joni pega uma pequena foto emoldurada na bolsa. A moldura é da cor dos óculos de Buddy Holly e tem basicamente o mesmo efeito.

— Você tem que olhar de perto — avisa Joni.

Eu levo a foto para perto do rosto e ignoro meu próprio reflexo para ver o que há embaixo. A princípio, vejo o homem na cadeira mais no fundo da foto. Ele tem a idade do meu avô e está sentado em uma velha cadeira de balanço de madeira, rindo histericamente. E então percebo que está sentado em uma sala repleta de globos de neve. Deve haver centenas, talvez milhares de pequenos globos de plástico, cada um com um local indistinto. Globos de neve cobrem o chão, as bancadas, as prateleiras, a mesa ao lado do braço do homem.

É uma foto muito legal.

— Você não pode ficar com ela — diz Joni.

— Eu sei, eu sei.

Olho para ela por mais um minuto e devolvo.

Infinite Darlene ficou quieta durante toda a conversa. Mas está prestes a explodir de curiosidade.

— É só um cara — digo.

— Conte — insiste ela.

Então eu conto.

E sei enquanto falo que ele não é “só um cara”. Houve alguma coisa em nossos dois minutos juntos que fez parecer que eles poderiam virar anos. Contar isso para Infinite Darlene não parece apenas me transformar em alvo de fofoca.

Não, parece meu coração inteiro em risco.

Orgulho e alegria

Joni, Ted e eu nos acomodamos para ver a apresentação de Orgulho de Volta às Aulas naquela tarde. É a primeira apresentação para a qual me sento na arquibancada. Isso acontece por conta de um acaso de horários. Nossa escola tem atividades e times demais para serem representados em cada evento de líderes de torcida, então, sempre que acontece uma apresentação, só alguns grupos recebem destaque. Pediram que eu levasse meu grupo de teatro desta vez, mas achei que tal reconhecimento poderia estragar nossa arte por colocar a personalidade na frente do desempenho, por assim dizer. Como resultado, estou nas arquibancadas do ginásio tentando medir o barômetro Joni e Ted. Neste momento, parece que a pressão está alta. Ted fica olhando para Joni, mas Joni não está olhando tanto para Ted.

Ele se vira para mim.

— Já encontrou seu namorado? — pergunta ele.

Entro em pânico e olho ao redor para ver se Noah está ali por perto. Por sorte, não está.

Estou começando a questionar se ele realmente existe.

A secretária do diretor se levanta, vai até o microfone e começa a apresentação. Todo mundo sabe que quem manda de verdade na escola é ela, então faz mais sentido ela liderar as coisas aqui também.

As portas do ginásio se abrem, e as líderes de torcida entram em suas Harleys. A multidão vai à loucura.

Acredito que somos a única escola de ensino médio nos Estados Unidos com uma equipe de líderes de torcida motoqueiras. Mas eu poderia estar enganado. Alguns anos atrás, foi decidido que ter um bando de motocicletas fazendo barulho pelos campos e quadras empolgava mais a torcida que qualquer coreografia com pompom. Agora, em uma exibição de coreografia complicada, as Harleys percorrem o ginásio, começando com uma pirâmide na forma de uma ave de migração, depois se espalhando em giros e ângulos. Para o encerramento, as líderes de torcida aceleram todas ao mesmo tempo e pulam de uma rampa decorada com o nome da nossa escola. Elas são recompensadas com uma chuva de aplausos.

A apresentação já está cumprindo sua missão. Sinto orgulho de ser aluno da minha escola.

A equipe de tênis é a próxima a entrar. Meu irmão e sua amiga Mara são os campeões de duplas, então são muito bem recebidos. Tento gritar alto para que Jay consiga ouvir minha voz no meio da multidão. Ele está no último ano agora, e sei que começou a ficar triste porque tudo vai acabar. Ano que vem, ele estará na equipe de tênis de uma faculdade. Não vai ser a mesma coisa.

Depois que a equipe de tênis entrou e foi aplaudida, a banda cover da escola chega para tocar. As estatísticas da banda cover são melhores que as da equipe de tênis; na Competição de Bandas Cover de Dave Matthews do ano passado, eles foram até a final com o cover da Dave Matthews Band fazendo cover de “All Along the Watchtower”, mas foram vencidos por uma banda cover que tocou “Typical Situation” plantando bananeira. Agora, eles começam a tocar um cover de “One Day More”, de *Les Misérables*, e admiro a versatilidade do vocalista.

Após o bis, uma versão de “Personal Jesus” do Depeche Mode, a secretária do diretor pede silêncio e apresenta o rei e rainha do baile deste ano. Infinite Darlene entra usando um vestido de baile cor-de-rosa, coberto parcialmente pela camisa de futebol americano. O rei do baile, Dave Sprat, está de braço dado com ela, mais de 30 centímetros mais baixo (se você contar os saltos).

Infinite Darlene está segurando um microfone portátil que pegamos emprestado na van de Zeke, para poder apresentar e desfilar ao mesmo tempo. Quando a banda cover da escola começa uma versão *skacore* de “We Are the Champions” (não repudiamos *totalmente* a tradição), os integrantes do time de futebol americano fazem uma fila para a apresentação deles.

Eu me inclino na direção de Joni. Ela está com os olhos fixos em Chuck.

Sinceramente, não sei por quê. Chuck é um jogador do time de futebol americano que se apaixonou por Infinite Darlene e ficou todo chateado quando ela não retribuiu o sentimento. Ficou muito amargo, bem pior que Ted em seus piores momentos. Ted, pelo menos, consegue perder a cabeça sem perder o senso de humor. Não tenho certeza se Chuck é igual. Queria que Tony estudasse na nossa escola, para que eu pudesse erguer minha sobrelanceira e ouvir a opinião dele sobre a situação.

Ted não parece reparar para onde o olhar de Joni a leva. Está olhando para outro lugar.

— É ele? — pergunta Ted.

Como é Ted, aponta diretamente para uma pessoa na arquibancada do outro lado do ginásio. Aperto os olhos para identificar os rostos na multidão, penso que ele está apontando para Kyle, que fica um tanto absorto no aplauso para os jogadores de futebol americano enquanto Infinite Darlene os apresenta. Mas então percebo que Ted aponta mesmo para algumas fileiras acima.

Vejo um assento vazio. E, ao lado dele, vejo Noah.

Ele me sente olhando. Eu juro. Olha diretamente para mim.

Ou talvez esteja olhando para Ted, que ainda está apontando.

— *Abaixe o dedo* — digo por entre dentes trincados.

— Calma — fala Ted, movendo o dedo no ar, como se não estivesse apontando para Noah. Eu tento fingir com ele.

Quando toda a confusão de apontar acaba, vejo que Noah ainda está onde estava um segundo atrás. Não sei por que pensei que teria desaparecido. Acho que não acredito que essas coisas podem ser fáceis, apesar de não saber por que têm que ser difíceis.

Joni desviou a atenção de Chuck por tempo o bastante para entender o que está acontecendo.

— Não fique só sentado aí — diz ela.

— Se você não for até lá, eu vou. E vou contar pra ele sobre sua paixãoite — avisa Ted. Não sei se ele está brincando ou não.

A fronteira entre pressão dos colegas e coragem é muito tênue. Como sei que Joni e Ted não vão me deixar sair dessa, sigo para o lado do ginásio onde Noah está. Uma das professoras me lança um olhar de “fique no seu lugar”, mas faço um gesto de descaso. Nos alto-falantes, consigo ouvir a voz cristalina de Infinite Darlene:

— E agora, apresento o *quarterback*... o melhor... o único... *EU*.

Olho para as pessoas. Todas aplaudem, menos algumas das drag queens mais elitistas, que fingem desinteresse.

Eu me abaixo atrás das arquibancadas e sigo para a escada. Fico pensando no que vou dizer. Fico me perguntando se vou fazer papel de bobo.

Só consigo sentir intensidade. Minha mente batendo em sincronia com meu coração. Meus passos oscilando com minhas esperanças.

Chego ao pé da arquibancada. Perdi a noção de espaço. Não consigo encontrar Noah. Olho de novo para Joni e Ted. Para minha vergonha, os dois apontam o caminho certo. A apresentação do futebol americano acabou e a equipe de boliche cultural se prepara para entrar. Infinite Darlene está aproveitando a última rodada de aplausos. Posso jurar que ela pisca quando olha para mim.

Concentro-me no assento ao lado de Noah. Não me concentro no cabelo maluco e bacana, nem nos sapatos azuis de camurça, nem nas gotas de tinta nas mãos e braços.

Estou ao lado dele.

— Tem alguém sentado aqui? — pergunto.

Ele olha para mim. E, depois de um segundo, abre um sorriso.

— Oi — diz ele. — Andei procurando você por toda parte.

Não sei o que dizer. Estou tão feliz e tão assustado.

As arquibancadas gritam quando a equipe de boliche cultural é anunciada. Eles entram correndo na quadra, jogando bolas nos pinos enquanto respondem perguntas sobre a teoria da relatividade de Einstein.

— Eu também andei procurando você — acabo por comentar.

Ele diz:

— Legal.

E é legal. Tão legal.

Eu me sento ao lado dele enquanto a plateia aplaude o capitão da equipe de boliche cultural, que acabou de fazer um *strike* enquanto listava as obras completas das irmãs Brontë.

Não quero assustá-lo dizendo todas as coisas que estão me assustando. Não quero que ele saiba o quanto isso é importante. Ele precisa sentir a importância sozinho.

Então, eu digo:

— Sapatos legais.

E conversamos sobre sapatos azuis de camurça e a loja de roupas onde ele compra as dele. Conversamos enquanto o time de badminton faz suas petecas voarem. Conversamos enquanto o grupo de culinária francesa faz um suflê perfeito. Rimos quando despenca.

Procuro sinais de que ele me compreende. Quero que minhas esperanças se confirmem.

— Que tremenda serendipidade, não é? — pergunta ele.

Quase caio da cadeira. Acredito firmemente em serendipidade, quando as peças aleatórias se unem em um maravilhoso momento, quando de repente você vê qual era o propósito delas o tempo todo.

Conversamos sobre música e descobrimos que gostamos dos mesmos gêneros. Conversamos sobre filmes e descobrimos que gostamos dos mesmos tipos.

— Você existe mesmo? — digo de repente.

— Claro que não — responde ele, com um sorriso. — Sei disso desde que eu tinha 4 anos.

— O que aconteceu quando tinha 4 anos?

— Ah, eu tinha uma teoria. Apesar de que acho que era novo demais pra saber que era uma teoria. Sabe, eu tinha uma amiga imaginária. Ela me seguia pra todo lado. Tínhamos que colocar um lugar pra ela na mesa, ela e eu conversávamos o tempo todo, esse tipo de coisa. Mas então me ocorreu que ela não era a amiga imaginária. Concluí que *eu* era o amigo imaginário, e ela era a pessoa real. Fez total sentido pra mim. Meus pais discordaram, mas ainda sinto secretamente que estou certo.

— Qual era o nome dela? — pergunto.

— Sarah. E o seu?

— Thom. Com *h*.

— Pode ser que eles estejam juntos agora.

— Ah, não. Deixei Thom na Flórida. Ele jamais gostou de viajar.

Não estamos falando muito seriamente um com o outro, o que é um ponto positivo sério. A tinta nas mãos dele não é bem roxa e nem bem azul. Tem uma gota de vermelho em um dos dedos dele.

A secretária do diretor está com o microfone de novo. A apresentação está quase acabando.

— Estou feliz de você ter me encontrado — diz Noah.

— Eu também.

Sinto vontade de flutuar, porque é simples assim. Ele está feliz que eu o encontrei. Eu estou feliz que o encontrei. Não temos medo de dizer isso. Estou tão acostumado com insinuações e mensagens contraditórias, com dizer coisas que podem significar mais ou menos o que querem dizer. Joguinhos e competições, papéis e rituais, falar em 12 línguas ao mesmo tempo para que as verdadeiras palavras não fiquem tão óbvias. Não estou acostumado com a verdade direta e sincera.

Fico simplesmente impressionado.

Acho que Noah percebe isso. Ele está olhando para mim com um sorriso inteligente. As outras pessoas na fileira estão de pé e se acotovelando agora, esperando que nós dois saíamos para poderem chegar ao corredor e dar continuidade ao dia. Eu quero que o tempo pare.

O tempo não para.

— Dois sessenta e três — diz Noah.

— ?!??? — respondo.

— O número do meu armário — explica ele. — Vejo você depois da aula.

Agora não quero que o tempo pare. Quero que se adiante uma hora. Noah se tornou meu *até*.

Quando estamos saindo do ginásio, consigo ver Kyle me lançar um olhar. Não ligo. Joni e Ted vão estar esperando debaixo da arquibancada para ouvirem o relatório completo.

Posso resumir em uma palavra:

Felicidade.

Tráfego de corredor (resulta em complicações)

A autoestima pode ser tão exaustiva. Tenho vontade de cortar o cabelo, mudar de roupa, apagar a espinha quase na ponta do meu nariz e melhorar a definição dos músculos do meu braço, tudo na próxima hora. Mas não posso fazer isso, porque (a) é impossível, e (b), se eu fizer qualquer uma dessas mudanças, Noah vai perceber que mudei, e não quero que ele saiba o quanto estou a fim dele.

Espero que o Sr. B possa me salvar. Rezo para que sua aula de física de hoje me hipnotize de tal maneira que eu acabe esquecendo o que me espera no final. Mas, enquanto o Sr. B pula pela sala com entusiasmo antigravitacional, não consigo me juntar ao circo dele. *Dois sessenta e quatro* se tornou meu novo mantra. Repasso o número mentalmente, torcendo para que me revele alguma coisa (além de ser um número de armário). Repasso minha conversa com Noah e tento transcrevê-la na memória, pois não ousa escrevê-la no caderno.

A hora passa. Assim que o sinal toca, pulo da cadeira. Não sei onde fica o armário 264, mas não tenho a menor dúvida de que vou encontrar.

Mergulho no corredor congestionado e desvio dos reencontros com tapinhas nas costas e movimentos em direção a armários. Vejo o armário

435; estou no corredor completamente errado.

— Paul! — grita uma voz.

Não há Pauls suficientes na minha escola para que eu possa supor que o grito é chamando outra pessoa. Com relutância, eu me viro e vejo Lyssa Ling prestes a puxar minha manga.

Já sei o que ela quer. Lyssa Ling nem fala comigo se não for para pedir que eu entre em algum comitê. Ela é a chefe do comitê da escola para escolher comitês, sem dúvida por ser tão boa nisso.

— O que você quer de mim agora, Lyssa? — pergunto. (Ela está acostumada com isso.)

— O Baile Aristocrático — diz ela. — Quero que você planeje todinho.

Fico mais do que um pouco surpreso. O Baile Aristocrático é muito importante na nossa escola, e planejá-lo significaria ficar no comando de toda a decoração e de toda a música.

— Pensei que Dave Davison fosse fazer isso — digo.

Lyssa suspira.

— Ele ia. Mas me veio com um papo todo gótico.

— Legal.

— Não. Não é legal. Temos que dar liberdade para as pessoas vestirem qualquer coisa que não seja preto. E aí, você está dentro ou não?

— Posso pensar um tempo?

— Por 16 segundos.

Eu conto até 17 e digo:

— Estou dentro.

Lyssa assente, fala alguma coisa sobre colocar o orçamento no meu armário amanhã de manhã e sai andando.

Sei que vai ser um orçamento um tanto elaborado. O baile foi criado trinta e tantos anos atrás, depois que uma viúva aristocrata local deixou uma

cláusula no testamento de que a escola faria todo ano um baile elegante em sua homenagem. (Ao que parece, era uma tremenda dançarina na sua época.) A única coisa que temos que fazer é colocar o retrato dela em posição proeminente e (é aí que fica meio esquisito) fazer com que ao menos um garoto do último ano dance com ele.

No começo, fico distraído por ideias de temas. Mas lembro o motivo de minha existência pós-aula e continuo na direção do armário 264... até que sou parado por minha professora de inglês, que quer me elogiar por minha leitura de Oscar Wilde na aula do dia anterior. Não tenho como dispensá-la, e também não posso dispensar Infinite Darlene quando me pergunta como foi o papel duplo na apresentação de Orgulho da Volta às Aulas.

Os minutos estão passando. Espero que Noah esteja igualmente atrasado e que cheguemos ao armário dele ao mesmo tempo, numa dessas maravilhosas ligações do destino que parecem sinais de grandes coisas a caminho.

— Oi, Romeu.

Ted está ao meu lado agora, por sorte sem parar enquanto fala.

— Oi — repito.

— Pra onde você está indo?

— Pro armário 264.

— Não é no segundo andar?

Eu dou um grunhido. Ele está certo.

Subimos a escada juntos.

— Você viu Joni? — pergunta ele.

Às vezes, sinto como se o destino fosse ditado pela ironia (ou, pelo menos, por um senso de humor muito distorcido). Por exemplo, se eu estou ao lado do namorado vai-e-vem de Joni e ele diz “Você viu Joni?”, o passo

óbvio seguinte seria chegar ao topo da escada e ver Joni em um abraço frontal de corpo inteiro com Chuck, à beira de um beijo sério.

Joni e Chuck não nos veem. Os olhos deles estão fechados com paixão e expectativa. Todos fazem uma pausa para olhar. Eles são como um sinal vermelho no tráfego do corredor.

— *Vaca* — sussurra Ted, chateado. Em seguida, desce a escada correndo.

Sei que Noah está me esperando. Sei que Joni devia saber o que vi. Sei que não gosto tanto assim de Ted. Porém, mais do que saber todas essas coisas, sei que tenho que correr atrás de Ted para ver se ele está bem.

Ele fica vários passos à minha frente, empurrando as pessoas para passar de corredor em corredor, de virada em virada, esbarrando e derrubando mochilas dos ombros das pessoas e evitando os olhares dos vagabundos de porta de armário. Não consigo entender para onde está indo. Mas acabo percebendo que ele não tem nenhum destino em particular em mente. Só está andando. Andando para longe.

— Ei, Ted — grito. Estamos em um corredor vazio, bem em frente da carpintaria.

Ele se vira para mim, e há um brilho conflitante nos olhos dele. A raiva quer afogar o choque e a depressão.

— Você sabia disso? — Ele me pergunta.

Eu balanço a cabeça negativamente.

— Então você não sabe há quanto tempo eles estão juntos?

— Não. É novidade pra mim.

— Tanto faz. Não ligo. Ela pode ficar com quem quiser. Eu não estava interessado mesmo. Nós terminamos, sabe.

Concordo com um movimento de cabeça. Eu me pergunto se ele consegue mesmo acreditar no que está dizendo. Ele se trai com o que diz em seguida.

— Eu achava que jogadores de futebol americano não eram o tipo dela.
Concordo, porém Ted não está mais ouvindo.

— Tenho que ir — diz ele.

Gostaria que houvesse alguma outra coisa para eu dizer, alguma coisa que o faça se sentir mesmo que um pouco melhor.

Olho para o relógio. Já se passaram 17 minutos desde o final da aula. Uso uma escada diferente para chegar ao segundo andar. Os números de armário são decrescentes: 310... 299... 275...

264.

Não tem ninguém.

Olho ao redor em busca de Noah. Os corredores estão quase desertos agora; todo mundo ou foi para casa ou foi para suas atividades. A equipe de corrida passa correndo por mim no treino de corrida de corredor. Espero mais cinco minutos. Uma garota que nunca vi antes, com cabelo verde-claro como melão, passa por mim e diz:

— Ele foi embora uns dez minutos atrás. Parecia decepcionado.

Eu me sinto fracassado. Arranco uma folha do livro de física e escrevo um pedido de desculpas. Faço cinco rascunhos até ficar satisfeito de ter conseguido parecer interessado e interessante sem parecer completamente idiota. O tempo todo fico torcendo para ele aparecer. Enfio o bilhete no armário 264.

Volto para o meu armário. Joni não está em canto nenhum, o que é uma coisa boa. Não consigo nem começar a pensar no que vou dizer para ela. Consigo entender por que ela esconderia a novidade com Chuck de Ted. Mas não consigo entender por que nunca me contou. Magoa.

Quando fecho a porta do meu armário, Kyle passa por mim.

Ele assente e diz oi. Até quase sorri.

Estou arrasado.

Ele continua andando e não se vira.

Minha vida é louca, e não há absolutamente nada que eu possa fazer sobre isso.

Encontrando línguas perdidas

— Talvez ele estivesse cumprimentando alguém — digo.

Duas horas se passaram, e estou conversando com Tony, contando o drama para a única pessoa que não estava lá.

— E o sorriso... bem, talvez fosse só gases — acrescento.

Tony concorda de forma evasiva.

— Não sei por que Kyle começaria a falar comigo de novo. Não fiz nada de diferente. E ele não é o tipo de cara que muda de ideia sobre esse tipo de coisa.

Tony meio que dá de ombros.

— Eu queria poder ligar pro Noah, mas não sinto intimidade o bastante pra isso. Será que ele ia saber quem eu sou se eu ligasse? Será que ia reconhecer meu nome ou minha voz? Dá pra esperar até amanhã, né? Não quero parecer neurótico demais.

Tony concorda de novo.

— E Joni? O que ela estava pensando, se pegando com Chuck no meio do corredor daquele jeito? Será que digo isso pra ela ou finjo que não sei e conto secretamente o número de vezes que ela fala comigo antes de me contar, me ressentindo de cada minuto que passa sem ela me falar a verdade?

Tony meio que dá de ombros de novo.

— Sinta-se à vontade pra palpar a qualquer momento — falo para ele.

— Não tenho muito a dizer — responde ele, dando de ombros levemente de novo, desta vez pedindo desculpas.

Estamos em minha casa, fazendo o dever de casa um do outro. Tentamos fazer isso o mais frequentemente que conseguimos. Da mesma forma que é mais legal arrumar o quarto de outra pessoa do que o seu, fazer o dever do outro é uma forma de fazer com que acabe mais rápido. No começo da nossa amizade, Tony e eu descobrimos que tínhamos caligrafias parecidas. O resto veio naturalmente. Claro, estudamos em escolas diferentes e temos trabalhos de casa diferentes. Esse é o desafio. E o desafio é o que importa.

— Sobre que livro é este trabalho, afinal? — pergunto a ele.

— *Ratos e homens*.

— Você quer dizer “George, por favor, posso fazer carinho nos coelhinhos”?

— É.

— Legal, já li esse.

Começo a escrever uma frase inicial enquanto Tony folheia um dicionário francês-inglês para terminar meu dever de francês. Ele faz espanhol.

— Você não parece muito surpreso com Joni — digo.

— Percebi que ia acontecer — responde ele, sem tirar os olhos do dicionário.

— Sério? Você imaginou Ted e eu dando de cara com ela no corredor?

— Bem, não essa parte.

— Mas Chuck?

— Bem, também não essa parte. Mas pense só. Joni gosta de ter namorado. E, se não é Ted, vai ser outra pessoa. Se esse tal de Chuck gosta

dela, há boas chances de ela gostar dele também.

— E você aprova isso?

Desta vez, ele olha diretamente para mim.

— Quem sou eu pra aprovar ou reprovar? Se ela está feliz, bom pra ela.

Há um tom infeliz na voz de Tony, e não preciso pensar muito para saber o motivo. Tony nunca teve namorado. Nunca se apaixonou. Não sei exatamente por quê. Ele é bonito, inteligente e divertido, um pouco melancólico... só qualidades atraentes. Mas ainda não encontrou o que procura. Nem sei se sabe o que procura. Na maior parte das vezes, ele congela. Tem uma paixonite silenciosa, ou até sai com alguém que tem potencial para namorado, e então, antes mesmo de começar, acaba.

— Não deu certo — diz para nós, e fica nisso.

Esse é um dos motivos para eu não querer ficar falando sobre Noah com ele. Apesar de eu ter certeza de que ele está feliz por mim, acho que a minha felicidade não se traduz em felicidade para ele. Preciso de outra forma para dar força a ele. Recorro a falar em uma língua inexistente.

— *Hewipso faqua deaf?* — pergunto a ele.

— *Tinsin rabblemonk titchticker* — responde ele.

Nosso recorde fazendo isso são seis horas, incluindo uma ida longa ao shopping. Não sei como começou; um dia, estávamos andando e fiquei cansado de falar nossa língua. Então comecei a juntar consoantes e vogais aleatoriamente. Sem hesitar, Tony começou a me responder da mesma forma. O estranho é que sempre nos compreendemos. O tom e os gestos dizem tudo.

Conheci Tony dois anos atrás, na Strand, em Nova York. É uma das melhores livrarias do mundo. Nós dois estávamos procurando um exemplar de segunda mão de *The Lost Language of Cranes*. A prateleira estava a 2,50 metros de altura, então tínhamos que nos revezar na escada. Ele foi

primeiro, e, quando desceu com um exemplar, eu perguntei se havia outro lá. Surpreso, ele me disse que havia um segundo exemplar e até subiu de novo para pegar para mim. Depois que desceu, ficamos juntos por um minuto, e eu perguntei se ele tinha lido *Equal Affections* ou *A Place I've Never Been*, e ele disse que não, que *The Lost Language of Cranes* era seu primeiro. Depois, foi até os enormes livros de fotografia enquanto eu me perdi nos de ficção.

E teria sido só isso. Jamais nos conheceríamos, jamais teríamos sido amigos. Mas, naquela noite, quando entrei no trem para casa, vi-o sentado sozinho em uma poltrona numa área com três, já na metade do livro que nós dois compramos.

— O livro é bom? — perguntei, quando cheguei ao espaço do corredor ao lado dele.

Primeiro, Tony não percebeu que eu estava falando com ele. Mas então ergueu o rosto, me reconheceu e deu um meio-sorriso.

— É muito bom — respondeu ele.

Eu me sentei, e conversamos um pouco mais. Descobri que ele morava na cidade ao lado da minha. Nós nos apresentamos. Ficamos à vontade. Percebi que estava nervoso, mas não sabia por quê.

Um cara bonito, alguns anos mais velho que nós, passou pelo vagão. Nós dois ficamos olhando.

— Caramba, ele era bonito — comentei, depois que ele saiu.

Tony hesitou por um momento, sem saber o que fazer. Em seguida, sorriu.

— É, ele era bonito. — Como se estivesse revelando seu segredo mais profundo.

E, de várias maneiras, estava mesmo.

Continuamos confabulando. E talvez tenha sido por sermos estranhos, ou talvez porque havíamos comprado o mesmo livro e achado que o mesmo garoto era bonito. Mas foi bem fácil conversar. Andar de trem é movimento só para a frente; nosso diálogo seguiu como se estivesse sobre trilhos, sem preocupação com trânsito ou caminho. Ele me contou sobre a escola dele, que não era como a minha, e sobre os pais, que não eram como os meus. Não usou a palavra *gay*, e eu não precisei que usasse. Ficou subentendido. Essa viagem clandestina era secreta e especial para ele. Tony dissera aos pais que ia para um retiro de igreja. E subiu num trem para visitar as portas abertas da cidade aberta.

Agora, o poder das luzes diminuía sobre a cidade. Os pastos serpenteavam na escuridão até que as cidades menores apareceram, depois as casas com jardins e piscinas de plástico. Conversamos o caminho todo até em casa, com uma cidade de distância uma da outra.

Pedi o número do telefone dele, mas ele me deu um endereço de e-mail. Era mais seguro assim. Falei para ele me ligar a qualquer momento, e fizemos planos. Em outras circunstâncias, isso teria sido o começo de um romance. Mas acho que nós dois sabíamos, mesmo naquele momento, que o que tínhamos era uma coisa ainda mais rara e ainda mais importante. Eu seria seu amigo e mostraria possibilidades a ele. E ele, em troca, se tornaria alguém em quem posso confiar mais do que em mim mesmo.

— *Diltaunt aprin zesperado?* — pergunta Tony agora, me vendo perdido em pensamento.

— *Gastemicama* — respondo decididamente.

Estou bem.

Tenho dificuldade de me concentrar no dever de Tony com tantas coisas em que pensar. De alguma forma, consigo escrever três páginas antes de meu irmão descer e oferecer uma carona a Tony. De todos os meus amigos,

Tony é o que Jay mais gosta. Acho que eles têm silêncios compatíveis. Consigo imaginá-los a caminho da casa de Tony sem dizer nada. Jay respeita Tony, e respeito Jay por causa disso.

Já sei que Tony não vai me dar nenhum conselho sobre o que fazer com Noah, Joni e Kyle. Não é que ele não se importe (tenho certeza de que se importa). Ele só gosta que as pessoas cuidem das suas coisas.

— *Lifstat beyune hegra* — diz ele ao sair. Mas o tom dele não dá pistas. Tchau? Boa sorte? Ligue pra Noah?

Não sei.

— *Yaroun* — respondo.

Tchau. Nos vemos amanhã.

Volto para o meu quarto e termino o dever de casa. Não olho o que Tony escreveu. Tenho certeza de que está ótimo.

Passo o resto da noite em um torpor televisivo. Pela primeira vez em muito tempo, não ligo para Joni. E Joni não liga para mim.

É assim que eu sei que ela sabe que eu sei.

Conversas pendentes

Na manhã seguinte, procuro Noah, mas encontro Joni.

— Temos que conversar — diz ela. Eu não discuto.

Ela me puxa para uma sala de aula vazia. As grandes figuras da história, como Eleanor Roosevelt, Mahatma Gandhi, Homer Simpson, nos olham de pôsteres na parede.

— Você nos viu. Ted nos viu.

Não é uma pergunta, então não preciso responder.

— O que está acontecendo? — pergunto. Subentendida nesta pergunta, há uma bem maior: *Por que você não me contou?*

— Eu não estava esperando que isso acontecesse.

— Que parte? Se apaixonar por Chuck ou ter que admitir?

— Não fique hostil.

Eu suspiro. Sinais prematuros de atitude defensiva não são bons.

— Olha — digo —, você sabe tão bem quanto eu o que Chuck fez depois que Infinite Darlene o rejeitou. Ele destruiu o armário dela e falou mal dela pra escola inteira.

— Ele estava magoado.

— Ele estava surtado, Joni. — (Não tenho a intenção de dizer isso; apenas sai. É um ato falho.)

Joni me lança um olhar que conheço muito bem, o mesmo olhar de quando ela tingiu o cabelo de vermelho no sexto ano e tentei fingir, sem sucesso, que tinha ficado bom; o mesmo olhar de quando tentei convencê-la (depois do primeiro rompimento) de que voltar com Ted não era uma boa ideia; o mesmo olhar de quando confessei que tinha medo de nunca encontrar um namorado que me amasse como eu o amava. É um olhar que acaba com todas as conversas. É um olhar que insiste: *você está errado*.

Somos melhores amigos há tempo demais para brigar por causa disso. Nós dois sabemos.

— E então, você conversou com Ted? — pergunto.

— Eu queria conversar com você primeiro.

Acho que ela está fazendo a coisa errada. Minha intuição quanto a isso é clara: Chuck é péssima ideia. Mas sei que não tem nada que eu possa fazer para convencê-la a mudar de ideia. Não sem provas.

— Então você é, tipo, *namorada* de Chuck agora?

Joni geme.

— Isso ainda veremos, tá? E como você está indo com seu Garoto Misterioso?

— Preciso encontrar ele de novo.

— Você o perdeu?

— Acho que perdi.

Eu me despeço de Joni e sigo para o armário de Noah. Vejo Infinite Darlene e passo escondido por ela. Tenho certeza de que, a essa altura, ela já ouviu sobre Joni e Chuck, e tenho certeza de que vai ter muito a dizer sobre isso.

Também passo por Sete e Oito nos corredores, com as cabeças inclinadas delicadamente um na direção do outro, as vozes impossíveis de ouvir. Seus nomes verdadeiros são Steve e Kate, mas ninguém os chama assim há anos.

Eles começaram a namorar no segundo ano e nunca se separaram. São o um por cento do um por cento que se conhece cedo e nunca precisa encontrar outra pessoa. Não tem como explicar.

Noah está esperando ao lado do armário. Não, melhor mudar isso. Ele está *de pé* ao lado do armário. Não há sinal na postura e nem no olhar de que esteja esperando alguém.

— Oi — digo. Observo a expressão dele em busca de reação. Surpresa? Felicidade? Raiva?

Não consigo interpretá-lo.

— Oi — diz ele, e fecha o armário.

— Me desculpe por ontem — prossigo. — Você recebeu meu bilhete?

Ele balança a cabeça. Fico um pouco desconcertado.

— Ah. Coloquei um bilhete no seu armário. Tentei chegar aqui logo depois da aula, mas dez mil coisas me atrapalharam. Eu queria muito estar aqui.

Ele também não conseguiu me interpretar. A confusão fica evidente no rosto de Noah. Ele não sabe se estou sendo sincero.

— Armário 264, certo?

— Duzentos e sessenta e três.

Ops. Peço desculpas em nome da minha memória patética e pergunto o que ele fez ontem à noite, tentando levar a situação a uma conversa.

— Pinte um pouco de música. E você?

— Ah, eu combati um incêndio na floresta. — Quando não tenho nada de interessante para dizer, costumo tentar inventar alguma coisa interessante. Então, faço uma última tentativa de impressionar: — E comecei a pensar no Baile Aristocrático. Vou planejar tudo.

— O que é o Baile Aristocrático? — pergunta ele.

Eu tinha esquecido que ele é novo na escola. Não faz ideia do que estou falando.

Até onde ele sabe, eu apago mesmo incêndios na floresta no meu tempo livre.

Começo a dar respostas, a explicar o Baile Aristocrático e a fúria de organização de Lyssa Ling. Mas, em vez de dar respostas, quero fazer perguntas. O que ele quer dizer com “pintou um pouco de música”? Está feliz por eu estar aqui? Quer que eu pare de falar? Porque fico falando sem parar. Estou contando para ele sobre a vez, no sexto ano, em que Lyssa Ling tentou vender bagels com bilhetes da sorte dentro para arrecadar dinheiro e que a remessa foi trocada, e recebemos os bagels da sorte que deveriam ter ido para uma despedida de solteiro, com bilhetinhos pornográficos no meio da massa. É uma história engraçada, mas estou conseguindo deixá-la chata. Não posso parar no meio, então vou até o fim. Noah não sai andando nem cochila, mas também não está curtindo a história. Nem eu estou conseguindo prestar muita atenção.

— Graças a Deus encontrei você!

Não é Noah quem diz isso. É Infinite Darlene, bem atrás de mim.

— Estou interrompendo? — pergunta ela.

Eu gosto de verdade de Infinite Darlene. Mas, dentre todos os meus amigos, ela costuma ser a última que apresento a pessoas novas. Tenho que prepará-las. Porque Infinite Darlene não causa a melhor das primeiras impressões. Ela parece muito cheia de si. E é. Só depois que você passa a conhecê-la melhor é que percebe que, de alguma forma, ela conseguiu abranger todos os amigos em sua própria autoimagem. Portanto, quando ela age cheia de si, na verdade está cheia dos amigos mais íntimos também.

Não há como eu esperar que Noah compreenda isso.

Tento lançar um olhar a Infinite Darlene para que ela perceba que está interrompendo sem ter que falar em voz alta.

Não dá certo.

— Você deve ser aquele garoto de quem Paul gosta — diz ela para Noah.
Eu fico vermelho como o Elmo.

— E cara — continua Infinite Darlene —, você é bonito.

Na primeira vez que Infinite Darlene falou comigo assim, eu gaguejei por dias. Noah sorri e age normalmente.

— E todas as garotas desta escola são legais como você? — pergunta ele.
— Se sim, tenho certeza de que vou gostar daqui.

Ele olha diretamente para ela ao dizer isso. E consigo perceber que até Infinite Darlene está um pouco surpresa, porque fica claro que ele a está vendo exatamente como ela quer ser vista. Poucas pessoas fazem isso.

Com duas frases, ele conseguiu ganhar minha amiga mais crítica.

Estou espantado.

Também estou envergonhado pela declaração de Infinite Darlene em relação a meus sentimentos por ele. Claro, sou delicado como as costas de um camelo... mas eu ainda estava tentado ganhá-lo com meu próprio plano doce (fosse lá qual fosse).

É claro. Infinite Darlene só deixa passar um segundo antes de atacar de novo.

— Esse boato horrível e cruel que ouvi é verdade? Me conte delicadamente.

— Você se importa se eu fizer um pequeno desvio? — pergunto a Noah, e acrescento rapidamente: — Por favor, fique.

— Tudo bem — diz ele.

Com isso resolvido, encaro Infinite Darlene. De saltos, ela é facilmente 15 centímetros mais alta que eu. Em um esforço para dar a notícia

delicadamente, falo com o queixo dela.

— Parece que Joni começou alguma coisa com...

— Pare! — interrompe Infinite Darlene, dando um passo para trás e levantando a mão. — Não aguento mais. Por que, Paul? *Por quê?*

— Não sei.

— Ele não presta.

Não vou discutir com um capitão de futebol que tem unhas compridas.

— Será que não ensinei *nada* a ela? — Está claro que Infinite Darlene está exasperada. — Eu *sei* que ela tem mau gosto. Mas isso é como lambar a sola do salto alto.

Fica óbvio que Infinite Darlene ainda sente alguma hostilidade em relação a Chuck.

— Tenho que encontrar essa garota e abrir os olhos dela — conclui Darlene.

Faço uma tentativa exagerada de dissuadi-la, mas nós dois sabemos que não vou conseguir de jeito nenhum. Ela sai bufando.

— Amiga sua? — pergunta Noah de sobrelance erguida.

Eu faço que sim com a cabeça.

— Aposto que ela é sempre assim.

Concordo de novo.

— Eu me sinto muito calmo em comparação.

— Todos nos sentimos — garanto. — É o tipo de coisa com que eu estava lidando ontem quando deveria estar aqui.

— Isso acontece com frequência?

— Não essa coisa específica, mas normalmente tem alguma coisa assim.

— Você acha que conseguiria escapar da crise por algumas horas esta tarde?

Como Infinite Darlene acabou com meus esforços de ser discreto tão claramente, decido me arriscar.

— Você não está me chamando só porque gosto de você?

Ele sorri.

— A ideia jamais cruzou meu pensamento.

Não dizemos mais nada além disso. Ou melhor, é claro que dizemos coisas; fazemos planos e tal. Mas o assunto “nós” fica reduzido a sinais e vontades.

Fazemos planos para depois da aula.

Vou ajudá-lo a pintar um pouco de música.

Pintando música

A casa de Noah fica numa parte diferente da cidade, mas o bairro parece igual. Cada casa tem um capacho enorme de gramado na frente, com a entrada de carros de um lado e uma cerca do outro. Deveria ser tedioso e previsível, mas não é. As casas são personalizadas, com gerânios dando cor à escada de entrada, um par de janelas pintadas em harmonia com o céu azul. No jardim de Noah, as cercas são do formato de lâmpadas. É legado do dono anterior, ele me conta.

Noah mora bem perto da escola, então andamos pelas ruas sinuosas juntos. Ele me pergunta há quanto tempo moro na cidade, e digo para ele que morei aqui minha vida toda.

— Como é isso? — pergunta ele.

— Não tenho nada com que comparar — digo, depois de pensar por um momento. — Isto é tudo que eu conheço.

Noah explica que a família dele se mudou quatro vezes nos últimos dez anos. Essa é para ser a última parada; agora os pais dele viajam a trabalho em vez de fazer a família toda se mudar para a cidade mais próxima onde fica a sede da empresa.

— Fico tão deslocado — confessa Noah.

— Você está aqui agora — digo para ele.

Se minha família fosse se mudar (sinceramente, não consigo imaginar, mas estou declarando isso aqui por uma mera questão de argumento), eu acho que nós demoraríamos uns três anos para desempacotar todas as caixas. Mas a família de Noah já botou tudo no lugar. Entramos pela porta da frente, e fico impressionado com o quanto tudo está imaculado. A mobília está encaixada ao novo lar; a única coisa que falta na casa é bagunça. Entramos na sala de estar, e parece uma daquelas de uma casa onde não mora ninguém.

Seguimos para a cozinha para comer alguma coisa. A irmã de Noah está sentada, prestando atenção à mesa no canto, como um pai ou mãe esperando tarde da noite que o filho volte para casa.

— Você está atrasado — diz ela. — Perdeu a ligação da mamãe.

Ela deve estar no oitavo ano, talvez sétimo. Tem idade suficiente para passar maquiagem, mas ainda não descobriu como usar direito.

— Ela vai ligar de novo? — pergunta Noah.

— Talvez.

Fim de conversa.

Noah pega a correspondência na mesa e olha os catálogos e malas diretas em busca de alguma coisa importante.

— Paul, esta é minha irmã, Claudia — diz ele, enquanto separa o reciclável do não reciclável. — Claudia, este é Paul.

— É um prazer conhecer você — digo.

— É um prazer conhecer você também. Não magoe ele como Pitt magoou, tá?

Noah está irritado agora.

— Claudia, vá para o seu quarto — diz ele, e desiste da correspondência.

— Você não manda em mim.

— Não consigo acreditar que você acabou de dizer isso. Quantos anos você tem, 6?

— Me desculpe, mas não foi você quem acabou de dizer “vá para o seu quarto”? E, aliás, Pitt acabou com você. Ou você já esqueceu?

Está na cara que Noah não esqueceu. E nem Claudia, para crédito dela.

Satisfeita pela virada na conversa, Claudia deixa o assunto de lado.

— Acabei de fazer uma jarra de *smoothie* — diz ela, enquanto se levanta da mesa. — Podem tomar um pouco, mas deixem pelo menos metade.

Depois que ela sai, Noah me pergunta se eu tenho uma irmãzinha. Respondo que tenho um irmão mais velho, que não é a mesma coisa.

— São métodos diferentes de te dar uma surra — diz Noah.

Eu concordo.

Depois de beber um pouco da mistura de manga, cereja e baunilha de Claudia, Noah me leva pela escada de trás até o quarto dele.

Antes de chegarmos à porta, ele diz:

— Espero que você não se importe com esquisitices.

Na verdade, eu nunca tinha pensado muito antes em esquisitices.

Mas aí eu vejo o quarto de Noah e entendo exatamente o que ele quer dizer.

Não sei como começar, nem a olhar para ele, nem a descrever. O teto é uma espiral de praticamente todas as cores que você puder imaginar. Mas não parece ter sido pintado com cores diferentes; parece que elas apareceram ao mesmo tempo, como um todo. Uma das paredes é coberta de carrinhos de brinquedo colados em direções diferentes, com uma cidade e ruas desenhados ao fundo. A coleção de música está sobre um balanço pendurado no teto; o som fica em um pedestal de cartões postais de lugares absurdos: Botsuana, o aeroporto internacional de Kansas City, uma convenção de Elvis. Os livros se alinham em prateleiras independentes

penduradas em ângulos diferentes na parede verde-mar. Eles desafiam a gravidade, como bons livros devem fazer. A cama ocupa o meio do quarto, mas pode ser empurrada sobre as rodinhas para qualquer canto sem esforço. As persianas são feitas de velhas embalagens de chiclete, arrumadas em um certo padrão.

— Você fez isso tudo em dois meses? — pergunto.

Demorei 15 anos para decorar meu quarto, e não é tão complicado e nem... esquisito. Eu gostaria que fosse.

Noah assente.

— Como não conheço muita gente aqui, acho que tive tempo.

Ele vai até o som, aperta alguns botões e dá um sorriso meio nervoso.

— Isso é muito legal — digo para ele. — É um quarto muito legal. O meu não chega nem perto.

— Duvido — declara ele.

Não é que eu não perceba a estranheza do momento. Eu percebo que nós dois não nos conhecemos de verdade. E, ao mesmo tempo, tem aquela energia reconfortante e indefinida que nós dois estamos sentindo, que intuitivamente nos diz que *deveríamos* nos conhecer. Ao me mostrar o quarto dele, ele está me dando um vislumbre de sua alma. Estou nervoso quanto a retribuir.

No meio da parede com livros em ângulos há uma porta muito estreita, que não pode ter mais de 60 centímetros de largura.

— Por aqui — diz Noah, levando-me naquela direção.

Ele a abre e deixa à mostra uma série de camisas. Em seguida, desaparece lá dentro.

Eu vou atrás. A porta se fecha atrás de mim. Não tem luz.

Seguimos pelo armário, que é estranhamente profundo. Por ser tão estreito, as roupas de Noah estão penduradas em camadas. Passo pela fileira

de camisas e me vejo envolto em dois suéteres.

— Estamos indo para Nárnia? — pergunto.

Passo a engatinhar espremido para segui-lo por uma passagem que parece de ventilação. Logo, as pernas dele se esticam para cima; ele está de pé em uma nova passagem, subindo por uma escada de corda na direção de um alçapão. Pelo que sei, estamos indo para um canto do sótão. Mas não tenho como ter certeza.

Quando o alçapão é levantado, a luz cai sobre nós. Estou cercado de tijolos. Estou no meio de uma velha chaminé.

No alto da escada de corda há um quarto branco. Tem uma janela, um armário e dois alto-falantes. Há também um cavalete no meio do quarto, com um quadrado branco de papel esperando.

— É aqui que eu pinto — diz Noah, enquanto monta um segundo cavalete. — Mais ninguém pode vir aqui. Meus pais me prometeram isso quando nos mudamos. Você é a primeira pessoa a ver o lugar.

O chão está manchado: rastros de tinta, pontos e formas. Até as paredes brancas têm indicações de vermelho, azul e dourado. Noah não parece se importar.

Estou um pouco preocupado, pois, na última vez que pintei, havia números no papel me dizendo que cores usar. Sou ótimo em rabiscos, mas, fora isso, meu repertório artístico é bem limitado.

— Jesus morreu por nossos pecados — diz Noah solenemente.

— O quê?!? — eu respondo, e sufoco meus pensamentos.

— Eu só estava vendo se você estava ouvindo. Seu rosto ficou distante por um segundo.

— Bem, agora estou de volta.

— Que bom. — Ele me entrega um vaso com pincéis e uma bandeja de gelo com tintas. — Agora podemos começar.

— Espere! — eu protesto. — Não sei o que fazer.

Ele sorri.

— Apenas escute a música e pinte. Siga o som. Não pense em regras. Não se preocupe em fazer perfeito. Apenas deixe a música te levar.

— Mas e as instruções?

— Não existem outras instruções.

Ele anda até os alto-falantes e os liga na parede. A música começa a entrar no aposento como um aroma perfumado. Um piano soa em uma cadência de jazz. Um trompete começa a tocar. E então, a voz, uma voz maravilhosa, começa a cantar.

“There’s a somebody I’m longing to see...”

— Quem é? — pergunto.

— Chet Baker.

Ele é maravilhoso.

— Não se perca nas palavras — diz Noah, pronto para pintar. — Siga os sons.

A princípio, não sei o que isso quer dizer. Mergulho o pincel em um roxo aveludado. Levo até a tela e escuto a música. A voz de Chet Baker é sinuosa, flutuante. Encosto o pincel no papel e tento fazê-lo voar em sincronia com a música. Mexo-o para baixo e para cima. Não estou pintando uma forma. Estou pintando a melodia.

A música continua. Lavo o pincel e experimento cores diferentes. O amarelo girassol sai em pedaços, enquanto o vermelho tomate flerta com as linhas do roxo. Outra música começa. Pego um azul da cor dos oceanos.

“... I’m so lucky to be the one you run to see...”

Fecho os olhos e acrescento o azul à minha pintura. Quando os abro, olho para Noah e vejo que ele estava me encarando. Acho que sabe que entendi.

Outra música. Agora, sou capaz de ver coisas na minha pintura: uma indicação de asa, um contorno de maré.

Noah me surpreende ao falar.

— Você sempre soube? — pergunta ele.

Sei imediatamente de que ele está falando.

— Basicamente, sim — respondo. — E você?

Ele assente, ainda com os olhos na tela e com o pincel numa marca azul.

— Tem sido fácil pra você?

— Tem — digo para ele, porque é a verdade.

— Nem sempre foi fácil pra mim — conta ele, e não fala mais nada.

Paro de pintar e o observo por um momento. Ele está concentrado na música agora, mexendo o pincel em arco. Parece completamente sincronizado com o trompete que faz um solo acima da batida. O humor dele se reflete em azul-marinho. Será que é o coração partido que o deixa triste (lembro-me do comentário da irmã dele na cozinha), ou será que é outra coisa?

Ele sente minha imobilidade e se vira para mim. Tem alguma coisa na expressão dele no momento antes de falar... Não consigo dizer se é vulnerabilidade ou dúvida. Será que está inseguro com ele mesmo ou comigo?

— Quero ver o que você fez — diz ele.

Eu balanço a cabeça.

— Só quando a música acabar.

Mas, quando a música acaba, ainda não estou satisfeito.

— Não parece certo — digo para ele, quando a música seguinte começa.

— Me deixe ver — diz ele.

Parte de mim quer bloquear a visão dele, esconder o que criei. Mas eu deixo que ele veja mesmo assim.

Ele fica de pé ao meu lado, olhando para a música que eu pinteí. Quando fala, o trompete de Chet Baker acentua suas palavras.

— Isto é esplêndido — diz ele.

Ele está tão perto de mim. Só consigo sentir a presença dele. Está no ar ao nosso redor, na música ao nosso redor e em todos os meus pensamentos.

Ainda estou segurando o pincel. Ele estica a mão até a minha e o levanta com delicadeza.

— Aqui — sussurra ele, me guiando sobre o papel, deixando uma trilha marrom.

“It’s only twilight, I watch ‘til the star breaks through...”

O pincel cobre a distância. Nós dois sabemos quando termina. Nossas mãos se abaixam juntas, ainda segurando-o.

Não soltamos.

Ficamos ali olhando. Com a mão dele sobre a minha. Nossa respiração.

Deixamos tudo não dito.

A música termina. Outra começa. Esta é bem mais animada.

“Let’s get lost...”

Nossas mãos se separam. Eu me viro para Noah. Ele sorri, anda até o próprio cavalete e pega o pincel. Eu vou atrás para espiar por cima do ombro dele.

Estou atônito.

A pintura não é abstrata. Ele só usou uma cor, um verde quase preto. A mulher na pintura está dançando de olhos fechados. Ela é tudo que Noah desenhou, mas você só precisa ver o corpo dela para entender o que está acontecendo. Ela está em uma pista de dança, e está dançando sozinha.

— Uau — murmuro.

Ele se vira com timidez.

— Vamos terminar — diz ele.

Assim, eu volto para o meu cavalete e piso nas marcas de tinta que já deixei no chão. Nós nos perdemos nas músicas mais uma vez. Em algum momento, ele canta junto brevemente. Eu não paro para ouvir, só trabalho na minha tela. Meus grupos de cores estão se encontrando com a dançarina dele em algum lugar no meio do quarto. Não precisamos falar para estarmos cientes da presença um do outro.

Ficamos assim até o crepúsculo colorir a janela e a hora me chamar para casa.

Abanando o rabo para Chuck

— E aí, você o beijou? — É a primeira coisa que Joni pergunta.

Ela nunca demora para ir direto ao ponto. Vai me fazer todas as perguntas sobre Noah que eu não vou fazer a ela sobre Chuck.

Não sou desses que faz e conta, mas Joni sabe sobre todos os garotos que já beijei. Algumas vezes, contei dois minutos após o acontecido; outras vezes, o assunto surgiu anos depois, como uma forma de eu provar que ela não sabe *tudo* sobre mim. Desde meu primeiro beijo em Cody na brincadeira de girar a garrafa até o beijo final e conflitante de despedida em Kyle, Joni é a pessoa com quem compartilho as histórias. Portanto, não é surpresa ela me fazer perguntas agora, no telefone, 15 minutos depois de eu chegar da casa de Noah.

— Não é da sua conta — digo.

— Isso aí é um “não é da sua conta” sim ou um “não é da sua conta” não?

— Eu não quero contar pra você.

— Portanto, é não.

Não sei como explicar a ela. Não é que eu não quisesse beijar Noah. E acho que ele queria me beijar. Mas deixamos o momento se prolongar no silêncio. A promessa de um beijo vai nos levar adiante.

Como não falo mais nada, Joni deixa o assunto de lado. Para minha surpresa, ela escolhe Kyle como assunto.

— Kyle falou com você? — pergunta ela, de uma forma que deixa claro que Kyle falou com *ela*.

— Dizer oi no corredor conta?

— Bem, é um passo.

Joni sempre gostou de Kyle. Ela adorava as confusões, as mágoas, a perplexidade dele... as mesmas coisas que eu gostava nele, assim como seu charme natural e sinceridade. Quando essas coisas se viraram contra mim, acho que Joni ficou quase tão magoada quanto eu. Ela havia me confiado a Kyle. Ele decepcionou a nós dois.

A questão é que Joni superou bem mais facilmente que eu. Acho que a mágoa é essencialmente uma emoção de experiência. Quando Kyle começou a falar de moral e integridade, ela estava disposta a acreditar nele. É verdade que ele começou a sair com garotas, mas esses relacionamentos raramente duravam mais que um curso preparatório para o vestibular. Depois que eles terminavam, jamais continuavam amigos.

— Acho que ele quer falar com você. Eu *sei* que ele quer falar com você.

— Sobre o que ele poderia querer falar?

— Acho que está se sentindo mal — comenta Joni.

Eu me pergunto o que quer dizer *se sentindo mal* nessa situação em particular. Não consigo imaginar que seja o mesmo *se sentindo mal* de quando você empresta seu suéter favorito e ultraconfortável para o seu namorado e o vê usando-o enquanto diz que o único sentimento que tem por você no momento é irritação, e então usando de novo uma semana depois ao passar por você no corredor, fingindo que não existe enquanto flerta com a única garota que ficou atrás dele durante todo o tempo em que vocês estavam juntos. Não pode ser o mesmo *se sentindo mal* de saber que o

suéter, o que deixava você com a melhor aparência, o que fazia você se sentir melhor, o que você agora tem medo que ele esteja usando quando o encontra entre as aulas, está no fundo de um armário, onde ele nem dá a menor importância, ou foi dado para alguma outra pessoa que ele fingiu amar.

Talvez eu precise polir meu traço vingativo, mas não quero que ele se sinta ruim assim. Porque eu o vi, e notei a solidão por trás dos olhos dele, a forma como ele para nos corredores, sem saber para onde dar o próximo passo.

Como ele me fez me sentir invisível, passei meses desejando que desaparecesse. Agora, parece que consegui metade do meu desejo. Sua alma se foi. O corpo ficou.

— Como ele está? — pergunto a Joni, apesar de meus instintos.

— Não sei se está feliz. Mas tem um gato.

— Um gato? — Até onde sei, Kyle odeia animais.

— Ele pegou um de rua.

— Que irônico — digo, apesar de saber que Kyle é uma das poucas pessoas da nossa escola que não usa a ironia a cada vez que respira.

— Chuck também tem um gato — oferece Joni.

Essa é a forma de me dizer que quer falar sobre Chuck, é claro.

Eu me preparo.

— Ele não é tão ruim — diz ela.

— Quem? Kyle? — Não vou tornar isso fácil. É meu direito como melhor amigo dela.

— Não, Chuck. Gosto mesmo dele.

— Tenho certeza de que, se eu passasse mais tempo com ele, poderia conhecê-lo melhor — argumento, escolhendo as palavras com muito cuidado.

— E tenho certeza de que vou gostar de Noah.

Eu fico paralisado por um momento, com medo de ela propor um encontro duplo. Mas Joni só diz que ela, Chuck e eu deveríamos almoçar juntos amanhã.

Como ela é minha melhor amiga, eu falo sim.

Só os alunos do último ano podem sair do *campus* no almoço, mas isso não impede que o resto de nós saia mesmo assim. A mulher do diretor é dona da loja de sanduíches da rua, e acho que o negócio fecharia em um segundo sem o apoio dos alunos do primeiro e do segundo anos que fogem do refeitório. Os formandos podem ir dirigindo até algum lugar melhor, mas os outros alunos basicamente têm duas escolhas para onde podem ir a pé.

Sempre que saio, dispenso a loja de sanduíches e vou direto ao Veggie D do outro lado da rua. O Veggie D era antes a típica lanchonete de fast-food com comida feita de produto de matadouro processado, mas há alguns anos um bando de vegetarianos iniciou um boicote e em pouco tempo a rede perdeu a loja. Uma cooperativa local assumiu o lugar e deixou as instalações intactas. Eles fizeram até os funcionários manterem os uniformes, só que com uma folha presa no local onde ficava o logotipo da marca.

Como Joni dirige, nós poderíamos ir a um outro lugar. Mas quero estar em local de fácil partida desta vez, para o caso de Chuck me fazer querer ir embora.

O que quero realmente é, claro, passar o máximo de tempo que puder com Noah. Isso é repentino e incomum para mim, mas decido seguir minha vontade. Quero saber mais. Falo isso para ele quando o vejo em frente ao armário antes do primeiro tempo. Ele me diz para não me preocupar com o almoço, pois temos um fim de semana inteiro a caminho e todo o tempo que este oferece. Sem dizer nada, combinamos de trocar bilhetes entre cada aula. Entre o primeiro e o segundo tempo, nos encontramos no meu

armário. Entre o segundo e o terceiro, seguimos para o dele. E assim por diante. Ao ler sobre seu tédio na aula de matemática, ou sobre o sonho dele da noite anterior com pinguins, ou o telefonema da mãe de algum saguão de aeroporto qualquer, começo a aprender sobre ele na primeira pessoa. Tento escrever as respostas da mesma forma, dando uma pequena pista sobre mim a cada frase. Para ele, relembro o sorriso da minha avó, o dia em que Jay e eu nos vestimos um como o outro no Halloween (nenhum dos vizinhos entendeu), as palavras da Sra. Benchly na minha avaliação do jardim de infância. É tudo aleatório, mas meus pensamentos são assim. Consigo perceber pelos bilhetes de Noah que temos uma aleatoriedade compatível.

Pedi para Joni se encontrar comigo (com Chuck) em frente ao meu armário. Em retrospecto, é uma decisão muito idiota. Porque, assim que eles aparecem, Infinite Darlene passa por nós, estalando a língua e farfalhando. Para piorar, quando Chuck e eu estamos nos cumprimentando com acenos de cabeça, Ted aparece atrás dele. Ted para por um segundo e dá uma boa olhada no que estamos fazendo. Ele também sai andando com raiva, traído. Eu me sinto como um ácaro. E ainda tenho que aguentar o almoço.

Chuck é um cara baixo, mas malha muito, e o resultado é que parece um hidrante. Na maior parte das vezes, também age como hidrante. A conversa não é seu ponto forte. Na verdade, não sei bem se é um ponto que ele tenha.

Portanto, somos Joni e eu quem conversamos durante todo o caminho até o Veggie D. Duvido que Chuck esteja feliz com nosso destino, pois ele me parece carnívoro, mas não protesta. Eu me vejo gostando dele mais ou menos quando sua boca está fechada.

Depois que Joni pede um veg-hummus e uma porção de seis pedaços de veg-nuggets de tofu, Chuck e eu optamos pelo hambúrguer duplo de lentilha e carne de soja com batatas fritas de acompanhamento. Eu compro um *smoothie*, mas Chuck escolhe uma VegCola.

— Não gosto de fruta — explica ele. — Sem querer ofender.

Só que o “sem querer ofender” dele me ofende.

Mas, como ele é o namorado novo da minha melhor amiga, eu deixo para lá.

(Por enquanto.)

Comer faz Chuck falar mais. Ele e Joni estão sentados à minha frente, de mãos dadas enquanto mastigam. Eles têm exatamente a mesma altura.

Como Chuck é um cara que gosta de esportes, acho justo eu fazer um placar da conversa.

— Ouvi falar que você está planejando o baile — diz ele. (Cinco pontos: ele está mostrando interesse em mim em vez de se gabar sobre si mesmo.)

— Ah — respondo. — Lyssa Ling vai planejar. Eu só vou auxiliar.

— Dá no mesmo. — (Menos dois pontos.) — Se você quiser levar um barril de cerveja escondido, meu pai conhece um fornecedor e devo conseguir mais barato pra você. — (Mais três pontos por ser prestativo, menos dois por ser inapropriado.)

— O pai de Chuck tem a maior coleção de bebidas que já vi — diz Joni.

— Mas ele não bebe nada — prossegue Chuck. — Só gosta das garrafas. — (Mais três por ter um pai interessante.) — Não é ridículo? — (Menos quatro por não perceber.)

— Como está o futebol americano este ano? — pergunto.

Os olhos de Chuck se iluminam. (Joni teria sorte se a menção ao nome dela levasse a reação similar.)

— Acho que temos uma grande chance de ganhar o estadual. Watchung é um time fraco, e o melhor jogador de South Orange se formou no ano passado. O melhor jogador de Livingston está sofrendo uma acusação, e Hanover não monta um time decente desde que o técnico era jogador. Precisamos ter cuidado com Caldwell, mas sinto que podemos vencê-los se

nos mantivermos em alerta. Nossos treinos andam *demais* ultimamente. Somos unidos, sabe. Unidos pra caramba.

(Dez pontos por paixão. E daí que é de futebol que ele está falando; se você consegue ficar tão envolvido e empolgado com o que faz, ganha pontos.)

— O único problema — prossegue Chuck — é nosso maldito *quarterback*. Ele é completamente louco.

Menos vinte pontos. Chuck sabe que sou amigo de Infinite Darlene. Então, por que está falando mal dela? Será que não sabe que não deve?

Ele prossegue.

— Ele está mais preocupado em não quebrar as unhas do que em jogar a bola de couro. — (Ao ouvir a palavra *couro*, metade dos clientes do Veggie D se vira e nos lança um olhar feio.) — Ele devia entrar em concursos de beleza em vez de correr no campo, se é que você me entende.

Ah, eu entendo. Ele quer dizer: *Fiquei a fim da quarterback, mas ela não ficou a fim em mim, e agora vou falar mal dela porque não posso desfazer a paixonite que já senti*. Consigo ver por trás de cada palavra dele, pois já vi Infinite Darlene no campo de futebol americano. Quando ela está nele, é supereficiente. Quebra as unhas e mancha o rímel e sua e resmunga e empurra e faz o que precisar para chegar à zona final. É pura precisão e zero distração. E deve ter sido isso que atraiu Chuck.

Eu paro de contar pontos porque, na minha opinião, Chuck já perdeu o jogo. Olho para Joni em busca de confirmação... mas ela só sorri para mim. Como se dizendo, *Ele não é fofo?*

Chuck me pergunta sobre filmes, porque Joni deve ter contado a ele que gosto de cinema. Mas só me pergunta sobre filmes que viu, para poder dar a opinião dele. Opiniões como “aquela caçada de helicópteros foi intensa” e “ela não sabe atuar, mas é uma tremenda gata”. Olho para Joni de novo.

Ela está assentindo o tempo todo.

Não está dizendo muito.

Ela segura a mão dele e exibe uma expressão feliz.

Parte de mim quer gritar, e parte de mim quer rir, as duas pelo mesmo motivo: esta é uma situação impossível. Joni não precisa da minha aprovação, mas quer mesmo assim, da mesma forma que eu quereria a dela. Mas, se eu aprovar, estarei mentindo. E, se não aprovar, estarei me afastando de uma grande parte da vida dela.

— Gostei muito do artigo que você escreveu para o jornal sobre a lei dos crimes de ódio — diz Chuck agora.

Será que ele percebeu que me perdeu? Será que está tentando me conquistar de volta? Esse esforço por si só contaria um pouco, se não bastante.

Costumo pensar que nosso período de almoço de 34 minutos é curto demais. Agora, sinto que é do tamanho certo. Separamos o lixo e jogamos fora, depois voltamos para a escola. Como é sexta-feira, conversamos sobre os planos para o fim de semana. Por algum motivo, decido não mencionar Noah. Em contraste, todos os planos que Joni e Chuck mencionam começam com a palavra *nós*. Normalmente, Joni e eu planejaríamos algum momento juntos no fim de semana. Desta vez, nenhum de nós menciona isso.

Eu reparo nisso. E me pergunto se ela repara também.

Entre o sexto e o sétimo tempos, antes de eu receber um bilhete de Noah, Ted vem diretamente até mim e me chama de traidor. Devo dizer que nunca achei antes que estivesse do lado de Ted. Na verdade, eu costumava gostar quando Joni decidia dar o fora nele. Mas hoje, a sensação é diferente. Hoje, eu me sinto *mesmo* um traidor, apesar de talvez ter sido Joni quem eu traí.

— Você está escolhendo um lado — diz Ted, com rancor.

— Não estou — tento convencê-lo. — E achei que você tivesse dito que não ligava.

— Não ligo. Mas não achei que você apoiaria a decisão idiota dela, Garoto Gay. Achei que você tivesse bom senso.

Não posso dizer que concordo porque Joni acabaria ouvindo e saberia o que realmente sinto. Portanto, fico ali de pé e aguento a onda de raiva dele. Deixo claro que não sei o que fazer.

Ele me olha com expressão superior por um segundo e diz:

— Tudo bem.

Em seguida, sai andando para a próxima aula.

Eu me pergunto se é possível começar um novo relacionamento sem magoar alguém. Eu me pergunto se é possível ter felicidade sem ser à custa de outra pessoa.

E então, vejo Noah vindo até mim com um bilhete dobrado no formato de uma garça.

E penso que sim, é possível.

Acho que posso me apaixonar por ele sem magoar ninguém.

Uma caminhada no parque

Nosso plano para o sábado é não ter planos para o sábado. Isso me deixa um pouco incomodado, pois sou bastante fã de planos. Mas, por Noah, estou disposto a experimentar um dia de passeio não planejado.

Ele vai passar na minha casa ao meio-dia. Não tenho problema nenhum com isso até me dar conta de que ele quer dizer que vai conhecer minha família.

Não me entenda mal, eu gosto da minha família. Enquanto os pais de muitos dos meus amigos estão discutindo, se divorciando e compartilhando a guarda de filhos, meus pais estão planejando férias em família e arrumando a mesa para jantares. Eles costumam ser ótimos na hora de conhecer meus namorados, embora eu ache que sempre ficam um pouco confusos quanto a quem é meu namorado e quem é apenas um amigo que por acaso é menino. (Eles demoraram dois meses para entender que Tony e eu não estávamos juntos.)

Não, meu medo não é que meus pais empurrem Noah porta afora com uma picana de agulhar gado. Na verdade, tenho medo de eles serem simpáticos demais e entregarem muito de mim antes de eu ter a chance de revelar. Como precaução, tranco todos os álbuns de família em uma gaveta e decido dizer que Noah é um “novo amigo” sem especificar mais nada. Jay,

que, como qualquer irmão mais velho, adora me ver pouco à vontade, é o grande coringa. Ele vai estar no treino de tênis, mas não dá para saber quando deve voltar para casa.

Arrumo meu quarto detalhadamente, depois bagunço um pouco para não parecer arrumado. Tenho medo de não ser esquisito o bastante. Na verdade, é o museu da minha vida toda, desde os Snoopys com guarda-roupas à bola de espelhos que meus pais compraram quando me formei no quinto ano e os livros de Wilde ainda abertos no chão do trabalho de inglês da semana passada.

Esta é minha vida, penso. Sou uma acumulação de objetos.

A campainha toca precisamente ao meio-dia, como se estivesse ligada a um relógio de piso.

Noah é pontualíssimo. E trouxe flores para mim.

Tenho vontade de chorar. Sou tão bobo, mas agora estou tão feliz. São jacintos e jacarandás e uma dezena de outras flores que não consigo nem começar a nomear. Um alfabeto de flores. Ele as está dando para mim, sorrindo e dizendo oi, esticando os braços e colocando-as na minha mão. A camisa dele brilha um pouco na luz do sol, e o cabelo está bagunçado, como sempre. Ele hesita um pouco no degrau de entrada, esperando para ser convidado.

Eu me inclino para a frente e o beijo. As flores são esmagadas entre nossas camisas. Toco nos lábios, inspiro seu hálito. Fecho os olhos, abro os olhos. Ele está surpreso, consigo perceber. Também estou surpreso. Noah retribui meu beijo com um beijo que parece um sorriso.

É muito gostoso.

Na verdade, é maravilhoso.

— Oi — digo.

— Oi — responde Noah.

Ouçõ passos descendo a escada. Meus pais.

— Entre — convidado.

Eu seguro as flores em uma das mãos e coloco a outra atrás do corpo. Noah a segura ao passar pela porta.

— Oi — dizem meus pais ao mesmo tempo ao chegarem no pé da escada.

Com um olhar, eles veem as flores e eu e Noah de mãos dadas. Conseguem perceber imediatamente que Noah é mais que apenas um novo amigo.

Eu não me importo.

Minha mãe olha instintivamente para os dentes de Noah quando ele diz:

— É um prazer conhecer vocês.

Não posso culpá-la; ela é dentista e não consegue evitar. A maior briga que tivemos foi quando me recusei a botar aparelho. Nem abri a boca para o ortodontista ver meus dentes. Ele ameaçou colocar o aparelho na minha boca fechada, e, no que me diz respeito, isso foi tudo. Não aceito ser forçado a nada, e tenho dentes tortos para provar. Minha mãe fica sempre envergonhada disso, embora seja legal o bastante para não tocar mais no assunto.

Como sou filho da minha mãe, reparo imediatamente que os dentes de baixo de Noah são um pouco trepados. Como não sou *totalmente* filho da minha mãe, acho esse defeito bonitinho.

— É um prazer conhecer você — diz meu pai para Noah, esticando a mão para apertar a dele.

Noah e eu soltamos as mãos para ele poder causar uma boa impressão. Na minha opinião, meu pai tem o aperto de mão perfeito, nem mole demais e nem apertado demais. O aperto de mão é o grande nivelador dele; quando ele recolhe a mão, você sente que está no nível dele. Meu pai desenvolveu

essa arte durante anos como diretor de filantropia da Puffy Soft, uma cadeia nacional de artigos de higiene pessoal. Seu trabalho é pegar uma parte do lucro da venda de papel higiênico e dar o dinheiro para programas escolares sem recursos. Ele é um exemplo ambulante de por que nosso país é um lugar tão estranho e inacreditável.

Noah está olhando nossa sala de estar, e vejo tudo pelos olhos dele. Percebo como a estampa do papel de parede é estranha e como todas as almofadas do sofá estão empilhadas no chão, traindo o fato de que alguém (provavelmente meu pai) acabou de dar uma deitadinha.

— Vocês querem panqueca? — pergunta minha mãe.

— Minha família acredita que o café da manhã pode ser servido em qualquer refeição — explico para Noah.

— Eu topo — responde ele. — Isto é, se você quiser.

— Topa? — pergunto.

— Se você quiser.

— Tem certeza?

— Você tem?

— Vou fazer as panquecas — interrompe minha mãe. — Vocês têm uns dez minutos pra decidir se vão querer comer.

Ela vai para a cozinha. Meu pai aponta para as flores.

— É melhor botar na água — diz ele. — São lindas.

Noah fica vermelho. Eu fico vermelho. Mas não me mexo. Não sei se Noah já está pronto para ficar sozinho com meu pai. Por outro lado, se eu ficar, vou ofender os dois. Portanto, vou até o vaso mais próximo.

Só quando acabou, só quando tenho uma pausa sensorial, a enormidade do que aconteceu desaba em mim. Dois minutos atrás, eu estava beijando Noah e ele estava me beijando também. Agora, ele está na sala com meu pai.

O garoto que acabei de beijar está conversando com meu pai. O garoto que quero beijar de novo está esperando que minha mãe sirva panquecas.

Tenho que lutar contra a vontade de surtar.

Encontro uma garrafa térmica velha de *Dallas* e coloco as flores lá dentro. A cor delas complementa a dos olhos de Charlene Tilton lindamente. A garrafa térmica é uma relíquia dos primeiros anos do namoro eterno dos meus pais.

Agora que as flores estão no lugar, eu me sinto um pouco melhor. E então, ouço a voz do meu pai na outra sala.

— Olhe como as coxas dele estão grandes aqui!

Ah, não. O templo de fotos. Como posso ter esquecido?

E realmente, quando entro, encontro Noah enquadrado por molduras, a história da minha transformação de rechonchudo a desajeitado a sem jeito a magricela a sem jeito de novo, tudo no espaço de 15 anos.

Por sorte, as coxas em questão são do meu eu de seis meses.

— As panquecas estão quase prontas! — grita minha mãe.

Seguimos para a cozinha. Meu pai vai na frente, e consigo ficar para trás com Noah um momento. Ele parece estar se divertindo.

— Você se importa? — pergunto.

— Estou me divertindo — garante ele.

Sei que as famílias das outras pessoas são sempre mais divertidas que a sua. Mas não estou acostumado com a minha família ser a família das outras pessoas.

— Estados ou países? — pergunta meu pai quando chegamos à cozinha.

— Você escolhe — responde minha mãe.

Não faço ideia de por que fico surpreso com isso. Deve ser a presença de Noah que me faz esperar atitudes normais dos meus pais, mesmo quando sei que raramente é assim. Sempre que minha mãe faz panquecas, elas

costumam ser dos formatos de estados ou países. Foi assim que aprendi geografia. Se isso parece meio bizarro, quero enfatizar aqui que não estou falando sobre bolotas de massa que parecem a Califórnia se você apertar bem os olhos. Não, estou falando de linhas costeiras e cordilheiras e pequenas marcas de estrela onde a capital ficaria. Como minha mãe fura dentes para ganhar a vida, ela é muito, muito precisa. Consegue desenhar uma linha reta sem régua e dobrar um guardanapo em perfeita simetria. Nesse aspecto, não sou nada como ela. Na maior parte do tempo, eu me sinto uma mancha perpétua. Minhas linhas são todas curvas. Costumo ligar os pontos errados.

(Joni me diz que isso não é verdade, que digo que sou uma mancha porque consigo ver a precisão da minha mãe crescendo dentro de mim. Mas tenho que dizer, eu jamais consegui fazer duas panquecas que se encaixassem do jeito que as de Texas e Oklahoma da minha mãe se encaixam.)

Meus pais lançam olhares de soslaio para Noah. Ele lança olhares de soslaio para eles. Eu observo a todos abertamente, e ninguém parece se importar.

— Há quanto tempo você mora na cidade? — pergunta meu pai, completamente casual.

Nesse momento, meu irmão entra na cozinha, deixando uma trilha de suor do treino de tênis.

— Quem é você? — pergunta Jay, enquanto derrama mel em Minnesota e coloca a coisa toda na boca.

— Noah.

Gosto do fato de que ele não explica mais que isso e de que resiste a dizer “É um prazer conhecer você” até descobrir se a declaração será verdadeira.

— Outro garoto gay? — comenta meu irmão, e suspira. — Cara, por que você nunca traz pra casa uma garota lindinha pra se apaixonar desesperadamente por mim? Você *tem* amigas bonitas? Cara de Cão não conta. — (Ele e Joni têm um passado; ela o chama de Cérebro de Bosta.)

Antes que eu consiga dizer alguma coisa, Noah intervém.

— Eu ia apresentar minha irmã pra você — diz ele —, mas você acabou de destruir qualquer chance disso.

Jay para de mastigar e faz uma pausa antes de pegar o Arkansas.

— Ela é gostosa? — pergunta ele. — Sua irmã?

— Ela é gostosa que nem chocolate — diz Noah. — Não é verdade, Paul?

— Eu tive que olhar duas vezes quando a vi — respondo. — E nem gosto de garotas dessa maneira.

Meu irmão assente em aprovação. Minha mãe bate na mão dele com a espátula quando Jay tenta colocar o dedo na massa crua. Meu pai olha para nós dois, imaginando como pode ter dois filhos que o fazem se sentir tão dividido.

Por fim, Jay começa a falar sobre o treino, e Noah e eu recebemos nossa parcela da nação comestível. Minha mãe nos pergunta se queremos mais (“Posso fazer províncias se vocês quiserem”), mas nós dois recusamos.

Estamos prontos para sair de casa.

— Quero conhecer ela! — grita meu irmão, quando seguimos na direção da porta (depois de agradecermos profusamente à minha mãe). Demoro um segundo para me dar conta de que ele está falando sobre a irmã de Noah.

Damos uma gargalhada por causa disso ao sairmos andando pelo caminho de entrada da minha casa.

— Pra onde vamos? — perguntamos um ao outro na mesma hora.

Nós dois hesitamos, sem querer ser o primeiro a responder.

Por fim, não aguentamos.

— Pro parque — dizemos ao mesmo tempo.

E isso é muito legal.

Andamos pela cidade de mãos dadas. Se alguém repara, ninguém liga. Sei que todos gostamos de pensar no coração como o centro do corpo, mas, nesse momento, cada parte consciente de mim está na mão que ele segura. É por aquela mão, por aquele sentimento, que vivencio todo o resto. As únicas coisas que reparo ao meu redor são as boas: as melodias hipnotizantes que saem pela porta aberta da loja de discos; o homem idoso e a mulher ainda mais idosa sentados em um banco de parque, comendo um bolinho juntos; o garoto de 7 anos pulando de quadrado em quadrado da calçada, balançando e mudando de direção para evitar pisar em uma rachadura.

Como se por acordo, apesar de não termos feito planos, seguimos para o pavilhão dos pedalinhos. Um pato solitário cumprimenta nossa chegada. À nossa direita, os punks skatistas deslizam em uma rampa feita de cânhamo, acelerando ao som de *queercore* e dos próprios corpos se misturando ao vento. À nossa esquerda, um grupo de Escoteiros Alegres tem aula de violão com um monge aposentado. (Nós tínhamos uma tropa de escoteiros, mas quando os Escoteiros decidiram que não havia lugar para os gays entre eles, nossos escoteiros decidiram que não havia lugar para eles na nossa cidade; e apenas mudaram o nome e seguiram a vida.)

A superfície do lago parece uma camisa azul amassada, com pequenos botões-boias marcando a distância na água. O dono dos pedalinhos batizou os barcos em homenagem às sete filhas. Desde que eu era pequeno, sempre escolhi Trixie, porque ela é laranja e tem o nome mais engraçado. Desta vez, ele ergue a sobrancelha para mim porque concordo quando Noah escolhe a verde-clara Adaline. Gosto da ideia de seguir as vontades dele. Gosto da ideia de entrar com ele em um barco em que nunca entrei antes. Trixie já me viu com Joni e Kyle, com outros amigos e outros caras; ela também me viu

pedalar sozinho durante horas, tentando resolver meus problemas mexendo as pernas. Adaline não conhece nenhum dos meus segredos.

Noah e eu começamos a conversar sobre nossos livros favoritos e nossos quadros favoritos; compartilhamos nossos Indicadores na esperança de que o outro os aprecie tanto quanto nós. Sei que é uma coisa normal de se fazer em começo de namoro, mas ainda é incomum para mim. Como morei na mesma cidade a vida toda, estou acostumado a sair com gente que já conheço bem. Há sempre mistérios menores a revelar, mas costumo ter a noção geral bem clara na mente quando o namoro começa. Mas Noah é completamente novo para mim. E eu sou completamente novo para ele. Seria muito fácil mentir, fazer com que os favoritos dele também fossem os meus ou fazer escolhas mais impressionantes. Porém falo a verdade. Quero que tudo isso seja verdade.

O lago dos pedalinhos não é muito grande. Nós o atravessamos em ângulos constantemente diferentes. Mudamos de direção como mudamos de assunto, de formas lentas, sutis e naturais.

— Não faço isso com frequência — diz Noah para mim. — Você sabe, sair.

— Nem eu — respondo.

É basicamente verdade, embora não tanto quanto o que ele disse para mim.

— Já faz um tempo.

— O que aconteceu? — pergunto, porque sinto que ele quer que eu pergunte.

Mas talvez eu tenha sentido errado. Ele para de pedalar por um segundo, e a expressão dele parece uma nuvem negra.

— Não precisa me contar — digo baixinho.

Ele balança a cabeça.

— Não... está tudo bem. É uma daquelas coisas que você não quer ter que contar, mas sabe que tem que contar, e quando chega a hora, espera que, depois que acabar de falar, ela não seja mais tão importante. Nem é uma história muito interessante. Eu gostava muito de um garoto. E achava que ele gostava muito de mim, mas na verdade ele não gostava nada de mim. Ele foi meu primeiro namorado, e fiz com que se tornasse meu tudo; era minha nova vida, meu novo amor, meu novo ponto cardeal. Acho que esse é o perigo das primeiras coisas, você perde todo o senso de proporção. Então fiz papel de bobo, apesar de não perceber na época. Eu era tão *dedicado* a ele. — O “dedicado” está em itálico por sarcasmo, sublinhado por dor. — E ele não ligava. Era um ano mais velho que eu, e por um tempo usei isso como desculpa pra não saber que ele estava me traindo com metade do ano dele na escola. Eu achava que conseguia vê-lo tão bem. Mas não via nada dele, nadinha. E ele nem tentava me ver.

“Ele finalmente me contou. E o mais doido é que, quando me contou, foi uma das coisas mais atenciosas que fez por mim, ao menos por um tempo. Acho que sentiu um peso na consciência no finalzinho do jogo. Ele me disse que eu era ótimo e que, como eu era ótimo, havia coisas que precisava saber. E é claro que me perguntei durante meses depois por que, se eu era tão ótimo, ele teve que fazer aquilo comigo. Eu me senti tão destruído. Mais do que deveria, mas só percebo isso agora. Foi tão injusto. Foi tão *indelicado*.”

“Eu ainda estava superando tudo quando meus pais decidiram se mudar. De muitas maneiras, fiquei aliviado. Não suportava vê-lo no corredor da escola. Era um lembrete constante e vivo do meu maior erro.”

Concordo com a cabeça e penso nas coisas que reparo. Eu reparo que Noah não mencionou esse garoto por nome (apesar de eu ter certeza de que é Pitt, o que a irmã de Noah mencionou outro dia). Reparo que Noah está me olhando o tempo todo em vez de olhar para a água ou na direção em que

estamos pedalando; não está apenas contando a história, está dando-a para mim. Reparo na esperança e na expectativa nos olhos dele, no desejo de que eu entenda exatamente o que ele está dizendo. E entendo, até certo ponto. Aquela história me faz lembrar do meu tempo com Kyle, mesmo sem ser exatamente a história de mim e Kyle. É claro que Kyle foi injusto, e é claro que foi indelicado, mas as intenções foram mais confusas, menos deliberadas. Ou ao menos é o que prefiro pensar.

Conto para Noah um pouco sobre Kyle. Como poderia não contar? Comento também sobre alguns dos outros namoros desastrosos que tive. Mais as histórias engraçadas que as sofridas. O encontro às cegas com o garoto do sétimo ano que enfiava a camisa dentro da cueca e a calça dentro da meia, só para ficar “mais seguro”. O garoto do acampamento que ria sempre que eu usava um advérbio. O aluno de intercâmbio finlandês que queria que eu fingisse que era Molly Ringwald sempre que saíamos.

Há um reconhecimento silencioso quando compartilhamos essas histórias; podemos falar sobre os namoros ruins e os namorados ruins porque este não é um namoro ruim e não vamos ser namorados ruins. Esquecemos o fato de que muitos dos nossos primeiros relacionamentos (certamente com Kyle, provavelmente com Pitt) começaram da mesma maneira. Desenhamos a vida anterior a lápis para que faça contraste com o technicolor do momento.

É assim que proclamamos um começo.

Conversamos sobre a escola e conversamos sobre os outros garotos da cidade. Falo sobre meu irmão, e ele fala sobre a irmã dele. Depois de um tempo, nossas pernas começam a ficar cansadas e estamos ficando sem novos ângulos para atravessar o lago. Assim, paramos de pedalar e ficamos à deriva. Empurramos as pernas para a frente e afundamos no assento. Passo o braço ao redor dos ombros de Noah, e ele passa o dele ao redor dos meus.

Fechamos os olhos e sentimos o sol brilhando em nossos rostos. Abro os olhos primeiro e observo a curva do maxilar dele, a textura das bochechas lisas, a arrumação aleatória do cabelo. Cubro-o com minha sombra quando chego perto. Beijo-o uma vez, mas dura bastante tempo.

É assim também que proclamamos um começo.

O sol começa a baixar e voltamos ao tempo real. Voltamos até o pavilhão dos pedalinhos, onde o moço dá um aceno de aprovação por trazermos Adaline de volta para casa em segurança.

Quando atravessamos o parque, vemos mais pessoas, a maioria frequentadores regulares. A Bicha Velha está sentada em seu banco, relembrando a Broadway dos anos 1920. Dois bancos depois, o Jovem Punk grita alto sobre Sid e Nancy e o nascimento da rebeldia. Eles raramente ficam sem plateia atenta, mas, quando o fluxo de pedestres diminui, a Bicha Velha e o Jovem Punk se sentam juntos e compartilham lembranças de eventos que aconteceram bem antes de eles nascerem.

Explico isso tudo para Noah e adoro a admiração que vejo nos olhos dele. Continuamos nosso tour pela cidade, e tudo é novo para ele: a Sorveterror, que passa cenas de filmes de terror enquanto você espera sua casquinha com duas bolas; o parquinho da escola de ensino fundamental, onde eu contava todos os meus segredos para o trepa-trepa; o templo dedicado a Pink Floyd no quintal do barbeiro da cidade. Sei que as pessoas costumam falar sobre morar no meio do nada; tem sempre outro lugar (alguma cidade, algum país estrangeiro) em que elas preferiam estar. Mas é em momentos assim que sinto que moro no meio de algum lugar. O meu algum lugar.

Damos voltas ao redor do bairro de Noah e, quando entramos, damos voltas no quarteirão. Ele tem hora para chegar em casa, e não está claro para mim se estou convidado para ir com ele.

— Minha mãe e meu pai vão estar em casa — diz ele, para explicar a hesitação.

— Sou capaz de lidar com eles — respondo.

Ele ainda tem dúvida.

— Eles não são como seus pais — avisa ele.

— Isso é uma coisa boa!

— Acho que não.

De repente, visualizo os pais de Tony, que precisam pensar que Joni e eu somos namorados para que Tony saia de casa conosco. Eles acham que a personalidade de Tony é uma questão de interruptores e que, se eles encontrarem a pessoa certa, podem desligar a atração que ele sente por outros garotos e colocá-lo de volta no caminho de Deus.

— Eles sabem que você é gay? — pergunto a Noah.

— Eles nem ligam. Mas, com outras coisas... as prioridades deles são meio estranhas.

Paramos de dar voltas agora. Estamos em frente à casa dele.

— Que se dane — diz ele. Entramos na casa de Noah, e ele grita: — Estou em casa!

— E daí? — grita Claudia de algum aposento distante.

Seguimos para a cozinha para tomar picolé. Não consigo deixar de reparar em três cartões de crédito na bancada.

— Mãe!? Pai?! Estou em casa!

Claudia entra na cozinha.

— Você está, mas eles não. Mas mandaram um oi. Podemos pedir o que quisermos. Mas use o cartão da United, porque eles precisam da milhagem bem mais que o da Continental.

— Pra onde eles foram? — pergunta Noah.

— Saíram pra jantar, pra comemorar. Mamãe finalmente foi aceita no Commander Club. Ela agora pode usar as salas de espera do Commander Club em todos os grandes aeroportos, que *incluem* café de graça e acesso à internet.

Enquanto Noah reflete sobre isso, Claudia tira o picolé da mão dele e começa a comer. Ela sai andando para o aposento distante; ouço os passos se distanciarem e a TV ser ligada.

— Acho que temos que ficar aqui — diz Noah.

— Ela não tem idade pra ficar sozinha? — pergunto.

— Não estou preocupado com ela ficar sozinha. Estou preocupado com ela ficar solitária.

Sinto culpa por ter tocado no assunto; jamais teria me ocorrido me preocupar com a solidão de Jay.

Sigo Noah até a sala de TV, onde Claudia está encolhida em um sofá verde-limão como uma aluna de jardim de infância que construiu o próprio forte com almofadas. Ela tem todos os confortos modernos: o controle remoto, petiscos, uma revista parcialmente lida e o controle remoto do climatizador. E parece infeliz em sua tentativa de esconder o quanto se sente infeliz.

— O que você quer? — pergunta ela, com a hostilidade de sempre.

— Só planejar a diversão da noite. Você quer sair?

— Eu pareço querer sair?

— Então que tal uma pizza e um filme?

— Tudo bem.

— Tem certeza?

— Eu disse “tudo bem”. O que mais você quer de mim?

Se fosse a minha irmã falando assim, eu diria alguma coisa como *Quero que você pare de ser uma diva tão dramática*. Mas Noah é uma pessoa

melhor (ou, pelo menos, mais paciente) do que eu, pois ouve tudo sem se abalar.

— Uma pizza e um filme saindo! — diz ele, com alegria. — Voltamos logo.

Claudia não responde, só aumenta a TV.

— Saída... pela direita — diz Noah para mim. Seguimos até a cozinha.

— Ela costuma ser assim? — Eu tenho que perguntar.

— Nem sempre. No momento, acho que está com raiva dos nossos pais. E acho que está tentando impressionar você.

— Me impressionar?

— Bem... talvez *impressionar* não seja a palavra certa. Acho que ela captou o fato de que... eu gosto de você.

— E ela percebe que eu gosto de você também? — pergunto, chegando mais perto e passando os dedos na camisa dele.

— Sem dúvida.

— Então tenho que dizer que você tem uma irmã muito observadora.

Estamos à distância de sussurrar agora.

— Parem com isso! — grita Claudia lá da sala.

Noah e eu caímos na gargalhada, o que não duvido que vá deixá-la com mais raiva. A TV está em silêncio agora, esperando nosso próximo passo.

Pegamos os cartões de crédito e vamos para a cidade.

Rebobine antes de devolver

Noah e eu nos separamos; ele vai comprar a pizza enquanto alugo o filme. Acho que assim é melhor, porque estou indo ao Videorama do Spiff, onde novatos são rejeitados. Spiff é o motivo de a maioria de nós ainda ter aparelhos de videocassete, pois ele é fanático por fitas de VHS assim como DJs são fanáticos por discos de vinil. Ele se recusa a alugar DVDs e qualquer outro tipo de nova tecnologia.

Spiff arruma as fitas de vídeo na loja de acordo com sua própria lógica. *American Pie* está catalogado como ação/aventura, enquanto *Forrest Gump* fica em pornografia junto a outros clássicos inspiradores. Spiff nunca, nunca diz onde está uma fita, nem se está alugada. Você precisa descobrir sozinho ou sair de mãos vazias. Ele não dá a menor importância para nenhum de nós, só para os filmes. Deve ser por isso que sempre voltamos.

Noah fez um breve resumo do que Claudia gosta de assistir. Basicamente, se tiver uma Garota It indie, é aposta certa. John Cusack também é tiro certo. Sigo para a seção de drama para procurar *Digam o que quiserem* (sabendo bem que Spiff acredita que as comédias retratam o verdadeiro drama da vida).

— Oi, Paul.

É meu nome e vem da seção de línguas estrangeiras. É meu nome... e é a voz de Kyle.

Estou preso na comédia. Só existe ficção científica entre nós. É uma seção grande, mas não muito.

— Paul? — diz Kyle de novo, hesitante desta vez.

A expressão dele está mais aberta para mim do que jamais estive desde que terminamos. Quero dizer, desde que ele me deu o pé na bunda.

— Oi, Kyle.

Não tem mais ninguém na loja, só Kyle e eu e Spiff no balcão, olhando para o monitor que dedica exclusivamente a Tarantino e Julie Andrews.

— Eu estava querendo falar com você — diz Kyle.

Ele se mexe com inquietação. Olho para as barras desfiadas acima dos seus sapatos. Eu me lembro de puxar uma linha da barra daquela mesma calça e de tocar no tornozelo embaixo, tudo como parte do sonho acordado de domingo no parque, que me surpreendeu por ser real de verdade.

Mas os tênis dele são diferentes, eu reparo.

Não sei o que devo dizer. Não quero começar uma conversa agora, principalmente porque Noah vai aparecer quando a pizza ficar pronta. E, ao mesmo tempo, estou doido para saber: o que ele poderia ter para me contar?

— Desculpa — diz ele. Tão simples, tão claro.

Eu me apoio na estante mais próxima e quase derrubo uma coleção inteira de Abbott e Costello.

— Por quê? — pergunto.

Talvez eu tenha ouvido errado. Tento pensar em alguma palavra que possa soar de forma parecida com *desculpa*, mas não consigo pensar em nenhuma.

— Eu me enganei. Cometi um erro. Magoei você. E lamento isso. — E então, como um pensamento posterior, uma pontuação: — Eu precisava

dizer isso.

Quantas vezes imaginei essa conversa? Mas ela não acontece do jeito que imaginei. Eu achava que seria irritante. Achava que transformaria o *desculpa* de Kyle em uma coisa afiada que eu jogaria direto no coração dele. Achava que diria: *Sei que lamenta* ou *Não tanto quanto lamento por ter me envolvido com você*.

Eu não achava que sentiria tanta falta de raiva. Não achava que iria querer dizer para ele que estava tudo bem.

Olho para o *Clube dos Cinco* nas mãos dele e me lembro de todas as vezes que o alugamos, de como nos revezávamos dizendo as falas; às vezes, eu era o atleta, às vezes, ele era o nerd ou a princesa. Sei que ele também deve se lembrar disso. Sei que não poderia alugar esse filme sem pensar em mim de alguma forma.

— Você não precisa dizer nada — prossegue ele. Eu me lembro de como o silêncio o deixa nervoso. — Você não deve nem querer falar comigo.

— Não é verdade. — Eu me vejo dizendo, apesar de a melhor (ou seja, menor) parte do meu cérebro estar gritando *PARE! PARE!*

— É mesmo?

Concordo com a cabeça. A porta da videolocadora se abre, e eu dou um pulo de 30 centímetros para trás, praticamente para dentro da seção de romance. Mas são apenas Sete e Oito, da escola, perdidos demais um no outro para ligarem para qualquer outra pessoa. Vê-los me deixa ansioso.

— Você está esperando alguém? — pergunta Kyle, captando sem hesitar a pergunta que menos quero que saia de sua boca.

— Por que você está fazendo isso? — digo, desviando. — Uma semana atrás, você nem olhava pra mim no corredor. O que está acontecendo?

— Você não entende? — Pela primeira vez, ele parece meio exaltado e irritado. — O motivo de eu não conseguir falar com você era porque eu me

sentia mal por não falar com você.

— Isso não faz sentido — respondo. Mas é claro que faz perfeito sentido.

Kyle prossegue, com expressão meio desesperada e meio calma.

— Teve uma época que eu achava que estava certo. E foi quando eu estava mais errado. Mas, no mês passado... tentei parar de pensar em você e não consegui. Simplesmente não consegui. Não espero que você entenda, porém não posso mais evitar. Não posso mais evitar *você*. Ando pela escola e consigo sentir você me odiando. E o pior é que não posso te culpar.

Não o faça se sentir melhor, aquela parte menor (melhor) do meu cérebro grita. Não aceite o pedido de desculpas tão fácilm...

— Eu não odeio você — digo. — Nunca odiei. Eu estava magoado.

— Eu sei. Lamento muito mesmo.

A porta se abre de novo, e ali está Noah, segurando a caixa da pizza como a garçonzete do Dino Diner nos créditos de abertura de *Os Flintstones*. Kyle capta meu olhar e dá um passinho para a frente.

— Você tem que ir, não tem?

Eu concordo. E então, surpreendendo até a mim mesmo, pego o *Clube dos Cinco* da mão dele.

— Preciso de um filme — digo.

— Podemos conversar de novo? Tipo segunda, depois da aula?

Isso vai dar confusão. Sei que vai dar confusão. Mas tenho que seguir em frente. Preciso ver como a confusão termina.

— Te encontro em frente ao laboratório de química. Rapidinho.

— Obrigado — diz Kyle.

E preciso lutar contra a vontade de responder com outro obrigado.

Não faz sentido. Nada faz sentido.

— Paul?

Quando Noah me vê, Kyle já se recolheu à seção de boa forma. Sigo até lá, e Noah olha a caixa na minha mão.

— Boa escolha — diz ele. — Esse é um dos favoritos de Claudia.

Consigo sentir Kyle nos observando, apesar de não ser capaz de vê-lo. Noah não repara. Está tão feliz, tão alheio. Enquanto Spiff faz as anotações do aluguel da fita, tento recuperar toda minha felicidade e sensação de distanciamento. Quando chego à porta, eu me viro para dar uma última olhada. Kyle me vê virar e levanta a mão. Não sei o que ele está fazendo, mas a mão se move um pouco para a frente e para trás. Ele está acenando para mim. É ao mesmo tempo um adeus e um oi.

Estou tão confuso.

Noah comenta comigo sobre as cinco italianas que estavam esperando na frente dele na pizzeria, cada uma querendo um sabor diferente de pizza e todas ficando irritadas quando os sabores se misturavam em uma única fatia. O cara da pizzeria tentou explicar que sabores de pizza não são uma ciência exata; às vezes, no processo de derretimento, um pedaço de linguiça acaba encostando em uma anchova. A mulher insistiu em devolver a fatia.

Balanço a cabeça nas horas certas. Dou risada nas horas certas. Mas não estou ali com ele. Minha mente está na videolocadora, em uma das seções entre comédia e drama.

Fico um pouco desconfiado por Noah não ter reparado na minha distância. E fico mais zangado comigo mesmo por divagar.

Quando chegamos perto da casa dele, consigo me concentrar nos eventos mais maravilhosos do dia. Nosso primeiro beijo parece ter sido uma década atrás. Já está virando uma lembrança.

Sigo a linha de pensamento de Noah (entrar na casa dele, lidar com a aprovação relutante de Claudia da seleção de filme) antes de o filme me desviar de novo. *O que eu estava pensando?* Molly Ringwald me faz pensar

em Kyle. Judd Nelson me faz pensar em Kyle. Até o maldito diretor me faz pensar em Kyle.

Idiota. Idiota. Idiota.

E então, percebo uma coisa. Noah parece tão distraído quanto eu. Depois que Ally Sheedy joga o presunto na estátua, saio da sala para esquentar a pizza. Noah vem atrás.

— O que foi? — pergunto, com medo de ele ter me descoberto, de me dar um pé na bunda por infidelidade mental.

— Tenho uma confissão a fazer — diz ele. — Pra mim, é difícil ver aquele filme.

— Por quê?

— Na primeira vez que fui... bem, pra casa do Pitt, nós vimos esse filme.

Olho para a expressão magoada e solene dele. E caio na gargalhada. Não por ser engraçado (embora, em muitos aspectos, seja). Mas porque sinto uma libertação.

— Sei *exatamente* como você se sente — digo, e menciono Kyle *brevemente* (não por nome, e sem incluir os eventos mais recentes).

A noite está salva.

Ficamos na cozinha durante o resto do filme. Noah pega um livro de culinária do Ursinho Pooh, e decidimos fazer quadradinhos de limão.

— Vocês dois são doidos — anuncia Claudia, quando o filme acaba e ela vai até a cozinha e nos encontra cobertos de açúcar de confeitiro e farinha.

— Nossa, obrigado — diz Noah.

Eu faço uma reverência. Claudia diz que vai dormir.

Talvez seja a presença de Claudia agindo inconscientemente, mas Noah e eu controlamos os gestos de afeto pelo resto da noite. Apreciamos os mais leves toques, como quando esbarramos ao tirar os quadradinhos de limão do

forno, tocamos as mãos quando esticamos o braço para desligar o forno, apertamos um braço contra o outro enquanto lavamos as tigelas.

Os pais dele ainda não voltaram para casa quando chega a hora de eu ir embora. O cansaço domina nossa conversa.

— Me encontra antes do primeiro sinal — digo, e estico a mão para tocar no cabelo dele.

— Estarei lá — responde ele, mexendo no meu cabelo e me dando um beijo de despedida.

Quando saio da casa dele, respiro fundo. Sim, Kyle está no fundo da minha mente. Mas acho que consigo manter Noah na frente.

Coisas não ditas

Quando vejo Noah na segunda-feira de manhã, consigo perceber que alguma coisa mudou dentro de mim, dentro dele e dentro de nós. Antes, tudo era questão de esperança e expectativa. Agora, é esperança, expectativa e proximidade. Quero ficar perto dele, não por uma noção vaga de como seria, mas porque já estive perto dele e não quero que isso acabe.

Conversamos sobre nossas manhãs e deixamos muitas coisas não ditas: a coreografia de nossos bilhetes sendo passados, nossa felicidade ao ver um ao outro, um pouco do nosso medo, nosso desejo de manter nossas demonstrações de afeto em particular. O primeiro sinal toca, e não sei bem o que faremos; será que há alguma forma de nos acostumarmos a nossa proximidade recente sem sermos um daqueles casais que não conseguem passar o dia sem se pegar no corredor?

É Noah quem encontra a resposta, sem eu ter que fazer a pergunta.

— Até mais tarde — diz ele, e, enquanto fala, passa um dedo rapidamente pelo meu pulso. A sensação é leve como ar e me faz tremer como se fosse um beijo.

Entro na aula de francês me sentindo muito, muito sortudo.

— O fim de semana foi bom? — pergunta Joni, quando me sento na frente dela.

— Ótimo — respondo.

— Desculpa não ter ligado. Eu estava com Chuck.

É claro que estava.

Antes que ela possa dizer qualquer outra coisa, a Sra. Kaplansky começa as conjugações. Continuamos nossa conversa em formato pautado e dobrado.

Chuck e eu fomos ao campo de treino de golfe. Eu queria ir para o minigolfe, mas ele disse que era coisa de gente fraca. E me ensinou a dar tacadas. Depois de um tempo, começou a me chamar de décimo oitavo buraco. Aí, ele me levou pra um lugar lindo pra jantar, e foi tão legal o tempo todo. Ele tentou pedir bebidas alcoólicas, mas a garçonete riu. Chuck ficou meio puto por causa disso, mas eu alegrei ele. Você saiu com o bonitão?

Saí. Noah e eu passamos o sábado juntos. Foi legal. Gosto muito dele.

Quero detalhes succulentos.

Tomei suco de laranja no café da manhã hoje. Sem gominhos.

Não foi isso que eu quis dizer. Tudo bem. Guarde segredos. Como se eu escondesse alguma coisa de você. Aliás, Ted começou a me perseguir. Chuck e eu estamos muito incomodados com isso.

Como assim?

Ele fica me ligando e vai na minha casa. Uma vez, eu estava lá com Chuck, e Chuck quase deu uma surra nele. Será que Ted não entende? Ele já era. Já era.

Pode ser que ele esteja sofrendo. (Estou pensando em Kyle por um momento.)

É, ele está ME fazendo sofrer e afetando meu relacionamento com Chuck.

Nesse ponto, a Sra. Kaplansky anuncia um teste surpresa. Todos resmungamos e tiramos tudo das mesas. A Sra. Kaplansky tem o estranho hábito de nos pedir para traduzir para o francês frases que nunca, jamais usaríamos em inglês.

- 1. O senhor conhece os trabalhos da diretora australiana Gillian Armstrong?*
- 2. Ele estava predisposto a acreditar que ela sofria de um caso de indigestão.*
- 3. Estou impressionado com o tamanho daquele avestruz.*

Quando a Sra. Kaplansky está distraída, eu me viro e olho para Joni. Não vejo nenhuma ternura ali. Sei que é com Ted e não comigo que ela está chateada. Mas a raiva me surpreende mesmo assim. Se eu ainda consigo sentir vulnerabilidade e carinho por Kyle (que me deu um pé na bunda), por que Joni não consegue sentir alguma coisa diferente de hostilidade por Ted, que foi ela quem largou?

Essas perguntas me assombram ao longo do dia. Noah e eu trocamos bilhetes entre todos os tempos, pequenas observações em prestações para nos distraírem até a próxima conversa real. Vejo Ted, e ele está com aparência péssima, sem dormir e com roupas deprimentes. Ele murmura um oi quase silencioso para mim e passa como uma sombra derrotada. Eu preferia que ele me provocasse. Eu preferia que ele gritasse.

Lyssa Ling faz um comunicado na sala, avisando que os escolhidos para os comitês do Baile Aristocrático estão em uma lista ao lado da *jukebox* no refeitório. Infinite Darlene me confessa que foi a primeira a se candidatar ao meu comitê e que já está planejando o que vai vestir na primeira reunião.

(Suponho que isso signifique que preciso decidir quando vai ser a primeira reunião; ainda não planejei tanto assim.) Ela cospe um pouco de veneno sobre Joni e Chuck, que decidiu chamar de Truck, “pois a alternativa é obscena demais pra uma dama como eu”. Mais tarde, Chuck passa por mim. Por amizade a Joni, eu digo oi. Ele nem olha para mim. Eu me viro e o vejo se afastar. Um minuto depois, Joni pula nos braços dele. Chuck presta atenção nela... mas não tanto quanto ela está prestando nele. Joni está entusiasmada demais para perceber. Ou talvez eu esteja interpretando errado.

Só vejo Kyle na hora do nosso encontro marcado no laboratório de química, depois da aula. Quando falei para Noah que o encontraria meia hora depois que o habitual, ele nem me perguntou por quê. Eu me sinto culpado, tanto por causa da verdade que não contei quanto porque sei que, se eu estivesse no lugar dele, teria perguntado.

Kyle e eu nos sentamos a uma das mesas de química; as palavras da nossa conversa vão cair do ar em béqueres de vidro vazios, esperando uma medida invisível. Atrás de Kyle, o quadro coberto de equações parece um papel de parede enigmático. Nem Kyle e nem eu temos aula de química. Achei que ali seria terreno neutro.

Observo o rosto dele: o cabelo preto cortado curto, as sardas espalhadas, a sombra de barba por fazer. Ele está diferente de quando eu realmente o conhecia. As feições perderam um pouco da agressividade. Os ângulos não estão mais tão seguros de si.

— Me desculpe por jogar aquilo em cima de você na locadora — diz ele, com voz firme e baixa. — Não foi assim que eu planejei.

— Como você planejou? — pergunto, não para ser crítico, mas porque estou genuinamente curioso.

— Eu planejei que fosse um milhão de coisas diferentes — responde ele.
— E, no final, não consegui decidir qual deveria ser.

— Mas agora você me contou.

Parte de mim ainda está esperando que ele retire tudo que disse, que esse seja o último truque cruel dele.

Kyle concorda com a cabeça.

— E o que você quer de mim? — pergunto.

— Não sei. — Ele me olha nos olhos por um momento, depois olha para trás de mim, para a tabela periódica dos elementos. — Sei que não tenho direito de fazer isso. Eu estava realmente... não sei qual é a palavra para o que eu era pra você. Eu não terminei com você do jeito certo. Alguma coisa dentro de mim surtou, e eu... eu não conseguia suportar você. Não foi sua culpa. Mas eu não conseguia suportar você. Eu precisava... eu precisava obliterar você. Não você pessoalmente. Mas a ideia de você. Sua presença.

— Por quê?

— Eu só estava sentindo... foi um *instinto*. Eu tive que fazer aquilo. Não foi certo. Não pareceu certo.

— Mas você não precisava ser agressivo comigo — digo, com a voz começando a ficar mais alta. — Você poderia ter me contado. Dito “não parece certo”.

— Não — ele está olhando para mim de novo agora —, você não entende. Você teria me convencido a não terminar. Eu voltaria atrás.

— Talvez você voltasse atrás porque não queria realmente fazer aquilo.

— Está vendo, você teria usado essa lógica comigo. E eu não queria usar sua lógica.

— Então você me *obliterou*?

Ele está brincando com um dos béqueres agora, olhando para ele nas mãos.

— Eu sei. Me desculpe.

Decido continuar a narrativa.

— Aí você me larga. Fala mal de mim. E, duas semanas depois, está nos corredores jogando hóquei de língua com Mary Anne McAllister, dizendo pra todo mundo que te enganei pra você pensar que gostava de garotos. E agora? Não deu certo com Mary Anne nem com Cyndi e nem com Joanne e sei lá mais quem, e você decidiu voltar para o meu lado?

— Não é assim.

— Então como é? — Consigo ver que ele está confuso, consigo ver que está tentando me dizer alguma coisa. Mas toda minha dor está jorrando agora, e é uma dor *zangada*. — Me conte como é. Porque enquanto você passava direto por mim durante todos esses meses, enquanto todo mundo me perguntava “O que aconteceu com Kyle?” e eu estava tentando entender seu lado da história de todos os relatos de terceiros que ouvi... todo esse tempo, eu me perguntava mais que qualquer outra coisa *como você acha que é*.

Nessa hora, ele começa a tremer. E eu lembro tão claramente como ele tremia quando estava chateado, quando estava sobrecarregado. Não havia nada que ele ou eu pudéssemos fazer para que parasse. Quando ele me contou que o irmão havia descoberto que tinha diabetes, quando o pai gritou com ele em uma visita de domingo por ter largado o basquete, quando ele chegou ao final de *Meninos não choram*... essas foram as únicas vezes que o abracei com toda minha força enquanto o corpo dele tremia o tanto que sua mente não conseguia suportar. Depois da primeira vez, quando ele tentou rir e deixar tudo de lado, não conversamos sobre o assunto. Apenas fomos levando até o tremor não estar mais lá.

Quero tocar nele agora. Não abraçá-lo, só tocar nele. Mas estou paralisado. Minha reação quando estou sobrecarregado.

— Me desculpe — murmura ele.

— Não peça desculpas. Me desculpe por ter sido agressivo com você.

— Não. — Ele olha para mim de novo; o tremor diminui. — Sei que você me odeia. Tem todo o direito de me odiar. Não precisa voltar a falar comigo.

Ele se levanta para ir embora, e minha paralisia é rompida. Coloco a mão no braço dele e faço um sinal para ele se sentar.

— Me escute, Kyle — digo. Ele se senta e vira o rosto para o meu. — Estou falando disso tudo. E só vou dizer uma vez. Eu não odeio você e nunca odiei. Eu estava com raiva de você e deprimido por sua causa e confuso por sua causa. Mas ódio é algo que jamais senti.

— Obrigado — sussurra ele.

Eu continuo baixinho.

— Se você quer que eu te perdoe, acho que já perdoei. Se quer saber que eu não te odeio, agora já sabe. Isso é tudo?

Um leve tremor de novo.

— Não — diz ele.

— O que, então? — pergunto delicadamente.

— Preciso da sua ajuda, Paul. Não tenho o direito de pedir, mas não consigo pensar em mais ninguém com quem conversar.

Já estou envolvido. Eu me coloquei nessa posição, e a verdade é que não me importo mesmo.

— O que é, Kyle?

— Estou tão confuso.

— Por quê?

— Ainda gosto de garotas.

— E daí?

— E também gosto de garotos.

Eu toco no joelho dele.

— Então não parece que você está confuso.

— Mas eu queria ser uma coisa ou outra. Com você, eu só queria gostar de você. Depois de você, eu queria gostar só de garotas. Mas, toda vez que estou com uma, acho que a outra opção é possível.

— Então você é bissexual.

O rosto de Kyle fica vermelho.

— Odeio essa palavra — diz ele, afundando na cadeira. — Faz parecer que estou dividido.

— Quando na verdade você está duplicado?

— Isso aí.

Sorrio. Faz muito tempo que não ouço um *isso aí*.

Sei que algumas pessoas pensam que gostar de garotos e garotas ao mesmo tempo é ficar em cima do muro. Algumas das grandes rivais de Infinite Darlene têm o maior desprezo pelas pessoas que chamam de “amadoras”. Mas acho que isso é uma tremenda bobagem. Não entendo por que, se eu fui feito para gostar de garotos, não possa haver gente que tenha sido feita para gostar de garotas e garotos.

— Podemos chamar você de ambissexual. Ou duossexual. Ou...

— Preciso mesmo encontrar uma palavra pra isso? — interrompe Kyle.

— Não posso apenas ser?

— É claro — digo, apesar de não ter tanta certeza no mundo real. O mundo ama rótulos idiotas. Eu queria que nós pudéssemos escolher os nossos.

Fazemos uma pausa por um momento. Eu me pergunto se isso é tudo, se ele só precisava dizer a verdade e ter alguém para ouvir. Mas aí Kyle olha para mim com olhos inseguros e diz:

— Sabe, não sei quem eu devo ser.

— Ninguém sabe — digo para tranquilizá-lo.

Kyle concorda com a cabeça. Vejo que tem mais uma coisa que ele quer dizer. Mas mantém guardado, e a coisa acaba sumindo em algum lugar por trás da expressão dele.

— Você acha que podemos ser amigos? — pergunta ele.

É tão engraçado... se ele tivesse feito essa pergunta quando estava terminando comigo, aquela velha fala do “vamos ser amigos”, eu teria gargalhado alto ou arrancado todo o cabelo dele. Mas agora, aqui, funciona. Significa exatamente o que ele quer dizer.

— Podemos — respondo.

E então, ele me surpreende. Ele se inclina na cadeira e me dá um abraço. Desta vez, me aperta com toda a força, apesar de eu não estar tremendo. Simplesmente não sei o que fazer.

Sei que ele quer que eu sinta como um gesto reconfortante. E, no fundo do meu coração, sei que tenho medo de que ele sinta como se fosse reconfortante também.

Pinball

Conto tudo para Joni.

E ela conta para Chuck.

Alguns dias se passam entre os eventos dessas duas frases. Mas o efeito é o mesmo.

Eu descubro por Infinite Darlene. Isso por si só quer dizer problema, pois Infinite Darlene tenta colocar o máximo de graus de separação possíveis entre ela e Chuck.

— Ah, querido — diz ela —, estavam falando de você no vestiário.

— Falando o quê? — pergunto.

E ela me conta: estavam falando sobre mim e Kyle e mim e Noah.

E então, piora.

— Só estou contando para o seu próprio bem — murmura Infinite Darlene baixinho. — Rip está envolvido.

Rip é nosso gerenciador de apostas. Os pais dele são donos de ilhas, e a mesada permite que ele promova apostas em praticamente qualquer coisa: Quantas vezes a secretária do diretor vai usar a palavra *o* nos anúncios matinais? Quantos alunos vão passar pela sala 303 entre o sexto e o sétimo tempos? Que cor Trilby Pope vai usar mais vezes no mês de abril? Rip está pronto para calcular as chances e sustentar a decisão.

Ele adora apostar em quanto tempo casais vão durar.

— Quais são minhas chances? — eu pergunto.

Infinite Darlene faz beicinho para mim.

— Querido, você não quer saber isso, quer?

Eu fico sério.

Infinite Darlene suspira.

— Seis pra um que você fica com Noah, cinco pra um que você volta pro Kyle e dois pra um que você perde as duas chances e acaba sozinho nos próximos vinte dias.

— Em qual você apostou?

Infinite Darlene bate as pálpebras para mim.

— Uma garota jamais conta — diz ela. E sai misteriosamente.

Eu me pergunto quais são as chances de Noah ter ouvido a fofoca. Dois para um? Empate?

Não reparei em nenhuma mudança nele, em nenhuma desconfiança ou cautela repentina. E nos encontramos muitas vezes na última semana. Estamos *namorando*. Na quarta-feira, fugimos para a metrópole depois da aula para irmos à sessão noturna gratuita em um museu e ver as pessoas lá. Os alunos de arte pareciam galhos intelectuais com suéteres furados, enquanto os europeus lindos saltitavam e deslizavam entre eles, conversando em línguas ao mesmo tempo florais e picantes. Na quinta, nos encontramos com Tony. Parecia uma eternidade que eu não o via. Noah e Tony pareceram se dar bem, embora a presença de Noah tenha complicado um pouco a rotina do dever de casa.

Também temos nos beijado loucamente. Horas se passam e nem reparamos. Temos todo o tempo do mundo porque, pela primeira vez, parece que o mundo está nos dando o tempo de que precisamos.

Por sorte, não precisei desaparecer da vida de todo mundo para poder fazer parte da de Noah. Não queremos ser esse tipo de casal (vide Joni e Chuck). Também tive tempo de ver como estava Kyle por curtos períodos. É difícil resistir à atração de alguém que precisa de você. Mantivemos nossas interações limitadas a conversas, mas o fato de que temos conversas significa alguma coisa. Nenhum de nós dois sabe o quê.

Sinto-me aliviado porque Noah e Kyle vão viajar no fim de semana. Noah vai se encontrar com os amigos da antiga cidade, e Kyle vai visitar uma tia doente.

Joni comete o erro de se aproximar de mim na sexta-feira à tarde, depois de eu ter conversado com Infinite Darlene. Chuck está ao seu lado. O fato de ela não perceber que eu sei que ela tagarelou é mais incrível que o fato de eu não saber antes.

— Vamos buscar Tony — diz ela. — Quer vir?

Essas talvez sejam as únicas palavras no mundo que poderiam me fazer entrar em um carro com ela nesse momento. Joni apela para a parte de mim que deseja viajar no tempo instantaneamente; uma viagem para não muito tempo atrás, quando Tony, ela e eu éramos um grupo de três.

É claro que Chuck vai junto dessa vez. Ele não me oferece o banco da frente. Senta ali como se fosse dele de direito.

Joni não parece perceber.

Assim, me sento no banco de trás, em meio às garrafas vazias de Fresh Samantha (dela) e latas amassadas de Pepsi (dele). Eu me pergunto quando Joni parou de reciclar o lixo imediatamente e começo a me arrepender de ser passageiro voluntário. A raiva que sinto de Joni por contar minhas coisas para Chuck começa a chegar perto da fervura de novo. Faço um juramento de conversar com ela no primeiro momento que conseguir encontrá-la sem ele.

Esse momento não chega nunca. Eles não fazem pausas um do outro nem para ir ao banheiro.

Meu mau humor fica meio abalado quando Tony se senta no banco de trás comigo; agora, tenho alguém com quem trocar olhares. O primeiro olhar (eu de olhos arregalados, Tony de sobrancelha erguida) acontece quando Chuck toma posse do rádio e coloca rock testosterona, o tipo de música mais adequado a compilações de luta-livre “profissional”. O segundo olhar (eu apertando os olhos de descrença, Tony olhando para o céu) acontece quando Chuck começa a cantar e chama nossa atenção por não cantarmos com ele. Como se eu soubesse a letra de uma música chamada “She’s All Mouth”.

Joni também não acompanha, mas faz uma tentativa fraca de batucar no volante. Em determinado ponto, ela aperta a buzina sem querer, o que faz Chuck cair na gargalhada.

— Apito legal — ri ele.

Terceiro olhar: eu e Tony implorando, *nos tirem deste carro agora*.

Seguimos para a lanchonete da cidade, o tipo de lugar onde você precisa de conexão com a máfia para conseguir colocar uma música na *jukebox*. Os cabelos das garçonetes estão sempre perfeitamente arrumados com laquê, e os dos garçons sempre lisos e com brilhantina. O cardápio é do tamanho de uma tábua de madeira, e o tempo que se gasta lendo-o é o mesmo que para ler o jornal de manhã. Tem sempre café da manhã sendo servido, quase sempre como jantar.

Quando nos sentamos em um compartimento, vejo os olhos de Joni exibirem preocupação brevemente. É a primeira reação não relacionada a Chuck que ela tem desde que entrei no carro. Ou pelo menos é o que penso no começo. Em pouco tempo, percebo que todas as reações dela são de alguma forma relacionadas a Chuck.

Eu me viro e sigo seu olhar. Vejo Ted sentado a três mesas de distância com Jasmine Gupta. Ele está de costas para mim, mas, quando Jasmine me vê olhando, pisca.

Kyle poderia ter aulas com Jasmine; ela se apaixona por qualquer pessoa, homem ou mulher. A questão é que a pessoa tem que estar no rebote de um rompimento sério. Alguma coisa nesse estado frágil e vingativo a encanta.

A velha Joni volta para nós por um rápido momento.

— Vejo que Ted finalmente voltou para o caminho previsível — resmunga ela. (Em todos os outros rompimentos com Joni, ele escolheu não fugir na direção de Jasmine.)

— Ele é um canalha — murmura Chuck, talvez por achar que é seu dever.

— Não, não é — digo de maneira agradável.

— O que todo mundo vai comer? — intervém Tony.

Uma das fraquezas de ser agradável é a incapacidade de lidar com momentos nada agradáveis.

— Aposto que Joni vai pedir queijo quente — diz Chuck, com um sorriso.

— Ele me conhece tão bem! — responde Joni.

Eu me pergunto se era isso mesmo que ela estava pensando em pedir.

O que você fez com a antiga Joni, sua impostora?!

— Boa ideia — diz Tony.

Nossa garçonete chega, e estamos livres da conversa dos outros por um minuto ou dois. Depois que ela sai, ficamos falando de tópicos não controversos como a escola e o dever de casa. É tudo muito entediante, e nossas saídas para comer nunca foram assim.

É claro que culpo Chuck. E Joni, por estar com Chuck.

Consigo vê-la tentando olhar para Ted sem parecer que está olhando para Ted. Sei que ela consegue interpretar a nuca dele como o resto de nós consegue ler uma expressão facial.

Conseguimos sobreviver à refeição. Tony começa a tagarelar sobre um retiro de igreja para onde os pais estão ameaçando mandá-lo.

— Isso é errado — declara Chuck, enquanto espeta uma batata frita.

Depois que acabamos de comer, vamos até as máquinas de pinball nos fundos da lanchonete. Tenho que dizer, nada se compara a colocar seu destino por inteiro em uma pequena esfera de metal que quica em meio a luz, som e plástico. As máquinas ainda custam só 25 centavos, e cada um de nós tem suas superstições. Eu sempre jogo melhor quando uso uma moeda da Georgia ou de Rhode Island. Tony prefere Pensilvânia e Maryland. Sei que Ted tem uma pilha de Connecticuts em uma gaveta em casa; às vezes, trocamos no refeitório para aumentar nossa reserva.

Tony e eu sempre nos revezamos na mesma máquina, coberta de luzes douradas e Elvis. Ela toca “Love Me Tender” se você fizer dez mil pontos. “Can’t Help Falling in Love” toca se a fizer 25 mil. Um disparo ruim termina com “Heartbreak Hotel”.

Chuck comanda a própria máquina; às vezes, ele divide com Joni, às vezes, joga sozinho, com ela torcendo ao lado.

Cerca de 15 minutos depois que começamos a jogar, Ted e Jasmine também vão para lá.

— O que vocês gays estão fazendo? — pergunta ele a mim e Tony.

— Quem você está chamando de gay, seu otário? — grita Chuck.

— Hã, Chuck? — digo. — Ele estava falando comigo. E com Tony.

— Ah.

Mas Ted não vai deixar passar. Ele bate com uma moeda de Connecticut na máquina de Chuck.

— A próxima é minha — diz ele. — É melhor caprichar desta vez.

Como é a vez de Tony no Elvis, eu recuo um pouco. Enquanto Ted fica de olho grande no jogo de Chuck, Jasmine para ao meu lado.

— O que você está tramando? — pergunto.

Ela dá um sorriso paquerador.

— Quem disse que estou tramando alguma coisa?

Jasmine sempre andou um pouco atrás de mim, talvez só por saber que jamais vou querer ficar com ela.

— Você e Ted estão juntos agora?

— Que nada. Ele só precisa de alguém pra conversar. Mas não precisa de ninguém *sobre quem* falar, isso ele já tem o bastante.

Nós dois nos viramos e o vemos olhando com raiva para Chuck e Joni. Chuck não está nada à vontade com isso, mas não sabe como lidar sem parecer um brutamontes (o que nunca será uma coisa boa com esse grupo). Ele joga um jogo tenso de pinball. E, como qualquer pessoa sabe, um jogo tenso de pinball é um jogo *fadado ao fracasso*. Ele nem chega a oito mil quando perde a última bola. Parece meio atordoado pela pontuação e chega para o lado da máquina para Ted poder jogar.

Eu já sei que Ted vai ganhar. Ele é muito bom em pinball. E quer muito ganhar.

Joni parece estar esperando alguém apertar um alarme. Também sabe o que vai acontecer. Ela coloca a mão no ombro de Chuck, já próxima da zona de consolo.

Ted vê isso e joga com mais intensidade. O jogo de Tony termina em respeitáveis 16.749 pontos. É minha vez, mas não me mexo. Estamos todos olhando para Ted agora.

Normalmente, Ted é barulhento, grita para a bola virar para a esquerda ou quicar para a direita. Mas agora está com uma calma zen. Um observador

casual poderia dizer que ele e a bola se tornaram um só, que ele se tornou a bola.

Mas eu sei a verdade.

Chuck é a bola.

E Ted planeja dar uma surra nela.

De batida em batida, depois de cada salvamento, os números vão aumentando. Seis mil. Sete mil. Chuck se apoia na lateral e olha a pontuação.

Pode ser que jamais saibamos se foi esse momento em que ele se apoiou ou se foi a reação de Ted a esse momento em que ele se apoiou que faz a bola virar um pouco e cair na linha estreita entre as pás. A opinião de Ted é alta e clara.

— Você me atrapalhou! — grita ele, batendo a mão na máquina de pinball e cutucando Chuck com a outra.

— Foi sua culpa, cara — grita Chuck em resposta. Ele bate na mão de Ted que está tocando nele.

— Não façam isso — pede Joni.

— Fique de fora — diz Chuck, com rispidez.

— Não diga pra ela o que ela pode ou não fazer! — rebate Ted.

Chuck empurra Ted para longe da máquina. Ted empurra de volta e derruba o boné de Chuck da cabeça.

E então, Tony entra no meio deles e começa a cantar “If I Had a Hammer” o mais alto que consegue.

Não consigo acreditar. Uma vez, falei para ele que a melhor forma de acabar com uma briga é entrar entre as duas pessoas e começar a cantar músicas folk antigas. Mas nunca ouvi falar de ninguém que tenha realmente tentado uma coisa dessas.

Funciona. Enquanto a voz de Tony soa, martelando sobre justiça e alerta e amor entre os irmãos e irmãs de toda a terra, Ted e Chuck se separam. Joni

segura o braço de Chuck e o afasta da área de pinball. Depois de um momento, Jasmine faz o mesmo com Ted e passa o braço ao redor dele apenas depois de Joni se virar para olhar.

— Bom trabalho — digo para Tony.

— Era isso ou “Michael, Row the Boat Ashore”.

Olhamos para os casais entre nós e decidimos que é hora de dar um tempo de todo mundo.

Amanhã, vamos para a montanha.

Indo para a montanha

Tony e eu concluimos que a melhor coisa que um garoto hétero com pais religiosos e intolerantes pode fazer por sua vida amorosa é contar para os pais que é gay. Antes de os pais de Tony descobrirem que ele era gay, não o deixavam nem apertar a mão de uma garota. Agora, se ele menciona que vai fazer alguma coisa com uma garota, qualquer garota, eles praticamente o levam até a porta.

Jay e eu esperamos no estacionamento de uma Laundromat a duas quadras da casa de Tony. Ele diz para os pais que vai sair com Mary Catherine Elizabeth, da escola. Eles têm visões imediatas de Conexões Imaculadas e colocam dinheiro nas mãos de Tony. Ele sai de casa vestido para um flerte reprimido. Quando chega no carro, joga uma bolsa em cima dele, e ele coloca roupa de caminhada. Jay nos deixa no reservatório de água da cidade, e seguimos para a montanha.

Na verdade, não é uma montanha. Nem no sentido das Rochosas, nem no sentido dos Apalaches. Qualquer alpinista sério chamaria de morro. Mas Tony e eu não somos alpinistas sérios. Somos adolescentes gays de cidade pequena que precisam de um lugar com natureza e trilhas de caminhada. Eu saboreio o anonimato das árvores. Já vim aqui tantas vezes que não me importo quando estou perdido.

A primeira vez foi com Tony. É um lugar dele, na verdade. Já nos conhecíamos havia algumas semanas e já tínhamos ido ao cinema e passeado no shopping. Ele me contou que tinha um lugar que queria me mostrar, e, numa sexta depois da escola, fui até a casa dele e andamos por uma hora para chegar a essa reserva. Eu já havia passado por ela um milhão de vezes antes, mas jamais tinha entrado.

Tony sabe os nomes das árvores e dos pássaros. Enquanto andamos por lá, ele mostra para mim. Tento registrá-los na mente, mas a informação não fica. O que importa para mim é o significado emocional dos objetos. Ainda lembro em que pedra conversamos na primeira vez que viemos aqui. Eu sempre cumprimento a árvore em que tentei subir na nossa quarta visita e onde acabei quase quebrando o pescoço. E tem também a clareira.

Tony não me explicou imediatamente. Em nossa segunda ou terceira visita, ele apontou para uma copa de árvores e disse:

— Tem uma clareira ali.

Alguns dias depois, espiamos o local; é claro que havia uma área de grama do tamanho de dois trailers, protegida de todos os lados por galhos, troncos e folhas. Só depois de estarmos frequentando a montanha havia um mês foi que Tony me contou que morou na clareira durante uma semana, a semana seguinte à que os pais descobriram que ele era gay. A mãe decidiu trocar as roupas de inverno por roupas de verão e mexeu nas gavetas de Tony quando ele estava na escola. Encontrou uma revista dobrada em uma camisa de flanela; não era nada grosseiro, só um exemplar velho de *The Advocate* que Tony comprou em uma das idas à metrópole. No começo, ela não entendeu; achou que *The Advocate* parecia o tipo de coisa que um advogado leria. Mas se sentou na cama dele, abriu no sumário, e o segredo de Tony não era mais segredo.

Os pais não expulsaram Tony de casa, mas fizeram com que ele quisesse ir. Não gritaram com ele; o que fizeram foi rezar alto, despejando nele toda a decepção e fúria e culpa na forma de uma conversa com Deus. Isso foi antes de ele me conhecer, antes de conhecer qualquer pessoa que o acolhesse e dissesse que ele era normal. Então, ele pegou uma barraca e roupas, e montou a vida na clareira. Ainda ia à escola e deixava claro para os pais que estava bem. Eles acabaram chegando a uma trégua por meio de uma ligação a cobrar. Tony voltou para casa, e eles prometeram controlar os impulsos de censurá-lo. As orações ficaram mais baixas, mas ainda se espalhavam no ar. Tony não conseguia mais confiar neles, não com a parte gay de sua vida. Agora, guarda os poucos bilhetes de amor que já recebeu em uma caixa na casa de Joni e pega revistas emprestadas em vez de comprar. Só pode mandar e-mails na escola ou na casa de amigos; o computador da família agora controla os sites.

Sei que Tony ainda vai para a clareira de vez em quando, para pensar ou sonhar. Faço um cumprimento silencioso sempre que passamos por ela. Nunca nos sentamos lá juntos. Eu não quero invadir a solidão dele; quero estar perto quando ele decidir sair dela.

— Como estão as coisas com Noah? — pergunta ele agora, quando iniciamos nossa caminhada. Como sempre, a trilha é toda nossa.

— Bem. Estou com saudade dele.

— Você queria que ele estivesse aqui agora?

— Não.

— Que bom.

Damos mais alguns passos, e Tony pergunta:

— Como estão as coisas com Kyle?

Eu amo Tony profundamente porque não há crítica na pergunta.

— Não sei o que está acontecendo — digo para ele. — Kyle me amava, depois não me amava mais. Agora, precisa de mim. Tenho certeza de que em pouco tempo não vai mais precisar.

Andamos mais alguns minutos em silêncio. Porém sei que Tony não deixou o assunto de lado.

— Tem certeza de que isso é saudável? — pergunta ele por fim.

— Acho que é bom ele estar se abrindo — digo

— Não estou falando pra ele. Estou falando pra você.

Fico confuso.

— É ele quem está pedindo ajuda. Por que não seria saudável pra mim?

Tony dá de ombros.

— A questão é que não estou vulnerável desta vez — explico. — Não significa tudo pra mim.

— Você sabia que estava vulnerável da outra vez?

Essa pergunta eu consigo responder com confiança.

— Sim. É claro. Se apaixonar é isso mesmo.

Tony suspira.

— Eu não teria como saber.

A parte de mim que sente saudade de Noah agora tem uma parte igual em Tony. A diferença é que a saudade dele não tem nome e nem rosto.

— Um dia seu príncipe vai chegar — garanto.

— E a primeira coisa que vou dizer pra ele é “Por que você demorou tanto?”.

Chegamos à ladeira mais íngreme da montanha. Pegamos galhos caídos para usar como bengalas; não por precisarmos, mas porque é mais divertido andar assim. Começamos a falar em nossa língua (“*Sasquan helderfigglebarth?*” “*Yeh sesta.*” “*Cumpsy!*”), e paramos quando Tony escuta

um grito de pássaro que muito o interessa. (O único grito de pássaro que conheço é o *BIPE-BIPE* do Papa-Léguas.)

Tony dirige o olhar para os galhos mais altos. Não consigo ver nada, mas, depois de um momento, ele parece muito satisfeito.

— Um gringo. Não é nativo desta área. Mas isso o torna mais misterioso. Eu concordo. Aceito a ideia de que é misterioso.

Continuamos a andar.

— E o que está rolando com você? — pergunto.

— Não muito.

— E como estão as coisas?

— Bem.

RRRRRRRRR. Faço um som alto de campainha de game show.

— Me desculpe — digo —, não reconhecemos “bem” como resposta aceitável. Encaramos como ficar em cima do muro na conversa. Por favor, tente outra vez.

Tony suspira de novo, mas não fundo. Ele sabe que está encrencado. Se eu algum dia digo “bem”, ele reage da mesma forma.

— Na verdade, venho pensando na vida ultimamente, e uma imagem fica me ocorrendo — diz ele. — Sabe quando você atravessa no meio do tráfego? Você olha a rua e vê um carro chegando, mas sabe que consegue atravessar antes de ele alcançá-lo. Então, apesar de o sinal estar vermelho, você atravessa mesmo assim. E tem sempre uma fração de segundo em que você se vira e vê o carro chegando, e sabe que, se não continuar em movimento, vai ser o fim. É assim que me sinto a maior parte do tempo. Sei que vou conseguir atravessar. Mas o carro está sempre lá, e eu sempre paro pra olhar ele se aproximando.

Ele me dá um sorrisinho.

— Sabe, às vezes eu queria ter a sua vida. Mas tenho certeza de que não seria tão bom nela.

— Eu mesmo não sou tão bom nela assim.

— Você se vira.

— Você também.

— Eu tento.

Eu me vejo pensando em uma coisa que vi no noticiário um ano atrás. Um jogador adolescente de futebol americano morreu em um acidente de carro. As câmeras mostraram todos os amigos dele no enterro, uns caras enormes e fortões, todos chorando, dizendo “Eu o amava. Nós todos o amávamos tanto”. Eu comecei a chorar também e me perguntei se aqueles caras tinham dito para o jogador de futebol americano que o amavam enquanto ele estava vivo, ou se era só na morte que essa palavra estranha, *amor*, podia ser usada. Prometi naquele momento que jamais hesitaria em falar o que sentia para as pessoas que eu amava. Elas mereciam saber que davam sentido à minha vida. Elas mereciam saber que eram tudo para mim.

— Você sabe que te amo — digo para Tony agora, não pela primeira vez.
— Você é uma das melhores pessoas que eu conheço.

Tony não consegue receber elogios, e aqui estou eu, fazendo o melhor que posso. Ele o descarta com um movimento lateral da mão. Mas sei que ouviu. Sei que ele sabe.

— Estou feliz de estarmos aqui — diz ele.

Mudamos para outra língua; não a nossa língua inventada e nem a língua que aprendemos na vida. Enquanto andamos mais no bosque e subimos a montanha, falamos a língua do silêncio. Essa língua nos dá espaço para pensar e nos movermos. Podemos estar ao mesmo tempo aqui e em outro lugar.

Chego ao pico com Tony, e nos viramos. Estou ciente disso no meu silêncio, mas também estou ciente de Noah e Kyle em seus diferentes destinos, a quilômetros de distância. Estou ciente de Joni, que está em algum lugar com Chuck, não tendo momentos de silêncio a não ser que ele permita. (É um pensamento injusto? Não sei mesmo.)

Não sei onde Tony está enquanto está comigo; talvez esteja apenas concentrado nos cantos de pássaros e na inclinação da luz do sol, que passa pelas árvores em um padrão que decora o braço dele com o espaço entre as folhas.

Mas talvez seja mais que isso. Quando estamos voltando para o caminho principal, Tony se vira para mim e pede um abraço.

Eu não acredito em abraços parciais. Não consigo suportar gente que tenta abraçar sem se tocar. Um abraço deve ser completo; enquanto passo os braços ao redor de Tony, não estou apenas abraçando-o, mas também tentando afastar os problemas por um momento, para que a única coisa que ele consiga sentir seja minha presença, meu apoio. Ele aceita esse abraço e retribui. E então a postura dele desperta um alarme: as costas dele se empertigam no meio do abraço e suas mãos caem um pouco.

Olho para o rosto dele e percebo que ele viu uma coisa atrás de mim. Eu o solto, me viro e vejo dois adultos olhando com cara de bobos.

— Tony? — pergunta a mulher.

Mas ela não precisa perguntar. Ela sabe que é Tony.

Afinal, ela é a melhor amiga da mãe dele.

Todo mundo surta

Tony está de castigo, e a melhor amiga da mãe dele não consegue ficar de boca calada. A rede do grupo da igreja faz hora extra, e, quando chego na escola na segunda-feira, descubro que as apostas de Rip na minha vida amorosa são agora de 12 para um para mim e Noah, dez para um para mim e Kyle, oito para um para mim e Tony, e um ou dois que vou estragar tudo e passar o resto da vida sem um amor correspondido.

No final do dia, as apostas mudaram ainda mais, e estou completamente louco.

Não adianta protestar com as pessoas e dizer que Tony e eu somos apenas amigos (só as pessoas que nos conhecem acreditam em mim, e todo o resto quer acreditar no oposto porque é uma história melhor). Não consigo nem mais falar com Tony; tentei no domingo, mas a mãe dele desligou na minha cara, murmurando alguma coisa sobre influência do diabo, o que eu achei um certo exagero.

— Você acha que eu sou agente do diabo? — pergunto a Lyssa Ling, depois que ela me conta sobre as apostas de Rip e me entrega a lista do meu comitê do Baile Aristocrático.

— Eu esperaria que um agente do diabo fosse mais atraente que você — responde Lyssa imediatamente.

Antes que eu possa me ofender, dou uma olhada na lista do comitê... e engulo em seco.

— Hum, Lyssa? Você colocou Trilby Pope e Infinite Darlene no meu comitê?

— E daí? Já foi divulgado. Está feito.

— Obviamente, você não percebe as implicações disso. Elas duas ODEIAM A FUÇA UMA DA OUTRA. Não podem ficar juntas no meu comitê.

— As duas queriam planejar, e não sou eu quem vai escolher favoritos. Elas vão ter que dar um jeito. E você também.

Com isso, ela aperta a prancheta contra o peito e sai andando.

Cheguei cedo à escola para encontrar Noah e saber como foi o fim de semana. Mas, antes que eu consiga encontrar Noah, Kyle me encontra.

— Temos que conversar — diz ele, com urgência.

— Que tal depois da aula? — pergunto.

— Não. Agora.

Enquanto Kyle me arrasta até o armário do zelador, consigo ver a escola inteira observando pelos olhos das poucas pessoas no corredor. Só posso imaginar o que estão pensando e o que vão dizer.

O armário do zelador tem as tradicionais vassouras, rodos e baldes. Mas, no centro, há um computador de última geração. Nossa equipe de zeladores é uma das mais ricas do país por causa do talento para compra e venda de ações. Eles poderiam ter se aposentado há muito tempo, mas têm compulsão por limpar escolas.

— O que foi? — pergunto a Kyle, tentando ignorar o letreiro digital da bolsa de valores rolando na tela do computador.

Parte da confusão sumiu do rosto dele e foi substituída por urgência decisiva. Ele não parece triste e nem feliz. Parece tão sem emoção quanto

um fato.

— Minha tia morreu no fim de semana — diz ele —, e decidi que eu e você devemos ficar juntos.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele prossegue.

— Ela não era muito velha, só tinha alguns anos a mais que a minha mãe. Sempre morou longe, então eu não a conhecia direito até ela se mudar pra cá pra fazer o tratamento. O marido dela também veio. Eles se casaram dois dias depois que ela recebeu o diagnóstico. Ele prometeu nunca sair do lado dela, e não saiu. Não sei como descrever. Ela podia estar vomitando ou tremendo ou totalmente ausente, mas ele se ajoelhava ao lado dela, olhava nos olhos dela e dizia “Estou aqui”. E a forma como ele dizia *Estou aqui* era ao mesmo tempo um “eu te amo” e um “agente firme” e “eu faço qualquer coisa, simplesmente qualquer coisa”, todos esses sentimentos tão intensos em uma única frase calma. Se ele precisasse sair do quarto, tomava o cuidado de deixar o ursinho do lado dela, eles o chamavam de Quincy, pra ficar em seu lugar. Perto do final, houve alguns poucos momentos em que ela ficou nervosa logo depois de ele sair do quarto, mas ele voltava rápido, como se soubesse exatamente o que ela estava sentindo. Fui até o quarto no sábado cedo e o vi encolhido na cama de hospital, cantando músicas dos Beatles e olhando nos olhos dela. Não consegui entrar. Só fiquei na porta chorando, porque foi tão triste e tão lindo.

“Naquela noite, fiquei acordado pensando. Pensei em todas as coisas idiotas que fiz, e você estava no topo da lista. Você me deu uma coisa, Paul. E acho que não percebi até ver Tom com minha tia Maura. Aí, eu soube. Eu soube o que queria.”

Ele nota minha expressão e ri, o que só piora as coisas, porque gosto mais dele por causa disso.

— Não se preocupe — diz ele. — Não estou pedindo você em casamento, nem pra se encolher comigo numa cama de hospital. Não sei o que estou pedindo. Só sei do seguinte: eu quero uma coisa *real*. Sei que sou jovem e sei que “real” não significa pra sempre, como foi com Tom e tia Maura. Mas quero sentir que a vida importa. Eu tinha uma coisa real com você, mas a realidade me assustou. Eu decidi procurar outras coisas.

— Como Mary Anne McAllister?

— Olha, eu surtei com você. E agora estou surtando por causa disso. Estou péssimo. Tia Maura morreu ontem à noite, quando estávamos voltando pra casa. Tenho que ir ao enterro amanhã de manhã. Vai ser a pior coisa do mundo. E eu... não sei. Eu queria falar com você antes disso.

O que posso dizer? Penso nele de pé naquela porta de quarto de hospital; *foi tão triste e tão lindo*. Porque, sim, eu entendo. Nesse momento, com lágrimas nos olhos ainda não liberadas, Kyle está tão triste e tão lindo.

Ele precisa de mim.

Sei que devo ir até ele. Kyle não vai se aproximar de mim. Abro os braços, e ele se aconchega. Eu o abraço enquanto ele treme. Acaricio seu cabelo. Sussurro palavras carinhosas. Ele afasta o rosto, com as lágrimas escorrendo agora, e eu o beijo. Só uma vez, para poder afastar algumas das lágrimas. Só uma vez, porque quero que ele saiba de uma coisa. *Estou aqui*.

Nós nos abraçamos de novo, e consigo sentir o momento se afastando de nós. Estamos passando para um momento em que teremos que abrir a porta e ir para a aula. O que temos agora é real, mas é uma realidade isolada. É a realidade de um momento, de uma calma separada. Quando abrirmos a porta, a vida vai recomeçar. Vamos voltar a ficar confusos.

Sei que Kyle não vai me pedir mais nada. Sei que afastei um pouco do surto dele e o transformei em meu.

Mesmo no armário do zelador, o sinal do primeiro tempo toca. Kyle limpa o rosto na camisa, não o mais delicado dos gestos, e pega a mochila.

— Obrigado — diz ele.

— Não tem problema — respondo, e imediatamente me arrependo da escolha de palavras.

Quando chegamos no corredor, seguimos por caminhos diferentes. Não tenho tempo para procurar Noah. Parte de mim está aliviada.

Espero vê-lo depois do primeiro tempo, quando já terei conseguido transformar o momento com Kyle em um surrealismo de sonho, a ponto de conseguir fingir que não aconteceu. Tenho um bilhete na mão para Noah, mas ele não aparece para pegar.

Sincronia ruim, concluo. Depois do segundo tempo, sigo direto para a sala de aula onde ele estava. Mas Noah também não está me esperando lá. Embora uma hora e meia antes eu estivesse um tanto feliz por evitá-lo, agora estou um tanto com medo de ele estar *me* evitando.

No intervalo seguinte, sigo para a sala onde ele tem aula no quarto tempo em vez de ir para a sala de onde ele estaria saindo no fim do terceiro tempo. E, dessa forma, nossos caminhos se cruzam. Ele *parece* feliz em me ver, mas não tenho certeza se *está* feliz em me ver. Noah pega meu bilhete e diz que devíamos “entrar em contato” no almoço.

Ele não tem um bilhete para mim.

Fico nervoso por causa disso no caminho para o almoço, também me perguntando qual será a reação de Kyle se eu o vir novamente. Enquanto sigo distraidamente para o refeitório, sou surpreendido por Infinite Darlene.

— *Preciso* falar com você agora mesmo. Estou *revoltada*! — exclama ela.

Aí vem, penso. Tenho certeza de que Infinite Darlene soube que está no mesmo comitê que Trilby Pope. E tenho certeza de que está ressentida.

— Não é minha culpa — digo, na defensiva.

— Como poderia ser? — pergunta Infinite Darlene, lançando um olhar torto. — Você não teve nada a ver com o fato de que Truck sequestrou o coração de Joni. E agora todos os meus medos se realizaram. Ele é um ser sub-humano terrível, terrível.

— O que você está me contando? — pergunto a ela.

— Minha nossa, você não soube? Truck e eu tivemos uma certa altercação ontem, e infelizmente a verdade surgiu. — Infinite Darlene faz uma pausa dramática. Mas, ao ver que eu ainda estava no escuro, retoma a história. — Foi no ônibus, voltando pra casa do jogo em Passaic. Ele estava emburrado como um pitbull porque achou que escolheu as jogadas erradas. Repare que vencemos o jogo de qualquer modo, mas isso não é importante. Eu disse alguma coisa que o irritou, não consigo lembrar bem o que, e ele rebateu com alguma coisa do tipo “Ah, talvez a gente tivesse marcado mais se você tivesse passado a bola pra mim mais vezes”, e eu respondi “Querido, você *sabe* que não vou dar passes pra você”. Um sorriso cruel surgiu no rosto dele, e ele disse “Mas eu marco gols mesmo assim, e não tem nada que você possa fazer pra impedir”. Eu falei “Então é *por isso* que você está fazendo isso?”. Ele sorriu ainda mais. Seus olhos eram puro rancor. E eu soube. É disso que se trata. Não de Joni. Não de amor. Ele está se vingando de mim. Vai magoar meus amigos, e vai ser minha culpa a não ser que eu impeça. Ele nos odeia, Paul. Não se engane.

Mesmo para Infinite Darlene, isso parece um pouco demais.

— Você não acha que Joni conseguiria ver se ele estivesse planejando isso?

Infinite Darlene coloca a mão no meu ombro e me olha fundo nos olhos.

— Fala sério, Paul — diz ela. — Todos nós sabemos que o amor leva a gente a fazer coisas idiotas.

Assim de perto, eu consigo ver por todas as camadas de Darlene. Por baixo do rímel e do batom e da marca de catapora no lábio inferior, por baixo da garota e do garoto, até a pessoa no centro de tudo, que está preocupada e confusa e é sincera. Eu me pergunto se ela também consegue ver pelas minhas camadas, através de minha paz mal controlada, até toda a confusão amorosa por baixo. Não tem como ela saber que beijei Kyle a não ser que veja no meu rosto. Eu me pergunto se meu surto é tão legível quanto o dela.

— Temos que fazer alguma coisa — diz ela. — Temos que impedi-lo.

— Como?

— Não sei. Primeiro de tudo, você precisa conversar com Joni.

Eu sabia que ela diria isso.

— Você quer que eu conte pra ela que o único motivo de Chuck estar saindo com ela é pra se vingar de você?

— Não exatamente com essas palavras, mas sim.

— E você acha que ela vai me ouvir?

— Querido, se ela parou de ouvir você, isso é um problema maior que qualquer outro.

Sei que isso é verdade.

— Tudo bem — digo. Espero que Infinite Darlene fique aliviada com isso, mas ela não parece aliviada.

— Eles estão ali — insiste ela, apontando para Joni e Chuck no refeitório, de alguma forma comendo e se agarrando ao mesmo tempo. — Agora é tão boa hora quanto qualquer outra.

Naturalmente, quero procurar Noah (não quero?), mas não consigo encontrar um jeito de dizer não para Infinite Darlene. Sigo até Joni sob o olhar atento dela.

Joni nem se desgruda de Chuck quando chego perto. Ela deixa que ele coloque a mão em seu bolso traseiro. Luto contra a vontade de *eeeeeca*.

— E aí? — pergunta ela. Parece na defensiva, então o *eeeeeca* deve ter ficado evidente.

— Podemos conversar?

— Claro. — Ela não se move.

— Em algum outro lugar.

Ela olha para Chuck, que está olhando para mim.

— Podemos conversar aqui, não podemos? — diz ela, virando-se na minha direção.

— Não.

É uma palavra tão simples... *não*. Mas tem a força de um tapa. Não vou falar com Joni na frente de Chuck porque não foi o que fui ali fazer. E Joni não vai ceder. Já sei disso. E esse som que você ouve, esse *não*, esse tapa, é o som de nossa amizade assumindo um tom de guerra.

— Por que não podemos conversar aqui?

— Porque quero falar com você em particular.

— Ah, agora não dá. Estou ocupada.

Ocupada com a mão de Chuck no bolso de trás e ele se entupindo de batata frita, possivelmente pensando que sua vingança contra Infinite Darlene está funcionando perfeitamente.

— Desculpem o incômodo, então — digo, torcendo para que isso lance uma última adaga de culpa na direção dela.

Eu me viro abruptamente porque fico com medo de ver se consegui a reação que queria.

Não consigo encontrar Noah no refeitório. Quero muito vê-lo agora. Saio perguntando, e Oito me conta que o viu perto do campo de futebol com a câmera. Sigo imediatamente naquela direção.

Ele está exatamente onde Oito disse que estaria: na beirada do campo, no espaço entre a linha do gol e o bosque que tem atrás. A câmera está na altura do olho, a postura, silenciosamente observadora. Estou me aproximando por trás dele, mas não consigo perceber o que está fotografando. Vejo arquibancadas vazias com uma lata de lixo pela metade do lado e mais nada.

Há um clique suave, depois outro. Dou uma volta e paro na lateral de Noah. Olho para o cabelo desgrehado e para o moletom azul com capuz e percebo o quanto senti falta dele. Mais que tocar nele ou beijá-lo, o que quero mesmo é conversar com ele.

Sinto que o Paul que beijou Kyle é uma pessoa completamente diferente do Paul que gosta de Noah. E, nesse momento, sou completamente o Paul que gosta de Noah. O outro Paul está em outro país.

— Oi — digo.

Ele se vira para mim com a câmera ainda na altura do olho. Não sorri e nem responde. Mantém a concentração enquanto me vê pelo visor.

Eu chego mais perto, até conseguir me ver refletido no vidro da lente.

— Todo mundo está surtando — continuo. — *Eu* estou surtando. Tem tanta coisa acontecendo. Meu Deus, senti saudade de você. Me desculpe por estar tão distante.

Ouçoo outro clique. Dou um sorriso depois que a foto foi tirada.

— Tudo bem — diz Noah.

Ele abaixa a câmera, e consigo ver sua expressão agitada.

— Como foi seu fim de semana? — pergunto.

— Bom. Pensei em algumas coisas.

Pela forma como fala, consigo perceber que essas coisas são eu e que não vou gostar do que vem depois.

— Como o quê?

— Como... que talvez a gente deva ir mais devagar. Dar um tempo.

Eu concordo com a cabeça, como se entendesse o que ele está dizendo.
Mas pergunto:

— Por quê?

— Porque eu preciso.

— Por quê?

— Porque... eu sinto... sinto que não conheço o que sinto. Eu gosto muito de você, mas não sei o que isso quer dizer. Não sei o que você quer de mim. E não sei se posso dar a você ou não. Fui pra casa esse fim de semana e pensei nessas coisas. Falei com minhas velhas amigas sobre você e sobre mim, e, ao ouvir tudo em voz alta, percebi que me meti em uma coisa pra qual talvez não esteja preparado. Quero dizer, sei que você não vai me magoar, mas ao mesmo tempo não quero me jogar em um lugar onde posso ser magoado. Chloe, Angela e Jen me mostraram isso, e consigo ver o que elas querem dizer.

A mensagem está clara para mim.

— Você está surtando — digo.

Ele sorri um pouco ao me ouvir.

— Pode ser. Mas preciso entender tudo. E não posso ficar com você enquanto faço isso.

— Você está analisando demais — argumento. No fundo da mente, estou pensando: *Tem tantos outros motivos pra você terminar comigo. Por que isso?*

Ele leva a câmera até o olho.

— Não tire minha foto — digo.

— Tudo bem.

Ele abaixa a câmera novamente.

— Quer fazer alguma coisa hoje à tarde?

Ele balança a cabeça.

— E na quinta? — oferece ele.

— Quinta — repito. Será que tem algum tipo de equação que ele está seguindo que torna sair na quinta permitido, mas não esta tarde?

Eu não quero, mas meio que entendo o que Noah quer dizer. *Tenha cuidado*, está dizendo. Quero que ele tenha cuidado comigo também. E às vezes ter cuidado dá a impressão de que precisa ser devagar. Principalmente se você ficou com alguém rápido e descuidado antes.

Ele parece muito nervoso. Ainda *gosta* de mim, mas isso está fazendo com que ele surte.

— Está bom? — pergunta ele, recuando um pouco.

— E na terça? — digo.

— Quarta. — A seriedade dele está desmoronando.

— Terça e meia.

— Terça e três quartos.

Como não consigo pensar no que tem entre metade e três quartos com rapidez, concordo em vê-lo na terça e três quartos.

— Só preciso pensar.

Eu sei que não devia, mas me inclino e o beijo. Eu aperto a câmera dele, e ela tira fotos de nossos pés quando ele retribui o beijo.

— Isto é algo em que pensar — diz ele, quando nos separamos.

Mas não cede completamente.

— Terça e três quartos — repete ele.

— Terça e três quartos — concordo.

Quando ele vai embora, sinto falta dele. Sei que vou sentir falta dele pelo resto do dia e amanhã, e nos três quartos depois. Apesar de ele não saber sobre o Paul que beijou Kyle, apesar de eu não conseguir pensar em nada que poderia ter dito ou feito para fazer com que ele surtasse, sinto que é tudo minha culpa. Eu provoquei o destino, e agora o destino está me dando uns chutinhos em resposta.

O pior é que não tenho com quem conversar. Tony está exilado, Joni está vivenciando uma paranoia, Ted não é uma opção de verdade, e Infinite Darlene provavelmente me diria que estou tendo o que mereço. Assim, todas as palavras ficam contidas na minha mente e não me deixam em paz.

Passo o resto das aulas no mundo da lua. De repente, Joni me puxa de volta à Terra.

— O que você estava tentando fazer no almoço? — pergunta ela, quando estou colocando livros no meu armário.

Reparo que Chuck não está com ela.

— Ei — digo —, onde está seu apêndice?

Ela bate a porta do meu armário e quase prende meus dedos.

— Estou cansada disso, Paul — grita ela. — Estou cansada de sua atitude e de todo mundo. Você quer que tudo fique igual. Quer que eu volte com Ted e que todos nós fiquemos no mesmo grupinho para o resto de nossas vidinhas. Mas não vou ser assim. Meu mundo é maior que isso.

Meu mecanismo de defesa foi acionado.

— Você está citando Chuck diretamente ou só parafraseando? — pergunto, mais para irritá-la do que por achar ser verdade.

Na mosca. Se meu armário tivesse se aberto, ela bateria a porta de novo, dessa vez com minha cabeça no caminho.

— Você se acha tão bom amigo, né? — rosna ela. — É por isso que Tony está de castigo e Infinite Darlene consegue botar você pra fazer o trabalho sujo dela?

— Do que você está falando?

— Eu sei o que ela anda dizendo sobre mim e Chuck.

— E você ao menos parou por uma fração de segundo pra se perguntar se é verdade? Infinite Darlene é sua amiga, lembra?

— Ela *era* minha amiga.

— Que nem eu, é?

Eu a induzi a isso, mas ainda levo um susto quando ela diz:

— Que nem você.

É Kyle, dentre todas as pessoas, que interrompe esse momento.

— Oi, Paul! Oi, Joni.

Ele se aproxima e me lança um olhar ansioso. Tento ignorar, mas os olhos de Joni se arregalam um pouco. Ela viu; não sei exatamente o que, mas não vai passar ileso.

Não consigo mais aguentar. Estou surtando porque sei que cometi um erro com Kyle, e estou surtando porque não parece ser de todo um erro. Estou surtando porque minha amizade com Joni está passando por um momento delicado depois de dez anos, e estou surtando porque ela não parece se importar. Estou surtando porque Noah parece não saber o que quero dele, e estou surtando porque não sei o que eu poderia dar a ele em retribuição. Estou surtando porque fui pego no flagra, e não por outra pessoa, mas por mim mesmo. Eu vejo o que estou fazendo. E não consigo me impedir de piorar as coisas.

Então, saio correndo. Peço desculpas e saio correndo. Pela porta. Para fora da escola.

Mas não para longe.

Não consigo ir para longe.

Quando chego em casa, encontro um bilhete de Noah no bolso da frente da minha mochila. De alguma forma, ele conseguiu colocá-lo sem que eu reparasse. Como lembro que tirei uma calculadora do bolso depois do almoço, sei que ele se aproximou de mim depois que eu o vi. O bilhete só tem uma linha, mas tenho certeza de que é a letra dele.

O bilhete diz:

Não acredito que você beijou ele.

Outro lugar

Desde que eu era pequeno, faço essa coisa que chamo de “Ir para Outro Lugar”. É quase como meditação, mas, em vez de limpar a mente, tento me colorir. Eu me sento no meio do quarto, no chão, e fecho os olhos. Coloco músicas que sei que vão me levar para o Outro Lugar certo. Eu me encho de imagens. E vejo-as se desenrolarem.

Meus pais e até meu irmão são legais e me deixam fazer isso. Eles nunca me perguntam por que preciso fugir. Respeitam minha porta fechada. Se alguém liga, eles dizem para a pessoa que estou em Outro Lugar e que voltarei logo.

Quando chego em casa depois da aula, a casa está vazia. Escrevo um bilhete no bloco na mesa da cozinha, *Em Outro Lugar*, e sigo para o meu quarto. Coloco “Always”, do Erasure, e tiro os sapatos. Eu me sento exatamente no centro do quarto. Quando fecho os olhos, começo com vermelho.

As cores vêm primeiro. Vermelho. Laranja. Azul-marinho. Flashes de cores sólidas, como papéis de origami iluminados por luzes da televisão. Depois de passar pelas cores, visualizo estampas: listras, diagonais, bolinhas. Às vezes, passo por uma imagem em uma fração de segundo. Em outras, me

demoro. Faço uma pausa no caminho para o Outro Lugar. E, de repente, estou lá.

Nunca tenho um plano. Nunca sei o que vou ver depois que acabam as cores e as estampas.

Desta vez, é um pato.

Ele surge nadando e me chama. Eu vejo uma ilha, a tradicional ilha deserta, com água azul cristalina, areia perfeita e uma palmeira curvada para o lado. Sigo para lá e me deito olhando para o céu. Consigo sentir Joni batendo na porta, mas não a deixo entrar. Quando vou para o Outro Lugar, viajo sozinho. Conchas circulam minha sombra. Estico a mão e pego uma, esperando ouvir o mar. Mas as conchas estão silenciosas. Tony passa andando e acena. Parece feliz, e fico feliz. Ouço vulcões ao longe, mas sei que estou em segurança. O pato passa andando perto dos meus pés. Dou uma gargalhada por causa dos movimentos dele. O pato mergulha na água e começa a deslizar. Eu o sigo, pois quero nadar.

Começo a afundar. Não estou me afogando; não há luta, não há medo. É o oposto de flutuar, uma simples queda para baixo. Estou descendo por água vazia, sem saber o que há embaixo. Espero encontrar pedras, peixes, destroços. Mas encontro Noah em seu estúdio, pintando cores em uma tela. Tento ver o que ele está pintando, mas não consigo. Penso que ele não está pintando um quadro. Está pintando emoções, e cada cor que usa significa dor. Tento nadar para longe, mas fico suspenso. Aqui não é o Outro Lugar; aqui é Algum Lugar. Tento voltar para as cores e estampas, mas todas elas agora vêm do pincel de Noah. Tento voltar para a praia, para o vulcão. Mas até a música na minha cabeça diz que não há escapatória. E sei disso. Estou flutuando para a superfície agora. Noah fica menor, seu quarto diminui. Mas sei que é meu destino final. Ele é onde quero estar.

Não abro os olhos. Ainda não. Estou de volta agora; estou sentado no centro do meu quarto e ouço os passos do meu irmão na escada.

Às vezes, a distância entre saber o que fazer e realmente fazer é uma caminhada bem curta. Outras vezes, é uma extensão impossível. Enquanto estou sentado de olhos fechados, tento avaliar a distância entre mim e as palavras que terei que dizer. Parece longe. Muito longe.

Ainda não estou pronto.

Coloco a mão no bolso e sinto o contorno do bilhete de Noah. *Não consigo acreditar que você beijou ele.* Seria tão fácil ficar obcecado pela maneira como ele descobriu. Mas isso é só uma digressão especulativa. O verdadeiro problema é que é verdade.

Eu abro os olhos. Pego meu dever de casa e o faço com ainda menos entusiasmo que o habitual.

Decido ligar para Tony. A mãe dele atende.

— Posso falar com Tony, por favor? — peço.

— Ele não está — responde a mãe dele friamente.

— Onde ele está? — pergunto.

Ela desliga.

Ligo para minha amiga Laura e fico aliviado por ela não estar na casa da namorada. Peço para ela ligar para Tony e ver se ele está bem (tenho certeza de que a mãe dele vai passar a ligação de uma garota). Ela concorda na mesma hora e retorna a ligação 15 minutos depois para me contar que ele está se sentindo deprê, mas que dá para sobreviver à situação. Os pais dele o mantêm sob observação constante, com medo de ele roubar alguns beijos se eles não estiverem montando guarda. As chances de eu conseguir vê-lo no futuro próximo rivalizam com as de eu me tornar campeão mundial de peso-pesado.

No jantar, meus pais percebem meu humor. Eles tentam desviar do assunto no começo, mas a curiosidade é mais forte e, na hora da sobremesa, perguntam com tudo.

— O que está acontecendo? — pergunta minha mãe.

— Você está bem? — ajuda meu pai.

— O que você fez agora? — pergunta Jay.

Conto para eles o que aconteceu com Tony.

— Talvez seja hora de enviar os soldados do PALG — sugere Jay.

Em nossa cidade, o PALG (Pais e Amigos das Lésbicas e Gays) é tão presente quanto a APM (Associação de Pais e Mestres).

Minha mãe assente afirmativamente para o meu irmão enquanto meu pai balança a cabeça negativamente por causa dos pais de Tony.

Volto correndo para o meu quarto antes de começar a tagarelar sobre Noah. Jay toca no assunto mesmo assim.

— Dia cheio? — pergunta ele, com a cabeça enfiada na porta.

— Qual foi sua aposta? — pergunto, pois sei que ele deve ter sabido das coisas por Rip.

— Eu não apostei — diz ele, e espera um segundo. — Só me faça o favor de me dar a dica quando souber que lado vai escolher.

— Vou fazer isso — respondo.

— Agente firme, Paul. — Ele fecha a porta delicadamente.

Tento me armar com distrações. Termino o dever de casa. Leio um livro. Desço e assisto televisão. Mas a imagem do Outro Lugar, de Noah no estúdio, não sumiu.

Não consigo acreditar que você beijou ele.

É só às 23h que decido que não aguento mais. Sei o que preciso fazer.

Meus pais estão no quarto deles, vendo um programa policial na TV a cabo.

— Tenho que sair — digo para eles. — Sei que está tarde e sei que vocês provavelmente não vão deixar, mas preciso fazer alguma coisa porque, se eu não fizer, ficarei acordado a noite toda e, quando conseguir falar com Noah, provavelmente vai ser tarde demais.

Meus pais se entreolham e conversam sem falar.

— Você pode ir, desde que use o colete protetor reflexivo — diz minha mãe.

— *Mãe.*

— Não vamos deixar você andar lá fora no meio da noite sem o colete. Fim da discussão. Você decide.

Vou até o armário perto da porta da frente e tiro a horrível besta laranja de poliuretano. Eu a visto e volto para o quarto dos meus pais.

— Satisfeitos? — pergunto.

— Volte até meia-noite.

Nem tenho tempo para pensar nas palavras que vou dizer. Tenho que acreditar que elas estarão lá quando eu precisar delas.

Garoto perde garoto

Jogo pedrinhas na janela de Noah. Finalmente, a luz se acende. Ele abre a janela e olha. E então, começa a jogar pedrinhas em mim.

— Vá embora — sussurra-grita ele.

— Preciso falar com você — sussurro-grito em resposta.

— Mas eu não preciso falar com *você*.

— *Por favor*.

Ele fecha a janela e apaga a luz. Espero um minuto e desisto. Foi burrice vir aqui, burrice esperar ser tratado melhor do que mereço.

Quando chego na rua, ouço uma porta se abrir. Noah sai de casa descalço, e volto para a calçada. As casas vizinhas estão silenciosas. Consigo ouvir Noah inspirar, esperando que eu fale. Olho para os pés dele no cascalho, para a calça do pijama e para a camiseta surrada da RISD.

— Por que você está usando esse colete horrendo? — pergunta ele.

— Meus pais me obrigaram — explico. E começo a tirá-lo.

— Não me lembro de ter dito que você podia tirar a roupa — diz Noah secamente. Eu fico com o colete.

O tom parece quase familiar. Mas então lembro por que estou aqui no meio da noite.

— Me desculpe — digo, finalmente olhando nos olhos dele. — Não sei o que você ouviu e nem como ouviu, mas quero que saiba que foi uma coisa que aconteceu. Ele precisava de mim de uma maneira muito séria, então eu o beijei. Só uma vez. Só por um momento. Eu não estava pensando em você nem em mim. Estava pensando nele.

Faço uma pausa, mas prossigo.

— Sei que isso não torna o gesto certo. E sei que não devo ser sua pessoa favorita no momento. Mas a questão é que ainda gosto de você e quero ficar com você. Não quero ter que esperar até quinta, nem até semana que vem, nem até o ano que vem. Quero conversar com você e ser aleatório com você e ser ridículo com você. Não sei o que quero de você, e não sei o que você quer de mim. Se é que queremos alguma coisa. Mas o que sei é que não quero que você me odeie por causa de um beijo espontâneo.

Paro aqui para ver a reação de Noah. O rosto dele me mostra mais mágoa que raiva. Não sei se ele vai simplesmente sair andando ou se vai me agredir.

— Então você beijou ele *mesmo*? — pergunta ele.

— Beijei.

— Quando?

— Hoje de manhã.

— Hoje de manhã?

— É.

— Tudo bem — diz ele. — O que quero saber é o seguinte. O tempo todo, eu supus que você e Tony eram apenas amigos. Isso quer dizer que vocês são mais que isso?

Hesito.

— O que você quer dizer? — pergunto.

— O que quero dizer é: essa foi a primeira vez que você beijou Tony?

— Tony? — Tenho vontade de dar uma gargalhada.

— É, Tony.

Agora estou sorrindo, apesar de tudo.

— Eu não beijei Tony. Foi *isso* que você ouviu? Ah, Deus! Eu estava no parque com ele ontem, e nos abraçamos porque ele estava chateado. Foi só isso.

Eu concluo que isso vai esclarecer as coisas. Mas Noah parece mais confuso que nunca.

— Então quem você beijou hoje de manhã? — pergunta ele.

Ops.

— Hã... er...

— Hã? Er?

Idiota. Idiota. Idiota.

— Kyle? — digo.

Noah arregala os olhos. Ele está totalmente desperto agora.

— Seu *ex-namorado* Kyle?

Eu concordo.

Agora é Noah quem está rindo.

— Cara — diz ele —, eu tenho mesmo um *ótimo* gosto pra garotos. Acho que preferia que você beijasse Tony. Mas Kyle... uau.

— Eu posso explicar — interrompo, embora ache que *já* expliquei.

— Não se incomode — diz Noah. — De verdade. Você não ia me contar, ia?

— Mas eu *contei* — observo. Eu devia ter pelo menos isso a meu favor.

Noah prossegue.

— Quando eu estava fora no fim de semana, saí com minhas três melhores amigas. Contei pra elas sobre você. E sabe o que elas disseram? Elas me aconselharam a tomar cuidado. Chloe, Angela e Jen argumentaram que me entrego demais pras pessoas. Acho que as coisas parecem boas

demais pra ser verdade, e acaba que estão *mesmo* boas demais pra ser verdade. Eu gostava *tanto* de você, Paul. Você não faz ideia de como isso foi difícil pra mim. Chegar a uma cidade nova, deixar tudo que amo pra trás... e, de repente, colocar toda a esperança e confiança em um estranho. Fiz isso com Pitt, e depois, apesar do fato de ter jurado que não faria de novo, comecei a fazer com você. Por sorte, não cheguei tão longe. Por sorte, estou descobrindo isso agora em vez de daqui a dois meses.

Vejo bem para onde isso está indo. Quero impedir.

— Por favor, não faça isso — digo baixinho.

Ele começa a recuar.

— Eu não estou fazendo — diz ele. — Você já fez.

— Foi só um beijo!

Noah balança a cabeça.

— Nunca é só um beijo. Sabe disso. Portanto, vá pra casa.

Estou começando a chorar. Não tenho controle sobre isso. Tento segurar, ao menos até ele voltar para dentro de casa e parar de olhar para mim. Agora ele está com raiva, e sinto a dor, uma dor que é mais dolorosa porque foi causada por mim mesmo. Tudo que ele queria era que eu tomasse cuidado. E eu fui descuidado. Tão descuidado.

— Boa noite — digo, quando ele sobe para a varanda.

— Boa noite — responde ele. Por hábito, por gentileza, quem sabe?

Ando para casa no meio da rua, sozinho com meus pensamentos e minha frustração. O mais louco de tudo é que ainda sinto uma fagulha de esperança. Sei que não tem nada que eu possa dizer ou fazer agora para mudar a opinião de Noah sobre mim. Mas em pouco tempo o agora vai ser minutos atrás e dias atrás e semanas atrás. O que sinto por Noah não pode ser apagado com uma conversa de encerramento. O fato de me sentir tão terrível é uma prova perversa do valor e do significado dele para mim.

Eu me meti nessa confusão. Sou capaz de me tirar dela.
Ou é o que eu acho.

Lidando com os viciados em clubes

Minha mãe me encontra na manhã seguinte quando estou decidindo se vou sair da cama ou não. Eu não entendo por que posso ficar em casa quando estou com febre (uma coisa que passa com o tempo), mas tenho que enfrentar os deprimentes corredores quando não há uma única pessoa que quero ver (uma coisa que pode ou não passar). Tento elaborar uma desculpa rapidamente, mas, antes que consiga abrir a boca, ela diz:

— Nem tente. E não deixe de pendurar o colete de segurança no armário antes de sair. Não largue no chão assim.

Pego no flagra duas vezes. Não é uma boa maneira de começar o dia.

Fico neurótico quanto ao que vestir. Porque de repente cada peça de roupa tem alguma coisa a ver com alguém. Camisas que Joni me ajudou a escolher. A calça que usei na noite em que conheci Noah. As roupas de ontem jogadas nas costas da cadeira; é incrível pensar que beijei Kyle e fui dispensado por Noah durante o ciclo de uso de uma calça jeans.

No final, remexo no fundo do armário e encontro um suéter que minha tia me deu de aniversário no ano passado. É laranja e verde, e ressalta o laranja dos meus olhos apesar de eles costumarem ser verdes. A gola é um

pouco apertada, e as mangas são um pouco compridas demais. Porém uso mesmo assim.

Concluo que é meu novo começo... ou meu último recurso.

A primeira pessoa em quem esbarro quando chego na escola é Rip, o gerenciador de apostas. Consigo perceber que ele estava me esperando. Rip fica olhando meu suéter por um momento, mas não fala nada sobre ele.

— Então é isso? — pergunta ele. — Você não ficou com ninguém, certo?

Tecnicamente, concluo que é verdade. Perdi Noah. Não quero Kyle. Tony nunca foi opção.

Não tenho ninguém.

Mas...

Penso em Noah de novo.

— As apostas ainda não acabaram — digo para Rip.

— Me parecem bem acabadas — declara ele, com um sorriso. Consigo vê-lo contando o dinheiro mentalmente.

Surpreendo a mim mesmo ao colocar a mão no ombro dele e pensar em uma metáfora esportiva.

— Me escuta — digo. — Você não pode fazer uma bolsa de apostas no Super Bowl e declarar o vencedor no meio da temporada. No que me diz respeito, ainda não chegamos nem nas finais. Se você começar a recolher o dinheiro, vou dizer pra todo mundo que você os está enganando. As pessoas não vão gostar disso.

Rip pensa por um momento.

— Te dou até o Baile Aristocrático — diz ele. — Assim, mais pessoas podem apostar.

Eu concordo e tiro a mão do ombro dele.

Quando ele se afasta, Infinite Darlene aparece atrás de mim.

— Rip nunca namora ninguém — observa ela.

— Por quê? — pergunto.

— Ele não gosta das chances de perder uma aposta dessas.

Infinite Darlene está olhando fixamente para o meu suéter agora.

— Sei que eu deveria odiar — diz ela —, mas, na verdade, até gostei.

— Obrigado, eu acho.

Ela está vestida impecavelmente, com uma camiseta vintage de *As Panteras* e uma saia branca de imitação de couro. (Não tenho ideia de onde ela tira isso. Na verdade, também não tenho ideia de como ela põe.)

— Como você está? — pergunta ela.

— Não consigo nem começar a contar — reclamo, e acabo soltando a história toda.

— Ah, querido — consola ela quando acabo de falar. — É como minha avó dizia: quando você pensar que a vida jogou você na sarjeta, um furacão vai aparecer e destruir sua casa.

— E depois você reconstrói? — pergunto.

— Ah, ela nunca mencionou essa parte, mas acho que pode acontecer.

Não me sinto animado.

Em seguida, para piorar, Infinite Darlene diz:

— E então, querido, você está pronto pra reunião do comitê no sexto tempo?

A reunião do comitê do baile. Eu tinha esquecido completamente. E eu sou o responsável.

Infinite Darlene prossegue:

— Sei que aquela vaca — essa seria Trilby Pope — vai estar lá. Sei que você não tinha como impedir que ela se inscrevesse. Portanto, não *te* acho responsável. Mas me faça o favor de cuidar pra que ela fale o mínimo possível. Me dá *tanta* enxaqueca.

— Vou ser justo — digo para Infinite Darlene.

Ela suspira.

— É disso que tenho medo. Acredite, isso não é favor pra nenhuma de nós.

Com isso, ela se vira e sai rebolando.

Só volto a vê-la no sexto tempo, na salinha que a biblioteca reserva para reuniões assim. Não estou nem um pouco preparado, mas estou pronto para fingir que estou.

Há dez pessoas no comitê. As primeiras que vejo são duas melhores amigas que participam de tudo juntas; como seus nomes são Amy e Emily, nós as chamamos de Indigo Girls, apesar de elas serem hétero. Tem também Trilby Pope e Infinite Darlene, sentadas em cantos opostos da sala; Infinite Darlene olha com raiva para Trilby, e Trilby apenas encara o chão em resposta. Tenho certeza de que isso deixa Infinite Darlene louca; não tem nada de que ela goste mais do que uma competição de cara feia.

Kyle está no fundo da sala, parecendo meio perdido. Ele não está na minha lista, e tenho a desconfiança de que se inscreveu depois.

Há ainda os viciados em clubes. Desde o jardim de infância, eles são escravos das candidaturas a vagas na faculdade. Entram em qualquer clube que esteja disponível, fazem toda hora de voluntariado que conseguem e se esfaqueiam nas costas com lápis nº 2 bem apontados para serem oradores da turma. (Ironicamente, quem vai acabar sendo nossa oradora, Dixie LaRue, é uma garota que adora festas e se recusa a deixar a pressão dos viciados em clubes afetá-la.) Como os viciados em clubes tendem a se espalhar mais do que plástico de PVC, e com personalidade compatível, sei que devem aparecer para uma ou duas reuniões de comitê no máximo, vão colocar no currículo e vão seguir em frente para o Clube dos Futuros Comerciantes de Armas da América ou qualquer outro.

O problema é que eles sempre querem falar antes de ir embora. Eles sentem que fazer tantas coisas os qualifica como especialistas em tudo.

E raramente é assim.

— Acho que devíamos fazer um tema dos anos 1970! — diz a viciada em clubes A assim que reúne o grupo.

— Fazer tema dos anos 1970 é tão anos 1990 — falo para ela. — Alguma outra sugestão?

— Que tal “O Futuro”? — palpita a viciada em clubes B.

— Ou “A Diversidade da Vida”? — acrescenta a viciada em clubes C.

— Que tal escolhermos “Imprecisão” como tema, hein? — interrompo.
— É um baile, pessoal... Não uma feira de ciências.

O viciado em clubes D, que estava de mão levantada, a abaixa agora. Tenho certeza de que ele pensou que estava na reunião do comitê da feira de ciências.

— Que tal *O mágico de Oz*? — propõe humildemente a viciada em clubes E. Percebo pelo brilho nos olhos que ela pelo menos sabe quem é Dorothy.

Não é má ideia. Mas, como muitas das ideias dos viciados em clubes, não é particularmente tomada de originalidade. O tema do Baile Aristocrático do ano passado foi *A Noviça Rebelde*. E mesmo eu adorando a ideia de colocar uma estrada de tijolos amarelos no meio do ginásio e de obrigar os adultos acompanhantes a se vestirem como macacos porteiros voadores, tenho medo de que fique muito à sombra do ano passado, em que a maior parte dos alunos apareceu com roupas feitas das cortinas velhas dos pais.

Explico isso para a viciada em clubes E, que não parece muito dissuadida. Acho que talvez ainda haja esperança para ela. Pergunto qual é o nome dela, e ela me diz que é Amber.

— Alguém tem alguma outra ideia? — pergunto.

— Que tal a morte? — diz Kyle.

— Como?

— A morte. Como tema.

Todos fazemos uma pausa de um segundo.

— É a coisa mais idiota que já ouvi — diz Trilby Pope, com desprezo.

— *Eu* adorei — Infinite Darlene discorda previsivelmente.

— Não tenho tanta certeza... — digo.

— Não, pense bem — opina Amy. — Poderia ser bem legal. Na maioria das culturas, dançar faz parte da cerimônia de morte. Faz a vida parecer ainda mais legal que antes.

— Poderíamos decorar com imagens da morte — diz Emily.

— E as pessoas poderiam se vestir como sua pessoa morta favorita. — Amy está bastante envolvida agora.

— Poderíamos usar lápides como enfeites de centro de mesa — digo, começando a gostar da ideia.

— Afinal, alguém tem mesmo que dançar com o quadro da aristocrata morta — observa Kyle.

— Vocês são *doentes* — diz a viciada em clubes B.

— Cale a boca, Nelly — interrompe Amber. — Isso pode ser melhor que a final do campeonato de debate culinário!

Olho para ela sem entender.

— Um dos finalistas de Petaluma molhou a calça no palco por causa da pressão — explica Amber. — Foi fantástico.

— Não estão falando sério, estão? — diz Trilby.

— Você não saberia o que é sério nem que estivesse na sua cara — retruca Infinite Darlene.

— Bem, pelo menos *eu* sei passar sombra nos olhos.

Infinite Darlene pula da cadeira gritando.

— Quer levar isso lá pra fora, Trilby?

— Te dar uma surra não vale o risco de rasgar minha meia, *Daryl*.

Eu me intrometo antes de Infinite Darlene pular em cima dela.

— Chega! — grito. — Estamos tentando planejar um baile aqui, então botem seus tigres pra brigar alguma outra hora. Infinite Darlene, sente-se. Trilby, se você não consegue dizer nada legal, saia da sala. Certo?

As duas concordam.

— Agora vamos falar mais um pouco sobre a morte...

Estou começando a ter uma visão para o baile. Durante o resto do tempo, disparamos ideias, e o planejamento toma forma. Quando o sinal toca, a maior parte de nós parece satisfeita. Os viciados em clube de A a D são caso perdido, mas Amber veio para ficar. Trilby e Infinite Darlene discordaram de todos os assuntos abordados, mas a discordância delas ao menos forneceu dois pontos de vista para o resto de nós escolher.

Amy e Emily ficam um pouco mais, pois querem inserir alguns poemas sobre a morte na mixagem do DJ. Quando saem, só restamos eu e Kyle na sala. Sinto-me meio constrangido; na última vez que o vi, saí correndo da escola. Espero que ele peça explicação. Mas ele me surpreende dizendo:

— Você é muito bom nisso, sabe.

— Foi ideia sua — observo.

— Acho que foi. — Ele faz uma pausa e observa os tênis.

— Como você está? — pergunto. — Quero dizer, quanto à sua tia e tudo mais.

Ele olha para mim.

— Bem, eu acho. Minha mãe está muito triste. Não sei o que dizer pra ela. Nada é fácil, sabe?

Algumas coisas são fáceis. Mas percebo que ele pode não estar vivenciando nenhuma delas agora.

— Obrigado por perguntar — acrescenta ele, e é completamente genuíno.

Faço mais algumas perguntas, sobre a casa dele, sobre o enterro naquela manhã. Não toco nele, e ele não parece precisar ser tocado.

O segundo sinal toca. Estamos ambos atrasados para o sétimo tempo. Pegamos as mochilas e saímos juntos. Enquanto andamos, conversamos sobre a vida ser injusta e a ideia de um baile com tema de morte. Não falamos sobre o beijo e nem nada que veio depois. E me vejo pensando no quanto é estranho; uma época, quando estávamos juntos, eu só queria que Kyle se abrisse comigo e me contasse o que sentia em relação a nós. Agora, estou grato por ele nos deixar conversar sem ter Uma Conversa.

Até onde sei, ninguém além de Noah sabe o que aconteceu entre mim e Kyle. Portanto, não é nada estranho eu andar com ele pelos corredores, desde que não toquemos no assunto e desde que Noah não esteja por perto. Como o sétimo tempo já começou, temos os corredores para nós. Acompanho Kyle até a sala dele. Quando chegamos lá, ele me agradece.

Eu agradeço também. Não digo por quê.

Mais que, igual a, menos que

Só vejo Noah uma vez, no fim das aulas. Está a uns 9 metros de mim no corredor. Não consigo decidir se devo ir até ele ou deixá-lo em paz. Quando decido agir, ele já foi embora.

Parece que isso é a nova história da minha vida.

Com Joni, é ainda pior. Ela manda nossa amiga Laura me dizer que me acha um babaca e que, se vou ficar com raiva por ela estar com Chuck, é melhor eu ficar longe.

— O que é isso, o terceiro ano fundamental? — pergunto a Laura.

Ela suspira.

— Pra ser sincera, Paul... sim, é. Eu não queria fazer isso. Falei pra ela mesma falar com você. Mas Joni está de péssimo humor. Nem consigo mais falar com ela direito. E, se você acha que é ruim com você, triplique isso e pode começar a entender como é com Ted.

— Isso é pra me alegrar?

— Não, é pra fazer você seguir em frente.

— Mas você não acha mesmo que eu devia desistir, acha?

Laura olha nos meus olhos, mas ainda não é um olhar direto. Consigo ver todos os pensamentos dela se cancelando uns aos outros.

— Não sei o que dizer — responde ela, o que suponho querer dizer que ela sabe exatamente o que dizer, mas está com medo de dizer, Joni acabar sabendo e ela se juntar a mim na lista negra.

Não é que Joni e eu nunca tenhamos brigado. Mas sempre foi sobre coisas idiotas: que refrigerante combina melhor com pizza ou com que antecedência precisamos chegar ao cinema para ter certeza de conseguir ingressos. Uma vez, ficamos sem nos falar por uma semana porque ela achou que uma roupa minha não combinava, enquanto eu jurava que combinava. (Sob circunstâncias muito específicas, é possível usar meias brancas com calça escura.) Naquela vez e nas outras, nós dois sabíamos que estávamos sendo bobos, mas que nossos orgulhos inflamaram os argumentos. Acabamos nos envolvendo tanto que no final os dois tinham culpa, o que tornou a reconciliação bem mais fácil.

Mas desta vez é diferente. Desta vez, sei que ela está sendo boba, e sei que ela não acha que está sendo boba. Eu a culpo por me culpar. E esse tipo de jogo é difícil de resolver.

Decido ser contraditório com ela. Sei que devo evitá-la, então eu a procuro. Não quero que Chuck esteja por perto, então espero até a aula de educação física. Quando faltam poucos minutos para o sinal tocar, entro escondido no vestiário feminino.

— Que diabos você está fazendo aqui?!?

Essa é a reação de Joni. O resto das garotas fica indiferente. Todas sabem que sou gay e que os peitos delas para mim são que nem cotovelos.

Joni já está vestida, então sei que o problema sou eu.

— Quero falar com você — digo.

— Laura não falou pra você ficar longe de mim? — pergunta Joni. Ela não parece ver nada de estranho nessa frase.

— Prefiro ouvir de você.

— Fique longe de mim.

As outras garotas estão nos dando espaço. Uma vem prestar solidariedade a Joni, mas ela a dispensa.

Reconheço tão bem a raiva dela. Tem o jeito como os olhos dela disparam fogo e o D perfeito que o braço forma quando o punho para encostado no quadril.

Não quero fazer isso, eu tenho vontade de dizer. O que, na verdade, é minha forma de dizer *Não quero que você faça isso*.

Já testemunhei essa cena antes. Ouvi falar dela mil vezes. E agora, aqui estamos nós, e não há dúvida de para onde o tom dela está nos levando.

— Estamos terminando? — pergunto baixinho. Porque a sensação é essa. Ela está me dando um pé na bunda como amigo.

— A gente nunca namorou — responde ela, com sarcasmo. Tem um pouco de mágoa na voz dela, um pouco de amargura. É nisso que me agarro. É o que vou levar comigo.

Uma porta de armário é batida. E outra. Bolsas são colocadas em ombros. Toalhas são dobradas. As garotas ao nosso redor começam a sair. Tento sustentar o olhar de Joni o máximo que consigo, na esperança de que haja outra palavra que retire todas as frases já ditas. Ela olha para mim por um momento... e se vira. Começa a guardar as coisas no armário. Fecha-o. Aciona a tranca (eu sei a combinação). Ela está fingindo que não estou mais aqui. Eu esperava que ela fosse se enfurecer. Esperava que fosse me depreciar. Mas não esperava que me tornasse invisível. Ela sabe que é o que mais me magoa. E, vindo dela, isso me destrói. Não digo mais nada. Tenho vontade de chorar e gritar, de lágrimas e de sons. Saio do vestiário e vou para o corredor silencioso entre o ginásio e a enfermaria. Encontro um extintor de incêndio e olho para o vidro que o cobre. Olho para o meu rosto pálido, para meu próprio reflexo. Quero quebrá-lo, mas não ousa.

A gente nunca namorou. Eu me pergunto se as coisas poderiam ter sido diferentes se eu pudesse ter saído com ela, se tivéssemos sido um casal em algum momento da vida. Sempre dissemos que tínhamos a melhor combinação de todas, amizade sem tensão sexual. Pensávamos que era tão descomplicado.

— Odeio a expressão “mais que amigos” — disse Joni uma noite, há não muito tempo. Estávamos aconchegados no sofá dela, vendo canais estranhos. — É tão sem sentido. Quando saio com alguém, não somos “mais que amigos”; na maior parte do tempo, não somos nem amigos. “Mais que amigos” não faz sentido. Olhe para nós. Não tem nada que seja mais que a gente.

Eu me aconcheguei mais perto dela e jurei nunca mais usar aquela expressão. Mas agora, ela volta à minha mente, e eu me pergunto se ela usou com Chuck, se disse para ele que eles são mais que amigos, mais que Joni e eu. A única coisa que não posso dar a Joni é sexo. A única coisa que Chuck *pode* dar a ela é sexo, pelo que consigo perceber. Nunca pensei que seria uma competição entre os dois. E nunca, nunquinha pensei que seria uma competição que eu perderia.

Sinto falta de Joni. Sinto falta de Noah. Não sinto falta de Kyle, mas é ele quem me encontra. Não naquele momento, não nos corredores. Mais tarde, depois do sétimo tempo.

— Soube o que aconteceu — diz ele.

— Como você soube?

Ele olha para mim como se eu fosse uma aberração.

— Você fez uma cena no vestiário feminino. Por acaso achou que a história não se espalharia? Daria no mesmo se você anunciasse nos alto-falantes.

— Bem, eu não estava planejando que nós terminássemos. Estava planejando que ficássemos bem.

Kyle pensa um pouco sobre isso. É como se ele soubesse que deveria estar me consolando, mas não conhece a linguagem do consolo. Agradeço a tentativa mental dele e ao mesmo tempo fico aliviado por ele não estender o assunto. Não sei como um ato de gentileza me afetaria agora. Por causa de Joni, eu me sinto merecedor. Por causa de Noah, não me sinto nada merecedor.

Tem outra coisa que Kyle quer dizer, consigo perceber. Mas ele também prefere deixar passar.

— Eu estava pensando que a gente podia ir ao cemitério — diz ele. — Todos nós. Por causa do baile. Pra ter ideias.

— Agora?

— Hum... amanhã?

Não estou com humor para discutir. E concluo que, se nosso baile vai ter a morte como tema, há poucos lugares melhores para nos inspirar do que um cemitério.

Kyle vai comunicar aos outros sobre nossa excursão deliberadamente mórbida. Eu tento me concentrar na aula pelo resto do dia, o que é uma experiência nova para mim. Na aula de história, tento rearrumar as palavras do quadro para formar um poema.

*nada de tratado, só trincheiras
tudo quieto
anos a anos
em casa na terra de ninguém*

Isso ajuda a passar o tempo, mas não ajuda muito meu humor.

Depois da aula, viro uma esquina e encontro Infinite Darlene conversando com Noah. Não consigo nem esconder a surpresa; quase derrubo os livros quando recuo para observá-los escondido. Nenhum dos dois me vê. Eles conversam por no máximo um minuto. Infinite Darlene coloca a mão no ombro de Noah e sorri. Ele também sorri, com expressão meio confusa. O cabelo está mais desganhado que o habitual, a camisa meio para fora da calça. Desejo pela milionésima vez poder retirar todo o vazio que dei a ele.

Assim que ele vai embora, pulo em cima de Infinite Darlene.

— Você estava espionando, querido? — pergunta ela. — Sabe, garotas boazinhas não espionam.

— O que foi *aquilo*?

— O que foi *o quê*?

— Por que você estava conversando com Noah?

— Querido, estamos em um país livre.

“Estamos em um país livre” é o motivo mais imbecil já inventado. É uma coisa que as pessoas dizem quando não têm outra boa desculpa para o que fizeram. Ouvi-la vinda de Infinite Darlene não inspira confiança.

— O que você está tramando? — pergunto, com certa severidade.

— Não use esse tom comigo — explode Infinite Darlene. Eu forcei demais. — Você vai ter que confiar em mim quanto a isso, tá?

Deus, eu queria poder confiar nela.

Ao ver que não vou mais discutir, seu rosto se ilumina.

— Soube o que você disse para Joni hoje. Obrigada por tentar.

— Eu não tentei por você. Tentei por mim.

— Eu sei. Mas estamos nisso juntos. Contra Chuck.

É minha vez de estourar.

— Você não vê? Não vamos vencer essa batalha. Não podemos ficar contra Chuck. Ficar contra Chuck é a mesma coisa que ficar contra Joni agora.

— É assim que ela vê. Mas não quer dizer que é assim.

— Como ela vê é *exatamente* como é. É ela quem decide as coisas.

— Você está chateado.

— Dã! É claro que estou chateado.

— E está descontando em mim.

— NÃO ESTOU DESCONTANDO EM VOCÊ. Às vezes, as coisas não dizem respeito a você.

— Bem, pra mim, dizem.

— Aaaaagggggh!

Não quero brigar com Infinite Darlene. Ela sabe que não quero brigar com ela. Assim, apenas levanto as mãos, grito para extravasar minha frustração e saio andando. Posso ouvi-la rindo, dando gargalhadas de *apoio* a mim, enquanto me afasto.

Também quero rir.

E dói o fato de não conseguir.

Para te dar meu amor

Estou andando pela cidade a caminho de casa depois da aula, o sol está se pondo, as ruas estão decoradas com sombras de caixas de correio e folhas recém-caídas. Não tenho para onde ir (exceto para minha casa em alguma hora) e ninguém para ver. Minha mochila está pesada, e meus pensamentos ainda mais. Assim, me concentro nas lojas e no céu, exponho meu rosto ao vento.

Paro na loja de música, onde sou cumprimentado por Javier e Jules. Metade da loja é de Javier, metade é de Jules; eles têm gostos musicais completamente diferentes, então você precisa saber se a música que está procurando é mais do tipo de Javier ou do tipo de Jules. Eles estão juntos há mais de vinte anos, e hoje, enquanto me oferecem cidra e discutem blues, quero perguntar a eles como conseguiram. Ficar junto de alguém por vinte anos me parece uma eternidade. Não sou capaz de ficar nem vinte dias. Vinte semanas seria demais. Como eles conseguem ficar atrás do balcão, tocando músicas um para o outro, um dia atrás do outro? Como conseguem encontrar o que dizer, como conseguem evitar dizer coisas das quais se arrependerão para sempre? *Como vocês ficam juntos?*, tenho vontade de perguntar para eles, assim como tenho vontade de perguntar para meus pais

felizes, da mesma forma que tenho vontade de ir até as pessoas mais velhas e perguntar *Como é viver tanto tempo?*

Ella Fitzgerald canta pelos alto-falantes, depois PJ Harvey solta um grito melancólico. Mexo na cesta de liquidação de Javier e vejo que ele colocou alguns discos de Jules ali também. Javier me diz em tom de brincadeira para tomar cuidado com o que desejo. Jules me avisa para não sonhar demais com PJ Harvey.

Está mais frio lá fora quando saio, ou talvez eu tenha essa impressão só porque me sentia aquecido lá dentro. Paro no café para comprar grãos para minha mãe. Olho para os pufes da moda no canto e vejo Cody (meu primeiro namorado do ensino fundamental) com o novo namorado, cujo nome é Lou ou Reed. Eles afundaram nas almofadas enquanto compartilham um copo de *latte*, gole a gole. A felicidade emana deles como vapor. Cody me vê e acena para eu me aproximar. Sorrio e gesticulo para dizer que não posso. Finjo que estou atrasado.

A parceria dos dois me faz pensar em Noah; que nunca me senti tão próximo de alguém, daquele mesmo jeito.

Entro na loja de 1,99, onde as coisas continuam baratinhas. Compro chocolate para o meu irmão e uma tira de alçaçuz de morango para Tony. As balas de *root beer* são as favoritas de Joni. Preciso me impedir de comprar isso.

Próxima parada: a loja de roupas de terceira mão no final do quarteirão. Estou procurando coturnos quando vejo uma mulher quase idêntica a Noah. Não quero coturnos para lutar; quero porque acho que vão me manter de pés grudados no chão. A mulher está olhando um conjunto de vasos de flores lascados e perguntando se gerânios cabem ali. O cabelo dela é mais comprido que o de Noah, bem-cuidado. Mas os olhos são quase idênticos.

De repente, Claudia aparece do lado dela. É nessa hora que entendo: estou vendo a mãe de Noah pela primeira vez.

— Por que você não vai procurar uma calça jeans? — sugere ela.

Estou no meio do corredor. É tarde demais para sair. Claudia olha diretamente para mim. Se eu me virasse e fugisse, seria uma tremenda covardia. Então digo oi.

Ela passa direto por mim.

Concluo que é direito dela. Encontro um par de coturnos bem gastos na prateleira de baixo. Experimento e me inclino para amarrar os cadarços. Ouço-a voltando na minha direção. Desta vez, ela para. Com um olho na mãe, ela mantém a voz baixa.

— Se eu fosse maior — diz ela —, juro que daria uma surra em você.

Ela se afasta. Não tenho chance de dizer nada. Se eu tivesse, o que diria seria *me desculpa*.

Vou embora sem as botas, não couberam direito. Ou talvez seja meu humor que não caiba. Estou indo para os arredores do centro agora, passando pelas lojas e seguindo para os escritórios de seguradores e consultórios de dentistas. Coloco os fones de ouvido, mas não consigo decidir se quero uma trilha sonora que reforce meu humor ou que o combata. Ligo o rádio e decido deixar nas mãos do destino. Como resultado, ouço cinco minutos de anúncios de carros.

Liquidação infinita de novembro da Warnock Chevrolet... Seria uma caminhada de dez minutos até a casa de Noah... *Juros de 3,5% no financiamento...* porém o que mais eu poderia dizer para ele além de “desculpe”? Não tenho nenhuma nova desculpa... *Vá agora! Esta oferta é válida por tempo limitado...* Como eu poderia explicar que meu coração foi feito para ele? É essa a sensação, de que é para ele que meu coração foi feito.

Eu ando. Estou tonto por todas as palavras que não posso dizer a ele. Saio correndo. Grito comigo mesmo por tudo que aconteceu. As luzes da rua se acendem ainda na claridade remanescente do sol. Eu corro. Eu me forço mais. Mais. Quero que meu corpo fique tão exausto quanto a minha mente. Quero forçar mais. Quero ultrapassar limites. O vento sopra contra mim. A escuridão apaga todas as sombras. Sinto dor nas pernas, uma pontada nos pulmões. Cambaleio pelo meio fio. Diminuo a velocidade. Ofego.

Estou em casa.

Uma conversa no meio da madrugada com Ted

— Garoto Gay?

— É.

— É Ted.

— Oi.

— Espero que não seja muito tarde.

— Não. — [pausa para tirar as cobertas e acender o abajur] — Em que
você está pensando?

— Em Joni.

— Desconfiei.

[não existe outro motivo para ele me ligar]

— É.

— É.

[é assim que homens conversam]

— Não consigo tirar ela da minha cabeça.

— Sei como é.

— Eu soube o que você fez hoje. Que ela detonou você.

— Não foi bonito.

— Isso não é típico dela. Quero dizer, é típico dela detonar pessoas. Mas não é típico dela detonar *você*.

— Eu sei.

— Ela ultrapassou os limites.

— Acho que ela sabe disso.

— Será?

— Sabe.

— Você acha mesmo?

— Acho.

[longa pausa para pensar]

— Fico tentando pensar em alguma coisa que eu possa fazer. Fico imaginando o que fiz, e ao mesmo tempo sei que não fiz nada. Foi ela dessa vez. E continua fazendo.

— Talvez ela só esteja mudando.

— Por causa de Chuck?

— Essas coisas acontecem.

— Mas não com Joni.

[reparo uma coisa na voz de Ted]

— Ted?

— O quê?

— Você está bêbado?

— Eu?

— É.

— Não exatamente.

— Não exatamente?

— Tá, um pouco. É que eu estava tão pra baixo. Nunca foi assim, cara. Nunca foi tão...

— Difícil?

— Duro. Nunca foi tão duro. Sei que isso vai parecer loucura total, mas antes, quando a gente terminava, eu ficava bem, porque sabia que ela ficava melhor sem mim. E talvez eu ficasse melhor sem ela. Mas, desta vez, não sinto que ela esteja melhor. Ela está largando os amigos. Está se perdendo em Chuck. E ela e eu... bem, nós perdemos.

— Perderam o quê?

[impaciente]

— Você sabe... a fagulha. A eletricidade. Mesmo quando nós terminávamos, ainda a tínhamos. Ela me deixava doido com um simples olhar, e eu conseguia fazer o mesmo com ela. Agora, isso não existe mais. E sinto... não sei.

— Você se sente nu sem isso?

— Nu? Hah!

— Eu quero dizer que você se sente vazio.

— Mais ou menos. Perder alguma coisa é prova do quanto você gostava dela?

[pensando de novo no sorriso de Noah]

— Pode ser.

— O que se faz com isso, Paul? O que se faz com a falta?

— Em algumas circunstâncias, você apenas deixa pra lá.

— Essa é uma dessas circunstâncias?

— O que você acha?

— Acho que não.

— Acho que você está certo.

— Então, o que vamos fazer?

— Vamos esperar que Joni também sinta a falta.

— E se ela não sentir?

[pausa]

— Então talvez você tenha que deixar pra lá.
[um pouco alarmado]
— Mas ainda não, né?
— Não, ainda não.
— Porque Joni vale a pena, né?
— É, vale sim.
[hesitação]
— Não estou tão bêbado, tá?
— Tudo bem, Ted.
— Mas você vai me lembrar disso tudo de manhã?
— Vou, Ted.
— Você não é tão ruim, Garoto Gay.
— Você também não é tão ruim pra um cara.
— Obrigado.
— Conte comigo a qualquer hora.
— Mas você preferiria mais cedo?
— Sim, duas horas é meio tarde.
— Legal. E ei...
— O quê?
— Boa noite.

Encontro no portão do cemitério

Como Amy e Emily têm treino de lacrosse e Infinite Darlene está se preparando para o jogo de futebol americano do fim de semana, só nos encontramos no cemitério na hora que o sol começa a se pôr. Só há um cemitério na nossa cidade, onde pessoas de todas as religiões e crenças descansam lado a lado. Como uma comunidade.

Apesar de os pais do meu pai terem nascido e sido enterrados em outra parte do país, toda a família da minha mãe está enterrada aqui. Suponho que um dia meus pais também serão enterrados aqui. Até eu. É estranho andar por aqui e pensar nisso.

Em nosso cemitério, cada lápide tem uma caixa trancada junto. E dentro de cada caixa há um livro. Não sei quem iniciou essa ideia, nem há quanto tempo é executada. Mas, se for até o portão do cemitério, o zelador entrega a você a chave de qualquer caixa que você queira. Dentro de cada livro, vai encontrar as páginas de uma vida. Alguns livros têm os escritos da pessoa morta. Outros têm escritos de depois da morte; as pessoas que vão visitar os túmulos escrevem lembranças e histórias. Às vezes, elas escrevem diretamente para a pessoa, fazem perguntas ou contam novidades sobre como tudo ficou depois. De vez em quando, olho o livro da minha avó, que é cheio de receitas e verdades. Ou pego uma caneta e acrescento uma linha ou

duas ao livro do meu avô para contar para ele quem venceu as finais de beisebol, caso minha mãe já não tenha ido contar.

Com a permissão do zelador, vamos anotar algumas palavras dos livros de memórias para incluir no baile. Amy e Emily também vão fazer decalques de algumas lápides para ajudar a decorar as paredes.

Assim que Kyle chega no cemitério, sai para procurar uma coisa. Ele não diz o que é. Só desaparece.

De todos os viciados em clubes, Amber é a única que aparece. Ela chega com Infinite Darlene, mas é Trilby que pede a ajuda dela.

— Preciso de ideias pra um vestido — diz Trilby. — Preciso de inspiração.

Amber solta uma exclamação maravilhada.

— Claro!

Infinite Darlene fica irritada.

— Não vai ficar tão bom quanto o vestido do ano passado — resmunga ela.

— Ah, por favor — responde Trilby, com deboche. — Você queria que eu usasse amarelo pra poder levar todos os garotos pra casa.

— O tema era *A Noviça Rebelde*. E as cortinas eram *amarelas*.

— É, mas tem cortinas boas e tem cortinas ruins. Você me fez usar umas cortinas bem ruins.

— Você não achou na época.

— Ah, mas estou mais sábia agora.

Para minha surpresa, é Amber quem se intromete agora.

— Vocês sempre fazem isso? — pergunta ela.

— Sim — respondem Trilby e Infinite Darlene juntas. Elas tentam ver quem toca no verde primeiro e fica com a sorte por terem falado ao mesmo tempo, mas isso também sai simultâneo.

— E o que ganham com isso? — pergunta Amber.

— Como?

Trilby olha de nariz empinado para Amber. Esta parece sumir no macacão, porém já foi longe demais agora para recuar.

— Está claro pra todo mundo o quanto vocês se divertem com essa implicância — observa ela. — Vocês não são capazes de admitir isso?

— De jeito nenhum.

— Você ficou maluca.

— Fiquei?

Trilby dá uma olhada séria de cima a baixo em Amber.

— Acho que vou procurar ideias pro meu vestido sozinha. Não sei por que pedi ajuda pra uma garota usando roupa da OshKosh.

— Meu macacão não é OshKosh. É Old Navy.

— Isso não é importante.

— Pra mim, é.

Trilby sai batendo os pés de forma dramática. Infinite Darlene sai batendo os pés de forma igualmente dramática na outra direção.

Amber ri.

— Muito bem — digo. — Juro que, se você não fosse uma viciada em clubes lésbica que usa Old Navy, eu provavelmente te daria um beijo agora mesmo.

Amber para de rir. Ela olha ao redor para ver se alguém ouviu.

Fui longe demais, eu penso.

— Me desculpe — digo.

Amber faz um gesto casual.

— Tudo bem. É só que... bem, eu não gosto de me ver como... viciada em clubes.

Ela sorri de novo.

— Nunca mais vou pensar em você assim — prometo.

— Tudo bem que adoro entrar em clubes e tal. Mas não quero que isso se espalhe, tá?

O segredo dela está seguro comigo.

Longe dos viciados em clube, ela é muito mais segura de si. Ou talvez seja tão segura de si quanto agora quando está com os outros viciados em clube, mas não tem a oportunidade de mostrar.

— Trilby e Infinite Darlene são como Nelly Peterson e George Bly — observa Amber. — Nelly e George eram ótimos amigos até começarem a competir para serem os primeiros da turma. Agora, eles só querem saber de notas. Um quer vencer o outro, mas ao mesmo tempo também querem secretamente *ser* o outro. Por isso, brigam.

— E como vai terminar?

— Eles vão se matar ou vão dormir juntos. Os jurados ainda não decidiram.

— Mas Trilby e Infinite Darlene não querem dormir juntas, elas querem dormir com as mesmas pessoas.

— Tipos diferentes de tensão, resultados emocionais iguais. Além do mais, quem disse que elas não querem dormir juntas?

— Você está dizendo que Infinite Darlene é *lésbica*?

— Coisas estranhas aconteceram. E só estou falando desta cidade. — Amber olha para o cemitério. — Sabe de quem mais gosto aqui?

— De quem?

— Da bruxa no canto. Ela morou aqui duzentos anos atrás. O livro de memórias dela está cheio de feitiços escritos ao longo dos anos.

— Você gosta disso?

Amber concorda.

— Uma vez, saí com uma bruxa. Não acabou bem.

— O que aconteceu?

— Não me dei bem com o gato dela.

Ficamos em silêncio de novo na quase escuridão. Percebo que deveria estar fazendo alguns planejamentos mais sérios a essa altura, mas não sei o que fazer. De repente, Amy e Emily são iluminadas por um flash enquanto fazem decalques de inscrições de lápides. Outro flash. Alguém está tirando fotos.

Noah.

Infinite Darlene aparece atrás de mim.

— Eu pedi que ele viesse — sussurra ela. — Achei que seria bom ter umas fotos em preto e branco.

— Você está interferindo! — acuso.

Ela pisca um olho.

— É claro que estou. Pra isso servem as amigas.

Noah não parece reparar em mim. Concentra-se nos galhos retorcidos que cobrem a lua nascente. Concentra-se nas estátuas de anjos e faz com que suas asas ganhem uma palidez fantasmagórica em um momento iluminado.

— Vá e diga oi — insiste Infinite Darlene.

— Foi você quem o convidou — resmungo.

— É, mas você é o *anfitrião*.

Estou pronto para bater o pé e resistir à intromissão de Infinite Darlene. Mas então Amber me pergunta:

— O que você quer fazer de verdade?

Eu penso sobre isso. O que *quero* fazer é fugir pela escuridão. O que *quero fazer de verdade* é falar com ele.

Portanto, ando até lá.

Ele está sentado no chão agora, tirando a foto de uma lápide.

— Oi — digo.

Clique e flash. Meus olhos precisam de um segundo para se reajustarem. Ele permanece no brilho.

— Oi — diz ele.

Está escuro demais para que eu veja a expressão dele.

— Estou feliz de você estar tirando fotos — prossigo. — Quero dizer, foi uma boa ideia.

— Você pediu a Infinite Darlene pra me chamar? — A voz dele é de curiosidade casual, nada mais.

— Não. Mas deveria ter pedido.

— Por quê?

— Porque você é um ótimo fotógrafo.

Ele me agradece, e ficamos ali por um momento. Não nos mexemos, mas hesitamos em sintonia.

— Olhe... — *Senti sua falta*. Preciso mesmo falar? Será que ele não consegue ver na minha cara? Estou prestes a dizer, mas ouço alguém chamando meu nome.

— Paul! Você tem que vir ver isso, Paul!

É Kyle. Ele corre até mim, sem ver Noah.

— Ah, desculpe — diz ele ao perceber que não estou sozinho.

— Não tem problema — responde Noah, e levanta a câmera de novo.

Não vá, é o que tenho vontade de dizer. Mas não posso falar na frente de Kyle, que parece tão empolgado por ter me encontrado.

O momento passou. Noah assente para mim e para Kyle, depois sai andando. Agradeço novamente, mas ele só responde com outro aceno.

— Desculpe — diz Kyle novamente. — Eu não sabia que você estava...

— Ele só estava tirando umas fotos do cemitério pro baile. Infinite Darlene pediu.

Ficamos ali por um momento, com Kyle olhando para mim.

— Você queria me mostrar uma coisa? — pergunto.

— Queria. Por aqui.

Ele me leva até a cripta da aristocrata. Eu tinha me esquecido dela.

Kyle encheu o local de velas por dentro, e, por isso, quando nos aproximamos, ela parece uma mansão diabólica com a lareira acesa. A parte externa é simples (“Eu não vou ficar olhando para ela de fora”, dizem que a aristocrata disse), mas a parte de dentro é colorida com 52 tons diferentes de azul. A cada um ou dois anos, a pintura é retocada, e a tinta é importada de tão longe quanto Chipre para os tons de azul ficarem completos.

Kyle pegou a chave do livro de memórias dela com o zelador e fica anotando trechos no caderno de biologia. Eu me inclino para ver, mas ele logo fecha a capa e guarda o caderno na mochila. Olho para as velas que ele acendeu. Elas também são todas azuis.

— Eu queria que a gente pudesse fazer o baile aqui — diz Kyle, indicando um retrato da aristocrata pendurado acima da tumba. É quase idêntico ao retrato usado no baile. — Acho que ela gostaria disso.

Ao lado do retrato, há uma folha de papel. Kyle devia estar tentando copiar o quadro. Ando até lá para olhar melhor.

— Desculpa de novo por interromper — diz Kyle de algum lugar atrás de mim.

— Não se preocupe — respondo, sem afastar os olhos do desenho.

Ele mudou a perspectiva, agora é um retrato que olha ligeiramente para baixo. A luz das velas faz a expressão dela tremer, as linhas ficarem indefinidas. O que me chama mais atenção é o silêncio do retrato.

Sinto um toque nas minhas costas. Como não me mexo, Kyle me vira delicadamente. Em seguida, se inclina e me beija. Primeiro, de leve. Depois, me abraçando.

Meu instinto entra em ação, e não é o instinto que estou esperando. Depois da surpresa, eu me afasto em silêncio. Eu interrompo o beijo, e ele solta meu corpo.

— O quê? — pergunta ele, com voz tranquilizadora. — Está tudo bem.

— Não — respondo sussurrando. — Não está.

— Mas está. — Ele segura minha mão. Eu adorava quando ele fazia isso, segurava minha mão casualmente enquanto conversávamos. Agora, não afasto a mão. — Sei que fiz besteira da última vez — diz ele —, mas isso não vai acontecer de novo. Sei que você está com medo. Eu também estou. Mas é isso que eu quero. É assim que deveria ser. Eu te amo.

— Ah, não! — exclamo. Alto. Não pensei em dizer isso. Apenas sai.

Kyle ri, mas consigo ver o medo dele crescendo.

Aperto a mão dele com força.

— Mas é sério. É que... — Não consigo encontrar as palavras certas.

— É que o quê?

— É que não quero. Não assim. Eu também te amo, mas como amigo. Como um bom amigo.

Ele solta minha mão.

— Não diga isso — pede ele.

— O quê? Estou falando sério, Kyle. Você sabe que não estou simplesmente dizendo “vamos ser amigos”.

— Mas está, Paul. Está, sim.

Vejo choque nos olhos dele agora. Preciso segurá-lo, porque ele está prestes a recuar na direção de uma vela e botar fogo na camisa.

— Obrigado — diz Kyle. A voz dele perdeu toda segurança. — Mas por que você me beijou? Achei que significasse alguma coisa.

Não posso dizer a ele que não significava nada. Mas também não posso afirmar que significava o que ele queria que significasse.

— Você se arrepende? — pergunta ele ao não obter nenhuma resposta.

— Não — digo, apesar de me arrepender.

— Mas você não quer fazer de novo?

— Acho que não devemos.

— E você sabe o que quer.

Eu concordo com a cabeça.

— Você sempre sabe o que quer, né?

— Isso não é verdade — digo, pensando nas duas últimas semanas. — E não é justo.

— Não — concorda Kyle. — Não é nada justo. — Ele voltou até a mochila e está recolhendo suas coisas. — Achei que daria certo. Achei que seria uma maneira perfeita de recomeçar. Mas esqueci sobre você. Esqueci o quanto é fácil pra você.

— Fácil?

— É — diz Kyle, pontuando cada palavra com o arremesso de coisas no chão. — *Fácil*. Paul, você não sabe o quanto tem sorte.

— O quanto tenho sorte?

— Porque *sabe quem é*. Na maior parte do tempo, Paul, não faço ideia do que quero. E, quando faço, acontece uma coisa assim. Você me faz sentir tão baixo, mas só quero ficar com você.

Eu poderia argumentar que ele me fazia sentir do mesmo jeito, mas já o perdoei por isso. Poderia argumentar que nem sempre é fácil saber quem você é e o que quer, porque aí você não tem desculpa para não tentar conseguir o que quer. Eu poderia argumentar que agora, *agora mesmo*, ainda estou pensando nas poucas palavras que acabei de trocar com Noah. Poderia argumentar um monte de coisas. Mas estou totalmente desarmado, porque Kyle está tremendo na minha frente, segurando as lágrimas enquanto pega a mochila.

— Desculpe — digo, mas sei que não basta.

Não existe uma expressão para tudo que preciso dizer, não existe uma frase que possa explicar que quero abraçar Kyle até que se acalme, mas não quero beijá-lo. Ele está andando pela cripta agora, sem olhar para mim, sem dizer mais nada. Ele sopra as velas uma a uma. Fico onde estou e digo o nome dele. A última vela está em cima da tumba da aristocrata. Kyle se inclina e a apaga. Ficamos em uma escuridão de azuis. Digo o nome dele de novo. Mas a única resposta é o som da partida dele.

Tony

Peço a Amber para ligar para a casa de Tony para mim. Quando ele atende, ela me passa o telefone e eu pergunto se posso ir até lá. Ele diz que a mãe vai voltar em uma hora do círculo de orações.

Emily me dá carona. Pelo silêncio respeitoso, consigo perceber que ela juntou as peças: a partida de Kyle, minha agitação, minha saída e minha necessidade de silêncio respeitoso. Ela deve ter imaginado uma variação aproximada da história real.

A porta da frente da casa de Tony está destrancada. Sigo direto para o quarto dele. Depois de uma olhada no meu rosto, ele me pergunta o que aconteceu, e eu conto para ele.

Enquanto falo, relógios tocam por toda a casa. Uma tábua do piso estala sob passos fantasma. Alertas, prestamos atenção ao som da porta da garagem abrindo ou de uma chave girando na porta dos fundos.

Conto para Tony sobre Noah. Conto para Tony sobre Kyle e todas as coisas que ele disse. Mostro para ele minha confusão, minha dor, minha raiva. Não seguro nada. Como sempre, Tony guarda sua opinião até o final e me leva a continuar falando com movimentos de cabeça e atenção.

Espero que ele me diga que Kyle está confuso, que estava falando por pura confusão, mágoa e (sim) raiva, não verdade. Mas o que Tony diz é:

— Kyle está certo, sabe.

— O quê? — Escutei direito quando ele falou, mas quero dar a ele a opção de mudar de ideia.

— Eu disse que Kyle está certo. Sei exatamente o que ele quer dizer.

Estou tão surpreso com o que Tony diz que afasto o olhar. Observo toda a decoração casta do quarto dele, todas as lembranças da infância, como *cards* de beisebol, propagandas de carros esportivos, que ele não conseguiu substituir por coisas que representassem melhor sua vida atual. Tudo que é visível no quarto dele continua exatamente igual à primeira vez que vi. Só as partes escondidas mudaram.

— Paul — prossegue Tony —, você sabe o quanto tem sorte?

É claro que sei. Mas preciso admitir que tenho a tendência de pensar nas outras pessoas como azaradas, e não na minha vida como sortuda.

— Sei que tenho sorte — digo, talvez um pouco na defensiva demais. — Mas isso não quer dizer que seja fácil. Kyle disse que as coisas são fáceis pra mim.

— Isso não é ruim, Paul.

— Bem, da forma que ele falou, era. E da forma que você está falando também.

Tony está sentado de pernas cruzadas no chão, brincando com uma linha do suéter.

— Quando conheci você — diz ele, não olhando diretamente para mim, nem diretamente para o chão, mas para algum lugar entre os dois —, não consegui acreditar que alguém como você pudesse existir, e nem que uma cidade como a sua pudesse existir. Eu achava que entendia as coisas. Pensava que acordaria todas as manhãs com um segredo e iria dormir todas as noites com o mesmo segredo. Achava que minha vida só começaria quando eu estivesse longe daqui. Sentia que tinha descoberto uma coisa sobre mim

cedo demais, e que não havia nada que eu pudesse fazer para reverter a verdade. E eu queria reverter, Paul. Queria tanto. Aí, conheci você na cidade e no trem, e de repente pareceu que uma porta foi aberta. Vi que não podia viver como vinha vivendo, porque agora havia outra maneira de levar a vida. E parte de mim amou isso. E parte de mim ainda odeia. Parte de mim, essa parte escura e apavorada, deseja que eu jamais tivesse descoberto como poderia ser. Não tenho a coragem que você tem.

— Não é verdade — digo baixinho. — Você é muito mais corajoso que eu. Você encara tanta coisa! Seus pais, sua vida.

— Kyle se sente perdido, Paul. É isso que ele está dizendo. E sabe que você não está perdido. Você nunca ficou perdido de verdade. Você já se *sentiu* perdido. Mas nunca *ficou* perdido.

— E você está perdido? Se sente perdido?

Tony balança a cabeça.

— Não. Sei exatamente onde estou, o que tenho que enfrentar. Estou do outro lado, Paul.

Consigo ouvir todo o vazio da casa. Consigo ver a forma como as bandeiras se afastam da parede do quarto dele. Sei que ele não está feliz, e isso parte meu coração.

— Tony — digo.

Ele balança a cabeça de novo.

— Mas o assunto não sou eu, né? É você e Noah e Kyle e o que você vai fazer.

— Não ligo pra nada disso — declaro. — Quero dizer, ligo sim. Mas não aqui, agora. Converse comigo, Tony.

— Eu não queria tocar no assunto. Esquece que falei alguma coisa.

— Não, Tony. Me conte.

— Não sei se você quer ouvir.

— É claro que quero ouvir.

— Adoro andar com você e Joni e o resto do grupo. Adoro ser parte disso. Mas jamais consigo apreciar de verdade, porque sei que, no final, vou voltar pra cá. Às vezes, consigo esquecer, e, quando esqueço, é maravilhoso. Mas esta semana foi um inferno. Parece que fui forçado a adquirir a forma da pessoa que eu era antigamente. E não me encaixo mais na antiga forma. Não me encaixo.

— Então vá embora — digo. E, no minuto que falo, me empolgo com a ideia. — Estou falando sério. Faça sua mala. Você pode morar na minha casa. Tenho certeza de que meus pais vão te acolher. Depois, decidimos as coisas. Podemos encontrar um quarto pra você em algum lugar, talvez aquele quarto em cima da garagem da Sra. Reilly. Você não precisa ficar aqui, Tony. Não precisa viver assim.

Estou ficando empolgado. É como uma rota de fuga. Tony é um refugiado. Precisamos levá-lo para um lugar melhor.

Para mim, parece muito simples. Mas Tony diz:

— Não, não posso.

— Como assim?

— Não posso, Paul. Não posso simplesmente ir embora. Você não vai entender isso, mas eles me amam. Seria muito mais fácil se não amassem. Mas, da maneira deles, meus pais me amam. Acreditam de verdade que, se eu não virar hétero, vou perder a alma. Não é só que eles não me querem beijando outros caras; eles acham que, se eu fizer isso, serei condenado. *Condenado*, Paul. E sei que isso não significa nada pra você. Não significa nadinha pra mim. Mas, pra eles, é tudo.

— *Mas eles estão errados.*

— Eu sei. Mas eles não me odeiam, Paul. Eles me amam com sinceridade.

— Parte de amar é deixar a pessoa ser quem ela quer ser.

Tony assente.

— Eu sei.

— E eles não estão fazendo isso.

— Mas talvez façam um dia. Eu não sei. Só sei que não posso simplesmente fugir. Eles acham que ser gay vai estragar minha vida toda. Não posso provar que eles estão certos, Paul. Tenho que provar que estão errados. E sei que não posso provar que estão errados se mudar ou negar o que realmente sou. A única forma de eu provar que eles estão errados é tentar ser quem eu sou e mostrar para eles que não está me fazendo mal ser assim. Em dois anos, eu me formo. Vou embora. Mas, enquanto isso, preciso encontrar uma forma de fazer isso tudo funcionar.

Fico com tanto medo por ele. Percebo que o que ele está dizendo está além da minha capacidade de compreensão. O que ele quer fazer é mais do que eu já precisei fazer na vida.

— Tony — digo —, você não está sozinho nisso.

Ele se encosta na cama.

— Às vezes, sei que não estou, mas outras, acho que estou sim. Não gosto de me meter no meio das coisas, mas às vezes fico acordado à noite, morrendo de medo de estarmos nos separando. E sei que não sou forte o bastante para nos manter juntos e me manter inteiro ao mesmo tempo. Além do mais, você está apaixonado, Paul. Pode até não chamar assim, mas é isso que é. E não quero ser quem puxa você pra baixo num momento tão pra cima. Sei que há um limite pra quantidade de coisas que dá pra encarar ao mesmo tempo.

Não deixo que ele conclua o pensamento.

— Estou aqui — digo para ele. — Sempre vou estar. E sei que ando sobrecarregado nesta última semana. E sei que você nem sempre pode contar que eu vá fazer a coisa certa. Mas quero ajudar.

— Não sei se sou capaz, Paul.

Consigo perceber que ele quer. Que decidiu que quer.

— Você tem bem mais chance do que eu teria — digo. — É muito mais corajoso que eu.

— Não é verdade.

— É, sim.

A porta da garagem se abre. Tony e eu ficamos tensos.

— Vou embora — digo, e pego minhas coisas enquanto planejo uma fuga rápida.

Tony olha para mim e diz:

— Não, não vá.

A porta da garagem está fechando agora.

— Tem certeza? — pergunto.

Não sei que tipo de problema isso vai gerar. Só sei que farei o que ele quiser que eu faça.

— Tenho.

A porta do porão. A mãe de Tony chama o nome dele.

— Estou aqui com Paul! — grita ele.

Silêncio. Chaves na bancada da frente. Uma pausa. Passos na escada.

Todos aqueles nossos anos de fingimento. Todos os “grupos de estudo bíblico” e limite para chegar em casa até meia-noite. Todas as vezes que tivemos que tirar o cheiro de uma festa no porão da roupa de Tony, ou deixar Tony usar nossos computadores para ele visitar sites que os pais não deixavam que visitasse. Todos os momentos de pânico em que pensamos que não conseguiríamos voltar na hora, quando achamos que Tony voltaria para casa e a porta estaria trancada. Todas aquelas mentiras. Todos aqueles medos. E agora, a mãe de Tony entrando no quarto, sem nem bater, e vendo nós dois sentados no chão, ele de pernas cruzadas e encostado na lateral da

cama, eu ajoelhado ao lado da estante, sem nem fingir estar procurando um livro.

— Ah — diz ela, o tipo de palavra que cai como uma pedra.

— Vamos fazer dever de casa — fala Tony.

Ela olha diretamente para ele.

— Não sei se é uma boa ideia.

Todos aqueles silêncios. Todos aqueles pensamentos ardentes escondidos. E agora, Tony os está libertando, devagar. Agora, Tony está se posicionando com firmeza.

— Por quê? — pergunta Tony, o tipo de palavras que são jogadas como pedras.

— Por quê? — repete a mãe de Tony, um eco desprevenido, uma resposta incerta.

— Paul é meu melhor amigo, e fazemos o dever juntos há muito tempo. Ele é meu *amigo*, nada mais, nem um pouco diferente de Joni ou Laura ou qualquer outra garota. Estou sendo completamente sincero com você, e quero que seja completamente sincera comigo. Por que você poderia pensar que é má ideia Paul e eu fazemos o dever de casa juntos?

Vejo nos olhos dela. Vejo exatamente o que Tony mencionou antes. Aquele amor estranho, distorcido, disforme. Aquele conflito entre o que seu coração sabe que é certo e o que sua mente escuta dizerem que é certo.

Ele a enfrentou. E ela não sabe como reagir.

— Não quero falar sobre isso agora — diz ela. A linguagem corporal indica que finge não me ver.

— Não precisamos falar sobre isso. Mas Paul vai ficar até a hora de ter que ir embora pra jantar.

— Tony, não sei.

— Vamos deixar a porta aberta. Podemos até ir pra cozinha se você quiser. Algumas garotas na escola têm regras pra quando garotos vão até a casas delas, mesmo se forem só amigos, então acho que isso faria sentido pra mim também.

Se eu falasse isso para os meus pais, haveria um tom de desafio ou de sarcasmo. Mas o que Tony diz é claro e simples. Ele não cruza o limite e está sendo crítico. Está deixando sua posição clara, mas sendo perfeitamente respeitável no tom que usa.

Eu gostaria de saber que pensamentos estão passando pela cabeça da mãe dele nesse momento. Será que ela está tentando minimizar isso? *Ah, é só uma fase* ou *Deve ser influência desse maldito Paul, ele é o culpado*. Será que está arrasada por Tony estar fora da possibilidade de “salvamento”? Será que está xingando o destino, ou até mesmo Deus, por colocá-la nessa situação? Será que está encarando como um desafio? Consigo vê-la pensando, mas não sei que pensamentos. Estou a no máximo 1,50 metro dela, mas ela está em um mundo diferente.

Ela olha para as paredes, inspira e expira.

— Deixe a porta aberta — diz ela. — Estarei na cozinha.

Tony está sem palavras. Ele apenas assente. A mãe dele não assente em resposta. Ela recua, sai pela porta, desce a escada. Tony olha para mim. Abro um sorriso enorme. Bato palmas sem fazer som. Ele também sorri. Mas o sorriso dele some, e, de repente, ele começa a chorar. Ele treme e se balança e ofega. Ele guardou todo esse ruído de fundo dentro dele, e agora uma parte está saindo. O rosto dele está vermelho como o de um recém-nascido, os braços envolvem o próprio corpo. Vou até ele e o abraço com força. Digo que ele é corajoso. Digo que ele conseguiu, que deu não o primeiro passo (isso aconteceu muito tempo antes), mas o passo seguinte. O choro dele se espalha pela casa. Eu o acalento um pouco, levanto o rosto e dou de cara

com a mãe dele na porta de novo. Desta vez, consigo lê-la perfeitamente. Ela quer estar no meu lugar, abraçando-o. Mas sei que não vai dizer as coisas que estou disposto a dizer. Talvez ela também saiba. Talvez isso também mude. Ela olha para o meu rosto e assente. Ou talvez esteja finalmente respondendo ao gesto de Tony. Em seguida, recua novamente.

— Me desculpe — diz Tony, fungando e se recompondo.

— Não tem por que pedir desculpas — respondo.

— Eu sei.

Encontro minha maior força em querer ser forte. Encontro minha maior coragem em decidir ser corajoso. Não sei se já tinha percebido isso, e não sei se Tony já tinha percebido, mas acho que nós dois percebemos agora. Se não houver sentimento de medo, não vai haver necessidade de coragem. Acho que Tony vive com esse medo a vida toda. Acho que agora ele o está convertendo em coragem.

Será que digo isso para ele agora? Eu diria, mas ele muda o assunto. E eu deixo, porque o assunto é dele e ele pode mudar.

— O que você vai fazer com relação a Noah? — pergunta ele.

— Por que você não me pergunta o que vou fazer em relação a Kyle?

Estou curioso.

— Porque não há nada que você possa fazer em relação a Kyle agora. Mas precisa fazer alguma coisa em relação a Noah.

— Eu sei, eu sei — digo. — O único problema é que (a) ele pensa que estou voltando com meu ex-namorado, (b) ele pensa que só vou fazer ele sofrer porque (c) eu já fiz ele sofrer, e (d) outra pessoa já fez ele sofrer, o que quer dizer que o fato de eu tê-lo feito torna o sofrimento ainda maior. Então (e) ele não confia em mim, e, sendo justo, eu (f) não dei a ele muitos motivos pra confiar. Mesmo assim, (g) toda vez que o vejo, eu (h) tenho vontade de que tudo esteja bem de novo e (i) quero beijá-lo loucamente. Isso

significa que (j) meus sentimentos não vão mudar no futuro próximo, mas (k) os dele também não parecem prestes a mudar. Então, ou (l) eu não tenho sorte, (m) não tenho esperança ou (n) existe uma forma de acertar tudo na qual ainda não pensei. Eu poderia (o) implorar, (p) apelar, (q) rastejar ou (r) desistir, mas para fazer isso, eu teria que sacrificar meu (s) orgulho, minha (t) reputação e meu (u) respeito próprio, apesar de (v) ter sobrado bem pouco e (w) que provavelmente não funcionaria mesmo. Como resultado, estou (x) perdido, (y) sem ideias e (z) me perguntando se você tem alguma sugestão do que eu deveria fazer.

— Mostra pra ele — diz Tony.

— Mostrar pra ele?

— Mostra pra ele o que você sente.

— Mas eu já falei pra ele. Naquela noite. Deixei bem claro pra ele o que eu sentia. Eu dei minhas palavras pra Noah. Ele não quis.

— Não fale pra ele, Paul. Mostre.

— E como eu faço isso?

Tony balança a cabeça.

— Não vou te dizer. Mas tenho a sensação de que, se você pensar bem, vai descobrir como. Se quiser ser amado, seja amável. É um bom lugar pra começar.

Penso no que acabou de acontecer. Penso em coragem. O risco de fazer papel de bobo não é nada em comparação ao que Tony acabou de fazer. Nada.

O Snoopy no relógio de Tony está fazendo uma pose de discoteca estilo John Travolta. É hora de eu ir para casa jantar.

— Você quer que eu fique? — pergunto.

Tony balança a cabeça negativamente.

— Vou ficar bem — diz ele, tentando me tranquilizar.

— Mas seu pai...?

— Vou encarar isso.

— Você não precisa encarar sozinho.

— Eu sei. Mas seria melhor se você não estivesse aqui. Meu pai é mais fácil de enrolar que minha mãe, desde que ele não veja muito as coisas. — Ele sabe o que estou prestes a dizer. — Sei que não é certo, Paul, mas é assim que as coisas são. E, nesse momento, vou ter que lidar com as coisas como são.

Concordo com um movimento de cabeça.

— Me ligue — digo.

— Pode deixar — responde Tony.

Ele fala com tanta segurança que acredito nele.

Três horas depois, ele liga. Minha mãe atende o telefone.

— Tony! — diz ela, toda feliz. — É tão bom ouvir sua voz! Andei fazendo estoque de macadâmia, então é melhor você vir logo aqui. Posso até buscar você e levar pra casa, como antigamente. Você é sempre bem-vindo aqui.

(Cara, eu a amo.)

— Na próxima eleição, vou votar na sua mãe pra ser o próximo Deus — diz Tony, quando pego o telefone.

— Como foi?

— Bem... — A voz de Tony soa um pouco chateada. — Infelizmente, você não vai ver a parte de dentro do meu quarto por um tempo.

— Tony...

— Mas *vai* poder ver muito minha cozinha. Só tome o cuidado com onde bota essas mãos, tá?

A sensação de uma pequena vitória é assim: parece uma pequena surpresa e um monte de alívio. Faz o passado parecer mais leve e o futuro

parecer mais leve ainda, mesmo que por um momento. Parece a leveza vencendo. Parece uma possibilidade.

Eu fui o primeiro representante de turma abertamente gay da minha turma de terceiro ano. Vi homens andando de mãos dadas na rua em uma cidade grande e li sobre mulheres se casando em um estado não muito longe do meu. Encontrei um garoto que talvez eu ame e não fugi. Acredito que posso ser quem eu quiser ser. Todas essas coisas me dão força. Assim como uma coisa tão simples quanto falar com Tony no telefone depois da hora de voltar para casa, ouvir que vamos nos encontrar na cozinha dele sem termos que mentir.

Como falei, é uma pequena vitória. Pode não durar, mas agora significa tudo para mim.

Possivelmente talvez

O limite entre o amor e a perseguição é tênue. Decido atravessá-lo. Quero fazer a coisa certa com Noah. Mostrar para ele, como Tony falou. Porém sou mais guiado pelo que Tony me mostrou. Não vou hesitar na hora de dizer quem eu amo.

No primeiro dia, dou a ele flores e tempo.

Na noite anterior, destranco meu armário de papéis de origami, com mais de mil folhas de cores intensas e quadradas. Transformo todas em flores. Cada uma delas. Não durmo. Não faço pausas. Porque sei que, além de estar dando flores para ele, estou dando o tempo que demoro para fazê-las. A cada dobra, estou dando a ele segundos da minha vida. A cada flor, parte de um minuto. Prendo o máximo que consigo em cabos de limpadores de cachimbo. Monto buquês e arranjos, alguns com pássaros em cima. De manhã, eu os penduro nos corredores, com o armário dele como centro de tudo, para que ele saiba que são todas para ele.

Cada minuto, cada dobra é uma mensagem minha.

No segundo dia, dou a ele palavras e definições.

Não quero dizer que falo com ele; não, não faço isso. O que faço é uma lista de palavras que amo...

resplandecente

eufórico

vulgar

... e acrescento as definições...

resplandecente — que emite luz, brilhante

eufórico — que experimenta ou provoca euforia

vulgar — baixo, ínfimo, ordinário

Em pouco tempo, decido olhar o dicionário aleatoriamente para encontrar outras palavras e definições especiais. Faço isso na mesa da cozinha de Tony, com ele ao meu lado. Decidimos que esse é o tipo de dever de casa que não podemos trocar, precisa ser feito por mim.

entulho — fragmentos de uma demolição ou desmoronamento

mucronado — terminado em ponta aguda e reta

frequentação — ação de frequentar

A mãe de Tony vai até a cozinha 12 vezes durante a primeira hora. Primeiro, pergunta se precisamos de alguma coisa. Depois de um tempo, finge que precisa de alguma coisa: da tesoura na gaveta, de um número de telefone no bloco da cozinha. Será que ela acredita mesmo que vou começar a violentar o filho dela na mesa da cozinha se ela não nos interromper para pegar um copo de água a cada dez minutos? Acho que não há como garantir a ela que não vou fazer isso. Então, nós a confundimos com meu trabalho, pois leio em voz alta todas as palavras que encontro apenas virando as páginas e escolhendo uma palavra de que gosto.

libertinagem — devassidão

azul-celeste — azul-céu

isocronia — sincronização entre tempo narrativo e tempo da história

Tony me diz que andou pensando em ligar para Kyle, só para ver se ele está bem.

— Ele deve precisar conversar com alguém — diz ele —, e não pode ser você.

Sei que não pode ser eu e digo isso a ele. Acho legal Tony poder ajudá-lo. Não sei por que isso nunca me ocorreu antes, mas consigo ver os dois se dando bem.

profético — que prevê ou prediz

vítreo — feito de vidro

dúlcido — doce

As palavras não têm nada em comum. Mas é disso que gosto nelas. Há tantas palavras na língua; acabamos conhecendo muito poucas delas. Quero compartilhar algumas das estranhas com Noah.

Depois que anoto as palavras, cem, no total, reescrevo-as com capricho em um longo pedaço de papel, com o cabeçalho:

Palavras para se encontrar e conhecer neste mundo

Amarro o papel com um pedaço de fita que Tony encontra no quarto, a fita de um presente que Joni deu no aniversário dele. Pergunto a Tony se ele conversou com Joni ultimamente. Ele diz “mais ou menos”, mas não explica.

Deixo o pedaço comprido de papel com palavras e definições no armário de Noah no começo do dia. No fim do dia, encontro um pedaço de papel no meu armário. Noah me deu uma palavra que ele mesmo inventou.

literogratifelicidade — obrigado pelas palavras

No terceiro dia, dou a ele espaço.

É sábado, e decido deixá-lo em paz. Coloco uma carta na caixa de correspondência dele desejando um bom dia. Não quero sobrecarregá-lo. Também quero dar a ele (e a mim) tempo para pensar.

No quarto dia, dou a ele uma música.

Zeke tem que ir até o salão do baile porque vai nos agradecer com algumas músicas para o baile do fim de semana que vem. Explico minha situação, e ele me oferece um pouco de seu talento de trovador. Ele me pergunta o que sinto por Noah, e conto todos os meus pensamentos, desde os mais bobos aos mais sublimes, os ridículos e os consagrados. Dou a ele matérias-primas de saudade, matérias-primas de esperança, e, como um bordador experiente de colchas de retalhos, ele costura tudo e faz uma coisa grandiosa e completa.

Todo o comitê do baile (menos Kyle, que preferiu não participar do dia) faz uma pausa para ouvir e começa a aplaudir quando Zeke termina. Triunfante, ele nos reúne e nos leva do ginásio até a rua, como um flautista de Hamelin orgulhoso, nos balançando e cantando ao som da música até estarmos todos na porta de Noah, um desfile de simpáticos simpatizantes entregando uma música. Amber me empurra para a frente, ao lado de Zeke.

— Mas não sei cantar — sussurro para ele.

— Acho que ele vai saber que a música não é minha, mesmo se eu cantar.

Ficamos perto do quarto. Claudia vai até a porta, lança um olhar de raiva para todos nós e diz que Noah está no estúdio. Conseguimos convencê-la a chamá-lo. Ele finalmente aparece na janela do quarto.

A voz de Zeke enche o ar de doçura.

*tem uma vez
em que eu nunca penso duas vezes
você me dá isso, garoto
você me dá isso*

*tem um tipo
que é bem mais que gentil
você me dá isso, garoto
você me dá isso*

*e agora, sei que está na hora de eu contar
todas as partes de mim que você ajudou a revelar
a encontrar*

*tem uma ida
que se transforma em permanência
você me dá isso, garoto
você me dá isso*

*tem um sonho
que segue seu próprio curso
você me dá isso, garoto
você me dá isso*

*e às vezes sinto tanto pavor
que tem partes de mim que quero expor
meu amor*

*tem uma verdade
que nunca soa errada*

*vou te dar isso, garoto
vou te dar isso
tem uma palavra
que procura uma música
vou te dar isso, garoto
vou te dar isso
me deixe te dar
eu prometo
eu prometo
te dar isso
um sonho, uma melodia
nunca errar um dia
uma vez, duas vezes
nunca fazer besteira
uma vez, duas
muito mais gentileza
um amor, um amor
uma inundação de amor
vou te dar isso, garoto
eu prometo
eu prometo
te dar isso*

Durante a música, Noah olha para mim e olha para Zeke. Quando ele olha para Zeke, eu o observo como se observa um bebê, esperando a expressão seguinte. Quando ele olha para mim, afasto os olhos rapidamente. Não consigo sustentar o olhar dele, não enquanto não souber que é para eu olhar nos olhos dele.

Quando a música acaba, Noah sorri e aplaude. Zeke faz uma leve reverência e leva todo mundo de volta ao ginásio. Sou o último a ir e fico observando o rosto de Noah desaparecer na janela. Ando devagar, me perguntando o que fazer depois.

Ele me alcança e toca no meu ombro.

— Você não precisa fazer isso — declara ele.

Eu digo que preciso.

— Estou mostrando pra você — falo.

— Tudo bem — responde ele.

Deixamos por isso mesmo.

No quinto dia, dou a ele filmes.

Uso um dinheiro que tinha guardado para comprar vinte rolos de filme, alguns preto e branco, alguns coloridos. Em cima de cada caixa, escrevo uma palavra de uma citação que encontrei de um fotógrafo experiente: *Seja olhando para as montanhas ou observando a mera sombra de um galho, sempre é melhor manter a visão clara.*

Para dar os filmes para Noah de forma criativa, preciso de cúmplices. Tony, Infinite Darlene, Amber, Emily, Amy, Laura e Trilby estão dispostos a ajudar. Até meu irmão participa e se oferece para ser garoto de entrega depois que conto meu plano para ele.

Cada cúmplice envia o filme para Noah de uma forma única. Tony começa ligando para o celular de Noah e deixando um enigma que o leva até o primeiro rolo, que larguei em cima da cadeira 4U no auditório da escola. Infinite Darlene faz estolas de pele falsa para suas caixas e as entrega delicadamente ao longo do dia. Amber cria um estilingue do tamanho de uma Kodak e dispara os rolos para dentro da bolsa de Noah quando ele não está olhando (e, às vezes, quando está). Emily e Amy desenham rostos nos tubos delas e entregam para Noah como se formassem uma família. Laura

coloca os filmes em lugares misteriosos em que sabe que Noah vai encontrar (como grudado embaixo da carteira dele). Trilby pinta o tubinho dela com as cores da escola. Meu irmão, abençoado seja, simplesmente anda até Noah e diz:

— Toma, meu irmão queria que eu te desse isto.

Perfeito.

Até Ted oferece ajuda. Ele ainda parece um pouco instável, dizem que está procurando alguém para ajudá-lo a esquecer a pessoa com quem ele ficou para esquecer Joni. Já entreguei todos os tubos de filme, então prometo que ele vai ser meu reserva número um se alguém falhar. Nenhum de nós menciona Joni, mas ela está presente em todos os nossos encontros.

Ainda parece estranho não ter Joni ao meu lado. (Não é que tenha ido para o lado de outra pessoa; ela apenas saiu completamente de campo.) Eu me pergunto se alguém contou para ela o que está acontecendo. Eu a vejo nos corredores, sempre com Chuck e nunca olhando para mim. Nessa mesma época no ano passado, ela estava me ajudando a pendurar cartazes do Baile Aristocrático, me avisava quando eu prendia os pôsteres tortos e me ajudava a consertar. Se tivesse a impressão de que Joni estava sentindo a minha falta, ou, pelo menos que estava sentindo falta de nosso passado, eu entenderia melhor. Mas esse desligamento total faz até o passado parecer triste e maldito.

No sexto dia, escrevo cartas para ele.

Sei que só tenho mais um dia. Quando ele me deixa um bilhete agradecendo pelos filmes, sei que logo chegará a hora de falar com ele, de ver se tenho chance. Mas, em vez de confrontá-lo na mesma hora, decido escrever uma resposta. No começo, é um bilhete no qual digo que tenho certeza de que ele vai fazer bom uso dos filmes. Mas acaba virando uma carta. Não consigo parar de escrever para ele. Mal presto atenção às aulas e

paro só para reparar em imagens e acontecimentos que posso compartilhar com Noah na carta. Não é muito diferente de quando eu escrevia bilhetes na aula, antes de tudo acontecer. Porém parece mais intenso. Um bilhete é uma atualização ou uma diversão. Uma carta é dar parte de sua vida, uma visão de seus pensamentos além de meras observações.

Termino a primeira carta. Pego um envelope com meu orientador e colo a aba com os papéis lá dentro. Em vez de contar com a ajuda de amigos, entrego eu mesmo a carta para Noah. Ele parece um pouco surpreso, mas não fechado. Começo a segunda carta imediatamente, a partir do momento em que entreguei a primeira carta e o que estava passando na minha cabeça. De repente, a semana toda começa a se explicar. Estou contando em vez de mostrar, mas não parece ter problema, considerando que já mostrei tanto.

Estou escrevendo minha terceira carta para Noah na sala de estudos quando Kyle se senta na minha frente. Desde o incidente do cemitério, ele anda fugindo de mim. Mas agora está claro que quer conversar. Cubro a carta que estou escrevendo e digo oi.

Ele está nervoso.

— Olha — diz ele —, não quero que seja assim de novo.

— Nem eu.

— O que vamos fazer então?

Percebo nesse momento que Kyle também é corajoso. Quero valer a coragem dele.

— Vamos ficar bem um com o outro — digo, com cautela. — Vamos ser amigos. E estou falando sério. Não é por achar que a gente não fica bem junto que temos que nos afastar. Isso faz sentido?

Kyle concorda.

— Faz.

— Está tudo bem, então?

— Andei conversando com Tony nos últimos dias. Mas você já deve saber disso. No começo, quando ele ligou, eu pensei, o que está acontecendo aqui? Devia ser a primeira vez que ele me ligou, exceto pelas vezes que você estava na minha casa e ele ligava pra falar com você. Eu não soube o que dizer, e ele compreendeu muito bem. Andamos conversando muito agora, e o engraçado é que uma parte de mim está feliz de tudo isso ter acontecido, porque, se eu ficar amigo dele e eu e você continuarmos amigos, é uma coisa boa derivando de uma ruim. E o ruim nem é tão ruim. Me sinto bobo por causa do outro dia. Achei que tinha uma coisa ali, e não tinha. Mas agora, acho que eu acho que tem uma coisa que tem mesmo.

— E tem — digo.

Não posso dizer para ele que a coisa que ele achou que não existia não era *totalmente* inexistente. Não posso dizer que alguns dos meus sentimentos por ele sempre vão permanecer mal resolvidos, e que parte do desejo de tê-lo de volta na minha vida era para contrariar todos os motivos de ele ter me largado. Não posso demonstrar que agora gosto mais dele do que gostava na cripta da aristocrata. Apesar de não estar gostando dele da forma como ele gostaria (Noah tem o monopólio disso), *gosto* dele o bastante para saber que um momento diferente e um lugar diferente poderiam ter levado a um resultado diferente. Mas, como não estou planejando abandonar meu momento e local tão cedo, não faz sentido comentar isso.

Começamos a falar mais um pouco sobre o baile. Agora que não estamos mais constrangidos um com o outro, Kyle vai começar a aparecer de novo nas reuniões para ajudar com os planejamentos finais.

Quando Kyle vai embora, termino minha terceira carta para Noah. A quarta eu coloco na sua mão quando ele está indo embora da escola. A quinta é a que levo para casa comigo e guardo para o dia seguinte.

Instinto e prova

No sétimo dia, me dou para ele.

Faço isso indo até lá e dizendo oi. Faço isso dissolvendo a distância entre nós. Faço isso sem saber como ele vai reagir. Talvez essa seja a única coisa que dou a Noah que ele retribui.

Eu o procuro de manhã porque acho que não consigo esperar até a tarde. Ele nem chegou ainda no armário; espero na escada da escola, com a luz matinal ainda recente. Ele me vê e anda até mim. Entrego minha quinta carta e digo oi. O envelope é verde. Quando ele o levanta, o verde dos olhos dele se destaca.

— Paul... — começa ele.

— Noah... — falo.

— Não sei o que dizer.

O tom da voz dele parece mais com *Não sei o que dizer porque estou sem palavras* em vez de *Não sei o que dizer porque você não vai gostar do que tenho para dizer*. Isso é um bom sinal.

— Não precisa dizer nada.

Nós nos sentamos lado a lado na escada. Outros alunos entram na escola passando ao nosso lado.

— Obrigado pelas cartas. Reli todas ontem à noite.

Imagino-o no quarto maravilhoso. Fico feliz de minhas palavras terem entrado ali, mesmo se tiverem sido banidas depois.

— Eu queria responder — continua ele. — Mas decidi fazer outra coisa.

Ele tira um envelope da mochila e me entrega. Minhas mãos estão tremendo um pouco quando o abro. Dentro, encontro quatro fotos. São imagens da nossa cidade, imagens da noite. Cada uma tem uma ou duas palavras, mas conheço tão bem a cidade que consigo saber de onde elas vêm, assim como o que dizem.

Da placa em frente ao Centro Comunitário Judeu: *queria*

De um anúncio da loteria em frente à papelaria: *que você*

Da inscrição no portão do cemitério: *estivesse*

E a última foto: Noah refletido em um espelho no estúdio dele. Uma das mãos segura a câmera em frente ao olho. A outra segura um pedaço de cartolina, com uma única palavra escrita.

Aqui.

Olho para as imagens, e parece que são a única coisa que eu sempre quis. Como ele poderia saber disso?

— Serendipidade — diz ele. — Fiquei acordado a noite inteira revelando. Tirei fotos de cem palavras, e essas eram as que eu queria. Foi o que meu instinto me disse.

— E o que seu instinto está te dizendo pra fazer agora? — pergunto. Não me sinto nem um pouco merecedor.

Há uma pausa.

E ele diz:

— Está me dizendo pra convidar você pro baile de sábado.

Eu pisco.

— E o que você vai fazer?

— Você quer ir ao baile de sábado comigo?

— Vou adorar. Não é esse tipo de baile, as pessoas não precisam ir acompanhadas nem nada, mas vou adorar ser seu par mesmo assim.

Não posso deixar só nisso. Tenho que acrescentar:

— Sinto muito por tudo.

E ele olha para mim e diz:

— Eu sei.

— Senti tanto sua falta — digo, esticando a mão para tocar no rosto de Noah.

Ele se inclina e me beija uma vez. Diz que também sentiu minha falta.

Sei que isso é certo. Sei que ele não vai ser maravilhoso o tempo todo, porém há mais maravilha nele do que em qualquer outra pessoa que já conheci. Isso me faz querer ser maravilhoso também.

Flutuo ao longo do dia. É claro que todo mundo que me ajudou nessa última semana quer saber no que tudo aquilo resultou. Mas eles só precisam dar uma olhadela em mim para saber.

— Muito bem! — comemora Amber.

Ted me dá um soco no ombro. Dói, mas sei que foi com boa intenção.

Infinite Darlene diz:

— Não vai fazer besteira de novo, querido.

Eu digo que não vou.

Eu juro que não vou.

Até Kyle fica sabendo. Ele não diz nada para mim sobre o assunto, mas, quando nos encontramos no corredor, Kyle faz um movimento de cabeça de aprovação.

Depois da aula, eu me encontro com Noah e vamos para a Sorveterror. Ele pede um sundae vermelho-sangue, e eu peço sorbet com jujuba de minhoca. Ele me conta o que anda acontecendo (os pais voltaram para a

cidade, mas já viajaram de novo), e eu conto o que anda acontecendo comigo. Conto toda a saga de Joni e o que Tony vem passando.

— A gente devia ir lá pra alegrar ele um pouco — sugere Noah.

— Tem certeza? — pergunto. Afinal, ele e Tony não são amigos.

— Tenho. Precisamos nos unir, certo?

— Claro.

Ligamos para o meu irmão, que fica mais do que feliz de nos levar até a casa de Tony. (Ele também parece feliz de eu estar com Noah; não sabia que Jay tinha esse tipo de sentimento.)

Tony está ao telefone com Kyle quando chegamos lá. Com toda a minha felicidade do momento, quase digo para Tony convidá-lo para ir até lá. Mas me dou conta do gesto colossalmente constrangedor que seria (com Noah presente) e mantenho a boca fechada.

Apesar de os pais de Tony não estarem em casa, ficamos na cozinha. Isso funciona bem, porque estamos todos com fome. Se tivéssemos ficado presos na sala de jantar, estaríamos com problemas.

— Tenho novidades — diz Tony.

Adoro a forma como ele recebeu Noah, como se fosse natural ele estar aqui. Adoro a forma como Noah se encaixa na situação.

— Qual é sua novidade?

— Quero ir ao Baile Aristocrático.

Isso é novidade. Ano passado, os pais de Tony não o deixaram ir.

— Que ótimo — diz Noah. — Você pode ir conosco.

Tony suspira.

— Não é tão fácil. Sabe, meus pais dizem que não posso ir. Mas quero ir mesmo assim. Não quero sair escondido, isso seria bem ruim.

— Então o que você... o que *nós* vamos fazer? — pergunto.

— O negócio é o seguinte. Eu acho que, se bastante gente vier me buscar, se meus pais virem um grupo grande de garotas e garotos, pode ser que me deixem ir.

— Parece um bom plano — digo. — Podemos reunir todo mundo.

— Pode contar comigo — oferece Noah.

— Comigo também. Jay pode nos trazer de carro. Tenho certeza de que conseguiremos trazer Laura e Emily e Amy e Amber...

— Quem é Amber? — pergunta Tony.

Eu tinha esquecido o quanto Amber é nova na minha vida.

— É uma garota do comitê. Você vai gostar dela.

— Ah, sim. Kyle me contou sobre ela.

Preciso perguntar:

— Então Kyle também vai?

Tony concorda.

— Ele está dentro.

— E Joni?

Agora, a expressão de Tony é hesitante.

— Não sei — diz ele.

— Você pediu a ela?

— Pedi.

— E?

— Ela quer...

— Mas?

— Acho que Chuck não quer.

— Não entendo o que uma coisa tem a ver com a outra — digo.

Mas é claro que entendo. Sei exatamente o que está acontecendo, e isso me deixa furioso. Estou tão chateado com Joni nesse momento. Palavras não

são capazes de descrever. Não me importo se ela me desprezar. Mas desprezar Tony não tem justificativa.

Sei que Tony vai se sentir pior se eu demonstrar o quanto estou chateado. Assim, começo a falar sobre o baile. Noah enfia a mão na mochila e pega algumas das fotos que tirou no cemitério. São extraordinárias: assustadoras, mas de uma forma espiritual. Consigo perceber que Tony fica tão impressionado quanto eu. Em determinado ponto, quando Noah precisa ir ao toalete (concluimos que isso é permitido, mesmo não sendo na cozinha), Tony me lança um olhar de quem está entendendo e dá um sorriso.

— É tudo por sua causa — digo. — Você me disse pra mostrar a ele, e eu mostrei. Sinceramente, eu não teria confiado em mim mesmo para fazer isso se você não tivesse sugerido.

— Foi tudo você — fala ele em resposta. — E valeu a pena?

Eu concordo na hora em que Noah está voltando para a cozinha.

— O quê? — pergunta Noah, sentindo que está entrando no meio de uma conversa.

— Nada. — Eu e Tony dizemos ao mesmo tempo, depois nos olhamos e rimos.

— Estávamos falando sobre você — revela Tony.

— Só coisas ruins, eu garanto — acrescento.

Noah lida bem com isso. Depois de uma hora juntos e de fazermos o dever de casa, Jay volta, e Noah e eu vamos embora. Jay deixa Noah em casa; eu o levo até a porta. Ele bagunça um pouco meu cabelo antes de entrar. Bagunço o dele. Sorrimos e dizemos tchau. Esperamos ansiosamente pelo próximo oi.

Quando volto para o carro, Jay pega o caminho de casa. Mas eu digo para ele que temos mais uma parada a fazer.

Preciso falar com Joni. Agora.

Centelhas

A mãe de Joni fica surpresa ao me ver. Também parece aliviada.

— Paul! — exclama ela, após abrir a porta. — É tão bom ver você.

— Você também — digo.

E é verdade. Ela é como uma segunda mãe para mim. Uma das coisas mais difíceis de perder Joni é que também perdi minha segunda família.

— Joni está em casa? — pergunto.

— Está lá em cima. Duas semanas atrás, ela me pediu pra não deixar você entrar se aparecesse aqui. Mas você pode entrar sim.

É um sinal de como não conheço mais Joni direito o fato de eu ficar com medo de arrumar problema para a mãe dela.

— Tem certeza? — pergunto.

— Absoluta — responde ela. — Sei que vocês dois se desentenderam e, na minha opinião, quanto mais rápido superarem, melhor. Então, pode subir. Chuck foi embora uma hora atrás. Acho que estão no telefone.

Não pergunto à mãe de Joni o que ela acha de Chuck, sei que isso é totalmente contra as regras. Mas sinto pela voz dela que não é muito fã dele. Ou talvez eu só esteja ouvindo o que quero ouvir.

Se você me tirasse os cinco sentidos, eu ainda seria capaz de encontrar o caminho do quarto de Joni a partir da porta de entrada. A única coisa que

mudou desde o primeiro ano é o tamanho dos meus passos.

A porta está fechada. Eu bato.

— Agora não! Estou no telefone!

Eu bato de novo. Consigo ouvi-la andando pelo quarto.

— Um segundo — diz ela para o telefone. E então: — O que foi, mãe?

Quando ela abre a porta, eu digo:

— Não é sua mãe. Sou eu.

— Estou vendo — responde Joni secamente.

Ela não desliga o telefone.

— Preciso falar com você.

— Estou ocupada.

Quero desligar o telefone por ela. Mas me controlo e apenas deixo claro que não vou embora.

Ela olha para mim intensamente, depois diz “tenho que ir” ao telefone.

— Pronto — diz ela ao desligar. — Está feliz?

Por que você está fazendo isso?, tenho vontade de gritar. *O que fiz pra você?*

Preciso lembrar a mim mesmo que o assunto aqui não somos nós. É Tony.

— Acabei de vir da casa de Tony — digo.

— Falei com ele dois dias atrás. Ele me pareceu bem.

Eu concordo.

— Ele está indo muito bem.

— Obrigada pelo relatório.

Não vou deixar que ela me irrite. Não vou ser eu quem vai explodir.

— Quero conversar com você sobre a noite do baile. Tony quer que a gente vá buscá-lo. Quero ver se você vai poder ir.

Joni balança a cabeça.

— Acho que isso não vai dar certo. Desculpe.

— *Desculpe?!?* Só isso?

— O que mais você quer, Paul?

— Joni, estamos falando de Tony. Você sabe o inferno que ele talvez tenha que enfrentar pra ir ao baile?

— Eu entendo isso. Mas tenho outros planos. Posso apoiá-lo de outras formas. Não preciso estar lá.

Será que ela acredita mesmo nisso? Vejo um brilho de dúvida nos olhos dela.

— É claro que você precisa estar lá — ênfase. — É a primeira vez que Tony nos pede alguma coisa, Joni. *Primeira*. Ele está fazendo a única coisa que sempre quisemos que ele fizesse, que enfrentasse os pais. Ele nos quer lá. Nós dois.

— Se ele tivesse tido essa ideia uma semana atrás, ou talvez alguns dias atrás, eu talvez conseguisse rearrumar as coisas. Mas fizemos promessas, Paul. Fizemos planos. Não posso recuar.

— Por quê? Chuck não deixa?

Joni se empertiga toda.

— Não comece, Paul — avisa ela com voz gelada.

— Por que, Joni? Afinal, não vou dizer nada que você já não saiba.

Pronto. Sou eu quem cruza o limite. Espero que ela esteja feliz.

Agora, tenho que ir embora antes que ela me mande. Preciso disso, pelo menos.

— Você sabe qual é a coisa certa a fazer — digo.

E então, me viro e saio. Não bato a porta. Não bato os pés na escada. Não me esqueço de me despedir da mãe dela, que me dá um abraço de verdade.

Vou andando para casa. Apesar de meu casaco ser grosso, eu tremo. Apesar de estar silencioso na rua, minha cabeça é só barulho.

Apesar de eu querer torcer pelo melhor vindo de Joni, espero o pior.
E essa é a coisa mais triste e louca de todas.

Consigo expressar a maior parte dos meus sentimentos para Noah pelo telefone naquela noite, e tento manter a situação com Joni longe dos meus pensamentos quando chego à escola no dia seguinte. Só faltam dois dias para o baile, e há muito planejamento a fazer até lá.

Não estamos nos concentrando na morte; na verdade, estamos nos cercando das coisas que permanecem depois da morte: palavras e lápides e retratos e lembranças. A foto da aristocrata é a primeira coisa que penduramos nas paredes do ginásio. Todo o resto vem depois.

Evitamos o preto. Queremos encher a morte de cor. Kyle sai de um armário de materiais com os braços cobertos de tecidos azuis, seu tributo pessoal à aristocrata. Em vez de pedir às pessoas para irem fantasiadas, pedimos que usem coisas herdadas. Vou usar o relógio do meu avô e o broche de coração da minha avó. No bolso, vou carregar o lenço com monograma que meu outro avô levou para a guerra; junto dele, vou carregar uma carta que minha avó escreveu para ele naqueles anos, cheia de palavras de amor eterno. Gosto de pensar que, enquanto eu estiver dançando, eles estarão vivos de novo, de alguma maneira. Vou revivê-los com meus pensamentos e sentimentos.

Trabalhamos duro por 48 horas. Amber cuida do som, introduzindo trechos dos livros dos túmulos e de Emily Dickinson nas músicas que escolheu. Somos espelhados nas reflexões das outras pessoas.

Ted aparece para ajudar. Eu o vejo flertando com Trilby quando eles estão jogando fitas nas vigas do teto. Infinite Darlene estala a língua de longe, mas não diz nada.

Noah também ajuda. Ampliamos as fotos dele para pendurar nos cantos, uma forma de atrair as pessoas até lá. Ele me vê quando vou colocar velas no

espaço embaixo das arquibancadas, para dar um clima.

— Não há risco de incêndio? — pergunta ele.

— *Shh* — respondo, levando o dedo aos lábios e tornando a baixar.

Eu acendo as velas. O ar tem cheiro de baunilha. Noah estica a mão e toca minha bochecha. Passa o polegar pelos meus lábios e pela lateral do meu pescoço. Ele me direciona contra a parede e me beija. Correspondo intensamente. Inspiramos um ao outro. Enquanto o sistema de som é testado e orquídeas são colocadas sobre as mesas, colocamos as mãos nos corpos um do outro e exploramos um ao outro e marcamos o tempo com movimentos e sussurros. Só paramos quando Trilby chama meu nome.

— Parece que as velas funcionam — diz Noah, se afastando e ajeitando a camisa que está para fora da calça.

— *Shh* — falo de novo, com a voz cheia de brilho.

— *Libertinagem* — conclui ele, com um sorriso. É uma das minhas palavras de dicionário.

Sempre acredito secretamente que montar uma festa é mais divertido que ir à festa. Quando estou dizendo a Trilby e Ted onde devem pendurar os esqueletos dançantes, vejo o quanto todos nós estamos animados. Infinite Darlene está tocando músicas com Amber e Amy. Emily está desembrulhando uma tigela de ponche dourada. Kyle está treinando dançar com o retrato da aristocrata. Noah está encostado na parede do ginásio, preparando a câmera para tirar uma foto. É uma pena precisarmos deixar outras pessoas entrarem nesse mundo que estamos criando.

Mas então, penso em Tony, e estou pronto para abrir as portas.

Um pequeno passo

A noite de sábado chega, e pareço fabuloso. Estou usando um smoking de segunda mão e um par de sapatos que brilham como uma guitarra Gibson. Fiz uma flor de origami para a lapela de Noah e preendi o broche da minha avó com orgulho.

Meus pais ficam perplexos quando me veem. Não pareço mais um garoto. Também não pareço adulto, mas definitivamente pareço mais velho que um garoto.

— Quer uma das minhas gaitas emprestada? — pergunta meu pai. (Ele sempre leva uma para as festas, só para o caso de ficar meio sem graça.)

— Você escovou os dentes e passou fio dental? — pergunta minha mãe.

— Está pronto para ir? — diz Jay. Ele tem que ir buscar a acompanhante dele.

No carro, ele me agradece.

— Por quê? — pergunto.

— Por me avisar sobre você e Noah — responde ele. (Eu mencionei para ele, como prometido, antes de Rip descobrir que Noah tinha me convidado para o baile.)

— O quanto você vai ganhar?

— Rip vai ficar me devendo 500 dólares.

— Quinhentos?!? — Não consigo acreditar. — As chances estavam tanto assim contra mim?

Jay balança a cabeça.

— Não. Eu só apostei muito em vocês dois.

Agora é minha vez de agradecer. Ele mostrou que acreditava em mim, de sua forma deturpada de irmão mais velho.

Pegamos a acompanhante dele, Delia Myers, que está linda com um vestido roxo rodado. Ela me mostra uma pulseira que era da avó dela. Tem o formato de duas asas.

Fico um pouco nervoso quando chego na casa de Noah. Ainda não conheci os pais dele. Eu me pergunto se vai ser esta noite.

Toco a campainha. Claudia atende. Ela parece surpresa de me ver tão arrumado.

— Noah está em casa? — pergunto.

— Dã — responde ela.

Ela o chama.

— Seus pais estão em casa?

Ela balança a cabeça com tristeza.

— Então acho que devo pedir sua permissão — digo.

Ela olha para mim como se eu fosse um marciano.

— Pra quê?

— Pra levar Noah ao baile.

— Vocês não precisam da minha permissão.

— Mas eu gostaria de ter.

Ela olha para mim de novo.

— Acho que tudo bem.

Isso é tudo que ela vai me dar, mas concluo que é um começo.

Noah desce, e lhe dou a flor. Ele me entrega a foto de uma flor; é linda, de cores mais vibrantes que a verdadeira.

— Achei que duraria mais — diz ele, e coloca delicadamente no meu bolso.

Claudia desaparece em outro aposento. Noah segura minha mão.

— Vamos buscar Tony — diz ele.

Estamos quase saindo de casa quando Claudia volta.

— Um segundo — pede ela. Nós nos viramos para ela, e ela levanta uma câmera. — Quero tirar uma foto de vocês dois.

Ela nos pede para posarmos em frente à escada. Pede que nos inclinemos um na direção do outro, que eu coloque a mão no ombro dele. É uma coisa tão simples e rotineira, sorrir para o flash, verificar se tudo está no lugar. Mas, para mim, é uma revelação. Pela primeira vez na vida, sinto-me realmente parte de um casal. Sinto que Noah e eu juntos somos uma coisa só. Posar para a câmera da irmã dele, seguir pela entrada da casa de mãos dadas, na direção do carro do meu irmão, essas são coisas sobre as quais não precisamos pensar. Parecem naturais.

Jay e Delia dão boas-vindas a Noah no carro, e seguimos até o quarto antes da casa de Tony. Todos combinamos de nos encontrarmos lá e andarmos até a casa dele juntos. Kyle já está lá. (Mais tarde, descubro que foi o primeiro a chegar.) Infinite Darlene está usando um vestido estilo Grace Kelly. Trilby e Ted estão lá; suas roupas não combinam, mas alguma coisa nas expressões deles, sim. Amber está linda com um vestido longo que era da bisavó dela, da época que era mocinha. Laura e a namorada estão vestidas de Hepburn e Hepburn. Emily e Amy estão comedidas de calças jeans e suéteres antigos.

Joni não está em lugar nenhum. Chegou a hora de irmos para a casa de Tony, mas não nos mexemos. Os que a conhecem ainda estão esperando que

ela chegue. Apesar de não dizermos nada, sei que Ted está esperando e Infinite Darlene está esperando. Ainda achamos que ela não perderia isso. Mas parece que estamos errados. Depois de cinco minutos, Kyle diz que é melhor irmos. Para minha surpresa, ele vai na frente. Ando ao seu lado, e ele me mostra um anel que a tia deu para o marido, Tom. Ele deixou que Kyle pegasse emprestado para a festa. Agradeço a ele por me mostrar.

Chegamos à casa. Os carros estão na garagem. Os pais dele estão em casa. Kyle chega para o lado, para que possa ser eu quem toca a campainha. Estou prestes a fazer isso quando ouço a voz de Joni dizendo:

— Estou aqui.

Eu me viro e olho para ela. Chuck está ao lado dela, com aparência insatisfeita.

— Me desculpem o atraso — acrescenta ela.

— Tudo bem — digo. E toco a campainha.

A mãe de Tony atende. O pai dele está ao lado dela.

— Viemos buscar Tony para o baile — digo.

Tony aparece atrás deles usando suas melhores roupas.

— Sei — diz o pai, sem parecer muito feliz. — E você é o acompanhante dele?

— Nós todos somos acompanhantes dele — responde Joni.

Todos dão um passo à frente. Garotas e garotos. Garotos hétero e uma drag queen. Meu namorado. Meu ex-namorado. Meu irmão. Eu.

Tony se espreme para passar pelos pais e se junta a nós. A gravata dele está torta, e seu terno é marrom. Mas nunca o vi tão maravilhoso.

— Posso ir? — pergunta ele.

Os pais olham para ele. Olham para nós. A mãe dele coloca a mão sobre a boca. O pai dá um passo para trás.

— Parece que você vai de qualquer jeito — diz ele severamente.

— Mas quero que vocês digam que eu posso ir — implora Tony, com a voz falhando.

O pai parece dividido entre o dogma e a impotência. Como resultado, simplesmente se afasta.

Tony se vira para a mãe. Lágrimas caem dos olhos dela. Então ela olha para Infinite Darlene. Olha para Joni. Olha para mim e para Kyle. E olha para o filho.

— Por favor — sussurra ele.

Ela concorda.

— Divirta-se — diz ela. — Volte à meia-noite.

Tony dá um sorriso de alívio. A mãe não, nem quando ele se inclina para se despedir com um beijo.

— Obrigado — diz ele.

Ela o abraça por um momento, olha nos olhos dele. Em seguida, deixa que vá conosco para a noite. Todos queremos comemorar, mas sabemos que temos que esperar para fazer isso. Agora, temos outro motivo para dançar.

Seguimos para os carros. Tony para por um momento.

— Esperem um segundo — diz ele.

— O quê? — pergunto.

Todos param para ouvir.

— Podemos nos atrasar para o baile? — pergunta ele. — Tenho uma ideia...

O que sempre vou lembrar

São nove da noite de um sábado de novembro. Estamos em uma clareira, cercados de árvores e arbustos, sob a proteção de uma colina que gostamos de chamar de montanha. A notícia se espalhou, e a maioria de nossos amigos está aqui. A aristocrata está esperando no ginásio. Ela vai ter a chance dela logo, logo.

Alguém trouxe um rádio, e estamos dançando conforme as melodias se espalham no ar. Somos iluminados por lanternas e velas. Carregamos as cigarreiras de nossos avôs e as pulseiras de nossas avós. Somos jovens, e a noite é jovem. Estamos no meio de algum lugar e estamos sentindo tudo.

A terra é nossa pista de dança. As estrelas são nossa decoração elaborada. Dançamos com entrega, só existe a felicidade para nós aqui. Giro Amber em um tango, e nós inventamos os passos durante a dança. Tony e Kyle estão dançando ao nosso lado. Felizes. Rindo.

Nesse espaço, nesse momento, somos quem queremos ser. Tenho sorte, porque para mim isso não exige muita coragem. Mas, para outros, é preciso um mundo de coragem para ir até a clareira.

Danço com Noah. Músicas lentas e músicas rápidas. Durante as lentas, mais das coisas não ditas são compreendidas. *Tome cuidado. Ainda estou aprendendo. Você é tão lindo. Isto é tão lindo.* Durante as rápidas, todos esses

pensamentos desaparecem, e há a euforia tonta de ser parte de um grupo, parte da música, parte de todas as nossas diferenças e de todas as coisas que compartilhamos.

Na próxima troca de música, eu me afasto. Quero ver isso tanto quanto quero ser parte de tudo. Quero me lembrar de como foi. Fico impressionado com o amor que sinto por tantas pessoas. Fico impressionado com a aleatoriedade, com a comédia e com a fé que nos une e nos mantém unidos. Eu me abro e absorvo tudo. A cena se desenvolve como uma rapsódia.

Vejo árvores verdes e vestidos brancos. Vejo Infinite Darlene gritando de alegria enquanto Amber tenta curvá-la até o chão. Vejo Ted incentivando-as enquanto toca uma guitarra imaginária. Vejo Kyle e Tony conversando baixinho, compartilhando os mundos. Vejo Joni guiando Chuck em uma música lenta. Vejo velas na escuridão e um pássaro contra o céu. Vejo Noah andando até mim, com carinho no olhar e um sorriso abençoado nos lábios.

E penso comigo mesmo, *Que mundo maravilhoso.*

A quarterback e o líder de torcida

Uma história de Dia dos Namorados

De David Levithan

Infinite Darlene está se arrumando para um encontro.

Ela coloca uma camada de maquiagem e finaliza com batom. Como sempre, fica grata pelo queixo, por Deus ter decidido fazer a barba dela só crescer a cada uma ou duas semanas, não todos os dias. A maquiagem é do tipo que tem a intenção de parecer natural; se ela fizer direito (e ela sempre faz direito), ninguém consegue dizer que ela está maquiada. Exceto pelo batom. Isso é para ser visto.

Embora Infinite Darlene tenha muitos, muitos amigos, ela não teve muitos, muitos encontros. Ela não sabe bem por quê. Talvez seja porque vive muito ocupada sendo ao mesmo tempo a rainha do baile e a melhor *quarterback* da escola. Talvez seja porque os homens fiquem intimidados por uma superestrela transgênero de 1,90 metro de altura. Talvez seja porque os garotos da escola dela são bobos, exceto os amigos, com quem ela nunca quer sair. Ou talvez, reflete ela, seja porque algumas pessoas foram feitas para terem muitos, muitos amigos, mas não muitos, muitos encontros.

Se obrigada a escolher, ela preferiria as amizades aos encontros. Mas ninguém nunca a obriga a fazer nada. Quando ela se tornou Infinite

Darlene, jurou que sua vida era só dela e de mais ninguém. Ela faria qualquer coisa pelos amigos, mas teria que ser decisão dela.

Um dos motivos para ela estar tão nervosa com esse encontro, de uma forma que não era de se esperar, é porque ela se adiantou e contou para os amigos. Eles ficaram animados por ela, de uma forma que era de se esperar. Agora, ela quer que corra tudo bem, só porque eles querem tanto que tudo corra bem. “Você merece”, eles ficaram repetindo, como se merecer alguma vez tivesse sido a chave para o amor. Paul e Noah e Joni e o resto deles não têm a intenção de pressionar, mas já estão pressionando. Ela sente.

De um modo geral, é um encontro inesperado. Não houve nada que levou a ele, nenhum aviso e nenhum flerte, nenhuma amizade inicial que desabrochou e virou romance. Não, o que aconteceu foi que Cory Whitman, o chefe do grupo de líderes de torcida dos Rumson Devils, se aproximou depois que o time dela arrasou com o Rumson com um placar de 24 a 10 e perguntou se ela queria sair qualquer dia. É claro que ela havia reparado nele durante o jogo, fazendo piruetas com dedicação; todo mundo sabia que líderes de torcida bonitos do sexo masculino costumavam ser usados para distrair o time adversário, e Infinite Darlene se permitiu sucumbir depois de fazer o passe e seu trabalho de *quarterback* haver terminado. Ele tinha uma segurança maliciosa com o megafone e um estilo fantástico e meio rap com as rimas. O mais importante foi que ele liderava a equipe para torcer *a favor* de seu time, não contra o outro. Eles não depreciavam ninguém. Eram bastante esportivos. E Infinite Darlene valorizava muito isso.

Ela não disse sim para a pergunta dele, não imediatamente. Não era esse tipo de garota. O que fez foi dar seu número e dizer para ele ligar, criando uma barreira fácil que impediria que um garoto preguiçoso ou que não fosse sincero passasse por ela. Cory não recuou por causa disso e ligou naquela mesma noite. Eles fizeram planos para a noite de sexta-feira.

Das pessoas próximas de Infinite Darlene, só Chuck, seu rival número um no time de futebol americano, ficou cético.

— É armadilha — disse ele. — Rumson sempre tenta perturbar a gente.

— Mas já jogamos com eles! — observou Infinite Darlene. — Não adianta nada perturbar a gente agora.

— Então é vingança.

— É mesmo!?!

— Só estou dizendo que é suspeito.

— Um líder de torcida lindo querendo sair comigo é *suspeito*. Estamos falando de contravenção ou crime, Chuck? Me conte agora, pra eu saber o que devo vestir.

Se fosse fácil assim. Infinite Darlene não faz ideia do que vestir. Afinal, quando Cory se aproximou, ela estava usando o uniforme de *quarterback*, que é o oposto de qualquer coisa com decote. Como está frio, ela decide ir de suéter e calça jeans. Um suéter bonito, uma calça jeans bonita. E o suéter vai ser de algodão, só para o caso de ele ser alérgico a lã.

Ela se repreende por pensar isso. Quem disse que ele vai chegar perto do suéter dela?

Mesmo assim, ela escolhe uma coisa bonita para usar por baixo.



Ele vai buscá-la às seis.

Infinite Darlene não está esperando na janela. Está no computador, fazendo pesquisas de último minuto. Já descobriu que Cory joga basquete no inverno, que é solteiro (e gosta de garotas) e que tem um perigoso hábito de jogar Palavras Cruzadas. Também há nos arquivos do jornal de Rumson

uma foto dele pedindo doces no Halloween aos 9 anos, fantasiado de Lando Calrissian. Infinite Darlene decide não tocar nesse assunto imediatamente.

A campanha toca.

Infinite Darlene aprendeu que a personalidade está na forma como você anda. Esse foi um dos desafios mais fundamentais que encarou quando decidiu se tornar Infinite Darlene. Ela não percebe agora, mas percebia bem na época: a ideia de medir os passos, demorar o tempo necessário, andar como se gostasse de viver dentro daquele corpo em vez de querer fugir dele. Pela forma como anda agora, toda escadinha se torna uma grande escadaria. Cada calçada é uma passarela. Mesmo parada, ela demonstra quem é.

(A única exceção é no campo de futebol. Lá, o corpo dela se transforma em uma coisa diferente. Às vezes é um prédio; outras, é um pássaro.)

Cory sorri quando ela abre a porta. Ele está feliz em vê-la e não tenta disfarçar.

Infinite Darlene levanta a guarda. Isso está fácil demais. Ela está desconfiada.

Enquanto eles andam até o carro, ele conta a ela que fez reservas para o jantar e quer saber se o restaurante que escolheu está bom. Ela gosta do fato de ele ter feito a escolha e gosta mais ainda por ter sido boa. Talvez isso seja esperado do chefe de líderes de torcida, mas Infinite Darlene nunca saiu com um antes e, por isso, não sabe. Ela se dá conta de que jamais o viu sem o uniforme. Inevitavelmente, ele é mais atraente sem um *R* enorme preso no peito, atravessado de um jeito estranho por um megafone. Ela não consegue ver bem a bunda dele na calça jeans, mas, ao mesmo tempo, o tecido não esconde tanto quanto o poliéster do uniforme.

Ele abre a porta para ela, e ela permite. Darlene precisa empurrar o banco para trás para caber lá dentro, mas não tem problema. A parte mais difícil é encontrar alguma coisa sobre a qual conversar.

Infinite Darlene não costuma ficar sem palavras. É rápida com gracinhas, sempre pronta para dar uma resposta inteligente. Mas os momentos sem gracinhas e sem respostas inteligentes a confundem. Não é que ela esteja se segurando; jamais poderia sair com um garoto que a fizesse sentir que deveria se segurar. Na verdade, está esperando que as palavras certas apareçam.

Quando Cory liga o carro, o rádio toca alto, e ele rapidamente abaixa o volume.

— Me desculpe por isso — diz ele.

Isso é constrangedor. Infinite Darlene se dá conta de que Cory é basicamente um estranho.

— Você jogou muito bem naquele dia — diz ele. — Foi realmente incrível.

— Você também — responde Infinite Darlene. — Gostei muito da parte do osso. Como era mesmo?

Cory olha ao redor, como se houvesse uma plateia de programa ao vivo no banco de trás do Toyota.

— Aqui? Você quer que eu cante e dance aqui? Não sei se este carro é grande o bastante pra uma rima daquelas.

Brincando. Misericordiosamente, ele está brincando. Infinite Darlene conhece muitos outros líderes de torcida que não estariam brincando, que acreditam que o pináculo da civilização ocidental é a criação de pirâmides impecáveis de dez pessoas.

— Vão, vão, vão pra cima do osso — começa ela.

Como esperado, Cory balança a cabeça.

— Por favor, me permita.

E começa a cantarolar.

Vão, vão, pegar o osso!

*Puxem a ponte
e encham o fosso!
Ataquem como um vampiro
no pescoço!
Tem que comer
até o caroço!*

— Foi uma rima inspirada — observa Infinite Darlene. — Criativa.

— Bem — diz Cory —, não tem muita coisa que rime com Rumson. Precisamos ser criativos. Mas criatividade também é sua praia, não é?

Infinite Darlene fica paralisada. O que ele quer dizer?

— No campo — acrescenta Cony rapidamente. — Se José tivesse agarrado Maria como você agarra a bola, não teria havido necessidade nenhuma da concepção imaculada.

Em sua cabeça, os amigos (e inimigo) de Infinite Darlene começam a falar.

“Aaah, ele gosta de você”, diz Noah.

“Ele só pode fazer uma referência a Jesus por encontro”, diz Paul. “Mais que isso é bizarro.”

“Pode acreditar, não é um passe, é uma interceptação!”, insiste Chuck.

Cory diz mais algumas coisas sobre o jogo, e Infinite Darlene também diz mais algumas coisas sobre o jogo. Talvez seja a única coisa que eles têm em comum. Eles querem ficar em terreno seguro, ao menos por enquanto. Mas não pode ser assim para sempre.

Apesar de a música estar baixa, Cory está batucando junto no volante. Está com ar de uma pessoa genuinamente feliz, não no sentido de raios de luar e arco-íris, mas como quem aprecia o fato de a vida ser basicamente uma coisa boa. Só de olhar para ele durante vinte segundos, Infinite Darlene

consegue sentir que tem sempre uma música no coração dele. Às vezes, pode até ser uma música triste. Mas tem sempre música.

— Sabe o que eu amo? — pergunta ele.

— Não — responde Infinite Darlene. — O quê?

— Adesivos bobos de carro.

Ela demora um pouco para ver na pista da direita. *EUA: sempre amado, nunca errado.*

— Parece que foi escrito por um bando de líderes de torcida ruins — debocha Cory.

— Deveríamos bolar uma coisa melhor — sugere Infinite Darlene.

Cory pensa por um momento e diz:

— *Sempre pingue-pongue, nunca King Kong?*

— *Sempre canga, nunca tanga?*

— Aah, gostei. Vamos entrar no ramo dos adesivos de carros.

Infinite Darlene concorda.

— Vamos.



É na leveza desse momento que Infinite Darlene fecha os olhos. Ela gosta de fazer isso às vezes. É como o jogo de memória que jogava quando criança, em que via objetos e tinha que citá-los de olhos fechados um minuto depois. Só que, desta vez, ela absorve a cena toda. Faz uma pausa para deixar o momento penetrar um pouco mais fundo e para permitir que os outros sentidos tirem o peso da visão. Há um aroma de colônia no ar, um leve traço que, se alguém perguntasse, Infinite Darlene diria que tem cheiro da cor azul. Tem a música no rádio e a música nos dedos dele, assim como a sensação da rua embaixo do carro.

Isso tudo acaba antes que Cory perceba. Por um breve momento, ela se afastou. Mas agora tem certeza de que quer estar aqui.



Eles chegaram ao restaurante. Black Thai Affair: o nome é quase imperdoável, mas a comida é supostamente boa.

As pessoas olham. Elas olham quando Infinite Darlene entra. Olham quando ela e Cory se sentam. Infinite Darlene está acostumada com isso. Fora a questão do seu sexo original, tem o simples fato de ela ser uma mulher muito, muito alta. Ela é pelo menos 15 centímetros mais alta que Cory. Ele não parece se importar. E nem parece perceber que as outras pessoas estão olhando. Como diz a antiga música, ele só tem olhos para ela.

Quando Infinite Darlene e Cory recebem os cardápios, precisam encarar a decisão essencial e básica que acompanha uma ida a um restaurante tailandês, ou seja, precisam decidir se vão pedir pad thai ou não. Infinite Darlene não consegue resistir. Cory pede um prato à base de alfavaca, embora admita que pad thai fosse sua outra escolha.

Eles fazem perguntas educadas e descobrem que Rumson não é uma escola ruim, mas a de Infinite Darlene provavelmente é melhor. Cory tem três irmãs; Infinite Darlene é filha única. Cory ama basquete, mas Infinite Darlene resistiu todos esses anos por ser uma opção óbvia demais para uma garota alta como ela.

— Seria um talento natural! — diz Cory.

— Eu jogava, mas... — responde Infinite Darlene, e para no meio.

— Mas?

Mas. Infinite Darlene está em um beco sem saída. Ela decide sair da saia justa contando a verdade para ele.

— Mas... nossa escola tem dois times de basquete, e nenhum dos dois é misto. E, apesar de ninguém da cidade se importar de eu jogar no time feminino, alguns dos técnicos das outras escolas tinham opiniões diferentes. Assim, decidi seguir no futebol e em trabalho voluntário, que sempre foram meus dois maiores interesses.

Ela odeia mencionar as ocasiões em que as escolhas dela se chocaram contra o muro da limitação dos outros. Porque toda vez que ela precisa falar ou pensar sobre isso, é como bater nesse muro de novo. E ela precisa observar a reação da pessoa com quem está falando, para ver se é outro muro em construção.

— Mas isso é errado — diz Cory. — Totalmente errado.

— Não tão errado quanto a escolha de sapato daquela mulher — diz Infinite Darlene, indicando seu lado esquerdo, onde uma mulher xereta está usando uma coisa que parece um scarpin misturado com uma bota Ugg.

A xereta, ao saber que foi identificada, deixa de xeretar.

— Há quanto tempo você é...? — pergunta Cory.

— Tão incrível? — completa Infinite Darlene.

Cory sorri.

— Isso mesmo. Tão incrível.

Parece quase neurológica a forma como o sorriso e o tom dele alertam o cérebro de Infinite Darlene para enviar outra brigada encantadora. É a forma de endorfina dela, sua preparação de adrenalina.

— Correndo o risco de soar arrogante — diz ela, inclinando-se como se estivesse contando um segredo —, devo declarar que sou incrível desde o momento do meu nascimento. O médico deu uma olhada e, em vez de dizer “É uma menina” ou “É um menino”, proclamou: “Minha nossa, é uma estrela!”

“Eu era pura alegria. E admito, com o tempo, parte de minha alegria deixou de ser pura, e outras coisas se embolaram no meio dela. Eu me vi me esquecendo de ser incrível. Deixou de parecer uma opção e passou a ser mais um sonho. Eu não estava negando a verdade, sabia qual era ela, mas estava negando a mim mesma o poder de expressá-la. Uma certa manhã, eu disse que bastava. Não precisei dizer para mais ninguém, só para mim. Porque eu sabia que, depois que dissesse para mim mesma, eu seria incrível o bastante para fazer todo mundo sentir o mesmo. E, se alguém não sentisse, não valia o cabelo no chão de um salão de beleza.”

Infinite Darlene faz uma pausa e olha para Cory, que está prestando atenção.

— E você? — pergunta ela. — Há quanto tempo é tão incrível?

Ele está corando? Sim, Infinite Darlene acha que ele cora por um momento.

— Eu consigo me lembrar da primeira vez que dei uma estrela perfeita — diz ele. — Tinha 10 anos. Já havia feito um monte de estrelas. Eu ia para o quintal e virava uma atrás da outra, a ponto de haver marcas de mão em toda a grama e minha mãe me mandar parar. Mas essa estrela, cada pedacinho dela deu certo. Meus pés ficaram retos no ar e depois caíram na terra. De cabeça para baixo, de cabeça para cima. Durou poucos segundos, mas, quando acabou, soube que tinha atingido uma coisa incrível e que eu, por causa desses poucos segundos, fui incrível.

“Isso foi o começo. O incrível para mim, o verdadeiramente incrível, é a habilidade não só de encontrar uma coisa que você ama fazer, mas de conseguir compartilhar com outras pessoas. Assim que isso começou a acontecer, tudo pareceu certo.”

— Eu quero provar coisas — diz Infinite Darlene. — Quero provar que as pessoas estão erradas. Quero provar que estou certa. Mas o incrível foi

quando percebi que esse não era meu verdadeiro motivo de fazer as coisas. Se acontecer, melhor ainda. Mas quem quer passar a vida tentando provar coisas? Também quero gostar do que faço.

Essa é uma conversa incomum para o quadragésimo segundo minuto de um primeiro encontro. Mas tanto Infinite Darlene quanto Cory estão envolvidos. Eles não estão sorrindo um para o outro agora, já passaram desse ponto, chegaram ao ponto em que o brilho dos olhos e a malícia do sorriso seriam apenas decoração para os pensamentos e sentimentos que viajam de corpo a corpo, de mente a mente, de coração a coração.



Como eles estão em um restaurante tailandês, a comida chega rápido.

Infinite Darlene tenta comer como uma dama. Não como garota, não como mulher; como uma dama. Tem algo de desafio, algo de precisão nisso. É como fazer homenagem a uma civilidade que perdeu lugar no mundo ao redor dela.

Ele a observa, mas não de maneira crítica. Ele a observa, mas não de forma intrusiva. Há encontros em que tudo que a outra pessoa quer é apagar sua história e inserir você na dela. Esse não é um encontro assim.

Infinite Darlene também observa, também sem crítica, também de um modo mais amplo.

Quando você existe como criação própria, ou seja, quando você se dedicou tanto a criar a si mesmo, às vezes é difícil deixar que as outras pessoas cheguem perto o bastante para ver as costuras, as falhas, as partes de você que ainda não estão prontas. Infinite Darlene se sente assim. Ela ainda não vivenciou o outro lado, a certeza de que, ao não deixar as outras pessoas

chegarem perto demais, você também deixa de ver as imperfeições delas, as costuras delas, o trabalho artístico de criação delas.

Eles são dois adolescentes sentados em uma mesa central em um restaurante tailandês acima da média, tentando navegar entre as próprias criações para construir uma coisa que possa conter os dois. Cory está brincando e rindo e executando algumas das músicas de seu pensamento, mas também está nervoso, tão nervoso que parece que sente cada glóbulo vermelho se deslocando pelo corpo, demonstrando o corpo sempre agitado e nunca firme que tem. Infinite Darlene sente gosto de amendoim, de limão, de uma combinação de coisas que você jamais pensaria em combinar se não fossem ingredientes, e está com medo de talvez ser alta demais, de não ser engraçada o bastante ou de estar com um amendoim preso no dente.

Será que é possível, reflete ela, ter um garoto bonito na sua frente sem pensar *Você é bonito demais para mim?*

Será que é possível, reflete ele, estar enchendo o ar com tantas palavras e sentir que não conseguiu acertar uma única que se encaixe no que se quer dizer?

Parece que a timidez é o motivo para o cupido precisar de flechas.

Cory é tímido demais para contar a Infinite Darlene sobre o momento em que decidiu convidá-la para sair. Ela havia acabado de receber a bola e estava avaliando o campo para decidir para onde jogar. Os *linebackers* estavam seguindo na direção dela. Tinha dois segundos, talvez só um. Mas não deixou que isso a atrapalhasse. Ela olhou por todo o campo com uma concentração tão serena, e, quando encontrou o que queria, um recebedor livre, a uns 20 metros de distância, um sorriso sagaz surgiu no rosto dela. Cory estava no meio de uma rima, mas simplesmente parou. A sílaba ficou presa na garganta, e ele a viu sorrir e lançar a bola com tranquilidade.

Enquanto a bola voava no ar, mesmo com os *linebackers* bloqueando a visão, ele continuou olhando. Queria conhecê-la. Queria saber tudo sobre ela.

Infinite Darlene é tímida demais para dizer para ele que, apesar de ter muitos, muitos amigos, não teve muitos, muitos encontros. É tímida demais para admitir que, apesar de haver muitos momentos em que isso não a incomoda, há alguns em que incomoda sim. Os amigos sempre dizem que não entendem, mas, bem no fundo, ela acha que entende perfeitamente. Fez suas escolhas para poder sobreviver, e realmente sobreviveu, floresceu, até. Mas ao criar a pessoa que queria ser, ela se pergunta se deixou de criar a pessoa por quem alguém se apaixonaria. Ela sabe que é possível. Sabe mesmo. Mas também sabe que não é certo.

— Como está sua comida? — pergunta Cory.

— Boa. E a sua?

— Muito boa. Muito cheia de alfavaca.

— Alfavaquesca.

— Alfavaquenta.

— Alfavatástica.

— Alfavacrível.

— Alfavatosa.

— Alfaváquica. Minha comida está bastante alfaváquica.

Infinite Darlene pega macarrão com os palitinhos.

— Fico feliz de termos decidido isso.

Cory faz uma pausa. O cupido mira a flecha. Dispara. Agora, está nas mãos de Cory perceber que a flecha não foi feita para ficar ali à toa. Foi feita para ser usada na conversa.

— Posso fazer outra pergunta adjetival? — pergunta ele.

— Perguntas adjetivais são as minhas favoritas! — responde Infinite Darlene.

— É pessoal.

Infinite Darlene sorri.

— Acho que sei o que vem agora.

— As pessoas perguntam o tempo todo?

E o engraçado é que não, elas não perguntam o tempo todo.

— Por que “infinita”? — pergunta Infinite Darlene.

Cory concorda.

— Porque — explica ela —, em determinado ponto da vida, eu me dei conta de que estava vivendo uma vida muito finita, e não queria mais isso. Sei que a finitude é inevitável, pois todos nós morremos, nenhum de nós pode andar até a lua, e assim por diante. Mas ainda quero viver minha vida infinitamente. Quero viver como se qualquer coisa fosse possível. Porque é tedioso demais, incolor demais viver finitamente. Sei que não vou viver para sempre, mas quero poder seguir em qualquer direção que me pareça certa.

Talvez as flechas do Cupido não sejam flechas. Talvez, nas mãos certas, sejam chaves. Porque, ao responder a pergunta, Infinite Darlene percebe que estava agindo finitamente. Que deixou a insegurança encobrir sua vontade. Que deixou a hesitação falar tempo demais em sua cabeça.

— Por exemplo — diz ela —, uma pessoa finita ficaria sentada aqui conversando educadamente sobre as qualidades da comida tailandesa em comparação com, digamos, a vietnamita. Uma pessoa finita tentaria disfarçar o quanto gosta de você, Cory, porque não desafiaria a dúvida que tem de si mesma, o que pode ser consideravelmente limitante em ocasiões como esta. Uma pessoa finita não esticaria a mão para segurar a sua. Mas veja o que vou fazer.

Ele estava segurando o copo de água para levar aos lábios. Mas o coloca de volta sobre a mesa. Solta o copo. A mão está lá quando ela estica a dela para segurá-la.

— Você também é infinito — diz Infinite Darlene. — Consigo perceber.

A chave do cupido está na palma da mão dela, e ela está entregando para ele.

— Sou mesmo — diz ele. — Sou totalmente infinito.



Nesse momento, alguma coisa muda em Infinite Darlene. Pela primeira vez, é uma coisa que ela não controla. Na vida dela, sempre houve duas forças concorrentes. Os amigos são os bastiões do *sim*, que dizem a ela que ela merece, que é maravilhosa, mesmo quando pessoas da família, da comunidade ou estranhos tentam aprisioná-la com o *não*, tentam restringi-la, tentam derrubá-la. É uma luta constante, um cabo de guerra constante.

E agora, ela encontrou o elemento que rompe a corda.



Alguma coisa também muda em Cory. Porque ele nunca pensou em si mesmo como sendo infinito. E agora, pergunta-se se é possível.

Ele fica agradecido pela ideia.



Quando um primeiro encontro dá certo, é assim:

Você sente a emoção de abrir a primeira página de um livro.

E sabe, instintivamente, que vai ser um livro bem longo.



Assim como Cory e Infinite Darlene não repararam nos olhares que receberam quando estavam se sentando, também não reparam no casal sentado no canto. Os dois estão na casa dos 60 anos, e é o marido que está de frente para eles que repara no que está acontecendo. Ele gesticula para o marido que está de costas, que se vira e olha. Quando volta para a posição anterior, os dois maridos sorriem um para o outro por um momento. Eles sabem exatamente como é aquilo. Estão no último capítulo de um livro muito parecido.



— Comida tailandesa é uma coisa divina — proclama Infinite Darlene —, mas restaurantes tailandeses deixam a desejar quando o assunto é sobremesa, não é?

Cory, sem vontade de comer sorvete sem-graça, tem que concordar.

— Para onde vamos então? — pergunta ele.

— Para onde não vamos? — responde ela.



Há tantos lugares a considerar. Eles poderiam parar no Videorama do Spiff e ver sobre qual filme mais concordam. Poderiam ir ver o show de Zeke, amigo de Infinite Darlene, em um café ali perto, onde todos os cappuccinos vêm com um coração em cima. Poderiam seguir para o novo Boliche e Meia para deslizar sem sapatos pelo piso encerado, ligando mais para a diversão do que para a pontuação. Poderiam tomar milk-shakes jogando pinball na lanchonete ali perto, ou caminhar pelo cemitério e procurar histórias ali.

Poderiam ir até Rumson e visitar o campo de futebol americano, deitar na arquibancada vazia e procurar constelações no céu.

Mas esses são lugares aonde eles já foram. São lugares onde os amigos deles podem estar. São caminhos percorridos, iluminados.

Nenhum dos dois quer isso. Vai chegar um momento em que eles vão introduzir os amigos na história deles, mas não agora, ainda não.

Eles entram no carro de Cory e saem por aí.



Infinite Darlene tem uma ideia. Uma ideia um tanto louca.

Ela conta para Cory. Ele sorri. Ele diz que é uma ideia louca. Mas que isso não vai atrapalhar.

É um lugar aonde nenhum dos dois foi.



Eles demoram uma hora para chegar à cidade, e vão demorar mais meia hora para passar por Manhattan.

Eles estão falando sem parar: fazendo fofocas, contando piadas, contando histórias. Enquanto esperam para entrar no Túnel Lincoln, Infinite Darlene conta a Cory o quanto sempre amou a vista.

— Ver a cidade assim — diz ela, indicando o tráfego, na direção das luzes intensas — sempre tira meu fôlego. Mas, desde que me tornei Infinite Darlene, tem um elemento a mais. Antes, o impressionante sempre foi o tamanho, a grandiosidade. Eu sempre amei coisas brilhantes, e Nova York era a mais brilhante de todas. Mas, depois que me tornei Infinite Darlene... bem, passou a ser algo mais que isso. Sei que pode parecer bobo, mas

começou a parecer que eu não só estava indo para a cidade grande e brilhante, mas também para o futuro. Adoro a minha cidadezinha, mas sou muito maior que ela. A cidade grande é meu futuro. E, veja, aqui está ela.

Cory nunca sentiu confiança no próprio futuro e diz isso para ela. Mas também diz que não importa.

— Às vezes, o motorista quer curtir o caminho — diz ele.

Ele também gosta de coisas brilhantes. Como graça. E confiança. Elas oferecem um raio de luz próprio, normalmente na forma de uma pessoa que você começa a amar.



É muito fácil encontrar a Ponte do Brooklyn, mas não tão fácil encontrar estacionamento perto da Ponte do Brooklyn. Mas Cory acaba se espremendo com perícia em uma vaga a duas quadras do rio, praticamente em Chinatown.

— Vamos! — diz Infinite Darlene.

Ela segura a mão dele e o puxa. Eles são um tremendo casal, a *quarterback* e o líder de torcida, mas ninguém em Nova York parece perceber. Alguns dos comerciantes de Chinatown apertam os olhos quando Infinite Darlene passa deslizando, mas parece só mais uma parte da noite, só mais uma parte da metrópole.

Quando eles se aproximam da pista de pedestres, Infinite Darlene confessa:

— Tenho curiosidade quanto a isso desde que era garotinha.

Cory imagina-a, realmente imagina-a como uma garotinha, talvez na cidade para ver o desfile de Páscoa. Ele a vê de vestido e chapeuzinho. E, apesar de saber que não foi assim de verdade, ele acompanha a construção

de Infinite Darlene do passado, no mínimo porque é tão sincera e tão convincente.

Ele não conta para Infinite Darlene que tem medo de altura. Mas, quando chegam à ponte, quando estão sobre o rio, com todo o trânsito passando, seus passos ficam um pouco menos seguros. Ele não estava esperando tanto vento, e nem ela. O cabelo de Darlene voa para todos os lados... mas ela gosta da sensação. Gosta quando o mundo parece relaxar um pouco, quando se move com uma certa entrega.

Cory se sente meio tonto. O trânsito não está ajudando. Ele sabe que a ponte está de pé há cem anos. Mas não consegue evitar pensar se vai ser esta noite que vai finalmente ceder, dizer que está cansada de fazer isso na vida.

Ela vê. Ele está fazendo cara de coragem, mas caras de coragem são as mais fáceis para uma estudante da natureza humana perceber.

— Ah, querido — diz ela. Mas corrige: — Meu pobre querido. O que fiz com você?

Mas ele não para. Ele segura a mão dela e segue em frente. Eles chegam ao meio.

A teia de cabos suspensos se ergue de cada lado deles, seguindo na direção das torres que parecem tão velhas e imortais quanto qualquer coisa que a cidade tenha a oferecer. Faróis e lanternas passam embaixo. O rio ondula no escuro, e a lua espia por trás de uma nuvem.

— Não era aqui que achei que a noite nos traria — diz Cory para Infinite Darlene.

Ela sorri.

— Nem eu, meu querido. Nem eu.

Ela está segurando uma das mãos dele. Cory segura a outra mão. Eles formam um círculo.

Ele puxa os braços dela e levanta o rosto. Ela percebe o que está acontecendo e se inclina lentamente, para que seus lábios cheguem aos dele.

Não é o primeiro beijo de Infinite Darlene, mas é o primeiro que conta. Tudo antes pareceu uma mera tentativa. Este beijo é criação própria.

Ela fecha os olhos, mas não se afasta em pensamento. Na verdade, não se afasta nem um pouco. E nem ele.



Carros passam. Dezenas, centenas de pessoas passam. A lua muda ligeiramente de posição. Pontinhos de luzes se refletem na água.



Ela abre os olhos e olha nos dele.

— Somos as duas únicas pessoas no mundo — diz ela.

— Somos as duas únicas pessoas no mundo — concorda ele.



Acaba sendo um livro bem grande.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Garoto Encontra Garoto

Trecho do livro no O Globo

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/trecho-de-garoto-encontra-garoto-de-david-levithan-13244585>

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/400744-garoto_encontra_garoto

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Levithan

Site do autor

<http://davidlevithan.com/>

Skoob do autor

<http://www.skoob.com.br/autor/468-david-levithan>

Good Reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/11664.David_Levithan

Page do autor no facebook

<https://www.facebook.com/pages/David-Levithan/139042149485971?fref=ts>

quebrar o recorde
de coragem, pois estão
videados por câmeras e
em parte, repudia o
que um casal, mas cost
sei os são diferentes.
que a fase insegura
precisa decidir se
as está com medo de
era Ryan que é transex
meninos tem uma situação
s em caso, no computador,
ido homens que jamais
o seus pais descobrem
aba. Cooper sabe
pai, e suas opções
oper está sozinho
terente.
da família,
lar, outros
das essas
óis
Os
nhecerá

beijo qualquer: eles estão ten
mais longo. É preciso muita
escola, ao ar livre, rod
apoia e em parte, repud
Craig e Harry não sa
Peter e Neil são um
Avery acaba de copheger Ryan
brir o que vem pela frente.
para Ryan que é transex
aceite depois disso.
Cooper está sozinho
tador, criando vid
jamais conhecerá
descobrem seu pass
Cooper sabe que na
pai e suas opções e
Cada um desses men
contam com o rapa
Alguns sofrem
Mas bem no
com
onde
um
disfrente

se beijando
passa tempo
insegura
escola
Ryan
Levithan
David Levithan
smb essas histórias paralelas
centro de todas
descobrir o que vem
pela frente

contam aprio
Peter
incondicional
de sempre
Neil
muda
situação
Levithan

Galera

DAVID LEVITHAN DOIS GAROTOS SE BEIJANDO

autor de WILL & WILL, com JOHN GREEN

Outras obras do autor publicadas pela Galera Record

Nick e Norah: uma noite de amor e música, com Rachel Cohn

Todo dia

Will & Will: um nome, um destino, com John Green

Invisível, com Andrea Cremer

Garoto encontra garoto

Dois garotos se beijando

DAVID
LEVITHAN

DOIS GAROTOS
SE BEIJANDO

tradução de REGIANE WINARSKI

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Levithan, David, 1972-
L647d Dois garotos se beijando [recurso eletrônico] / David Levithan; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera, 2015.
recurso digital

Tradução de: Two boys kissing
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
nota do autor e agradecimentos
ISBN 978-85-01-10392-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

15-19974

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Two boys kissing

Copyright © 2013 by David Levithan

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10392-5

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

Dedicatória

Livro

Nota do autor e agradecimentos

Colofão

Saiba mais

*Por motivos muito diferentes,
este livro não existiria sem*

*Robert Levithan,
Matty Daley
e
Michael Cart*

Minha dedicatória é para os três.

Vocês não têm como saber como é para nós agora; sempre estarão um passo atrás.

Agradeçam por isso.

Vocês não têm como saber como era para nós antes; sempre estarão um passo à frente.

Agradeçam por isso também.

Acreditem em nós: existe um equilíbrio quase perfeito entre o passado e o futuro. Enquanto nos tornamos o passado distante, vocês se tornam um futuro que poucos de nós poderiam ter imaginado.

É difícil pensar em coisas assim quando se está ocupado sonhando ou amando ou transando. O contexto some. Somos um peso espiritual que vocês carregam, como o dos seus avós ou dos amigos de infância que em algum momento se mudaram para longe. Tentamos tornar o peso o menos incômodo possível. E, ao mesmo tempo, quando vemos vocês, não conseguimos deixar de pensar em nós. Já fomos os que estavam sonhando e amando e transando. Já fomos os que estavam vivendo, e depois fomos os que estavam morrendo.

Nós nos costuramos, com a grossura de uma linha, nas suas histórias.

Houve uma época em que éramos como vocês, só que nosso mundo não era como o seu.

Vocês não fazem ideia do quanto chegaram perto da morte. Uma geração ou duas antes, e vocês talvez estivessem aqui conosco.

Nós nos ressentimos de vocês. Vocês nos deixam pasmos.

São 8h07 de uma noite de sexta-feira, e Neil Kim está pensando em nós. Ele tem 15 anos e está indo a pé para a casa de seu namorado, Peter. Eles estão juntos há um ano, e Neil começa refletindo sobre como parece ser bastante tempo. Desde o começo, todos dizem que não vai durar. Mas agora, mesmo que não dure para sempre, parece que durou o bastante para ser importante. Os pais de Peter tratam Neil como um segundo filho, e, apesar de os pais de Neil ainda ficarem alternadamente confusos e perturbados, eles não trancaram nenhuma das portas.

Neil está com dois DVDs, duas garrafas de Dr. Pepper diet, massa de biscoito para assar e um livro de poemas na mochila. Isso, e Peter, é tudo de que ele precisa para se sentir um cara de sorte. Mas aprendemos que sorte na verdade faz parte de uma equação invisível. A dois quartos da casa de Peter,

Neil tem um vislumbre disso e é tomado de uma sensação de gratidão profunda e sem nome. Ele percebe que parte da sorte que tem é por sua posição na história e pensa brevemente em nós, os que vieram antes. Não somos nomes nem rostos para ele; somos uma abstração, uma força. A gratidão dele é uma coisa rara; é muito mais provável que um garoto sinta gratidão pelo Dr. Pepper diet do que por estar vivo e com saúde, por ser capaz de caminhar até a casa do namorado aos 15 anos sem nenhuma dúvida de que é a coisa certa a se fazer.

Ele não faz ideia do quanto é lindo ao caminhar pela entrada e tocar a campainha. Ele não faz ideia do quanto o comum fica lindo depois que desaparece.

Se você é adolescente agora, é improvável que tenha nos conhecido bem. Somos seus tios sombra, seus padrinhos anjos, o melhor amigo da sua mãe ou da sua avó da faculdade, o autor daquele livro que você encontrou na seção gay da biblioteca. Somos os personagens em uma peça de Tony Kushner ou nomes em uma colcha que raramente é usada. Somos os fantasmas da geração mais velha que sobrou. Você conhece algumas das nossas músicas.

Não queremos assombrar você com melancolia demais. Não queremos que nosso legado seja *gravitas*. Você não iria querer viver sua vida assim, e também não vai querer ser

lembrado assim. Seu erro seria ver nossa semelhança em nossa morte. A parte da vida foi mais importante.

Nós te ensinamos a dançar.

É verdade. Olhem para Tariq Johnson na pista de dança. É sério, olhem para ele. Um metro e noventa de altura, 82 quilos, e tudo isso pode ser convertido pela roupa certa e pela música certa em um amontoado de alegria alheia a tudo. (O corte de cabelo certo também ajuda.) Ele trata o corpo como se fosse feito de fogos de artifício, cada um sincronizado com a batida. Ele está dançando sozinho ou com todo mundo no salão? Eis o segredo: não importa. Ele viajou por duas horas para chegar à cidade, e, quando tudo acabar, vai levar mais duas horas para chegar em casa. Mas vale a pena. A liberdade não é só uma questão de votar e casar e beijar na rua, embora todas essas coisas sejam importantes. A liberdade também é uma questão do que você vai se permitir fazer. Observamos Tariq quando está na aula de espanhol, desenhando mapas imaginários no caderno. Observamos Tariq quando está no refeitório, lançando olhares velados para os garotos mais velhos. Observamos Tariq quando coloca as roupas na cama e cria o contorno da pessoa que ele será esta noite. Passamos anos fazendo essas coisas. E era isso que esperávamos com

ansiedade, a mesma coisa que Tariq espera com ansiedade. Essa libertação.

A música não é muito diferente agora do que era quando nós íamos para a pista de dança. Isso quer dizer alguma coisa. Encontramos uma coisa universal. Engarrafamos esse desejo e o soltamos nas ondas sonoras. O som bate nos seus corpos e vocês se movem.

Estamos nessas partículas que enviamos para vocês. Estamos naquela música.

Dance para nós, Tariq.

Sinta-nos na sua liberdade.

* * *

Foi uma ironia delicada: quando paramos de querer nos matar, começamos a morrer. Quando estávamos sentindo força, ela foi tirada de nós.

Isso não deve acontecer com vocês.

Adultos podem falar o quanto quiserem sobre os jovens se sentirem invencíveis. É claro que alguns de nós tinham essa ousadia. Mas havia também uma voz interior nos dizendo que estávamos condenados. E estávamos condenados. E não estávamos.

Vocês nunca devem se sentir condenados.

São 8h43 da mesma noite de sexta-feira, e Cooper Riggs não está em lugar nenhum. Está no quarto, sozinho, e parece ser lugar nenhum. Ele poderia estar fora do quarto, cercado de pessoas, mas a sensação ainda seria a de lugar nenhum. O mundo aos olhos dele é insípido e chato. Todas as sensações vazaram dele, e sua energia escapa pelos corredores movimentados de sua mente, provocando um barulho furioso e frustrado. Ele está sentado na cama e está lutando dentro de si mesmo, e a única coisa que consegue pensar em fazer é entrar na internet, porque a vida lá é tão insípida quanto a vida real, mas sem as expectativas da vida real. Ele só tem 17 anos, mas online pode ter 22, 15, 27. O que a outra pessoa quiser. Ele tem perfis falsos, fotos falsas, dados falsos e histórias falsas. As conversas são basicamente falsas também, cheias de flertes que ele nunca vai levar até o fim, de pequenas centelhas que nunca vão virar fogo. Ele não vai admitir, mas está procurando as surpresas de uma coisa genuína. Ele abre sete sites ao mesmo tempo para manter a mente ocupada, para fingir para si mesmo que saiu do lugar nenhum, mesmo ainda se sentindo em lugar nenhum. Ele fica tão perdido na busca que nada mais parece importar, e o tempo perde o valor e deve ser usado em coisas sem valor.

Sabemos que alguns de vocês ainda sentem medo. Sabemos que alguns de vocês ainda estão em silêncio. Só porque está melhor agora não quer dizer que é sempre bom.

Sonhar e amar e transar. Nenhuma dessas coisas é uma identidade. Talvez quando as outras pessoas olham para nós, mas não para nós mesmos. Somos muito mais complicados do que isso.

Queríamos poder oferecer a vocês um mito de criação, um motivo exato para explicar por que vocês são como são, por que, quando lerem esta frase, vão saber que é sobre vocês. Mas não sabemos como começou. Mal entendemos na época que soubemos. Pensamos em tudo que aprendemos, mas essas coisas juntas não preenchem o espaço de uma vida.

Vocês vão sentir saudade do gosto de Froot Loops.

Vocês vão sentir saudade do som do trânsito.

Vocês vão sentir saudade de suas costas encostadas nas dele.

Vocês vão até sentir saudade dele puxando seu lençol.

Não ignorem essas coisas.

* * *

Nós não tínhamos a internet, mas tínhamos uma rede. Não tínhamos websites, mas tínhamos locais onde esticar nossa rede. Dava para ver melhor nas cidades grandes. Mesmo alguém tão jovem quanto Cooper, tão jovem quanto Tariq, era

capaz de encontrar. Píeres e cafés. Locais no parque e livrarias onde Wilde, Whitman e Baldwin reinavam como reis bastardos. Esses eram portos seguros, mesmo quando tínhamos medo de que sermos abertos demais significava que estávamos nos abrindo para um ataque. Nossa felicidade tinha desafio, e nossa felicidade tinha medo. Às vezes havia anonimato, às vezes você estava cercado de amigos e amigos de amigos. Fosse como fosse, você estava conectado. Por seus desejos. Por seus desafios. Pelo simples e complicado fato de quem você era.

Fora das cidades grandes, as conexões eram mais difíceis de se ver, a rede era mais fina, os locais eram mais difíceis de encontrar. Mas estávamos lá. Mesmo que achássemos que éramos os únicos, estávamos lá.

Poucas coisas podem nos deixar tão felizes quanto um baile gay.

Neste momento, às 21h03 daquela sexta-feira, estamos em uma cidade com o nome improvável de Kindling, ou seja, “gravetos”; sem dúvida os pioneiros tinham um desejo de morte ardente, ou talvez fosse apenas um tributo aos gravetos em chamas que mantiveram os colonizadores vivos. Em algum ponto do caminho, alguém deve ter aprendido a lição do terceiro porquinho, pois o centro comunitário é todo construído de tijolos. É um prédio sem graça e silencioso em

uma cidade sem graça e silenciosa; sua arquitetura é tão bonita quanto a palavra *municipal*. É um local improvável para um garoto de cabelo azul e um garoto de cabelo rosa se encontrarem.

Kindling não tem adolescentes gays suficientes para terem um baile próprio. Assim, esta noite, os carros chegam de todos os lugares. Alguns dos casais chegam juntos, rindo ou brigando ou sentados em seus silêncios separados. Alguns dos garotos chegam sozinhos; saíram sorrateiros de casa, ou vão se encontrar com amigos no centro comunitário, ou viram a lista online e decidiram ir no último minuto. Há garotos de smoking, garotos decorados com flores, garotos de moletoms rasgados, garotos de gravatas estreitas como as pernas das calças jeans, garotos de vestidos irônicos de tafetá, garotos de vestidos não irônicos de tafetá, garotos de camisetas com gola V, garotos que se sentem estranhos usando sapatos sociais. E garotas... garotas usando todas essas coisas, indo para o mesmo lugar.

Se fomos aos nossos bailes de escola, fomos com garotas. Alguns de nós se divertiram; alguns olharam para trás anos depois e se perguntaram como conseguimos ser tão alheios a quem somos realmente. Alguns de nós conseguiram ir juntos, com nossas melhores amigas se passando por nossos pares. Fomos convidados para esse ritual, mas só se sustentássemos a história de nossos supervisores. Era mais provável que Neil Armstrong nos convidasse para um baile na lua do que

podermos ir a um baile como o que acontece em Kindling esta noite.

Quando estávamos no ensino médio, o cabelo existia no espectro sem graça de preto/castanho/ruivo/louro/grisalho/branco. Mas esta noite, em Kindling, temos Ryan chegando ao centro comunitário com o cabelo tingido de azul-turquesa. Dez minutos depois, Avery chega com o cabelo rosa da cor de um Cadillac da Mary Kay. O cabelo de Ryan é espetado como a superfície de um mar agitado, enquanto o de Avery cai delicadamente sobre os olhos. Ryan é de Kindling e Avery é de Marigold, uma cidade a 65 quilômetros de distância. Percebemos imediatamente que eles não se conhecem, mas que vão se conhecer.

Não somos unânimes quanto ao cabelo. Alguns de nós acham que é ridículo ter cabelo azul ou rosa. Outros desejam poder voltar no tempo para fazer o cabelo imitar a gelatina que nossas mães serviam à tarde.

Raramente somos unânimes em relação a alguma coisa. Alguns de nós amaram. Alguns não conseguiram. Alguns foram amados. Alguns não foram. Alguns nunca entenderam para que tanta confusão. Alguns queriam tanto que morreram tentando. Alguns juram que morreram de coração partido, não de AIDS.

Ryan entra no baile, e Avery entra dez minutos depois. Sabemos o que vai acontecer. Já testemunhamos essa cena tantas vezes antes. Só não sabemos se vai dar certo, nem se vai durar.

Pensamos nos garotos que beijamos, nos garotos com quem transamos, nos garotos que amamos, nos garotos que não retribuíram nosso amor, nos garotos que estavam conosco no final, nos garotos que estavam conosco depois do final. O amor é tão doloroso; como podemos desejar para alguém? E o amor é tão essencial; como podemos atrapalhar o progresso dele?

Ryan e Avery não nos veem. Eles não nos conhecem, não precisam de nós nem nos sentem no salão. Eles nem veem um ao outro até se passarem vinte minutos de baile. Ryan vê Avery por cima da cabeça de um garoto de 13 anos usando (é verdade, tão gay) suspensórios de arco-íris. Ele vê primeiro o cabelo de Avery, depois Avery. E Avery ergue o olhar naquele mesmo momento e vê o garoto de cabelo azul olhando para ele.

Alguns de nós aplaudem. Outros afastam o olhar, porque dói demais.

Sempre subestimamos nossa participação na magia. Isso quer dizer que pensávamos na magia como uma coisa que existia independente de nós. Mas não é verdade. As coisas não são mágicas porque foram conjuradas para nós por uma força externa. Elas são mágicas porque nós as criamos e as consideramos assim. Ryan e Avery vão dizer que o primeiro momento em que se falaram, o primeiro momento em que dançaram, foi mágico. Mas foram eles, mais ninguém e mais nada, que deram magia ao momento. Nós sabemos. Nós estávamos lá. Ryan se abriu para o momento. Avery se abriu

para o momento. E o ato de se abrir era tudo de que eles precisavam. *Essa é a magia.*

Concentração. O garoto de cabelo azul lidera. Sorri ao pegar a mão do garoto de cabelo rosa. Ele sente aquilo que sabemos: o sobrenatural é natural, e o milagre pode vir do movimento mais mundano, como um batimento de coração ou um olhar. O garoto de cabelo rosa está com medo, com tanto medo; só aquilo que você mais desejou pode assustar daquela maneira. Escutem os batimentos deles. Prestem atenção.

Agora, afastem-se. Vejam os outros adolescentes na pista de dança. Os desajustados à vontade, os rebeldes rasgados, os medrosos e os corajosos. Dançando ou não. Conversando ou não. Mas todos no mesmo salão, no mesmo lugar, se reunindo de uma forma que não podíamos fazer antes.

Afastem-se mais um pouco. Estamos olhando de longe.

Digam oi se vocês nos veem.

O silêncio é igual à morte, nós dizíamos. E por baixo disso havia a suposição, o medo de que a morte fosse igual ao silêncio.

Às vezes, você vislumbra esse horror. Quando alguém próximo fica doente. Quando alguém próximo é enviado para a guerra. Quando alguém próximo tira a própria vida.

Todos os dias, um novo enterro. Era uma parte tão grande de nossa existência. Imagine estudar em uma escola em que um aluno morre a cada dia. Alguns deles, seus amigos. Alguns deles só garotos que por acaso são da sua turma. Você continua indo porque sabe que tem que ir. Você se torna o guardião da lembrança, e também o guardião da dor, até ser sua vez de morrer, de fazerem luto por você.

Vocês não fazem ideia do quanto as coisas podem mudar rápido. Vocês não fazem ideia de como, de repente, os anos podem passar e as vidas podem terminar.

A ignorância não traz felicidade. Felicidade é saber o significado total do que se recebeu.

São 10h45. Craig Cole e Harry Ramirez estão planejando seu grande beijo. Meses de preparação levaram a esse beijo, e aqui estão eles, na noite de véspera. A maioria dos beijos exige apenas duas pessoas, mas esse vai acabar precisando de pelo menos doze. Nenhuma dessas pessoas está no aposento agora. Só Craig e Harry.

— Vamos mesmo fazer isso? — pergunta Craig.

— Claro que vamos — responde Harry.

Eles sabem que precisam dormir. Sabem que amanhã é um grande dia. Sabem que não dá para voltar atrás, e também que não há garantia de que vão conseguir.

Eles deveriam estar indo dormir, mas a boa companhia é inimiga do sono. Lembramos tão bem esse sentimento: o desejo de alongar as horas com outra pessoa, conversando ou abraçando ou mesmo só assistindo a um filme. Nesses momentos, o relógio parece arbitrário, pois você está regulando sua compreensão do tempo em uma outra medida, mais pessoal.

Eles estão na casa de Harry. Os pais dele saíram e o cachorro já está dormindo. Como a casa parece deles, o mundo também parece deles. Por que se quereria fechar os olhos para isso?

Eles estão na casa de Harry porque os pais de Craig não podem saber sobre o beijo. Em algum momento, saberão. Mas não agora. Não antes de acontecer.

Em algum momento, Harry vai deixar Craig encolhido no sofá. Vai cobrir Craig, depois voltar na ponta dos pés para seu quarto. Eles estarão em lugares separados, mas terão sonhos muito similares.

Sentimos saudade da sensação de sermos cobertos na cama, assim como sentimos saudade da sensação de ser aquele anjo que paira, coloca o cobertor sobre os ombros do outro e deseja uma boa noite. Essas são as camas que queremos lembrar.

Estamos animados para o beijo amanhã. Não vemos como eles vão conseguir fazer, mas esperamos que consigam.

Avery do cabelo rosa nasceu um garoto que o resto do mundo via como garota. Conseguimos entender como é isso, ser visto como uma coisa que você não é. Mas, para nós, era mais fácil esconder. Para Avery, havia uma cadeia biológica mais grossa para quebrar. Logo cedo, os pais dele perceberam o que estava errado. A mãe achava que talvez sempre tivesse sabido, e foi por isso que escolheu o nome Avery, o nome do pai dela, que seria dado ao bebê quer fosse menino ou menina. Com a ajuda e a bênção dos pais, embora nem sempre com a compreensão, Avery planejou uma nova vida, dirigiu muitos quilômetros, não para dançar e nem para beber, mas para tomar os hormônios que colocariam seu corpo na direção certa. E funcionou. Olhamos para Avery agora e sabemos que funcionou, e apreciamos a maravilha que é isso. Na nossa época, ele teria ficado preso em um corpo do qual não poderia se livrar em um mundo difícil.

Enquanto eles dançam, Avery se pergunta se Ryan percebe e fica com medo de Ryan se importar. O garoto de cabelo azul o vê, isso é certo. Mas será que vê tudo, ou só o que quer ver? Essa é sempre uma das grandes questões do amor.

Ryan está mais preocupado com o tempo e o que fazer com ele. Ele não consegue acreditar que encontrou uma pessoa aqui nas entranhas do centro comunitário de Kindling. O mesmo lugar onde aprendeu a nadar. O mesmo lugar onde treinou basquete pela liga recreativa quando tinha 9 anos. O mesmo lugar onde organizou vendas de bolos para arrecadar dinheiro e doações de sangue e o mesmo lugar onde vai votar

quando tiver idade. Sim, é também o mesmo lugar de onde fugiu para fumar seu primeiro cigarro e, alguns anos depois, seu primeiro baseado, mas nunca foi um lugar onde imaginou encontrar um garoto de cabelo rosa com quem dançar. Ele consegue sentir seus amigos olhando das laterais, sussurrando sobre o que vai acontecer. Isso só amplifica sua própria necessidade de saber. O tempo está correndo, mas correndo na direção de quê? Será que ele deve parar e conversar mais com esse garoto, antes que o DJ toque a última música e as luzes sejam acesas? Ou será que eles devem ficar assim, unidos pela música, envoltos em uma canção?

Converse com ele, nós temos vontade de dizer. Porque, sim, o tempo pode flutuar no silêncio, mas precisa estar ancorado em palavras.

Sabemos qual é a melhor chance deles, e nisso o DJ não decepciona. Como a maioria dos DJs faz em determinado ponto da noite, ele coloca uma música que significa muito para ele e nada para as pessoas presentes. Em segundos, a pista começa a esvaziar. As conversas aumentam de um zumbido para um clamor. Uma fila se forma no banheiro masculino.

Tanto Avery quanto Ryan param. Nenhum dos dois quer sair se o outro quiser ficar.

Por fim, Avery diz:

— Não consigo pensar em um jeito de dançar essa música.

E Ryan diz:

— Quer tomar um pouco de água?

Uma fuga acontece.

O DJ abre os olhos e vê o que fez. Ele deveria mudar a música. Mas é uma dedicatória de longa distância para o garoto que ele ama no Texas. Ele liga para o garoto agora mesmo e segura o celular no ar.

Nem todas as músicas precisam ser para dançar. Sempre vai haver a próxima música para atrair as pessoas de volta.

Isto é o que acontece quando se fica muito doente: dançar deixa de ser uma realidade e passa a ser uma metáfora. Com mais frequência do que se imagina, é uma metáfora nada gentil. *Estou dançando o mais rápido que consigo.* Como se a doença fosse o violinista que fica tocando cada vez mais rápido, e perder o passo é morrer. Você tenta e tenta e tenta, até que finalmente o violinista te deixa esgotado.

Esse não é o tipo de dança do qual vocês queiram se lembrar. Vocês vão querer se lembrar das músicas lentas como a última dança de Avery e Ryan. Vão querer se lembrar de dançar como Tariq se lembra de dançar ao ir para casa depois da noite na boate. São só onze da noite, praticamente meio-dia, considerando o tempo de uma noitada, mas ele prometeu para Craig e Harry que dormiria um pouco para poder estar com eles no grande beijo amanhã sem estar morrendo de sono. Foi difícil para ele se afastar da música, da pulsação criada por ela. Ele tenta simular isso agora com a música alta nos

ouvidos, ignorando os outros sons no trem suburbano de madrugada. Não é a mesma coisa, porque não há outros garotos para quem olhar e nem por quem ser olhado, só outros passageiros e algumas garotas que acabaram de sair de alguma peça da Broadway. Uma delas tentou chamar a atenção de Tariq mais cedo, e ele deu um sorriso de *boa tentativa, desculpe*, fazendo com que ela voltasse a atenção para a *Playbill*.

Quando se fecha os olhos, pode-se conjurar um mundo. Tariq fecha os olhos e vê borboletas. A vibração delas, girando no ar na música da mente. É isso que ele quer ser, na pista de dança e na vida. Uma borboleta. Colorida e esvoaçante.

Há alguma coisa na pureza de sonhar com borboletas, em todas as coisas que a dança pode liberar quando se é jovem. Quando funciona, essa liberdade não acaba quando a última música é tocada. Você a leva com você. Usa para coisas maiores.

Repara quando é tirada de você.

Ryan e Avery conseguem sentir suas palavras trabalhando no outro, conseguem sentir a simples alegria de entrar no mesmo ritmo, de ter pensamentos sincronizados. Alicia, amiga de Ryan, vai dar uma carona para ele voltar para casa, e está circulando o local, olhando para ele de tempos em tempos.

Ryan ignora, porque ele e Avery estão em sua fortaleza de não solidão, conversando sobre o quanto suas cidades são pequenas e o quanto é estranho estar em um baile gay. Ryan adora a curva do cabelo de Avery, adora a curiosidade tímida nos olhos dele. Já Avery fica lançando olhares para o decote em V da camisa de Ryan, para a calça, para suas mãos perfeitas.

Nós lembramos como era conhecer uma pessoa nova. Lembramos como era dar a possibilidade a alguém. Você olha de seu próprio mundo e entra no dele, sem saber direito o que vai encontrar, mas torcendo para ser uma coisa boa. Tanto Ryan quanto Avery estão fazendo isso. Você entra no mundo dele e nem percebe que sua solidão acabou. Deixou-a para trás, e nem repara, porque não tem vontade de voltar.

Você fica de olho nele.

Talvez por causa do Dr. Pepper diet consumido mais cedo, Peter e Neil ficam acordados até mais tarde do que esperavam. O encontro foi um sucesso, embora eles já estejam juntos há tempo suficiente para não pensarem na noite como um encontro, só como uma noite juntos mesmo. Eles viram os dois filmes em sucessão, primeiro o de terror (por causa de Neil) e depois a comédia romântica (por causa de Peter), com Neil se segurando para não sorrir do medo de Peter durante o de terror e de suas lágrimas quando a comédia romântica acabou

se desenrolando da forma previsível das comédias românticas. Peter ainda sente vergonha dessas coisas, e Neil percebe a vergonha dele... mesmo não conseguindo *sempre* conter sua diversão. (“Você está bem?”, perguntou ele em um momento durante a comédia romântica no qual Peter parecia particularmente tenso, e não conseguiu deixar de apertar o braço dele com solidariedade debochada quando Peter disse: “Só quero que Emma Stone fique bem.”)

Os pais de nenhum dos dois estão prontos para um dormir na casa do outro ainda, então Neil foi embora da casa de Peter um pouco antes da meia-noite, e agora eles estão em seus respectivos quartos, conversando pela internet enquanto se preparam para dormir. De vez em quando, um dos parentes coreanos de Neil aparece nos contatos do Skype, e Neil fica aliviado de nenhum deles tentar puxar conversa. A conexão de Peter é dedicada somente a Neil, pelo menos a essa hora.

Peter pensa que não há nada mais adorável no mundo inteiro do que Neil de pijama. É um pijama de verdade, com camisa listrada de botão combinando com calça de elástico também listrada. É pelo menos um tamanho maior do que o dele, e faz com que pareça estar esperando Mary Poppins enfiar a cabeça pela porta e dizer que está na hora de ir para a cama. Peter está de cueca boxer e uma camiseta que diz LEGALIZEM OS GAYS. Apesar de eles terem acabado de passar horas conversando, passam mais uma falando, às vezes sentados em frente ao computador olhando um para o outro e às vezes deixando as câmeras ligadas enquanto andam pelo

quarto, escovam os dentes, escolhem roupas para o dia seguinte. Sentimos inveja de tanta intimidade.

Chega um momento em que a conversa de Peter e Neil se torna enevoadá demais para continuar. Até o efeito do Dr. Pepper diet passa em algum momento. Mas a névoa deles é do tipo branca e fofa, como uma nuvem que criancinhas imaginam que vai carregá-las para o sono. Peter deseja bons sonhos para Neil, e Neil deseja a mesma coisa. E então, por um momento, eles acenam um para o outro. Sorriem. Uma última olhada no pijama e boa-noite.

Em algum momento, todo mundo tem que dormir. É a primeira dica de que o corpo sempre vence. Não importa o quanto estamos felizes, não importa o quanto queremos que a noite se prolongue infinitamente, o sono é inevitável. Pode-se conseguir escapar dele por um ciclo, mas a necessidade do corpo sempre vai voltar.

Nós lutávamos contra ele. Quer nossa motivação fosse conversar no escuro ou dançar sob luzes piscantes, nós queríamos que nossas noites fossem infinitas. Para que a conversa pudesse continuar, para que a dança pudesse seguir em frente. Nós nos enchíamos de café, de açúcar, de substâncias mais fortes e perigosas. Mas o sono sempre chegava sorrateiro e acabava tomando conta.

Nós pensávamos com bom humor que o sono era o inimigo, era uma praga. Por que residir no templo de Morfeu se havia tanta coisa acontecendo lá fora? E a luta ficava mais desesperada. Quando você sabe que só tem poucos meses, poucos dias, quem quer dormir? Só quando a dor é demais. Só quando você está desesperado pela negação. Fora isso, o sono é tempo perdido que nunca vai ser recuperado.

Mas que negação prazerosa ela é. Ao vagarmos pela terra do sono e dos sonhos, conseguimos ver por que os insones imploram e os sonhadores lideram. Vemos Craig encolhido no sofá verde de Harry, debaixo de uma colcha de crochê que a bisavó de Craig fez. Observamos Harry em seu quarto, com os braços dobrados e as mãos debaixo da cabeça, o corpo como um *q* minúsculo. Em outro canto da mesma cidade, Tariq adormeceu com fones de ouvido, música islandesa impregnando suas viagens noturnas. Em outro aposento, Neil de pijama sonha que ele e Peter estão brincando de jogo da velha, enquanto Peter de camiseta e cueca boxer sonha que pinguins imperadores tomaram conta do shopping center e estão tentando vender óculos escuros para Emma Stone. Em uma cidade chamada Marigold, Avery adormece com um número de telefone escrito na mão, enquanto em uma cidade chamada Kindling, Ryan pegou um saco de dormir e adormeceu sob as estrelas, sorrindo ao pensar em um garoto de cabelo rosa e no que eles podiam fazer no dia seguinte.

Só Cooper ainda está acordado, mas não por muito tempo. Ele tecla com pessoas de outros fusos horários, conversa com

homens que estão acordando, homens que estão fugindo do trabalho por um momento. Ele engana a todos, mas não pode enganar a si mesmo. Ainda está em lugar nenhum, e, por mais que olhe, não há nenhum lugar à vista, principalmente dentro dele mesmo. Ele acredita que o mundo está cheio de pessoas burras e desesperadas, e só consegue se sentir burro e desesperado por passar tanto tempo com elas. Ficamos preocupados com isso. Dizemos para ele ir dormir. Tudo fica melhor depois de uma noite de sono. Mas ele não pode nos ouvir. E continua o que está fazendo. Seus olhos começam a se fechar cada vez mais. *Vá para a cama, Cooper*, nós sussurramos. *Vá para sua cama*.

Ele adormece em frente ao computador. Homens de outros fusos horários perguntam se ele ainda está ali, se foi embora. Em seguida, passam para novas janelas, deixando a de Cooper vazia. Ele não tem como reparar quando todos saíram da sala.

Essa é uma imagem incompleta. Há garotos deitados acordados, se odiando. Há garotos transando pelos motivos certos e garotos transando pelos motivos errados. Há garotos dormindo em bancos e debaixo de pontes, e garotos com um pouco mais de sorte dormindo em abrigos, que passam a sensação de segurança, mas não de lar. Há garotos tão

embevecidos de amor que não conseguem fazer o coração bater mais devagar o bastante para descansarem, e outros tão feridos pelo amor que não conseguem parar de cutucar a dor. Há garotos que se agarram a segredos à noite da mesma forma que se agarram à negação de dia. Há garotos que não pensam em si mesmos quando sonham. Há garotos que serão acordados no meio da noite. Há garotos que adormecem com os telefones nos ouvidos.

E homens. Há homens que fazem todas essas coisas. E há alguns homens, cada vez menos, que caem na cama e pensam em nós. Nos sonhos deles, ainda estamos ao seu lado. Nos pesadelos deles, ainda estamos morrendo. Na confusão da noite, eles nos procuram. Dizem nossos nomes enquanto dormem. Para nós, esse é o som mais importante e mais doloroso que temos o privilégio e o infortúnio de conhecer. Nós sussurramos os nomes deles em resposta. E, nos sonhos, talvez eles escutem.

* * *

Queríamos poder mostrar a vocês o mundo quando dorme. Assim, vocês não teriam dúvida sobre o quanto somos parecidos, confiantes, incríveis e vulneráveis.

Não dormimos mais. E, como não dormimos mais, não sonhamos mais. O que fazemos é observar. Não queremos perder nada.

Vocês se tornaram nosso sonho.

No meio da noite, a mãe de Harry abre a porta do quarto e verifica se ele está dormindo em segurança. Em seguida, vai até a sala e faz a mesma coisa com Craig, sorrindo ao vê-lo envolto na colcha. Ela sabe que eles têm um grande dia amanhã e está preocupada com eles. Mas só vai demonstrar a preocupação enquanto eles estiverem dormindo. Mais do que tudo, ela sente orgulho. O orgulho pode ter um elemento de preocupação, principalmente se você é mãe.

A mãe de Harry ajeita o cobertor dele uma segunda vez. Dá um beijo delicado em sua testa e volta para o quarto pé ante pé.

Sentimos saudade de nossas mães. Nós as entendemos tão melhor agora.

* * *

E aqueles de nós que tiveram filhos sentem saudade dos filhos. Nós os vemos crescer, com tristeza e assombro e medo. Estamos afastados, mas não completamente. Eles sabem disso. Eles sentem. Não estamos mais lá, mas não fomos embora completamente. E ficaremos assim pelo resto das vidas deles.

Nós observamos, e eles nos surpreendem.

Nós observamos, e eles nos superam.

A música nos ouvidos de Tariq vai ficando mais baixa com o fim da bateria. Ele não repara. É um dos grandes dons do corpo, a capacidade de prolongar a música bem depois de ter desaparecido.

Dormindo no quintal, Ryan não repara na aura de orvalho ao redor dele quando a noite se aquece e vai virando manhã. Seus olhos vão se abrir e ver um brilho na grama.

O mundo que desperta. Até o mais cínico dentre nós o recebe com um toque de esperança. Talvez seja uma reação química, nossos pensamentos em comunhão com o nascer do sol criando aquela fé breve e intensa no que é novo.

Ficamos em silêncio conforme observamos o sol subir por trás do horizonte. Onde quer que estejamos, de onde quer que estejamos olhando, fazemos uma pausa. Às vezes, olhamos ao longe e vemos o amanhecer. E outras vezes testemunhamos o começo do dia refletido nas pessoas de quem passamos a gostar, vendo a luz se espalhando nas feições adormecidas delas. Como você pode não ter esperança quando o mundo, por um instante, brilha em tom dourado? Nós, que não somos mais capazes de sentir, ainda sentimos esperança, pois a lembrança é forte demais.

Acordar é difícil, e acordar é glorioso. Observamos vocês se mexerem e saírem cambaleando da cama. Sabemos que a gratidão é a última coisa na sua cabeça. Mas vocês deviam sentir gratidão.

Vocês têm mais um dia.

Harry acorda empolgado. É hoje. Depois de tanto planejamento, depois de tanto treino. Esse sábado em particular não é mais um quadrado no calendário. Não é mais uma data falada em verbos no futuro. É um dia que chega

como qualquer outro, mas que não parece nenhum que já veio antes.

Ele vai direto da cama para a cozinha, com o cabelo desgrenhado, as roupas amassadas da noite de sono, e encontra os pais lá, preparando-se do jeito deles para o dia. Seu pai está fazendo café da manhã e a mãe está à mesa da cozinha, lendo as pistas das palavras cruzadas em voz alta para eles poderem preencher juntos.

— Já íamos acordar você — diz sua mãe.

Harry segue até a sala. Craig está sentado no sofá, com a expressão de quem acha que a manhã é um problema matemático que ele precisa resolver antes de sair da cama.

— Meu pai está fazendo french toast — diz Harry, sabendo que o acréscimo de comida à equação vai colaborar para que seja solucionada mais rápido.

Craig responde com alguma coisa que soa como “*Muh*”.

Harry dá um tapinha no pé dele e volta para a cozinha.

O alarme do relógio de Tariq toca, mas ele não se alarma. Com os fones ainda abafando os barulhos externos, parece que tem música vindo do quarto ao lado, e ele encara isso lentamente como um convite.

Assim que Neil sai do chuveiro, manda uma mensagem de texto para Peter.

De pé?, pergunta ele.

E a resposta chega imediatamente:

Para encarar qualquer coisa.

Sorrimos por causa disso, mas então olhamos para a casa de Cooper e paramos. Ele ainda está dormindo na escrivaninha, com o rosto quase de frente para o teclado e o computador ligado desde a noite passada. Seu pai está entrando no quarto e não parece nada feliz. Todas as janelas de bate-papo de Cooper ainda estão abertas na tela.

Trememos ao reconhecer o que vai acontecer. Vemos no rosto do pai dele. Quem entre nós nunca fez o que Cooper acabou de fazer? Esse único erro. Esse único escorregão. A revista aberta no chão. Os bilhetes de amor escondidos debaixo do colchão, o lugar mais óbvio do mundo. O anúncio de cueca dobrado dentro do dicionário, pronto para cair quando ele for aberto. Os desenhos que devíamos ter escondido. O nome de outro garoto escrito repetidamente, várias vezes. As roupas que enfiamos no fundo do armário. O livro de James Baldwin na prateleira, com a capa de outro livro. Walt Whitman debaixo do travesseiro. Uma foto do garoto que amamos, sorrindo, com a conspiração de nós dois

nos olhos. Uma foto do garoto que amamos, que não faz ideia de que o amamos, capturado de forma alheia, sem saber que a câmera estava ali. Uma foto que guardávamos na gaveta de cima da escrivaninha, em um compartimento da carteira, em um bolso perto do coração. Devíamos ter nos lembrado de tirar de lá antes de jogar a roupa no cesto de roupas sujas. Devíamos saber o que aconteceria quando nossa mãe abrisse a gaveta em busca de um lápis. É só um amigo, nós argumentaríamos. Mas, se ele era só um amigo, por que estava escondido, por que ficamos aborrecidos por ele ser descoberto?

Queremos acordar Cooper. Queremos fazer com que a porta faça mais barulho ao ser aberta. Queremos que os passos do pai dele soem como trovão, mas eles soam como relâmpago. O pai sabe fazer isso, com a raiva ganhando velocidade silenciosa. Ele se inclina sobre o filho e lê os finais das conversas da noite anterior. Algumas são triviais, um dialeto entediado. *E aí? Nada de mais. Vc? Nada de mais.* Mas outras são francas, sexuais, explícitas. *Eu faria com você o seguinte. É assim que você gosta?* Olhamos de perto, torcendo para que a preocupação surja no rosto do pai. Preocupação pode. Preocupação é compreensível. Mas nós, que procuramos sinais de preocupação por tanto tempo nos outros, só vemos repulsa. Asco.

— Acorde — diz o pai.

Raiva. Ira.

Como Cooper nem se mexe, ele fala de novo e chuta a cadeira.

Isso funciona.

Cooper dá um pulo e acorda, com o rosto pressionado contra o teclado, criando uma palavra impronunciável. Suas lentes de contato parecem panquecas secas em seus olhos. Seu hálito parece de minhocas matinais.

Seu pai chuta a cadeira de novo.

— É isso que você faz? — É a acusação furiosa. — Quando estamos dormindo. É isso que você fica fazendo?

Cooper não entende a princípio. Mas levanta a cabeça, engole a saliva que estava parada na boca e vê a tela. Ele fecha o laptop rapidamente. Mas é tarde demais.

— É isso que você faz na minha casa? É isso que você faz com sua mãe e comigo?

De uma distância fria, sabemos que há confusão no coração dessa repulsa. E nesse coração bate um fluxo regular de ódio e ignorância.

Sabemos que Cooper não tem a menor chance.

O pai dele o pega pela camisa e o levanta, para poder gritar olhando nos olhos dele.

— *O que você é? Como pôde fazer isso?*

Cooper não sabe. Ele não sabe o que dizer. Não sabe o que fazer. Nem existem respostas para essas perguntas.

O rosto do pai está vermelho agora.

— Você sai por aí trepando com homens? Enquanto estamos dormindo, você sai e trepa com eles?

— Não — diz Cooper. — Não!

— Então o que é isso? — Um gesto enojado para o computador fechado. — Que tipo de putinha você é?

Trepar. Putinha. Não são palavras que um filho deveria ouvir do pai. Mas a ira do pai tem uma língua própria. Não precisa falar como um pai.

— Pare — sussurra Cooper, com os olhos se enchendo de lágrimas. — Apenas pare.

Mas ele não para. O pai de Cooper o empurra contra a parede. Impacto. A parede sacode e coisas caem. Cooper não está mais em nenhum lugar. Está em um lugar agora. E é um horror. É tudo o que ele nunca quis que acontecesse, e está acontecendo.

A mãe entra correndo no quarto. Por um momento, ficamos gratos. Por um momento, achamos que vai parar. Mas o pai não liga. Continua a gritar. *Viado. Desgraça. Putinha. Doente.*

— O que está acontecendo? — grita a mãe. — O *que está acontecendo?*

Cooper não consegue parar de chorar, o que deixa o pai com mais raiva ainda. E agora o pai está explicando para a mãe:

— Ele se vende pra homens na internet.

— Não — diz Cooper. — Não é nada disso.

— Abra — ordena o pai para a mãe. — Leia.

Cooper dá um pulo, tenta agarrar o laptop. Mas o pai o derruba e prende enquanto a mãe abre o computador. A tela

se acende. Ela começa a ler.

— É só bate-papo — Cooper tenta dizer para ela. — Nada acontece nunca.

Mas a expressão no rosto dela enquanto lê... alguns de nós precisam virar a cara. Nós conhecemos essa expressão. Alguma coisa dentro dela está se partindo. E, com isso, ela está desistindo de nós.

Não há nada mais doloroso do que ver alguém desistir de você. Principalmente se for sua mãe.

Algumas mães se recuperam desse momento. Algumas não. E, enquanto acontece, o problema é que você não tem como saber que rumo aquilo tudo vai tomar.

— *Está vendo* — diz o pai.

Um fusível dentro de Cooper finalmente chega ao núcleo explosivo e detona. Ele precisa fazer isso parar. Precisa fazer alguma coisa. A intenção dele não é lutar para se defender, embora mais tarde pareça que foi luta. Ele só quer que a mãe pare de ler. Por isso, ele pula em cima do computador e o arranca das mãos dela. Ela se encolhe de surpresa, e o pai não está preparado para segurá-lo. Mas, apesar de Cooper ter tirado o laptop das mãos dela, não consegue segurá-lo na dele. Ele pega de qualquer jeito, e o laptop cai com tudo no chão, fazendo um som terrível. Ele estica a mão e o alcança, mas agora o pai está em cima dele, puxando-o pelas costas, girando-o. Cooper sabe que um soco está a caminho e levanta o laptop para bloqueá-lo. O punho do pai é rápido demais, e

acerta a bochecha dele antes de ele conseguir levantar o laptop.

— Não! — grita a mãe.

Ela entra entre os dois, isso ela faz. Cooper não hesita. As chaves e o celular estão no bolso. Então, ele foge. Sai correndo do quarto com o pai atrás, gritando com ele, gritando com a mãe. Sai correndo pela porta, sai correndo para o carro. Vê os pais vindo atrás, ouve o pai gritando, mas não entende as palavras. Quando liga o carro, a música explode pelos alto-falantes. Ele não verifica para ver se há carros passando quando sai da vaga, embora saiba que isso só vá irritar mais seu pai.

Ele só demora dez segundos para deixar os pais.

Fora os estranhos, eles são agora as únicas pessoas no mundo que sabem que ele é gay.

Você gasta tanto tempo e tanto esforço tentando se manter firme.

E então, tudo desmorona de qualquer jeito.

No tempo que isso tudo leva para acontecer, Tariq toma um banho. No tempo que isso tudo leva para acontecer, Craig (que admite ser uma pessoa que come devagar) come uma french toast. No tempo que isso tudo leva para acontecer, Peter baixa um jogo de videogame e começa a jogar. No tempo que isso tudo leva para acontecer, Avery acorda, vê um número de telefone ainda escrito na mão e se pergunta o que fazer agora. Mas não precisa se preocupar. Ryan já está cuidando disso. Ele está com o número do telefone de Avery no celular e, assim que o relógio chegar às dez horas, vai ligar. Ele acha desagradável ligar para as pessoas antes das dez. Assim, ele espera. Com impaciência, mas espera.

* * *

É engraçado as coisas das quais se sente saudade. Como fios de telefone.

Ao ler isso hoje, vocês podem nem saber o que é um fio de telefone. Ou é uma relíquia que se vê em um escritório, ou naquele telefone antigo no canto da sala de aula, usado para ligar para a secretária do diretor.

Mas houve uma época, que foi a nossa época, em que um fio de telefone parecia um fio de vida. Era sua ligação com o mundo exterior e, ainda mais do que isso, sua ligação com as pessoas que você amava, ou queria amar, ou tentava amar. Tudo nele era perfeito: a forma como era enroscado, a forma

como se emaranhava com facilidade, a forma como você podia puxá-lo só até um certo ponto e tinha que parar. Enroscado e emaranhado e essencial. Ele nos mantinha ligados uns aos outros, ligados a todas as perguntas e algumas das respostas, ligados à ideia de que podíamos estar em outro lugar que não fosse nossos quartos, nossas casas, nossas cidades. Não podíamos fugir, mas nossas vozes podiam viajar.

Quando o telefone não tocava, parecia debochar de nós.

Quando o telefone tocava, nós o agarrávamos com gratidão.

Precisamente às dez horas, o telefone de Avery toca. Ele não reconhece o número e compara com a mão.

— Alô? — diz.

— Oi — diz Ryan, tão feliz por ser ouvido quanto Avery fica por ouvi-lo.

Eles começam a fazer planos e um plano. Planos são as coisas que você vai fazer em um momento preciso, enquanto um plano é a ideia mais geral de todas as coisas que vocês dois podem fazer juntos. Planos são as coordenadas; um plano é o mapa todo. Planos são as coisas que você pode discutir naquela primeira ligação nervosa. Um plano é a coisa que não é dita, mas coloca esperança na sua voz mesmo assim. Enquanto Avery e Ryan pensam no que vão fazer hoje, a

palavra *juntos* se torna o plano por baixo dos planos elaborados.

Avery sabe que seus pais vão voltar a dar a ele a chave do carro. Assim, se oferece para ir até Kindling, para ver o que a cidade tem a oferecer. Ryan diz para ele que não tem muita coisa lá, mas Avery tem experiência suficiente em flertes para dizer que, desde que Ryan esteja lá, vai ser o bastante.

Quando Avery desliga o telefone, dá um sorriso. Quando Ryan desliga o telefone, entra em pânico. Objetos flutuantes exercem pressão de qualquer jeito. Ryan sente vontade de arrumar o quarto, arrumar o cabelo, arrumar a vida, arrumar a cidade, tudo ao mesmo tempo.

Enquanto isso, Avery vai sorrindo para o chuveiro. Ele também tem coisas com que se preocupar, claro. Mas essas feras são educadas o bastante para esperar no portão até que ele faça seus preparativos.

Não há nada tão animador quanto uma oportunidade.

* * *

Vocês nunca vão esquecer como é essa sensação, essa esperança. Sim, nós poderíamos falar com vocês por dias sem fim sobre todos os primeiros encontros ruins. Eles são histórias. Histórias engraçadas. Histórias constrangedoras. Histórias que amamos compartilhar, porque, ao compartilhá-las, tiramos alguma coisa da uma ou duas hora que gastamos

com a pessoa errada. Mas isso é tudo que os primeiros encontros ruins são: historinhas. Os primeiros encontros bons são mais do que historinhas. São primeiros capítulos. Em um primeiro encontro bom, tudo é primavera.

E, quando um primeiro encontro bom vira um relacionamento bom, a primavera perdura. Mesmo depois que acaba, pode ainda haver primavera.

O local do beijo de Craig e Harry foi muito bem pensado.

Se conveniência fosse o fator decisivo, a escolha óbvia seria a casa de Harry, ou o quintal dele. Os Ramirez não teriam nenhum problema com isso e teriam feito todos os planejamentos necessários. Mas Craig e Harry não queriam esconder. O significado do beijo viria de compartilhá-lo com as outras pessoas.

Foi Craig quem sugeriu o gramado em frente à escola de ensino médio deles. Era pública, mas também familiar. A escola em si costumava ficar aberta nos fins de semana por um motivo ou outro: um jogo de futebol americano, um ensaio de peça de teatro, um torneio de debate. Mas, no gramado, eles não atrapalhariam ninguém. Havia acesso suficiente a água e eletricidade. E os amigos saberiam onde encontrá-los.

Eles discutiram se deveriam pedir permissão. Os pais de Harry insistiram que sim. Harry e Craig marcaram um horário

com a diretora e explicaram o beijo.

Ela foi solidária. De forma quase surpreendente. Deu permissão a eles, mas avisou que havia riscos mesmo assim.

Eles aceitaram.

Agora, eles estão aqui, entrando no estacionamento da escola. Só vai haver jogo de futebol americano amanhã, e o ensaio da peça de teatro começa apenas às duas. O local conquistou sua indiferença nessa manhã de sábado. Já passou por coisas bem piores do que dois garotos se beijando.

Smita, a melhor amiga de Craig, já está lá esperando. Ela acha que Harry e Craig são loucos por fazerem isso, e que, dentre os dois, Craig é o mais maluco. Porque, pensa ela com pouco exagero, os pais dele vão matá-lo. E, se os pais não o matarem, talvez beijar Harry mate. Porque, no fim das contas, o término foi bem mais fácil para Harry do que para Craig. Aos olhos de Smita, Harry se saiu bem na história. Ele teve a sensação de que foi mútuo. E pôde seguir com a vida enquanto Craig passou o ano seguinte ainda apaixonado por ele.

Certo, talvez não um ano inteiro. Smita não é muito boa em matemática de relacionamentos. (Quem é?) A questão é que foi um bom tempo. Muito tempo. E apesar de Craig dizer para ela o tempo todo que já esqueceu Harry, que eles são só amigos agora, e apesar de ela ter aprendido a não contradizê-lo em voz alta, a só deixar tudo pronto para que depois ele pudesse procurá-la quando percebesse que está errado, Smita ainda acha o plano todo absurdamente desafinado no que diz

respeito ao que há realmente dentro do coração de Craig. Nós a ouvimos confessar isso para a irmã, que foi solidária.

Smita entende que há questões maiores envolvidas, pelo menos no que diz respeito à declaração que Harry e Craig estão fazendo. Se vocês fossem perguntar a ela sob que possíveis circunstâncias não haveria problema em Craig beijar Harry de novo, ela acha que essa seria uma das poucas respostas aceitáveis. Ela disse para eles que achava loucura quando eles foram contar (ela acha que foi a primeira pessoa para quem eles contaram, mas, na verdade, foi a segunda). E quando eles disseram para ela que não viam problema no fato de ser loucura, o que ela poderia ter dito? Ela sempre ficaria do lado de Craig, em qualquer circunstância, e se isso quisesse dizer ajudá-los a pesquisar e preencher a papelada e planejar esse gesto absurdo de declaração política e potencial dano ao coração, que fosse. Com a precisão da médica que sem dúvida se tornará um dia, ela trabalhou com eles para elaborar a melhor estratégia possível para uma duração máxima. Isso significou horas vendo vídeos no YouTube de pessoas se beijando por períodos de tempo muito longos. Foi o dever de casa mais estranho que ela já fez. Mas o dever de casa da escola já estava feito; o que mais ela tinha para fazer?

Agora, aqui está ela, e aqui estão eles, e está chegando a hora de começar. Quando eles começarem a se beijar, vão ter que continuar se beijando por 32 horas, 12 minutos e 10 segundos. É um segundo a mais do que o recorde mundial atual de beijo mais longo já registrado.

O motivo de eles estarem todos aqui é quebrar esse recorde.

E o motivo para eles quererem quebrar esse recorde começou com uma coisa que aconteceu com Tariq.

Observamos quando ele entra no estacionamento. Observamos quando ele os vê se reunindo: Harry e Craig, o Sr. e a Sra. Ramirez. Smita, claro, e Rachel, que mora perto o bastante da escola para ir andando. Ele os vê, mas não sai do carro, ainda não. Porque uma das qualidades mais traiçoeiras da mente é a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Assim, Tariq está ali sentado, mas, ao mesmo tempo, volta para a pior noite de sua vida. Cronologicamente, três meses antes. Emocionalmente, ontem e hoje e três meses atrás e qualquer período de tempo entre os dois.

Sangue em sua boca. Parece que ainda tem sangue em sua boca.

Os caras estavam bêbados, eram cinco, e, apesar de não ter sido nesta cidade, foi em uma cidade próxima. Tariq ainda não tinha habilitação, ainda não tinha carro. O filme acabou e ele estava esperando que seu pai fosse buscá-lo. Seus amigos estavam indo comer pizza, mas ele tinha que ir embora. O pai estava atrasado, e a rua ficou deserta quando os créditos finais das conversas de calçada terminaram. Havia uma pessoa na

bilheteria do cinema, mas só. Tariq não conseguia ficar parado, então andou um pouco pelo quarteirão para olhar umas vitrines de lojas. Quando os outros caras começaram a gritar, ele nem sabia que estavam gritando com ele. Ignorá-los só fez com que eles prestassem mais atenção. Quando ele entendeu o que estava acontecendo, já estava acontecendo rápido demais.

Primeiro, ele achou que era por ele ser negro, mas devido a todas as variações de *viado* que estavam gritando, ele soube que não era só isso. E alguns deles também eram negros. Ele tentou passar direto, voltar para o cinema ou até para a pizzeria onde os amigos estavam, mas eles não gostaram disso. Eles o encurralaram, e Tariq sentiu o botão do pânico ser pressionado. Enquanto eles debochavam da cor de sua calça, enquanto o provocavam mais um pouco, ele tentou forçar caminho para fugir. Jogou-se de corpo todo com esse objetivo, mas havia muitos deles, e eles não foram pegos de surpresa. Eles o empurraram de volta e ele tentou abrir caminho de novo, e desta vez um cara deu um soco nele, direto no peito, e, quando Tariq se inclinou, outros se juntaram. Porque quando um cara começa, vira um jogo. Tariq caiu no chão, lembrou-se de alguém dizendo para ele se encolher, se proteger assim. Eles estavam rindo agora, apreciando o que estavam fazendo, adorando a emoção. Ele nem conseguiu gritar pedindo ajuda, porque os únicos sons que conseguiu emitir eram sons que ele nunca tinha ouvido antes, uma admissão gritada e gutural da dor repentina e intensa enquanto eles davam socos e chutes,

rindo seus *viados* para cima dele enquanto quebravam suas costelas.

Do outro lado da rua, alguém viu. A mulher atrás do balcão do restaurante tailandês saiu correndo, gritando e balançando uma vassoura. Os caras riram disso, riram da vassoura dela, do uso falhado da língua. Mas dois ajudantes saíram atrás dela, e eles a ouviram gritando *polícia*. Tariq não viu nada disso, nem escutou. Estava tentando conseguir enxergar, tentando se encolher mais, tentando cuspir o sangue da boca. Pela percepção dele, eles estavam ali e, com um último chute, sumiram.

O pai chegou um minuto depois. Encontrou-o. Levou-o para o pronto-socorro antes de a polícia chegar.

Enquanto ele sangrava na calçada, com pedrinhas e cascalho pressionando os machucados, nós também nos sentimos sangrando. Quando as costelas dele foram quebradas, nós sentimos nossas costelas sendo quebradas. E, quando os pensamentos voltaram à mente dele, as lembranças voltaram às nossas. Essa desumanizadora perda de segurança. É algo que todos nós temíamos e muitos de nós conhecíamos por experiência própria. Não desconhecemos o que acontece depois com Tariq: a longa cicatrização, a preocupação surpreendente de algumas pessoas (inclusive dos pais) e a não surpreendente falta de preocupação de outras (como alguns policiais, mas não todos).

Os agressores esconderam bem as pistas e nunca foram encontrados. Sabemos quem eles são, é claro. Dois deles são

assombrados pelo que fizeram. Três deles, não.

Tariq também é assombrado, embora se sinta revoltado a maior parte do tempo.

— Eles acabaram comigo — disse ele para as pessoas pouco tempo depois. — Mas quer saber? Eu não precisava mais ser aquela pessoa que eu era. Estou feliz porque mudei.

Ele não vai deixar que o acontecimento o impeça de ir à cidade, de dançar. Mas o medo persiste. Os ferimentos. E, no fundo da mente, morando, como foi conosco, no fundo dos pensamentos, estão as perguntas mais traiçoeiras:

Como eles me identificaram? Como souberam?

O que fiz de errado?

* * *

As pessoas gostam de dizer que ser gay não é como a cor da pele, não é uma coisa física. Elas dizem que sempre temos a opção de esconder.

Mas, se isso for verdade, como é que eles sempre nos descobrem?

O ódio de Cooper por todo mundo (os pais, as pessoas da cidade, os homens com quem ele conversa na internet) só é menor do que o ódio que sente de si mesmo. Não há nada que

acrescente profundidade ao desespero como a sensação de merecer. Cooper dirige pela cidade, sem saber o que fazer, sem saber para onde ir. Ele nem repara que a gasolina está acabando. Quando a luz de aviso se acende, ele quase se sente grato, porque agora pelo menos há uma coisa a ser feita.

Ele nem sempre foi assim. Ninguém nunca é sempre assim. Houve uma época em que era feliz, uma época em que o mundo o envolvia. Pegar minhocas e dar nomes a elas. Soprar as velas em um bolo que a mãe fez, com vinte amigos do quinto ano em volta. Um *home run* em um jogo importante da liga infantil que o deixou se sentindo campeão durante semanas. Um desejo de desenhar, pintar. Jogar bolas na cesta na hora do almoço com os amigos.

Mas o ensino médio confunde as coisas. Ele não queria mais fazer esportes. Os amigos se mudaram, se não da cidade, ao menos da mesma mesa que ele na hora do almoço. O tédio começou a invadir o exterior da vida dele, e o barulho começou a crescer lá dentro. Ele passava mais e mais tempo no computador. Não era exatamente uma escolha; era apenas a única coisa que estava sempre presente.

Agora, o laptop está morto no banco de trás. Isso não o incomoda de verdade.

Em outro carro, Avery segue dirigindo para Kindling. O terreno ao redor é plano, o horizonte é longo. Ele tenta não ensaiar o que vai dizer para Ryan, porque não quer que pareça uma apresentação. Todos os encontros anteriores dele foram tentativas desanimadas com um garoto da cidade que o conhece há tempo demais. Nenhum dos dois tinha certeza do que queria, então eles tentaram colocar um ao outro no vazio. Mas nunca deu certo, e só aconteceu por acaso de Avery perceber cinco minutos antes de Jason.

— Tudo está bem quando termina bem — dissera Jason, e essa frase já mostrava por que Avery não se interessava. Ele queria estar com uma pessoa que soubesse que estar bem não era a mesma coisa que terminar bem.

Um garoto de cabelo azul deve saber isso, pensa Avery. Ou, pelo menos, há uma chance de que saiba.

Avery está prestes a descobrir.

Depois de um ano, Peter e Neil sentem que passaram da fase de descobertas. Mas temos certeza de que eles vão descobrir continuamente que não é bem assim. Sempre há alguma coisa nova para se aprender sobre a pessoa que você ama.

Neil não fica surpreso ao chegar à casa de Peter e encontrá-lo ainda de cueca boxer, sentado no chão da sala de jogos, navegando em um mundo de fantasia pelo videogame.

— Me desculpe — diz Peter. — Estou quase conseguindo que a Guilda de Magos assine meu tratado. Vinte minutos, eu juro.

Neil foi tolo de esquecer o dever de casa, então vai até o quarto de Peter e pega o dele para fazer. Seria uma coisa se o jogo de Peter envolvesse quantidades imensas de batalhas e lutas com espadas. Mas, pelo que Neil consegue perceber, trata-se mais de fazer e romper alianças. Em outras palavras, política, só que com barbas e capas. Não era o tipo de coisa que ele gostava. *Banho de Sangue nos Balcões 12*, o jogo que ele levou no dia anterior, está no chão.

Peter sabe que Neil não gosta, mas não consegue deixar de jogar mesmo assim. Porque, quando o tratado for assinado, ele vai poder viajar para o mundo das ninfas aquáticas pela primeira vez.

Ele nem repara no que Neil está fazendo até terminar. Tratado conseguido, ele vê que Neil está na metade do dever dele de inglês.

— Eu posso fazer isso — diz Peter.

Ele sabe que deveria gostar quando Neil faz seu dever, mas não gosta. Ele sabe que Neil faz porque é mais fácil para ele... e é precisamente por isso que Peter não gosta.

— Você tem coisas mais importantes a fazer — diz Neil.
— Afinal, o que é John Steinbeck em comparação com o destino da Guilda de Magos?

— Eu gosto de Steinbeck.

— Sabe o que seria legal?

— O quê?

— Se seu jogo fosse debaixo da água.

Peter sabe que Neil quer chegar a algum lugar com isso. Fazer alguma piada. Mas não consegue identificar qual é.

Ele desiste e pergunta por quê.

— Porque aí os magos poderiam ser peixes, e poderia haver a guerra da Guilda dos Magos com Guelras.

Peter dá um sorrisinho.

— Caí direitinho nessa, não foi?

— Nadou em vez de cair.

Peter gosta dessas piadas, dessas brincadeiras. Gosta mesmo. Mas nem sempre ele está com humor para elas. Às vezes, deseja namorar alguém um pouco mais burro, ou pelo menos alguém que não pensa em todas as palavras de todas as frases que diz.

Neil não percebe que passou um pouco do limite. Ele muda de assunto, mas não porque sente que tem alguma coisa (levemente) errada. Na verdade, sua percepção natural do ritmo da conversa sabe que é hora de seguir em frente.

— Panqueca — diz ele. — Acho que a gente precisa de panqueca.

Desta vez, Peter sabe o que está vindo e entra na brincadeira. Eles começam a pular em uma perna só, gritando:

— I-hop! I-hop!

Somos idiotas maravilhosos, pensa Peter.

Costumamos acreditar que a verdadeira medida de um relacionamento é a capacidade de nos expormos. Mas algo deve ser dito a favor de exibir sua plumagem também, de encontrar a verdade tanto na besteira quanto nas coisas sérias.

Seu humor é sua bússola e seu escudo. Você pode transformar em arma ou pode puxar as tiras e fazer um cobertor de algodão doce. Não dá para viver de uma dieta só de humor, mas também não dá para viver de uma dieta sem humor.

Nem todos os comentários do mundo poderiam impedir Oscar Wilde de virar um tolo apaixonado. Mas ele se recuperou no final. Mais de um de nós pegam emprestadas as últimas palavras dele, olhando ao longe e murmurando:

— Ou o papel de parede vai embora, ou vou eu.

Houve até variações:

— Ou o prefeito vai embora, ou vou eu.

Ou:

— Mãe, ou esses sapatos vão embora, ou vou eu.

Talvez não tenham sido nossas exatas últimas palavras, e talvez também não as últimas palavras de Oscar Wilde. Mas vocês entenderam. Quando o fim chegar, haverá coisas importantes a se dizer, sem dúvida. Mas também haverá aquela última gargalhada, e vocês vão desejá-la.

A gargalhada raramente dura mais do que uns poucos segundos, é verdade. Mas como esses poucos segundos são deliciosos.

Antes de Craig e Harry começarem o beijo, eles ganham alguns presentes engraçados.

Os pais de Harry presenteiam os dois garotos com uma lata de Binaca. Damos risadas quando fica claro que nenhum dos dois sabe o que é. Como poderíamos explicar? Antigamente, quando você queria ficar com hálito de menta, você pegava uma latinha de metal e borrifava Binaca na boca. Não importava se era para esconder o bafo de álcool ou um simples mau hálito; dava para confiar que a explosão mentolada seria eficiente. O gosto não era nada natural, e, se você fosse usar antes de beijar alguém, sempre funcionava melhor se os dois usassem uma dose, para poderem sentir o gosto químico juntos. Em nosso arsenal de subterfúgios, era uma seleção bastante inofensiva. Rimos da presença dele agora, da mesma forma que o Sr. e a Sra. Ramirez riem. Depois da explicação, Harry e Craig agradecem, mas nenhum dos dois experimenta o spray. Eles estão mascando chiclete.

Rachel, amiga deles, mostra que decorou um penico com o rosto de um famoso apresentador de talk-show de rádio. Eles não vão poder usar durante o beijo, mas talvez logo depois. Smita pega um saco de corações de dia dos namorados, nada fáceis de encontrar fora de temporada, e mostra que encheu o saco de corações escritos ME BEIJE. Outro amigo, Mykal, escolheu outro festejo e prendeu um pedaço de visco (também difícil de encontrar fora de temporada) na ponta de uma vara de pescar para poder pendurar em cima da cabeça deles quando eles estiverem se beijando.

Por fim, é a vez de Tariq. Ele está arrumando as câmeras e cuidando para que tudo esteja posicionado de maneira correta, para que as lâmpadas que iluminam o jardim também iluminem Harry e Craig ao cair da noite. Se o beijo der certo, ninguém vai simplesmente acreditar na palavra deles. Tudo precisa ser documentado precisamente, então Tariq montou um arsenal de câmeras e tem uma tropa de baterias sobressalentes à mão. O beijo não só vai ser gravado, mas vai também ser transmitido ao vivo, para que nenhuma acusação possa ser feita de que foi falso ou que alguma pausa foi editada. Três professores da escola se ofereceram para se revezarem como testemunhas. A Sra. Luna, chefe do departamento de matemática, é a primeira.

Mas, primeiro, Tariq tem presentes a dar.

O primeiro exige que ele arraste uma bolsa pela grama.

— Isso é um corpo? — pergunta Harry.

— Ou quem sabe só uma cabeça — diz Craig.

Eles não palpitarão mal. Com um sorriso, Tariq pega um busto de Walt Whitman, para oficializar o evento. E então, a fim de demarcar a ocasião, Tariq recita um dos poemas de Whitman:

Nós dois abraçados, dois garotos

Um sem nunca deixar o outro,

*Seguindo para cima e para baixo pelas estradas, fazendo
excursões por norte e sul,*

*Desfrutando o poder, esticando os cotovelos, agarrando com
os dedos,
Armados e destemidos, comendo, bebendo, dormindo,
amando,
Sem lei maior do que sendo donos de nós mesmos, velejando,
combatendo, roubando, ameaçando,
Alarmando avarentos, medíocres e religiosos, respirando o ar,
bebendo a água, dançando na relva da praia,
Destruindo cidades, debochando da calma, zombando das
regras, perseguindo a fraqueza,
Executando nossas invasões.*

Todos aplaudem.

Em seguida, Tariq pega seu segundo presente: um iPod com exatamente 32 horas, 12 minutos e 10 segundos de música, cada uma escolhida e posta em sequência com o mesmo cuidado que um DJ teria. Todas as músicas favoritas de Harry e de Craig estão nele, assim como centenas de músicas “doadas” por amigos.

— É só avisar quando apertar o play — diz Tariq.

Eles estão quase na hora de começar.

Em outra cidade do mesmo estado, Cooper percebe que um tanque cheio de gasolina só vai resolver um de seus problemas,

e um dos menores.

Ele para no estacionamento de um Walmart. Pega o celular e olha a lista de contatos. É o que todos parecem ser para ele, contatos. Pessoas com quem ele tem contato. Contato na aula. Contato no corredor ou no almoço. Não amigos. Não de verdade. Não se ser amigo de alguém quer dizer não ser falso. Ele é falso com todos eles. Será que alguns deixariam que ele fosse para suas casas se ele pedisse? Claro. Será que alguns escutariam o que aconteceu, se preocupariam por ele? Provavelmente. Mas quando ele tenta desenvolver a ideia com qualquer um deles, não dá certo. Não ajuda. Só acrescenta observadores ao que é essencialmente um peso seu e só seu.

Portanto, ele fecha a lista de contatos. Abre um aplicativo. Decide conversar com alguns estranhos.

Há dez mensagens em seu celular. Ele as ignora.

Avery chega em Kindling com nervosismo crescente. Ele se lembra de tudo sobre Ryan, mas não sabe muito sobre ele. E se a noite anterior foi uma aberração? E se, à luz comum de um dia comum, a sensação de serendipidade se dissipar?

Nós chamávamos isso de *ilusão esperançosa*. O medo de a noite ser na verdade um mundo tingido de cor-de-rosa e de a manhã mostrar que as coisas que você tinha esperança de que estivessem acontecendo na verdade não estavam, que seu

coração se precipitou. E, sejamos sinceros, muitas vezes isso era verdade: a força da solidão era forte e nos deixava tontos. Ou a euforia das horas de hélio era forte o bastante para nos levar até o reino da improbabilidade. No dia seguinte, a onda de energia já tinha passado. No dia seguinte, sobrava pouco para um dizer para o outro.

Mas às vezes, às vezes ela estava lá. A magia que tínhamos criado permanecia. Talvez até crescesse à luz do dia. Porque, se pudesse ser parte de nosso dia, isso significava que podia ser parte de nossas vidas. E, se podia ser parte de nossas vidas, era uma magia que valia muitos riscos e saltos.

Passamos por isso tantas vezes, mas Avery nunca se sentiu assim. Ele ainda não sabe que a dúvida paira sobre a expectativa como abelhas sobre flores. O truque é não deixar a dúvida intimidar você a ponto de fazê-lo ir embora. A dúvida é um risco aceitável pela felicidade.

Contamos os minutos até Avery chegar à casa de Ryan. Contamos os segundos até Ryan abrir a porta e sair. Porque sabemos que o melhor antídoto para a dúvida é a presença. A magia se apaga naturalmente com a distância. Mas a proximidade... bem, quando funciona, a proximidade amplifica a magia.

O garoto de cabelo azul sorri ao se aproximar do garoto de cabelo rosa. O garoto de cabelo rosa sai do carro e encontra o garoto de cabelo azul o esperando. Eles se cumprimentam. Hesitam por um momento constrangedor. Depois, hesitam em

um abraço de boas-vindas, um abraço de reencontro, um abraço de *isso significa alguma coisa*.

A expectativa não é mais necessária porque o momento é agora.

Harry e Craig fizeram a última pausa para banheiro das próximas trinta e duas horas, doze minutos e dez segundos. As câmeras estão prontas para rodar. A Sra. Luna segura um cronômetro. Outros amigos se reuniram. Os pais de Harry fazem sinal de positivo para os garotos.

Está na hora.

Harry se inclina e sussurra no ouvido de Craig:

— Eu te amo.

E Craig se inclina e sussurra no ouvido de Harry:

— Eu também te amo.

Ninguém os escuta além de nós.

Chega a hora. Meses de preparação, semanas de treino e anos de vida levaram a esse momento.

Eles se beijam.

Harry já beijou Craig tantas vezes, mas este é diferente de todos os beijos que vieram antes. No começo, houve os beijos excitados dos encontros, os beijos usados para pontuar o sentimento de um pelo outro, os beijos que eram a prova e o motor do desejo deles. Depois, os beijos mais sérios, os beijos

de *está ficando sério*, seguidos dos beijos de relacionamento; esses, às vezes intensos, às vezes resignados, às vezes brincalhões, às vezes confusos. Beijos que levaram a pegações e beijos que levaram a despedidas. Beijos que marcaram território, beijos particulares, beijos que duraram horas e beijos que acabaram antes mesmo de começarem. Beijos que diziam: *Eu conheço você*. Beijos que suplicavam: *Volte para mim*. Beijos que sabiam que não estavam dando certo. Ou, pelo menos, os beijos de Harry sabiam que não estavam dando certo. Os beijos de Craig ainda acreditavam. Assim, os beijos acabaram. Harry precisou dizer para Craig. E foi ruim, mas não tão ruim quanto ele temia. Eles construíram uma amizade forte o bastante para suportar o desaparecimento dos beijos. Ficou desequilibrada no começo, sem dúvida; seus corpos não sabiam o que fazer, pois o magnetismo do beijo ainda estava lá, porque mesmo quando a mente desliga o romance, às vezes o corpo demora um tempo para receber a mensagem. Mas eles superaram isso e nunca pararam de se abraçar, nunca abandonaram todo o contato. E então, Craig teve essa ideia, e Harry quis participar. Tempo suficiente tinha passado para que, quando eles recomeçaram a se beijar, a eletricidade já tivesse ido embora e sido substituída por alguma coisa mais parecida com arquitetura. Eles estavam se beijando com um objetivo, mas o objetivo não era eles; era o beijo em si. Eles não estavam usando o beijo para manter o amor vivo, mas estavam usando a amizade para manter o beijo vivo. Primeiro, durante minutos. Depois, por horas. O mais difícil quando eles

ficavam se beijando por horas era ficar acordado. Era a concentração. Estar ligado a outra pessoa, mas totalmente recolhido dentro de si. Porque, quando você beija alguém, não consegue ver a pessoa. Ela se torna uma mancha. Você precisa usar o tato como orientação, a respiração como conversa. Depois de muitas tentativas, eles encontraram o ritmo. Chegaram a dez horas em um domingo. Foi o mais longe que chegaram. E agora, aqui estavam eles, tentando chegar a mais de três vezes aquele tempo. Só para fazer uma manifestação. E talvez fossem as horas todas e talvez fosse a manifestação, mas o beijo é muito mais intenso do que Harry pensava que seria. Seus lábios fazem contato e Harry sente uma mudança. Não vem do passado, mas é criada no presente. Apesar de não ser o que eles planejaram, ele se vê passando o braço pela cintura de Craig, se vê puxando-o para mais perto, beijando-o um pouco mais do que nos beijos de ensaio. O pequeno grupo grita por eles, e Harry sente Craig sorrir sob seus lábios. Ele consegue sentir o sorriso na respiração de Craig, nos lábios, no corpo. Harry quer sorrir também, mas é tomado por uma coisa mais profunda por que um sorriso, uma coisa ampla e inarticulada que enche seus pulmões, ocupa sua cabeça. Ele não faz ideia de em que se meteu, não faz ideia do que isso tudo significa. Ele achava que sabia. Tinha pensado no assunto tantas vezes. Mas de que adianta a abstração quando se trata de um beijo? De que adianta planejar? Harry beija Craig e sente que há uma coisa maior do que os dois bem ao redor do beijo. Ele não estica a mão para alcançar essa coisa, ainda não. Mas sabe que

está ali. E isso o torna diferente de qualquer outro beijo que eles já deram antes. Ele sabe disso imediatamente.

Craig ainda está balançado pelo *eu te amo* que Harry sussurrou para ele. É nisso que ele está pensando quando o beijo começa.

Tariq toma conta para que todas as câmeras e computadores estejam funcionando. Toma conta para que a transmissão ao vivo esteja funcionando.

Nesse momento, Tariq é o único expectador online.

Nós nos acomodamos. Nós assistimos.

Ryan não convida Avery para entrar em casa, e Avery não pergunta por quê.

— Pra onde vamos? — pergunta Avery quando os dois estão acomodados no carro. — O que Kindling tem de melhor a oferecer?

Ryan está dividido. O Kindling Café é sem dúvida o melhor que Kindling tem a oferecer. Mas, por causa disso, a maior parte das pessoas da escola vai estar lá em um sábado, usando o wi-fi e batendo papo. Se ele levar Avery para lá, o encontro vai se tornar um evento de grupo, e ele não quer que se torne um evento de grupo, ainda não.

Portanto, só há um destino que faz sentido.

— O rio — diz ele para Avery — O que você acha de seguirmos para o rio?

— Acho excelente a ideia de irmos para o rio.

É exatamente o que Ryan quer ouvir.

Uma das muitas coisas horríveis de morrer como morremos era a forma que isso nos roubava o mundo exterior e nos prendia no mundo interior. Para cada um de nós que conseguiu morrer pacificamente em uma cadeira de varanda, com o cobertor sobre o corpo, enquanto o vento soprava o cabelo e o sol aquecia o rosto, houve centenas de nós cuja última imagem do mundo foi paredes brancas e maquinário

metálico, um vislumbre de janela, as flores inadequadas em um vaso, representantes escolhidos da natureza que perdemos. Nosso último suspiro foi de ar com temperatura controlada. Morremos debaixo de tetos.

Ou o papel de parede vai embora, ou vou eu.

Isso nos deixa mais agradecidos agora por rios, mais agradecidos pelo céu.

* * *

Avery acha que eles vão só sentar à margem do rio e conversar. Mas Ryan tem planos mais complicados do que isso; ele liga para a tia e pergunta se eles podem estacionar no quintal dela e pegar a canoa emprestada. Ela diz que sim, claro. Portanto, em vez de seguirem para a margem do rio, eles seguem para dentro dele. O barco é grande o bastante para dois, um na frente e outro atrás. A correnteza não é muito forte e o espaço entre as margens não é muito largo. Eles seguem correnteza acima sem falar muito, só comentando sobre as casas pelas quais passam, sobre as formas das montanhas contra o céu. Logo eles chegam a um trecho mais tranquilo e um canto mais raso.

— Aqui — diz Ryan. — Um ponto mais raso.

Eles guardam os remos e Ryan se vira de forma que eles fiquem de frente um para o outro.

— Oi — diz ele.

— Oi — responde Avery.

— Eu teria trazido equipamento de pesca, mas é tão, ah, cruel com os peixes.

— Eu sou vegetariano.

— Eu também.

Um sorriso.

— É claro que é.

Avery se inclina um pouco e abre os dedos dentro da água. A sensação de criar uma corrente, mesmo que pequena, é gostosa. O ar está leve e a água está silenciosa, com árvores que se inclinam sobre a margem para escutar as ondinhas. O barco balança delicadamente.

— Qual é a sua história? — pergunta Ryan.

Avery olha para ele, com a mão ainda na água.

— Minha história?

— É. Todo mundo tem pelo menos uma.

Por alguns minutos desconfortáveis, Avery fica com medo de Ryan achar que ele é mutante, que ele é uma piada, de querer que ele conte tudo. Mas Avery percebe, pela expressão de Ryan, que não, não é isso. Ryan está tentando criar uma conversa e quer que seja uma conversa importante. Afinal, o que é mais importante do que a história de uma pessoa?

— Posso começar se você quiser — oferece-se Ryan.

— Claro — diz Avery. — Você começa.

Pois é um pouco mais seguro assim. Avery não sabe como pode contar *uma* história sem contar *a* história, e quer ter

certeza de que Ryan estava mesmo procurando uma coisa grandiosa assim quando fez a pergunta.

— Tudo bem — diz Ryan. — Aqui vai.

Ele respira fundo de uma forma linda e nervosa, e expira o começo da história. Ele conta a Avery que quase todo mundo da família nasceu aqui e que quase todo mundo da família ficou aqui. Seu pai foi a grande exceção. Ele foi embora quando Ryan tinha 3 anos, e Ryan e a mãe ficaram presos naquela situação durante cinco anos, até ela conhecer o padrasto dele, Don. Ele não é ruim como padrastos costumam ser, mas também não é o que Ryan teria escolhido. É muito antiquado quanto ao que homens fazem e mulheres fazem. A mãe de Ryan não se incomoda com isso, ela gosta que ele mande em tudo. Mas Ryan se incomoda, sim. Eles tiveram dois filhos juntos, as meias-irmãs de Ryan, Dina e Sharon.

— Dina é um doce — diz Ryan — e Sharon vai crescer e virar um monstro. Ela só tem 8 anos, mas dá pra perceber. Se as coisas não forem como ela quer, o mundo tem que pagar por isso, sabe como é?

Avery assente, e Ryan continua.

— Pois é. Esse é meu passado. Eu cresci aqui e às vezes brigo com meus pais. Minha tia Caitlin salva minha vida diariamente. Tudo bem, estou exagerando. Ela salva minha vida toda *semana*. Ela percebeu logo que eu era gay. Minha mãe estava perdida demais em si mesma para perceber, e Don não queria ver, então ignorou. Caitlin esperou que eu falasse com ela. Eu tinha outras coisas em que pensar primeiro; Don,

minhas irmãs e como me encaixar em Kindling. A liga infantil, essas coisas. Mas acabei percebendo para quem eu olhava, e não era para as garotas. Vou ser sincero, quase surtei. Tentei gostar de garotas. Tentei mesmo.

— E como foi isso? — pergunta Avery, deixando a voz soar meio brincalhona.

Ryan finge dar um suspiro.

— Bem... eu saí com Tammy Goodwin durante quase um ano, no quarto ano. Foi sério mesmo. Compramos bichos de pelúcia um pro outro e tudo no dia dos namorados. Isso é praticamente casamento no quarto ano, né? Quando cheguei ao ensino médio, já sabia quem eu era. E quando contei pra Caitlin, ela não ficou nada chocada. Ela me trouxe pra este rio, nesta canoa, e conversamos sobre um monte de coisas. Ela não é muito mais velha do que eu, vai fazer 30 anos, e tem tanta sorte com rapazes quanto eu. Foi ela quem me convenceu de que eu não devia tentar me esconder. Disse que se esconder nunca dava certo. Disse que meu pai passou tanto tempo se escondendo que foi impossível para ele ser feliz aqui. Ele não é gay; acho que isso tudo faz parecer que ele é. Não é. Mas não queria ficar aqui. Nunca quis ficar aqui. Só não era forte o bastante pra contar pra minha mãe até ser tarde demais.

Ryan continua contando que não tem muitas notícias do pai agora. Só uma ligação de vez em quando. Ryan foi visitá-lo uma vez na Califórnia, e foi um desastre. Ele tinha 12 anos, mas o pai planejou a viagem como se tivesse 7.

— Ele se esforçou muito, mas do jeito errado. Achava que a Disneylândia podia deixar tudo melhor, sabe? Ficamos logo sem ter o que dizer. Mandeí um e-mail pra ele quando saí do armário pra todo mundo, e a reação dele foi uma das melhores que recebi. Ele me disse pra fazer o que eu quisesse. Mas parte de mim sentia que era fácil pra ele não se importar porque ele já tinha desistido de mim um tempo antes. Ele não estava tão envolvido quanto todo mundo.

Ryan para agora e fica envergonhado assim que sai da história.

— Nossa — diz ele. — Estou falando muito.

— Não — diz Avery. — Continua. Como as outras pessoas reagiram?

— Ah, você sabe. Mamãe chorou. Muito. Don ficou com raiva. Não de mim, na verdade. Mas do fabricante, por ter dado a ele um enteado defeituoso. Mas minhas irmãs aceitaram bem. E a maioria dos meus amigos. As primeiras reações de alguns foram meio assustadas, porque alguns dos garotos ficaram se perguntando se eu estava secretamente apaixonado por eles. E era verdade em um caso, mas não deu em nada. As garotas reagiram bem, até as religiosas. Bem, com uma exceção também. Os boatos inevitáveis começaram, e decidi que a única coisa a se fazer era confirmá-los, então tingi o cabelo e comecei a usar bottons LGBT na mochila e comecei a fundar uma aliança gay-hétero. Os babacas da escola tiveram as típicas reações babacas. Mas havia alguns outros garotos gays, então nós nos unimos. Namorei um cara,

Norris, por uns dois segundos, o tempo que demorou pra percebemos que a única coisa que tínhamos em comum era o fato de sermos gay. Nosso orientador na aliança, o Sr. Coolidge, é um cara super legal, e ele conseguiu realizar muitas coisas, inclusive o baile de ontem. Foi ideia dele. O baile gay. Fizemos contato com todas as alianças gay-hétero das redondezas. Foi assim que você ficou sabendo?

— Um amigo me marcou no evento do Facebook — diz Avery. — Nossa aliança gay-hétero é meio ruim.

— Ah, tanto faz o que levou você lá. Estou feliz por ter ido. Acho que é a última virada na minha história, não é?

Avery acha que parece uma responsabilidade ser parte da história de outra pessoa. Ele sabe que Ryan está dizendo de brincadeira, não de uma forma pesada. Sabe que Ryan está dizendo para mostrar que acabou de contar sua história, o que significa que é hora de Avery começar. Avery não sabe se Ryan já é parte de sua história, mas o motivo disso poderia ser que ele não sente que alguém possa ser parte verdadeira de sua história enquanto não ouvi-la e aceitá-la.

Eles estão vagando na água; não muito, só um movimento gradual. Avery percebe que sua mente se desvia para uma pequena parte da história de Ryan, um pequeno ponto de comparação. Quando ele emerge do breve pensamento, vê que Ryan o está observando, querendo saber o que ele vai dizer em seguida.

— Eu só estava pensando em você e sua tia nessa canoa — explica Avery. — Que deve ter sido legal conversar aqui. Pra

mim, sempre é um conselho de guerra na mesa da cozinha. Nós contra o mundo. Sempre elaborando um plano.

— Parece estressante.

— É, mas pelo menos todo mundo na minha casa está do mesmo lado. Sei o quanto tenho sorte por isso. E o quanto não tenho de outras formas.

— Não tem sorte como? — pergunta Ryan.

E chega a hora. É nesse momento que Avery precisa decidir o quanto deve contar, o quanto deve se abrir para Ryan. Como todas as outras pessoas, Avery considera seu mundinho pessoal um lugar assustador, complicado, inescrutável. Uma coisa é mostrar a alguém sua melhor e mais limpa versão. É bem diferente deixar que ele conheça seu eu profundo e irregular.

Aqui, à luz do dia, será que Ryan já reparou? Será que já sabe? Se sabe, não parece ligar. Ou talvez isso seja mais do que esperança da parte de Avery.

Chega, diz para si mesmo. Apenas fale com ele.

A primeira frase da verdade é sempre a mais difícil. Cada um de nós teve uma primeira frase, e a maioria de nós encontrou forças para proferi-la em voz alta para alguém que merecia ouvir. O que esperávamos e o que descobrimos foi que a segunda frase da verdade é sempre mais fácil do que a

primeira, e a terceira é mais fácil ainda. De repente, você está falando a verdade em parágrafos, em páginas. O medo e o nervosismo ainda estão lá, mas uma nova confiança se une a eles. O tempo todo, você usou a primeira frase como fechadura. Mas agora, descobre que é a chave.

— Eu nasci garoto no corpo de uma garota — começa Avery.

Mas ele para e observa a reação de Ryan. Que é de surpresa. Seus olhos se arregalam um pouco. Depois se apertam quando ele olha bem para Avery, quando percebe. Avery se sente um corpo em exposição.

Ou talvez Ryan só esteja esperando pela próxima frase.

— Continue — diz ele. Seu tom é encorajador.

— Acho que ficou óbvio pra todo mundo desde o começo. E meus pais são muito... liberais, eu acho. Praticamente hippies. Então eles tentaram fazer parecer que eu era normal. Ou pelo menos que estava passando por uma coisa normal. Agora, consigo ver a tensão e o quanto teria sido mais fácil para todos nós se eu não tivesse nascido menina. Mas eles nunca me fizeram surtar. Foram todas as outras pessoas que fizeram. Bem, nem todas. Algumas pessoas aceitaram bem. Mas muitas pessoas não. Passei muito tempo estudando em casa. Moramos em várias cidades tentando encontrar os médicos certos. Acabamos encontrando, assim como outros

integrantes da minha tribo. A maioria online. Mas meus pais e eu também frequentamos convenções. Começaram a me dar hormônios cedo para meio que me impedir de entrar no tipo errado de puberdade. Estou dando informações demais? Tenho certeza de que você não quer todos os detalhes.

Ryan se inclina na direção de Avery, e o barco balança de um lado para o outro. Avery se segura na lateral, e Ryan coloca a mão em cima da dele.

— Me conte o que você quiser contar — diz ele. — Tudo bem.

Avery treme e consegue sentir o tremor se espalhar pelo barco, pela água, até a superfície ficar calma de novo, até sentir os nervos ficarem calmos o bastante para continuar a falar. É muita coisa cedo demais, mas, agora que ele está falando, não pode parar. Está falando sobre hormônios e cirurgias que aconteceram e cirurgias que vão acontecer, e o tempo todo a única coisa que ocupa sua cabeça é se Ryan o vê como garota ou garoto. Agora que sabe, será que Avery ainda é um garoto aos olhos dele?

Ryan está medindo as palavras seguintes com cautela; na verdade, as está pesando, experimentando-as em pensamento, enquanto Avery fala. Não o culpamos. Sabemos que às vezes é difícil receber a verdade de alguém. Não tão difícil quanto contar, mas ainda difícil se você se importa com a maneira como sua resposta será recebida.

Finalmente, ele diz:

— Gosto do que for que torna você a pessoa que é. — É o tipo de coisa que sua tia Caitlin diria para ele quando ele estava tentando entender as coisas. E então, para mostrar que acha que essa não é a história toda de Avery, ele pergunta: — Você tem irmãos ou irmãs?

A conversa continua, e os deixamos conversando. Observamos de longe o barco vagando sem rumo por quase um quilômetro e meio, sem nenhum dos dois realmente perceber.

* * *

É possível dar palavras, mas não é possível tomá-las. E quando palavras são dadas e recebidas é que elas são compartilhadas. Nós lembramos como era isso. Palavras tão reais que eram quase tangíveis. Há conversas das quais vocês se lembram, sem dúvida. Porém, mais do que isso, há a sensação da conversa. Vocês vão se lembrar disso, mesmo quando as palavras precisas começarem a se apagar. Vão lembrar que deram, vão lembrar que receberam. O quanto se sentiram próximos dessa outra pessoa, o quanto essa proximidade foi incrível. O compartilhamento de palavras se torna tão importante quanto as palavras em si. A sensação fica com vocês, prende vocês ao mundo.

Foi ideia de Craig beijar assim. E, depois de meia hora, ele ainda não entende o que estava pensando.

Há muitas raízes nisso. Uma delas vai fundo e está diretamente ligada à sua infância, a todas as horas que ele passou lendo o *Guinness World Records* e sonhando com o dia em que estaria nele. Quanto mais estranho o recorde, melhor: a maior torta de cereja do mundo ou o homem que conseguia enfiar mais pregos na boca. Quando criança, ele deve ter pulado a seção de beijos. Nojento demais.

E tem a raiz que vai mais fundo, que vai direto ao local onde Tariq está com as câmeras e os monitores de computador, cada um preso a uma extensão ligada dentro da escola. Craig e Harry não eram amigos de Tariq antes de ele ser agredido. Apesar de todos já terem se assumido, eles não frequentavam os mesmos círculos. Mas, quando Craig e Harry souberam que ele estava no hospital, souberam o que tinha acontecido, sentiram a distância evaporar. Craig o vê no dia em que o visitaram em casa, o corpo uma coleção desconjuntada de hematomas, o sorriso habitual doloroso demais para ser mostrado. Craig chorou; bem ali, na sala da casa de Tariq, ele chorou e se sentiu péssimo. Tariq disse que estava tudo bem, que tudo estava bem, que não o tinham matado. Costelas cicatrizam. Hematomas somem. Mas Craig não conseguia parar de chorar. Não só porque Tariq estava ferido, mas porque era tão sem sentido, tão enormemente errado. Harry tentou consolá-lo, Tariq disse mais palavras tranquilizadoras, e Craig queria sentir *raiva*, queria sentir ira pura, mas era a

tristeza que tomava conta dele, uma tristeza extrema e impotente. Ele se recuperou naquele momento: parou de chorar, deixou Tariq dizer para eles o que queria dizer. Mas, nas semanas seguintes, a tristeza não ia embora. Na escola, ele conseguia se distrair, e, com Harry e Tariq, conseguia esconder. Mas, quando chegava em casa, a tristeza tomava conta dele. Porque sua família não sabia e não podia saber. Eles não dariam uma surra nele. Não quebrariam suas costelas. Ele sabia disso. Mas tinham outras formas de quebrá-lo: com silêncio, com decepção, com reprovação. Seu pai jamais aceitaria quem ele é. Nunca. E sua mãe acompanharia seu pai nisso. Eles tinham suas crenças, e suas crenças eram mais fortes do que qualquer crença que tinham nele. Talvez fosse desse poço que sua tristeza estivesse sendo tirada.

Ele sabia como era se afogar nela, sentir a tristeza subindo pelo pescoço, pela sua boca, pelos seus olhos. Por um longo tempo, pensou ter um demônio nos ombros, empurrando-o para baixo para que ele se afogasse mais rápido. O demônio gostava de garotos, o que mais queria era beijar um garoto. Craig não conseguia se livrar dele, por mais que desejasse, por mais que fizesse promessas a Deus. Mas então ele conheceu Harry, e de repente o demônio se revelou amigo. Ele ofereceu a mão para Craig, puxou-o para cima. Craig emergiu, ofegante, da tristeza; depois, montou uma represa para mantê-la longe. Não deixou Harry ver, assim como não deixou os pais verem. Tinha que ficar dentro dele, contido. Quando Harry terminou com ele, a represa despencou. Ele começou a se

afogar de novo, mesmo fingindo para Harry e os amigos que sabia nadar. Smita ficou de olho nele, e, de sua forma, Harry também. A amizade deles o ajudou a reconstruir a represa. Ele ainda tinha sua vida dentro de casa e sua vida fora de casa, mas estava quase acostumado com isso. Tudo estava sob controle. Até ele ver Tariq depois da surra e sentir no coração que esse era seu futuro, que dessa vez os demônios eram tão ruins quanto ele temia, e que acabariam vencendo.

Ele odiava se sentir assim. Odiava se sentir impotente. Refletiu sobre o que podia fazer. Como poderia se defender? Ele sabia que vingança não era uma opção. Não queria procurar os caras que deram uma surra em Tariq. Não queria puni-los. Mas tinha que haver alguma forma de mostrar ao mundo que ele era um ser humano, um ser humano igual.

Ele pensou em manifestações. Em gestos. Em fazer o mundo ver. Em seguida, pensou em recordes mundiais e teve a ideia do beijo.

Não havia nada nas regras que impedisse. Para o livro dos recordes, um beijo era um beijo, sem importar quem estava beijando. Os organizadores dos recordes só prestavam atenção para que as duas pessoas estivessem de pé o tempo todo, para que não fizessem pausas, para que os lábios estivessem sempre se tocando.

O único detalhe era que Craig não podia fazer isso sozinho, e ele sabia que a única pessoa com quem podia fazer era Harry.

Harry não hesitou. Achou uma grande ideia. E, quando os dois contaram a Tariq sobre o beijo, isso pareceu ajudá-lo a se afogar um pouco menos também. Harry era um sonhador, não um planejador, então Craig e Smita e Tariq eram os que precisavam decidir todos os detalhes de logística. Craig tinha certeza de que tinha esquecido algumas coisas, mas aqui estavam eles. Aqui estava ele. Beijando Harry. Smita foi implacável nas provocações: *Claro que há formas menos elaboradas de fazer com que seu ex beije você de novo.* Mas a questão não era essa. Ou, pelo menos, foi o que Craig ficou dizendo insistentemente para si mesmo. Era Harry porque eles eram da mesma altura (sem provocar esforço no pescoço), porque ele e os pais estavam a bordo, porque ele levava a sério, porque eles treinaram os corpos e mentes para isso de uma forma que só duas pessoas muito próximas podem fazer. Os lábios de Harry são tão familiares para Craig. Ele conhece esses lábios de cor. Mesmo assim, cada vez que eles estavam juntos, era um pouco diferente, cada vez era uma nova emoção. Esses lábios. Os braços de Harry ao redor dele. O equilíbrio dos dois juntos. Craig poderia se perder nisso se não houvesse a necessidade de continuar por mais 31 horas, se não houvesse gente assistindo, se envolvesse só ele e Harry, e não ele, Harry e o mundo. *Não pense nisso como um beijo nele,* dissera Smita. *Pense como sendo ficar trinta e duas horas de pé com os lábios juntos.* Mas como ele poderia não pensar naquilo como um beijo? Ele se lembra da primeira vez que Harry o beijou, inclinado sobre ele no cinema com os créditos

passando. Da surpresa da situação. Uma surpresa bem-vinda. O mundo todo se estreitando para essa interseção de pele e hálito. E depois se expandindo, maior do que antes. Um ofegar de beijo. Seu corpo se lembra disso. Mesmo agora. Ainda agora. Eles têm seus sinais: para pedir água, para pedir o celular, para pedir uma massagem, para cancelar tudo. Mas não há sinal para o que está sentindo. Não há como sua mão assumir a forma de um ponto de interrogação. Ele olha nos olhos de Harry, perguntando-se em que está pensando. Harry o vê, e Craig consegue sentir seu sorriso. Mas ele ainda não sabe o que isso significa, nem o que nada disso significa, exceto pelo fato de ir até o fim.

Há pouco menos de cem pessoas assistindo-os online; a maioria é de amigos de Harry e Craig com preguiça demais para irem ver pessoalmente. Alguns desses amigos passam o link para outros amigos. *Você precisa ver isso*, eles dizem. Mais algumas pessoas se conectam.

Dois garotos se beijando. Vocês sabem o que isso quer dizer.

Para nós, era um gesto tão secreto. Secreto porque sentíamos medo. Secreto porque sentíamos vergonha. Secreto porque era uma história que ninguém estava contando.

Mas que poder isso tinha. Quer nós disfarçássemos com a desculpa de *Você será o garoto e eu serei a garota*, quer chamássemos de forma desafiadora pelo nome correto, quando nos beijávamos era quando sabíamos o quanto era um gesto poderoso. Nossos beijos eram sísmicos. Quando vistos pela pessoa errada, podiam nos destruir. Quando compartilhados com a pessoa certa, tinham o poder da confirmação, a força do destino.

Se juntarmos armários suficientes, temos o espaço de um quarto. Se juntarmos quartos suficientes, temos o espaço de uma casa. Se juntarmos casas suficientes, temos o espaço de uma aldeia, de uma cidade, de uma nação, do mundo.

Sabíamos do poder particular de nossos beijos. Depois veio a primeira vez em que fomos testemunhas, a primeira vez que vimos acontecer abertamente. Para alguns de nós, foi antes de termos sido beijados. Saímos de nossas cidadezinhas, fomos para a cidade grande e, ali nas ruas, vimos dois garotos se beijando pela primeira vez. E o poder agora era o poder da possibilidade. Ao longo do tempo, não era só nas ruas ou nas boates ou nas festas que organizávamos. Estava no jornal. Na televisão. Nos filmes. Todas as vezes que víamos dois garotos se beijando assim, o poder aumentava. E agora... ah, agora. Há milhões de beijos para serem vistos, milhões de beijos a um clique de distância. Não estamos falando de sexo. Estamos

falando de ver dois garotos que se amam se beijando. Isso tem muito mais poder do que o sexo. E mesmo se tornando lugar-comum, o poder ainda está presente. Todas as vezes que dois garotos se beijam, o mundo se abre um pouco mais. Seu mundo. O mundo que deixamos. O mundo que deixamos para vocês.

Este é o poder de um beijo:

Ele não tem o poder de matar você. Mas tem o poder de trazer você à vida.

Ninguém está vendo Peter e Neil se beijarem. É só um beijo rápido quando eles saem do IHOP, antes de irem para casa. É um beijo cheio de maple, um beijo cheio de manteiga. É um beijo sem nada para provar. Eles não se preocupam com quem pode ver, quem pode passar por ali na hora. Não estão pensando em ninguém além deles mesmos, e até isso parece um pensamento posterior. É só parte de quem eles são juntos, uma coisa que eles fazem.

Enquanto anda pelos corredores do Walmart, Cooper não pensa em beijar. Ele está navegando pelo aplicativo e

conversando com estranhos, e beijar não está na mente de nenhum deles. Ele entrou na loja porque estava ficando cansado do interior do carro, estava se sentindo idiota sentado no estacionamento com mães e idosos desfilando na sua frente com carrinhos de compras. Agora, ele anda pela loja enquanto sua mente se fragmenta em telas e janelas, torsos e sedução, informações e pedidos. A maior parte dos caras são mais velhos do que ele, alguns muito mais. Cooper ignora os muito mais velhos, mas isso ainda deixa muitas opções.

— Oi, Cooper.

Ele nem reconhece o próprio nome no começo. Tem um cara dizendo para ele todas as coisas que quer que ele faça com a boca, e tudo que Cooper precisa fazer é digitar *Sim* e *Uau* e *Ah*, cara para que o homem continue.

— Cooper?

É a segunda vez que a pessoa fala, e ele ergue o olhar e vê uma garota chamada Sloan, da escola, olhando para ele de um jeito estranho. *Merda*, pensa ele, e enfia o celular no bolso.

Sloan ri.

— Você estava superconcentrado. Não quero interromper.

Cooper se pergunta o que ela viu. Era só uma tela de bate-papo. Sem fotos. Ela não está perto o bastante para ter lido, certo?

— Não era nada — murmura ele.

— Ah, sei tudo sobre sua vida secreta, Cooper.

Cooper sente que vai deixar alguma coisa cair, e nem está segurando nada. Sloan estuda com ele em algumas matérias.

Às vezes, compartilham a mesa de almoço. Ele nunca a vê fora da escola. Como ela poderia saber de alguma coisa?

— Você é o policial disfarçado do Walmart, não é? Em busca de adolescentes delinquentes como eu. Meu delineador me torna uma grande suspeita de ser praticante de furtos. Sei o tipo de perfil que se tem aqui.

Cooper não sabe o que dizer.

— Interpreto seu silêncio como concordância. — Sloan levanta das mãos. — Verifique meus bolsos se precisar.

Por que ela simplesmente não vai embora? O telefone de Cooper está vibrando loucamente no bolso, e ele imagina que ela consegue ouvir cada vez que isso acontece.

Ela abaixa as mãos. Já captou a mensagem de que Cooper não entrou na brincadeira.

— Mas falando sério — diz ela. — O que você veio fazer aqui?

Ele quer muito que ela vá embora. Por isso, dá as respostas mais curtas possíveis.

— Compras.

— De quê?

— Gasolina.

— Gasolina?

Ele se sente idiota. Por que disse isso?

— Para a churrasqueira.

— Porque vai esquentar amanhã?

— Claro.

Esse é o problema de erguer uma barreira entre você e todo mundo: você vê, mas as pessoas não. Elas falam com você, mas você não consegue falar com elas. Elas se importam com coisas como o tempo e o que você foi comprar, e você não se importa com nada. É tão óbvio para você, mas é irritante o fato de que elas não entendem. Só acentua que o defeituoso é você, que quem não consegue ser normal é você, que quem precisa sofrer enquanto todo mundo vive suas ilusões é você. Nós sabemos. Já passamos por isso.

Se Sloan fosse sua amiga, ela veria que alguma coisa estava errada. Se Sloan fosse sua amiga, ela se sentiria à vontade para perguntar o que havia de errado. Mas Sloan não é sua amiga. É só uma garota que ele conhece. Um contato. Seu celular está descontrolado no bolso. Sloan olha para ele de um jeito engraçado. Por fim, ela diz:

— Tudo bem, Sr. Social. Até segunda. Boa sorte com a churrasqueira.

— Até segunda — diz Cooper.

Ele até tenta falar como se mal pudesse esperar. Porque isso vai fazer com que ela suma mais rápido.

A barreira permanece. Sloan segue em frente, e Cooper tira o celular do bolso. Os caras nem perceberam que ele não estava lá. Cooper olha para as conversas, ainda tentando encontrar o cara com quem realmente quer se encontrar.

Tantos homens e garotos com seus computadores, tantos homens e garotos com seus celulares. Todos atrás da onda similar à de uma droga, de fazer uma coisa aventureira, de fazer uma coisa que eles consideram ousada. Tantos homens e garotos se fragmentando, torcendo para que seus fragmentos sejam montados de novo do outro lado. Tantos homens e garotos experimentando essa nova forma de gratificação. Tantos homens e garotos ainda solitários quando a onda passa e os aparelhos estão desligados e eles ficam sozinhos com eles mesmos de novo.

Existe um termo para isso.

A palavra é *limbo*.

* * *

É melhor estar à deriva em uma canoa. É melhor puxar para trás o cabelo quando cai nos olhos. É melhor saber que tudo que você diz é verdadeiro. É melhor saber que tudo que você diz é ouvido.

Ryan pergunta a Avery sobre o cabelo rosa.

— Eu sei, é uma escolha estranha de cor, né? Pra um garoto que nasceu garota e quer ser visto como garoto. Mas pense bem: só mostra o quanto o sexo é arbitrário. Rosa é feminino, mas por quê? Garotas são mais cor-de-rosa do que garotos? Garotos são mais azuis do que garotas? É uma coisa que vivem nos dizendo, principalmente pra que as outras

coisas possam ser vendidas pra nós. Meu cabelo pode ser rosa porque sou garoto. Seu cabelo pode ser azul porque você é garota. Se você se livrar de toda a merda idiota e arbitrária com a qual a sociedade controla a gente, vai se sentir mais livre, e, se você se sentir mais livre, vai se sentir mais feliz.

— Meu cabelo é azul porque gosto de azul — diz Ryan.

— E o meu é rosa porque gosto de rosa. Mas não pretendia dar sermão em você. É que me deixa furioso. Toda a merda idiota e arbitrária.

— Faz você querer detonar o mundo.

— Diariamente.

Merda idiota e arbitrária. Sabemos o que Avery quer dizer, e também sabemos que ele não sabe o peso total do mal que isso faz, nem o desespero que pode causar. Ele não sabe como um único fato sobre um ser humano pode significar que ele e milhares de outros como ele vão morrer, porque ninguém quer falar sobre a doença que os está matando, ninguém quer gastar dinheiro para que eles não morram. *Merda idiota e arbitrária* significa que o presidente dos Estados Unidos pode esperar seis anos até dizer o nome da doença. *Merda idiota e arbitrária* significa que é preciso que um astro do cinema morra e um adolescente hemofílico morra para que as pessoas comuns comecem a se mobilizar, comecem a sentir que a doença precisa ser impedida. Dezenas de milhares de pessoas vão morrer antes que os remédios sejam feitos e os remédios sejam aprovados. Que sensação horrível é essa a de saber que, se a doença tivesse afetado primariamente presidentes de

associações de pais e mestres, ou padres, ou garotas brancas adolescentes, a epidemia teria acabado anos antes e dezenas de milhares, se não centenas de milhares de vidas seriam salvas. Não escolhemos nossa identidade, mas fomos escolhidos para morrer por meio dela. Por motivos idiotas e arbitrários incutidos por pessoas que se recusavam a ver o quanto eram arbitrários. Acreditamos na ética da reciprocidade, mas também acreditamos que as pessoas não são capazes de viver à altura dela de tempos em tempos. Porque elas são vítimas das diferenças. Porque algumas pessoas usam o que é arbitrário de forma deliberada, para manter o próprio poder.

Não colocamos o peso disso nas costas de Avery. Por que iríamos querer fazer isso? Há a esperança de que o mundo fique menos idiota, menos arbitrário com o passar do tempo. A coisa boa sobre o progresso humano é que ele tende a seguir em uma direção, e mesmo um tolo que olha a diferença entre cem anos atrás e agora consegue ver que direção é essa. Segue como uma flecha, como um sinal de igualdade.

Enquanto isso, ficamos alerta. Mortes como a nossa nos ensinam a ficar alerta.

Avery olha para o rio, olha para Ryan do outro lado do barco.

— Mas o mundo visto daqui não é tão ruim — diz ele. — Este é um mundo no qual consigo viver.

É isso o que as pessoas certas conseguem fazer. Elas conseguem fazer você ver esse mundo melhor.

Há coisas que eles não estão dizendo, é claro. Ryan teve um distúrbio alimentar sério quando tinha 13 anos, na mesma época em que saiu do armário, a ponto de a enfermeira da escola mandar que procurasse ajuda. Nem os pais dele sabem, porque ele fez a enfermeira e o orientador jurar que não contariam. E Avery não está anunciando o fato de que nunca foi além de uma pegação leve e que a ideia de sexo o apavora. Ryan não vai contar (ainda) sua determinação de ir para bem longe fazer faculdade e nunca mais voltar a Kindling, nem mesmo para casamentos e enterros. Avery não vai contar os detalhes das coisas bobas que fez para Freddy Dickson gostar dele, nem que, quando tudo deu errado de forma absurda, ele se cortou pela primeira e única vez na vida. Nem tudo precisa ser dito de uma vez. Compartilhar a verdade não é o tipo de presente que vem embrulhado em papel colorido, que você rasga uma vez e pronto, acabou. Não, esse é um presente que precisa ser desvendado. Já basta começar a contar. Já basta ter o começo e sentir que é um começo.

* * *

Harry está beijando Craig há 47 minutos e está impressionado com o quanto é fácil. É fácil estar beijando Craig de novo, mas sem o drama de eles serem namorados. Tudo é muito mais tranquilo agora. Bem menos delicado. Ele sabia o tempo todo que eles chegariam a isso, que teriam isso. Quando estava

acabando, quando a parte de ser namorado estava chegando no final, ele foi bastante cuidadoso na escolha de palavras. Não queria dizer *Vamos ser amigos* nem *Espero que possamos continuar sendo amigos*, porque isso fazia a amizade parecer um prêmio de consolação, a medalha azul para a qual olhar distraidamente quando outra pessoa leva a taça de ouro para casa. Não, o que ele disse foi: “Acho que você e eu vamos ficar ainda mais próximos e que seremos melhores juntos e significar mais um para o outro se formos melhores amigos em vez de namorados.” Ele sabe que Craig ainda sofre e sabe que Craig demorou um tempo para se ajustar, mas estava certo, não estava? Eles jamais teriam feito essa tentativa se fossem namorados. Eles jamais teriam durado tempo suficiente para chegar aqui. E ele não teria durado nem 45 minutos se quisesse fazer outra coisa além de beijar Craig, se ele ainda o excitasse. Talvez tenha havido alguma coisa no começo, mas agora está tudo se normalizando. Ele está feliz por Craig não conseguir ler seus pensamentos, porque sabe que poderia ser visto de forma negativa, embora seja um elogio. Há momentos em que Harry fica tão excitado, com tanto tesão, que seria capaz de dormir com qualquer coisa. É preciso muito controle para perceber o mal que isso pode fazer e não se aventurar em lugares onde não se deve ir, mesmo quando você está excitado. Ele e Craig se divertiam, claro, mas a questão principal nunca era sexo. E agora, Harry precisa parar de pensar em sexo, porque seu corpo está começando a... reagir. Assim, ele pensa em outra coisa; se deveria pedir um gole de água. Eles podem

tomar um pouco, mas só por um canudo e com os lábios ainda se tocando. É difícil, mas dá para ser feito. O problema é que, se ele beber agora, corre o risco de precisar urinar mais tarde. E ele quer muito evitar isso. Essa é outra das regras: nada de fraldas, nada de trapaga no quesito banheiro. Se ele precisar fazer xixi, vai ter que botar para fora e fazer na grama, ou só deixar vazar na calça. Nenhuma das opções é atraente, e a questão do tesão está totalmente apagada da sua mente agora. Craig aperta seus braços, sente que ele está divagando. Bom gesto. Ele precisa se concentrar no beijo. Em não se soltar do beijo. A pior coisa que ele pode fazer é divagar. Há pessoas em volta, mas ele não pode se virar para olhá-las. Precisa se concentrar em Craig. E talvez nas pessoas às costas de Craig. E só. Ele ama Craig, isso é verdade. E o motivo principal para não querer fazer besteira agora é porque quer que Craig alcance seu objetivo. Ele quer fazer isso por Craig. Porque significa mais para ele. Harry não sabe por quê. Talvez por ter sido ideia de Craig, talvez porque ele precisa mais de uma coisa assim. Sim, deve ser isso. Craig precisa mais de uma coisa assim.

Um pequeno grupo começa a se reunir. Pessoas da cidade que estão passando e querem saber o que está acontecendo na escola. Alunos do ensaio da peça; alguns sabiam que isso

estaria acontecendo, mas outros estão descobrindo agora. Mykal está organizando os amigos e outras pessoas que eles conhecem para espalharem a notícia, para que eles possam ter uma torcida. Algumas pessoas, a maioria adultos, ficam curiosas ao ponto de irem olhar, depois ficam enojadas quando descobrem o que é.

— Os pais deles sabem? — pergunta uma mulher que está passeando com o poodle. — Como puderam deixar uma coisa assim acontecer?

— Os pais estão aqui — responde a Sra. Ramirez com irritação.

A mulher balança a cabeça e sai andando.

Outras pessoas, a maioria adolescentes, perguntam como podem ajudar. Muitas fotos são tiradas com muitos celulares.

Um dos garotos que se oferece para ajudar tem 11 anos. Seu nome é Max e o pai o levou para ver.

Max é uma maravilha para nós. Ele nunca vai precisar sair do armário porque nunca vai precisar se esconder dentro de um. Apesar de ter mãe e pai, eles disseram para ele desde o começo que um casal não precisava ser de mãe e pai. Podia ser de mãe e mãe, pai e pai, só a mãe, só o pai. Quando os primeiros sentimentos de Max ficaram claros, ele não pensou duas vezes sobre eles. Não vê isso como algo que o define. É só uma parte da definição.

O que Max vê quando olha para Harry e Craig? Vê dois garotos se beijando. Mas não é a parte dos dois garotos que o

leva a fazer uma pausa. É o beijo. Ele não consegue imaginar querer beijar alguém por tanto tempo.

Espere só, nós temos vontade de dizer para ele. Apenas espere.

* * *

Depois das panquecas, Neil e Peter convencem a mãe de Peter a levá-los até a Clinton Bookshop. Há livrarias mais próximas, mas eles estão com vontade de passear de carro. No caminho, eles não falam muito, mas o relacionamento chegou ao ponto em que o silêncio é confortável, não ameaçador. O silêncio só faz mal quando há coisas que não estão sendo ditas, ou quando há medo de que o poço esteja seco e não haja mais nada a ser dito. Nenhuma das duas coisas é o caso agora. Eles ainda têm muita coisa a dizer um para o outro, só nada a dizer agora.

Na livraria, Neil procura uma biografia volumosa para dar de presente de aniversário para o pai enquanto Peter olha a seção de literatura jovem. É lá que o celular de Peter vibra, e ele vê uma mensagem de Simon, seu amigo do grupo de debate. Tem um link junto.

Peter dá uma olhada e procura Neil.

— Quer ver uma coisa incrível? — pergunta ele, e mostra a mensagem a Neil, depois clica no link. — São dois garotos

em Millburn. Estão tentando quebrar o recorde mundial de beijo mais longo.

Neil olha para a transmissão pixelada no celular.

— Conhecemos algum deles?

— Acho que não. Mas não é legal?

Neil acha legal. Mas sua mente se prende em uma coisa que ele não acha nada legal.

— “Oi, lindo”? — pergunta ele.

Peter não entende.

— O quê?

— Foi o que Simon falou no começo da mensagem de texto. “Oi, lindo.”

— É só o jeito que Simon fala.

— Só estou fazendo uma observação.

— Ceeeeeeeeerto.

— Não me responde assim.

— Temos mesmo que ter essa conversa de novo?

— Por que você não me diz, *lindo*?

— Ele é só um amigo paquerador. Nós dois temos amigos assim.

— É, mas as minhas são *meninas*.

— Clark? Clark é menina?

— Clark não é paquerador. É científico demais pra ser paquerador.

— Ele acha que parceiros de laboratório deveriam ter direitos completos de casamento.

— A única coisa que Clark já chamou de lindo na vida foi uma equação de álgebra.

— Ah, mas ele adoraria ver o x dele correspondendo ao seu y .

— Espera, como é que isso passou a ser sobre o Clark? Pelo que me lembro, era sobre o Simon.

— Simon é inofensivo.

— Simon te chamou de lindo e te mandou um link com dois caras se beijando.

— Ah, é? Com tantas coisas a falar, é *isso* que você escolhe?

Eles falam um pouco alto demais. Não reparam no vendedor atrás da bancada sorrindo. Ele sabe bem que todo relacionamento cai nesse tipo de discussão em algum momento.

Neil não acha que Peter o esteja traindo. Não acha que Peter o trairia. Não é esse o problema. O problema é o medo de que Peter *queira* traí-lo, que um dia perceba que tem gente melhor por aí.

Peter é jovem demais e não entende isso. Ele acha que Neil está sendo bobo, meio paranoico. Não fez nada de errado e fica chateado por ser acusado.

— Olha — diz ele —, acho que precisamos nos afastar por um segundo. Vou tomar um café lá fora. Você quer alguma coisa?

Neil balança a cabeça.

— Tudo bem. Volto em alguns minutos. E espero que seja o tempo necessário pra você perceber que, mesmo se um milhão de outros caras disserem “oi, lindo” pra mim, isso não muda quem somos, nem um pouco.

— Um milhão? Quem falou sobre *um milhão*?

— Por acaso tem muita gente que usa “oi, lindo” como cumprimento quando eu estou envolvido.

— Bem, você é lindo. Com isso eu tenho que concordar. Deve ser o *oi* que me incomoda. É tão *comum*. É o jeito de falar com cavalos. E você é lindo de uma maneira tão incomum e não cavalar.

Peter percebe que essa última virada na conversa significa que as coisas com Neil estão começando a melhorar, mas, agora que ele falou em café, quer tomar um. Portanto, ele sai, compra um *iced latte*, toma em poucos goles (tem cubos de gelo demais) e volta para a livraria. Encontra Neil ainda na seção de literatura jovem, com os braços cheios de livros.

— Uau — diz Peter. — Você vai precisar ficar de repouso na cama, por acaso?

Neil coloca os livros em uma mesa e cala Peter com um dedo nos lábios dele.

Então, ele pega o primeiro livro e levanta, para que Peter possa ler o título.

Eu não pretendia dizer isso

Peter fica em silêncio. E observa Neil mostrar os livros, um a um.

Apenas escute

Fique

É você que eu quero

Bem mais perto

Onde quero estar

A diferença entre mim e você

Positivamente

Combinada

Perfeita

Extraordinário

Você está aqui

Onde é meu lugar

Eu estarei lá

A caminho do verão

O futuro de nós dois

Namorados de verdade

Continue firme

Quando Neil acaba, Peter sorri e levanta a mão, em um gesto para o namorado esperar ali e não dizer nada. Ele pega dois livros na seção de literatura jovem e corre até a seção de ficção adulta para pegar um terceiro. Ainda está sorrindo quando volta até Neil e mostra suas seleções, uma a uma.

Eu agradeço

Até um cego consegue ver o quanto eu te amo

Continue firme

Peter faz uma pilha com seus livros e tira uma foto das lombadas para mandar para Neil. Neil faz o mesmo para Peter. Eles colocam alguns dos livros de volta nas prateleiras e compram alguns. (Comprariam todos se tivessem dinheiro para isso.)

Enquanto eles andam pela loja, enquanto a atravessam em ordem alfabética e por tópicos e por arcanos, somos lembrados de livrarias aonde fomos, de cafés e sex shops e Barneys e de Piggly Wiggly, de todos os corredores onde conduzimos relacionamentos, de todas as conversas que foram partes das conversas agregadas do nosso amor.

Só quando eles voltam para o carro da mãe de Peter é que Neil se lembra dos dois garotos se beijando em Millburn. Com a permissão de Peter, Neil pega o celular dele e clica de novo no link.

Nenhum dos dois consegue acreditar. Bem ali, na cidade ao lado, tem dois garotos se beijando há horas em frente à escola.

— Não é um sábado qualquer — diz Peter.

— Não — concorda Neil. — Nem um pouco.

* * *

Cooper teve que sair do Walmart depois de dar de cara com Sloan, e agora está em um Starbucks a algumas cidades de distância. Está cheio de pessoas que são do mesmo tipo que frequenta sua escola e moram em sua cidade, mas não são as mesmas pessoas. Cooper se sente anônimo e acha ótimo.

Ele está variando entre três aplicativos de encontros e vendo muitos dos mesmos caras em cada um deles. Homens de 47 anos que querem que ele vá até a casa deles. Garotos de 18 anos que querem flertar sem objetivo. Homens de 29 que querem saber do que ele gosta. Ele nunca começa as conversas. Nunca os escolhe. Significa mais se eles forem até ele, porque isso quer dizer que é desejável. E, se ele é desejável, está no controle.

Achamos que ele é novo demais para saber disso. Mas ele sabe. É uma coisa que se aprende em uma idade bem menor hoje em dia.

Até agora, ele já tem mais de dez mensagens no celular, todas dos pais. Do telefone fixo. Dos celulares dos dois. Ele não vai ouvi-las e não vai ligar para eles. Está bloqueando tudo. Está do outro lado da barreira. Ele não sabe onde vai dormir esta noite, mas a noite nem chegou ainda, não é? Ele tem certeza de que algumas pessoas veriam isso como negação, mas não é. Ele não liga. Para poder ser negação, você tem que se importar ao menos um pouco.

Tudo o que ele sente é o vazio entediante do mundo sem graça. E ninguém o entendia mais do que ele mesmo. Ele olha de novo para os homens nos aplicativos, e desta vez surgiu um

novo. De 23 anos. Bonito. O apelido dele é Antimatéria. Seus dados são os dados certos. Sua descrição diz *Tentando encontrar a força certa em meio a todo o caos*.

Cooper espera cinco minutos. Ele quer que Antimatéria faça contato primeiro. Mas está impaciente. Depois de cinco minutos, ele pensa: *Tudo bem*.

E dá o primeiro passo.

A pergunta na mente de Avery é se eles vão se beijar ou não.

Eles estão no barco há umas duas horas. Já conversaram, já remaram, já conversaram mais. Quando o sol chega mais perto do horizonte, fica mais quente. A canoa é de metal e está ficando quente ao toque. Eles não levaram nada para beber nem comer, e o sol está começando a deixá-los com sono. Avery queria que o barco fosse amplo o bastante para eles se sentarem lado a lado. É tão mais fácil dar um beijo em alguém que está ao lado.

— Acho que estou começando a assar — diz Ryan. — Devíamos voltar.

Avery concorda. Eles começam a remar, e Avery se assusta com a satisfação que sente ao deslizar pela água, com o quanto é gratificante empurrar a resistência, sentir o esforço dos braços. Ele ainda está longe de sentir orgulho do corpo, mas às vezes um movimento faz o efeito certo.

O ar esfria com o movimento, mas seus corpos permanecem quentes. Eles encontram o ritmo e remam em sincronia. Nenhuma palavra precisa ser dita.

Quando voltam para a doca, os dois precisam limpar o suor da testa. Ryan sai primeiro e prende o remo. Em seguida, estica a mão para Avery. Apesar de estar quente e suado, ele aceita. Ryan o puxa para a doca e continua segurando-o. Eles ficam ali, com a canoa estalando contra a madeira na corrente delicada.

— Foi divertido — diz o garoto de cabelo azul.

— Foi — responde o garoto de cabelo rosa.

Essas palavras são inadequadas.

Ryan continua segurando a mão de Avery enquanto amarra a popa. Depois, se levanta e vira os corpos dos dois até eles ficarem cara a cara, com os pés se tocando.

— Ei! — grita uma voz; é a tia de Ryan, saindo da casa. — Como estava o rio?

Ela chega mais perto e vê que eles se afastaram um pouco, mas ainda estão de mãos dadas. Eles não estão se olhando agora; estão olhando para ela.

— E então, Ryan — diz ela —, você não vai me apresentar pro seu amigo? Imagino que vocês devam estar com sede. Tenho a coisa certa.

A coisa certa.

Mais uma hora se passou, e Harry e Craig continuam o beijo. Mais pessoas se reuniram. O Sr. Nichol, professor de ciências, assume o lugar da Sra. Luna. Agora há 2 mil pessoas vendo a transmissão ao vivo. Tariq entrega a Harry e Craig seus celulares para eles poderem usar o Twitter e responder aos comentários nas redes sociais. O evento já é global. Tem pessoas na Alemanha dando apoio; um garoto em Helsinque fez um cartaz que diz VAMOS, BEIJOQUEIROS, VAMOS! Alguns blogs gays souberam do que está acontecendo. A notícia está se espalhando.

Harry adora responder aos comentários. Mas está mais preocupado com o fato de seus pés estarem começando a doer, e só 4 horas se passaram. Ele se apoia em Craig e os balança. O sol começa a bater sobre eles, e ele faz uma forma de U com a mão para Smita ir até lá segurar um guarda-chuva sobre as costas dele, tomando o cuidado de não atrapalhar a câmera. (Há outras de outros ângulos, mas todo mundo acha importante que a transmissão principal só seja bloqueada em caso de emergência.) Ele e Craig estão usando meias de velhos para tentar manter o sangue circulando nos pés. Mas a questão é que ficar de pé por tanto tempo não é algo natural para o corpo. Ele já sente como se estivesse em um show e sete bandas de abertura tivessem tocado.

A música “Dream a Little Dream of Me” começa a tocar na lista de Tariq, o que faz Harry pensar no filme *Delicada Atração*, como Tariq devia saber que aconteceria. Harry consegue sentir o sorriso de Craig sob os lábios e sabe que ele

deve estar pensando a mesma coisa. Como confirmação, Harry sente um dedo de Craig nas costas, fazendo a letra *D* e depois a *A*. Eles começam a se mexer e a dançar devagar. É bom mover as pernas. Smita dá um passo para trás com o guarda-chuva, e Tariq se aproxima e começa a dançar com ela. O Sr. e a Sra. Ramirez também se aproximam. Outras pessoas parecem querer participar, mas Rachel, que está tomando conta das câmeras, diz que elas precisam ficar longe, não atrapalhar. A policial designada para cuidar de tudo se oferece para colocar uma fita de isolamento. Rachel diz que pode ser boa ideia, mas pergunta se dá para evitar uma com a palavra *cuidado*. A policial diz que vai ver o que pode fazer.

Harry acha tão gostoso dançar. E fica feliz de ver os pais sorrindo enquanto dançam. Ele quer cantar junto, mas sabe que não pode. Assim, aperta Craig de leve, e eles percorrem um círculo lento. Os olhos de Craig estão fechados, os de Harry estão abertos.

E é assim que Harry vê primeiro.

Craig sente Harry parar. Sente Harry apertá-lo mais. Ele faz um ponto de interrogação nas costas de Harry. Mas ele não tem como responder. Ele só beija Craig mais de perto, coloca a mão na sua nuca, avisando-o para manter a concentração, avisando-o para não se virar.

E então, Craig escuta. Seu nome. A voz da sua mãe. Seu nome.

Todos nos viramos para ela. Ela é uma mulher pequena, que até dez minutos atrás achava que Craig tinha ido acampar durante o fim de semana. Ela parece mais confusa do que zangada, e desejamos que houvesse um meio de explicarmos para ela. Temos vontade de puxá-la de lado e contar tudo que sabemos, tudo que nossas mães fizeram de errado, tudo que nossas mães fizeram certo. *Seu filho está vivo*, é o que temos vontade de dizer. *Seu filho está vivendo*.

Ela não entende por que ele não responde. Não entende por que continua beijando aquele outro garoto apesar de ela estar bem atrás dele, dizendo seu nome.

— A Sra. Meehan me ligou e começou a falar comigo, e eu não tinha ideia do que ela estava dizendo...

Craig tem vontade de se virar. Tem vontade de explicar. Mas sente a mão de Harry na nuca. Lembra por que está aqui. Eles já ficaram tanto tempo. Não pode voltar para o começo.

— *Craig*.

A voz de sua mãe está falhando.

É Smita quem dá um passo à frente. Ela solta o guarda-chuva e anda até a mãe de Craig.

— Ele não pode falar nada — diz ela. — Eles precisam continuar se beijando.

A mãe de Craig conhece Smita. Conhece Smita há muito tempo. Smita é a única coisa que faz sentido para ela agora. Ela só entende a multidão vagamente, as câmeras.

— O que está acontecendo? — pergunta ela, com a voz frágil e delicada.

Não era assim que ela deveria descobrir. Craig sente lágrimas surgindo nos olhos. Tenta impedi-las. Mas é demais. Elas escorrem por suas bochechas. Harry o segura com firmeza. Craig treme, e Harry aperta mais os lábios nos dele. Não era para ser assim. Ele tinha imaginado contar para eles depois. Ele acreditou que daria para manter segredo até acabar. Ele teria seu grande feito e depois poderia contar para eles. Imaginou-se sentado com todas na sala, os pais e os irmãos no sofá e ele de pé na frente deles, contando tudo, como quando era pequeno e fazia um show para eles antes da hora de dormir. Assim, independentemente do que acontecesse, não poderiam tirar isso dele, não poderiam apagar nada do que ele fez.

Mas ele não pensou na família. Em como seria estar naquela plateia. Ele percebe isso e fica chocado. Não pensou nem um pouco neles. Poucos de nós pensaram. Era *nossa* revelação. *Nosso* evento. Como poderíamos saber que eles também tinham direito a sentimentos? Eles não tinham o direito de nos negar nada. Mas tinham todo o direito de ter sentimentos.

Ele entende isso só com o som da voz dela. Pela forma como ela disse o nome dele.

Os pais de Harry não conhecem os pais de Craig. A mãe de Harry vai até a mãe de Craig e se apresenta. Ela e Smita tentam contar o que está acontecendo. Elas contam sobre o

recorde mundial. Contam o que Craig e Harry estão tentando realizar.

— Mas não estou entendendo — diz a mãe de Craig, também chorando agora. — Não estou entendendo.

Craig não consegue suportar. Ele abre os olhos e olha para Tariq, que também está com lágrimas nos olhos. Faz mímica de escrever. Tariq procura uma caneta e papel. Corre até Craig. Todas as coisas que Craig tem a dizer se resumem a uma coisa essencial. É o detalhe que nem Smita e nem a Sra. Ramirez podem dizer. Está inserido em tudo que elas estão dizendo, mas elas não podem explicar para a mãe de Craig, não podem deixar claro.

EU SOU GAY, MÃE. EU SOU GAY.

Craig gira seu corpo e o de Harry para ficar de frente para a mãe. Em seguida, levanta o papel com mãos trêmulas. Ele vê os olhos dela quando ela entende. E, rapidamente, escreve outro bilhete.

NÃO POSSO PARAR AGORA. ME DESCULPE.

Ele não está pedindo desculpas por ser gay, mas sim pela maneira como ela descobriu. Ou talvez não exatamente *descobriu*, pois ela não parece completamente surpresa pela revelação, só pela forma como está sendo revelada. Só pela

forma como está sendo confirmada. Ela está perguntando a Smita se aquele é o namorado de Craig, e Smita, pobre amiga, não sabe qual é a melhor resposta, então escolhe a verdade e diz que não, que não se trata disso. Harry e Craig são amigos. Estão se beijando para mostrar ao mundo que não tem problema dois garotos se beijarem.

O Sr. Ramirez traz uma cadeira para a mãe de Craig se sentar.

— É muita coisa pra absorver — diz ele.

Nesse ponto, algumas de nossas mães teriam rido, teriam dito *Esse é o maior eufemismo do ano*. Outras teriam dito *Foda-se* e saído furiosas. Mas outras fizeram exatamente o que a mãe de Craig faz agora: ficaram em silêncio, envoltas completamente pelo som de seus pensamentos, que não podem ser ouvidos de fora. A Sra. Ramirez tenta segurar a mão dela, dar apoio. Ela afasta a mão.

Craig está se virando, um mero espectador em um dos momentos mais importantes de sua vida. Harry compreende isso e afrouxa o abraço. *Se você precisar parar, tudo bem*. Mas o que Craig pode dizer? E, se ele deixar tudo de lado agora, tudo isso vai ter sido por nada. Ele deixa o papel e a caneta caírem na grama. Passa os braços ao redor de Harry e puxa-o para um beijo de verdade, de coração. Suas lágrimas escorrem pelo rosto, para dentro das bocas deles.

Não me solte.

Os espectadores comemoram. Craig e Harry tinham esquecido que eles estavam ali.

Tariq não aguenta. Sente que, de alguma forma, é sua culpa também.

Ele se coloca bem na frente da mãe de Craig e diz:

— Você precisa amá-lo. Não importa quem você pensou que ele fosse e nem quem quer que ele seja, mas você precisa amá-lo exatamente como ele é porque seu filho é um ser humano incrível. Você precisa entender isso.

E a mãe de Craig sussurra em resposta:

— Eu sei. *Eu sei.*

Desta vez, é Smita quem segura a mão dela, e ela não a afasta.

— Está tudo bem — diz Smita. — Ele está bem. Tudo está bem.

Harry consegue sentir Craig ficando pesado e o segura. Toda aquela tensão é liberada de repente em soluços. Harry fica com a boca sobre a de Craig.

Eles não param o beijo.

Alguns de nossos pais estavam sempre do nosso lado. Alguns de nossos pais preferiram nos banir em vez de verem como realmente éramos. E alguns de nossos pais, quando descobriram que estávamos doentes, pararam de ser dragões e passaram a ser matadores de dragões. Às vezes, é preciso isso, a

batalha final. Mas deveria ser preciso bem, bem menos do que isso.

* * *

Durante 14 minutos, ela fica sentada na cadeira. Vendo o filho. Vendo o filho beijar outro garoto. Smita não sai do lado dela, mas também não tenta falar com ela. Deixa que absorva. Deixa que sinta tudo.

No começo, Craig não consegue encarar a mãe. Ele e Harry ficam de um jeito que ela veja seus perfis e esteja fora do campo de visão. Mas ele vai precisar olhá-la alguma hora. Assim, ele muda a posição dos dois, faz um quarto de volta e olha para ela por cima do ombro de Harry. Seus olhos se encontram e ficam assim por alguns segundos, e Craig se esquece de respirar. Os dois começam a chorar de novo, mas não parece um choro tão desesperado quanto antes, tão arrasador.

Há tantos momentos aos quais você acha que não vai sobreviver. Mas você sobrevive.

Há tantas coisas que Harry quer dizer para Craig. Todas as palavras de consolo que se reúnem dentro de sua boca, mas permanecem não ditas. Sabemos o que ele sente porque ficamos com essas palavras dentro de nós todos os dias, sabendo o que sabemos, vendo o que vemos agora. Mas pelo menos Harry pode abraçá-lo. Pelo menos Harry pode dar

forças a ele assim. De repente, ele percebe que tem mais uma coisa que pode fazer. Ele faz o sinal de *telefone*, e depois que Tariq entrega o aparelho, faz o gesto de *telefone* de novo e aponta para Craig. Tariq fica confuso, mas Rachel entende. Ela leva o celular de Craig até ele e abre na página de mensagens.

Por cima do ombro, Harry escreve uma mensagem de texto para ele.

É melhor assim. Vai ficar tudo bem.

Craig responde:

Acho que sei disso. Mas é difícil.

Harry sabe a resposta, mas tem que fazer a pergunta de qualquer jeito.

Você quer parar e conversar com ela?

Craig balança a cabeça de leve, com os lábios ainda se tocando.

Não. Vamos até o fim.

Enquanto isso, a mãe de Harry pegou o próprio celular para mostrar à mãe de Craig os milhares de comentários deixados apoiando Harry e Craig até o momento. Tem quase 4 mil pessoas assistindo e dando força.

— Sei que você não me conhece — diz a mãe de Harry —, mas temos uma coisa em comum, sem a menor sombra de dúvida.

Desta vez, quando ela oferece a mão, a mãe de Craig a segura, aperta uma vez e depois solta.

É difícil parar de ver seu filho como seu filho e começar a vê-lo como ser humano.

É difícil parar de ver seus pais como pais e começar a vê-los como seres humanos.

É uma transição bilateral, e pouquíssimas pessoas conseguem fazê-la com tranquilidade.

Às vezes, é mais fácil com tias.

Caitlin, a tia de Ryan, dá aos dois limonada cor-de-rosa e biscoitos de aveia e passas recém-saídos do forno. Ryan já se sentou à mesa da cozinha dela inúmeras vezes quando o mundo pareceu demais para ele, quando ele só queria se sentar dentro de uma casa que passasse a sensação de lar. Todos nós passamos por isso: criamos nossas famílias misturadas, nossas redes de segurança caseiras. Ele pensa que esta mesa já viu tantas de suas angústias. Mas agora, com Avery, ela está testemunhando o oposto de angústia. A presença da mesa torna tudo mais real porque faz com que seja mais parte da vida de Ryan.

Caitlin é a garota com quem acabávamos formando par se tivéssemos que formar par com uma garota. Depois de anos tentando subir no mundo do seguro corporativo, ela pediu demissão e agora estuda para ser bibliotecária. O senso de humor dela é inseparável do senso pessoal. E o amor por Ryan

é o mais incondicional que ele já sentiu e vai sentir. Não carrega o peso de expectativas, não é afetado por motivos. Tudo que ela precisa fazer é gostar dele e amá-lo, e as duas coisas ela faz muito bem. A responsabilidade dela com ele é completamente voluntária, e é isso que a torna importante.

Avery quer causar uma boa impressão e está nervoso demais para perceber que não vai ser difícil. Quando Caitlin pergunta como eles se conheceram, ele transforma tudo na história mais longa da humanidade, conta tudo menos a quantidade de gasolina no tanque dele quando chegou em casa, em Marigold. Na metade da história, percebe que está falando demais, mas Ryan e Caitlin não parecem reparar tanto quanto ele, então ele prossegue. Quando acaba, Caitlin pergunta:

— E isso foi quantas semanas atrás?

É Ryan quem sorri e diz:

— Isso foi tudo ontem à noite.

— Faz sentido — diz Caitlin. — Com algumas pessoas, assim que vocês começam a conversar, parece que se conhecem há anos. Só quer dizer que vocês já deviam ter se conhecido antes. Vocês estão sentindo todo o tempo que deveriam ter se conhecido, mas não aconteceu. Esse tempo ainda conta. E vocês dois sentem.

Avery sabe que deveria tentar levar Ryan para longe, deveria tentar ficar sozinho com ele, perto o bastante para um beijo. O tempo está passando e se aproximando da hora de ele ter que ir embora, pois prometeu à mãe que voltaria antes do

anoitecer. Mas está gostando da companhia, da limonada, dos biscoitos. Ele sente que deve ser errado achar que o que está acontecendo é mais valioso do que beijar e se pegar com Ryan. Mas, no momento, está sendo.

— Você quer ver umas fotos constrangedoras de Ryan vestido de Britney Spears no Halloween? — pergunta Caitlin.

Como Avery pode dizer não?

Enquanto isso, Cooper está conversando com Antimatéria há quase uma hora. As informações que Antimatéria tem são que Cooper tem 19 anos e estuda na faculdade do condado. Vai se formar em finanças e tem dois colegas de quarto, sendo que um bebe demais. Antimatéria não duvida disso e diz que acabou de se mudar para um apartamento só dele e está trabalhando como gerente de um café. Também é pintor, mas não ganha muito dinheiro com isso. Cooper já quis ser pintor e conta isso. Antimatéria pergunta o que aconteceu, e Cooper diz que perdeu o interesse. *É a história da minha vida*, Cooper conta para ele. Antimatéria responde: *A história não acabou ainda*.

Cooper está um pouco interessado e um pouco entediado. Para dar um pouco de ânimo, ele manda uma foto sem camisa, e Antimatéria responde com outra. Ele tem um corpo lindo. Cooper pergunta se ele quer se encontrar. Antimatéria diz que

sim e propõe depois do jantar. Cooper tenta imaginar quais são os planos de Antimatéria para o jantar, mas não pergunta. Só diz que tudo bem. Ele sugere o Starbucks em que está. Antimatéria diz que pode ser, desde que eles não precisem tomar o café de lá. Cooper, que já tomou três, diz que por ele tudo bem.

Agora que o encontro está marcado, Antimatéria diz que precisa ir fazer coisas da vida real.

Mas, antes de eu ir... qual é seu nome?

Drake, responde Cooper.

Oi, Drake. Sou Julian.

Cooper não consegue evitar, gostava mais de Antimatéria.

Mas não cancela o encontro. Seria burrice cancelar por uma coisa tão idiota quanto um nome.

Quando se está morto pelo tempo que nós estamos, você começa a ver todos os ângulos que existiam em sua vida, principalmente aqueles que você era cego demais para ver na época. Você tem tempo suficiente para registrar os caminhos dos seus erros maiores e menores e para ter uma solidariedade nova pelos erros que as outras pessoas cometem. Em alguns momentos, ficamos incapacitados, é verdade. Mas em outros fomos insensíveis. Fizemos besteira, fizemos mal a outras pessoas, dissemos palavras que não sabíamos que magoariam,

dissemos palavras precisamente porque sabíamos que doeriam. Mesmo depois do que passamos, nenhuma inocência retroativa pode ser concedida. Compreendemos melhor as merdas que fizemos de longe agora, mas isso não as torna menos reais.

Vocês precisam entender: nós éramos como Cooper. Ou, pelo menos, tivemos momentos em que fomos como Cooper. Assim como tivemos momentos em que fomos como Neil, Peter, Harry, Craig, Tariq, Avery, Ryan. Tivemos momentos em que fomos como cada um de vocês.

É assim que compreendemos. Nós tínhamos suas falhas. Nós tínhamos os seus medos. Nós cometemos os seus erros.

Seis horas e dez minutos depois do começo do beijo de Harry e Craig, um blogueiro popular com cabelo de um rosa mais intenso do que o de Avery faz uma postagem sobre os dois e diz ao mundo para acompanhar o que eles estão fazendo.

O número de pessoas vendo o beijo vai de 3.928 a 40.102 em cinco minutos, e a 103.039 cinco minutos depois.

Ao mesmo tempo que isso acontece, a mãe de Craig se levanta da cadeira e anda até ele. Ela pergunta a Smita se é possível ela ficar fora da imagem da câmera e pede que o som seja desligado enquanto ela fala com o filho. Smita repassa o pedido a Tariq, que obedece.

— Preciso voltar pra casa — diz a mãe de Craig. — Seu pai e seus irmãos vão chegar logo, e preciso estar lá.

Ela faz uma pausa. Está claro pelo olhar que Craig está ouvindo, apesar de continuar beijando Harry ao mesmo tempo.

— Espero que você saiba que vou ter que contar a eles o que você está fazendo. Se eles descobrirem por outra pessoa, vai ser... pior. Você entende?

Craig quer dizer que sim, sabe que poderia fazer ao menos sua voz dizer “aham”, mas isso não parece certo. O sinal combinado para expressar um sim era o de positivo, mas isso também parece errado. Mas Craig não consegue pensar em outra coisa. Então faz um sinal de positivo para a mãe.

A mãe de Craig respira fundo. Ela não terminou. Depois de expirar, ela diz, com a voz mais controlada que consegue:

— Eu te amo, Craig. Também estou muito zangada com você. Não por você ser gay. Isso a gente resolve. Mas descobrir assim... não é o que eu queria. Tenho certeza de que você teve seus motivos, e espero que esteja disposto a falar sobre eles conosco quando isso... tudo acabar.

Mais uma vez, Craig faz sinal de positivo para a mãe. Ele se sente ridículo.

A expressão da mãe se suaviza.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunta ela.

Por um momento, o coração de Craig parece poroso. Não porque a mãe fez uma pergunta tão monumental, mas por ser uma pergunta tão comum. Essa é a mãe que ele conhece. *Você*

precisa de alguma coisa? Como se ela estivesse indo até o supermercado. Como se nada tivesse mudado.

Não tem como Craig dizer *Preciso que você convença papai e Sam e Kevin de que isso é normal. Preciso que você me apoie tanto quanto os pais de Harry o apoiam. Preciso que você sinta orgulho do que estou fazendo porque vai ser importante pra mim se você sentir. Preciso que você volte. Preciso que você saiba que nenhum de nós vai se afogar com isso.*

Seus dedos formam um sinal de ok.

— Tudo bem — diz ela. — Já vou.

Ele deseja que ela vá até ele e o abrace. Ou pelo menos que coloque a mão em seu ombro.

Mas ela só se vira e sai andando para casa. Harry, sentindo o que está acontecendo, começa a mudar a posição, para Craig não precisar vê-la indo embora. Mas Craig se mantém firme. Ele a vê se despedir de Smita. Não dos pais de Harry, nem de ninguém, só de Smita. Depois, entra na multidão. Todos estão olhando para a frente, mas ela está virada na direção contrária. Ele a vê se tornar uma forma pequena na calçada, depois sair da linha de visão. É uma caminhada de dez minutos até a casa dele, e ele tem certeza de que seus batimentos vão contar os passos até ela chegar lá. E então, vão parar.

Só depois que ela vai embora, depois que ele a imagina sozinha, caminhando, é que sua visão retorna para o local. Pela primeira vez desde que ela chegou, ele percebe como a multidão aumentou. Há tantos rostos desconhecidos aqui quanto outros conhecidos. Alguém começa a cantarolar

“Harry e Craig até o fim! Harry e Craig até o fim!” Ele sabe que devia tirar forças disso, que devia se sentir encorajado. Mas a verdade é que ele deixou o corpo por um tempo. Está pairando sobre sua casa, alto demais no ar para ver a mãe voltar, humano demais para ver através do teto ou ouvir pela janela como segue a conversa no quarto de seus pais.

Peter e Neil estão no quarto de Peter, vendo a transmissão ao vivo online.

— Aquela era a mãe dele? — pergunta Peter.

— Acho que sim — diz Neil. — Eles cortaram tão rápido que foi difícil de ver. Mas acho que era.

— Você acha que ela já sabia?

— Pela cara dela, acho que não.

Neil consegue imaginar sua mãe com a mesma cara e tenta não pensar nisso.

— Quanto tempo você acha que a gente conseguiria aguentar? — pergunta Peter.

— Ter um filho como Craig? Bastante tempo, eu acho.

— Ha-ha. Estou falando de beijar.

— Não 32 horas. Mas algumas.

— Aqui. — Peter puxa Neil da cadeira e fica de pé com ele no meio do quarto. — Vamos tentar.

— Agora?

— Não tem momento melhor do que o presente.

Antes de Neil poder protestar, Peter o beija... e fica beijando. Nos primeiros dois minutos, parece completamente normal: a pressão delicada, as línguas correspondendo, mãos descendo por costas, deslizando por quadris. Mas logo chega o momento em que eles normalmente fariam uma pausa, sorrindo ou dizendo alguma coisa ou se afastando para poderem usar as mãos. Eles seguem pela pausa, sustentam a intensidade. Peter desce a mão pelas costas de Neil, desliza os dedos pela cintura da calça, encosta na pele ali, no calor. Neil segue na direção oposta, levantando a mão por baixo da camisa de Peter, por entre as clavículas. Peter ainda está com gosto de café com leite; Neil está com gosto de menta. A respiração de Peter fica um pouco presa nos pulmões. Neil toca em sua nuca e desce com a mão, passando as unhas na pele. Eles estão super conscientes de seus corpos, super conscientes de suas respirações. Peter traz a mão para a frente e ergue a palma até o coração de Neil. Minutos se passam. Seus corpos ficam mais quentes. O beijo fica mais molhado. A barba por fazer de Peter faz cócegas no queixo de Neil. Peter sente o silêncio do quarto, a falta de música. Os quadris se grudam. A respiração de Neil se acelera. A cueca de Peter fica mais apertada. Nenhum dos dois quer ser aquele que se afasta. Onze minutos. Doze minutos. Peter perde o controle da respiração, expira quando devia inspirar. Instintivamente, ele recua para respirar melhor, e é assim que o beijo é

interrompido. Assim que eles param, Neil abaixa os braços. Eles se afastam um do outro. Olham para o relógio.

— Foi intenso — diz Peter, ajeitando a calça jeans.

— Foi — diz Neil, limpando saliva do queixo espetado.

Eles se viram para a tela e veem Harry e Craig na dança deles.

Peter está prestes a dizer outra coisa, mas o pai dele liga para dizer que o jantar está pronto e está na hora de descer.

Avery pode tentar ignorar o relógio, mas é mais difícil ignorar o sol. Ele e Ryan se despedem de Caitlin; cada um dá um abraço e um beijo na bochecha dela. Avery já ligou para casa a fim de pedir para ficar mais. Mas tem a habilitação há pouco tempo e nunca pegou a estrada à noite. A mãe não quer que ele esteja sozinho na primeira vez, e é difícil discutir com isso. Mas ele vai enrolar o máximo que puder, sabendo que, mesmo depois que o sol se põe, há um tempo até que o céu fique todo no tom da noite.

Ryan faz com que ele encoste por alguns minutos antes de sua casa aparecer no horizonte.

— Este é um ponto bom — diz ele. — Não quero me despedir na porta da minha casa, se é que você me entende.

Avery acha que sabe o que Ryan quer dizer, sabe o que Ryan quer fazer, e todos os seus sentidos se voltam para isso. O rádio está baixo, o painel brilha de leve no crepúsculo crescente.

— Me diverti muito — diz Avery, pois sente que é uma coisa que precisa ser dita.

— Eu também — murmura Ryan.

E é a mudança para esse murmúrio que marca a virada dentro do carro. Avery sente de repente que está respirando ar elétrico, e é nesse ar que Ryan está se inclinando. Avery

também se inclina, se inclina para o que está vindo, e é nessa hora que seus lábios se tocam pela primeira vez, é essa a consagração de tudo que eles já sabem.

Eis o que não admitimos nos primeiros beijos: uma das coisas mais gratificantes é que eles são a prova verdadeira de que a outra pessoa quer nos beijar.

Somos desejáveis. Desejamos.

Todos os beijos que importam contêm um reconhecimento em seu núcleo.

Cooper volta para o Starbucks alguns minutos antes das 19h30, para o caso de Antimatéria, *Julian*, ter chegado cedo. No intervalo, ele foi comer no Subway. E agora, está finalmente lendo as mensagens. Um grande erro.

“É melhor você voltar pra casa agora mesmo. Vou arrastar você de volta se precisar...”

Cooper aperta o botão de apagar. Em seguida, aperta-o mais treze vezes.

Temos vontade de sacudi-lo. Temos vontade de dizer para ele o que aprendemos com a experiência: apesar de você precisar ouvir a primeira mensagem, é a última que mais importa. Os nervos podem se acalmar. A raiva pode desaparecer. O bom senso pode retornar.

Não estamos dizendo que ele deveria voltar. Sabemos que é uma escolha difícil. Mas achamos que ele precisa ouvir a mensagem mais recente antes de se decidir.

Todas as mensagens são do pai ou da mãe. Mais ninguém ligou. Chegou ao ponto de Cooper nem reparar nisso.

Julian chega quatro minutos atrasado. Ele se parece com a foto no aplicativo, e isso é um alívio. Cooper sabe que a foto e a pessoa nem sempre correspondem. Como ele nunca se encontrou com alguém que tenha conhecido online, não teve nenhum tipo de experiência com isso. Ele sabe que se parece com sua foto. Só as palavras são mentiras.

— Oi, você — diz Julian.

Cooper não consegue perceber se ele está nervoso. Nós percebemos que está.

— Oi — responde Cooper com casualidade. Como se ele fizesse isso o tempo todo.

Julian continua de pé.

— Quer ir pra outro lugar? Algum lugar menos Starbucks?

— Tipo onde? — pergunta Cooper. A pergunta sai como um desafio.

— Não sei. Me desculpe, eu devia ter pensado nisso. Uma bebida, talvez? Ah, espere. Isso não vai ser possível.

— Por quê?

— Hã... sua idade.

— Eu posso ter 19 anos, mas ainda topo uma bebida.

— Você tem identidade?

— Não. Mas não precisamos ir a um bar.

— Para onde, então? — começa Julian. Então, entende. — Não sei se deveríamos ir pra minha casa. Não... ainda.

— Por que não ficamos um pouco aqui? Você não precisa comprar nada. Vou comprar um *latte* e podemos conversar. Pode ser?

E é assim que Cooper assume o controle. E fica excitado com isso.

E, por enquanto, basta para compensar a decepção dele. Cooper conclui que o cara não é um sonho, mas também não é um pesadelo. É só mais do mesmo, talvez melhor do que Cooper sente merecer. Mas pelo menos há a possibilidade de a noite ser um pouco diferente do que costuma ser.

O sol desaparece do céu, e a luz ao redor de Harry e Craig diminui. Os postes acima deles se acendem, e é uma luz mais difusa do que Tariq tinha imaginado. Se você olhar a transmissão, Harry e Craig parecem manchas claras em meio às sombras.

O clube de teatro entra em ação. A maioria ficou lá depois do ensaio, para dar ânimo a Harry e Craig. O chefe da equipe técnica chama o orientador para pedir permissão, depois dá instruções para sua equipe puxar mais extensões da escola. Tariq é consultado e holofotes são trazidos. A equipe técnica trabalha silenciosamente. Smita expressa gratidão, e eles ficam quase constrangidos. É uma das regras da equipe técnica: se você for legal com eles, eles vão ajudar você. Se você for cruel com eles, se os empurrar contra os armários, se os xingar, se deixar claro que os acha inferiores, eles vão detonar você na primeira chance que tiverem, e vão adorar. Harry e Craig sempre foram legais com eles, e agora eles estão ajudando.

Em uma hora, o local todo está aceso. Harry fica agradecido pela distração. Seus pés parecem blocos desconfortáveis de cimento, por mais que ele os mexa com frequência. Ele também está começando a sentir as pálpebras pesarem e faz o sinal de um *E* para receber um energético. É uma operação complicada, beijar Craig e beber por um canudo ao mesmo tempo. Mas Craig toma cuidado para que Harry consiga, e acaba ganhando mais do que algumas gotas de energético na boca como resultado. Quase imediatamente, Harry sente o coração disparar quando a bebida entra em seu corpo. Ele vai ficar bem por algumas horas, mas depois talvez precise de outro estimulante. Por sorte, sua bexiga está se comportando.

Craig está chateado, mas não surpreso, por sua mãe não ter voltado. Deve ter sido ordem do pai. Ignorar. Negar.

Ele poderia mandar uma mensagem de texto para ela. Poderia implorar para que ela voltasse. Poderia perguntar o que está acontecendo.

Mas ele se obriga a parar. Os pais precisam resolver sozinhos. Porque não é ele que tem um problema, são eles.

Harry o sente se afastando. Puxa Craig para mais perto. Beija-o com vontade. Beija-o para puxá-lo de volta.

As pessoas comemoram. Mas nem todas. A essas alturas, há pessoas na multidão que não estão sorrindo. A repulsa delas seria visível para qualquer pessoa ao lado, se as pessoas ao lado estivessem olhando. Mas, por enquanto, elas estão invisíveis, exceto para nós. Nós as vemos, e não temos dúvidas de que não vão permanecer invisíveis. Não por muito tempo.

A noite segue.

— Não repare na bagunça — diz Julian ao girar a chave na fechadura.

Cooper promete que não vai reparar. Ele aposta que seu quarto é mais bagunçado.

E, como esperado, quando ele entra no apartamento, não sabe de que Julian está falando. Tudo parece estar em ordem. Não é um apartamento grande, mas não tem cuecas para todo lado, nem canos vazando pelo teto. Há telas em vários estágios por toda a sala.

Julian vê Cooper olhando e sente necessidade de explicar.

— É o jeito como eu trabalho: passo uma hora numa coisa, depois mudo pra outra, depois volto. Costumo trabalhar em pelo menos vinte quadros ao mesmo tempo. É muito déficit de atenção, eu sei. Já tentei fazer diferente, mas os quadros se cansam.

Cooper indica o quadro no cavalete.

— Aquela é sua mãe?

Julian fica vermelho.

— Não. Na verdade, é Joni Mitchell. Escuto muitas músicas dela enquanto pinto, aí pensei em retribuir o favor. Mas não sei se ela apreciaria o gesto. Você sabia que ela também é pintora?

Cooper não faz a menor ideia do que Julian está dizendo, e, quando Julian percebe isso, fica ainda mais vermelho.

— Estou sendo um péssimo anfitrião — diz ele. — Nem ofereci uma bebida ainda, Drake. O que você quer?

Cooper quase tropeça nesse *Drake*, pois tinha esquecido que esse era seu nome agora. Mas se recupera rapidamente e pede um uísque com Coca-Cola. Ele nunca bebeu com outra pessoa, só em companhia do armário de bebidas do pai, quando os pais estavam viajando. Uísque com Coca é a primeira coisa que surge em sua mente.

— Talvez tenha que ser uísque com Coca diet — diz Julian. — Vou olhar. — Ele vai até a cozinha e grita: — É, Coca diet.

— Tudo bem! — grita Cooper de volta.

Cooper consegue ouvir a máquina de gelo trabalhando, depois o estalo de cubos caindo em copos e o som da Coca diet quando a tampa é girada. Ele olha alguns dos quadros e gosta deles mais do que achava que gostaria. Julian não é ruim. E tem alguma coisa de que ele gosta na forma como todos os quadros estão interminados. Eles parecem mais reais assim. Pessoas presas entre rabiscos e o fim da pintura. Cooper não faz a menor ideia de quem são. Mas não espera saber, então não tem problema. Tem uma que parece sua professora de inglês do oitavo ano. Mas ele tem certeza de que não deve ser ela, e mal se lembra dela, de qualquer modo.

Julian chega com dois copos da mesma bebida. Cooper gosta do gosto: tem o equilíbrio certo, com o uísque parecendo caramelo alcoólico no centro do borbulhar químico da Coca diet. Julian pergunta qual é o pintor favorito dele, e Cooper diz Picasso porque é o primeiro pintor em quem consegue pensar. Julian pergunta qual é seu período favorito de Picasso, e do fundo de sua mente surge *período azul*, então essa é sua resposta. Pela reação satisfeita de Julian, ele consegue saber que é uma boa resposta.

Julian começa a falar que os impressionistas são supervalorizados pela população em geral, o que leva a serem desprezados pelos pretensos especialistas. Cooper acaba com a bebida e quer que Julian pare de falar de Monet, porque não foi em um aplicativo de apreciação de arte que eles se conheceram, foi em um aplicativo de sexo. Julian percebe que

perdeu Cooper e interrompe a frase no meio, depois toma um gole da bebida ainda quase inteira.

— Vou colocar uma música — diz ele, e pergunta se Cooper tem alguma preferência.

Cooper diz que qualquer coisa está bom, mas fica impressionado quando Julian vai até o computador e coloca Arcade Fire.

— Gosto deles — diz Cooper, e apesar de só serem duas palavras, sente-se estranho dizendo-as, como se tivesse acabado de fazer uma revelação.

— Eu também — diz Julian, e toma outro gole.

Cooper quer que alguma coisa comece a acontecer, e quer que comece logo. Portanto, chega mais perto de Julian. Bem mais perto. Inegavelmente perto. Julian está prestes a começar uma frase, mas o movimento de Cooper a bloqueia. Cooper pensa: *É isso que queremos, não é?* Ele apoia o copo na mesa, tomando o cuidado de não colocá-lo perto demais de nenhuma das telas. É hora de agir. Ele viu tantas cenas de caras fazendo isso, ficou de pau duro com eles fazendo isso, se masturbou com eles fazendo isso. Agora, chegou a hora. Julian tem um corpo lindo, um rosto legal. Cooper quer ver o que vai acontecer, quer ver se isso muda alguma coisa. Julian está colocando a bebida na mesa, passando a mão pelo braço de Cooper. Cooper sabe que está com ele na palma da mão, que está com a situação na palma da mão. Ele estica a palma e a coloca na lateral do pescoço de Julian. Inclina-se. E aí está, eles estão pressionando as bocas, os corpos. Cooper quer tanto,

quer alguma coisa, e não quer parar para respirar, quer continuar e continuar. É Julian quem se afasta por um segundo, que pergunta se está tudo bem. E Cooper diz que sim, claro que está tudo bem, e eles voltam a se abraçar. É como ele pensou que seria e não é como ele pensou que seria, porque Julian é mais delicado do que ele imaginou que um estranho poderia ser, e quando Cooper tenta ir mais rápido, Julian vai mais devagar. É uma discordância sutil, e eles agem de acordo com o jogo que isso é. Cooper quer empurrá-lo no sofá, quer que ele fique deitado, mas o sofá está coberto de quadros, então ele deixa seguir mais um pouco, depois para e pergunta:

— O quarto?

E, quando Julian faz uma expressão de surpresa, ele diz:

— Não quero esmagar seus quadros.

Julian sorri ao ouvir isso, o pega pela mão e eles vão para o pequeno quarto, ainda de pé e se beijando, então Cooper o derruba na cama. Julian ri, e Cooper beija a gargalhada. Ela acaba, a gargalhada, e em vez dela há mãos explorando; Cooper, sem muita noção, quebra a sequência e vai direto para a virilha, e Julian se afasta, direciona-o para a cintura, mas Cooper não está satisfeito, não está sentindo o que quer sentir. Ele recua por alguns minutos, beija-o deitado por cima, depois rola para que eles continuem se beijando com ele deitado embaixo, as virilhas se tocando agora, ele sentindo o que está acontecendo por baixo do jeans de Julian, depois rolando de novo para poder tirar a própria camisa e a de Julian. Agora é

pele na pele, suor no suor, e está quente, muito quente, mas Cooper ainda não está sentindo o que quer sentir, tudo ainda parece vazio para ele, ele ainda se sente vazio. Assim, ele beija Julian mais intensamente, desce a mão, e Julian sussurra:

— Ainda não.

Cooper sente que não consegue esperar muito mais, está indo muito devagar e ele quer que seja rápido o bastante para que ele não sinta mais nada, não pense em mais nada, porque não é assim que o sexo deve ser? Não é para ser uma forma de esquecimento? Ele ainda não chegou lá, ainda não, e Julian está diminuindo a velocidade de novo, acalmando o momento, e Cooper não entende por que eles ainda não estão nus, então leva a mão ao cinto de Julian, mas Julian os vira de forma que fica impossível de abrir a fivela. Cooper segue para os botões de sua própria calça jeans, mas Julian puxa sua mão, força-a para cima, para acima da cabeça, e Cooper gosta do movimento forte, gosta da força, sente o peito de Julian contra o peito nu, ofega involuntariamente quando Julian beija seu pescoço, depois a interseção do pescoço e a escápula, uma zona erógena que ele nem sabia que tinha. Ele quer mais, mais ainda, e os vira de forma a ficarem lado a lado, desce as mãos, solta-as das de Julian, começa inocentemente nos ombros, mas as conduz para baixo, mais para baixo, e as mãos de Julian estão lá de novo, bloqueando-o. Julian diz:

— Vamos um pouco mais devagar. É só o primeiro encontro.

E Cooper sente vontade de dizer que eles só vão ter um encontro, então que é melhor irem logo até o fim, é melhor verem logo o que tem debaixo das calças jeans. Se isso fosse um filme pornô, eles já estariam nus, já estariam se chupando. Mas é claro que ele não diz isso, não diz que é o único encontro que eles terão, não quer que as coisas parem completamente, quer negar que talvez em sua mente ele estivesse esperando encontrar um namorado esta noite, porque todo mundo sabe que não se entra em um aplicativo de sexo para encontrar namorado, e Julian jamais iria querer ficar com ele mesmo, porque Julian acha que agora está lambendo o mamilo de um universitário de 19 anos com a vida organizada, e Cooper está pensando: *Cadê o esquecimento?* Pois agora até seu corpo está começando a se afastar, e isso é ridículo porque ele é um garoto de 17 anos e uma brisa é capaz de deixá-lo excitado, e apesar de ele ainda estar de pau duro, parece que não vai dar em nada, e agora Julian percebe que eles perderam o ritmo e se afasta, se deita sobre o travesseiro, fica de lado e acaricia os ombros de Cooper, toca nas bochechas de Cooper, diz que ele é lindo, e Cooper não quer ser lindo, não quer ser um quadro, quer trepar até esquecer, e sabe, sabe perfeitamente, que Julian não é o cara para esse tipo de coisa. Na verdade, o único cara para isso seria alguém que não desse a mínima para ele, e isso só seria pior. Então, esse é um caminho sem saída. É um alívio negado. Julian pergunta:

— Você está bem?

E Cooper diz que está ótimo, porque o que é mais uma mentira vazia? Julian o beija de novo, e eles ficam existindo assim, meio entrelaçados, com Julian tocando seu cabelo, seu peito. Respirando delicadamente, tentando encaixá-los em alguma coisa mais suave do que a vida normal. Cooper sabe que deveria se sentir lindo, ou ao menos relaxado. Mas, deitado ali, ele sente como se fosse feito de pedra. Ou não, nem mesmo pedra. Ele se sente de carne. Não de pele, não de batimentos. Só carne. Julian o está tratando como uma pessoa especial, mas ele não sabe de nada, porque Cooper é um merda, e Julian está ali deitado admirando-o.

Ele fecha os olhos, sente o toque, mas não tem nenhuma sensação a partir dele. O tempo se expande, e ele abre os olhos e encara o relógio, que parece tremer. Cooper deve ter dormido um pouco. Julian também. Agora, Cooper desperta com um susto, e Julian se mexe ao seu lado.

— Que horas são? — murmura Julian, e eles veem que horas são, e é bem mais tarde do que os dois gostariam. — Acho que apagamos — diz Julian com um sorriso.

Ele se levanta, coloca a camisa e avisa Cooper antes de acender a luz.

— Acho que devemos parar por aqui — diz Julian. — Tenho que trabalhar amanhã cedo, acordo às 5h30. Por isso, preciso dormir. Ou voltar a dormir, na verdade. Vou te levar de volta pro carro. Ou acompanho a pé.

A ideia de ir para o carro o deprime. Mas, mesmo assim, Cooper não consegue acreditar no que diz em seguida.

Quando as palavras saem de seus lábios, ele não consegue acreditar que as está dizendo. Ele se odeia profundamente por dizê-las. Elas o fazem sentir como se tivesse 9 anos.

— Será que posso passar a noite aqui? — pergunta ele.

Julian não está esperando isso. Ele olha para a camisa de Cooper, emaranhada no chão.

— Não desta vez, tá? — diz ele. — Sei que parece bobagem, mas é um passo grande pra mim. Além disso, tenho que acordar cedo demais. Em uma outra ocasião.

As palavras que querem sair pela boca de Cooper em seguida são *Posso dormir no sofá*. Mas desta vez ele consegue segurá-las, engoli-las. Se ele mentisse melhor, poderia inventar uma história para justificar o pedido (uma festa no dormitório, a presença da namorada do colega de quarto, a sensação de que o uísque com Coca bateu forte demais para ele dirigir). Mas as mentiras estão tão inacessíveis para ele quanto a verdade para Julian.

Cooper pega a camisa no chão e a veste, depois guarda as moedas que caíram de seu bolso quando ele e Julian estavam rolando pela cama. Ele diz para Julian que não precisa levá-lo até o carro no carro dele e nem a pé. Diz que a caminhada seria boa e que não precisa acordar tão cedo quanto ele. Julian ainda não calçou os sapatos e, por causa disso, e também porque Cooper não parece querer companhia, ele desiste. Juntos, eles saem do quarto e vão até a porta da frente. Julian dá outro beijo nele, mas Cooper já quase não sente nada.

Antes de Julian abrir a porta, ele pede o número do telefone de Cooper. Cooper dá um número falso.

— Espero te ver de novo — diz Julian na despedida.

— É, obrigado — responde Cooper. E sai pela porta.

Por um momento, quando ele sai, a sensação do ar é boa. Mas só porque ele não está pensando em mais nada.

Mas logo ele começa a pensar em outras coisas, e a sensação não é boa. O barulho foi incomodá-lo de novo. O barulho plano e morto.

Vemos Julian levar os dois copos para a cozinha, com o gelo agora derretido. Vemos quando ele os coloca na pia e fica ali, com as duas mãos na bancada, perguntando-se o que acabou de acontecer.

A quilômetros de distância, Peter e Neil estão sentindo muito mais certeza. Depois do jantar, eles se esconderam no porão e ficaram se agarrando um pouco, um interlúdio intenso que chegou a uma conclusão mutuamente satisfatória. Em seguida, eles entraram online e conversaram com amigos, muitos deles também vendo o Grande Beijo. Por fim, chegou a hora de Neil

ir embora, então eles estão agora se despedindo como sempre, Peter de cueca boxer, Neil de pijama.

— Eu poderia beijar você de pé durante horas — diz Peter.

— Eu também.

Eles acenam e se despedem para dormir.

Ryan manda uma mensagem de texto para Avery para dar boa-noite e perguntar o que ele vai fazer amanhã. Será que quer passear de novo?

Avery tem um milhão de outras coisas para fazer, mas é claro que diz que não tem nada. Que está completamente livre.

Ele deveria estar flutuando depois desse dia, mas um olhar no espelho o puxa para baixo. Ele tem um espelho de corpo inteiro no quarto que costuma ser seu inimigo. Esta noite, ele se olha e tenta ver o que Ryan vê, mas só se decepciona. Ele se dedicou tanto a mudar o corpo, a torná-lo o corpo certo, mas não consegue nem chegar perto de amá-lo. Ele acha que é porque nasceu com o corpo errado, mas temos vontade de sussurrar no ouvido dele que muitos de nós nasceram com o corpo certo e *mesmo assim* se sentiram estranhos dentro deles, traídos. Entendemos nossos corpos de forma completamente errada. Nós os punimos, os censuramos, queríamos um ideal olímpico que era profundamente injusto com eles. Odiamos

os pelos em algumas partes e a falta de pelos em outras. Queríamos que tudo fosse mais firme, mais forte, mais intenso, mais rápido. Raramente reconhecemos nossa beleza, a não ser que outra pessoa reconhecesse em nosso lugar. Passamos fome, nos esforçamos, nos escondemos ou desfilamos, e sempre havia outro corpo que achávamos melhor do que o nosso. Sempre havia alguma coisa errada, geralmente muitas coisas. Quando tínhamos saúde, éramos ignorantes. Nunca conseguíamos ficar felizes com nossos corpos.

Respire, temos vontade de dizer a Avery. *Sinta-se respirar. Porque isso é tão parte do seu corpo quanto todo o resto.*

Avery, nós sussurramos, *você é uma maravilha.*

E ele é. Talvez nunca acredite, mas é.

São onze horas de uma noite de sábado. Como raramente há alguma coisa para se fazer em uma noite de sábado na cidade de Harry e Craig, muitas pessoas estão indo para o gramado da escola para ver os dois garotos se beijando. Uma quantidade enorme de fotos está sendo tirada com celulares, a comemoração descartável deste dia e época. Às vezes, garotas precisam pedir para os namorados bêbados ficarem quietos quando eles querem dizer alguma coisa inadequada. Ou talvez os namorados digam baixinho e as namoradas riam. Nem todo

mundo está aqui para dar apoio. Algumas pessoas só foram por achar um show de bizarrice.

— Aposto que, se quiséssemos quebrar o recorde mundial com um beijo *hétero*, jamais deixariam a gente usar o gramado da escola — reclama um rapaz, como se fosse uma aspiração particular que foi roubada dele.

— Sem dúvida — concorda a namorada.

— Isso é uma palhaçada — declara outro cara em tom alto, com a voz e a confiança ampliadas pela Budweiser que ele bebeu.

Você é uma palhaçada, a garota do clube de teatro ao lado dele tem vontade de dizer.

A multidão acaba diminuindo, pois não há nada para ver depois de um tempo. Está ficando tarde e um pouco frio. As pessoas voltam para os carros. Algumas vão para festas, mas a maioria vai para casa.

Mesmo na equipe de Harry e Craig (é assim que eles se veem agora, onze horas depois do começo), há uma mudança de turnos. A mãe de Harry manda um beijo para Harry e Craig e vai para casa descansar. Ela voltará de manhã. Rachel também vai para casa a fim de poder pegar o lugar de Tariq mais tarde, apesar de ter jurado ficar acordada o tempo todo. Smita prometeu à mãe que voltaria para casa à uma da madrugada. Mykal tem alguns amigos que estão dormindo agora, mas virão no meio da noite, com tubos fluorescentes e cafeína.

É também o fim do turno do Sr. Nichol. Quando o substituto se aproxima, não conseguimos acreditar em nossos olhos.

Olhem, olhem, dizemos uns para os outros. É Tom!

Ele é o Sr. Bellamy para seus alunos de história. Mas é Tom para nós. Tom! É tão bom vê-lo. Tão maravilhoso. Tom é um de nós. Tom passou por tudo conosco. Tom sobreviveu. Ele ficou no hospital com tantos de nós, o arcanjo de St. Vincent, nossa versão mais saudável, fazendo perguntas a médicos e chamando enfermeiras e segurando nossas mãos e segurando as mãos dos nossos companheiros, dos nossos pais, de nossas irmãzinhas, de qualquer pessoa com uma mão para ser segurada. Ele teve que ver tantos de nós morrerem, teve que se despedir tantas vezes. Fora dos quartos, ele ficava zangado, triste, desesperado. Mas, quando estava conosco, era como se fosse motivado apenas por um motor gracioso. Mesmo as pessoas que nos amavam hesitavam no começo na hora de nos tocarem, mais pelo choque de nossa aparência diminuta, pela estranheza de como estávamos ausentes e presentes, sem ser quem éramos, mas ainda sendo quem éramos. Tom se acostumou. Primeiro por causa de Dennis, pela forma como ficou com ele até o fim. Ele poderia ter ido embora depois disso, depois que Dennis morreu. Não o culparíamos. Mas ele ficou. Quando seus amigos ficavam doentes, ele estava lá. E, com aqueles de nós que ele não conhecia, ele era sempre um sorriso no quarto, sempre um toque no ombro, um flerte leve de que precisávamos. Eles deveriam tê-lo feito enfermeiro.

Deveriam tê-lo feito prefeito. Ele perdeu anos da vida conosco, embora não seja essa a história que ele contaria. Ele diria que ganhou. E diria que teve sorte, porque quando ele pegou, quando o sangue dele se virou contra ele, foi um pouco mais tarde e o coquetel estava começando a funcionar. Assim, sobreviveu. Chegou a um tipo diferente de depois do que nós. Ainda é um depois. Todos os dias parecem um depois para ele. Mas ele está aqui. Está vivendo.

Professor de história. Um professor de história fora do armário e sincero. O tipo de professor de história que nós jamais teríamos tido. Mas perder a maioria dos seus amigos faz isso: deixa você destemido. Qualquer coisa que alguém ameace, qualquer coisa que faça alguém se sentir ofendido não importa porque você sobreviveu a coisas muito, muito piores. Na verdade, ainda está sobrevivendo. Você sobrevive a cada dia abençoado.

Faz sentido Tom estar aqui. Não seria a mesma coisa sem ele.

E faz sentido ele ter escolhido o pior turno. O da noite.

O Sr. Nichol passa o cronômetro para ele. Tom anda até lá e diz oi para Harry e Craig. Ele estava assistindo a transmissão, mas é ainda mais intenso ver os dois em pessoa. Ele faz um gesto, como um rabino ou um padre oferecendo uma bênção.

— Continuem — diz ele. — Vocês estão indo muito bem.

A Sra. Archer, vizinha de Harry, levou café e oferece uma xícara a Tom. Ele aceita com gratidão.

Quer estar bem desperto para isso tudo.

De tempos em tempos, ele olha para o céu.

* * *

Chegamos à meia-noite. Tariq não consegue acompanhar todos os comentários. Mesmo com Harry e Craig nos celulares também respondendo, tem pessoas demais para agradecer uma a uma. Tariq pensou que o ritmo diminuiria com a madrugada, quando as pessoas fossem dormir. Mas não estava contando que o evento se tornaria tão global. Quando as pessoas estão indo dormir em Nova Jersey, outras acordam na Alemanha. Na Austrália, é quase de tarde. Em Tóquio também. Por causa do blogueiro de cabelo rosa e de todas as outras postagens que vieram depois, a notícia se espalha por aí. Rachel monta rapidamente uma página no Facebook, que já tem 50 mil fãs.

Tariq está trocando mensagens com uma pessoa do site que está hospedando a transmissão para ter certeza de que haja largura de banda suficiente quando ouve um motor sendo acelerado atrás de onde está, como um caminhão passando.

Há um grito:

— *VIAAAAAAAAAAADOS! SEUS VIAAAAADOS
IMUNDOS!*

Em seguida, gargalhadas e gritos vêm do carro que faz o barulho. Todos se viram, e o carro segue pelo estacionamento e dá meia-volta para passar de novo.

— VOCÊS NÃO PASSAM DE VIAAAAADOS!

Por causa dos holofotes, é difícil ver fora do círculo de luz, é difícil ver qualquer coisa além dos faróis e de uma mancha de cabeça para fora da janela do passageiro. Tariq se sente congelar. Ele sabe que esses caras não vão sair do carro, não vão até lá com tantas câmeras ligadas e a polícia e tantas testemunhas. Mas seu instinto é de medo.

Harry e Craig também escutam. Craig se encolhe ao ouvir, e Harry está ao mesmo tempo achando graça e furioso. Ele se recusa a levar bêbados de merda a sério. Vê o policial dar alguns passos desanimados para longe da área isolada a fim de tentar ver o carro melhor. Mas ele já saiu disparado, depois de os ocupantes manifestarem sua opinião. O pai de Harry está perguntando a Tariq e Smita se eles sabem quem era, se eram garotos da escola. Mas nenhum dos dois sabe. Mykal sai perguntando para os espectadores.

Harry faz um gesto de M de música, depois indica que Tariq deve aumentar o volume. Tariq planejou bem a lista de músicas, não há nenhuma balada na lista para esta parte da noite. O que tem é Lady Gaga, Pink, Kylie, Madonna, Whitney, Beyoncé, as sereias gays, presentes para atrair você para longe do sono e para a pista de dança. Tariq encontrou uma mixagem de “Express Yourself/Born This Way” e, quando aumenta o volume, Harry convence Craig a dançar com ele. Se eles vão ser viados, que sejam viados dançarinos. Viados dançarinos *que se beijam*.

A pulsação de Tariq ainda está disparada, mas ele deixa que a música tome conta e o leve para longe do que acabou de acontecer. Ele começa a mover o corpo, a fazer alguns passos, a imaginar que esta é a boate deles, o espaço deles, o domínio deles. Smita se deixa contagiar e até o Sr. Bellamy começa a dançar de um jeito meio adulto. Tariq não consegue acreditar quando o Sr. Ramirez e a Sra. Archer, a vizinha que levou o café, começam a cantar juntos. Eles devem conhecer a música por verem *Glee*... Quem sabe? O policial é o único que não participa, mas Tariq tem certeza de que tem algum Zeppelin na lista para ele mais tarde.

A loucura é que Harry se sente totalmente consciente de novo. Se ele está cansado de ficar beijando Craig? Ah, claro. Os dois já estão cansados há horas a essa altura. Mas esse é o desafio, seguir em frente e passar por isso tudo. Se você está correndo uma maratona, não espera encontrar prazer a cada passo. A música está ajudando a lembrá-lo que as horas depois da meia-noite podem ser usadas para outras coisas sem ser dormir.

Ele sente uma coisa nas costas e no começo não entende o que é. Talvez pudesse ser a mão de Craig acompanhando o ritmo. Mas aí, o segundo ovo bate bem na lateral da cabeça dele. Ele o ouve quebrando ao lado da orelha. Sente o choque, a gosma escorrendo. Outro bate em sua perna. Seu instinto é de se encolher, de se virar. Mas, por sorte, Craig está ali, bem ali, para levantar a mão e protegê-lo, para levantar a mão e lembrar Harry de ficar onde está. A gema está começando a

escorrer por seu rosto, pelo pescoço. Craig tenta limpar ao mesmo tempo em que o pai de Harry grita alguma coisa e sai correndo para a escuridão além das luzes. O policial está alerta agora, falando no rádio. Smita está correndo com uma toalha para Craig poder tirar o ovo do rosto de Harry. (Mais ninguém pode tocar nele, pois poderia ser considerado “manipulação”.) Tariq fica paralisado por um momento, olhando na direção para onde o Sr. Ramirez foi, perguntando-se o que deveria fazer. Ele olha para o computador, e os comentários da transmissão estão enlouquecidos, com todo mundo perguntando *O que foi isso? O que está acontecendo?* Agora, ele tem uma coisa a fazer, e se vê gritando estupidamente para Harry e Craig:

— Continuem se beijando!

Porque é isso que ele precisa ver agora, é o que todo mundo precisa ver. Mas Harry está tremendo. Ele não consegue controlar, está tremendo. Não consegue acreditar no que aconteceu, e sabe que não deveria estar constrangido, mas está. Ele se sente desprezado, ridicularizado. Por uns merdas. Ele consegue sentir o cheiro de ovo em sua pele. Apesar de Smita estar molhando a toalha com água mineral agora, para que Craig consiga limpar bem, ele ainda consegue sentir na pele o choque do impacto.

O pai volta de mãos vazias e diz alguma coisa para o policial. Não deu para saber quem foi. Saíram correndo a pé. Poderiam ter ido em qualquer direção. O Sr. Ramirez acha

que era mais de um adolescente. Mas foi difícil ter certeza no escuro.

Craig sente Harry tremendo. Ele o abraça mais perto do corpo, sente a mancha de ovo nas costas da camisa dele. Craig faz um sinal de R com a mão, de *roupas*, e aponta para Harry. O Sr. Bellamy entende e oferece um moletom a Harry. Ele está tremendo mais agora, e Craig precisa segurar a nuca dele para que não acabe se soltando do beijo. Harry estica os braços para Craig poder ajudá-lo a colocar o casaco de moletom, um braço de cada vez. É estranho ser vestido assim, mas ele fica grato por se sentir mais aquecido.

Acabou, ele diz para si mesmo.

Mas não acabou. Ainda não. Porque agora há vozes no escuro. Vozes chegando mais perto. E pontos de luz; lanternas. São 0h23 e as pessoas estão vindo ficar aqui, vindo ajudar. Elas viram o que aconteceu e não podem ficar em casa. Não só os amigos de Harry e Craig. Mas os pais dos amigos também. Jim, da equipe técnica, veio trazendo mais iluminação do porão da casa dele. Deve ter pelo menos umas 12 pessoas. E, logo depois, mais do que 12. A mãe de Smita está aqui. Mais dois policiais. E um homem que Harry nunca viu antes se aproxima e vai direto até o Sr. Bellamy, dizendo:

— Vou ficar bem aqui com você.

Eles usam alianças iguais.

O local fica uma colmeia de tanta atividade. Jim coloca mais luzes no gramado para eles poderem enxergar melhor. E, embora antes as pessoas estivessem assistindo, elas faziam isso

em círculos de conversa, mas agora estão formando uma fila, um muro entre Harry e Craig e o mundo exterior. Para protegê-los.

O tempo todo, a música não parou. “Can’t Get You Out of My Head” está soando no ar. Harry sente Craig ficando alerta por algum motivo. Ele olha para o lado e vê duas pessoas se aproximando.

A mãe de Craig. Seu irmão mais velho, Sam, do último ano do ensino médio.

Eles vão direto até Craig, e a mãe dele pergunta se ele está bem.

Ele faz que sim de leve.

— Sam estava assistindo e veio nos chamar.

Nos chamar. Craig ouve o pronome *nos* e não entende no começo. Mas logo seu pai e seu outro irmão, Kevin, também chegam.

— Eu estava estacionando — diz o pai de Craig. — Sua mãe não conseguiu esperar.

Craig se dá conta de repente: ele está nesse momento *beijando Harry na frente do pai*. Sua mente não consegue se acostumar com isso. Nem um pouco.

O pai de Harry se aproxima para se apresentar para o pai e os irmãos de Craig, e, mais sutilmente, para garantir que eles não acabem bloqueando as câmeras. Craig consegue ver seu pai avaliar o pai de Harry; que por sua vez está fazendo o melhor que pode para causar uma boa impressão.

Kevin, que é aluno do sétimo ano, parece não entender por que foi acordado por causa disso. Mas Sam fica olhando para Craig. Dez minutos antes, se você dissesse para Craig que Sam estava no carro com os caras gritando “VIADOS!”, ele não teria ficado muito surpreso. Mas agora, precisa admitir que o olhar do irmão é mais complicado do que isso. Não é um olhar mortal de irmão mais velho. Ele só deve estar tentando entender a situação tanto quanto Craig está.

— Não vamos ficar muito tempo — diz o pai.

— Mas acabamos de chegar — reclama Kevin.

— Está tarde. Só queríamos ver se ele estava bem, e ele está.

Craig consegue sentir o pai se mantendo distante. Mas, mesmo assim, está bem mais próximo do que Craig pensou que estaria. Ele se pergunta o que sua mãe disse para ele, como explicou.

— Eu vou ficar — murmura Sam.

O pai não parece feliz com isso.

— Já passa da meia-noite — diz ele. — Você vai pra casa.

Sam sorri com malícia e diz:

— Mas *Craig* pode ficar...

Craig consegue sentir o tremor da risada de Harry ao ouvir isso.

Mas o pai de Craig não acha engraçado.

— Não me pressione — diz ele. — Eu não vou mais longe do que isso.

Craig consegue ver Sam pensando. Ele tenta usar os olhos para implorar que o irmão vá. Não que Sam já o tenha ouvido antes.

A mãe de Craig se intromete.

— Podemos todos voltar amanhã — diz, guiando Sam na direção do carro.

— Estaremos aqui! — diz o pai de Harry, talvez com alegria demais.

A mãe de Craig observa o muro de simpatizantes que se formou. Quando se volta para Craig, é difícil ler a expressão no rosto dela. Ou talvez seja isso o que está sendo expressado: uma completa falta de definição.

Craig aponta para o estacionamento e faz um sinal de ok. Assim, ela sabe que está tudo bem em ela ir embora. Apesar de ninguém ter perguntado a ele.

Tão rapidamente quanto apareceu, sua família volta para casa.

Os dois ainda têm vinte e três horas pela frente.

Harry ainda consegue sentir na pele o cheiro de ovo.

Às duas da madrugada, Cooper acorda no banco de trás do carro. Seu corpo está dolorido por tentar se acomodar no espaço diminuto. O cinto de segurança estava apertando suas costas. Ele olha para o relógio e só sente decepção ao ver as

horas, pois quer que sejam cinco ou seis ou a hora do esquecimento. Ele nunca dormiu no carro e não sabe por quanto tempo vai aguentar. Se essa é sua vida agora, se é isso que sua vida se tornou, é ainda mais patética do que era antes. Ele devia ter levado algumas roupas. Devia ter levado comida. Nem há vozes em sua mente dizendo isso; seria bem mais fácil se houvesse, porque aí poderia ser uma conversa. Mas essas são coisas que ele *sabe*, e nenhuma voz precisa se dar ao trabalho de dizê-las. Ele poderia tentar se distrair com o celular, mas a bateria está baixa e o carro precisa estar ligado para o carregador funcionar. E ele está cansado do celular. Cansado dos homens e dos garotos. Cansado de todo mundo querendo tanto ficar excitado a ponto de se tornarem mentes obcecadas vivendo de um minuto obcecado até o seguinte. E para onde isso leva? Homens e garotos em todos os Estados Unidos se masturbando, e nenhum deles se importa com Cooper. É verdade que, se eles lessem sobre Cooper no jornal, ficariam tristes. Mas Cooper acha que eles não perceberiam que era ele, o garoto com quem estavam conversando online na noite anterior.

Cooper não acredita que o dia seguinte vá ser melhor. E nenhum outro dia. Não de verdade. Temos vontade de dizer que ele está errado de mil maneiras diferentes. Mas quem somos nós? Mesmo se pudéssemos falar, mesmo se pudéssemos bater naquela janela e fazer com que ele a abrisse, ele jamais acreditaria no que temos a dizer, não em

comparação com o que acredita sobre si mesmo e sobre o mundo.

Sua mente está pegando fogo agora, e vai demorar horas até se acalmar o bastante e alcançar a temperatura certa para o sono. Ele está com raiva do pai, com raiva da mãe, mas principalmente passou a achar que isso tudo era inevitável, que ele nasceu para ser um garoto que precisa dormir no carro, que não havia como ele terminar o ensino médio sem ser descoberto. Ele sente que foi azedado por seus próprios desejos, dilapidado pelos próprios impulsos. Ele despreza a si mesmo, e essa é a chama que queima sua mente.

Ele está cansado demais para fazer qualquer coisa sobre isso. Cansado demais para ligar o carro e carregar o celular. Cansado demais para pensar em um lugar melhor para estar. Cansado demais para fugir para algum lugar. Cansado demais para acabar com tudo. Assim, fica no banco de trás, contorcendo-se, mas sem encontrar conforto. Incapaz de dormir. Incapaz de viver. Incapaz de ir embora.

Nós acordávamos no meio da noite. Às vezes, havia tubos enfiados em nossas gargantas. Às vezes, estávamos ligados a máquinas que pareciam mais vivas do que nós. Às vezes, a escuridão estava entremeada de luz. Às vezes, havíamos sonhado que estávamos em casa e que nossas mães estavam no

quarto ao lado. Não conhecíamos o quarto no qual acordávamos, ou conhecíamos bem demais. A última parada. O destino final. E ali estávamos nós, presos nessas horas infinitas e imperdoáveis. Incapazes de dormir. Incapazes de viver. Incapazes de ir embora.

O mundo está mais calmo agora. Nunca fica calmo, mas pode ficar mais calmo. Que criaturas estranhas nós somos, que achamos o silêncio uma coisa tranquila ao mesmo tempo em que o silêncio permanente é o que mais tememos. A noite não é isso. A noite ainda faz barulho, ainda estala e sussurra e treme na garganta. Não é a escuridão que tememos, mas nossa impotência nela. Que misericordioso é o fato de termos os outros sentidos.

Há poucas luzes acesas nesta cidade às quatro da madrugada. A maioria delas esquecida acesa sem querer. Há um ou dois leitores da madrugada, um ou dois insones, um ou dois trabalhadores. Mas quase todo o resto está dormindo.

Somos nós que estamos despertos.

Exceto pelo gramado em frente à escola de ensino médio. Lá, dois garotos continuam se beijando. Com os músculos doloridos, as bocas cansadas, as pálpebras pesadas, Harry e Craig se agarram um ao outro, se seguram às forças dentro deles que vão mantê-los acordados. Às quatro da madrugada,

você pode ficar tão tonto que até as estrelas parecem ter som. Harry e Craig se balançam ao som dessas estrelas, as poucas que brilham acima de suas cabeças, mas também ao som de todas as estrelas não vistas, todas as nebulosas que estão fora de alcance, mas presentes mesmo assim. Às quatro da madrugada, você pode imaginar que o universo inteiro está olhando para você. Harry e Craig dançam pelo universo e também pelos amigos que se reuniram, para o anel de pessoas que permanece ao redor deles. O Sr. Ramirez está roncando baixinho na cadeira. Os dedos de Tariq digitam no teclado as respostas a perguntas de Roma e Edimburgo e Dubai. A mãe de Smita anota pedidos de café. Jim ri de alguma coisa que outro garoto da equipe técnica disse. O Sr. Bellamy, nosso Tom, diz para o marido que tudo está bem, que ele deveria ir para casa dormir. Harry e Craig dançam também com esses sons. Craig precisa ser abraçado, e Harry o está abraçando. Harry está deixando a mente vagar, lembrando livros que leu, filmes que viu, coisas que pode querer dizer para as dezenas de milhares de pessoas que os estão assistindo. Mas a mente de Craig não divaga muito mais do que a de Harry. Com tudo que aconteceu, Craig está se encolhendo no abrigo que é Harry, na familiaridade do corpo dele, dele todo. Foi disso que ele sentiu falta quando não tinha mais, o que sua solidão parece pedir. Ele sabe o motivo para Harry o estar beijando, mas ainda sente como um beijo. Não consegue evitar, porque isso o ajuda. Não consegue evitar porque agora precisa tanto disso.

Ele não está errado de fazer isso. Quando você precisa se agarrar a alguma coisa, deve se agarrar a ela. Você deve aceitar qualquer coisa que possa ajudar você a ir até o fim.

Harry também precisa dele. Mesmo que ele não se concentre tanto nessa necessidade agora, ela está lá. Ele fica tão seguro com ela que mal percebe que está presente. Como o frescor da noite, como os sons baixos que servem de trilha sonora das estrelas.

Sabemos como é precisar se segurar. Nós nos seguramos em vocês. O que é o mesmo que dizer que nos seguramos na vida.

Vocês têm música nas pontas dos dedos. Qualquer música que queiram ouvir, lá está ela.

Achamos isso maravilhoso. A jukebox infinita.

Se queremos ouvir uma música, precisamos roubar as ondas sonoras que vocês espalham no ar. Mas há momentos tão palpáveis, tão sincronizados com uma música que conhecíamos, que ela se toca sozinha em um toca-fitas esquecido que nem nossa memória parece controlar.

Como no momento em que Ryan acorda e pensa em Avery, e o momento (quarenta minutos depois) em que Avery acorda e pensa em Ryan. Só há o som da respiração deles quando eles abrem os olhos para o dia, só um movimento no colchão, uma queda acidental de travesseiro no chão. Isso deveria ser tudo que ouvimos, mas tem também o som inconfundível de Aretha Franklin em nossos ouvidos cantando “What a Difference a Day Made”. Os dois acordam com alegria em vez de insegurança, em uma versão melhor do mundo porque o dia anterior foi tão receptivo. Não há forma de eles conseguirem articular da mesma forma que Aretha quando diz: *“It’s heaven, heaven, heaven / When you find love and romance on the menu”*. Vão escutar agora, vocês a têm ao alcance dos dedos, por menos do que o preço de um chocolate. A letra parece velha, mas a música é eterna: a alegria de descobrir que a pessoa certa na hora certa pode abrir todas as janelas e destrancar todas as portas.

O mundo acorda ao redor de Harry e Craig.

Harry levanta os pés, mexe os dedos e só sente dor e inchaço. Suas costas parecem que estão com uma lixa entre cada par de vértebras. Seu pescoço é um cabide com um elefante pendurado. Seus olhos estão secos, mas o corpo está úmido. Ele ainda sente cheiro de ovo, sente o ovo. Mas talvez

seja o cheiro e a sensação de suor depois de 24 horas. Apesar de estar cercado de eletricidade, ele se vê desejando que chova.

Craig tem vontade de escovar os dentes. Ele e Harry fizeram experiências com enxaguante bucal quando estavam treinando, mas nunca deu certo, pois era impossível cuspir e beijar ao mesmo tempo. Normalmente, as fantasias de Craig com Harry são elaboradas: os dois dançando de smoking no meio do terminal da Grand Central, ou passeando de barco em um lago enquanto o mundo ao redor passa instantaneamente de verão para outono, com as árvores todas ganhando cor ao mesmo tempo. Mas agora, a fantasia mais profunda e clara que Craig tem é dos dois sentados. Só isso. Ele e Harry naquelas duas cadeiras logo ali. Sentados. Nem de mãos dadas. Nem se beijando. Só sentados ali, descansando. Sem mais ninguém no mundo. Só os dois sentados.

Nós nos vemos como criaturas marcadas por uma inteligência particular. Mas uma de nossas características mais específicas é a incapacidade de nossa expectativa simular verdadeiramente a experiência que esperamos. Nossa expectativa de alegria nunca é o mesmo do que alegria. Nossa expectativa de dor nunca é o mesmo que dor. Nossa expectativa de desafio não é nem um pouco como a experiência do desafio em si. Se pudéssemos sentir as coisas que tememos antes da hora, ficaríamos traumatizados. Assim, nós nos arriscamos pensando que sabemos como as coisas serão, mas não sabemos nada sobre a verdadeira sensação de

cada coisa. Craig e Harry já passaram de qualquer expectativa, de qualquer preparação. Eles precisam inventar cada minuto na hora em que ele chega, e, ao fazer isso, estão sendo criativos. Sim, criativos. Você não precisa escrever ou pintar ou esculpir para ser criativo. Precisa apenas criar. E é isso que Craig e Harry estão fazendo. Eles estão criando um beijo, e também estão criando suas histórias, e, ao criar suas histórias, estão criando suas vidas.

Esse processo pode ser muito doloroso.

Nós, que não podemos mais criar, podemos aguentar horas e dias e meses sem sentir nada. Era de se imaginar que não sentiríamos falta de dor física, considerando toda a dor pela qual passamos. Mas sentimos. Sentimos falta dela. Sentimos falta do preço que pagamos pela vida. Porque era parte da vida.

Craig e Harry estão exaustos a um ponto que conseguimos entender bem. Algumas pessoas podem achá-los tolos de se obrigarem a passar por isso, principalmente se falharem. Mas entendemos a necessidade de insistir além da expectativa, além da preparação. Entendemos o desejo de criar, de pisar em terreno novo. De sentir cada centímetro de espaço que você ocupa no mundo. De suportar.

Por todo o mundo, telas se acendem. Por todo o mundo, palavras são enviadas por fios. Por todo o mundo, imagens são reduzidas a partículas e, momentos depois, são remontadas perfeitamente. Por todo o mundo, as pessoas veem esses dois garotos se beijando e encontram alguma coisa ali.

* * *

Por toda a cidade, garotos e garotas acordam. Por toda a cidade, homens e mulheres se mobilizam. Por toda a cidade, reclamações são feitas e a descrença se alimenta em uma câmara de eco. Por toda a cidade, o café da manhã é servido e o café da manhã é tomado. Por toda a cidade, parece um dia normal, mas também não, se você sabe o que está acontecendo no gramado em frente à escola.

As equipes de filmagem de canais de TV da região começam a chegar.

Logo depois de acordar, Peter liga o computador. É isso que as pessoas fazem agora para organizar o dia: veem as caixas de

entrada, leem o noticiário, veem os amigos falando de si mesmos, observam as explosões de 140 caracteres e navegam pelas informações de que precisam. É um mundo muito traiçoeiro que pede constantemente que você comente, mas não liga para o que você tem a dizer. A ilusão de participação pode às vezes levar à participação. Mas frequentemente só leva a mais ilusão disfarçada de realidade.

As manchetes no Yahoo não exigem muito da mente de Peter. As últimas explorações de uma garota rica com programa de televisão próprio, a última pesquisa que mostra que, pela primeira vez, os americanos preferem chocolate amargo a chocolate ao leite. Peter precisa absorver essas palavras antes de descartá-las; há tanta informação tentando entrar na sua mente, tentando se acomodar para que você veja o novo programa, compre o novo chocolate. Ele clica rapidamente na transmissão dos dois garotos se beijando e fica aliviado ao ver que ainda estão lá, ainda estão se beijando. Vinte e duas horas se passaram, e faltam menos de dez agora. Ele passa os olhos pelos comentários e encontra muito encorajamento e alguns opositores, não poucos. Essas palavras estão agora em seu quarto, em sua vida. Como ele pode não levá-las para o lado pessoal? Se você deixa o mundo entrar, abre-se para o mundo. Mesmo o mundo não sabendo que você está lá.

A equipe de filmagem descarrega o equipamento. Os repórteres verificam a maquiagem, preparam a luz. Harry fica um tanto satisfeito com isso; chamar atenção era o objetivo disso tudo, e agora chegou a hora. Craig se sente um pouco incomodado e também um pouco aliviado por não precisar se preocupar mais com os pais vendo sem aviso, botando no canal e encontrando uma coisa inesperada.

As equipes de notícias, três no total, são insistentes. Querem fazer perguntas, querem chegar perto. Os policiais fazem com que fiquem do outro lado da fita de isolamento. Mas, mesmo assim... elas sugam todo o ar do local. São o novo centro de gravidade para os espectadores. Tem pessoas agora que não foram vistas antes, que não se manifestaram antes. Há os amigos de Craig e Harry, sim, mas também pessoas que acham que isso é um crime, que deveria ser impedido, que é uma afronta à escola, à cidade, à sociedade. As câmeras as procuram, e elas se deixam encontrar com satisfação.

* * *

Vocês sempre estão dispostos a transmitir sua imagem. Já se acostumaram com a onipresença das lentes, das câmeras, seja nos bolsos dos seus amigos ou observando vocês de cima de postes de luz. Para nós, estar na mira de uma câmera era uma escolha. Havia um processo longo e complicado para recuperar uma imagem, para tirar do filme e expor em papel.

Se transmitíamos nossa imagem, costumava ser apenas para as outras pessoas no aposento. Éramos todos atores, assim como vocês são atores agora. Mas nossa plateia não era grande como a sua. E nossas apresentações, assim como as que acontecem em um palco, eram transitórias, passageiras.

Harry e Craig não sentiram nada quando eram só as câmeras deles que estavam ligadas. Mesmo com dezenas de milhares de pessoas assistindo, eles não sentiram como se houvesse olhos neles, não mais do que o habitual. Havia a percepção de que as pessoas assistindo eram amigos, não estranhos. Mas é diferente quando uma equipe de filmagem aponta a lente. É diferente quando eles conseguem ouvir os repórteres contando a história deles de uma distância jornalística. Eles pensavam neles mesmos como uma causa, mas agora se sentem reduzidos a uma curiosidade. E não podem falar em nome de si mesmos. Não podem dizer nada. Eles precisam continuar se beijando.

Tariq é tímido demais para falar por eles. No fundo de sua mente, ele consegue imaginar todos os homofóbicos violentos anotando seu nome, lembrando-se dele para depois. É o pai de Harry que se aproxima e explica o objetivo deles. É Smita que prepara os trechos de som de apoio. É o Sr. Bellamy, Tom, que pode estar botando o emprego em risco ao dizer que é professor nesta escola e que apoia cem por cento os garotos. Ele não se identifica como gay, mas também não tenta esconder.

Craig tenta permanecer concentrado no beijo. Quando as distrações só aumentam, é melhor lembrar-se do que você deveria estar fazendo.

A notícia se espalha rápido, nossos pais nos avisavam. É divertido pensar nisso agora. Pensávamos que as notícias viajavam rápido naquela época, mas não fazíamos ideia.

Avery está indo de carro para Kindling de novo. Ryan se ofereceu para ir até Marigold, mas admitiu que teria que pegar o carro de alguém emprestado, pois não tem um. Avery não se importa. Ele gosta de dirigir, gosta da sensação de pegar a estrada.

Em determinado ponto, a música que ele está ouvindo começa a se repetir, mas ele não quer ouvir de novo. Quando ele tira o CD, a rádio entra, uma estação que toca as 40 músicas mais pedidas à tarde e à noite, mas tem falação demais de manhã. Avery normalmente colocaria mais música, mas seu ouvido é atraído pela palavra *gays* e pela forma como ela é dita. Com desdém. *Com desprezo.*

— É isso que os gays fazem: eles não param por nada de jogar seus hábitos nojentos na nossa cara e depois agem como se estivessem sendo maltratados. Não quero ver isso, e não quero que meus filhos tenham que ver isso.

O apresentador fala:

— *Então você acha que eles não têm o direito de estar lá?*

— *Acho que os fundadores do nosso país não tinham dois homossexuais em mente quando escreveram a Constituição. É só o que estou dizendo.*

— *E eis nosso próximo ouvinte.*

— *Não entendo por que eles não são presos. Por que a polícia não foi prender os dois? É um lugar público.*

— *Você sabe que a polícia está protegendo os dois garotos...*

— *Bem, a polícia deveria ter vergonha e começar a fazer o trabalho dela.*

— *Concordo com você nisso. Próximo ouvinte.*

— *Acho que o que os garotos estão fazendo é corajoso.*

— *Corajoso? Mandem eles entrarem pro exército se querem ser corajosos.*

— *Estar em público...*

— *Eles deveriam ir pra dentro de um quarto! Próximo ouvinte!*

Avery não sabe de que essas pessoas estão falando, e, como está dirigindo, não pode entrar online para procurar. A sensação que ele tem é estranha e difícil. Ele sabe que aquelas pessoas não estão falando sobre ele. Mas, ao mesmo tempo, elas *estão* falando sobre ele naquelas acusações vazias. E também estão falando sobre nós. Porque muitos deles são da nossa idade ou mais velhos, presos em décadas anteriores de pensamento. Os gays de hoje, os gays de ontem, somos todos o mesmo incômodo, o mesmo erro. Não pessoas, na verdade. Só uma coisa sobre a qual gritar.

— *Se deixarmos isso seguir em frente, o que vem depois? Homens que fazem sexo com cachorros em igrejas? Isso é liberdade de expressão?*

A expressão *julgamento apressado* é tola. Quando se trata de julgamento, a maioria de nós não precisa se apressar. Não precisamos nem sair do sofá. Nosso julgamento é tão fácil de alcançar.

Nenhuma dessas pessoas falando conhece Craig e Harry, nem se importam com quem Craig e Harry são. Assim que você para de falar sobre indivíduos e começa a falar sobre um grupo, seu julgamento tem uma falha. Cometemos esse erro com frequência.

— *Não se pode estabelecer um recorde mundial se são dois homens. Isso não é recorde mundial.*

Avery sabe que deveria colocar música, fazer as vozes desaparecerem. Mas nenhum de nós consegue parar de ouvir. Porque o que é mais hipnotizante do que o som de pessoas odiando você?

Nas partes mais sombrias de nossos corações, nós pensávamos que talvez eles estivessem certos.

Não achamos mais isso.

Cooper também está dirigindo, mas o rádio está desligado. Ele foi acordado por uma batida forte na janela, alguém dizendo

que ele precisava sair do estacionamento.

A mente de Cooper está despertando lentamente para uma coisa. As substâncias químicas estão se reunindo, algumas nos lugares errados. Ele deveria estar pensando em roupas, em um banho, em ir para casa. Deveria estar percebendo que seus pais devem estar na igreja esta manhã, dando a ele a oportunidade de entrar e pegar algumas coisas. Deveria estar pensando em um próximo passo. Deveria se importar.

Mas Cooper se sente distante demais para se importar. É como se ele estivesse sentado em um cinema vazio, olhando para uma tela vazia. Seus pais não vão mudar. O mundo não vai mudar. Ele não vai mudar. Então, por que tentar? Ele está cansado demais para lutar contra tudo, cansado demais para entrar em sua própria casa, cansado demais para ligar para algum número de ajuda ou pedir a algum contato para fingir ser seu amigo por uma hora ou duas.

Nós sabemos: uma maneira quase certa de morrer é acreditar que você já está morto. Alguns de nós nunca deixaram de lutar, nunca desistiram. Mas outros, sim. Outros sentiram que a dor tinha ficado grande demais e que não havia mais nada na vida além da luta pela vida, o que não era motivo o suficiente para ficar. Assim, pulamos fora. Desistimos. Mas nossos motivos não são nada que Cooper conheça. Se ele pudesse sair dessa vida por um momento, se pudesse ver da maneira que vemos, saberia que apesar de sentir que está praticamente encerrada, ainda há mil maneiras pelas quais pode ir em frente.

Seus pais ligam de novo, antes de irem para a igreja.
Ele desliga o celular. Mas não consegue jogá-lo fora.

— *Espero que um esteja passando AIDS pro outro — o ouvinte diz para o apresentador da rádio. — Espero que, quando estiverem morrendo de AIDS, também mostrem na internet, pra que as crianças saibam o que acontece se você beijar assim.*

O apresentador ri e chama o ouvinte seguinte.

* * *

— Desliguem isso.

Neil entrou na cozinha e não consegue acreditar no que os pais estão escutando, com sua irmã bem ali do lado.

— O quê? — pergunta o pai, erguendo o olhar do jornal de domingo.

Neil vai até lá e desliga o rádio.

— Como vocês podem ouvir isso? Como?

— Não estávamos prestando atenção — diz sua mãe. — Só estava ligado.

— A mulher disse que quer que pessoas morram de AIDS — relata Miranda, de 11 anos.

O pai de Neil lança um olhar de silêncio para ela. A mãe de Neil suspira.

— Não estávamos prestando atenção — repete ela.

Neil sabe que deveria deixar para lá. Essa casa funciona por uma série de tréguas não ditas, negociadas por instinto mais do que por conversas reais. Neil sempre considerou o fato de ser gay como um segredo aberto para os pais. Eles conheceram Peter, sabem qual é a história, mas ela nunca é dita em voz alta. Neil pode levar sua versão da vida, e os pais podem acreditar na versão deles de bom filho.

Mas *segredo aberto* é uma mentira que gostamos de contar para nós mesmos. É uma mentira que contávamos para nós mesmos com frequência, tanto na doença quanto na saúde. Não funciona, porque se você sente que ainda tem um segredo, não tem como ele ser realmente aberto. Por uma questão de autopreservação, às vezes é melhor omitir alguma coisa, esconder alguma coisa. Mas normalmente chega um momento, e Neil está chegando ao dele agora, em que você não quer que a autopreservação defina quem você é, nem quem sua família é. Tréguas podem impedir batalhas, mas parte de você sempre vai sentir que ainda está em guerra.

Neil devia deixar para lá, mas não deixa. Ele pensa em Craig e Harry se beijando, apesar de não conseguir lembrar os nomes deles. Pensa em Peter e em como os pais dele acolhem Neil, abrem os braços da família para que ele se sinta como integrante. Pensa na irmã ouvindo o papo lixo no rádio e nos pais deixando isso acontecer.

— Como vocês podem não ouvir isso? — ele pergunta à mãe. — Quando uma coisa assim está sendo dita, como vocês

podem ficar aí ouvindo?

Neil nunca fala com a mãe assim. Não desde que era pequeno, não desde que foi obrigado a parar, com uma punição atrás da outra.

O pai se intromete, conciliatório. Ele é sempre o policial bom. Neil está cansado dos pais agindo como policiais.

— Não estávamos mesmo prestando atenção. Se estivéssemos, teríamos desligado. Estávamos ouvindo o noticiário antes e deixamos ligado.

— Quando alguém fala assim, vocês *deviam* ouvir! — diz Neil, erguendo a voz.

Sua mãe olha para ele como se ele fosse um empregado incompetente.

— Por que deveríamos ouvir?

— *Porque vocês têm um filho gay.*

O queixo de Miranda cai de uma forma teatral. Para ela, essa é a conversa familiar mais interessante que já aconteceu. Neil não poderia tê-los chocado mais se tivesse usado um palavrão.

Ele quebrou a trégua.

— Neil... — começa o pai, com um tom meio de aviso, meio de solidariedade.

— Não. Se algum babaca estivesse dizendo no rádio que todos os imigrantes deveriam voltar pros seus países, vocês prestariam atenção. Mesmo se não estivessem prestando atenção, ouviriam o que foi dito. Se estivesse dizendo que torcem para que todos os coreanos morram de AIDS, seu

sangue ferveria mais e mais a cada palavra. Mas quando é de gays que estão falando, vocês deixam passar. Não se dão ao trabalho de ouvir. É *aceitável* pra vocês. Mesmo que não concordem, e não estou dizendo que vocês querem que eu pegue AIDS ao beijar Peter, vocês aceitam quando outra pessoa diz. Vocês *deixam acontecer*.

Tentamos contar para eles o que estava acontecendo. Tentamos contar que a doença estava se espalhando. Que precisávamos de médicos. Que precisávamos de cientistas. Mais do que tudo, precisávamos de dinheiro, e, para ter dinheiro, precisávamos de atenção. Colocamos nossas vidas nas mãos das pessoas, e, quase sempre, elas olharam para nós sem entender e perguntaram: *Que vidas? Que mãos?*

— Eu sou gay. Sempre fui gay. Sempre serei gay. Vocês precisam entender isso, e precisam entender que não somos uma família de verdade até vocês entenderem isso.

O pai de Neil balança a cabeça.

— É claro que somos uma família! Como você pode dizer que não somos uma família?

— O que deu em você? — pergunta sua mãe. — Sua irmã está bem aqui. Essa não é uma conversa apropriada pra sua irmã.

Apropriada. A palavra é uma gaiola bem disfarçada, usada para capturar a verdade e prender em um aposento em que ninguém entra.

— Ela precisa ouvir isso — diz Neil. — Por que não deveria? Você sabe que eu sou gay, não sabe, Miranda?

— Claro — responde Miranda.

— Então não tem nenhuma grande revelação aqui. Vocês todos sabem que eu sou gay. Vocês todos sabem que eu tenho um namorado.

Mas ele nunca usou essa palavra antes. Sempre foi *Vou até a casa de Peter*. Ou *Vou ao cinema com Peter*. Sua mãe uma vez os viu de mãos dadas quando estavam vendo um filme. Esse é o único motivo pelo qual ele tem certeza de que eles sabem.

— Sim, Neil — diz a Sra. Kim, não se dando ao trabalho de esconder a irritação na voz. Ela pega o jornal de volta. — Agora, se pudermos voltar pra nossa manhã de domingo...

Neil sente que deveria ficar satisfeito com esse breve reconhecimento, deveria aceitar a trégua sendo mais uma vez oferecida. A conversa está claramente encerrada. A mãe recomeçou a ler o jornal, e o pai está dizendo para ele tomar o café da manhã. Percebemos que isso é tudo; a maior parte de nós encontrou a aceitação por meio de passos pequenos como este. Nossas famílias raramente estavam dispostas a dar saltos, ao menos não até o final.

Mas não é suficiente para Neil. Ele sente que, se aceitar a trégua agora, vai demorar meses, talvez até anos para chegar novamente a este ponto.

— Preciso que vocês falem — diz ele. — Preciso ouvir vocês dizendo.

A Sra. Kim larga o jornal e bate na mesa.

— O quê? Um pedido de desculpas? Por não desligarmos o rádio quando um idiota falou uma coisa idiota? Você está

agindo como um bebê.

— Não. — Neil tenta manter a voz sob controle. — Não preciso ouvir vocês pedirem desculpas. Preciso ouvir vocês dizerem que eu sou gay.

A mãe de Neil grunhe e olha para o pai. *Lide você com isso.*

— Neil — diz ele —, está tudo bem? Por que você está agindo assim?

— Apenas fale. Por favor. Simplesmente fale.

É Miranda quem fala.

— Você é gay — diz ela, completamente séria. — E eu te amo.

Lágrimas surgem nos olhos de Neil.

— Obrigado, Miranda — diz ele.

E olha para os pais.

— Neil... — diz seu pai.

— Por favor.

— Por que isso é tão importante pra você? — pergunta sua mãe. — Por que está fazendo isso?

— Só quero que vocês digam. Só isso.

— Não preciso dizer que você tem cabelo preto, preciso? Não preciso dizer que você é um garoto. Por que deveria ter que dizer isso? Nós sabemos, Neil. É isso que você quer ouvir? Nós sabemos.

— Mas vocês não ligam pras outras coisas, eu ter cabelo preto, ser garoto. Mas ligam pro fato de eu ser gay. E é por isso que preciso que vocês digam.

— Falem logo — diz Miranda.

Falem logo, nós imploramos.

As palavras de Miranda os deixam mais zangados.

— Está vendo o que você está fazendo com sua irmã?

Ela pega o jornal e empurra a cadeira para trás.

Por favor.

Quando a mãe de Neil pegou-o de mãos dadas com Peter, ele ficou aliviado. Aliviado por ser uma prova inegável. Aliviado porque não tinha dito nada.

Mas aí, ela não disse nada. Se Peter não estivesse presente, ele teria pensado que imaginou tudo.

— Você é gay — diz seu pai agora.

— E Peter é meu namorado — diz Neil.

— E Peter é seu namorado.

Miranda estica a mão e segura a do pai. Eles todos olham para a Sra. Kim. Todos nós olhamos para a Sra. Kim.

— Por que isso é tão importante pra você? — pergunta ela.

— Porque você é minha mãe.

Muitos de nós tivemos que fazer nossas próprias famílias. Muitos de nós tivemos que fingir quando estávamos em casa. Muitos de nós tivemos que ir embora de casa. Mas todos nós desejamos que isso não fosse necessário. Cada um de nós desejou que nossas famílias agissem como família, que, mesmo quando encontramos uma nova família, não tivéssemos que deixar a outra para trás. Cada um de nós teria amado ser amado incondicionalmente por nossos pais.

Não o faça deixar vocês, é o que temos vontade de dizer para a Sra. Kim. *Ele não quer deixar vocês.*

Ela realmente não entende a importância de ouvir as palavras em voz alta. Ela realmente não imagina por que é tão importante para Neil ouvir os pais dizerem que ele é gay, dizerem como um fato, reconhecerem com a articulação da voz.

A Sra. Kim fica ali de pé, com o jornal na mão. Fica parada olhando para o filho. Tanto a mãe quanto o filho estão energizados e perdidos na defensiva. Há um tom de súplica no argumento de Neil, uma vulnerabilidade que pode ser facilmente ignorada no calor da batalha. Ele quer uma trégua, quer desesperadamente, mas desta vez nos termos dele, não nos dos pais. A Sra. Kim reconhece isso. Mesmo que a lembrança não ocorra a ela de verdade, ela sente os ecos do momento em que contou à mãe que iniciaria uma nova vida a milhares de quilômetros de distância. Que já tinha tomado a decisão e não havia nada que sua mãe pudesse fazer para impedi-la. Como ela quis que a mãe dissesse *Eu entendo*. Como ela quis que a mãe ficasse do lado dela.

Nos contos de fadas, as mães frequentemente precisam estar mortas. Na mitologia, os pais precisam morrer para que o príncipe se torne rei.

Mas quem quer uma família como as dos contos de fadas, como as da mitologia?

Você é gay. A Sra. Kim consegue ouvir as palavras em sua mente. Consegue ouvi-las claramente. Depois que disse para si mesma, deveria ser mais fácil dizer em voz alta. Mas ainda

assim ela hesita, pelo mesmo motivo que Neil precisa tanto ouvir.

Dizer a verdade em voz alta a torna mais real.

Peter é seu namorado.

De alguma forma, esse parece um ponto melhor para começar. Então ela olha para o filho e diz:

— Peter é seu namorado.

Isso bastaria para Neil. Apenas ouvir essas palavras saídas da boca da mãe. Porque as implicações ficam claras, mesmo que não sejam ditas.

Mas não basta para Miranda.

— *E?* — pergunta ela.

A coisa mais estranha do mundo acontece. A Sra. Kim sorri. A irritação da filha a fez sorrir, e deu a ela o trampolim de que ela precisava para poder mergulhar.

— *E* — diz ela — Neil é gay. — Ela olha para os três, um de cada vez. — Agora, se isso já estiver resolvido, vou terminar meu jornal na sala.

Não vai haver abraços aqui. Nenhuma lágrima além das de Neil. Nenhuma conversa mais. A não ser que você conte o Sr. Kim falando de novo para o filho tomar café da manhã. A não ser que você conte o sorriso de Miranda quando ele se senta, o orgulho distinto que ela sente dele e de si mesma. A não ser que você conte a forma como as palavras penetram na mente de Neil, a forma como sua vida parece um pouco mais sólida do que era cinco minutos antes, a forma como ele não sente mais uma vontade insuportável de fugir.

Como isso pôde acontecer?, alguns de nossos pais perguntaram perto do final. Sabíamos o que eles estavam realmente perguntando, e alguns de nós tiveram a delicadeza de dizer: *Não foi nada que você tenha feito.*

* * *

Voltamos para o beijo. As pessoas começaram a fazer contagem regressiva dos minutos até que Craig e Harry cheguem à marca das 24 horas.

Nem todas as pessoas estão contando. Há deboche agora; pessoas da cidade e pessoas de outras cidades que vieram protestar, que vieram gritar, que vieram quebrar o encanto que os dois garotos se beijando pode gerar. Algumas fazem um drama dizendo que estão rezando pelas almas de Craig e Harry. Algumas erguem pôsteres rabiscados às pressas: ERA ADÃO E EVA, NÃO ADÃO E IVO, HOMOSSEXUALIDADE É PECADO, NÃO DÁ PRA COMPRAR A SAÍDA DO INFERNO COM UM BEIJO. Algumas levaram os filhos.

A polícia não sabe o que fazer: separar todo mundo em dois grupos ou deixar que se misturem? Basta uma briga com empurrões para que a separação comece. Mas os manifestantes não vão ficar escondidos. Eles querem ficar perto o bastante para serem ouvidos pelas câmeras, pelos garotos.

O grupo ao redor dos garotos se mantém firme. Quando alguém precisa sair, seja para ir para casa ou apenas para ir ao banheiro, outra pessoa toma seu lugar. Eles ficam de costas para os manifestantes, com os olhos em Craig e Harry.

Tariq já está acordado há quase trinta horas. Seu corpo está maltratado pela cafeína e seus olhos estão embaçados de tanto olhar para a tela. As pessoas ficam falando para ele ir para casa, para dormir um pouco, mas ele não quer perder nenhum momento. Se Craig e Harry vão ficar acordados, ele também vai. Por solidariedade.

Ele fica pensando em Walt Whitman, nos dois garotos juntos, abraçados. Pergunta-se o que Whitman acharia de tudo isso. Ele deixou o busto de Whitman na mesa ao lado, observando a cena.

Craig e Harry conseguem ouvir o deboche, a movimentação de antipatia, mas não claramente. Tariq ofereceu fones de ouvido para bloquear tudo, mas eles vão ficar com os autôfalantes, vão ficar com a lista de músicas. Ajuda ter palavras às quais se agarrar, um elemento de imprevisibilidade.

O dia está ficando mais quente. Harry faz sinal para que tirem o moletom dele, mas, mesmo depois que fica sem, ainda sente calor. Está suando. Craig também sente o calor subindo da pele de Harry, a umidade da camisa. O que ele não sente é o quanto as pernas de Harry o estão matando. Por mais que se mexa e dê chutinhos, ele não consegue fazer com que fiquem com uma sensação normal. A dor está ficando insuportável,

como se alguém estivesse retorcendo todas as veias em cada um dos músculos. Ele tenta pensar em outras coisas, mas a dor é a transmissão mais alta.

Ele é trazido de volta pelo *vinte-dezenove-dezoito* da contagem regressiva. Sente Craig sorrir com os lábios encostados nos dele. *Dezessete-dezesesseis-quinze*. As pessoas estão se aproximando para ver. Está ficando cada vez mais quente. *Catorze-treze-doze*. Ele tenta se concentrar. *Onze. Dez. Nove*. Tariq avisa que há mais de 300 mil pessoas assistindo online. *Oito. Sete. Seis*. Uma das redes de notícias os queima com as luzes, quer capturar o momento. *Cinco. Quatro. Três*. Craig está beijando-o agora. Beijando de verdade. Como quando eles estavam juntos. *Dois*. Está tão quente. As luzes são tão fortes. *Um*. Uma onda enorme de comemoração.

Eles conseguiram completar 24 horas. Conseguiram se beijar por um dia.

Em meio à comemoração louca, Harry desmaia.

Exatamente no mesmo momento, Avery encosta em frente à casa de Ryan. Ele já está lá fora esperando e sorri quando o outro chega. Avery estaciona o carro e desliga o motor. Mas, antes que possa sair, Ryan entra.

— Vamos — diz Ryan.

— Posso entrar um segundo? — pergunta Avery. — Preciso fazer xixi.

— Vamos encontrar outro lugar — diz Ryan. — Prometo, não vai demorar.

Avery não quer explicar que é muito mais fácil para ele usar um banheiro particular do que um público. Principalmente em uma cidade como Kindling. Assim, ele sai dirigindo, perguntando-se o tempo todo por que Ryan não o quer dentro de casa.

— Eu tenho um plano — diz Ryan. — Você topa um plano?

Avery assente.

— Tudo bem. Mas primeiro, um banheiro. — Ele diz para Avery virar à esquerda e depois à direita. Eles chegam a uma rua cheia de lojas, e Ryan mostra um McDonald's. — Serve isso?

Avery estaciona.

— Está com fome?

— Ainda não. A não ser que você esteja. Só achei que você poderia fazer xixi aqui.

Mais uma vez, Avery não quer explicar. Então ele sai do carro e entra. Sente os olhos nele quando vai para o banheiro masculino. As pessoas atrás da bancada olham com raiva porque ele não comprou nada. As pessoas nas mesas olham porque sabem para onde ele vai, sabem o que vai fazer. Ninguém precisa estar observando para que Avery se sinta observado. Ele está quase acostumado, mas nunca vai se

acostumar de verdade. A sensação é a de que está invadindo. De que vai ser confrontado. De que o mundo está cheio de pessoas que pensam que *diferente* é sinônimo de *errado*.

Por mais que Avery fique forte, sempre vai existir esse medo subterrâneo, essa vergonha irritante. Temos vontade de sussurrar para ele que a única forma de se libertar da culpa é percebendo o quanto ela é completamente arbitrária, exatamente o que ele dizia um dia antes. *Merda idiota e arbitrária*. Ele precisa levar essas palavras a sério. Há poder em dizer *Eu não estou errado. A sociedade está errada*. Porque não há motivo para homens e mulheres precisarem ter banheiros separados. Não há motivo para precisarmos ter vergonha do nosso corpo e nem do nosso amor. Mandam que nos cubramos, que nos escondamos, para que outras pessoas possam ter controle sobre nós, possam nos fazer seguir as regras delas. É uma bastardização do conceito de moralidade, essa regra da vergonha. Avery deveria poder entrar em qualquer banheiro, em qualquer restaurante, sem medo, sem hesitação.

Ele fica aliviado por ser um banheiro individual, por poder trancar a porta e ter privacidade. Fica constrangido por esse alívio, pouco à vontade com o fato de que está tão pouco à vontade. Ryan permanece no carro, alheio. Avery sente inveja disso e também fica irritado.

Quando ele sai, os olhos ainda estão lá, a autopercepção adicional. Avery não deixa que isso mude suas ações, não mais. Mas não pode negar que esteja presente. Sempre está.

Não perdemos o medo até não termos mais nada. Mas ainda sentimos medo por outras pessoas.

Quando Avery volta para o carro, Ryan está trocando mensagens de texto com alguns amigos.

— Todo mundo quer conhecer você — diz Ryan.

Isso enche Avery de outro tipo de ansiedade.

— Todo mundo? — pergunta ele.

— Eu talvez tenha contado pra um ou dois ou sete dos meus amigos sobre você. Eles nos viram dançando naquela noite. Eu tive que atualizar as informações.

Avery liga o carro e pergunta:

— Para onde?

— Você quer conhecer alguns dos meus amigos?

A resposta é sim, e a resposta é não. A resposta é que Avery quer ver mais da vida de Ryan, claro. E a resposta é que ele gosta de serem só os dois por enquanto.

— Talvez mais tarde?

— Ah, definitivamente. Só preciso saber se deixo eles de sobreaviso ou não. Mas temos horas só nossas antes disso.

Avery gosta da ideia. Mas ainda se sente pouco à vontade. Não porque Ryan o fizesse se sentir de um jeito errado. Talvez ele só esteja pouco à vontade porque nada é fácil. Pouco à vontade é um estado natural.

* * *

Cooper está dirigindo por aí para recarregar a bateria do celular. Ele quer voltar para a caça, ver se consegue encontrar alguém melhor do que o cara da noite anterior. Uma última chance. Uma última vez.

Ele volta para o Starbucks e se senta em um canto, para que ninguém consiga ver a tela. Passa pouco de meio-dia em um domingo, mas os sites de sexo estão cheios de gente, cheios de propostas. Ele tem dez mensagens da noite anterior, de pessoas que ele ignorou quando estava conversando com Antimatéria.

Tudo é tão sem graça. Ele sente como se tivesse passado a vida olhando para esses rostos, apesar de só ter esse aplicativo há dois meses.

Caçaboy é quem o tira do sério. Ele já bloqueou esse cara pelo menos dez vezes. Mas o cara simplesmente cria um perfil novo e começa a mandar mensagens de novo. *Você é tão lindo. Você é tão gostoso. Acho que nos divertiríamos muito.* Ele parece trabalhar em um banco. Está com uma foto sem camisa apesar de ser velho demais para ter fotos sem camisa.

Antes, Cooper só apertava a tecla de bloquear. Mas, desta vez, digita uma resposta.

Você é nojento.

Caçaboy responde:

E você gosta?

Cooper não se importa mais. Por que precisa ser educado com gente assim?

Você não passa de um pedófilo desesperado e patético.

Em dez segundos, Caçaboy o bloqueia.

Cooper gosta da sensação. Por isso, continua.

Ele diz para os sujeitos que querem “só masculinos” que eles são tão ruins quanto os homofóbicos que tentam transformar *masculino* em um ideal macho de academia.

Ele diz para os sujeitos que querem “só brancos” que eles são escória racista.

Ele diz para os sujeitos de 60 anos que procuram “menores de 18 anos” que eles são pedófilos.

Ele diz para os caras mais jovens com fotos nuas que eles deveriam parar de se prostituir.

Você é patético, escreve ele.

Você é um desesperado.

Você tem medo de mostrar o rosto? É por isso que mostra o pau?

Seu namorado sabe que você faz isso?

Acho que tem alguma coisa errada com a minha tela. Não consigo identificar se é sua bunda ou sua cara.

Você está procurando diversão? Acha mesmo que vai encontrar aqui?

Todos começam a bloqueá-lo. De repente, eles desaparecem do celular, desaparecem da vida dele. Antimatéria não está online no momento, mas Cooper sente que, se estivesse, acharia rapidamente um jeito de ser bloqueado por ele também.

Tem um cara de 34 anos que diz que *procura um relacionamento duradouro*. Cooper escreve: *Quanto tempo você*

acha que esses relacionamentos duram? Duas horas? Três? Se você quer um marido, deveria parar de procurar alguém com quem foder.

Cooper acha que será bloqueado em tempo recorde. Mas o sujeito, cujo apelido é TZ, responde:

Por que você está com tanta raiva?

Cooper responde: *Não estou com raiva. Só estou falando a verdade.*

TZ não acredita. *Quem magoou você?*, pergunta ele. *Quer ajuda?*

Cooper o bloqueia na mesma hora. Não tem como desfazer isso. Pronto.

Ele encontra outro Papai procurando um Filhão, outro Filhão procurando um Papai, e diz para eles que esse não é o jeito de encontrar uma família. Encontra o cara de uma semana antes que sugeriu um encontro no parque. Diz para ele estar lá em 15 minutos. Quando o cara diz que está indo, ele o bloqueia. Que fique sem entender.

Cooper está se divertindo. Porque, toda a vez que ele é bloqueado, um novo rosto aparece. É como uma fonte infinita de descontentamento desesperado. (Sim, tem alguns caras que parecem perfeitamente felizes e têm senso de humor considerando a situação, mas Cooper os ignora.) A cinco quilômetros de distância. Quinze quilômetros. Trinta.

Ele poderia continuar durante horas. Mas o aplicativo já está atrás dele. Deve ter havido reclamações. Porque de repente uma mensagem aparece dizendo que sua conta foi

suspensa. Ele está congelado. Bloqueado por mau comportamento. Em um site de sexo.

Tudo bem, pensa ele. Ele apaga a conta. Apaga o aplicativo.

É fácil demais. Ele segue para outro aplicativo e começa a fazer a mesma coisa. É suspenso em questão de minutos. Apaga o perfil.

Ele vai para o Facebook. Em vez dos “amigos”, ele decide ir atrás de astros pop e políticos. Publica links de pornografia gay na página do Justin Bieber. Publica links de grupos nazistas na página de um congressista republicano que comparou estupro a tempo ruim. Na página de Taylor Swift, ele coloca um vídeo de uma ovelha sendo decapitada.

Só leva 2 minutos e meio para seu perfil ser apagado. Essa parte de sua vida acabou.

Ele é expulso de todos os sites nos quais criou perfis. É bloqueado em cada um deles. Empilhados, esses bloqueios formam um muro. Com ele de um lado. O resto do mundo do outro. Talvez seja sua barreira mais bem-sucedida.

Ele só precisa de uma hora no Starbucks para abandonar sua vida virtual. Se for honesto, vai admitir que essa é a maior parte de sua vida real também.

Um a um, ele apaga os contatos, até seu celular estar vazio.

O que sobrou?, ele pergunta a si mesmo.

A resposta é um satisfatório *nada*.

Craig achava que pelo menos sua mãe iria para a marca de 24 horas. Mas o fato de ela não estar aqui significa que talvez não esteja vendo. Talvez não saiba que completou um dia inteiro. Ou talvez saiba, mas decidiu ficar longe.

Faltando dois minutos, Craig dirige os pensamentos de novo para Harry. Para o Harry suado e grudento. Pela forma como se mexe e fica tenso, Craig sabe que ele está com dor. Mas não vai recuar, e Craig o ama por isso. Ama de verdade. A essa altura, ele nem sabe direito onde termina o corpo de Harry e começa o seu. A essa altura, até suas almas se tornaram um diagrama de Venn, e o espaço sobreposto só aumenta. Esqueçam a união do namoro, a união do sexo. Isso é uma coisa maior. Um pedaço deles parou de estar *junto* e começou a ser *o mesmo*.

A contagem regressiva começa. Craig quer que Harry saiba o que ele está sentindo. Craig quer beijá-lo com intenção. Eles podem estar cansados, eles podem estar com dor, mas ele quer que eles sempre tenham isso. Não importa o que acontecer depois, ele quer que eles estejam juntos nisso. Ele beija Harry enquanto os números diminuem, quando o segundo dia começa. Ele se sente próximo de Harry, mas de repente consegue sentir Harry apagando. Quando a multidão enlouquece, Harry fica flácido. Craig o segura com força, sente as beiradas dos lábios se separando, mas mantém a parte do meio, mantém os lábios unidos mesmo sem Harry reagir. Ele aperta com mais força, e Harry reage. Por puro instinto, começa a virar a cabeça, mas Craig fica em cima dele. As

pálpebras de Harry se abrem, e Craig, segurando-o, faz o sinal de água. Harry está quente agora. A plateia não entende; a plateia ainda comemora. Mas Tariq sabe. Smita sabe. Os pais de Harry sabem. Craig consegue ver nos olhos deles, na pressa com que trazem água para Harry.

Harry está de pé de novo agora, fazendo uma careta. Ele bebe um pouco de água pelo canudo enquanto os lábios de Craig selam as bocas dos dois. Mas Harry ainda está com calor demais. Precisa de ar. Ele começa a puxar a camisa, a expor a pele. Mas é uma camiseta. Ele foi burro ao colocar uma camiseta. Então, não tem como tirar.

O Sr. e a Sra. Ramirez estão ao lado dele, fazendo perguntas.

Ele está bem?

Ele faz sinal de sim. Porque sabe o que vai acontecer se fizer sinal de não.

Está com calor?

Sim.

Precisa tirar a camisa?

Sim.

Vai ficar bem sem camisa?

Sim.

A Sra. Ramirez se afasta por um segundo. A plateia agora percebeu que tem alguma coisa acontecendo. A comemoração foi interrompida e o deboche pode ser ouvido por trás.

Alguém está se oferecendo para pegar um ventilador, mas Harry não pode esperar. Sua mãe volta com uma tesoura e

pergunta se ele tem certeza.

Sim.

Ela entrega a tesoura e ele começa a cortar desajeitadamente a parte de trás da camiseta. Bem no meio. E, quando ela é dividida, os dois garotos fazem uma coreografia delicada para removê-la. Pela primeira vez em 24 horas, as mãos de Craig precisam ficar inertes ao lado do corpo. Seus lábios são o único ponto de contato. Isso faz Craig se sentir distante, frágil.

Assim que a camiseta é tirada, Harry se sente melhor. O ventilador, quando chega, traz mais alívio.

Craig recoloca as mãos nos ombros de Harry, nas costas. No calor da pele dele, no suor grudento. Harry também passa o braço ao redor de Craig. Ele coloca a mão por baixo da camisa de Craig. Pele na pele. Vertiginoso.

* * *

Por um momento, Tariq achou que estivesse terminado. Enquanto olhava para a tela, ele não ousou respirar. Como se prender a respiração pudesse impedir os lábios de Harry de se soltarem dos de Craig. Mas sentimos essa ligação o tempo todo, não sentimos? Nossos corpos não precisam estar se tocando para estarem ligados um ao outro. Nossos corações disparam sem contato. Nossa respiração fica presa até a ameaça sumir.

— O que foi?

Neil entra no quarto de Peter e vê uma expressão de profunda preocupação no rosto dele.

Peter faz um gesto na direção da tela.

— Pareceu por um segundo que Harry ia desmaiar. Agora, estão cortando a camiseta dele.

— Quem é Harry?

— Do beijo. — Peter aponta agora para um dos garotos na tela. — Harry. Você não estava assistindo?

— Eu estava fazendo outras coisas.

— Ah, está ficando bem intenso.

Neil sabe que este é o momento para contar a Peter o que aconteceu com sua família, como as coisas parecem um pouco diferentes agora. Mas Peter está concentrado demais nos garotos na tela, não está perguntando como foi sua manhã. E Neil ainda está avaliando sua reação; ele não quer a visão de Peter sobre a situação até ter sua própria. Ou pelo menos é o que diz a si mesmo, para justificar seu silêncio. A verdade é que Peter vai entender, mas só até certo ponto. Peter nunca precisou ter uma conversa dessas com os pais. Peter nunca se sentiu um invasor na própria casa. Ele pode dizer que houve momentos assim. Mas não aconteceu, na verdade. Não do ponto de vista de Neil.

— Parece que ele está se recuperando — diz Peter. — Já se passaram 24 horas. Só faltam mais oito.

Neil chega mais perto. Ele está olhando para o beijo, sim. Mas seu olhar segue naturalmente para o tórax de Harry.

Em 1992, quando mais de 200 mil de nós foram infectados e mais de 10 mil morreram, a Calvin Klein lançou uma nova campanha publicitária com um rapper branco chamado Marky Mark. Se você é jovem e é homem, a maioria das concepções que tem do seu ideal de corpo aponta para aquelas propagandas. Todos os modelos da Hollister que chamam sua atenção, cada voz em sua cabeça que diz que o abdômen precisa de “definição”, cada grama do mito da Abercrombie estão diretamente ligados a Marky Mark. Quer você siga esses ideais ou os rejeite, eles são o padrão não realista que você precisa encarar. É o que está sendo vendido para você.

O tórax de Harry não é assim. Tem a ousadia de ser um corpo comum ao ser transmitido em meio a todos os ideais. Ele não é gordo e nem magro. Tem uma fileira de pelos que segue do peito até a calça jeans. A barriga não é reta. Você não consegue ver o abdômen.

Em outras palavras, ele nos lembra do jeito que éramos quando adolescentes, do jeito que éramos antes do mundo se estabelecer.

Por que Marky Mark está sorrindo naquelas propagandas? Não é só por ter um corpo perfeito. Não, é como se ele soubesse que em pouco tempo nossos corpos serão divulgados. Em pouco tempo, nossas imagens vão entrar na rede. Todos vão querer se parecer com ele porque vão se sentir observados o tempo todo.

É claro que Harry sabe que está sendo observado. Mas sua aparência é a coisa mais distante de sua mente. Quando seu corpo começa a se virar contra você, quando o valor superficial da pele não é nada em comparação aos fogos de artifício de dor em seus músculos e em seus ossos, a suposta verdade da beleza desmorona, porque há preocupações mais importantes das quais cuidar.

Acreditem em nós. Sabemos disso.

Avery se pergunta por que Ryan está olhando para ele com o canto do olho, por que Ryan prefere olhar para ele em vez de para a rua. Mesmo quando os amigos olham para Avery, uma pequena parte dele ainda tem medo de eles estarem procurando defeitos, irregularidades. Nisso, Avery não é muito diferente de ninguém. Todos temos medo de *olhar* ser o mesmo que *procurar*.

Chega uma hora em que Avery não aguenta mais. O olhar. Em seguida, um sorriso de compreensão. E outro olhar.

— O quê? — pergunta ele.

Isso só faz Ryan sorrir mais.

— Me desculpe — diz ele. — É que não costumo gostar de pessoas. Então, quando eu gosto, parte de mim acha divertido e a outra parte se recusa a acreditar que está acontecendo.

Talvez seja por isso que nós gostamos tanto de observar vocês. Tudo ainda é novo para vocês. Já passamos por toda a experiência, apesar de testemunharmos coisas novas o tempo todo. Mas vocês. Novidade não é só um fato. Novidade pode ser uma emoção.

— O que estamos fazendo? — pergunta Avery.

Não é para ser uma pergunta existencial. Ele só quer saber o que eles vão fazer em seguida.

— Achei que começaríamos com panquecas. Você quer panquecas?

— É difícil imaginar uma situação em que alguém diria não para panquecas.

Eles vão para uma lanchonete, então. Como é uma cidade pequena, Avery repara que Ryan presta atenção para ver quem está lá dentro antes de escolher uma mesa.

— Procurando alguém em particular?

Ryan sorri de novo.

— Não. É só hábito, eu acho.

— Quantas pessoas têm na sua escola?

— Umas duzentas. Na sua?

— Oitenta.

— Você deve chamar a atenção. Com o cabelo rosa e tudo.

— Aposto que você se mistura com todo mundo super bem.

— Tentar me misturar seria como ser colocado em um liquidificador. Eu me abstenho.

Avery acha isso engraçado.

— O que você acabou de dizer?

— Eu disse: “Eu me abstenho”.

— É isso que você diz quando os garotos populares tentam te convencer a andar com eles? “Me desculpem, mas me abstenho de me misturar. Há vantagens demais em ser invisível.”

— Isso. É exatamente o que eu digo. Mas eles param? Não. Os garotos populares ficam me perturbando. Me ligando. Mandando mensagens de texto. Aparecendo na minha porta. Implorando como cachorros. Fico constrangido por eles.

— Sei *exatamente* o que você sente.

Para enfatizar o que disse, Avery aperta a mão de Ryan. É uma desculpa tão escancarada para tocar nele, e os dois sorriem em reconhecimento disso.

— Parte de você acha divertido — diz Avery. — E parte de você não acredita que está acontecendo.

Ryan assente.

— E no Pancake Century Diner, dentre tantos lugares.

— Bem — diz Avery —, *estamos* no Pancake Century, afinal.

A garçonete vai anotar os pedidos. Os dois pensam em afastar a mão, mas nenhum dos dois afasta.

* * *

Craig pensa em panquecas. Pensa em maple syrup quente e mirtilos e na manteiga derretendo. Pensa no sabor de defumado do bacon na língua. Um copo de suco de laranja gelado. Ele tenta sentir o gosto, mas o gosto é fugidio quando se trata de lembranças. Assim, ele precisa usar a lembrança da aparência. Do cheiro. Do quanto essas coisas o deixam feliz.

Ele se concentra de novo em Harry. Harry, que está se distanciando. Craig se sente péssimo pelo que pensa, mas o pensamento está presente: se eles não conseguirem agora, provavelmente vai ser por causa de Harry. Craig mandou uma mensagem de texto por cima do ombro e perguntou se ele estava bem, e Harry fica dizendo que está, fica dizendo que, agora que está mais fresco, está de volta ao ritmo. Mas Craig consegue sentir a mentira pelo corpo de Harry, consegue sentir os músculos tensos, consegue reparar em todos os pequenos movimentos que Harry faz para se manter ereto, para se obrigar a seguir em frente.

E eu nunca fui o mais forte. Craig se permite dizer isso, mesmo que apenas para si mesmo. Durante todo o tempo de relacionamento, era Harry quem estava no comando, Harry quem dava as instruções. Não por Harry ser mais inteligente e nem melhor do que Craig nesse tipo de coisa; só era mais importante para ele estar no controle. E Craig não se importava, então abria mão. Ele gostava de não ser responsável o tempo todo.

Complacência. Craig percebe agora que isso era complacência. Um dos motivos de ele gostar do som da voz de Harry era porque significava que ele não precisava usar a dele. Mas essa estratégia acabou se voltando contra ele. Harry acabou percebendo o que estava acontecendo e não se sentiu bem. Ele queria que Craig lutasse um pouco mais, mas quando Craig começou a lutar para que eles ficassem juntos, já tinha perdido.

Agora, ele está lutando por uma coisa diferente, uma coisa que parece mais primordial. Ele está lutando para ficar de pé. Está lutando para seguir sem comida, sem banheiro. Está lutando para manter os lábios nos de Harry por mais sete horas. E está lutando para ajudar Harry a fazer todas essas coisas bem.

É um dos segredos da força: temos muito mais chance de encontrá-la no serviço aos outros do que no serviço a nós mesmos. Não temos ideia de por que é assim. Não é só a mãe que levanta o carro para libertar o filho, nem o cara que protege a namorada quando o atirador começa a disparar. Esses são extremos, extremos de coragem, que a vida raramente oferece a nós. Não, é a força menos extrema, uma força que não é tanto situacional, mas constitucional, que encontramos para poder dar. Com que frequência vimos isso

quando estávamos morrendo? Quantos amantes delicados viraram cães ferozes ao cuidarem de nós? Quantos pais reticentes deixaram a reticência para trás a fim de ficar conosco? Nem todos. Sem dúvida, nem todo mundo demonstrou força. Algumas pessoas supostamente fortes da nossa vida mostraram que a força delas era na verdade feita de palha. Mas tantas nos sustentaram de formas que não sustentariam a si mesmas. Elas nos ajudaram a aguentar, mesmo com o mundo delas escorrendo por entre os dedos. Continuaram lutando, mesmo depois de nossa morte. Ou especialmente por causa da nossa morte. Elas continuam lutando por nós.

Nós morremos, e talvez nosso espírito também não exista mais quando as pessoas que nos conheciam deixem de pensar em nós com tanta frequência ou se juntem a nós. Mas o espírito dessa força continua existindo. Está lá, para quem quiser. Vocês só precisam esticar a mão para encontrá-la, como Craig está fazendo agora. Ele jamais faria isso por si mesmo, não desta forma. Mas, por Harry, ele faz.

Enquanto isso, Cooper se recusa a entender. Recusa-se a se segurar. Recusa-se a sentir.

Nós o vemos deixando tudo de lado, mas não vamos deixá-lo de lado.

Ele está dirigindo sem perceber que está dirigindo. Ele sabe que há um destino para ele e segue na direção desse destino. Enquanto isso, está fazendo uma avaliação vazia das pessoas que o amam. Ele não tem medo de magoar ninguém porque acha que ninguém liga o bastante para ele a ponto de ficar magoado. Claro, as pessoas vão fazer o que se espera. Vão chorar quando ele for embora. Mas, por baixo da exibição de tristeza, ele sente o alívio delas. Elas não querem que ele volte, então ele não vai voltar.

Ele pensa que o amor é uma mentira que as pessoas contam umas para as outras para tornar o mundo suportável. Ele não quer mais saber dessa mentira. E ninguém vai mentir para ele assim. Ele não vale nem uma mentira.

Queremos que ele avalie o futuro. Queremos que ele considere que o amor torna, sim, o mundo mais suportável, mas que isso não o torna uma mentira. Queremos que ele veja a ocasião em que vai sentir o amor de verdade pela primeira vez. Mas o futuro é uma coisa que ele não está mais considerando.

Na mente dele, o futuro é uma teoria que já foi provada como sendo falsa.

Que palavra poderosa, *futuro*. De todas as abstrações que podemos articular, de todos os conceitos que temos e os

outros animais não têm, como é extraordinária a capacidade de ver um tempo que nunca foi vivenciado. E como é trágico não acreditar nele. O quanto nos irrita, por termos um futuro tão limitado, ver uma pessoa deixá-lo de lado como se não tivesse importância, quando ele tem a capacidade infinita de ser importante e um número infinito de significados que podem ser encontrados ao longo dele.

Cante conosco o velho refrão.

Pra onde você quer ir?

Não sei; pra onde você quer ir?

O que você quer fazer?

Não sei: o que você quer fazer?

* * *

A transmissão dos dois garotos se beijando fica passando ao fundo enquanto Neil e Peter jogam videogame no quarto de Neil. Peter sente que tem alguma coisa estranha com Neil; ele não parece concentrado, e é o jogo que ele pegou alguns dias antes, desesperado para chegar ao nível 32 até o final da semana. Peter está com medo de ainda ser por causa da mensagem de texto idiota que ele recebeu de Simon, ou por causa de alguma outra coisa relacionada a eles. Por isso, não

diz nada; sabe que Neil vai tocar no assunto quando estiver pronto.

Por sua vez, Neil não entende por que não está conversando com Peter, por que está matando assassinos russos em vez de contando para o namorado que seu mundo mudou. Ele está esperando que o namorado pergunte o que aconteceu, pois acha que está claro que alguma coisa aconteceu, e por que tem que ser sempre ele a falar?

Peter faz uma pausa no jogo.

— Você está com fome? — pergunta ele.

— Não muita — responde Neil.

— Sede?

— Não.

— Quer fazer outra coisa?

— *Você quer fazer outra coisa?*

— Está com dores de prisão de ventre?

Neil não está com humor para isso.

— Não.

— Grávido?

— Não.

— De saco cheio do jogo?

— Que jogo?

— O que você está jogando.

— Que jogo estou jogando?

— O na tela agora. *Banho de Sangue nos Balcões 12.*

— Ah. Não. Está bom.

É agora que Peter deveria falar. *O que está acontecendo?*

Mas o que ele faz é recomeçar o jogo.
— Se você está bem — diz ele —, eu estou bem.
Eles continuam a jogar.

Ryan não precisou passar muito tempo pensando em onde levaria Avery depois porque eles já estavam ficando sem lugares legais em Kindling para ir. Se não forem para o rio, nem para a casa de tia Caitlin e nem para o Pancake Century Diner, há bem poucos lugares que valem a pena serem explorados. O Kindling Café é um dos que sobraram, mas é lá que todo mundo está. Ele quer que Avery conheça seus amigos, mas não ainda. Ainda quer ficar sozinho com ele, sem ninguém olhando, sem ninguém reparando. Este é o relacionamento de Ryan com essa cidade: ele não quer deixar marcas, e quer que Kindling deixe o mínimo de marcas possível nele. Sabe que foi definido por essa cidade. E, é claro, quanto mais ele tentou resistir a essa definição, mais o definiram. Mas isso, essa vez com Avery, precisa existir fora da definição. Ou, pelo menos, ele e Avery precisam ter a chance de se definirem sozinhos.

Assim, ele dá instruções para Avery dirigir até o Mr. Footer's, um minigolfe antigo. Está fechado há anos, mas ninguém comprou o terreno, então ele fica em um estado abandonado, quase apocalíptico em ruínas. O portão tem

cadeado, mas as partes dele estão gastas e facilitam a passagem. À noite, é frequentado por drogados, mas durante o dia é silencioso como um cemitério.

— Para onde exatamente você está me levando? — pergunta Avery.

Ryan tem um vislumbre do local pelos olhos dele e percebe que talvez seja um erro. Mas não quer voltar atrás agora.

Ele diz para Avery parar em frente.

— Quando eu era pequeno — explica —, este era o melhor lugar por aqui. Se você fosse bonzinho e fizesse suas tarefas, sua mãe e seu pai te trariam aqui. Você jogaria minigolfe o máximo que pudesse e tomaria sorvete e jogaria videogame naquela casinha ali depois.

Avery observa tudo.

— E o que aconteceu?

Ryan dá de ombros.

— Um dia estava aqui, e no dia seguinte havia uma placa dizendo que tinha fechado. E está assim desde esse dia, abandonado.

— E você vem aqui com frequência?

— Só com pessoas *especiais*.

— Ah, nossa. Estou lisonjeado — diz Avery.

Mas, de certa forma, ele *está* lisonjeado. Se Ryan tivesse ido de carro até Marigold, Avery seria obrigado a levá-lo ao T.G.I. Friday's ou ao cinema. O lugar onde eles estão não é assim.

— Vamos — diz Ryan.

Eles saem do carro e passam por uma abertura no portão. Lá dentro, tudo está quebrado. Há moinhos derrubados, fossos fétidos, garrafas quebradas e latas amassadas.

— Quer jogar? — pergunta Avery.

Ryan olha para a cobertura verde rasgada. Para os buracos cheios de guimbas de cigarro.

— Não sei se é uma boa ideia — diz ele. — Não tem mais tacos. Nem bolas de golfe.

— E daí?

— E daí... que é difícil jogar minigolfe sem essas coisas.

— Use a imaginação — diz Avery, então anda até a base da primeira estação e bate em uma bola invisível. — Essa é a pista de minigolfe mais incrível que já criaram. Por exemplo, este buraco é vigiado por jacarés vivos. Se eles engolirem sua bola, você perde três pontos. Se engolirem você, perde cinco.

Avery dá uma tacada exagerada com um taco inexistente e faz o gesto de ver a bola subir no céu e cair na cobertura verde.

— Vamosvamosvamos — murmura ele. Depois, suspira. — Nenhum buraco, mas pelo menos desviei dos jacarés. Sua vez.

Ryan anda até lá e coloca sua bola invisível no lugar.

— Espero que você não se importe de eu ter pegado a rosa — diz ele.

— Não me importo nadinha.

Ryan bate na bola. Os dois a observam subir e descer.

— Não foi ruim — diz Avery.

— Pelo menos, não acertei o jacaré.

Ryan pensa que Avery vai parar aí, que vai querer ir embora desse lugar abandonado. Mas ele segue para onde sua bola está e dá uma tacadinha de leve, depois sai da frente para Ryan fazer o mesmo. Ryan o imita, mas erra a tacada. Acerta a segunda.

Avery faz um gesto de recolher as bolas de golfe e anda até o próximo buraco.

— Sua vez — diz ele. — Qual é a história?

A história que Ryan conta é que a estação é cortada por riachos de chocolate; se sua bola cai dentro, fica mais gostosa, mas também deixa seu progresso mais lento. E, na verdade, a bola de golfe não é mais uma bola. É uma bala do tamanho de uma bola de golfe.

A história que Ryan *sente* é uma coisa diferente. A história que Ryan sente é a que está sendo escrita a cada minuto, essa história confusa e deliciosa dos dois se divertindo no que agora parece um lugar incrivelmente horroroso. Ele sempre gostou da aparência de abandono, mas isso era quando ele se sentia bastante abandonado também. Nos últimos dois anos, houve uma certa catarse em ver sua infância tão visivelmente destruída, como se houvesse alguma confirmação aqui de como devia ser a sensação de crescer.

Mas, com Avery, um pouco daquela sensação antiga de maravilha volta. Ryan entra na brincadeira, e é um alívio estar brincando. No quinto buraco, eles nem estão mais fingindo jogar golfe; apenas descrevem todas as coisas que não estão

vendo. Avery erige o Taj Mahal no buraco cinco, e Ryan cria o primeiro minigolfe antigravidade do mundo no buraco seis. No sete, eles começam a andar de mãos dadas, observadores de uma paisagem imaginária. Em vez de darem as mãos solenemente, eles as balançam para a frente e para trás, se afastam e se puxam para perto um do outro. O sol não está brilhando, mas eles não reparam. Se alguém perguntasse depois, eles jurariam que estava.

A coisa não é tão simples como se Ryan olhasse para Avery e tivesse a sensação de que eles se conhecem desde sempre. Na verdade, a sensação é totalmente oposta a essa. Ryan sente que está começando a conhecer Avery e que começar a conhecer Avery não vai ser como começar a conhecer nenhuma outra pessoa que ele já tenha conhecido.

Há um poço dos desejos no meio do buraco número nove. Esse não é imaginário, ele está bem ali, praticamente intacto desde seus dias de glória. Avery enfia a mão no bolso e tira um centavo.

— Não — Ryan diz de repente. — Não faça isso.

Avery olha para ele sem entender.

— Não faça isso?

— Joguei moedas nesse poço minha vida toda. E nenhum dos meus desejos virou realidade.

Quando criança, ele desejava dinheiro, fama, brinquedos ou amigos. Desejos mais recentes foram de várias outras coisas, todas elas sinônimas de amor ou fuga.

Ele tem medo de ter estragado a brincadeira por ficar tão sério de repente. Esse sempre foi seu problema, essa incapacidade de viver em mundos falsos por muito tempo.

Avery não pergunta o que ele desejou. Não precisa perguntar.

— Aqui — diz ele. — Talvez você não tenha feito certo.

Avery pega a moeda e a leva até os lábios de Ryan. Ele fica parado, sem saber o que está acontecendo. Então, Avery se inclina e dá um beijo nele, de forma que os dois estejam beijando a moeda. Quando se afasta, a moeda cai, e ele a pega no ar.

— Agora, faça um desejo — diz ele.

E Ryan pensa: *Quero ser feliz.*

— Pronto? — pergunta Avery.

Ryan assente, e Avery joga a moeda no poço. Os dois prestam atenção, mas nenhum dos dois ouve a moeda cair. Avery se volta para ele, chega perto de novo, e agora eles estão se beijando sem nada entre eles. Com lábios fechados e depois com lábios abertos. Com as mãos vazias e depois com as mãos entrelaçadas.

Depois de um minuto ou dois assim, Avery recua e diz:

— Não chegamos nem na metade!

Eles andam com os dedos ainda entrelaçados até o décimo buraco.

— É uma nuvem — diz Ryan. — Tudo isso é uma nuvem.

Eles ficam tão absortos na discussão sobre jogar golfe nas nuvens que não ouvem os passos, não ouvem as gargalhadas se

aproximando. Mas logo as vozes estão altas demais para serem ignoradas.

Ryan se vira e vê quem está chegando.

— O quê? — pergunta Avery.

E Ryan diz:

— Ah, merda.

Harry está chorando. Ele está com tanta dor que começou a chorar. Suas pernas estão com câimbras e sua bexiga parece cheia de pedras, e ele não quer chorar, mas seus olhos choram mesmo assim. Ele perdeu o controle dos olhos. Perdeu o controle de tudo, exceto dos lábios. Todo o controle que ainda resta, ele coloca lá. Mesmo com seu corpo gritando *renda-se*. Mesmo com sua mente dizendo para ele que não tem como isso durar mais cinco horas.

São quatro. Avery não faz ideia de quem são, e nem nós, mas, como nós, Avery tem ideia de onde isso vai dar. São os olhares de desprezo, o gingado no caminhar, o desdém quase aleatório nas gargalhadas. É um tipo particular de babaca, encontrado facilmente em garotos adolescentes que andam em grupos.

— E aí, Ryan? — provoca um deles. — Quem é seu *namorado*?

Ryan solta a mão de Avery.

— O que você quer, Skylar? — pergunta ele.

— Vimos um carro lá fora. O que vocês estão tramando?

Avery vê agora que Skylar e um dos outros caras estão segurando tacos de golfe. Skylar o vê olhando e sorri. Em seguida, vê uma garrafa no chão e gira o taco, derrubando a garrafa na direção de Ryan e Avery. Ryan não se encolhe, mas Avery, sim.

Não precisamos dizer como Skylar é, precisamos? Vocês já devem saber. No grande esquema das coisas, ele é um peão sem poder. Assim, exerce o máximo de poder que consegue em qualquer situação que possa dominar. Ele tenta construir seu autovalor nas costas dos outros, e funciona um pouco, mas nunca o bastante. Não o deixa mais inteligente. Não dá mais futuro a ele. Dá a mesma gratificação imediata que o sexo e as drogas. Ele não odeia Ryan, não de verdade. Só vê nele uma oportunidade de estar no controle. Principalmente com plateia.

Ryan tenta ficar longe dele; tenta ficar longe de todos eles. Porque sempre tem mais deles, e porque, se ele lutar, vai ter que lutar todos os dias depois disso. Mas, se conseguir evitá-los, vai acabar desaparecendo de vez. Ao menos, é o que ele disse para si mesmo, é o que sempre dissemos para nós mesmos. Não se envolva. Não torne pior. Afaste-se. Não saia

correndo, não seja covarde, não deixe que eles vejam seu medo. Afaste-se *andando*.

Se Avery não estivesse aqui, é o que ele estaria fazendo. Diria para eles se divertirem e sairia andando como se estivesse entregando o local para eles. Mas não dá para escapar dessa forma agora. É mais divertido para Skylar atacar com Avery assistindo.

Skylar mira em outra garrafa, e desta vez ela se quebra com o impacto e espalha vidro para todo lado. Os outros garotos acham isso hilário.

Avery consegue perceber que está se recolhendo, entrando em modo de sobrevivência.

— Que porra vocês querem? — pergunta Ryan com desprezo.

— Tão valente! — debocha Skylar.

Ele joga o taco de golfe na cara de Ryan.

Ou, pelo menos, ele faz parecer que vai jogar o taco de golfe na cara de Ryan. No último momento, ele o segura. Mas só depois que Ryan levantou o braço e se encolheu para o golpe que não acontece.

Avery consegue ver a humilhação de Ryan por cair na enganação. Enquanto os garotos gargalham mais, Avery sente vontade de andar até lá e colocar a mão nas costas de Ryan em um gesto reconfortante, sente vontade de dizer para ele que está tudo bem. Mas não pode fazer isso porque não sabe que tipo de reação isso vai gerar. Além do mais, ele não tem certeza se está tudo bem.

O que Avery não sabe é que a humilhação de Ryan não é só pelo momento, mas pelo acúmulo de abuso por parte de Skylar e outros sujeitos como Skylar. Eles invadiram sua vida toda, cuspiram e pisotearam e sabotaram qualquer grau de segurança e conforto que ele conseguiu construir. Essa é a verdadeira tirania, não as provocações e empurrões de fato, mas a exaustão que vem de viver com isso por tanto tempo, tão ininterruptamente.

Sofrer implicância, ser ridicularizados por ser aquilo que não tínhamos nem permissão de ser era uma coisa que nos matava. Tantos de nós ouviram a palavra *gay* pela primeira vez como insulto, abominação. Tantos de nós foram chamados de viados antes mesmo de saber o que significava. Nem todos de nós; alguns escondiam tão profundamente que ninguém conseguia encontrar nossa fraqueza. Alguns de nós faziam bullying para disfarçar o que éramos ou porque odiávamos tanto o que éramos que tínhamos que atacar a mesma característica em outras pessoas. Muitos de nós precisaram sofrer nas mãos de pessoas mais burras e/ou mais cruéis do que nós só porque elas eram maiores, só porque falavam mais alto, só por causa de quem eram os pais ou do time em que eles jogavam, ou porque elas tinham coragem de nos chutar enquanto não tínhamos defesas para retribuir o chute.

Sempre há uma época antes de entrarmos na mira. No caso de Ryan, houve uma época em que ele jogou na Liga Infantil com Skylar. As mães deles até davam carona uma para a outra. Mas essa história não tem importância nenhuma aqui.

— Nós interrompemos a pegação de vocês? — diz Skylar com nojo calculado. — Perdemos o show? — Ele está perto agora, perto demais. Pega o taco de golfe e o usa para empurrar Avery na direção de Ryan. — Não deixem que a gente atrapalhe. Vamos ver o que vocês sabem fazer.

Avery sente os olhos dos caras nele e não faz ideia do que eles veem.

— Vamos lá! — grita um dos caras. — Façam!

Ryan está fervendo de raiva, mas não pode soltar essa raiva e agir. Não até Skylar começar a cutucá-lo com o taco de golfe enquanto faz sons de beijo. É demais. Ryan agarra o taco, tenta puxá-lo das mãos de Skylar. Ele espera que Skylar puxe de volta, mas Skylar surpreende Ryan e empurra. Ryan perde o equilíbrio e cai sentado, esbarrando em Avery. *Aí* Skylar puxa o taco e o tira com facilidade da mão de Ryan.

Todos estão olhando para Ryan no chão, até Avery. Os garotos estão adorando, soltando mil insultos. Mas Skylar fica quieto. Ele deixa que sua satisfação fale por ele. Independentemente do que Ryan faça, Skylar já venceu.

— Você precisa arrumar um namorado novo — diz ele para Avery. — Este está danificado.

— Vai se foder — diz Avery.

Parece bobagem dizer isso. Burrice. Tem que haver alguma coisa melhor para ele dizer, mas isso é tudo que sai.

— Não — diz Skylar. — *Você* vai se foder.

Ryan está se levantando agora. Skylar dá um passo para trás e dá uma tacada em um pedaço de vidro, que bate no

tênis de Ryan.

— Deixa pra lá — diz Avery.

— O que, já? — provoca Skylar. — Não foi um show muito bom!

Avery tenta ler a expressão nos olhos de Ryan, mas não consegue. Ele não faz ideia do que Ryan está pensando agora, do que vai fazer. Parece que nenhum deles está aqui, só Ryan e Skylar se encarando.

— Quero ir embora — diz Avery.

Que os garotos botem a culpa nele. Que ele seja o fraco, se isso for tirá-los dali.

— Tudo bem — diz Ryan. Ele fala para Avery, mas não tira os olhos de Skylar. — Foi ótimo ver vocês, garotos.

— É, bicha, foi ótimo te ver também — responde Skylar.

Ryan e Avery começam a se afastar. Os garotos respondem derrubando mais latas e garrafas na direção deles. Ryan não sai correndo. Só segue andando, e Avery acompanha o passo dele. Vidro e alumínio os acertam, voam ao redor deles. Os garotos estão gritando de alegria. Eles seguem os dois por uma distância curta, mas finalmente, no sexto buraco, desistem. Ryan despreza a sensação de gratidão que sente por isso.

Assim que eles saem de perto e rastejam em segurança pela abertura no portão, a rolha salta e libera todas as palavras que Avery estava guardando dentro de si.

— Isso foi apavorante — diz ele. — Mas estamos bem. Estamos todos bem. Aqueles caras são uns babacas. O

importante é que estamos bem. Vamos esquecer isso, porque não faz sentido nos preocuparmos agora. Estamos bem, né?

— Me desculpe — diz Ryan —, mas acho que preciso que fiquemos em silêncio por um segundo.

Ele tenta falar delicadamente, tenta deixar claro que não é nada pessoal contra Avery, mas Avery não consegue evitar um sentimento de repreensão.

Skylar estacionou o carro de forma a bloquear o de Avery. E é uma picape, então não dá para Avery bater até sair. Ele precisa fazer uma volta apertada e passar por cima da calçada para sair. O tempo todo, Ryan ferve de raiva.

— Está tudo bem — diz Avery.

— Não, *não* está — corta Ryan.

Avery termina a manobra e sai do estacionamento.

— E agora? — pergunta ele.

Ryan sabe que precisa se distanciar do que acabou de acontecer, precisa sair daquela situação e voltar para o dia que ele e Avery estavam tendo. Mas a ira que sente é vulcânica. Se Avery não estivesse ali, ele estaria voltando para lá com um taco de golfe. Esperaria até eles não estarem olhando e daria uma surra neles. Pelo menos, é o que ele diz para si mesmo. Essas ideias são bem mais claras quando não estão acontecendo de verdade.

— Ryan?

Ryan não ouviu a pergunta e não percebe que Avery precisa saber para onde ir. Ele olha para o relógio e percebe que disse para Alicia que eles passariam lá em 15 minutos.

— Vire à esquerda — diz ele.

Avery quer perguntar mais, mas decide ser paciente. *Bota pra fora*, ele tem vontade de dizer para Ryan. *Diz o que tem pra dizer*.

Mas Ryan ainda não chegou nesse ponto. Ele não consegue dizer em voz alta. E não pode deixar para lá.

* * *

Cooper vai ao McDonald's para comer alguma coisa e percebe que não tem mais tanto dinheiro. Isso deveria incomodá-lo, mas não incomoda. Ele quase nem repara.

O que ele faz é se sentar e comer seu quarteirão com queijo. As pessoas falam e riem e se empurram ao redor, mas ele olha para um espaço que não está ali, com pensamentos tão anônimos quanto seus arredores. Ele termina o sanduíche em seis minutos e fica sentado por mais trinta. Desenvolvendo coisas na mente. Falando consigo mesmo porque não tem mais ninguém com quem falar.

A morte é difícil, e encarar a morte é doloroso. Mas ainda mais dolorosa é a sensação de que ninguém se importa. De não ter um amigo no mundo. Alguns de nós morremos cercados de entes queridos. Alguns de nós tínhamos entes queridos que

não conseguiram chegar a tempo, que estavam longe demais ou apenas tinham ido dormir um pouco. Mas também há alguns de nós que podem dizer como é não ter ninguém que você ama, não ter ninguém que ama você. É muito difícil ficar vivo só por você. É muito difícil encarar um dia após o outro sem outro rosto familiar olhando para você. Isso transforma seu coração em um músculo sem propósito.

Quanto menos ligações você tem com o mundo, mais fácil é ir embora.

* * *

Precisamos voltar para Harry e Craig. Precisamos vê-los ali de pé. O dia está ficando mais quente, e, como resultado, os corpos deles parecem emitir mais calor. Vemos a mão de Craig apertar as costas de Harry e nos lembramos da sensação milagrosa da pele. É uma coisa que faz muita falta. Tocar no peito dele e sentir os batimentos cardíacos. Tocar nas costas dele e sentir a coluna. Uma respiração nos nossos pescoços. O arrepio de se afastar. A fornalha de se envolver.

Vinte e sete horas e cinco minutos é muito tempo para um beijo. Assim como vinte e sete horas e seis minutos. Harry e Craig estão cientes de tudo que se passa ao redor deles. O mar de rostos fica se alterando, se atualizando. A trilha sonora segue de música em música. Mykal se transformou em animador de torcida voluntário; se os apoiadores ficam quietos

demais, ele os agita. Depois do treino de futebol americano, houve uma falação adicional de discórdia; não todos os jogadores, mas alguns. Mas os que discordam logo ficam entediados. Não há muito para se ver quando são dois garotos se beijando. É preciso ter dedicação para ficar.

A percepção de Tariq falha por causa do sono. Ele começa a murmurar Walt Whitman para se manter desperto, para manter os pensamentos em sequência. Smita o escuta e começa a fazer o mesmo. Quando Mykal escuta, ele transforma em cantoria.

Nós dois abraçados, dois garotos!

Um sem nunca deixar o outro!

Desfrutando o poder!

Esticando os cotovelos!

Agarrando com os dedos!

Armados e destemidos!

Comendo!

Bebendo!

Dormindo!

Amando!

Harry e Craig se agarram um ao outro. Cada um deles absorve em seus próprios pensamentos, de sua maneira, se pergunta: *Por quanto tempo é possível se agarrar a um corpo?*

Temos vontade de dizer a eles: *Muito tempo*. Eles são jovens. Não compreendem. É natural um corpo se tornar tão

seu quanto o seu. É natural ter essa ligação, essa familiaridade. Somos seres que se regeneram sempre, mas sempre podemos manter a mesma aproximação, e dessa forma podemos ser conhecidos. E abraçados.

Agarre-se ao corpo dele, temos vontade de dizer para os dois. E também: *Agarre-se ao seu*.

Harry tosse. Craig absorve. Ele nem treme.

Neil está sentado ao lado de Peter enquanto ele joga videogame. Peter joga videogame, mas está prestando mais atenção ao fato de estar sentado ao lado de Neil.

Peter não sabe o que dizer, então se aproxima. Só alguns centímetros, mas agora seus ombros se tocam. Agora, eles estão juntos de uma maneira simples.

* * *

Avery fica feliz em conhecer os amigos de Ryan, mas também um pouco perdido. Não que Ryan deixe de apresentá-los, mas, depois que apresenta, parece que ele se exclui da conversa. Sua mente ainda está no minigolfe. Ele ainda está cozinhando sua raiva inútil.

A melhor amiga de Ryan, Alicia, percebe que tem alguma coisa errada. Avery quer dizer para ela: *Não fui eu. Juro que*

não fui eu. Mas ela deve sentir isso também, porque é muito receptiva com Avery e tenta contar histórias engraçadas de Ryan quando era menor para fazer com que se sinta menos isolado. Na verdade, dos quatro amigos sentados ao redor da mesa no café, só um deles, Dez, parece estar avaliando Avery demais, tentando entender o que tem debaixo da camisa dele.

Finalmente, Ryan conta para eles o que aconteceu; não todos os detalhes, mas a ideia geral. Avery fica aliviado e acha que isso vai tirar o peso das costas de Ryan, vai fazer com que deixe para trás. Todos são solidários e murmuram uma lista quase infinita de sinônimos da palavra *babaca* para descrever Skylar e os amigos.

Mas não basta para Ryan transformar em história. No final, ele diz:

— Eu devia ter feito alguma coisa. Quebrado o carro dele. Chamado a polícia pra avisar da invasão. Alguma coisa. Acho que ainda não é tarde demais.

— O que você quer dizer com “ainda não é tarde demais”? — pergunta Alicia de uma maneira que Avery sente que não pode imitar.

— Quero dizer que sei muito bem onde ele mora.

Alicia assente. Mas também fala:

— Ryan, entendo que você está furioso. Mas acho que precisa pegar mais leve.

— É fácil pra você falar. Você não estava lá. Certo? — Com isso, ele olha para Avery.

Avery não sabe exatamente o que Ryan está perguntando. A pergunta parece ser se Alicia estava ou não lá, e todos sabem a resposta a isso. Ryan quer alguma coisa mais dele.

— Acho que vocês são companhia muito melhor — diz Avery, ganhando pontos de todos, menos de Ryan.

Vemos o quanto Ryan fica insatisfeito com isso. Com Avery. Com Alicia. Com todos por não compartilharem da raiva dele. Conhecemos esse sentimento muito bem. Houve momentos em que fomos englobados por nossa raiva; não parecia uma coisa que nós criamos, mas uma coisa que existia fora de nós, ao redor, nos envolvendo. Depois de tantos anos negando nossa raiva, negando nossa fúria, sentimos poder por reconhecê-la, por permitir que nos alimentasse, que a domasse e transformasse em ultraje, pegasse aquilo que parecia exterior e afastasse lá de dentro.

Parte da utilidade da raiva é esse reconhecimento, esse controle. Mas a outra parte, a parte que às vezes era mais difícil para nós, principalmente em momentos de dor, é a questão do direcionamento. Isso quer dizer que às vezes a raiva é tão intensa que você a dispara para todos os lados. Mesmo quando, na verdade, só deveria disparar para as pessoas de quem está com raiva, as pessoas que realmente merecem sua ira. Ryan, tão obcecado pelo ódio por Skylar, nem percebe que está deixando que se espalhe para todo lado.

Alicia pergunta a Avery sobre o cabelo rosa e há quanto tempo ele usa assim, depois faz mais perguntas sobre a vida em Marigold. O que ela quer é que Avery vá ao banheiro ou lá

para fora fazer uma ligação, para ela poder ficar sozinha com Ryan e lembrá-lo do objetivo desse dia, lembrá-lo o quanto ele estava empolgado quando pediu para ela reunir os amigos para conhecerem esse garoto que surgiu em sua vida. Mas Avery não sai da mesa, e Ryan não ouve o aviso de sua melhor amiga.

— O que você vai fazer agora? — pergunta ela quando a conversa começa a se esgotar.

— Não sei — diz Ryan.

Mas ele consegue ver claramente. Sua mente ainda está manchada com a palavra *vingança*.

Neil sabe o que Peter está fazendo ao se encostar no ombro dele assim. Sabe o que Peter está dizendo. Ele não se afasta. Mas também não conta o que aconteceu, e ainda não entende por quê.

Cooper sai do McDonald's. Volta para o mundo. Espera que a noite caia.

Craig olha para a multidão em busca da família, mas não vê ninguém.

* * *

Harry tenta se concentrar nas mensagens de texto e nos e-mails que chegam, em todas as postagens. Ele quase não tem forças para segurar o celular, mas digita o máximo de respostas que consegue, tentando se perder nas palavras, tentando passar o tempo com as palavras.

O pai de Harry assiste ao filho e sente uma coisa enorme dentro de si. Seu pai jamais teria entendido o que ele estava vendo, o que estava sentindo. Seu pai teria mais do que algumas coisas a dizer sobre isso. Mas seu pai não valia o neto que tinha em vários aspectos, assim como o pai de Harry sente que não vale o filho que tem em vários aspectos. O que ele sente é mais do que orgulho. *Aqui*, pensa ele, *está o significado de tudo*. Bem ali na frente dele. Seu filho.

Tom, de pé ao lado do Sr. Ramirez, deseja que estivéssemos lá para ver.

Estamos bem aqui, dizemos para ele.

Estamos bem
aqui.

— Tem alguma coisa que você queira fazer? — pergunta Ryan quando eles chegam ao carro de Avery.

Quero voltar atrás, pensa Avery. *Quero as duas últimas horas de volta*.

Craig vê a expressão no rosto de Tariq antes de ver seu celular na mão dele. Nas últimas horas, Craig deixou que Harry mandasse as mensagens de texto, que Harry fosse a pessoa dizendo obrigado aos inexplicáveis milhares que estão assistindo. Mas a expressão de Tariq deixa claro que não é isso. Quem tem outra coisa.

Tariq entrega o celular. É uma mensagem de seu irmão Kevin.

Fomos dar uma volta. Boa sorte.

Sua família não vem.

Sua família. Não. Vem.

Em determinado ponto durante a noite, seu pai deve ter decidido. Só pode ter sido seu pai.

Eles foram embora. Só vão voltar quando acabar.

Craig sente que sua pele foi arrancada por dentro. Sente que todas as pessoas olhando, todas as pessoas podem ver o que acabou de acontecer, podem ver tudo que nunca vai acontecer. Nenhuma reunião. Nenhuma comemoração. Nada.

As lágrimas caem antes mesmo de ele pensar nelas. De todas as coisas que seu corpo está fazendo, essa é a que faz mais sentido. Quando você fica triste, faz sentido o corpo querer que seus olhos se limpem rapidamente.

Harry ainda não sabe o que está acontecendo, apesar de ter a sensação que sabe. Craig faz sinal para Tariq mostrar a mensagem para Harry, e os medos de Harry se confirmam. Agora, Smita e a Sra. Ramirez também se aproximam, ao verem que tem alguma coisa errada.

A multidão grita mais alto, fala os nomes dos garotos. São centenas de vozes gritando o nome que os pais de Craig deram a ele. Parece tão sem sentido.

Alguma coisa toma conta de Tariq. Ele não consegue se impedir. Ele diz para Rachel tomar conta dos computadores, da transmissão, e corre pela multidão. É a primeira vez que ele se afasta de Craig e Harry, é a primeira vez que faz uma pausa, e ele não sabe de onde vem a energia, mas quando passa pela confusão de gente, corre como um medalhista de ouro pela cidade. Sua respiração está pesada, e todos os seus ferimentos

antigos parecem estar quase se abrindo, mas ele segue em frente, força-se a continuar até estar na rua de Craig, na calçada de Craig, na porta de Craig. Em seguida, está batendo na porta, batendo com força, gritando para que eles saiam, gritando que sabe que eles estão lá dentro, implorando para que estejam, para que vão com ele, para que não sejam tão burros, para que não cometam esse erro.

— *Ele precisa de vocês* — diz ele. — *Ele precisa de vocês* — repete ele sem parar, até sua mão ficar cansada de bater e seus pulmões ficarem cansados de gritar.

A casa estala, como se contando para Tariq sobre seu abandono. O sol pisca por trás de uma nuvem. Não há nenhuma palavra de resposta porque não tem ninguém por perto para elaborar uma.

Tariq não chora. Não incomoda mais a casa. Ele queria ser quem transforma a coisa errada em certa, como tantos de nós queremos. O fato de ter falhado quase não tem importância. No meio de toda a confusão, quando acabar tudo, ele provavelmente vai se esquecer de contar para Craig que tentou isso, que fez isso.

Dizemos para ele que foi uma boa tentativa. Quando ele sai andando de volta para a escola, tentamos andar ao lado dele. Queremos que ele sinta que tem companhia.

Craig percebe o quanto os estava esperando agora que não está esperando mais.

Ele também fica surpreso ao ver que a ausência não vai fazer com que se afogue.

Harry está tentando dar apoio a Craig. Tentando tanto. Quando parece que não dá para haver nada de novo a se dizer no beijo, ele tenta dizer isso. E Craig escuta. Craig começa a desenhar alguma coisa nas costas dele. Primeiro, Harry pensa que é um P, ou um *e* em caixa baixa. Mas Craig faz uma curva: um coração.

Harry responde com um ponto de exclamação.

— Você não está sozinho — diz ele, com a boca ainda na de Craig.

— O quê? — Craig pergunta.

— Você não está sozinho — repete Harry.

E, desta vez, Craig escuta.

Neil sai do lado de Peter e anda até o computador. Os dois garotos ainda estão lá se beijando. Neil se inclina, tenta

imaginar o que estão pensando. Ele coloca a imagem em tela cheia, mas isso só os deixa mais embaçados.

— Devíamos ir pra lá — ele se vê dizendo. — Você acha que sua mãe nos dá uma carona?

— Eu só quero passar por lá de carro — diz Ryan. — Só pra ver se eles ainda estão lá.

Avery quer recusar. Mas acaba concordando silenciosamente quando Ryan o manda virar para a esquerda, virar para a direita.

Ali está de novo. O minigolfe abandonado.

A picape foi embora.

Avery não consegue identificar se Ryan fica decepcionado ou aliviado. Talvez as duas coisas.

— Acho que sei onde eles podem estar — diz ele.

Ele diz para Avery sair e virar à esquerda.

Avery passa por dois sinais verdes. Quando um sinal vermelho os faz parar no terceiro cruzamento e Ryan diz para ele virar à esquerda de novo, Avery decide que não vai ceder e nem desistir. Ele vai dar a Ryan uma última chance.

Ryan fica confuso quando Avery muda de pista e vira à direita. Mais ainda quando Avery para no estacionamento de um escritório de advocacia.

— O que você está fazendo? — pergunta ele a Avery.

E Avery diz:

— Você está estragando tudo. Precisa parar agora, antes que estrague tudo completamente.

* * *

Cooper pega a estrada. Ele vai embora da cidade de vez. Nem pensa duas vezes. Acha que ninguém lá merece uma despedida.

Só faltam duas horas.

Mais equipes de filmagem, mais manifestantes. Mais calor, mais barulho.

Mesmo com todas as doses de cafeína, Craig quer tanto dormir quanto quer se sentar. Ele tenta manter a mente longe das perguntas ruins, mas, a essa altura, ele está um tanto

indefeso contra elas. Todos os motivos não ditos e até não reconhecidos para fazer isso estão desaparecendo. Ele não pensou que isso reuniria sua família ao redor dele? Ele não pensou que eles sentiriam orgulho? E Smita não estava certa, ele não pensou que isso traria Harry de volta, os tornaria um casal de novo? E o que aconteceu com Tariq; ele achou mesmo que isso de alguma forma corrigiria aquilo, impediria que esse tipo de coisa voltasse a acontecer? Será que não está tornando tudo pior, dando um motivo para as equipes de filmagem venderem o ódio do outro lado nas transmissões?

Por que você está fazendo isso?, ele se pergunta, e, com todas as outras respostas sumindo, ele não sabe bem o que sobra. Poderíamos dizer para ele, mas ele precisa descobrir sozinho. Sabemos disso. É impossível para nós armá-lo contra o desespero. Ele precisa se armar sozinho.

Harry está com tanto calor. Ele toda hora faz o sinal A de água, e já bebeu uma quantidade enorme. (Na verdade, foi só meia garrafa.) E agora, precisa muito urinar. Mas todas essas pessoas estão olhando. Tem toda essa gente aqui. Ele não consegue imaginar fazer xixi na frente delas. É a maior timidez do mundo. Ele tenta segurar. É doloroso.

A polícia está bloqueando a rua agora. A força toda está presente, mas eles nem são tantos assim. Não dá para revistar todos que chegam. Qualquer idiota poderia trazer uma arma. Qualquer um que quisesse impedir o beijo.

A maioria das pessoas que chegam a essa altura é como os dois que saem do carro da mãe de Peter. Apesar de não haver falta de manifestantes, a maioria das pessoas que migram para cá faz isso por sentir alguma ligação com o beijo. Com suas ações, Harry e Craig estão dizendo o que querem dizer. Por isso, as pessoas sobem em ônibus, entram em carros. Vão para a estação de trem de Millburn, onde uma senhora solícita ensina como caminhar até a escola de ensino médio, e para eles não confundirem com a escola de ensino fundamental II, que é bem mais perto. Agora que faltam menos de duas horas, há uma empolgação vibrando pelo gramado quando Peter e Neil chegam. Eles ficam atônitos em ver tanta gente, de ver o muro de amigos que protege Craig e Harry dos manifestantes, de qualquer ameaça que possa surgir. Na confusão, Craig e Harry são apenas dois corpos curvados formando um A. Eles são o centro firme de uma comemoração mais selvagem, a primeira onda, e a mais tensa.

Peter e Neil fazem uma pausa na extremidade da multidão para verificar o local. Pelo menos, esse é o motivo da pausa de Peter, para ter ideia de onde está todo mundo e para ver se conhece alguém ali. Neil faz a pausa para olhar para Peter, para olhar para ele de verdade e se perguntar o que quer. Ele sabe que ama Peter e também sabe que não tem certeza do

que isso quer dizer. Não há mais ninguém no mundo que ele queira beijar e nem com quem ele queira transar e nem com quem queira compartilhar a vida. Ele se pergunta por que então uma parte dele ainda se sente vazia. Por que, ano após ano, ela ainda não está completa?

Ele está quase lá, conseguimos perceber. Está quase descobrindo a duríssima verdade, de que ela jamais ficará completa, nem ele se sentirá completo. Isso costuma ser uma coisa que só é preciso aprender uma vez, que, assim como não existe “para sempre”, também não existe o total. Quando se está vivendo as emoções do primeiro amor, essa descoberta parece uma interrupção do impulso, a destruição das promessas. Durante o ano passado, Neil supôs que o amor era como um líquido sendo derramado em um frasco e que, quanto mais tempo você amasse, mais cheio o frasco ficaria, até estar completamente cheio. A verdade é que, com o tempo, o frasco também se expande. Você cresce. Sua vida se amplia. E você não pode esperar que só o amor de seu companheiro o preencha. Sempre vai haver espaço para outras coisas. E esse espaço não fica vazio, mas é preenchido por outro elemento. Apesar de o líquido ser mais fácil de enxergar, temos que aprender a apreciar o ar.

Não aprendemos isso de uma vez. Alguns de nós não aprenderam, ou aprenderam e esqueceram quando as coisas ficaram bem ruins. Mas, para todos nós, houve um momento assim: o disco pula, e você tem a chance de se desligar da

música ou deixar que toque até o fim, um pouco pior do que estava antes.

— Veja todas essas pessoas — diz Peter para Neil. — Veja isso!

Neil olha para ele e vê um grande nerd bobo. Olha para ele e vê uma pessoa cuja mãe o traria de carro até aqui e buscaria depois. Olha para ele e vê talvez não seu futuro, mas definitivamente seu presente.

Quando Neil contar para Peter o que aconteceu em sua casa de manhã, como vai fazer em 40 segundos, Peter vai primeiro ficar confuso e magoado porque Neil não contou imediatamente. Neil vai ver isso, mas não vai pedir desculpas. Em cinco minutos, Peter não vai mais ligar, porque vai querer saber tudo que aconteceu, vai querer estar lá com Neil, mesmo depois do fato, para dar apoio. Ele vai abraçar Neil com força, e Neil vai abraçá-lo também, e mais amor vai entrar em cada frasco, e cada um dos frascos vai se expandir mais um pouco.

— Estragando? — pergunta Ryan. Quando ele começa a falar, não está mesmo entendendo o que Avery quer dizer, mas quando chega ao ponto de interrogação, já entendeu. Então, antes que Avery possa responder, ele diz: — Ah. É.

— Quero o dia de volta — diz Avery.

E Ryan, na defensiva, responde:

— Não fui eu que tirei da gente.

Assim que ele diz isso, sabemos que Ryan tem que tomar uma decisão, e é uma decisão importante. Porque, se ele tomar a decisão errada agora, há uma boa chance de que vá continuar tomando a mesma sempre. Aqueles de nós que morreram com raiva conseguem reconhecer o padrão. É injusto que Ryan precise tomar essa decisão; ele está completamente certo quando diz que o dia foi tirado dele. Mas agora está em suas mãos recuperá-lo. Ele só precisa superar a raiva para conseguir isso.

Avery não sabe o quanto as apostas estão altas. Ele só sabe que, se Ryan ficar assim, ele não vai ficar em Kindling por muito mais tempo. Ele sabe que é uma pena, mas também é verdade.

— Por favor — diz ele. Para Ryan. Para o universo.

Ryan bate com a cabeça no apoio do banco do passageiro. Em seguida, vira-se e olha nos olhos de Avery.

— Me desculpe — diz ele. — De verdade, me desculpe. Sou tão idiota.

— Tudo bem. Não passamos ainda do ponto sem volta.

Ryan balança a cabeça.

— É, mas eu quase coloquei a gente lá, né?

Seu celular toca no bolso e ele o pega. Quando vê a tela, ele ri. Mostra para Avery; é uma mensagem de Alicia.

Você está estragando tudo, garoto. Não seja idiota.

— Acho que ela gostou de você — diz Ryan.

— Eu gostei dela — diz Avery. — De todos eles.

— Até de Dez?

— Oitenta por cento.

Ryan concorda.

— Parece certo. E em que posição eu estava dois minutos atrás?

— Quarenta por cento? Trinta e sete?

— O que devemos fazer então? Quero voltar pros noventa por cento.

O que você quer fazer?

Não sei. O que você quer fazer?

Desta vez, Avery responde.

— Vamos pegar o barco da sua tia — diz ele. — Quero voltar pra água.

Não é que Ryan tenha esquecido. E certamente não esqueceu. Mas lembrou: ele só tem mais um ano disso. Skylar e os amigos nunca vão embora. Mas Ryan vai. Mesmo que seja tão simples quanto fugir com um garoto de cabelo rosa.

Enquanto isso, Harry não consegue mais aguentar. Simplesmente não consegue. Seu corpo toma a decisão por ele, e, bem ali, na frente de todo mundo, ele faz xixi na calça. Quando começa, é quase impossível parar. Horrorizado, ele sente a cueca ficar molhada. A parte da frente da calça jeans.

* * *

Craig sente Harry ficando tenso e não sabe o que está acontecendo. Nenhum dos dois consegue olhar para baixo, não na posição que estão. Harry desenha um D, depois um E, seguido de S, C, U, L, P e A nas costas de Craig. Ele responde com um ponto de interrogação. Harry responde com um X, e, em vez de sentir nojo, Craig dá uma gargalhada sufocada.

Smita repara, mas mais ninguém vê. Harry nem saberia que ela sabe, mas ela anda até mais perto e ajeita o ventilador para que fique soprando na direção da calça dele.

Uma hora. Tudo que eles querem é que falte uma hora. E, de repente, só falta uma hora.

O sol está se pondo, levando um pouco do calor do dia junto. As estações de TV da área estão transmitindo suas reportagens no noticiário nacional. Esta noite, apresentadores de talk-shows da madrugada vão conversar sobre dois garotos se beijando. Placas de estações de rádio vão se acender. A Fox News vai ignorar e depois condenar. Onde quer que esteja, o pai de Craig vai tomar cuidado para que as televisões e os rádios estejam desligados, para que os computadores estejam desconectados do mundo.

Ele não quer que seus outros filhos vejam.

Harry não quer beber mais água e nem energéticos. Como resultado, sente-se tonto. Por mais inacreditável que possa parecer, há momentos em que ele nem sabe direito onde está. Ele bate no próprio peito para ficar acordado.

Cooper se aproxima de uma ponte grande que cobre um rio largo, com uma cidade grande do outro lado. Quando éramos pequenos, essa cena era o que sempre víamos como os créditos de abertura da nossa nova vida. Mesmo aqueles de nós que nasceram na cidade imaginavam isso. Quer nós estivéssemos

dirigindo ou no banco de trás de um táxi amarelo, a cidade se abria com suas maravilhas infinitas, cada janela brilhando como um convite, os arranha-céus apontando como setas para as alturas que poderíamos alcançar. Para a maior parte de nós, não foi tão fácil, mas ainda havia a emoção daqueles créditos de abertura para nos sustentar nos momentos difíceis, para segurar nossa fé em uma cidade que não costumava demonstrar muita fé em nós. Mesmo quando estávamos morrendo, nos lembraríamos da primeira chegada, ou nos lembraríamos de como imaginamos que a chegada seria, ou juntávamos as duas coisas, a lembrança e o sonho, formando uma realidade, e isso pareceria muito tempo antes, mas algo que ainda valia a pena revisitar.

Quando Cooper se aproxima da cidade, não conseguimos escapar de sentir um pouco daquela empolgação, de reconhecermos as fugas que fizemos, as linhas de chegada que atravessamos, só para encontrar tantas outras linhas de chegada depois.

Vemos o carro de Cooper no desfile de faróis. Tantos carros. Tantos peregrinos. Mas o carro de Cooper se liberta. Os faróis mudam de direção. Vemos quando ele sai da fila do pedágio e segue para a estrada. Bem debaixo da ponte, perto do pilar que sobe do chão, ele para. Desliga a ignição. Sai do carro.

Ele está estacionado ilegalmente e não se importa. A placa ali diz PROIBIDO ESTACIONAR EM QUALQUER HORÁRIO. Ele fecha a porta do carro, mas não tranca. E, sem

olhar para trás, segue para a ponte. Nós espiamos dentro do carro e vemos a carteira dele no banco do passageiro. O carregador do celular. Alguns recibos e dinheiro trocado. Ele deixou tudo para trás, menos o celular, que levou consigo.

Nossa primeira reação é: *Não deixe sua carteira em um carro destrancado.*

Mas então, recuamos. Temos que recuar. Temos que parar de pensar na cidade, de lembrar da cidade. Temos que nos concentrar. Até esse momento, dava para acreditar que ele estava indo em outra direção. Mas agora, só há uma direção.

Nós gritamos para ele, gritamos atrás dele. Apesar de não termos mais vozes, gritamos com todo nosso fôlego. Nós nos unimos em um coro desajeitado, e com agonia ouvimos o nada que sai dos nossos lábios. Tentamos bloquear a passagem dele, mas ele passa diretamente através de nós. Tentamos bater no carro dele, chamar a atenção, mas não podemos fazer nada.

Carros passam. Para eles, não passa de outro adolescente. Que foi caminhar. Atravessar a ponte. Eles o veem jogar alguma coisa no rio. Não percebem que é o celular.

Tentamos pegá-lo. Não conseguimos pegá-lo.

Ele sente a amurada sob as mãos. Não. A amurada está sob as mãos dele, mas ele não a sente de verdade. Ele anda na direção do meio da ponte. Vai demorar uns dois minutos para chegar lá. Talvez três. Ele não está com pressa. Vê a água escura ondulando bem abaixo.

Ele não consegue ver sua mãe chorando no quarto. Independentemente do que o pai diga, ela não solta o celular.

Nós gritamos com ele. Imploramos. Suplicamos. Berramos. Explicamos. Nossas vidas foram curtas, e jamais desejaríamos que fossem mais curtas. Às vezes, a perspectiva chega tarde demais. Você não pode confiar em si mesmo. Você acha que pode, mas não pode. Não por ser egoísta. Você não pode viver por causa de outra pessoa. Por mais que queira, você não pode ficar vivo só porque outras pessoas querem você vivo. Não pode ficar vivo por seus pais. Não pode ficar vivo por seus amigos. E você não tem responsabilidade de ficar vivo por causa dessas pessoas. Não tem responsabilidade de viver com ninguém além de você mesmo.

Mas eu estou morto, ele diria para nós. Eu já estou morto.

Não, nós argumentaríamos. *Você não está*. Sabemos como é estar vivo no presente, mas morto no futuro. Mas você é o oposto. Seu eu futuro ainda está vivo. Você tem uma responsabilidade com seu eu futuro, que é uma pessoa que você talvez nem conheça, talvez ainda não compreenda. Porque, até você morrer, esse eu futuro tem tanta vida quanto você.

Conseguimos ver esse eu futuro. Mesmo que você não consiga. Conseguimos vê-lo. Ele é feito não só da sua alma presente, mas de todas as nossas almas, de todas as nossas possibilidades, de todas as nossas mortes. Ele é o oposto de nossa negação.

Você não é imprestável, gritamos para Cooper. Sua vida não é descartável.

Você acha que não faz sentido.

Você acha que nunca vai encontrar um lugar.

Você acha que sua dor é a única emoção que vai sentir.
Você acha que mais nada vai chegar perto de ser tão forte quanto essa dor.

Você tem certeza disso.

Nesse minuto, agorinha, o minuto mais importante da sua vida, você tem certeza de que tem que morrer.

Você não vê opção.

Você precisa acordar, nós gritamos.

Escute-nos. Exigimos inutilmente que você nos escute. Nós cagamos sangue e tivemos nossa pele lacerada e rasgada por lesões. Cresceu fungo em nossas gargantas, debaixo de nossas unhas. Perdemos a capacidade de ver, de falar, de nos alimentar sozinhos. Nós tossimos pedaços de nós mesmos e sentimos nosso sangue virar magma. Perdemos o uso dos músculos, e nossos corpos foram reduzidos a uma coleção de ossos envoltos por pele. Ficamos irreconhecíveis, diminuídos e destruídos. Nossos amores tiveram que nos ver morrer. Nossos amigos tiveram que ver o enfermeiro mudar nossos cateteres, tiveram que tentar afastar a imagem de quando nos colocaram no caixão, debaixo da terra. Nunca mais vamos beijar nossas mães. Nunca mais vamos ver nossos pais. Nunca mais vamos sentir ar em nossos pulmões. Nunca mais vamos ouvir o som das nossas vozes. Nunca mais vamos sentir neve, nem areia, nem participar de nenhuma conversa. Tudo foi tirado de nós, e sentimos falta. Sentimos falta de tudo. Mesmo se você não consegue sentir agora, está tudo aí, para você.

Cooper está se aproximando do centro da ponte. Carros continuam a passar por ele; quando um caminhão passa, ele sente a ponte tremer, sente o ar ser deslocado. Isso ele sente. Mesmo tendo se fechado em sua decisão, ele ainda está no mundo.

O último minuto.

Os últimos trinta segundos.

Nossos finais nunca foram tão precisos.

Temos vontade de fechar os olhos. Por que não podemos fechar os olhos? Não fizemos nada além de sonhar e amar e transar; por que fomos banidos para cá, por que o mundo ainda não solucionou isso? Por que temos que ver Cooper subir na amurada? Por que temos que ver um garoto de 12 anos colocar uma arma na cabeça e puxar o gatilho? Por que temos que ver um garoto de 14 anos se enforcar na garagem e ser encontrado pela avó duas horas depois? Por que temos que ver um garoto de 19 anos enforcado às margens de uma estrada vazia, deixado para morrer? Por que temos que ver um garoto de 13 anos encher a barriga de comprimidos e colocar um saco plástico na cabeça? Por que temos que vê-lo vomitar e se engasgar?

Por que precisamos ficar morrendo e morrendo de novo?

Cooper se joga no ar. Aqui estamos nós, milhares de nós, gritando não, gritando para que pare, berrando e fazendo uma rede com nossos corpos, tentando ficar entre ele e a água, apesar de sabermos (sempre sabemos) que, por mais que

façamos uma rede apertada, por mais que nos esforcemos, ele ainda vai passar direto.

Morremos e morremos de novo.

E de novo e de novo.

Cooper pula da amurada, mas é empurrado pela lateral. Antes que possa entender o que está acontecendo, antes que possamos saber o que está acontecendo, ele está sendo puxado para o chão, preso, imobilizado. Ele grita, mas o grito é ignorado. Um motorista, ao ver o que estava acontecendo, freia de repente, e o carro atrás quase bate nele. Cooper está lutando. Cooper está tentando se levantar, mas o homem em cima dele está dizendo para ele não se mexer, para ficar parado, para ficar ali. Cooper sente o homem segurando-o, sente que o homem não solta. Eles se olham ao mesmo tempo. Cooper vê um uniforme, um distintivo; um guarda de trânsito. O guarda vê Cooper e diz:

— Nossa, você é só um garoto.

Outras pessoas estão correndo até lá, estão perguntando qual é o problema, estão perguntado ao guarda se ele precisa de ajuda. Cooper começa a tremer, com todas as emoções explodindo ao mesmo tempo. Raiva e tristeza por ter sido impedido. Humilhação. Desprezo próprio, pois não conseguiu nem fazer isso direito. E, bem lá dentro, uma voz baixinha de alívio.

O guarda ainda está segurando a carteira que encontrou no carro. Sem soltar Cooper, ele entrega a carteira para a mulher preocupada ao lado dele e pede que ela lhe diga o nome do

garoto. Ela faz isso, e então o guarda tira um pouco do peso de cima de Cooper e o vira, para poder olhar em olhos.

— Pode não parecer — diz o guarda —, mas, Cooper, hoje é seu dia de sorte.

Isso não traz de volta o garoto de 12 anos que apontou uma arma para a cabeça. Não traz de volta o garoto de 14 que se enforcou. Não traz de volta o garoto de 19 enforcado às margens de uma estrada vazia, deixado para morrer. Não traz de volta o garoto de 13 anos com a barriga cheia de comprimidos. Não traz de volta nenhum de nós.

Mas traz Cooper de volta.

A menos de uma hora de carro, Craig e Harry chegam na hora final, com Neil e Peter assistindo do meio da multidão.

Craig se sente estranhamente desperto, imensamente vivo. Seu corpo dói, sua mente está sobrecarregada e o ar está com cheiro de suor e xixi, mas, depois de 31 horas, ele não consegue ver a si mesmo e nem Harry desabando antes de eles completarem 32 horas, 12 minutos e 10 segundos. Ele está até

se permitindo olhar para as pessoas, acenar para quem está comemorando e para as câmeras que se reuniram.

Mas Harry sente que seu corpo está quase falhando. Ele não consegue suportar a ideia de mais um minuto disso. De uma forma distorcida, nós sabemos o que ele está sentindo. Quando nossos corpos estavam falhando, nós costumávamos sentir como se o espaço entre as respirações durasse séculos. E o sono acabava em um piscar de olhos, deixando-nos mais cansados do que nunca.

Ele já tentou balançar as pernas, mover as pernas. Fazer os pequenos exercícios que planejou. Mas chegou ao limite. Ele não aguenta mais. Não consegue imaginar decepcionar todas essas pessoas, não consegue imaginar decepcionar seus pais e, mais do que tudo, Craig. Mas não consegue imaginar mais 56 minutos disso. Ele está tentando pensar em uma forma de comunicar isso a Craig. Está tentando pensar em uma forma de pedir perdão antes de parar. Ele precisa de uma pausa. Precisa de alguma coisa.

Por desespero, ele passa os braços ao redor de Craig, puxa-o para perto, aperta-o. Craig faz o mesmo. Primeiro, é só um abraço. Um aconchego. Logo, passa a ser um aperto. Cada vez mais forte. Com toda a energia que sobrou nos dois.

Só que há mais energia depois disso. Porque ele ainda está de pé. Ainda está seguindo em frente. Não está soltando. Nenhum dos dois está soltando. Eles estão tornando a experiência mais intensa. Corredores disparando no final da

maratona. Apesar da exaustão, há a necessidade de ir até o fim.

As pessoas atrás gritam mais alto. As pessoas na frente têm uma reação diferente. Tariq está à beira das lágrimas porque consegue ver como os amigos estão sofrendo, consegue ver a luta deles. O Sr. e a Sra. Ramirez precisam lutar contra o instinto de manter Harry em segurança, de protegê-lo de qualquer dor. Smita tem medo do que vai acontecer se eles não conseguirem, de como vão lidar com esse tipo de fracasso. Claro, as pessoas vão dizer que é incrível eles terem chegado tão longe. Mas ainda será um fracasso.

Harry não precisa desenhar nenhuma letra nas costas de Craig para saber que ele vai ter que aguentar firme pelo tempo que falta. As coisas estão assim agora. Então, Craig o segura com força. E, ao fazer isso, tenta absorver todas as sensações, todas as coisas que está vendo e sentindo e ouvindo. Nada assim vai acontecer de novo a ele, e ele quer lembrar-se de tudo. E nada assim vai acontecer de novo a ele e Harry, um fato que ele está tentando encaixar no contexto de seu amor por Harry. Agora que eles compartilharam isso, seria natural querer tentar de novo. E parte de Craig *quer* tentar de novo, quer ver se existe alguma forma de carregar parte dessa intensidade para a vida real. Mas ele também se lembra do que Harry disse para ele quando eles estavam terminando, que eles ainda seriam importantes um para o outro e que isso era o principal. Craig não quis ouvir naquele momento e não

gostaria que fosse repetido agora. Mas também sabe que é verdade.

Agora ele está de volta à pergunta de por que fez essa coisa louca. Por causa de todas as equipes de filmagem, ele sabe que a história vai se espalhar e torce para que talvez deixe as pessoas com um pouco menos de medo do que antes de dois garotos se beijando e que as deixe mais abertas à ideia de que todas as pessoas nascem iguais, independentemente de quem beijam ou com quem transam, independentemente dos sonhos que têm e do amor que distribuem. Tem isso. Mas esse não é um motivo pessoal. Qual é seu motivo pessoal? Se não é voltar com Harry. Se não é fazer sua família ver quem ele é e tê-los torcendo por ele.

O que Craig descobre quando tira todas essas pessoas da equação é a única variável dele mesmo. Ele percebe: está fazendo isso por si. Não por glória. Não por popularidade. Nem mesmo por admiração. Ele está fazendo porque se sente vivo. Há tantos minutos e horas e dias que passamos sem dar importância à vida, sem senti-la direito, só seguindo em frente. Mas há momentos assim, em que a sensação viva da vida é cristalina, palpável, inegável. É a boia final contra o afogamento. É a graça salvadora.

Quarenta e dois. Trinta e quatro. Vinte e seis! A multidão grita os números em intervalos de um minuto. Eles chegam a Harry como a temperatura, mas ele precisa ficar concentrado no beijo, em garantir que seus lábios fiquem unidos aos de

Craig. Ele tem certeza de que, se Craig o soltar, ele vai cair no chão.

Vinte e dois! Dezenove!

Um carro para ao lado da ponte George Washington, e os pais de Cooper saem correndo. Eles encontram o filho sentado em uma guarita de segurança, com um guarda de trânsito ao lado que o deixa ficar em silêncio. Não deveria ser o caso, mas, naquele momento, eles nunca o amaram mais.

Dezessete! Dezesseis!

Alegremente, alegremente, um garoto de cabelo azul e um garoto de cabelo rosa remam em um rio tranquilo, ao som da serenata composta pela conversa deles mesmos. Esse agora é o lugar deles. Eles voltarão muitas vezes.

Treze! Doze!

Queríamos ter podido estar presentes para ajudar vocês. Não tivemos muitos modelos, nos apegamos ao amor tolo de Oscar Wilde e à saudade bem traduzida em versos de Walt Whitman porque não havia mais ninguém para nos mostrar um caminho sem tortura. Nós seríamos o modelo para vocês. Nós daríamos a vocês a arte e a música e a confiança e o abrigo e um mundo muito melhor. Os que sobreviveram viveram para fazer isso. Mas nós não estamos presentes para dar apoio a vocês. Nós estamos aqui. Vendo vocês se tornarem os modelos.

Dez! Nove!

Neil e Peter gritam os números com todo mundo. Eles ficam de mãos dadas, sentindo-se como se estivessem

testemunhando uma coisa monumental, uma coisa que poderia mudar tudo. Não vai, mas essa sensação, esse espírito vai seguir vivendo em todo mundo presente, principalmente quem assiste. O espírito vai mudar as coisas.

Oito! Sete! Seis!

Tariq vê que há quase meio milhão de pessoas ao redor do mundo vendo isso. Mas ele para de olhar para o computador e olha diretamente para a vida.

Cinco! Quatro!

Vamos conseguir fazer isso, pensa Harry.

Três! Dois!

Estou vivo, pensa Craig.

Um.

Nós observamos vocês, mas não podemos intervir. Já fizemos nossa parte. Assim como vocês estão fazendo a sua, quer saibam ou não, quer pretendam ou não, quer queiram ou não.

Escolham suas ações com sabedoria.

Vai chegar uma época, talvez mesmo quando vocês estiverem lendo isso, em que as pessoas não vão mais estar no Facebook. Vai chegar uma época em que as estrelas do seu programa de TV adolescente favorito vão ter 60 anos. Vai chegar uma época em que vocês terão os mesmos direitos inalienáveis de seus amigos mais héteros. (Talvez antes de qualquer uma das estrelas do seu programa de TV adolescente favorito chegar aos 60 anos.) Vai chegar uma época em que o baile gay não vai precisar ser separado. Vai chegar uma época em que vocês vão olhar para alguém mais novo e sentir que ele ou ela vai saber mais do que você durante toda a sua vida. Vai chegar uma época em que vocês vão ter medo de ser esquecidos. Vai chegar uma época em que o evangelho vai ter sido reescrito.

Se vocês fizerem tudo direito, a próxima geração vai ter tantas coisas mais do que vocês.

Cooper vai viver para conhecer seu eu futuro.

Vocês todos deveriam viver para conhecer seus eus futuros.

* * *

Nós vimos nossos amigos morrerem. Mas também vemos nossos amigos viverem. Tantos deles estão vivos, e

costumamos brindar às vidas longas e plenas deles. Eles nos levam em frente.

Há o repentino. Há o definitivo.

Mas, entre eles, há a vida.

Não começamos como pó. Não terminamos como pó. Nós fazemos mais do que pó.

É tudo que pedimos a vocês. Façam mais do que pó.

NOTA DO AUTOR E AGRADECIMENTOS

No dia 18 de setembro de 2010, os universitários Matty Daley e Bobby Canciello se beijaram por 32 horas, 30 minutos e 47 segundos (mais tempo do que os personagens deste livro) para quebrar o recorde do *Guinness World Records* de beijo mais longo do mundo. Sou apenas uma das muitas pessoas inspiradas pelo que eles fizeram. Apesar de os personagens deste livro não serem em nada baseados em Matty e Bobby, a história é inspirada no que eles fizeram. Agradeço a Matty por me contar como foi e por continuar a inspirar.

No dia 22 de setembro de 2010, quatro dias depois do beijo de Matty e Bobby, outro estudante chamado Tyler Clementi se matou pulando da ponte George Washington. Ele frequentava uma faculdade a meia hora de distância da de Matty e Bobby. Apesar de essa justaposição ter influenciado o livro, quero deixar claro que, com exceção da ponte, não pretendi descrever nenhuma das circunstâncias do que aconteceu a Tyler Clementi neste livro. Essa história é só dele, e eu jamais presumiria conhecê-la.

Em determinado momento de 2008, Michael Cart me pediu para participar de uma nova antologia que estava preparando. Ele estava reunindo autores para escreverem sobre a vida LGBT atualmente, e, assim que falei sim (e isso era uma conclusão inevitável; eu escreveria sobre praticamente qualquer coisa para Michael Cart), senti o desafio da tarefa. No final, decidi escrever uma história sobre a geração de homens gays que existiu antes de mim olhando para a geração de homens gays que veio depois de mim. (Minha “geração” gay é bem curta; atingi a maioridade nos cinco ou seis anos que existiram entre o pico da epidemia de AIDS e a proliferação da internet, sendo que a primeira coisa definiu a geração antes de mim e a segunda definiu a geração depois de mim.) A voz deste livro e suas primeiras páginas começaram sendo aquela história, na antologia que acabaria sendo intitulada *How Beautiful the Ordinary*. Este livro não existiria se Michael não tivesse me pedido para escrever a história. Ele tem sido um defensor tão generoso do que escrevo, e agora tenho mais um motivo para ser grato a ele.

Enquanto eu estava na faculdade nos anos 1990, meu tio Bobby chegou muito perto de morrer de AIDS. Agora, vinte anos depois, posso andar na Broadway com meus melhores amigos, e um homem estiloso e sorridente passa em seu Segway a caminho do trabalho, e um dos meus melhores amigos olha e diz: “Olha, é tio Bobby!” Bobby já escreveu parte da história dele (quando você for pesquisar no Google, procure Robert Levithan, não Bobby), e não tenho dúvida de

que vai escrever muito mais no futuro próximo. Espero com ansiedade a hora de poder ler.

No dia 12 de novembro de 2010, meu melhor amigo, Billy Merrell, casou-se legalmente com seu já marido Nico Medina, no distrito de Columbia. Depois da cerimônia, o grupo que foi ao casamento foi ver HIDE/SEEK, a primeira exposição “gay classificada como gay” na história do Smithsonian. Um dos quadros era *We Two Boys Together Clinging*, de David Hockney. O título, como explicava a plaquinha ao lado do quadro, vinha de um poema de Walt Whitman. Pensei na mesma hora no beijo de Matty e Bobby, tanto que depois me lembrei da expressão como sendo “Nós dois garotos se beijando”, que se tornou a inspiração para o título deste livro. Uma lembrança errada de Whitman levou a Hockney, um dia de casamento e um beijo de 32 horas... As pessoas me perguntam com frequência de onde vêm minhas ideias, e essa é uma boa representação de qual poderia ser a resposta.

Em 2012, enquanto eu estava trabalhando neste livro, fiz uma coisa que nunca tinha feito antes: li-o em voz alta para uma pessoa enquanto ainda estava em desenvolvimento. Essa pessoa foi Joel Pavelski, e essas leituras aconteceram em muitos espaços públicos da cidade de Nova York, com o final tendo a vista do oceano Pacífico. Obrigado por ouvir, Joel. E agradeço também a Nick Eliopulos e David Barrett Graver, que me deram feedback importante quando ele ainda estava em forma de manuscrito; a Melina Marchetta, que foi a

companheira de jantar certa para um dia em que eu precisava muito falar sobre o final; e a Libba Bray, por ser Libba Bray.

Minha editora, Nancy Hinkel, é um motivo melhor para pular de alegria do que um garoto bonito de cueca... e, como Stephin Merritt sabe, isso significa muito. Neste livro, completo dez anos de gratidão a ela e a toda a equipe da Random House, incluindo (mas de forma alguma limitado a) Lauren Donovan, Isabel Warren-Lynch, Stephen Brown, Adrienne Waintraub, Tracy Lerner e Lisa Nadel. Também sou grato aos esforços de Bill Clegg, Alicia Gordon, Shaun Dolan e todos da WMEE. Obrigado a Evan Walsh por capturar perfeitamente o livro na foto da capa.

Este não é um livro que eu poderia ter escrito dez anos atrás. E, por mais que eu adorasse creditar isso a meu crescimento como escritor, sei que não é isso. É por causa de todas as pessoas que conheci e com quem conversei como autor. E, com o mesmo grau de importância, por causa de todas as coisas a que fui exposto como leitor, particularmente na área de livros para jovens adultos. Tenho muita sorte de fazer parte de um grupo de escritores que me inspira constantemente a escrever o que quero, por mais difícil que pareça. Meus colegas são meus modelos, e meus modelos são meus colegas. Isso é extraordinário.

Agradeço como sempre aos meus pais, à minha família, aos meus amigos e aos meus leitores.

Por fim, agradeço a todos os modelos que nunca tive chance de conhecer.

Para mais informações e uma lista de livros que me inspiraram e contribuíram para este livro, visitem davidlevithan.com/twoboyskissing.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.

Dois garotos se beijando

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/435340ED493271>

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Levithan

Site do autor

<http://davidlevithan.com/>

Skoob do autor

<http://www.skoob.com.br/autor/468-david-levithan>

Página no facebook do autor

<https://www.facebook.com/pages/David-Levithan/139042149485971>

Good reads do autor

http://www.goodreads.com/author/show/11664.David_Levithan

Twitter do autor

<https://twitter.com/loversdiction>